Uma ordem medieval.
Uma conspiração moderna.
Um enigma extraordinário.

O LEGADO DOS TEMPLÁRIOS

STEVE BERRY



STEVE BERRY
O LEGADO DOS TEMPLÁRIOS

Tradução Manuel Coelho
DOM QUIXOTE
2007

Para Elizabeth
Sempre

Jesus disse: "Conhece o que está ante os teus olhos e o que te é oculto será revelado; porque nada é oculto que não seja manifestado."

EVANGELHO DE TOMÉ

"Foi-nos muito útil, o mito de Cristo."

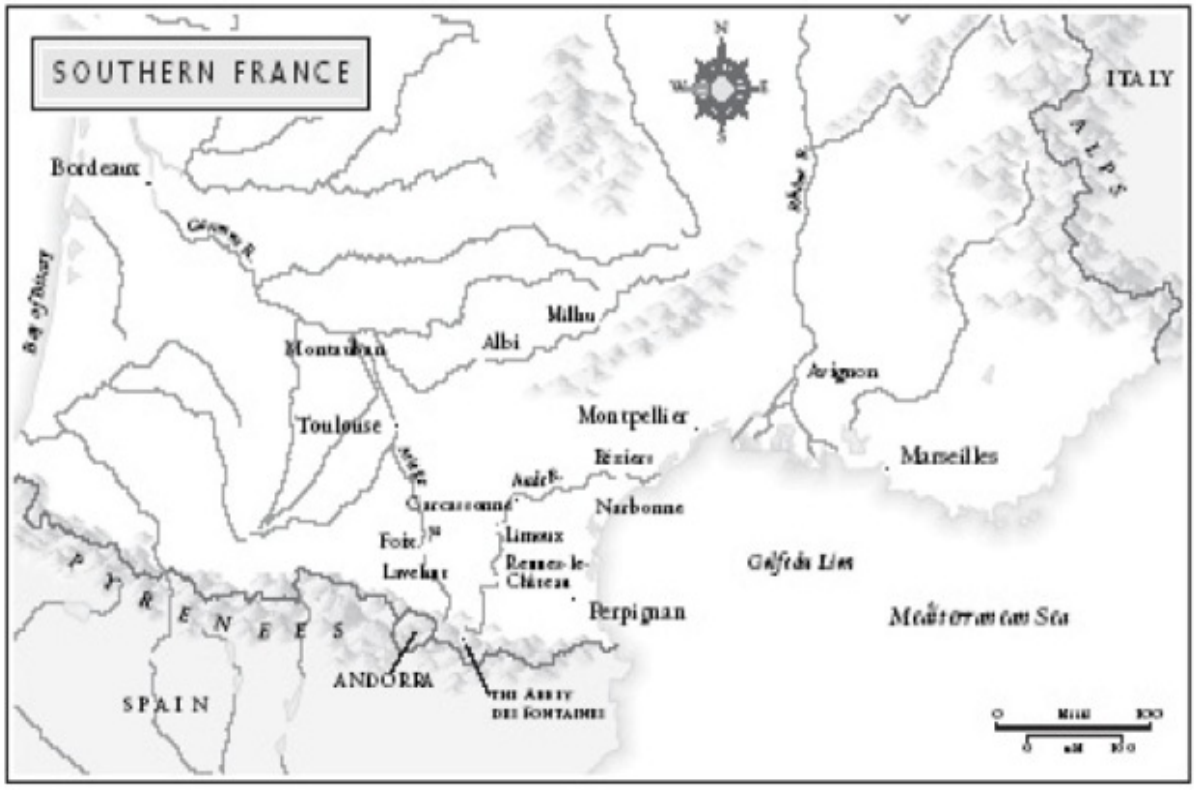
PAPA LEÃO X

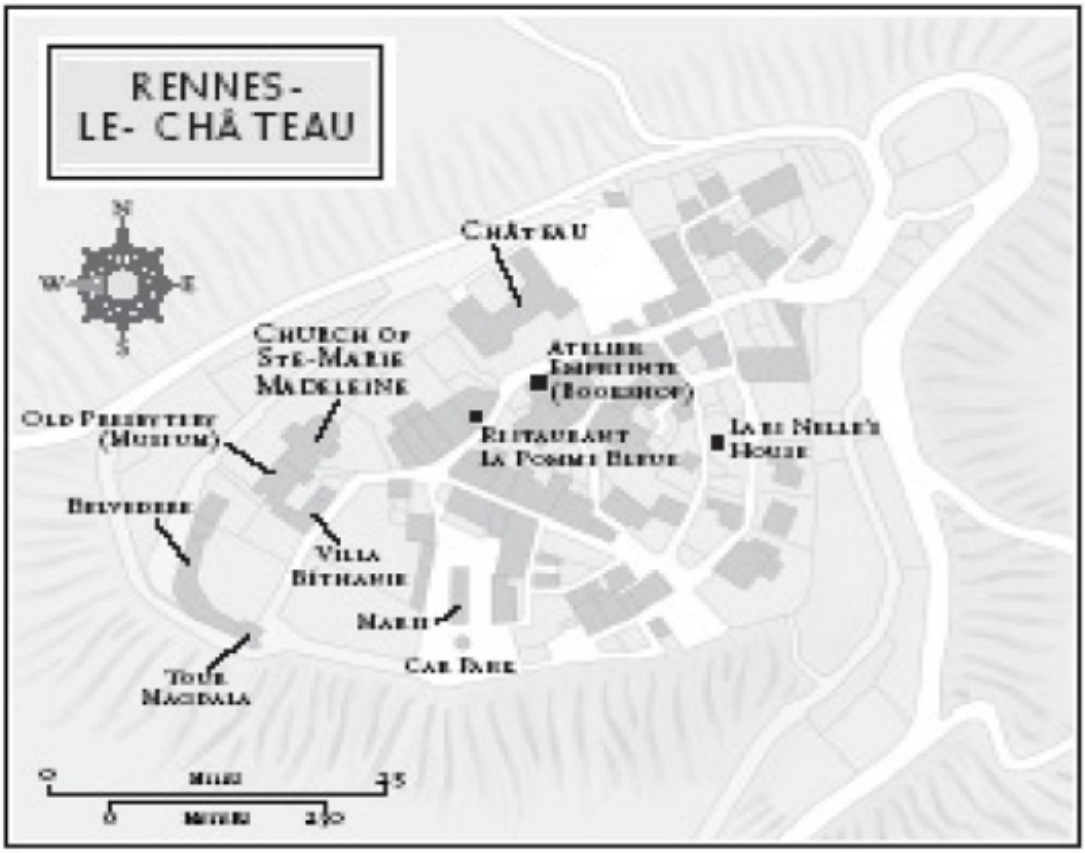
AGRADECIMENTOS

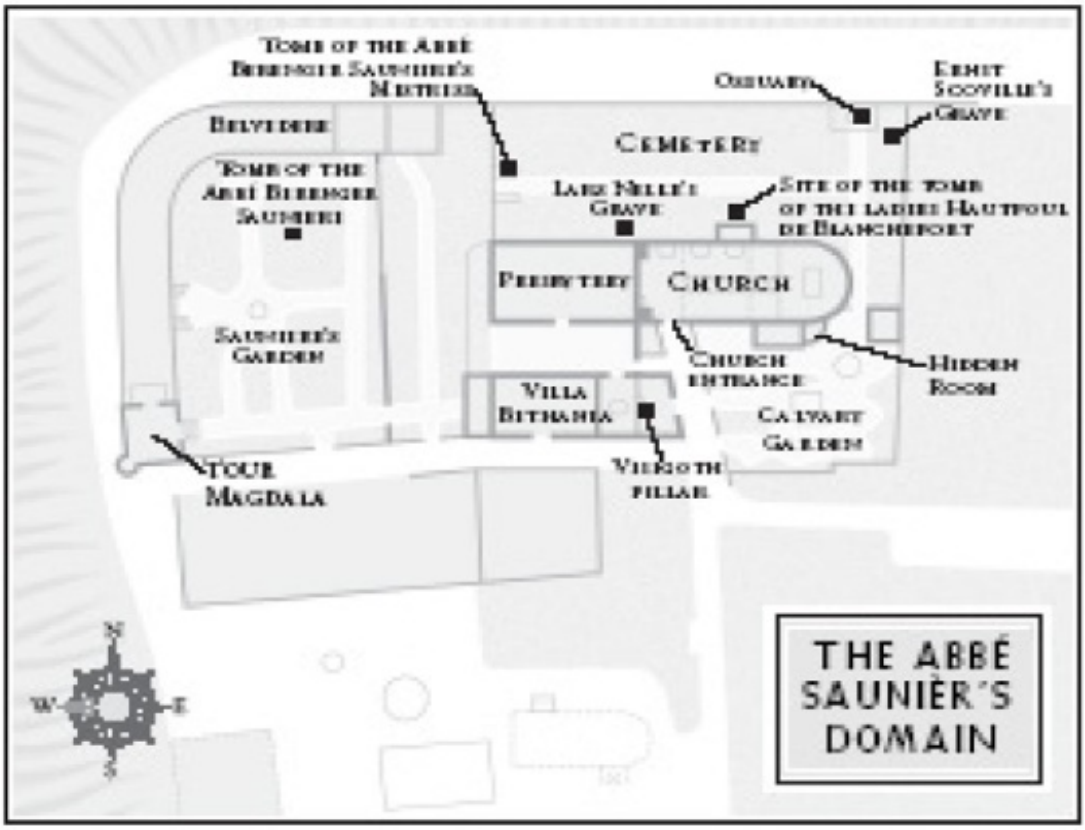
Tenho sido um autor afortunado. A mesma equipa que produziu o meu primeiro romance, The *Amber Room*, em 2003, manteve-se unida. Poucos escritores podem gabar-se dessa proeza. Assim sendo, e mais uma vez, o meu muito obrigado a cada um deles. Em primeiro lugar, a Pam Ahearn, a minha agente, que sempre acreditou nas minhas capacidades. Em segundo lugar, às simpáticas pessoas da Random House: Gina Centrello, uma editora extraordinária; Mark Tavani, pelos sábios conselhos editoriais (também um grande amigo); Cindy Murray, que não poupa esforços para que eu faça boa figura perante a comunicação social (uma tarefa bem difícil); Kim Hovey, que sabe vender com a habilidade e precisão de um cirurgião; Beck Stvan, o talentoso artista responsável por uma bela capa; Laura Jorstad, uma atenta copy-editor que me mantém na linha; Carol Lowenstein, que uma vez mais deixou as páginas a brilhar; e por fim a todas as pessoas da secção de Marketing, Publicidade e Vendas — nada teria sido possível sem os seus inestimáveis esforços.

Numa nota mais pessoal, gostaria de agradecer à minha filha Elizabeth (que tem crescido tão depressa), que soube encher de alegria os dias mais atribulados que ocorreram durante a produção deste livro. Ela é um verdadeiro tesouro.

Dedico-lhe este livro. Sempre.


SOUTHERN FRANCE
ITALY
ALPS
Bordeaux
Bay of Biscay
Garonne R.
Rhône R.
Millau
Albi
Montauban
Toulouse
Aude R.
Montpellier
Béziers
Arles
Marseilles
Carcassonne
Narbonne
Foix
Limoux
Lavelanet
Rennes-le-Château
Gulf du Lion
Perpignan
Mediterranean Sea
PYRENEES
ANDORRA
SPAIN
THE ABBEY DES FONTAINES
N
W
E
S
0
Miles
100
0
KM
150


RENNES-
LE- CHÂTEAU
N
W
E
S
Château
Church Of
Ste-Marie
Madeleine
Atelier
Imprimerie
(Bookshop)
Old Presbytery
(Museum)
Restaurant
La Pomme Bleue
La Blanchefort
House
Belvedere
Villa
Bethanie
Marie
Cap Bare
Tour
Magdala
0
Miles
3.5
0
Meters
250


Tomb of the Abbé
Berenger Saunière's
Medallion
Ossuary
Ernst
Scoville's
Grave
Belvedere
Cemetery
Tomb of the
Abbé Berenger
Saunière
Marie Nelle's
Grave
Site of the Tomb
of the ladies Hautpoul
de Blanchefort
Presbytery
Church
Saunière's
Garden
Church
Entrance
Hidden
Room
Villa
Bethania
Calvary
Garden
Visigoth
Pillar
Tour
Magdala
N
W
E
S
THE ABBÉ
SAUNIÈR'S
DOMAIN

PRÓLOGO

PARIS, FRANÇA
JANEIRO DE 1308

Jacques de Molay desejava a morte, sabendo que a salvação nunca lhe seria proposta. Era o vigésimo segundo grão-mestre dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, uma ordem religiosa com duzentos anos de existência. Todavia, nos últimos três meses, ele, assim como cinco mil dos seus irmãos, eram prisioneiros de Filipe IV, rei de França.

— Levantai-vos — ordenou Guillaume Imbert da soleira da porta. De Molay permaneceu deitado. — Sois insolente mesmo face à morte — afirmou Imbert.

— A arrogância é tudo o que me resta.

Imbert era um homem maquiavélico, com cara de cavalo e impassível como uma estátua. Era também o grande inquisidor de França e o confessor pessoal de Filipe IV, o que significava que conhecia os segredos do rei. De Molay interrogara-se muitas vezes sobre o que alegraria a alma do dominicano, para além de lhe incutir dor. Todavia, sabia perfeitamente aquilo que o irritava.

— Não farei nada daquilo que me pedir.

— Já haveis feito bem mais do que pensais.

Era verdade e De Molay voltou a lamentar a sua fraqueza. As torturas infligidas por Imbert após as prisões de 13 de Outubro haviam sido brutais e muitos irmãos tinham já confessado os crimes de que eram acusados. De Molay estremeceu ao recordar-se das suas próprias revelações. Dissera que todos aqueles que eram admitidos na Ordem rejeitavam Jesus Cristo e cuspiam na cruz em sinal de desrespeito. Chegara mesmo a vacilar e a escrever uma carta a apelar aos irmãos que confessassem, tal como ele fizera, e um grande número deles obedecera.

Porém, há alguns dias, emissários de Sua Santidade, o papa Clemente V, tinham chegado finalmente a Paris. Clemente era conhecido por ser o fantoche de Filipe e fora por esse motivo que De Molay levara florins de ouro e doze cavalos carregados com prata para França no Verão passado. Se as coisas tomassem o pior dos rumos, esse dinheiro seria usado para comprar a boa vontade do rei. Todavia, subestimara Filipe. O rei não desejava um tributo parcial. Ambicionava sim todos os bens da Ordem. Com esse intuito, tinham sido levantadas acusações de heresia e centenas de templários foram presos num

só dia. Aos emissários do papa, De Molay revelara a tortura de que fora alvo e abjurara publicamente a sua confissão, decisão que acarretaria retaliações. Por esse motivo, disse:

— Imagino que Filipe esteja neste momento preocupado que o seu papa afinal de contas tenha espinha dorsal.

— Não me parece que insultar o seu captor seja uma atitude sensata — afirmou Imbert.

— E o que seria sensato?

— Fazer o que mandamos.

— E depois que contas daria ao meu Deus?

— O vosso Deus está à espera que vós e todos os outros Cavaleiros Templários respondais. — Imbert falava na sua habitual voz metálica e desprovida de quaisquer emoções.

De Molay não tinha nenhum desejo de continuar a argumentar. Ao longo dos últimos três meses suportara interrogatórios intermináveis e privação do sono. Fora colocado a ferros, os pés besuntados com gordura e colocados perto de chamas, e o corpo esticado na roda. Também fora obrigado a assistir à tortura de outros templários, não passando a maior parte de simples agricultores, diplomatas, navegadores, artífices, guarda-livros e eclesiásticos. Já se envergonhava o suficiente das coisas que confessara e não estava disposto a dizer mais nada. Permaneceu deitado na malcheirosa cama e esperou que o carcereiro saísse.

Imbert fez sinal e dois guardas entraram na cela e colocaram De Molay de pé.

— Trazei-o — ordenou.

De Molay fora preso no Templo de Paris e ali mantido desde Outubro. A alta torre com quatro torreões de canto era um dos quartéis-generais dos templários — um centro financeiro — e não possuía qualquer câmara de tortura. Imbert vira-se forçado a improvisar e convertera a capela num lugar de inimaginável angústia, que De Molay visitara repetidas vezes ao longo dos últimos três meses.

De Molay foi arrastado para o interior da capela e trazido até ao centro do chão axadrezado. Muitos irmãos haviam sido admitidos na Ordem sob aquele tecto ornamentado de estrelas.

— Segundo sei — começou Imbert —, é aqui que tem lugar a mais secreta das vossas cerimónias.

— O francês, que envergava vestes negras, dirigiu-se a um dos lados da grande sala onde se encontrava um receptáculo esculpido que De Molay conhecia bem. — Já observei o conteúdo desta arca. Contém uma caveira

humana, dois fémures e uma mortalha branca. Curioso, não é?

Não estava disposto a revelar mais nada. Em vez disso, pensou nas palavras que cada postulante proferia quando era recebido na Ordem. *Sofrerei todas as penas que Deus achar por justas*.

— Muitos dos vossos irmãos contaram-me de que modo estes objetos eram usados. — Imbert abanou a cabeça. — A vossa Ordem transformou-se numa coisa revoltante.

Aquele comentário foi a gota de água.

— Como servos do servo de Deus, prestamos contas exclusivamente ao nosso papa. Só ele nos pode julgar.

— O vosso papa presta vassalagem ao meu suserano. Não irá salvar-vos.

Era verdade. Os emissários do papa haviam deixado claro que transmitiriam a renúncia da sua confissão, mas duvidavam que isso pudesse alterar o destino dos templários.

— Dispam-no — ordenou Imbert.

A bata que vestia desde o dia que se seguira ao seu encarceramento foi-lhe arrancada do corpo. De Molay não ficou propriamente aborrecido de a ver rasgada no chão, pois já tresandava a fezes e a urina. Porém, as regras da Ordem proibiam qualquer irmão de mostrar o corpo. Sabia muito bem que a Inquisição preferia as suas vítimas nuas — desprovidas de orgulho —, por isso instou-se a não vacilar face àquele ato insultuoso. Apesar dos seus cinquenta e seis anos, possuía ainda uma compleição forte. Tal como todos os irmãos cavaleiros, tomara bem conta de si. Manteve uma postura orgulhosa e perguntou num tom calmo:

— Por que tenho de ser humilhado?

— O que quereis dizer?

A pergunta encerrava uma entoação de incredulidade.

— Esta sala era um lugar de veneração e, apesar disso, mandais despir-me, sabendo que os irmãos reprovam tais comportamentos.

Imbert baixou-se, abriu a arca e retirou do interior um longo tecido de sarja.

— Recaem dez acusações sobre a vossa preciosa Ordem.

De Molay conhecia-as a todas e variavam entre a negação dos sacramentos, a adoração de ídolos, o lucro com atos imorais e a prática de atos homossexuais.

— Aquela que mais me preocupa — disse Imbert — é a vossa exigência de que cada irmão renuncie a Jesus Cristo Nosso Senhor e que cuspa e pise a cruz. Um dos irmãos contou-nos que alguns chegavam mesmo a urinar sobre uma imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo na cruz. Isso é verdade?

— Perguntai a esse irmão.

— Infelizmente, ele não resistiu às provações de que foi alvo. De Molay nada disse.

— O meu rei e Sua Santidade ficaram mais abalados com esta acusação do que com qualquer uma das outras. Como um homem da Igreja, por certo entendeis que a vossa renúncia de Jesus Cristo como nosso salvador os enfureceu.

— Prefiro dar contas apenas ao meu papa.

Imbert fez um sinal e os dois guardas colocaram ferros em torno dos pulsos de De Molay e depois afastaram-se, esticando-lhe os braços sem se preocuparem com os seus músculos já danificados. O inquisidor retirou de sob as suas vestes um chicote com várias tiras. As pontas tiniram e De Molay reparou que cada uma delas era guarnecida com osso.

Imbert arremessou o chicote em direção às suas costas nuas. A dor invadiu-lhe o corpo e depois abrandou, deixando um ardor que não diminuía. Antes que a pele tivesse tempo de recuperar, sentiu outra chicotada e depois mais uma. De Molay não desejava dar a Imbert nenhum motivo de satisfação, contudo a dor subjugou-o e acabou por gritar.

— Não voltareis a fazer troça da Inquisição — declarou Imbert. De Molay controlou as emoções. Sentia vergonha por ter gritado.

Olhou fixamente para os olhos melífluos do inquisidor e esperou pelo seu próximo gesto. Imbert devolveu-lhe o olhar.

— Negais Jesus Cristo, dizeis que Ele era apenas um homem e não o filho de Deus? Desonrais a cruz? Pois, muito bem. Ireis ver o que é suportar a cruz.

O chicote voltou a zurzir, dilacerando-lhe as costas, as nádegas e as pernas, e fazendo espirrar sangue de cada vez que as pontas de osso rasgavam a carne.

— Coroai o grão-mestre — gritou Imbert quando parou de o chicotear.

De Molay ergueu a cabeça e tentou focar a imagem à sua frente. Viu o que parecia ser um pedaço circular de ferro negro com pregos fixos nos lados com as pontas viradas para baixo e para dentro.

O inquisidor aproximou-se.

— Ireis saber o que Nosso Senhor suportou. O Senhor Jesus Cristo que vós e vossos irmãos negais.

A coroa foi-lhe ajustada na cabeça e depois empurrada para baixo. Os pregos enterraram-se na carne e o sangue escorreu das feridas, ensopando o cabelo oleoso.

Imbert atirou o chicote para o lado.

— Trazei-o.

De Molay foi arrastado pela capela até uma porta alta de madeira, que em tempos dera acesso aos seus aposentos privados, e obrigado a subir para um banco ali colocado. Um dos guardas segurava-o direito enquanto o outro permanecia alerta, não fosse o prisioneiro resistir. Contudo, estava demasiado fraco para os enfrentar.

Os ferros foram retirados.

Imbert entregou três pregos a outro guarda.

— O braço direito para cima — ordenou o inquisidor —, tal como havíamos discutido.

O braço foi esticado acima da cabeça. O guarda aproximou-se e De Molay viu o martelo. Compreendeu de imediato o que pretendiam fazer.

"Meu Deus".

Sentiu uma mão prender-lhe o pulso e depois a ponta de um prego pressionada contra a carne suada. Viu o martelo inclinar-se para trás e escutou o barulho do metal contra o metal.

O prego atravessou-lhe o pulso e ele gritou.

— Haveis atingido alguma veia? — perguntou Imbert ao guarda.

— Nenhuma.

— Muito bem. Não é meu desejo que ele se esvaia em sangue. Quando jovem, De Molay combatera na Terra Santa durante a última cruzada em Acre. Recordava-se ainda da sensação da lâmina de uma espada a trespassar a carne. Profunda. Duradoura. Porém, um prego no pulso era algo infinitamente mais doloroso.

O braço esquerdo foi puxado para cima e outro prego espetado no pulso. Mordeu a língua, para tentar não gritar, mas a agonia enterrou-lhe os dentes bem fundo. Não tardou que a boca se lhe enchesse de sangue, que engoliu.

Imbert empurrou o banco para longe e o corpo de De Molay ficou suspenso apenas pelos ossos dos pulsos, em especial pelo direito, uma vez que o ângulo do braço esquerdo esticava o outro até ao máximo. Algo se desconjuntou no ombro e a dor toldou-lhe o cérebro.

Um dos guardas agarrou-lhe o pé direito e observou-o com atenção. Pelos vistos, Imbert havia tomado o cuidado de escolher os pontos de inserção, zonas pouco irrigadas por veias. O pé esquerdo foi então colocado atrás do direito e ambos pregados à porta com um único prego.

A dor era atroz.

O inquisidor inspecionou o trabalho.

— Pouco sangue. Excelente. — Recuou uns quantos passos. — Tal como Jesus Cristo sofreu, também vós ireis sofrer. Mas com uma diferença.

De Molay entendia agora por que motivo haviam escolhido uma porta. Imbert abriu-a lentamente e depois fechou-a com violência.

O corpo do prisioneiro foi atirado para um lado e depois para o outro, oscilando pelas articulações deslocadas dos ombros e a girar em torno dos pregos. Era um tipo de dor que nem sequer sonhara que podia existir.

— Tal como a roda — explicou Imbert —, na qual a dor pode ser infligida por fases. Aqui existe também um elemento de controlo. Posso deixar-vos pendurado, posso balançar-vos para a frente e para trás ou posso fazer o que acabais de experimentar, que é o mais doloroso.

O mundo em seu redor aparecia e desaparecia e mal conseguia respirar. Os músculos contraíam-se com cãibras e o coração batia descontrolado. Todo o seu corpo escorria suor e queimava como se tivesse febre.

— Continuais a troçar da Inquisição? — perguntou Imbert.

O seu desejo era dizer-lhe que odiava a Igreja pelas suas ações. Um papa fraco controlado por um monarca francês corrupto conseguira derrubar a maior organização religiosa que a humanidade alguma vez conhecera. Quinze mil irmãos espalhados pela Europa. Nove mil propriedades. Um pequeno grupo de cavaleiros que em tempos dominara a Terra Santa e se expandira depois ao longo de duzentos anos. A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão era o epítome da bondade. Todavia, o sucesso gerara invejas e ele, como grão-mestre, deveria ter avaliado melhor as agitações políticas que proliferavam em seu redor. Deveria ter sido menos rígido, mais tolerante e não tão contestatário. Graças a Deus que antecipara alguns dos acontecimentos que entretanto haviam ocorrido e tomara precauções. Filipe IV nunca veria sequer um grama do ouro e da prata dos templários.

E jamais veria o maior tesouro de todos.

De Molay reuniu o que lhe restava das forças e levantou a cabeça. Imbert pensou que este iria falar e aproximou-se.

— Maldito sejais — murmurou —, vós e todos aqueles que vos auxiliam nesta causa demoníaca.

Voltou a deixar cair a cabeça contra o peito. Escutou Imbert gritar para que a porta fosse balançada, mas a dor era de tal modo intensa e debilitante para o cérebro que pouco ou nada sentia.

..*

Estavam a descê-lo da porta. Não se recordava de quanto tempo estivera

pendurado, porém o relaxar dos membros não lhe causava qualquer alívio, pois estes há muito que tinham ficado dormentes. Foi levado de volta à cela. Os guardas deitaram-no no colchão e o corpo afundou-se-lhe na palha macia, ao mesmo tempo que um odor familiar lhe chegava ao nariz. Ergueram-lhe a cabeça sobre uma almofada e estenderam-lhe os braços para cada lado.

— Contaram-me — disse Imbert calmamente — que quando um novo irmão é admitido na vossa Ordem lhe colocais um pano de linho sobre os ombros. Um gesto que simboliza a morte e depois a ressurreição para uma nova vida como templário. Também vós ireis ter agora essa honra. Coloquei aos vossos pés a mortalha que guardais no interior da arca. — Imbert debruçou-se e esticou o pano sobre os pés do grão-mestre e depois ao longo do corpo húmido. A sua visão era agora filtrada pelo pano. — Sei também que este tecido foi utilizado pela Ordem na Terra Santa, e depois trazido para aqui e colocado em torno de cada iniciado. Haveis renascido — troçou o inquisidor. — Aproveitai para pensar nos vossos pecados. Voltarei mais tarde.

De Molay estava demasiado fraco para responder. Sabia que Imbert deveria ter recebido ordens para não o matar, porém também sabia que ninguém iria cuidar dos seus ferimentos. Assim sendo, deixou-se ficar deitado e quieto. A dormência começava a desaparecer, substituída por uma agonia intensa. O coração batia-lhe forte e descontrolado, e suava profusamente. Precisava acalmar-se e pensar em coisas mais agradáveis. Um pensamento que não o abandonava era aquilo que ele sabia que os seus captores desejavam acima de tudo. Era o único homem vivo a possuir esse conhecimento. Era uma das regras da Ordem. Um grão-mestre passava o conhecimento ao mestre seguinte para que apenas esse fosse o seu detentor. Infelizmente, devido ao seu súbito encarceramento e à expulsão da Ordem, desta vez essa transmissão teria de ser feita de outra maneira. Não permitiria que Filipe ou a Igreja tivessem sucesso nos seus intentos. Saberiam apenas aquilo que ele desejasse. O que dizia o salmo? *A tua língua é como navalha afiada, ó fabricante de enganos*.

Nesse momento recordou-se ainda de outra passagem bíblica, uma que trazia algum refrigério à sua alma atormentada. Deitado naquela cama e envolto na mortalha, o corpo a expelir suor e sangue, pensou no Deuteronómio.

Deixa-me destruí-lo, quero apagar o seu nome debaixo do céu.

PRIMEIRA PARTE

UM

COPENHAGA, DINAMARCA
QUINTA-FEIRA, 22 DE JUNHO, ACTUALIDADE
14 H 50 M

Cotton Malone viu a faca ao mesmo tempo que avistou Stephanie Nelle. Encontrava-se confortavelmente sentado numa cadeira branca na esplanada do Café Nikolaj. A tarde estava soalheira e convidativa e a Højbro Plads, a mais conhecida praça dinamarquesa, fervilhava de vida. No café decorria a azáfama do costume e ele esperava por Stephanie há já meia hora.

Era uma mulher baixa e magra, na casa dos sessenta, embora nunca tivesse confirmado a sua idade e os registos do Departamento de Justiça, que Malone consultara em tempos, exibissem um espaço em branco na zona reservada à data de nascimento. O cabelo loiro exibia madeixas grisalhas e os olhos azuis possuíam a expressão de uma liberal e o brilho de uma promotora pública. Dois presidentes já tinham tentado que ela fosse procuradora-geral, mas Stephanie recusara ambas as propostas. Um procurador-geral fizera pressão para que fosse despedida — principalmente depois de ter sido recrutada pelo FBI para o investigar —, mas a Casa Branca rejeitara a ideia, uma vez que, entre outras qualidades, Stephanie Nelle era uma profissional honesta.

Em contraste, o homem da faca era baixo e corpulento e usava o cabelo curto. Algo parecia assombrar as feições de europeu de Leste, um desespero que preocupava Malone bem mais do que a faca brilhante que trazia na mão. O homem vestia umas calças de ganga e um casaco vermelho.

Malone levantou-se da cadeira, mas manteve os olhos fixos em Stephanie.

Pensou gritar em sinal de aviso, mas ela encontrava-se demasiado afastada e havia muito barulho na praça. Por momentos, o seu ângulo de visão foi obstruído por uma das esculturas modernistas que decoravam Højbro Plads — representava uma mulher escandalosamente obesa, deitada, nua, em decúbito ventral, com as indiscretas nádegas redondas como montanhas. Quando Stephanie surgiu do outro lado do bronze fundido, o homem da faca aproximara-se e Malone observou-o a cortar a alça da mala e a empurrar Stephanie para o chão.

Uma mulher gritou e a confusão instalou-se.

O homem da faca fugiu com a mala de Stephanie e empurrou as pessoas que

se atravessavam no seu caminho. O ladrão virou à esquerda, contornou outra das esculturas de bronze e, por fim, desatou a correr. Parecia dirigir-se para Köbmagergade, uma rua apenas para peões que virava para norte, afastando-se de Höjbro Plads, e continuava depois para o interior da zona comercial da cidade.

Malone empurrou a mesa, determinado a cortar o caminho ao ladrão antes que este conseguisse dobrar a esquina. Todavia, um amontoado de bicicletas bloqueou-lhe o caminho. Contornou as bicicletas e acelerou a corrida, rodeando parcialmente uma fonte antes de placar a sua presa.

Aterraram ambos na pedra dura, tendo o homem da faca absorvido grande parte do impacto. Foi nessa altura que Malone se apercebeu que o seu oponente era um homem musculado e robusto. Pouco impressionado pelo ataque, o ladrão rebolou uma vez e depois pressionou o joelho contra o estômago de Malone, que ficou sem conseguir respirar e com as costelas a doer.

O homem da faca ergueu-se e correu em direção à rua pedonal.

Malone também se levantou, mas teve de se dobrar e inspirar lentamente.

Maldição. Estava destreinado.

Recuperou o fôlego e retomou a perseguição. A sua presa levava agora cerca de quinze metros de vantagem. Malone não vira a faca durante a luta, mas enquanto subia a rua percebeu que o homem ainda levava a mala de pele. Sentia o peito a arder, mas a distância começava a diminuir.

O homem da faca derrubou um carrinho de flores, um dos muitos que ladeavam tanto Höjbro Plads como Köbmagergade. Malone detestava os vendedores de flores, que pareciam adorar amontoar-se em frente da sua livraria, principalmente aos sábados. O ladrão empurrou o carrinho em direção ao seu perseguidor. Malone não podia deixar que o pequeno carro continuasse em movimento — havia demasiadas pessoas na rua, incluindo crianças —, assim, precipitou-se para a direita, agarrou-o e inclinou-o até parar.

Olhou para trás e viu Stephanie virar a esquina para a Köbmagergade na companhia de um polícia. Estavam a meio campo de futebol de distância e ele não tinha tempo para esperar.

Continuou a correr e perguntou-se para onde se dirigia o homem. Talvez tivesse deixado um veículo, ou um condutor, à espera no local onde a rua pedonal desembocava noutra das mais movimentadas praças de Copenhaga, a Hauser Plads. Esperava que isso não acontecesse. Aquele local era um pesadelo em termos de trânsito, já para não falar do labirinto de ruas pedestres que formavam a meca dos consumidores, conhecida como Ströget. As coxas doíam-

lhe em resultado do exercício inesperado, os músculos já mal recordavam os dias em que pertencera à Marinha e ao Departamento de Justiça. Após um ano de reforma voluntária, o seu plano de treino não impressionaria o seu antigo empregador.

Mais à frente aparecia a Torre Redonda, aninhada firmemente contra a Igreja da Trindade como uma garrafa-termo presa a uma lancheira. A robusta estrutura cilíndrica elevava-se a uma altura de nove andares. Fora mandada erigir por Cristiano IV, em 1642, e o símbolo do seu reinado — um 4 dourado rodeado por um C — brilhava na fachada do sóbrio edifício de tijolo. No lugar onde a torre se erguia cruzavam-se cinco ruas e o homem da faca podia escolher qualquer uma delas para a sua fuga.

Começaram a surgir carros da Polícia.

Um deles travou com violência no lado sul da Torre Redonda. Outro apareceu mais ao fundo da Köbmagergade, bloqueando qualquer tentativa de fuga para norte. O ladrão estava agora confinado à praça onde se erguia a torre. Parou para avaliar a situação e depois correu para a direita e desapareceu no interior do edifício.

O que estaria o idiota a fazer? Não havia saída para além da porta do rés-do-chão. Mas talvez o homem da faca não soubesse disso.

Malone correu para a entrada. Conhecia o homem da bilheteira. O norueguês passava muitas horas na sua livraria, a literatura inglesa era a sua paixão.

— Arne, para onde foi aquele homem? — perguntou em dinamarquês, a arquejar.

— Passou por aqui a correr sem pagar.

— Está alguém lá em cima?

— Um casal mais velho subiu um pouco antes.

Não havia elevador ou escadas para o topo. Em vez disso, existia uma passagem em espiral instalada originalmente para que os enormes instrumentos astronómicos do século XVII pudessem ser levados para cima. A história que os guias turísticos locais gostavam de contar era que Pedro, o Grande, a subira a cavalo e que a imperatriz o seguira num coche.

Malone conseguia ouvir o eco de passos vindos do andar de cima. Abanou a cabeça ao pensar no que o esperava.

— Diz à Polícia que estamos lá em cima.

Começou a correr.

A meio da subida espiralada passou por uma porta que dava para a Sala Grande. A entrada de vidro estava trancada e as luzes apagadas. As paredes

exteriores da torre possuíam janelas duplas ornamentadas, mas tinham todas grades de ferro. Pôs-se de novo à escuta e continuou a ouvir passos de corrida vindos de cima.

Avançou, a respiração tornando-se-lhe mais apressada e pesada. Quando passou por uma representação planetária medieval afixada na parede, abrandou o passo. Sabia que a saída para a plataforma do telhado ficava apenas a alguns metros de distância, ao virar da última curva.

Deixou de escutar passos.

Continuou em frente e atravessou a arcada. Ao centro, erguia-se um observatório octogonal — não do tempo de Cristiano IV, mas de construção mais recente — com um terraço grande a toda a volta.

À esquerda, uma vedação de ferro decorativa contornava o observatório e a única entrada existente encontrava-se fechada com uma corrente. Para a direita, ao longo da orla da torre, estendia-se um corrimão trabalhado. Para lá do corrimão cresciam os telhados vermelhos e os pináculos verdes da cidade.

Contornou a plataforma e viu um homem idoso deitado no chão em decúbito ventral. Para lá do corpo, o homem da faca refugiava-se atrás de uma mulher idosa, segurava-a com um braço e mantinha a faca encostada ao pescoço dela. A mulher parecia querer gritar, mas o medo embargava-lhe a voz.

— Não se mexa — aconselhou Malone em dinamarquês. Observou o seu opositor. Tinha o mesmo olhar assombrado e gotas de suor brilhavam-lhe no rosto com a luz do Sol. Tudo indicava que Malone devia manter-se afastado e o som de passos vindos do andar de baixo anunciava que a Polícia estaria ali dentro de alguns minutos.

— E que tal acalmar-se? — perguntou Malone, tentando comunicar em inglês.

Viu que o ladrão o entendeu, mas a faca não se afastou do alvo. O olhar dele não parava quieto e ora mirava o céu, ora o espaço vazio atrás de si. Parecia nervoso e isso preocupava Malone. As pessoas desesperadas acabam sempre por cometer atos desesperados.

— Ponha a faca no chão. A Polícia está a chegar. Não tem por onde fugir.

O homem da faca voltou a olhar para o céu e depois fitou Malone. Viu indecisão no rosto dele. Que se passava ali? Um ladrão de malas que foge para o topo de uma torre de trinta metros de altura sem saída?

Os passos tornaram-se mais audíveis.

— A Polícia não tarda a chegar.

O homem da faca aproximou-se ainda mais do corrimão, mas não soltou a mulher. Malone percebeu que a rigidez do ultimato forçava uma decisão e

repetiu-a.

— Não tem por onde escapar.

O ladrão puxou a mulher mais para si e recuou, encontrando-se agora completamente encostado ao corrimão. Atrás dele e da sua refém havia agora apenas o vazio.

Os olhos perderam a expressão de pânico e uma súbita calma apoderou-se do homem. Empurrou a mulher para a frente e Malone apanhou-a antes que ela se desequilibrasse. O homem da faca fez o sinal da cruz e, com a mala de Stephanie na mão, saltou por cima do corrimão, gritou uma palavra — "beauséant" —, esfaqueou o pescoço e o seu corpo mergulhou em direção à rua.

A mulher soltou um grito ao mesmo tempo que a Polícia aparecia.

Malone largou-a e precipitou-se para o corrimão.

O homem da faca estava estendido no chão. Caíra de uma altura de trinta metros.

Malone abanou a cabeça.

Voltou-se e olhou para o céu. No mastro da bandeira no topo do observatório, a Dannebrog, a bandeira nacional da Dinamarca — uma cruz branca sobre um fundo vermelho — pendia inerte na calma da tarde.

Para onde estaria o homem a olhar? E por que razão teria saltado?

Voltou a olhar lá para baixo e avistou Stephanie a tentar abrir caminho por entre a multidão que se amontoava. A sua mala de pele estava caída a pouca distância do cadáver. Malone viu-a baixar-se e apanhá-la do chão, e depois desaparecer por entre os curiosos.

Seguiu-a com o olhar enquanto ela se apressava em direção a uma das ruas que dava acesso à movimentada Ströget sem sequer olhar para trás.

Abanou a cabeça em sinal de reprovação e murmurou:

— Mas que raio...

DOIS

Stephanie estava preocupada Após vinte e seis anos a trabalhar para o Departamento de Justiça, os últimos quinze à frente do Magellan Billet, aprendera que se algo tinha quatro patas, tronco e cheirava a amendoins, então tratava-se de um elefante e não havia necessidade de pendurar um cartaz ao pescoço do animal. Isso significava que o homem do casaco vermelho não era nenhum ladrão de malas.

Deveria ser qualquer coisa bem diferente. E isso queria dizer que havia alguém a par dos seus objetivos.

Vira o ladrão mergulhar da torre — a primeira vez que assistira à morte de alguém. Durante anos escutara os seus agentes falar sobre isso, mas havia uma grande diferença entre ler um relatório e ver uma pessoa morrer. O corpo abatera-se sobre a calçada com um som seco. Teria saltado? Teria sido empurrado por Malone? Houvera luta? Teria ele dito alguma coisa antes da queda?

Viera à Dinamarca com um único objetivo e, uma vez aí, decidira visitar Malone. Há anos ele fora um dos doze escolhidos para o Magellan Billet. Conhecera o pai de Malone e seguira a carreira brilhante do filho, tendo ficado muito satisfeita por tê-lo a trabalhar para ela quando este decidiu aceitar a sua oferta e trocou o JAG (Esquadrão de Jatos da Marinha) pelo Departamento de Justiça. Com o tempo, acabara por se tornar um dos seus melhores agentes mas, no ano anterior, decidira deixar o departamento, decisão que ela ainda lamentava.

Desde então não o voltara a ver, embora tivessem falado ao telefone umas quantas vezes. Quando ele saiu em perseguição do ladrão, reparou que continuava um homem musculado e de cabelo basto e ondulado com o mesmo tom de um ligeiro castanho-avermelhado que recordava, semelhante à pedra antiga dos edifícios que a rodeavam. Durante os doze anos que trabalhara para ela, sempre fora decidido e independente, características que faziam dele um bom operacional — no qual podia confiar —, e também não deixava de ser compassivo. Acabara por se transformar em algo mais do que um mero funcionário. Era também um amigo.

No entanto, isso não significava que o quisesse a meter o nariz nos seus assuntos.

Perseguir o homem da faca era típico de Malone, mas era também um problema. Visitá-lo agora iria implicar um sem-número de perguntas às quais não tinha intenção de responder.

O encontro teria de ficar para uma outra ocasião.

..*

Malone abandonou a Torre Redonda e seguiu Stephanie. Quando desceu do telhado, os paramédicos estavam a tratar do casal de idosos. O homem estava meio atordoado devido à pancada na cabeça, mas iria ficar bem. A esposa continuava histérica. Ouvira um dos enfermeiros alertar para que fosse transportada para uma ambulância.

O corpo do homem da faca continuava no chão sob um lençol amarelo e a Polícia apressava-se a afastar as pessoas do caminho. Avançando por entre a multidão, Malone viu o fotógrafo da Polícia levantar o lençol e começar a trabalhar. O ladrão cortara mesmo a garganta. A faca ensanguentada estava caída a poucos metros de um dos braços, contorcido num ângulo estranho. O sangue escorrera da ferida do pescoço e acumulara-se num poça escura.

O crânio estava rachado, o tronco esmagado e as pernas torcidas como se não tivessem ossos. A Polícia dissera a Malone para não abandonar o local — iriam precisar que prestasse declarações —, mas naquele momento era mais importante encontrar Stephanie.

Afastou-se dos curiosos, e olhou o céu da tarde onde o Sol brilhava com fulgor. Não se avistava uma única nuvem. Iria, sem dúvida, estar uma excelente noite para observar as estrelas, mas ninguém poderia visitar o observatório no cimo da Torre Redonda. Não. Estaria fechado, pois um homem acabara de pôr fim à própria vida.

E quem seria esse homem?

Os pensamentos de Malone oscilavam entre a curiosidade e a apreensão. Sabia que o melhor seria regressar à sua livraria e esquecer Stephanie Nelle, e o que quer que ela andasse a tramar. Os assuntos dela já não lhe diziam respeito. Contudo, também estava consciente que isso não iria acontecer.

Algo se passava e não era coisa boa.

Avistou Stephanie cinquenta metros mais à frente, na Verstergade, outra das compridas ruas que cruzavam o movimentado bairro comercial de Copenhaga. Caminhava numa passada decidida e apressada, e virou subitamente à direita e desapareceu no interior de um dos edifícios.

Malone estugou o passo e viu a placa na porta — HANSEN'S ANTIKVARIAT —, uma livraria cujo proprietário fora uma das poucas pessoas

que não o recebera de forma acolhedora. Peter Hansen não gostava de estrangeiros, em especial de americanos, e chegara mesmo a tentar impedir a admissão de Malone na Associação de Alfarrabistas da Dinamarca. Felizmente para si, a aversão de Hansen não se tornara contagiosa.

Os velhos instintos começavam a dominá-lo, sentimentos que tinham permanecido adormecidos desde que se retirara no ano anterior. Sensações que não lhe agradavam, mas que sempre o haviam motivado.

Estacou a pouca distância da porta e viu Stephanie no interior da livraria, a conversar com Peter Hansen. Os dois recolheram-se mais para o interior da loja, que ocupava o rés-do-chão do edifício de três andares. Malone conhecia bem a disposição do interior, tendo no ano anterior estudado as livrarias de Copenhaga. Eram quase todas um exemplo da disciplina nórdica, com as estantes organizadas por assuntos e os livros cuidadosamente arrumados. Hansen, contudo, era mais informal, sendo a sua livraria uma mistura eclética de velho e novo — em especial novo, pois não estava para pagar muito dinheiro por aquisições particulares.

Malone esgueirou-se para o interior e esperou que nenhum dos empregados desse pela sua presença e o chamasse. Jantara algumas vezes com a gerente da loja e fora num desses jantares que ficara a saber que não era a pessoa de quem Hansen mais gostava. Por sorte, ela não estava por perto e havia pouca gente em volta das estantes, não mais do que uma dezena de pessoas. Avançou com destreza até às traseiras onde sabia existirem uma miríade de compartimentos repletos de estantes. Apesar disso, não se sentia bem por estar a fazer aquilo. Afinal de contas, Stephanie ligara-lhe apenas para dizer que estava na cidade por umas horas e que gostaria de o ver. Mas isso fora antes do incidente com o homem da faca. Agora estava demasiado curioso e desejava saber o que levara aquele homem ao suicídio.

Não deveria sequer estar surpreendido com o comportamento de Stephanie. Sempre guardara as coisas muito para si própria, demasiado até, e isso havia por vezes gerado alguns confrontos. Uma coisa era estar em segurança a trabalhar num gabinete em Atlanta, outra bem diferente era andar no terreno. Era impossível tomar decisões sensatas sem boas informações.

Viu Stephanie e Hansen numa pequena sala sem janelas que este usava como escritório. Já ali estivera da primeira vez que tentara travar amizade com o idiota. Hansen era um homem robusto com o nariz comprido e bigode grisalho. Malone posicionou-se atrás de uma fila de prateleiras repletas de livros e pegou num, fingindo ler.

— E o que a fez deslocar-se de tão longe por isto? — perguntava Hansen na sua voz arquejante.

— Está a par do leilão de Roskilde?

Era típico de Stephanie, responder a uma pergunta com outra.

— Vou lá muitas vezes. Há muitos livros à venda.

Malone também conhecia o leilão. Roskilde ficava a trinta minutos a oeste de Copenhaga. Os negociantes de livros antigos da cidade reuniam-se de três em três meses para uma venda que atraía compradores de toda a Europa. Dois meses depois de abrir a sua loja, Malone havia ganho perto de duzentos mil euros no leilão com a venda de quatro livros que encontrara numa obscura venda imobiliária na República Checa. Aqueles fundos tinham-lhe permitido passar de trabalhador assalariado a empresário com uma vida mais calma. No entanto, também haviam gerado cobiça e Peter Hansen não escondera a sua inveja.

— Preciso do livro de que falámos. Esta noite. Disse-me que não teria problemas em comprá-lo — disse Stephanie num tom de quem estava habituada a dar ordens.

Hansen soltou uma risada.

— Vocês americanos são todos iguais. Pensam que o mundo gira em vosso redor.

— O meu marido disse que o senhor era capaz de encontrar uma agulha num palheiro. O livro que desejo já foi encontrado, só preciso que o compre.

— Pertencerá a quem fizer a melhor oferta.

Malone estremeceu. Stephanie não fazia ideia do território perigoso em que estava a entrar. A primeira regra do negócio era não mostrar o quanto se desejava o objeto.

— É um livro pouco conhecido e que não interessa a ninguém — explicou ela.

— Mas pelos vistos interessa-lhe a si, o que significa que existirão outros.

— Basta-nos fazer a melhor oferta.

— E por que razão é este livro tão importante? Nunca antes ouvi falar dele e o autor é desconhecido.

— Exigiu explicações ao meu marido?

— O que quer dizer com isso?

— Que não é da sua conta. Adquira o livro e receberá a sua percentagem, como combinado.

— E por que não o compra a senhora?

, — Não pretendo explicar-lhe os meus motivos.

— O seu marido era bem mais simpático.

— Pois, mas está morto.

Embora a declaração tivesse sido proferida sem qualquer emoção, fez-se um momento de silêncio.

— Viajamos juntos para Roskilde? — perguntou Hansen, tendo aparentemente entendido que não iria conseguir arrancar qualquer informação dela.

— Eu encontro-me consigo lá.

— Mal posso esperar.

Stephanie saiu do escritório e Malone recuou no seu esconderijo, e virou o rosto quando ela passou. Ouviu a porta do escritório de Hansen bater e aproveitou a oportunidade para voltar à entrada da loja.

Stephanie abandonou a livraria e virou à esquerda. Ele esperou um pouco e depois seguiu-a por entre os transeuntes em direção à Torre Redonda.

Não olhou para trás uma única vez. Parecia nem sequer conceber que alguém pudesse estar interessado nas suas andanças. Contudo, devia estar preocupada com essa possibilidade, principalmente depois do que acontecera com o homem da faca. Interrogou-se porque não estaria ela atenta e alerta. Era certo que não era uma operacional, mas também não era parva.

Ao chegar à Torre Redonda, em vez de virar à direita e dirigir-se à Höjbro Plads, onde se situava a livraria de Malone, continuou em frente, e depois de andar mais três quarteirões, entrou no Hotel d'Angleterre.

Ficou a vê-la entrar.

Sentia-se magoado por saber que ela desejava comprar um livro na Dinamarca e não lhe pedira ajuda. Era óbvio que não o queria envolver no assunto. Na verdade, depois do que sucedera na Torre Redonda, ela parecia nem sequer querer falar com ele.

Olhou para o relógio. Passava um pouco das dezasseis e trinta. O leilão tinha início às dezoito horas e Roskilde ficava a meia hora de automóvel. Não planeara estar presente, pois o catálogo que lhe tinham enviado não continha nada de interessante. Mas isso já não era importante. Stephanie estava a agir de modo estranho, até para ela, e uma voz familiar na sua cabeça, voz essa que o mantivera vivo durante doze anos como agente do governo, dizia-lhe que ela ainda ia precisar dele.

TRÊS

ABBAYE DES FONTAINES
PIRENÉUS FRANCESES
17 H 00 M

O senescal ajoelhou-se ao lado da cama para confortar o seu mestre moribundo. Rezara durante semanas para que aquele momento não chegasse mas em breve, depois de ter dirigido sabiamente a Ordem durante vinte e oito anos, o velho homem deitado na cama ganharia um merecido lugar no céu junto dos seus antecessores. Infelizmente, para o senescal os tumultos do mundo físico continuariam e ele temia esse panorama.

A divisão era espaçosa e as antigas paredes de pedra e madeira não exibiam quaisquer sinais da passagem do tempo, apenas as vigas de pinho do tecto haviam escurecido. Uma janela solitária, como um olho melancólico, deixava ver o exterior e emoldurava a beleza de uma queda-d'água que contrastava com a robustez cinzenta da montanha. A luz baça do crepúsculo começava a fazer crescer os cantos do quarto.

O senescal pegou na mão do mestre e reparou que esta estava fria e mole.

— Está a ouvir-me, mestre? — perguntou em francês.

As pálpebras cansadas abriram-se.

— Ainda não morri, mas já não falta muito.

Já ouvira outros que no leito de morte haviam proferido afirmações semelhantes e sempre se interrogara se o corpo simplesmente se exauria, deixando de ter forças para obrigar os pulmões a respirar ou o coração a bater, a morte invadindo aos poucos os territórios da vida. Apertou-lhe a mão com mais força.

— Irei sentir a sua falta.

Os lábios finos esboçaram um sorriso.

— Foste um bom aprendiz, tal como eu previra. Foi por isso que te escolhi.

— Os dias vindouros trarão muitos conflitos.

— Estás preparado. Tratei de tudo para que assim fosse.

Ele era o senescal, o sucessor do grão-mestre. A sua ascensão fora rápida, demasiado rápida para alguns, e apenas a firme liderança do mestre abafara o descontentamento. Mas a morte em breve viria reclamar o seu protetor e ele temia que a revolta se instalasse logo de seguida.

— Não há garantias que eu vos suceda.

— Subestimas as tuas qualidades.

— Respeito o poder dos seus adversários.

O silêncio encheu o quarto, permitindo que as cotovias e os melros se escutassem do outro lado da janela. Olhou para o seu mestre. Vestia uma bata azul-celeste salpicada de estrelas douradas. Apesar das linhas faciais parecerem mais acentuadas com a proximidade da morte, exibia ainda algum fulgor. Do queixo pendia-lhe uma barba longa, emaranhada e grisalha, as mãos e os pés estavam retorcidos pela artrite, mas o brilho dos olhos não se tinha apagado. Sabia que os vinte e oito anos de liderança tinham ensinado muita coisa ao agora cansado cavaleiro-guerreiro. A lição mais importante de todas fora porventura a de mostrar uma máscara de civilidade, mesmo perante a morte.

O médico confirmara o cancro há alguns meses. Tal como a Regra exigia, permitiu-se que a doença avançasse ao seu ritmo, aceitando-se desse modo as consequências naturais da ação de Deus. Ao longo dos séculos, milhares de irmãos tinham enfrentado o mesmo fim e era impensável que o grão-mestre não seguisse a tradição.

— Quem me dera sentir o cheiro da água — murmurou o mestre. O senescal olhou em direção à janela. As vidraças do século XVI encontravam-se abertas e permitiam que o aroma doce das pedras molhadas e da vegetação verde enchesse o quarto. Ao longe, a água bramia.

— O seu quarto tem uma vista magnífica.

— Foi uma das razões que me levou a querer ser grão-mestre.

O senescal sorriu, sabendo que o mestre estava apenas a brincar. Lera as Crónicas e sabia que o seu mentor ascendera àquele lugar por ser capaz de se adaptar a cada viragem do destino com a mestria de um génio. A sua liderança caracterizara-se pela paz, mas tudo isso iria mudar em breve.

— Devo rezar pela sua alma — disse o senescal.

— Há tempo para isso mais tarde. É preciso que te prepares.

— Para quê?

— Para o conclave. Reúne os votos. Prepara-te. Não dês tempo aos teus inimigos para se organizarem. Lembra-te de tudo o que te ensinei. — A voz rouca cedeu à doença, mas existia ainda firmeza no seu tom.

— Não sei ao certo se quero ser grão-mestre.

— Queres.

O amigo conhecia-o bem. A modéstia exigia que recusasse o manto, mas ele desejava aquela posição mais do que qualquer outra coisa na vida.

Sentiu a mão do mestre a tremer. E foram precisos alguns minutos para que ele recuperasse.

— Já preparei a mensagem. Está ali, sobre a mesa.

Também estava a par que seria responsabilidade do próximo mestre estudar aquele testamento.

— O dever tem de ser cumprido — afirmou o mestre. — Tal como tem acontecido desde o Início.

O senescal não queria ouvir falar do dever. Estava mais preocupado com os sentimentos. Olhou em redor do quarto, mobilado apenas com uma cama, um genuflexório virado para um crucifixo de madeira, três cadeiras com uma almofada bordada, uma escrivaninha e duas estátuas antigas de mármore colocadas em nichos na parede. Tempos houvera em que aquele quarto estivera repleto de peles espanholas, porcelanas de Delft, mobiliário inglês. Contudo, a audácia há muito que fora expurgada do carácter da Ordem.

Assim como do seu.

O mestre estava com dificuldade em respirar.

Observou o homem ali deitado num torpor febril e doente. O grão-mestre recuperou o fôlego, pestanejou umas quantas vezes e depois disse:

— Ainda não, meu amigo. Em breve.

QUATRO

ROSKILDE
18 H 15 M

Malone esperou até um pouco depois da hora marcada para o início do leilão e só nessa altura entrou. Estava familiarizado com os procedimentos e sabia que as licitações não começariam antes das dezoito e vinte, pois havia ainda assuntos relativos aos registos de compradores e acordos de vendedores que precisavam de ser verificados antes de o dinheiro começar a mudar de mãos.

Roskilde era uma cidade antiga aninhada ao lado de um estreito fiorde de água salgada. Fundada pelos Viquingues, fora a capital da Dinamarca até ao século XV e continuava envolta num ambiente régio. O leilão ia ter lugar na baixa, perto da Domkirke — a catedral —, num edifício à saída da Skomagergade, uma rua outrora dominada por sapateiros. Na Dinamarca, a venda de livros era uma forma de arte e havia um profundo interesse nacional pela palavra escrita, que Malone como bibliófilo muito apreciava. Os livros haviam começado por ser apenas um passatempo, uma distração das pressões da sua profissão arriscada, mas agora eram a sua vida.

Ao ver Peter Hansen e Stephanie na fila da frente, deixou-se ficar para o fundo, atrás de um dos pilares que suportava o tecto abobadado. Não fazia tenções de licitar, por isso pouco importava se o leiloeiro o via ou não.

Os livros iam e vinham a troco de grandes quantias de dinheiro. Reparou que Peter Hansen esticou o pescoço quando o livro seguinte foi apresentado.

— Pierres Gravées du Languedoc, de Eugène Stüblein. Copyright de 1887 — anunciou o leiloeiro. — Uma história local, bastante comum naquela época. Foram impressas apenas algumas cópias. Esta faz parte de um lote que adquirimos recentemente. É um livro muito bonito, capa em pele, sem defeitos e com gravuras extraordinárias, uma delas reproduzida no catálogo. Não é nosso hábito fazê-lo, mas este volume é encantador e, por isso, pensámos que seria interessante mostrá-la. Podem começar a licitar, se fazem favor.

Seguiram-se três ofertas, sendo a última de quatrocentas coroas. Malone fez as contas. Dava sessenta e quatro dólares. Hansen acenou para oitocentas. Nenhum dos outros licitadores avançou mais propostas até que um dos funcionários destacados para atender as chamadas telefónicas daqueles que não podiam estar presentes anunciou uma oferta de mil coroas.

Hansen parecia preocupado com o desafio inesperado, em especial vindo de um licitador anónimo, e subiu a sua oferta para mil e cinquenta coroas. O licitador anónimo respondeu com duas mil e um terceiro interessado juntou-se à contenda. Os gritos continuaram e as ofertas subiram até às nove mil coroas. Os outros pareceram adivinhar que o livro deveria ser valioso e seguiu-se mais um minuto de intensa licitação que terminou com Hansen a oferecer vinte e quatro mil coroas.

Equivalia a quase quatro mil dólares.

Malone sabia que Stephanie, sendo funcionária pública, deveria auferir qualquer coisa entre setenta e oitenta mil dólares por ano. O marido falecera há anos e deixara-lhe alguns bens, contudo não era rica nem sequer colecionadora de livros, e Malone questionava-se por que estaria ela disposta a pagar tanto dinheiro por um diário de viagens que ninguém conhecia. Também lhe apareciam bastantes lá na livraria, a grande maioria do século XIX e princípios do século XX, uma época em que as narrativas pessoais de lugares longínquos estavam na moda. Muitas haviam sido escritas numa linguagem demasiado floreada e extravagante e não tinham qualquer interesse.

Parecia claramente tratar-se de uma exceção.

— Cinquenta mil coroas — gritou o representante do licitador anónimo.

Era mais do dobro da última oferta de Hansen.

As cabeças dos presentes viraram-se e Malone escondeu-se atrás do pilar quando Stephanie se voltou para ver o homem do telefone. Inclinou um pouco a cabeça para o lado e reparou que Stephanie e Hansen pareciam conferenciar. Depois concentraram a sua atenção no leiloeiro. Fez-se um momento de silêncio enquanto Hansen parecia considerar o seu próximo passo, embora estivesse claramente a seguir as indicações de Stephanie.

Ela abanou a cabeça.

— O livro é vendido ao licitador do telefone por cinquenta mil coroas.

O leiloeiro retirou o livro do expositor e anunciou um intervalo de quinze minutos. Malone sabia que os organizadores iam observar o livro e tentar perceber o que o fazia valer oito mil dólares. Os negociantes de Roskilde eram homens astutos e pouco habituados a que os tesouros lhes escapassem dos dedos. Porém, daquela vez tinha acontecido.

Deixou-se ficar atrás do pilar enquanto Hansen e Stephanie permaneciam perto dos seus lugares. Havia algumas pessoas conhecidas na sala e Malone esperava que nenhuma delas o chamasse. A maioria dirigia-se para o outro canto onde estavam a servir bebidas. Reparou que dois homens se aproximaram de

Stephanie e se apresentaram. Eram ambos corpulentos, de cabelo curto e vestidos com roupas semelhantes. Quando um deles se curvou para lhe apertar a mão, Malone reparou na característica protuberância de uma pistola nas costas dele.

Após uma troca de palavras, os homens retiraram-se. A conversa parecia ter sido amigável e, enquanto Hansen aproveitava a cerveja gratuita, Stephanie aproximou-se de um dos auxiliares, disse-lhe qualquer coisa e depois saiu por uma porta lateral.

Malone dirigiu-se de imediato ao mesmo auxiliar, Gregos, um dinamarquês esguio que conhecia bem.

— Cotton, que bom vê-lo.

— Sempre à procura de uma pechincha.

Gregos sorriu.

— Difícil encontrá-las aqui.

— Aquela última peça foi uma surpresa.

— Pensei que chegasse até perto das quinhentas coroas, mas cinquenta mil? Espantoso.

— Faz alguma ideia do motivo?

Gregos abanou a cabeça.

— Nenhuma.

Malone apontou para a porta lateral.

— A mulher com quem estava a falar, e que saiu, sabe para onde ia?

O auxiliar fitou-o com um sorriso.

— Está interessado nela?

— Não da forma que pensa, mas sim, estou.

Malone tornara-se um dos clientes preferidos da casa de leilões desde que, há alguns meses, ajudara a encontrar um vendedor desonesto que oferecera três volumes de Jane Eyre, cerca 1847, que posteriormente se descobriu serem roubados. Quando a Polícia os apreendeu ao novo comprador, a casa leiloeira foi obrigada a devolver cada coroa, mas o vendedor já descontara o cheque que a leiloeira lhe dera. Malone encontrou o homem em Inglaterra e recuperou o dinheiro, fazendo com esse gesto alguns amigos, que para sempre lhe ficariam gratos.

— Perguntou-me onde ficava a Domkirke, em especial a capela de Cristiano IV.

— Explicou porquê?

Gregos sacudiu a cabeça.

— Disse apenas que ia até lá.

Esticou o braço e apertou a mão do auxiliar. Dobrada na palma da mão ia uma nota de mil coroas. Viu que Gregos apreciou a oferta e a guardou discretamente no bolso, pois as gratificações não eram bem vistas pela casa leiloeira.

— Só mais uma coisa — disse Malone. — Quem era o licitador endinheirado ao telefone?

— Como muito bem sabe, Cotton, essa informação é confidencial.

— Como muito bem sabe, detesto regras. É alguém que eu conheça?

— É o proprietário do edifício que aluga em Copenhaga.

Por pouco não sorria. Henrik Thorvaldsen. Devia ter adivinhado.

O leilão ia recomeçar. À medida que os presentes retomavam os seus lugares, Malone dirigiu-se para a entrada e viu Peter Hansen sentar-se. Lá fora, a noite dinamarquesa começava a arrefecer e, apesar de serem quase oito horas, o céu guardava ainda alguma luz e cor do lento entardecer. A alguns quarteirões de distância erguia-se a catedral de tijolos vermelhos, a Domkirke, onde a família real dinamarquesa era sepultada desde o século XIII.

O que estaria Stephanie a fazer ali?

Ia começar a dirigir-se para lá quando dois homens se aproximaram. Um deles encostou-lhe uma coisa dura às costas.

— Não resista, Sr. Malone, ou disparo — murmurou-lhe uma voz ao ouvido.

Ele olhou para a esquerda e para a direita.

Os dois homens que vira a conversar com Stephanie flanqueavam-no agora e nas suas caras espelhava-se o mesmo olhar ansioso que observara há algumas horas no rosto do homem da faca.

CINCO

Stephanie entrou na Domkirke. O homem da leiloeira dissera que a catedral era fácil de encontrar e não mentira. O monstruoso edifício, demasiado grande para a cidade em seu redor, dominava o céu do fim do dia.

No interior da grandiosa igreja descobriu uma miríade de extensões, capelas e pórticos cobertos por um tecto alto e abobadado e janelas de vitrais que banhavam as antigas paredes com uma luz celestial. Apercebeu-se de que a catedral já não era católica — devia ser luterana, pela decoração — e a sua arquitetura revelava uma influência claramente francesa.

Estava zangada por não ter conseguido arrematar o livro. Pensou que não custaria mais de trezentas coroas, cerca de cinquenta dólares. Mas, para seu azar, um comprador anónimo pagara oito mil dólares por um inofensivo relato escrito há mais de cem anos.

Mais uma vez, alguém estava a par dos seus intentos.

Talvez fosse a pessoa que a esperava. Os dois homens que a tinham abordado disseram-lhe que ficaria tudo esclarecido se ela fosse até à catedral e encontrasse a capela de Cristiano IV. Achara tudo aquilo um pouco despropositado, mas não tinha outra escolha. A verdade é que havia muita coisa para fazer e o tempo escasseava.

Seguiu as indicações que lhe tinham sido dadas e contornou o pórtico. Decorria um serviço religioso na nave à sua direita, frente ao altar-mor, ao qual assistiam cerca de cinquenta pessoas. A música do órgão ecoava no interior da igreja com uma vibração metálica. Stephanie encontrou a capela de Cristiano IV e entrou, abrindo um gradeado de ferro forjado.

À sua espera estava um homem de cabelo fino e grisalho, rosto enrugado e barbeado, que vestia calças de algodão de cor clara, uma camisa de colarinho desapertado e um blusão de cabedal. À medida que se aproximava, notou que os olhos escuros possuíam um brilho que de imediato considerou frio e suspeito. Talvez ele tenha adivinhado a sua apreensão, pois fitou-a com uma expressão mais afável e sorriu-lhe.

— Sra. Nelle, que prazer conhecê-la.

— Como sabe quem eu sou?

— Conhecia muito bem o trabalho do seu marido. Era um grande estudioso de assuntos que me interessam.

— Que assuntos? O meu marido era versado em muitas áreas.

— Rennes-le-Château é o meu principal interesse, assim como o trabalho que desenvolveu sobre o alegado segredo dessa aldeia e da terra que a rodeava.

— Foi o senhor quem arrematou o livro?

O homem levantou os braços como se estivesse a render-se.

— Não, não fui eu. Mas foi por essa razão que pedi para falar consigo. Tinha um representante a licitar por mim, porém, tal como lhe deve ter acontecido, fiquei chocado com a oferta final.

Precisando de pensar um pouco, Stephanie deambulou pelo sepulcro real. Quadros gigantescos, emoldurados por elaborados trompe l'oeil, cobriam as magníficas paredes de mármore. Cinco caixões decorados, sob um enorme tecto em arco, ocupavam o centro.

O homem apontou para os caixões.

— Cristiano IV é considerado um dos mais importantes monarcas da Dinamarca. Tal como Henrique VIII na Inglaterra, Francisco II em França e Pedro, o Grande, na Rússia, também ele mudou este país. As suas marcas estão por todo o lado.

Ela não estava interessada em lições de história.

— O que deseja de mim?

— Deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

O homem caminhou até ao gradeamento na entrada da capela e ela seguiu-o.

— Conta a lenda que foi o próprio diabo quem desenhou este entrançado. O trabalho é de uma perfeição extraordinária. Inclui os monogramas do rei e da rainha e uma variedade imensa de criaturas fabulosas. No entanto, repare no fundo.

Stephanie fez o que ele lhe pediu e viu uma frase gravada no metal trabalhado.

— Diz, *Gaspar Fincke bin ich genannt, dieser Arbeit binn ich bekannt*. O meu nome é Gaspar Fincke e devo a minha fama a este trabalho — traduziu o homem.

Ela fitou-o.

— E então?

— No topo da Torre Redonda, em Copenhaga, em torno do rebordo existe outro gradeamento. Também foi Fincke quem o desenhou. Fê-lo baixo para que se pudessem ver os telhados da cidade, mas também facilita os saltos.

Stephanie entendeu a mensagem.

— O homem que saltou hoje lá de cima trabalhava para si?

Ele assentiu.

— Morreu porquê?

— “Os Soldados de Cristo travam as batalhas do seu Senhor em segurança, sem temor do pecado ao matar o inimigo, nem temendo o perigo da própria morte.”

— Ele suicidou-se.

— “Causar a morte, ou morrer em nome de Cristo, nada tem de criminoso, sendo antes merecedor de gloriosa recompensa.”

— Não é capaz sequer de responder a uma pergunta.

O homem sorriu.

— Estava apenas a citar um grande teólogo, que escreveu estas palavras há oitocentos anos. Trata-se de São Bernardo de Claraval.

— Quem é o senhor?

— Pode chamar-me Bernardo.

— O que deseja?

— Duas coisas. Uma delas é o livro que ambos perdemos no leilão. Todavia, reconheço que esse não me pode dar. A segunda é algo que está em seu poder e que lhe foi enviado há um mês.

A expressão de Stephanie manteve-se inalterada. Aquele era de facto um homem que estava a par dos seus assuntos.

— E que coisa é essa?

— Ah! Um teste. Uma forma de avaliar a minha credibilidade. Muito bem. O pacote que recebeu continha um diário que pertenceu ao seu marido, um caderno de apontamentos que ele guardou até ao dia da sua morte. Passei no teste? — Ela não respondeu.

— Quero esse diário.

— E o que o torna assim tão importante?

— Não eram poucas as pessoas que achavam o seu marido um excêntrico, um homem muito estranho. A comunidade académica fazia pouco dele, assim como a imprensa. Para mim ele era um homem brilhante, capaz de ver coisas que passavam despercebidas à maioria das pessoas. Veja só o que ele conseguiu. Deu origem a todo o atual fascínio por Rennes-le-Château. O seu livro foi o primeiro a alertar o mundo para os mistérios locais. Vendeu cinco milhões de cópias em todo o mundo, o que é um grande feito.

— O meu marido vendeu muitos livros.

— Catorze, se não estou enganado, mas nenhum tinha a magnitude do primeiro, O Tesouro de Rennes-le-Château. Graças a ele, existem agora centenas de volumes publicados sobre o assunto.

— E o que o leva a pensar que tenho o diário do meu marido?

— Ambos sabemos que neste momento ele seria meu, não fosse pela interferência de um homem chamado Cotton Malone. Creio que em tempos trabalhou para si.

— A fazer o quê?

O homem parecia entender o desafio que ela constantemente lhe colocava.

— A senhora trabalha para o Departamento de Justiça dos Estados Unidos e está à frente de uma unidade conhecida como Magellan Billet, composta por doze advogados escolhidos por si, e que apenas a si prestam contas, e que tratam de assuntos, digamos, sensíveis. Cotton Malone trabalhou alguns anos para a senhora. Todavia, reformou-se o ano passado e agora é dono de uma livraria em Copenhaga. Se não fosse pelas infelizes ações do meu acólito, teria desfrutado de um simpático almoço com o Sr. Malone e depois de se despedir dele ter-se-ia dirigido para aqui, para assistir ao leilão, o verdadeiro motivo que a trouxe à Dinamarca.

Já chegava daquele jogo de faz-de-conta.

— Trabalha para quem?

— Para mim próprio.

— Duvido muito.

— Porquê?

— Anos de prática.

O homem voltou a sorrir, o que a irritava.

— O diário, se faz favor.

— Não o tenho. Depois das atribulações de hoje, achei que o melhor seria guardá-lo num lugar seguro.

— É Peter Hansen quem o tem?

Stephanie não respondeu.

— Pois, também não estava à espera que respondesse.

— A nossa conversa chegou ao fim.

Virou-se para o gradeamento aberto e atravessou-o apressada. À sua direita, na direção da porta principal, avistou dois homens com cabelo curto. Não eram os mesmos que a haviam abordado na casa leiloeira, mas soube de imediato de quem recebiam ordens.

Voltou a olhar para o homem cujo nome não era Bernardo.

— Tal como aconteceu ao meu acólito na Torre Redonda, não tem por onde fugir.

— Vá-se lixar!

Correu para a esquerda e desapareceu no interior da catedral.

SEIS

Malone avaliou a situação. Encontrava-se numa praça pública, adjacente a uma rua movimentada. As pessoas entravam e saíam da casa leiloeira, enquanto outras esperavam que lhes trouxessem os carros do parque de estacionamento próximo. Era óbvio que a sua vigilância a Stephanie não passara despercebida e amaldiçoou-se por não ter sido mais cuidadoso. Todavia, decidiu que, ao contrário da ameaça proferida, os dois homens não arriscariam serem vistos. O seu objetivo era detê-lo e não eliminá-lo. Talvez a sua missão fosse impedi-lo de chegar à catedral, para que o que quer que estivesse a acontecer no seu interior se pudesse desenrolar sem a sua interferência.

Isso significava que precisava de agir.

Observou enquanto mais pessoas abandonavam o leilão. Uma dessas pessoas, um dinamarquês alto e magro, tinha uma livraria na Ströget, perto da loja de Peter Hansen. O empregado trouxe-lhe o automóvel.

— Vagn — chamou Malone, e afastou-se da pistola encostada às suas costas.

O amigo voltou-se.

— Cotton, como estás? — cumprimentou o homem em dinamarquês.

Malone avançou calmamente em direção ao carro e olhou para trás, vendo o homem de cabelo curto esconder a arma por baixo do casaco. Apanhara os seus perseguidores desprevenidos, o que só demonstrava que não passavam de amadores. E até era capaz de apostar que também não falavam dinamarquês.

— Podias dar-me boleia até Copenhaga? — pediu.

— Claro. Ainda temos lugar. Entra.

Abriu a porta de trás.

— Obrigado. A minha boleia ainda vai ficar mais um pouco e eu tenho de regressar.

Assim que fechou a porta, acenou pela janela e viu a expressão confusa dos dois homens quando o automóvel passou.

— Não viste nada de interesse no leilão? — perguntou Vagn.

— Não, nada — respondeu Malone, desviando a atenção para o condutor.

— Nós também não, por isso decidimos vir embora e jantar mais cedo.

Malone olhou para a mulher sentada ao seu lado. No banco da frente, seguia outro homem. Como não conhecia nem um nem outro, apresentou-se. Lentamente, o automóvel foi-se afastando das ruas estreitas de Roskilde em

direção à autoestrada de Copenhaga.

Ao avistar as torres espiraladas da catedral, tocou no ombro do condutor e disse-lhe:

— Vagn, não te importas de me deixar sair? Vou ficar mais um pouco.

— Tens a certeza?

— Sim, lembrei-me agora que ainda tenho umas coisas para fazer.

..*

Stephanie passou ao lado da nave e mergulhou ainda mais no interior da catedral. Para lá dos enormes pilares que se elevavam à sua direita, o serviço religioso continuava. Os saltos baixos dos sapatos faziam barulho no chão de pedra, mas apenas ela os escutava, graças ao som imponente do órgão. O caminho à sua frente rodeava o altar-mor e uma série de meias paredes e estátuas dividiam o claustro do coro.

Olhou para trás e viu o homem que dizia chamar-se Bernardo a caminhar vagarosamente. Contudo, dos outros dois homens não havia nem sinal. Apercebeu-se de que não tardaria a chegar à entrada principal, mas do lado contrário do edifício. Apercebia-se, pela primeira vez, dos riscos que os seus agentes corriam. Ela nunca trabalhara no terreno — tal não fazia parte das suas funções mas aquela também não era uma missão oficial. Tratava-se de um assunto pessoal e oficialmente encontrava-se de férias. Ninguém sabia que ela viajara para a Dinamarca, à exceção de Cotton Malone e, tendo em conta a sua situação, esse anonimato estava a tornar-se um problema.

Contornou o claustro.

O seu perseguidor mantinha uma pequena e discreta distância, sabendo por certo que ela não tinha para onde fugir. Stephanie passou por um lanço de escadas de pedra que desciam para outra capela lateral e, quinze metros à sua frente, viu os dois homens aparecerem no pórtico traseiro, bloqueando-lhe a saída da igreja. Atrás de si, Bernardo continuava a avançar. À sua esquerda ficava outro sepulcro, identificado como Capela dos Reis Magos.

Correu para o interior.

Dois túmulos de mármore que lembravam templos romanos ocupavam o interior. Escondeu-se atrás do que ficava mais recuado e foi assolada por uma enorme sensação de pânico ao aperceber-se da sua situação.

Estava encurralada.

..*

Malone correu para a catedral e entrou pela porta principal. À direita avistou dois homens — robustos, cabelos curtos e roupas discretas — parecidos com os

que lhe haviam encostado uma arma às costas. Decidiu não correr mais riscos e meteu a mão por dentro do casaco para tirar a Beretta automática, a arma que todos os agentes do Magellan Billet usavam. Conseguira autorização para ficar com a arma depois da reforma e trouxera-a às escondidas para a Dinamarca, onde era ilegal possuir uma arma de fogo.

Agarrou a coronha da pistola, colocou o dedo no gatilho e escondeu-a ao lado da coxa. Há mais de um ano que não empunhava uma arma. Era uma sensação que pensava pertencer ao passado e da qual não tinha muitas saudades. Porém, o voo de um homem para a morte chamara-lhe a atenção e viera preparado. Era assim que pensava um bom agente e esse tipo de atitude já lhe salvara a vida muitas vezes.

Os dois homens estavam de costas para ele, com as armas à cintura e as mãos vazias. A música do órgão abafou a sua chegada. Malone aproximou-se e disse:

— Que noite atarefada. — Voltaram-se ambos e ele mostrou-lhes a arma. — Vamos ser civilizados.

Por cima do ombro de um dos homens avistou um terceiro, a cerca de trinta metros, que se dirigia calmamente na sua direção. Quando o viu deslizar a mão para o interior do casaco de cabedal não ficou à espera e saltou para a esquerda, abrigando-se numa fila de bancos vazia. O disparo ecoou mais alto do que a música e a bala acertou nos bancos à sua frente.

Os outros dois homens sacaram também das armas.

Deitado, Malone disparou duas vezes. Os tiros ecoaram pela catedral, acompanhando a música. Um dos homens foi atingido e o outro fugiu. Malone ajoelhou-se e ouviu mais três disparos. Baixou-se e as balas voltaram a alojar-se nos bancos de madeira.

Respondeu com mais dois tiros disparados na direção do atirador solitário.

O órgão parou de tocar.

As pessoas perceberam o que se passava e começaram a fugir dos seus lugares, correndo para o exterior pela porta das traseiras. Malone aproveitou a confusão para espreitar por cima dos bancos. Viu o homem do casaco de cabedal junto à entrada de uma das capelas laterais.

— Stephanie — chamou por cima do rebuliço. Não houve resposta.

— Stephanie, sou eu, Cotton Malone. Diga-me se está bem.

Não obteve qualquer resposta.

Rastejou até encontrar o transepto e depois levantou-se. O caminho à sua frente rodeava a igreja e conduzia ao outro lado. Os pilares que ladeavam o trajeto tornavam impossível um tiro certeiro e mais à frente o coro iria escondê-

lo por completo. Assim, começou a correr em frente.

..*

Stephanie ouviu Malone chamá-la. Ainda bem que ele era incapaz de não se meter nos assuntos alheios. Continuava no interior da Capela dos Reis Magos, escondida atrás de um túmulo de mármore negro. Escutou tiros e compreendeu que Malone estava a fazer o que podia, tendo em conta que se encontrava em inferioridade numérica. Queria ajudá-lo, mas não estava armada. O máximo que podia fazer era dizer-lhe que estava bem. Todavia, antes de conseguir responder, avistou Bernardo através de outro gradeamento, de arma em punho.

Quando o homem entrou na capela, o medo bloqueou-lhe todos os músculos do corpo.

..*

Malone circundou o coro. As pessoas continuavam a fugir da igreja, em pânico e aos gritos. Por certo alguém já teria chamado a Polícia. Só precisava de controlar os seus atacantes até a ajuda chegar.

Saltou a cerca do claustro e viu um dos homens que alvejara ajudar outro e ambos saírem pela porta das traseiras. Aquele que começara o ataque não estava à vista e isso preocupava-o.

Abrandou o passo e elevou a arma.

..*

Stephanie encolheu-se de medo. Bernardo estava a cinco metros do seu esconderijo.

— Eu sei que está aqui — disse ele num tom rouco e profundo.

— O seu salvador chegou e, por isso, não vou ter tempo de tratar de si. Já sabe o que eu quero. Voltaremos a ver-nos. — Era uma ideia que a arrepiava. — O seu marido também não soube colaborar quando a mesma oferta lhe foi feita há onze anos.

Sentiu-se provocada por aquelas palavras. Sabia que o melhor era manter-se em silêncio, mas não conseguiu.

— O que sabe sobre o meu marido?

— O suficiente. Mas deixemos esse assunto por agora. E ouviu-o afastar-se.

..*

Malone viu o homem do casaco de cabedal abandonar uma das capelas laterais.

— Pare! — gritou.

O outro virou-se e apontou a arma.

Malone mergulhou em direção a uns degraus que levavam a outra sala. Três

balas lascaram a pedra por cima da sua cabeça. Levantou-se de um salto, preparado para disparar, mas o homem estava a trinta metros de distância, e corria em direção ao pórtico traseiro.

— Stephanie — chamou.

— Estou aqui, Cotton.

Viu a sua antiga chefe emergir da capela. O rosto calmo exibia uma expressão fria. Lá fora começavam a ouvir-se sirenes.

— É melhor sairmos daqui — disse Malone. — Vão chover perguntas e tenho a sensação que não vai querer responder a nenhuma delas.

— Acertou — disse ela.

Ia sugerir que usassem uma das outras saídas quando as portas principais se escancararam e a Polícia invadiu o interior da igreja. Ele ainda segurava a arma, que não passou despercebida.

Os polícias assumiram posições de defesa e apontaram armas. Ele e Stephanie detiveram-se.

— *Hen til den landskab. Nu* — foi a ordem gritada. — Para o chão. Já.

— O que disseram eles? — perguntou Stephanie.

— Que estamos metidos num grande sarilho.

SETE

Raymond de Roquefort deixou-se ficar do lado de fora da catedral, para lá do círculo de curiosos, e observou o desenrolar de todo aquele drama. Ele e os seus dois comparsas haviam procurado refúgio nas sombras das enormes árvores que cresciam na praça da catedral. Conseguira sair por uma porta lateral no exato instante em que a Polícia entrara de rompante pela porta da frente. Ninguém o vira. Por enquanto, a Policia centraria as suas atenções em Stephanie Nelle e em Cotton Malone. Levaria ainda algum tempo até que as testemunhas começassem a descrever outros participantes armados. Estava familiarizado com aquele tipo de situações e sabia que manter a cabeça fria era essencial. Por isso, disse a si mesmo para acalmar. Tinha de mostrar aos seus homens que controlava a situação.

A fachada da catedral de tijolo brilhava intermitentemente com luzes vermelhas e brancas. Dali a minutos, apareceram mais polícias e ele espantou-se como é que uma cidade da dimensão de Roskilde possuía tantos agentes da lei. A multidão de curiosos aumentava a cada instante, vindos da praça principal. A situação estava a ficar caótica, o que era perfeito. Sempre se movimentara com maior à-vontade no meio do caos, desde que fosse ele a controlá-lo.

Fitou os dois homens que tinham estado com ele no interior da catedral.

— Estás ferido? — perguntou ao que fora alvejado.

O homem afastou o casaco e mostrou-lhe que o colete à prova de bala fora a sua salvação.

— Estou apenas dorido.

Os outros dois acólitos surgiram logo de seguida por entre a multidão — os que enviara para o leilão. Haviam comunicado por rádio que Stephanie Nelle não conseguira arrematar o livro e ele ordenara-lhes que a encaminhassem para ali. Pensou que talvez ela pudesse ser intimidada, mas os seus esforços tinham sido infrutíferos. E o pior de tudo fora que chamara demasiadas atenções para as suas atividades, graças a Cotton Malone. Os seus homens tinham-no avistado no leilão e recebido ordens para o entreterem enquanto ele falava com Stephanie. Pelos vistos, até isso falhara.

Os dois homens aproximaram-se e um deles informou:

— Perdemos Malone.

— Eu encontrei-o.

— É um homem corajoso e cheio de recursos.

Não era nada que não soubesse. Investigara Malone depois de saber que Stephanie Nelle ia viajar para a Dinamarca e visitá-lo. Uma vez que Malone podia fazer parte do que quer que ela estivesse a planear, fizera questão de saber o máximo que pudesse acerca dele.

O seu nome de batismo era Harold Earl Malone, tinha quarenta e seis anos e nascera no Estado americano da Geórgia. A sua mãe era natural da Geórgia e o pai um militar de carreira, licenciado pela academia naval de Annapolis, promovido a capitão-de-fragata antes de o seu submarino se ter afundado quando Malone tinha dez anos.

O filho seguira as pisadas do pai, frequentara a academia naval e terminara o curso entre os três primeiros da sua turma. Fora admitido no esquadrão de instrução de voo, e destacara-se o suficiente para escolher o treino de piloto de caças. Depois, estranhamente, a meio da sua formação, pedira transferência e fora aceite na Universidade de Direito de Georgetown, terminando o curso enquanto trabalhava para o Pentágono. Fora então transferido para o Judge Advocate General's Corps, onde trabalhara durante nove anos como advogado. Há treze anos fora destacado para o Departamento de Justiça e para o recém-formado Magellan Billet de Stephanie Nelle, pedindo a reforma no ano anterior.

A nível pessoal, Malone era divorciado e o seu filho de catorze anos vivia com a ex-mulher na Geórgia. Logo após a reforma, deixara a América e mudara-se para Copenhaga. Era um amante de livros e católico, embora não praticante. Falava fluentemente várias línguas, não se lhe conheciam vícios ou fobias e era uma pessoa motivada e dedicada. Possuía também uma excelente memória visual. Tendo em conta estas características, era o tipo de homem que De Roquefort preferia ter a trabalhar para si do que contra si.

E os últimos minutos haviam confirmado o seu currículo.

A desvantagem numérica de três para um não parecia ter amedrontado Malone, em especial quando pensou que Stephanie Nelle podia estar em perigo. Umas horas antes, o seu acólito mais novo também demonstrara coragem e lealdade, embora tivesse agido de modo precipitado ao roubar a mala de Stephanie. Deveria ter esperado até depois da visita a Cotton Malone, quando esta se dirigisse para o hotel, sozinha e vulnerável. Talvez o rapaz estivesse a tentar agradar, sabendo da importância da missão, ou talvez fosse apenas impaciência. Todavia, quando encurralado na Torre Redonda, havia sabiamente escolhido a morte à prisão. Um desperdício, mas o processo de aprendizagem era assim mesmo. Os mais inteligentes sobreviviam e todos os outros eram

eliminados.

Fitou um dos homens que permanecera no leilão e perguntou-lhe:

— Conseguiste saber quem arrematou o livro?

O homem assentiu.

— Tive de dar mil coroas ao empregado pela informação.

De Roquefort não estava interessado no preço da fraqueza.

— O nome?

— Henrik Thorvaldsen.

O telemóvel no seu bolso vibrou. O seu segundo comandante sabia que ele estava ocupado, por isso devia ser importante. Atendeu a chamada.

— Já não falta muito — disse a voz ao telefone.

— Quanto tempo?

— Nas próximas horas.

Um bónus inesperado.

— Tenho uma tarefa para ti — afirmou De Roquefort para a pessoa ao telefone. — Há um homem, Henrik Thorvaldsen, um dinamarquês endinheirado que vive a norte de Copenhaga. Sei algumas coisas sobre ele, mas preciso da informação completa daqui a uma hora. Telefona-me quando tiveres tudo.

Desligou o telefone e encarou os seus subordinados.

— Temos de regressar, mas ainda há duas tarefas que precisamos de completar antes de amanhecer.

OITO

Malone e Stephanie Nelle foram transportados para uma esquadra da Polícia nos arredores de Roskilde. Nenhum deles abriu a boca no caminho, pois sabiam ambos o suficiente para estarem calados. Estava convencido que a visita da sua antiga chefe à Dinamarca nada tinha a ver com o grupo que liderava. Ela nunca trabalhara no terreno, era o vértice do triângulo e toda a gente em Atlanta lhe prestava contas. Para além disso, quando na semana passada ela lhe telefonara e dissera que gostava de o ver, deixara bem claro que se deslocava à Europa de férias. "Grandes férias", pensou ele quando os deixaram sozinhos numa sala bem iluminada, mas sem janelas.

— Ah, acabei por não lhe dizer mas estava-se muito bem na esplanada do Café Nikolaj — comentou Malone. — Tive de beber o seu café. Claro que isso foi antes de ter perseguido um homem até ao topo da Torre Redonda e tê-lo visto saltar lá de cima. — Ela não disse nada. — Também reparei que apanhou a mala do chão. Por acaso não viu o cadáver mesmo ao lado, não? Pois, não deve ter reparado, afinal estava com pressa.

— Já chega, Cotton — ripostou ela num tom que lhe era familiar.

— Já não trabalho para si.

— Então por que veio atrás de mim?

— Interrogava-me sobre isso mesmo na catedral, mas as balas desconcentraram-me.

Antes que conseguisse responder-lhe, a porta abriu-se e entrou um homem alto de cabelo ruivo e olhos castanhos. Era o inspetor da Polícia de Roskilde que os acompanhara desde a catedral e segurava a Beretta de Malone.

— Fiz a chamada que me pediu — disse o inspetor para Stephanie. — A Embaixada dos Estados Unidos confirma a sua identidade e ligação ao Departamento de Justiça. Estou à espera de instruções do nosso Ministério do Interior sobre o que fazer consigo. — Voltou-se para Malone. — O senhor é outro assunto. Está na Dinamarca com um visto temporário de residência como comerciante. — Mostrou-lhe a arma. — As nossas leis não permitem o porte de armas e muito menos dispará-las no interior das catedrais, e estamos a falar de uma que é Património da Humanidade.

— Só gosto de quebrar as leis mais importantes — argumentou ele, mostrando ao inspetor que não se sentia amedrontado pelas suas palavras.

— Também aprecio o humor, Sr. Malone. Todavia, isto é um assunto da maior seriedade. Não para mim, mas para si.

— As testemunhas referiram que havia outros três homens armados e que foram eles que começaram o tiroteio?

— Temos descrições. Mas é pouco provável que ainda estejam por perto. O senhor, no entanto, está aqui.

— Inspetor — interrompeu Stephanie —, toda aquela situação foi culpa minha e não do Sr. Malone. — Lançou-lhe um olhar. — Ele trabalhou em tempos para mim e pensei que pudesse necessitar da sua ajuda.

— Está a dizer-me que o tiroteio nunca teria acontecido se não fosse a interferência do Sr. Malone?

— Não. Estou apenas a dizer que as coisas se descontrolaram, mas não foi responsabilidade dele.

O inspetor considerou o que acabara de ouvir com alguma apreensão. Malone interrogou-se sobre o que estaria Stephanie a fazer. Mentir não era o seu forte, mas decidiu não a contradizer frente ao inspetor.

— Estava na catedral em missão oficial? — perguntou-lhe o polícia.

— Isso não posso revelar. Creio que compreende.

— O seu trabalho envolve atividades sobre as quais não pode falar? Pensei que fosse advogada.

— E sou. No entanto, a minha unidade está frequentemente envolvida em investigações ligadas à segurança nacional. Na verdade, é por essa razão que existimos.

O inspetor não pareceu impressionado.

— O que veio fazer à Dinamarca, Sra. Nelle?

— Vim visitar o Sr. Malone. Há mais de um ano que não o via.

— Foi esse o único motivo que a trouxe cá?

— É melhor esperarmos pelo parecer do Ministério do Interior.

— Foi um milagre ninguém se ter magoado naquela confusão. Houve estragos em alguns monumentos sagrados, mas nenhum ferido.

— Eu acertei num dos atacantes — revelou Malone.

— Se isso aconteceu, ele não sangrou.

Isso significava que estavam a usar coletes à prova de bala. O grupo viera preparado, mas para o quê?

— Quanto tempo mais planeia ficar na Dinamarca? — interrogou o inspetor.

— Amanhã já cá não estarei — respondeu Stephanie.

A porta abriu-se e um homem fardado entregou uma folha de papel ao

inspetor. Este leu o seu conteúdo e depois disse:

— Parece que a senhora tem amigos muito poderosos. Os meus superiores dizem-me que devo soltá-la e não fazer perguntas.

Stephanie dirigiu-se para a porta.

Malone levantou-se.

— Estou incluído nessa ordem?

— Sim, também pode ir.

Esticou a mão para levar a arma, mas o inspetor não permitiu.

— No papel não há nada que diga que tenho de lhe devolver a Beretta.

Decidiu não discutir. Trataria desse assunto mais tarde. O mais importante agora era falar com Stephanie.

Saiu a correr e encontrou-a lá fora.

Ela fitou-o com uma expressão séria.

— Cotton, agradeço muito o que fez na catedral, mas escute bem o que lhe vou dizer. Não se meta nos meus assuntos.

— Não sabe o que está a fazer. Na catedral meteu-se numa situação perigosa sem estar sequer preparada para ela. Aqueles três homens queriam matá-la.

— Tiveram muitas oportunidades para o fazer, antes de você aparecer, e não o fizeram. Porquê?

— Isso levanta ainda mais questões.

— Não tem que fazer na sua livraria?

— Até tenho muito.

— Então dedique-se a essa tarefa. Quando se reformou o ano passado, deixou bem claro que estava farto de ser alvo de balas. Também me disse que o seu patrono dinamarquês lhe oferecia a possibilidade de ter a vida com que sempre sonhara. Pois então, aproveite-a.

— Foi a Stephanie quem me ligou a convidar para um café.

— E já vi que foi uma péssima ideia.

— Aquele homem não era nenhum ladrão de carteiras.

— Não se meta nisto.

— Salvei-lhe a vida, está em dívida para comigo.

— Ninguém lhe disse para o fazer.

— Stephanie...

— Raios, Cotton, não volto a repetir. Se insistir terei de tomar atitudes drásticas.

Começava a ficar irritado.

— Ai sim? E o que planeia fazer?

— O seu amigo dinamarquês não é o único com influência. Eu também posso mexer uns quantos cordelinhos.

— Faça isso! — ripostou, furioso.

Stephanie não respondeu. Em vez disso, virou costas e afastou-se.

A sua vontade era ir atrás dela e terminar o que tinham começado, mas decidiu que ela tinha razão. Não era assunto dele e já fizera estragos suficientes para uma noite.

Estava na hora de ir para casa.

NOVE

COPENHAGA
22 H 30 M

De Roquefort aproximou-se da livraria. A rua pedonal mesmo em frente estava agora deserta, pois a maior parte dos cafés e restaurantes ficava a quarteirões de distância. O comércio daquela parte da Ströget fechava à noite. Assim que tratasse das duas últimas tarefas, deixaria a Dinamarca. Por certo as testemunhas da catedral já os tinham descrito à Polícia, por isso era importante que não se demorassem mais do que o necessário.

Trouxera consigo de Roskilde quatro dos seus subordinados e planeava supervisionar cada detalhe das suas ações. Já houvera demasiada improvisação para um dia só e parte dela custara a vida de um dos seus homens na Torre Redonda. Não pretendia perder mais nenhum. Dois deles estavam já a inspecionar as traseiras da livraria e os outros dois permaneciam a seu lado. Havia luz no primeiro andar do edifício.

Ainda bem.

Ele e o dono precisavam de ter uma conversa.

Malone tirou uma Pepsi do frigorífico e desceu quatro lanços de escadas até ao rés-do-chão. A sua loja ocupava todo o edifício. O rés-do-chão era para os livros e os clientes, os outros dois serviam de armazém e o último era um pequeno apartamento ao qual chamava casa.

Acostumara-se ao espaço exíguo e apreciava-o bem mais do que a casa enorme na qual vivera em Atlanta. A sua venda, no ano anterior, por cerca de trezentos mil dólares, dera-lhe um rendimento de sessenta mil dólares para investir na sua nova vida, que lhe fora oferecida, como Stephanie referira, pelo seu benfeitor dinamarquês, um homenzito estranho chamado Henrik Thorvaldsen.

Há catorze meses não passava de um estranho e agora era um dos seus amigos mais chegados.

Deram-se bem desde o início. O homem mais velho via no mais novo qualquer coisa — o quê, Malone nunca entendera — e o seu primeiro encontro em Atlanta, numa quinta-feira chuvosa, tinha selado o destino de ambos os homens. Stephanie insistira que ele tirasse um mês de férias depois do julgamento de três arguidos na Cidade do México — que envolvera tráfico de

droga e o assassinato de um diretor da DEA, amigo pessoal do presidente dos Estados Unidos da América — ter terminado numa autêntica carnificina. Ao regressar ao tribunal, após o intervalo para o almoço, Malone fora apanhado no fogo cruzado de uma tentativa de assassinato. Uma ação que não estava relacionada com o julgamento, mas que ainda assim ele tentara controlar. Regressara a casa com um ferimento de bala no ombro esquerdo. O tiroteio resultara em nove feridos e sete mortos, sendo um deles um jovem diplomata dinamarquês chamado Cai Thorvaldsen.

— Vim falar consigo em pessoa — dissera Henrik Thorvaldsen.

Estavam sentados no gabinete de Malone. O ombro ainda lhe doía bastante. Nem sequer se dera ao trabalho de perguntar a Thorvaldsen como o localizara ou como sabia que ele falava dinamarquês.

— O meu filho era a coisa mais importante que eu tinha — continuou ele. — Quando ingressou no corpo diplomático fiquei delirante. Pediu para ser destacado para a Cidade do México, pois era também um estudioso da civilização Asteca. Teria dado um excelente membro do parlamento. Um político inteligente.

Malone foi invadido por um sem-número de primeiras impressões. Thorvaldsen tinha um ar distinto e elegante. Todavia, aquela sofisticação contrastava com o seu corpo deformado: a coluna descrevia um alto exagerado e grotesco, quase como o pescoço de uma garça. A pele do rosto assemelhava-se a couro e sugeria uma vida inteira de escolhas difíceis, as rugas pareciam fendas profundas, e os braços e mãos estavam repletos de manchas. O cabelo grisalho e farto combinava com as sobrancelhas, que lhe davam um ar ansioso. Apenas nos olhos cinzento-azulados e estranhamente clarividentes, um deles marcado por uma catarata em forma de estrela detetou alguma paixão.

— Vim conhecer o homem que matou o assassino do meu filho.

— Porquê? — perguntou Malone.

— Para lhe agradecer.

— Podia ter telefonado.

— Prefiro ver a cara do meu interlocutor.

— E neste momento, eu prefiro ficar sozinho.

— Sei que por pouco também não morreu. — Malone encolheu os ombros. — Também sei que pediu demissão do seu trabalho e que vai reformar-se.

— Parece saber muita coisa.

— O conhecimento é o maior dos luxos. Não estava minimamente impressionado.

— Obrigado pela palmadinha nas costas. Tenho um buraco no ombro que não para de doer. Uma vez que já disse o que tinha a dizer, não se importava de sair?

Thorvaldsen nem sequer se mexeu do sofá. Limitou-se a observar o gabinete e as divisões em redor, visíveis através de uma arcada. Todas as paredes estavam forradas de livros e a casa mais parecia um suporte para as estantes.

— Também sou um apaixonado por livros — comentou o seu convidado. — A minha casa está igualmente repleta deles. Colecionei-os durante toda a vida.

Era óbvio que aquele homem, com mais de sessenta anos, era dado a coisas grandiosas. Ao abrir a porta, reparara que viera de limusina. Assim, perguntou:

— Como sabia que eu falava dinamarquês?

— Sabe falar várias línguas e fiquei satisfeito ao descobrir que a minha língua materna era uma delas.

Não era uma resposta, mas estaria ele mesmo à espera de uma?

— A sua memória eidética deve ser uma bênção. A minha desapareceu com a idade. Já não me lembro de quase nada.

Duvidava muito que assim fosse.

— O que deseja?

— Já pensou no que vai fazer?

Malone apontou em redor do gabinete.

— Estava a pensar abrir uma livraria de livros antigos. Tenho muitos para vender.

— Parece-me uma excelente ideia. Tenho uma para vender, se quiser.

Decidiu alinhar naquele jogo. No entanto, havia algo no brilho dos olhos daquele homem que lhe dizia que o seu visitante não estava a brincar.

As mãos trémulas procuraram um bolso no interior do casaco e Thorvaldsen colocou um cartão-de-visita no braço do sofá.

— O meu número pessoal. Se estiver interessado, ligue-me. O homem levantou-se.

Malone deixou-se ficar sentado.

— O que o leva a pensar que estou interessado?

— Está sim, Sr. Malone.

Irritou-o aquela certeza, sobretudo porque o homem tinha razão, Thorvaldsen encaminhou-se para a porta.

— Onde fica a livraria? — perguntou, detestando-se por mostrar interesse.

— Em Copenhaga, claro.

Recordava-se de ter esperado três dias antes de fazer o telefonema. A perspectiva de viver na Europa sempre o atraíra. Será que Thorvaldsen até isso

sabia? Contudo, nunca achou ser possível viver no estrangeiro. Trabalhava para o governo e era um americano de alma e coração. Porém, isso fora antes dos acontecimentos na Cidade do México. Antes dos sete mortos e nove feridos.

Ainda conseguia ver a expressão indiferente da mulher um dia depois de ter ligado para Copenhaga.

— Concordo. Já estamos separados há bastante tempo, está na altura de nos divorciarmos.

A declaração foi proferida com a mesma objetividade com que costumava defender os seus casos em tribunal.

— Há outra pessoa? — perguntou Malone.

— Não que isso importe, mas sim. Que raios, Cotton, estamos separados há cinco anos. Tenho a certeza que não foste nenhum monge durante esse tempo.

— Tens razão. Está na hora.

— Vais mesmo reformar-te da Marinha?

— Já o fiz. Desde ontem que é oficial.

Ela abanou a cabeça, tal como fazia quando Gary precisava de um conselho maternal.

— Será que alguma vez vais saber o que queres? Primeiro a Marinha, depois a Academia da Força Aérea, a Universidade de Direito, o JAG, o Departamento. Agora esta reforma súbita. O que se segue?

Malone nunca gostara do seu tom condescendente.

— Vou viver para a Dinamarca.

A expressão dela manteve-se, inalterada. Até podia ter dito que se ia mudar para a Lua.

— O que procuras?

— Estou farto que disparem sobre mim.

— Desde quando? Sempre adoraste o Magellan Billet!

— Está na altura de crescer.

Ela sorriu.

— E achas que viver na Dinamarca vai operar esse milagre?

Não tinha a mínima intenção de lhe dar explicações. Ela não queria saber e ele nem tão-pouco desejava o contrário.

— Preciso de falar com o Gary.

— Para quê?

— Quero saber se ele aceita tudo isto.

— E desde quando te imporias com o que ele pensa?

— Foi por causa dele que saí. Quero que tenha um pai sempre presente...

— Tretas, Cotton. Saíste por ti mesmo, não uses o rapaz como desculpa. O que quer que estejas a planear, é por ti, não por ele.

— Não preciso que me digas o que penso ou não penso.

— Então quem te vai dizer? Estivemos casados durante muito tempo. Julgas que era fácil esperar que regressasses de sabe-se lá onde? Sempre a pensar se seria num caixão? Paguei um preço bem alto, Cotton, e Gary também. Apesar disso, aquele rapaz adora-te. Não, ele idolatra-te, incondicionalmente. Ambos sabemos o que ele vai dizer, pois a cabeça dele é mais sã que a nossa. Apesar de todos os nossos falhanços, ele foi um sucesso.

Mais uma vez ela tinha razão.

— Escuta, Cotton. O que te leva a ir viver para a Europa é assunto teu. E se isso te faz feliz, então vai. Mas não uses o teu filho como desculpa. A última coisa que ele precisa é de um pai frustrado a tentar remediar a sua própria infância infeliz.

— Gostas de me insultar, não é?

— Não. Mas a verdade tem de ser dita e tu sabes disso.

Olhou em redor da livraria, já às escuras. Pensar em Pam nunca trouxera nada de bom. A sua animosidade para com ele era vincada e começara há quinze anos. Ele fora infiel e ela descobrira. Tinham decidido tentar manter o casamento e procuraram um conselheiro matrimonial. No entanto, dez anos depois, quando regressou de uma missão, descobriu que ela e Gary se tinham mudado para uma casa alugada do outro lado de Atlanta, levando apenas o necessário. Um bilhete informava-o da nova morada e do fim do casamento. Pam sempre fora assim, pragmática e fria. Estranhamente, nunca pedira o divórcio. Em vez disso, viviam separados, eram civilizados um para o outro e falavam apenas quando era preciso, por causa de Gary.

Contudo, o dia de todas as decisões acabou por chegar. Ele demitiu-se do emprego, pediu a reforma, pôs fim ao casamento, vendeu a casa e deixou a América, tudo numa longa, desgastante, mas satisfatória semana.

Olhou para o relógio. Devia mandar uma mensagem eletrônica a Gary. Falavam, pelo menos, uma vez por dia e ainda era dia em Atlanta. O filho deveria chegar a Copenhaga dali a três semanas para passar um mês com ele. Tinham feito o mesmo no Verão anterior e Malone estava ansioso pela companhia do filho.

A sua discussão com Stephanie continuava a perturbá-lo. Já vira aquele tipo de inocência noutros agentes que, embora cientes dos riscos, acabavam por ignorá-los. O que costumava ela dizer? Podes dizê-las, fazê-las, pregá-las, gritá-las, mas

nunca, nunca acredites nas tuas próprias tretas. Era um bom conselho, que ela própria devia seguir. Não fazia a mínima ideia de onde se estava a meter. Mas, a bem da verdade, ele também não. As mulheres nunca tinham sido o seu forte. Apesar de tantos anos casado com Pam, nunca se preocupara em tentar conhecê-la. Assim, como poderia ele entender Stephanie? O melhor era não se meter na vida dela.

Porém, havia algo que o preocupava.

Aos doze anos descobrira que nascera com uma memória eidética. Não era fotográfica, como os filmes e os livros gostavam de retratar, era apenas um recordar de pormenores que a maior parte das pessoas pura e simplesmente esquecia. Isso fora de grande ajuda nos estudos e na aprendizagem de línguas, contudo, tentar separar um detalhe de uma imensidão de outros, por vezes enervava-o.

Tal como naquele momento.

DEZ

De Roquefort forçou a fechadura da porta da frente e entrou, na livraria. Dois dos seus homens seguiram-no. Os outros dois permaneceram do lado de fora, a vigiar a rua.

Avançaram silenciosamente, às escuras e por entre estantes repletas de livros, até às traseiras do piso térreo, e subiram um lanço de escadas estreitas. No primeiro andar, De Roquefort viu luz numa sala e avançou até à porta. Peter Hansen estava refastelado num cadeirão a ler, na mesinha ao lado tinha uma cerveja e no cinzeiro ardia um cigarro.

Ficou surpreendido ao aperceber-se de que não estava sozinho.

— O que está aqui a fazer? — perguntou Hansen em francês.

— Tínhamos um acordo.

O livreiro ergueu-se do cadeirão.

— Ofereceram mais dinheiro que nós. O que podia eu fazer?

— Garantiu-me que não haveria qualquer problema.

Os seus comparsas deslocaram-se até ao outro extremo da sala e detiveram-se junto às janelas. De Roquefort deixou-se ficar à porta.

— O livro foi arrematado por cinquenta mil coroas! Um preço exorbitante — fez notar Hansen.

— Quem ficou com o livro?

— A casa leiloeira não revela essas informações.

De Roquefort interrogou-se se Hansen o acharia assim tão estúpido.

— Paguei-lhe para se assegurar que Stephanie Nelle comprava o livro.

— E eu tentei, mas ninguém me avisou que o preço ia subir daquela maneira. Acompanhei as licitações, mas ela mandou-me parar. Estava disposto a pagar mais de cinquenta mil coroas pelo livro?

— Teria pago qualquer quantia.

— Mas o senhor não estava lá e a determinação dela era menor que a sua. — Hansen parecia ter relaxado. A surpresa inicial fora substituída por uma presunção que De Roquefort se esforçava por ignorar. — E o que torna esse livro tão valioso?

Observou a exígua divisão que tresandava a álcool e a nicotina. Havia centenas de livros espalhados por entre pilhas de jornais e revistas e De Roquefort interrogou-se como poderia alguém viver no meio daquela confusão.

— Faço-lhe a mesma pergunta.

Hansen encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Ela não me disse porque o queria.

A sua paciência estava a esgotar-se.

— Eu sei quem arrematou o livro.

— Como?

— Sabe muito bem que os funcionários da leiloeira são fáceis de convencer. A Sra. Nelle contactou-o para agir como seu intermediário. Eu contactei-o para obter o livro para que o pudesse copiar antes de você o devolver. E depois você decidiu arranjar um licitador anónimo.

Hansen sorriu.

— Demorou a chegar lá.

— Na verdade, levei apenas uns minutos, assim que obtive a informação.

— Uma vez que agora sou eu quem detém o controlo do livro e Stephanie Nelle deixou de ser um problema, quanto está disposto a pagar para o ter?

De Roquefort já sabia que medidas teria de pôr em prática.

— A questão que se coloca é: quanto vale este livro para si?

— Para mim não tem qualquer valor.

Fez um sinal e os seus dois acompanhantes agarraram Hansen pelos braços. Depois esmurrou o livreiro no estômago e este gemeu e caiu para a frente, sendo suportado apenas pelas pernas.

— O meu desejo era que Stephanie Nelle ficasse com o livro, depois de eu ter feito uma cópia — explicou De Roquefort. — Foi para isso que lhe paguei e apenas para isso. Parece que a sua utilidade chegou ao fim.

— Eu... tenho o... livro.

De Roquefort encolheu os ombros.

— Isso não é verdade. Sei exatamente onde o livro se encontra.

Hansen abanou a cabeça.

— Não conseguirá... obtê-lo.

— Engana-se. Na verdade, será uma tarefa bem fácil.

..*

Malone acendeu as luzes da secção de história. Livros de todos os tamanhos, formas e cores enchiam as prateleiras pretas. Porém, havia um em particular do qual se recordava. Comprara-o há umas semanas, juntamente com outras histórias de meados do século XX, a um negociante italiano convencido de que a sua mercadoria valia mais do que Malone estava disposto a pagar. A maioria dos vendedores não entendia que o valor estava associado ao desejo, à raridade e à

escassez. A antiguidade não era forçosamente importante pois, tal como no século XXI, já tinha sido publicado muito lixo.

Recordava-se de ter vendido alguns dos livros do italiano, mas esperava que aquele ainda estivesse por ali. Não se lembrava de o ter visto sair da loja, a menos que algum dos seus empregados o tivesse vendido. Contudo, lá estava ele, na segunda fila a contar de baixo, no exato lugar onde o havia arrumado.

A capa nunca fora protegida por um guarda-pó e o verde-escuro, por certo a cor original, estava agora transformado em verde-água-

As páginas eram de papel fino, debruadas a ouro e decoradas com gravuras. O título era ainda visível em letras douradas.

Os Cavaleiros do Templo de Salomão.

A data do copyright era de 1922 e, por saber pouco acerca dos templários, Malone interessara-se pelo livro. Sabia que não se tratava de simples monges, sendo antes uma espécie de guerreiros religiosos. Mas a ideia que tinha da Ordem limitava-se a homens de manto branco com cruzes vermelhas. Um estereótipo de Hollywood, sem dúvida. Também se recordava de ter ficado fascinado ao folhear o livro.

Levou-o consigo para uma das muitas cadeiras que povoavam a livraria, sentou-se confortavelmente e começou a ler. Aos poucos começou a formar-se um resumo.

No ano de 1118, os Cristãos voltavam a controlar a Terra Santa. A Primeira Cruzada fora um sucesso estrondoso. Apesar de os Muçulmanos terem sido derrotados, as suas terras confiscadas e as suas cidades ocupadas, não tinham sido dominados. Ao invés disso, permaneciam nas fronteiras dos recém-criados territórios cristãos, matando todos aqueles que se aventuravam na Terra Santa.

A peregrinação segura aos locais santos foi uma das razões das cruzadas e as portagens eram a principal fonte de rendimento para o novo Reino Cristão de Jerusalém. Os peregrinos afluíam diariamente à Terra Santa, vindo sozinhos, em pares ou em grupos, que por vezes chegavam a ser constituídos por comunidades inteiras. Infelizmente, as estradas não eram seguras. Os Muçulmanos patrulhavam os acessos, os bandidos deslocavam-se com facilidade e até os soldados cristãos eram uma ameaça, pois as pilhagens eram para eles uma forma normal de ganhar dinheiro.

Assim, quando um cavaleiro francês, Hugh de Payens, fundou um novo movimento juntamente com outros oito cavaleiros, uma ordem monástica de irmãos guerreiros cuja função inicial era proteger os peregrinos que se

dirigiam à Terra Santa, o conceito foi recebido com grande entusiasmo e aceitação. Balduíno II, que governava Jerusalém, permitiu que a mesquita de Al Aqsa lhes servisse de sede — um lugar considerado pelos Cristãos como o antigo Templo de Salomão. A todos os cavaleiros era exigido que fizessem voto de pobreza, castidade e obediência. Tendo em conta o local do seu quartel-general e os seus votos e fé em Cristo, os membros da ordem adotaram o nome de Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão em Jerusalém.

Não detinham quaisquer bens individuais e todos os seus pertences terrenos passavam a ser propriedade da Ordem. Viviam em comunidade e tomavam as refeições em silêncio. Cortavam o cabelo muito curto, mas deixavam crescer a barba. Dependiam da caridade para comerem e se vestirem e seguiam as regras monásticas ditadas por Santo Agostinho. A insígnia da Ordem era particularmente simbólica, retratando dois cavaleiros a montar o mesmo cavalo — uma clara referência aos tempos em que os cavaleiros não tinham recursos para comprar um cavalo.

Para a mentalidade medieval, a existência de uma ordem religiosa composta por guerreiros não era uma contradição. Na verdade, a nova Ordem apelava ao fervor religioso e à valentia militar. A sua criação também resolveu outro problema, a falta de efetivos, pois agora existia uma presença constante de guerreiros fiéis.

Por volta de 1128 a Ordem já se havia expandido, e contava com o apoio político dos mais poderosos. Os príncipes europeus e os prelados eram frequentes doadores de terras, dinheiro e materiais. O papa acabou por reconhecer a Ordem e em pouco tempo os Cavaleiros Templários passaram a ser a única força armada permanente na Terra Santa.

Obedeciam a uma Regra rígida que continha seiscentas e oitenta e seis leis nas quais se estipulava a proibição de caçar e de jogar. Só lhes era permitido falar quando necessário e não podiam rir. A ornamentação também não era permitida. Dormiam com as luzes acesas e vestidos, prontos para o combate.

O grão-mestre era o senhor absoluto. Depois dele vinha o senescal que detinha funções de conselheiro e deputado. Os marechais comandavam as tropas durante as batalhas. Os servos eram os artífices, trabalhadores e criados que apoiavam os cavaleiros e formavam a espinha dorsal da Ordem. Um decreto papal de 1148 dispõe que cada cavaleiro deverá usar uma cruz vermelha de quatro pontas iguais sobre um manto branco. Os templários foram o primeiro exército disciplinado, equipado e regulamentado desde o

tempo dos romanos. Os cavaleiros da Ordem participaram em todas as cruzadas subsequentes, sendo os primeiros nas linhas da frente e os últimos a retirar, não podendo nunca ser libertados mediante o pagamento de resgate. Acreditavam que servir a Ordem era uma forma de garantir o descanso eterno no Céu e, durante mais de duzentos anos de lutas constantes, vinte mil templários conquistaram o seu objetivo ao morrerem em combate.

Em 1139, a bula papal colocou a Ordem sob o controlo exclusivo do papa, o que permitiu que esta funcionasse independente de todo e qualquer monarca. Era uma atitude sem precedentes e, à medida que os templários ganhavam influência política e económica, foram acumulando enormes reservas de riqueza. Tanto reis como patriarcas deixavam-lhes largas somas nos seus testamentos. Também faziam empréstimos a mercadores e barões sob a promessa de que as suas casas, terras, vinhas e jardins seriam doados à Ordem após a sua morte. Aos peregrinos garantiam segurança nas viagens para a Terra Santa a troco de generosos donativos. Por volta do início do século XIV, os templários rivalizavam com os genoveses, os lombardos e até os judeus, enquanto detentores e controladores de riqueza. Os reis de França e de Inglaterra mantinham os seus tesouros guardados nos cofres da Ordem e até os muçulmanos obtinham empréstimos junto deles.

O Templo de Paris transformou-se no centro do mercado mundial de valores. A organização evoluiu lentamente para um complexo financeiro e militar, autossuficiente e autorregulador. Não tardou que as propriedades dos templários, cerca de nove mil herdades, gozassem de isenção do pagamento de impostos e esse privilégio deu origem a conflitos com os cleros locais, pois as suas igrejas sofriam enquanto os templários prosperavam. A competição com as outras ordens, em particular com os Cavaleiros Hospitalários, agudizou ainda mais as tensões.

Durante os séculos XII e XIII, o controlo da Terra Santa alternou entre Cristãos e Árabes. A ascensão de Saladino como líder dos Muçulmanos deu aos Árabes o seu primeiro grande chefe militar e, em 1187, tem lugar a tomada de Jerusalém que põe fim à ocupação cristã da cidade. No caos subsequente, os templários confinaram as suas atividades a Acre, uma fortaleza nas costas do Mediterrâneo. Nos cem anos seguintes, o seu poderio na Terra Santa foi definhando, ao contrário do que acontecia na Europa, onde a Ordem florescia a cada dia, graças a uma extensa rede de igrejas, abadias e propriedades. Quando Acre caiu em 1291, a Ordem perdeu a sua última base na Terra Santa e a razão de existir.

O seu constante secretismo, que a distinguiu inicialmente, acabou por encorajar a calúnia. Em 1307, Filipe IV de França, cobiçando as vastas riquezas dos templários, mandou prender grande parte dos irmãos. E muitos outros monarcas fizeram o mesmo. Seguiram-se sete anos de acusações e julgamentos. Em 1312, Clemente V dissolveu formalmente a Ordem. A última estocada chegaria a 18 de Março de 1314 quando o último grão-mestre, Jacques de Molay, foi queimado na estaca.

Malone continuou a ler. Havia qualquer coisa que o perturbava. Algo que lera quando folheara o livro pela primeira vez há semanas. Ao avançar pelas páginas, ficou a saber como, antes da sua extinção em 1307, a Ordem se tornara perita em navegação, criação de animais, agricultura e, mais importante que tudo, finanças. Enquanto a Igreja proibia experiências científicas, os templários aprendiam com os seus inimigos, os Árabes, cuja cultura encorajava o pensamento livre. Os templários também esconderam grande parte dos seus bens, tal como os bancos modernos espalham a riqueza por vários cofres. Havia até um poema francês citado no livro e que descrevia de forma concisa e brilhante a opulência e consequente ruína e desaparecimento dos templários:

Os irmãos, os mestres do Templo, Que tantas riquezas possuíam:
Ouro e prata e terras.
Onde estão agora? Como conseguiram?
Era seu o poder e ninguém ousava tirar-lhes a riqueza acumulada;
Tudo compravam, nada vendiam.

A História não tratara bem a Ordem. Embora tenham prendido a imaginação de poetas e romancistas — os Cavaleiros do Graal em *Parsifal* eram templários, tal como os demoníacos anti-heróis em *Ivanhoe* —, à medida que as cruzadas começaram a ganhar o rótulo de agressão e imperialismo europeu, os templários tornaram-se parte integrante do seu fanatismo violento.

Malone continuou a avançar pelo livro até que encontrou a passagem que se recordava de ter lido da primeira vez. Sabia que estava ali. A sua memória nunca falhava. As palavras descreviam como, no campo de batalha, os templários exibiam sempre um estandarte vertical dividido em duas partes: uma preta, que representava o pecado que os irmãos cavaleiros haviam deixado para trás, e a outra branca, que simbolizava a sua nova vida na Ordem. A legenda do estandarte estava escrita em francês. Traduzida, significava um estado nobre e glorioso. A palavra também era utilizada como grito de guerra da Ordem.

Beauséant. Sê glorioso.

Exatamente a mesma palavra que o homem da faca gritara ao saltar da Torre

Redonda. O que se estaria a passar?

Sentimentos antigos voltaram a agitar-se dentro de si. Os bons agentes eram simultaneamente inquisitivos e cautelosos. Esquecer qualquer um desses atributos podia significar uma potencial tragédia. Malone cometera esse erro uma vez, há anos, durante uma missão, e a sua impetuosidade custara a vida a um dos operacionais. Não seria a última pessoa por cuja morte se sentiria responsável, mas fora a primeira e jamais esquecera essa falta de atenção.

Stephanie estava em apuros. Disso não restava qualquer dúvida. Não valia a pena voltar a falar com ela, pois esta tinha-lhe dito que se mantivesse longe dos seus assuntos. Talvez Peter Hansen pudesse fornecer-lhe algumas informações.

Consultou o relógio. Já era tarde, mas Hansen também nunca se deitava cedo e ainda devia estar levantado. Se assim não fosse, acordá-lo-ia.

Colocou o livro de lado e dirigiu-se para a porta.

ONZE

Onde está o diário de Lars Nelle? — perguntou De Roquefort.

Ainda agarrado pelos dois homens, Peter Hansen fitou-o. De Roquefort sabia que em tempos Hansen conhecera Lars Nelle. Quando descobriu que Stephanie Nelle ia à Dinamarca para assistir ao leilão de Roskilde, presumiu que ela o contactaria. Fora por essa razão que falara primeiro com Hansen.

— De certeza que Stephanie Nelle lhe falou no diário do marido.

Hansen abanou a cabeça.

— Não, não me disse nada sobre isso.

— Quando Lars Nelle estava vivo, nunca lhe disse que mantinha um diário?

— Nunca.

— Tem consciência da sua situação, não tem? Nada do que eu queria aconteceu e, pior que tudo, desiludiu-me.

— Sei que Lars apontava tudo de modo muito meticuloso — revelou Hansen com resignação.

— Continue.

Hansen pareceu ganhar alguma confiança.

— Assim que me soltar.

De Roquefort permitiu-lhe aquela pequena vitória. Fez um sinal e os dois homens largaram-no. Hansen apressou-se a dar um gole na caneca de cerveja que tinha sobre a mesa.

— Lars escreveu muitos livros sobre Rennes-le-Château. As histórias sobre pergaminhos perdidos, geometrias escondidas e quebra-cabeças vendem sempre muito bem. — Hansen estava mais seguro de si. — Fez menção a todos os tesouros que conhecia. O ouro visigodo, as riquezas dos templários, os despojos dos cátaros. Ele costumava dizer: “Com um fio tece-se um tapete.”

De Roquefort sabia tudo sobre Rennes-le-Château, um pequeno povoado no Sul de França que existia desde o tempo dos Romanos. Na última metade do século XIX, um padre gastara largas somas de dinheiro a remodelar a igreja local. Décadas mais tarde começaram a circular rumores que afirmavam que o padre financiara as obras com um tesouro que descobrira. Lars Nelle soubera daquele intrigante povoado há trinta anos e escrevera um livro sobre a história, que viria a tornar-se um grande sucesso.

— Diga-me então o que estava escrito nesse caderno de apontamentos —

pediu De Roquefort. — Eram informações diferentes daquelas que Lars Nelle publicou nos seus livros?

— Já lhe disse que não sei nada sobre nenhum caderno de apontamentos. — Hansen deu outro gole na cerveja. — Mas conhecendo Lars, duvido que tenha revelado ao mundo tudo o que sabia.

— E o que escondia ele?

Nos lábios do dinamarquês esboçou-se um sorriso malicioso.

— Tenho a certeza que sabe. Mas garanto-lhe que eu não faço ideia. Sei apenas o que li nos livros que escreveu.

— Se eu fosse a si não presumia nada.

A expressão de Hansen não se alterou.

— Mas diga-me, o que torna o livro do leilão assim tão importante? Nem sequer aborda a temática de Rennes-le-Château.

— É a chave de tudo.

— Como pode um livro insignificante, escrito há mais de cento e cinquenta anos, ser a chave de tudo?

— Muitas vezes as coisas mais simples são as mais importantes.

Hansen alcançou o cigarro que ardia no cinzeiro.

— Lars era um homem estranho. Nunca o entendi. Estava completamente obcecado com a história de Rennes. Adorava aquele lugar. Até comprou lá uma casa. Fui lá uma vez. Lúgubre.

— Lars alguma vez lhe disse se tinha encontrado alguma coisa?

Hansen voltou a olhá-lo com um olhar desconfiado.

— Como o quê?

— Não se arme em esperto. Não estou com disposição para isso.

— Você deve saber alguma coisa, ou não estaria aqui. — Hansen dobrou-se para colocar o cigarro de volta no cinzeiro, mas as suas mãos seguiram em direção a uma gaveta da mesinha de apoio do interior da qual retirou uma arma. Um dos homens de De Roquefort deu um pontapé na mão de Hansen e este deixou cair a pistola.

— Isso não foi muito inteligente — comentou De Roquefort.

— Vá-se lixar! — exclamou Hansen, a esfregar a mão.

O rádio preso à cintura de De Roquefort deu sinal no seu ouvido e uma voz disse:

— Aproxima-se um homem. — Fez-se uma pausa. — É Malone e vem para a loja.

Não era uma visita esperada, mas talvez estivesse na hora de deixar uma

mensagem bem clara a Malone para que se mantivesse longe daquele assunto. Fez sinal aos seus dois subordinados e estes voltaram a agarrar Hansen pelos braços.

— A traição tem um preço — disse De Roquefort.

— Quem é você?

— Alguém com quem não deveria ter brincado. — De Roquefort fez o sinal da cruz. — Que o Senhor o acompanhe.

..*

Malone viu luz nas janelas do terceiro andar. A rua em frente à livraria de Hansen estava deserta. Havia apenas alguns carros estacionados, que desapareceriam pela manhã, altura em que os compradores voltavam a invadir aquela zona pedonal da Ströget.

O que dissera Stephanie quando estivera na livraria ao início da tarde? "O meu marido disse que o senhor era capaz de encontrar uma agulha num palheiro." Isso significava que Peter Hansen estava aparentemente relacionado com Lars Nelle e essa antiga sociedade explicaria a razão que levara Stephanie a procurar Hansen e não ele. Apesar disso, não explicava a infinidade de questões que lhe martelavam a cabeça.

Malone nunca conhecera Lars Nelle. O marido de Stephanie falecera um ano antes de ele se juntar ao Magellan Billet, altura em que ele e a sua chefe começavam a conhecer-se. Todavia, depois disso lera todos os livros de Nelle, que considerava uma mistura de história, factos, conjecturas e muitas coincidências. Lars era um conspirador internacional que sempre acreditara que a antiga província de França, conhecida como o Languedoc, albergava um grande tesouro. Era uma teoria compreensível, tendo em consideração que aquela zona sempre fora terra de trovadores, de castelos e cruzadas, e o local onde a lenda do Santo Graal começara. Infelizmente, o trabalho de Lars Nelle nunca gerara estudos sérios. Em vez disso, as suas teorias haviam chamado a atenção de escritores e realizadores independentes que desenvolveram a ideia original, propondo teorias que oscilavam entre extraterrestres, pilhagens romanas, e a essência oculta do próprio Cristianismo. Claro que nunca nada fora provado ou encontrado. No entanto, Malone estava certo que o turismo francês adorava todas aquelas especulações.

O livro que Stephanie tinha tentado adquirir no leilão de Roskilde intitulava-se Pierres Gravées du Languedoc, Pedras gravadas do Languedoc. Um título estranho para um tema ainda mais bizarro. Que importância poderia ter? Sabia que Stephanie nunca levara o trabalho do marido a sério e esse fora sempre o

grande problema do seu casamento e que acabara por levar a uma separação continental — Lars a viver em França e ela na América. Assim sendo, o que fazia ela na Dinamarca onze anos depois da sua morte? E por que razão havia terceiros tão interessados naquele assunto, a ponto de morrerem?

Continuou a andar e tentou organizar os pensamentos. Já sabia que Peter Hansen não ia ficar contente por o ver, por isso disse a si mesmo que deveria escolher as palavras com cuidado. Precisava de acalmar o idiota e arrancar-lhe o máximo de informações possível. Até pagaria por elas, se fosse necessário.

Algo rebentou numa das janelas do edifício de Hansen.

Malone olhou para cima ao mesmo tempo que um corpo, atirado de cabeça, deu uma volta no ar e aterrou sobre a capota de um dos carros estacionados na rua.

Correu em direção aos automóveis e viu Peter Hansen. Tomou-lhe o pulso. Estava fraco.

Miraculosamente, Hansen abriu os olhos.

— Consegue ouvir-me? — perguntou Malone.

Não obteve resposta.

Algo passou a assobiar perto da sua cabeça e o peito de Hansen elevou-se. Outro silvo e o crânio abriu-se, espirrando sangue para o seu casaco.

Malone voltou-se para trás.

Na janela partida, três andares mais acima, estava um homem com uma arma. O mesmo homem de casaco de cabedal que começara o tiroteio na catedral. Nos segundos que o atirador demorou a ajustar a mira, Malone procurou abrigo atrás do carro.

Seguiu-se uma chuva de balas.

O seu rebentar parecia abafado, como alguém a bater palmas. O homem estava a usar um silenciador. Uma das balas perfurou o tejadilho junto a Hansen e outra estilhaçou o para-brisas.

— Sr. Malone, este assunto não lhe diz respeito — gritou um homem lá de cima.

— Agora já diz.

Não ia ficar ali a debater o assunto. Agachou-se ainda mais e usou a fila de automóveis estacionados como escudo enquanto rastejava rua abaixo.

Os tiros continuavam a procurar caminho por entre metal e vidro.

Vinte metros mais à frente, arriscou olhar para o edifício de onde provinham os tiros. O homem já não estava à janela. Malone ergueu-se e desatou a correr, virando na primeira esquina. Contornou mais outra, tentando usar o labirinto de

ruas em sua vantagem e colocando cada vez mais edifícios entre si e os seus perseguidores. O sangue latejava-lhe nas têmporas e o coração batia apressado. Raios. Estava de volta à ação.

Parou por uns instantes para recuperar o fôlego.

Atrás de si aproximavam-se passos em corrida. Interrogou-se se os seus perseguidores conheceriam bem a Ströget. O melhor seria partir do pressuposto que sim. Virou outra esquina e ficou rodeado por mais lojas às escuras. A tensão acumulava-se-lhe no estômago. Começava a ficar sem opções. À sua frente ficava uma das muitas praças abertas da cidade com uma fonte ao centro. Todos os cafés que contornavam o perímetro fechavam durante a noite e não havia ninguém por ali perto. Os esconderijos começavam a escassear. Do outro lado da praça erguia-se uma igreja. Pelas janelas de vitral reparou numa luz difusa. Durante o Verão, as igrejas de Copenhaga ficavam abertas até à meia-noite. Precisava de um lugar onde se esconder, pelo menos durante um bocado, e correu em direção ao portal de mármore.

O trinco abriu. Malone empurrou a porta para dentro e depois fechou-a cuidadosamente, esperando que os seus perseguidores não se tivessem apercebido.

Pequenas luzes iluminavam o interior vazio. O altar e as estátuas projetavam sombras ameaçadoras por todo o lado. Malone procurou a escuridão junto ao altar e viu degraus e uma luz pálida oriunda do fundo das escadas. Desceu, sentindo o nervosismo crescer.

No fundo, um portão de ferro abria para um espaço aberto com três naves, tecto baixo e abobadado. Ao centro estavam dois sarcófagos de pedra com lajes de granito esculpidas. A única iluminação daquele lugar escuro provinha de uma pequena luz cor-de-âmbar junto a um pequeno altar. Parecia um bom lugar para se esconder. Não podia voltar para a loja. Por certo já saberiam onde ele morava. Pensou que o melhor seria acalmar-se, contudo estes segundos de descontração foram interrompidos pelo abrir de uma porta lá em cima. O seu olhar disparou para o tecto.

Duas pessoas caminhavam no piso de cima. Malone escondeu-se ainda mais na escuridão. A mente foi-lhe invadida por um pânico familiar, que reprimiu com um pouco de autocontrole. Precisava de algo que pudesse usar como arma de defesa e procurou na escuridão. Numa abside, a seis metros dali, reparou num candelabro de ferro. Pé ante pé avançou até lá.

O ornamento tinha cerca de um metro e meio de altura. Uma solitária vela erguia-se na ponta. Malone retirou a vela e avaliou o peso do ferro. Era pesado.

Com o castiçal na mão, esgueirou-se pela cripta e escondeu-se atrás de um pilar. Alguém começou a descer as escadas.

Malone espreitou para lá dos túmulos, por entre a escuridão. O seu corpo vibrava com uma energia que, no passado, sempre o ajudara a clarificar os pensamentos.

Ao fundo das escadas surgiu a silhueta de um homem. Na mão trazia uma arma com um silenciador acoplado ao cano. Malone segurou melhor o candelabro. O homem avançava na sua direção. Contou mentalmente até cinco, cerrou os dentes e balançou o candelabro. Apanhou o seu perseguidor em cheio no peito e lançou a sombra para cima de um dos túmulos.

Deitou o candelabro para o lado e esmurrou o queixo do homem. A pistola deslizou pelo chão. O seu atacante caiu.

Malone procurou a arma enquanto mais passos se aproximavam da cripta. Encontrou a pistola e colocou de imediato o dedo no gatilho.

O outro homem disparou dois tiros na sua direção.

Do tecto choveu pó, pois as balas encontraram apenas pedra. Malone mergulhou junto do pilar mais próximo e disparou também. Em resposta, escutou um tiro abafado que fez ricochete na parede atrás de si.

O segundo atacante tomou posição atrás de um dos túmulos.

Malone estava encurralado.

Entre si e a única saída estava um homem armado. O primeiro perseguidor começava a recuperar os sentidos, gemendo por causa dos golpes. Malone estava armado, mas as probabilidades estavam contra si.

Observou a câmara mal iluminada e preparou-se.

De súbito, o homem que se levantava do chão voltou a cair.

Passaram alguns segundos.

O silêncio era absoluto.

Do andar de cima ecoaram passos. Depois escutou a porta da igreja abrir-se e fechar. Não se mexeu. Aquela quietude era enervante. Perscrutou a escuridão. Não detetou movimento em lado nenhum.

Decidiu arriscar e abandonar o seu esconderijo. O primeiro atacante estava caído no chão e o outro homem encontrava-se igualmente deitado e inerte. Verificou se algum deles tinha pulsação. Era fraca em ambos. Foi então que reparou em algo num dos pescoços. Aproximou-se mais e retirou um pequeno dardo, na ponta do qual estava uma pequena agulha. O seu salvador tinha acesso a equipamento sofisticado. Os dois homens caídos no chão eram os mesmos que estavam à porta da casa leiloeira naquela tarde. Mas quem os teria atingido?

Voltou a agachar-se, retirou-lhes as armas e revistou-os. Nenhum deles trazia identificação. Um tinha um rádio por baixo do casaco. Malone tirou-lhe o aparelho, o auricular e o microfone.

— Está aí alguém? — disse para o microfone.

— Quem fala?

— É o mesmo homem que estava na catedral? Aquele que matou Peter Hansen?

— Sim e não.

Entendeu que ninguém iria revelar muita coisa em canal aberto, mas a mensagem fora clara.

— Os seus homens foram eliminados.

— Foi você?

— Gostava de ficar com os créditos, mas não. Quem é o senhor?

— Isso não é relevante para a nossa conversa.

— De que modo é que Peter Hansen era um empecilho para si? _ Detesto quem me engana.

— Isso é óbvio. No entanto, alguém apanhou os seus dois homens de surpresa. Não sei quem foi, mas gosto dele.

Não houve resposta. Esperou uns segundos e quando se preparava para falar, o rádio emitiu som.

— Se eu fosse a si, aproveitava a maré de sorte e voltava a dedicar-me exclusivamente à venda de livros.

O outro rádio desligou-se.

DOZE

ABBAYE DES FONTAINES
PIRENÉUS FRANCESES
23 H 30 M

O senescal acordou. Adormecera numa cadeira à beira da cama. Olhou de relance para o relógio que estava sobre a mesa-de-cabeceira e constatou que dormira cerca de uma hora. Depois desviou a atenção para o mestre. O som familiar da sua respiração arrastada desaparecera. Sob a luz pálida que banhava o interior da abadia, viu que o véu da morte se estendera sobre os olhos do grão-mestre.

Verificou se ainda tinha pulsação.

O mestre falecera.

A coragem abandonou-o quando se ajoelhou para rezar pelo amigo. O cancro vencera. A batalha terminara. Porém, outro conflito de diferentes proporções iria em breve começar. Pediu a Deus que aceitasse a alma do seu mestre no céu. Ninguém mais do que ele merecia a salvação. Tudo o que sabia, aprendera com o grão-mestre — os seus falhanços pessoais e solidão emocional tinham-no colocado há muito tempo sob a sua alçada. Aprendera depressa e tentara nunca o desapontar. “Os erros são tolerados desde que não se repitam”, dissera-lhe o mestre, e apenas uma vez, já que ele nunca se repetia.

Muitos dos irmãos encaravam essa diretriz como sinal de arrogância. Outros criticavam o que achavam ser uma atitude condescendente. Contudo, ninguém questionava a autoridade do mestre. O dever de qualquer irmão era obedecer.

As interrogações chegariam com a escolha de um novo mestre, o que teria lugar no dia seguinte.

Pela sexagésima sétima vez desde o Início, que remontava aos princípios do século XII, outro homem seria eleito grão-mestre. Todos haviam servido a Ordem até à morte. Alguns tinham até morrido no campo de batalha, mas esses dias de guerra aberta há muito que tinham terminado. Atualmente, as buscas eram mais subtis e os campos de batalha locais que os mestres nunca teriam imaginado. Os tribunais, a Internet, livros, revistas, jornais — eram meios que a Ordem patrulhava com regularidade, assegurando-se de que os seus segredos estavam a salvo e a sua existência incógnita. Todos os mestres, independentemente da sua aptidão, tinham conseguido manter esse objetivo.

Todavia, o senescal antevia que o próximo mandato seria bastante decisivo. Estava em preparação uma guerra interna, que o mestre agora falecido conseguira reprimir com uma capacidade única de adivinhar os passos dos seus inimigos.

No silêncio que o rodeava, a água corrente no exterior parecia mais próxima. Durante o Verão, ele e os irmãos costumavam ir até às quedas-d'água e desfrutar de um mergulho nas frias piscinas naturais, e ele ansiava por esses momentos de descontração. No entanto, sabia que nos próximos tempos não haveria lugar para tais descansos. Decidiu não informar a irmandade da morte do grão-mestre até às orações da hora de prima, que teriam lugar dali a cinco horas. No passado, ter-se-iam juntado todos ao soar da meia-noite para as matinas, mas esse ritual havia seguido o caminho de muitas outras regras. A Ordem era agora regida por um horário mais realista, que reconhecia a importância do sono, e orientado para a natureza prática do século XXI.

Sabia que ninguém entraria nos aposentos do mestre. Apenas ele, como senescal, detinha esse privilégio, em especial estando o grão-mestre doente. Assim, pegou no cobertor e tapou a cara do amigo.

A mente foi-lhe invadida por vários pensamentos e lutou para afastar a crescente tentação. A Regra apelava à disciplina e ele sentia-se orgulhoso por nunca ter cometido nenhuma violação. Todavia, naquele momento havia umas quantas a chamar por si. Havia pensado nelas todo o dia enquanto velava o seu amigo. Se a morte tivesse reclamado o grão-mestre enquanto a abadia fervilhava de vida, teria sido impossível realizar aquilo que agora contemplava. Contudo, àquela hora tinha livre-trânsito e, dependendo do que acontecesse nos próximos dias, aquela podia bem ser a sua única oportunidade.

Desse modo, puxou o cobertor para trás e abriu as vestes azuis do mestre, expondo-lhe o peito. A corrente estava lá, exatamente onde deveria estar, e ele passou os elos de ouro pela cabeça.

Na ponta do fio balançava uma chave de prata.

— Perdoe-me — murmurou, enquanto voltava a tapá-lo com o cobertor.

Atravessou o quarto e dirigiu-se a um armário renascentista escurecido após incontáveis camadas de cera. No seu interior, encontrava-se uma caixa de bronze decorada com um brasão de prata. Apenas o senescal tinha conhecimento da sua existência e vira o mestre abri-la muitas vezes, embora nunca tivesse visto o que continha. Levou a caixa até à escrivaninha, inseriu a chave na fechadura e uma vez mais implorou por perdão.

Procurava um livro com capa de pele que o mestre guardara durante anos.

Sabia que estava guardado na caixa — o mestre colocara-o lá na sua presença —, mas quando abriu a tampa viu apenas um rosário, alguns papéis e um missal. O livro não estava lá.

O seu medo era agora uma realidade. Onde antes existiam apenas suspeitas, havia agora certezas.

Guardou a caixa no armário e saiu do quarto.

A abadia era um labirinto de alas, cada uma acrescentada num século diferente, cuja arquitetura dava origem a um edifício complexo que albergava agora cerca de quatrocentos irmãos. Incluía uma capela, um pátio com claustros, oficinas, escritórios, um ginásio, salas comuns para higiene, refeições, entretenimento, uma casa do capítulo, uma sacristia, um refeitório, salões, uma enfermaria e uma biblioteca monstruosa. Os aposentos do grão-mestre situavam-se numa ala construída originalmente no século XV, com vista para precipícios rochosos sobre um vale estreito. Os alojamentos dos irmãos situavam-se ali perto e o senescal atravessou um portal em arco que levava ao dormitório, onde as luzes permaneciam acesas a Regra não permitia que os aposentos ficassem totalmente às escuras. Não se apercebeu de nenhum movimento e não ouviu barulho, com exceção de um ressonar intermitente. Séculos atrás, estaria um guarda à porta e ele interrogou-se se esse costume não teria de ser reativado nos próximos tempos.

Atravessou a larga passagem, seguindo o tapete que cobria as pedras do chão. O corredor era ladeado por quadros, estátuas e monumentos sobre o passado da abadia. Ao contrário de outros mosteiros dos Pirenéus, aquele não fora vítima das pilhagens que tinham ocorrido durante a Revolução Francesa, por isso a sua arte e a sua mensagem tinham sobrevivido.

Encontrou a escadaria principal e desceu até ao piso térreo. Atravessou mais corredores, passou por áreas onde os visitantes aprendiam o modo de vida monástico. Não havia muitos convidados, alguns milhares por ano, as receitas apenas um modesto suplemento para as despesas anuais de manutenção, mas as visitas eram as suficientes para ser necessário garantir a privacidade dos irmãos.

A entrada que procurava ficava no fim de outro corredor do rés-do-chão. A porta, decorada com ferro trabalhado, estava aberta, como sempre.

Entrou na biblioteca.

Poucas coleções podiam gabar-se de nunca terem sido mexidas, porém os incontáveis volumes que o rodeavam permaneciam intactos há sete séculos. Tudo começara com apenas alguns livros, depois a coleção crescera graças a ofertas, doações, compras e, no Início, devido à produção própria de escribas que

trabalhavam dia e noite. Os temas eram variados, com ênfase em teologia, filosofia, lógica, história, leis, ciência e música. A frase latina gravada por cima da porta principal não podia ser mais adequada. CLAUSTRUM SINE ARMARIO EST QUASI CASTRUM SINE ARMENTARIO. Um mosteiro sem biblioteca é como um castelo sem depósito de armas.

Parou e ficou à escuta.

Não estava ninguém por perto.

A segurança não era um problema, pois oitocentos anos de Regra tinham sido mais do que suficientes para garantir o amparo da coleção. Nenhum irmão se atreveria a entrar sem permissão. Contudo, ele não era um simples irmão. Ele era o senescal. Pelo menos, durante mais um dia.

Movimentou-se por entre as estantes até ao extremo da enorme sala e parou junto a uma porta de metal preta. Passou o cartão pela ranhura do identificador colocado na parede. Apenas o mestre, o arquivista e ele possuíam cartões. O acesso aos volumes guardados atrás daquela porta era obtido apenas com a autorização direta do grão-mestre. Até o arquivista tinha de pedir autorização antes de entrar. No interior daquela sala encontrava-se uma enorme variedade de livros valiosos, mapas antigos, documentos de propriedade, um registo dos membros e, mais importante, as Crónicas que continham a narrativa histórica de toda a existência da Ordem. Do mesmo modo que uma ata registava as ações do Parlamento britânico ou do Congresso americano, as Crónicas detalhavam os sucessos e os fracassos da Ordem. Os registos escritos eram ainda guardados, muitos com capas quebradiças e fivelas de bronze, cada um parecendo uma pequena arca. Todavia, grande parte da informação fora já digitalizada e inserida em computador, tornando simples a consulta eletrônica de registos com novecentos anos.

Entrou e deambulou por entre as estantes até encontrar o códice que permanecia no seu lugar habitual. O pequeno volume media vinte centímetros por doze e dois centímetros de espessura e as suas páginas eram encadernadas a couro cru, que recobria placas de madeira muito leve. Encontrara-o há dois anos. Não era ainda um livro, mas um seu antepassado, uma primeira tentativa que veio substituir os pergaminhos e permitiu que os textos passassem a ser escritos em ambos os lados de uma folha.

Abriu cuidadosamente a capa.

Não havia página de rosto. O texto latino aparecia emoldurado por uma iluminura em tons de vermelho, verde e dourado. Descobrira que o livro fora copiado no século XV por um dos copistas da abadia. A grande maioria dos

códices antigos fora destruída, as suas folhas utilizadas noutros livros ou como combustível para as lareiras. Graças a Deus aquele tinha sobrevivido. A informação que continha era inestimável. Nunca revelara a ninguém o que descobrira no interior do códice, nem mesmo ao seu mestre, e uma vez que poderia necessitar dessa informação e não existia melhor altura do que a presente, colocou o livro no interior da sotaina.

Avançou até ao corredor seguinte e encontrou outro volume, também escrito à mão, mas no último quartel do século XIX. Não era um livro escrito para leitores, era antes um registo pessoal. Como poderia também vir a precisar dele, colocou-o junto do outro.

Depois de terminada a missão, abandonou a biblioteca, sabendo que o computador que controlava a porta de segurança registara a hora da sua visita. As tiras magnéticas colocadas em cada um dos livros iriam revelar que ambos haviam sido retirados. Uma vez que não existia outra saída que não fosse pelas portas de segurança e retirar as faixas poderia danificar os livros, não tinha outra escolha. Só poderia esperar que, na confusão dos dias que estavam por vir, ninguém se lembrasse de ir examinar os registos do computador.

A Regra era clara.

O roubo de propriedade da Ordem era punido com a expulsão.

Porém, esse era um risco que ele estava disposto a correr.

TREZE

23 H 50 M

Malone resolveu não arriscar e saiu da igreja por uma porta traseira, atrás da sacristia. Não podia perder tempo com os dois homens inconscientes. Naquele momento era mais importante ir ter com Stephanie e que se lixasse o seu feitio intratável. Era óbvio que o homem da catedral, o que matara Peter Hansen, tinha os seus próprios problemas. Alguém eliminara os seus dois cúmplices. Malone não fazia ideia de quem seria ou porque o teria feito, mas estava agradecido, pois escapar daquela cripta teria sido uma tarefa quase impossível. Voltou a admoestar-se por se ter envolvido, porém agora era demasiado tarde para se desligar de tudo. Estava metido naquilo quer gostasse quer não.

Fez um percurso circular para sair da Ströget e dirigiu-se para Kongens Nytorv, uma típica e movimentada praça citadina rodeada por edifícios imponentes. Os seus sentidos estavam em alerta máximo e manteve-se atento para o caso de estar a ser seguido, mas ninguém o perseguia. Àquela hora tardia o trânsito na praça era quase inexistente. Nyhavn, do outro lado do extremo leste da praça, com o seu passeio marítimo ladeado por coloridas casas triangulares, continuava a albergar restaurantes e esplanadas que vibravam com música.

Estugou o passo em direção ao Hotel d'Angleterre. A imponente estrutura de sete andares estava virada para o mar e ocupava todo o quarteirão. O elegante edifício datava do século XVIII e os seus quartos tinham hospedado reis, imperadores e presidentes.

Entrou no átrio e passou pela recepção. Do salão principal escapava-se uma melodia suave. Uma fila de telefones repousava sobre um balcão de mármore e Malone utilizou um para ligar para o quarto de Stephanie Nelle. O telefone tocou três vezes antes de ela atender.

— Acorde — disse ele.

— Tem problemas de compreensão, não é, Cotton? — A voz encerrava o mesmo tom de desagrado que escutara em Roskilde.

— Peter Hansen está morto.

Fez-se silêncio.

— Estou no quarto seiscentos e dez.

..*

Entrou no quarto. Stephanie vestia um dos roupões azuis do hotel. Contou-lhe

tudo o que acabara de se passar. Ela ouviu em silêncio, tal como há anos quando ele fazia os relatórios das missões. Todavia, notou uma ligeira expressão de derrota, que ele esperava ser indicadora de uma mudança de atitude.

— E agora vai deixar-me ajudá-la? — perguntou Malone.

Ela estudou-o com um olhar que, notara com frequência, mudava de cor conforme o seu humor. Em alguns aspectos, recordava-lhe a mãe, embora Stephanie fosse apenas uma dúzia de anos mais velha do que ele. Não apreciava cometer erros e detestava que lhos apontassem. O seu talento encontrava-se não na recolha de informações, mas na sua análise e avaliação. Era uma organizadora meticulosa que elaborava planos com a argúcia de um leopardo. Já muitas vezes a observara a tomar decisões difíceis sem hesitar — tanto procuradores-gerais como presidentes confiavam na sua cabeça fria — e questionou-se sobre a atual situação em que ela se encontrava e o estranho efeito que esta parecia ter sobre a sua habitual capacidade de julgamento.

— Levei-os até Hansen — murmurou ela. — Na catedral. Não o desmenti quando insinuou que Hansen poderia ter o diário de Lars.

— Depois contou-lhe a conversa que haviam tido.

— Descreva-o. — Depois de ela o ter feito, Malone disse: — É o mesmo homem que começou o tiroteio e aquele que matou Hansen.

— O suicida da Torre Redonda trabalhava para ele. O objetivo era roubar a minha mala que continha o diário de Lars.

— E depois ele vai assistir ao mesmo leilão, sabendo que você estaria lá. Quem mais sabia que ia?

— Somente Hansen. O departamento sabe apenas que estou de férias e que só me devem incomodar em caso de catástrofe.

— Como ficou a saber do leilão?

— Há três semanas recebi um pacote enviado de Avinhão, em França. Lá dentro estava um papel e o diário de Lars. — Fez uma pausa. — Já não via aquele caderno há anos.

Malone sabia que se tratava de um assunto proibido. Lars Nelle decidira pôr fim à própria vida há onze anos. Fora encontrado enforcado numa ponte no Sul de França, com um papel no bolso que dizia apenas ABRAÇOS, STEPHANIE. Para um académico que escrevera tantos livros, aquela simples despedida quase parecia um insulto. Embora naquela altura ela e o marido estivessem separados, Stephanie aceitou com muita dificuldade aquela perda. Malone recordava-se de como os primeiros meses após a morte de Lars tinham sido difíceis para ela. Nunca tinham falado daquele assunto e só o facto de ela estar a mencioná-lo já

era extraordinário.

— E que registava ele nesse diário? — questionou ele.

— Lars estava fascinado com os segredos de Rennes-le-Château.

— Eu sei. Li os livros que escreveu.

— Nunca me disse.

— Nunca perguntou.

Ela pareceu notar a irritação dele. Havia muita coisa a acontecer e nenhum deles tinha tempo para conversas de circunstância.

— Lars passou a vida a explorar teorias sobre o que podia ou não estar escondido em Rennes-le-Château — explicou ela. — No entanto, a maioria dos seus pensamentos mais íntimos e privados estava guardada no diário, que o acompanhou toda a vida. Depois da sua morte, pensei que Mark o tivesse feito.

Esse era outro assunto tabu. Mark Nelle fora um estudante de História Medieval em Oxford que ensinava na Universidade de Toulouse, no Sul de França. Há cinco anos, perdera-se nos Pirenéus devido a uma avalancha e o seu corpo nunca fora encontrado. Malone sabia que a tragédia fora acentuada pelo facto de Stephanie e o filho nunca terem tido um relacionamento muito próximo. Havia muita hostilidade no seio da família Nelle, mas nada disso era da sua conta.

— Aquele maldito diário era como um fantasma que voltava para me assombrar — continuou ela. — Lá estava a caligrafia de Lars. O papel informava sobre o leilão e sobre a disponibilidade do livro. Recordo-me de Lars falar dele e havia referências no diário, por isso vim comprá-lo.

— E não lhe disparou nenhum alarme dentro da cabeça?

— Por que haveria? O meu marido não estava envolvido no mesmo tipo de trabalho que eu. Como poderia eu saber que haveria pessoas dispostas a matar pelo livro?

— O homem que saltou da Torre Redonda era um bom indício. Deveria ter vindo falar comigo nessa altura.

— Preciso de fazer isto sozinha.

— Fazer o quê?

— Não sei, Cotton.

— E por que razão é o livro tão importante? Ao que sei, não passa de um relato sem importância. Ninguém esperava que fosse vendido por tanto dinheiro.

— Não faço ideia. — A voz dela voltou a soar irritada. — A sério que não sei. Há duas semanas, peguei no diário de Lars e li-o e tenho de admitir que fiquei fascinada. Não me orgulho de revelar que nunca lera nenhum dos seus livros.

Quando os li, senti-me péssima em relação à minha atitude para com ele. Onze anos podem mudar muita coisa e acrescentar outra perspectiva às coisas.

— E o que planeava fazer?

Stephanie encolheu os ombros.

— Não sei. Comprar o livro, lê-lo e depois logo via. Já que estava na Europa, também pensei ir a França e passar alguns dias na casa de Lars. Já há muito tempo que não vou lá.

Aparentemente, ela estava a tentar apaziguar os seus demónios, mas havia que pensar na realidade.

— Precisa de ajuda, Stephanie. Alguma coisa se passa e eu estou habituado a lidar com estas situações.

— Não tem uma livraria para gerir?

— Os meus empregados podem tomar conta de tudo durante uns dias.

Ela hesitou, parecendo considerar a sua oferta.

— Você era o meu melhor agente. Continuo furiosa por se ter vindo embora.

— Fiz o que tinha de fazer.

Stephanie abanou a cabeça.

— E saber que me trocou por Henrik Thorvaldsen...

O ano passado, quando se demitiu e lhe falou sobre os seus planos de ir viver para Copenhaga, ela ficara satisfeita por ele até saber do envolvimento de Thorvaldsen. Como era seu costume, nunca dava explicações e Malone sabia que não devia perguntar.

— Tenho mais más notícias para lhe dar — anunciou ele. — Sabe a pessoa que arrematou o livro? Ao telefone? Foi Henrik.

Ela olhou-o com desdém.

— Estava a trabalhar com Peter Hansen — explicou.

— Como chegou a essa conclusão?

Malone contou-lhe o que descobrira na casa leiloeira e o que o homem da catedral lhe dissera pelo rádio. Detesto quem me engana.

— Aparentemente, Hansen estava a trabalhar para os dois e essa traição saiu-lhe cara.

— Não se importa de sair? — pediu ela.

— Foi por isso que vim. A senhora e Henrik têm de falar, mas precisamos de sair daqui com cuidado. Aqueles homens podem muito bem estar lá fora, à espera.

— Eu visto-me num instante.

Malone dirigiu-se para a porta.

— Onde está o diário de Lars? — perguntou.

Ela apontou para o cofre do quarto.

— Traga-o.

— Acha sensato?

— A Polícia vai encontrar o corpo de Hansen e não irá demorar muito até ligar todas as pistas. Precisamos de estar preparados para desaparecer.

— Deixe a Polícia comigo.

Malone fitou-a.

— Washington ajudou-a no caso de Roskilde porque não fazem ideia do que anda a fazer. Neste momento, tenho a certeza que alguém do Departamento de Justiça está a tentar descobrir. Detesta perguntas e não pode dizer ao procurador-geral para ir pentear macacos quando ele telefonar. Ainda não faço ideia do que está a fazer, mas digo-lhe uma coisa, não vai querer falar sobre isso. Aconselho-a a fazer as malas.

— Não tinha saudades dessa arrogância.

— E a sua personalidade encantadora também não me fez muita falta. Não pode, ao menos uma vez na vida, fazer o que lhe peço? Agir no terreno é difícil, mesmo quando não se faz asneiras. — Não preciso que me lembre disso.

— Claro que precisa.

E saiu do quarto.

CATORZE

SEXTA-FEIRA, 23 DE JUNHO
1 H 30 M

Malone e Stephanie saíram de Copenhaga pela autoestrada 152. Apesar de ter já conduzido do Rio de Janeiro para Petrópolis e percorrido a estrada junto ao mar entre Nápoles e Amalfi, Malone acreditava que a via a norte de Helsingör, ao longo da costa rochosa a leste da Dinamarca, era sem dúvida a mais bonita das estradas litorais. As aldeias piscatórias, os bosques de faias, as casas de Verão e o extenso Öresund criavam um esplendor eterno. O tempo era o típico do país. A chuva abatia-se sobre o para-brisas, sacudida por um vento torrencial. Depois de passar por uma pequena estância de Verão, a autoestrada virava para o interior, para uma zona florestada. Atravessando um portão aberto, Malone seguiu um caminho coberto de erva e parou num pátio empedrado. A casa que se erguia mesmo em frente era um exemplo genuíno do barroco dinamarquês — três pisos construídos em tijolo e arenito, cobertos por um gracioso e arredondado telhado de cobre. Uma das alas estava voltada para o interior e a outra para o mar.

Malone conhecia bem a sua história. Chamada Christiangate, a casa fora erigida há trezentos anos por um membro inteligente da família Thorvaldsen, que se lembrara de converter turfa em combustível para produzir porcelana. Em 1800, a rainha da Dinamarca elevara a vidraria a fornecedor real e a Adelgate Glasvaerker, com o seu símbolo composto por dois círculos com uma linha por baixo, ainda era uma das mais importantes na Dinamarca e na Europa. O atual líder do conglomerado era o patriarca da família, Henrik Thorvaldsen.

Um criado veio abrir-lhes a porta e não pareceu surpreendido por vê-lo, o que era um facto no mínimo estranho, tendo em conta que já passava da meia-noite e Thorvaldsen levava uma vida solitária. Foram conduzidos até uma sala na qual as vigas de carvalho, as armaduras e os retratos a óleo transmitiam a opulência de uma linhagem nobre. Uma mesa comprida dominava o salão principal. Segundo o próprio Thorvaldsen teria cerca de quatrocentos anos e o seu acabamento brilhante era fruto de séculos de uso dedicado. O dono da casa estava sentado a uma das pontas, com um bolo de laranja e um fumegante samovar à frente.

— Entrem, por favor. Sentem-se.

Thorvaldsen levantou-se da cadeira com visível dificuldade e sorriu-lhes. A sua corcunda parecia disfarçada pela larga camisola que vestia. Malone notou um ligeiro brilho nos olhos cinzentos. O seu amigo devia ter alguma na manga.

— Estava tão seguro que viríamos que mandou fazer um bolo? — perguntou Malone, e apontou para a mesa.

— Não tinha a certeza se ambos fariam a viagem, mas sei que você faria.

— Porquê?

— Assim que descobri que esteve no leilão, sabia que era apenas uma questão de tempo até estar a par do meu envolvimento.

Stephanie deu um passo em frente.

— Quero o meu livro.

Thorvaldsen fitou-a.

— Nem sequer boa noite ou muito prazer em conhecê-lo? Apenas "Quero o meu livro".

— Não gosto de si.

O dono da casa retomou o seu lugar na ponta da mesa. Malone achou o bolo com bom aspecto e resolveu sentar-se e cortar uma fatia.

— Não gosta de mim? Que estranho, tendo em conta que não me conhece.

— Conheço-o, sim.

— Isso significa que o Magellan Billet tem um ficheiro a meu respeito?

— O seu nome aparece nos lugares mais estranhos. Chamamos-lhe pessoa de interesse internacional.

A face de Thorvaldsen contorceu-se "como se estivesse a sofrer" uma dor agonizante.

— Acham que sou um terrorista ou um criminoso?

— Qual dos dois é?

O dinamarquês olhou-a com uma súbita curiosidade.

— Fiquei a saber que possui o génio necessário para conceber grandes planos e a diligência para os colocar em prática. No entanto, com tantas capacidades, falhou redondamente como mãe e como esposa.

Os olhos de Stephanie encheram-se de indignação.

— Não sabe nada a meu respeito.

— Sei que a senhora e Lars já não viviam juntos há anos, antes de ele morrer. Sei que tinham opiniões diferentes sobre muitos assuntos e sei que não tinha um relacionamento muito íntimo com o seu filho.

Stephanie corou de raiva.

— Vá-se lixar!

Thorvaldsen pareceu imperturbado pela resposta.

— Está enganada, Stephanie.

— Sobre o quê?

— Muitas coisas. E está na altura de conhecer a verdade.

..*

De Roquefort encontrou a casa senhorial precisamente no local indicado pela informação que pedira. Assim que descobrira quem estava a trabalhar com Peter Hansen para comprar o livro, o seu tenente demorara apenas meia hora a compilar um ficheiro. Agora que estava a olhar para a casa de Henrik Thorvaldsen tudo fazia sentido.

O dinamarquês era um dos cidadãos mais ricos do país, com raízes familiares que chegavam aos Viquingues. Os seus bens empresariais eram impressionantes. Para além da Adelgate Glasvaerker, detinha interesses em bancos ingleses, em minas polacas, em fábricas alemãs e nos transportes europeus. Num continente onde o dinheiro de família valia milhares de milhões, Thorvaldsen estava no topo da lista dos mais ricos. Era um homem estranho que quase nunca saía de casa. As suas contribuições para a caridade eram sobejamente famosas, em especial para os sobreviventes do Holocausto, para organizações anticomunistas e de auxílio médico internacional.

Tinha sessenta e dois anos de idade e mantinha relações de amizade com a família real dinamarquesa, em especial com a rainha. A esposa e filho tinham ambos falecido, a primeira com cancro e o filho morto a tiro no ano anterior enquanto se encontrava ao serviço da Embaixada da Dinamarca na Cidade do México. O homem que abatera um dos atiradores era um agente e advogado americano de nome Cotton Malone. Existia até uma ligação a Lars Nelle, embora não muito favorável, pois Thorvaldsen fizera alguns comentários públicos pouco elogiosos sobre as teorias de Nelle. Um episódio menos digno que tivera lugar há quinze anos na Bibliothèque Sainte-Geneviève em Paris, em que os dois se haviam envolvido numa disputa verbal que acabara nos jornais franceses. Tudo isso podia explicar a razão por que Henrik Thorvaldsen se interessara pela oferta de Peter Hansen, mas não explicava tudo.

Precisava de saber a história completa.

O vento frio do mar continuava a soprar forte e a chuva transformara-se em nevoeiro. Dois dos acólitos estavam a seu lado e os outros dois permaneciam no carro, estacionado longe da propriedade, ainda meio atordoados pela droga que lhes fora administrada. Continuava sem saber quem interferira nos seus planos. Não pressentira que estivesse a ser seguido, mas alguém tinha habilmente

seguido os seus passos. Alguém com recursos suficientes para utilizar dardos tranquilizadores.

Mas uma coisa de cada vez. Avançou pelo pátio até uma fila de sebes que se erguiam frente à elegante casa. Havia luz numa sala do piso térreo que, durante o dia, devia ter uma vista magnífica para o mar. Não se apercebera de guardas, cães ou de qualquer sistema de alarme. Era curioso, mas não inédito.

Aproximou-se da janela iluminada. Avistara um carro estacionado na entrada e interrogara-se se a sua sorte estaria prestes a mudar. Espreitou com cuidado e viu Stephanie Nelle e Cotton Malone a conversarem com o velho homem.

Sorriu. A sua sorte estava de facto a mudar.

Fez sinal e um dos seus homens entregou-lhe um estojo de nylon. Abriu-o e retirou um microfone. Com extremo cuidado, colou-o ao vidro molhado. Com o moderno receptor que se encontrava no interior do estojo, poderia escutar cada palavra.

Colocou um auscultador minúsculo no ouvido.

Antes de os matar, precisava de saber o que diziam.

— Sente-se — pediu Thorvaldsen.

— É muito gentil, Herr Thorvaldsen, mas prefiro ficar de pé — retorquiu Stephanie com desdém.

O dinamarquês estendeu a mão para o samovar e encheu a sua chávena.

— Sugiro que me chame tudo menos Herr. — Pousou o samovar sobre a mesa. — Detesto tudo o que seja alemão.

Malone observou a reação de Stephanie àquele pedido. Sendo considerado “pessoa de interesse” pelos ficheiros do departamento, por certo que ela saberia que os avós, tios, tias e primos de Thorvaldsen tinham todos sido vítimas da ocupação nazi da

Dinamarca. Apesar disso, esperava que ela retaliasse, mas a sua expressão acalmou.

— Chamar-lhe-ei Henrik, então.

Ele deitou um cubo de açúcar na chávena e mexeu o café.

— Aprendi há muito tempo que tudo se pode resolver enquanto se toma uma chávena de café. Qualquer pessoa lhe dirá mais sobre a sua vida privada após ter apreciado um bom café, do que depois de uma taça de champanhe ou de um cálice de vinho do Porto.

Malone sabia que Thorvaldsen gostava de acalmar os seus ouvintes com conversa de circunstância enquanto avaliava a situação. O dinamarquês deu um gole na chávena fumegante.

— Como disse, Stephanie, chegou a altura de saber a verdade.

Ela aproximou-se da mesa e sentou-se frente a Malone.

— Faz favor, esteja à vontade para destruir todas as minhas ideias a seu respeito.

— E quais são elas?

— Podia estar aqui horas a descrevê-las, mas digo-lhe os tópicos mais importantes. Há três anos esteve ligado a uma organização criminosa de ladrões de arte com ligações a radicais israelitas. O ano passado interferiu nas eleições nacionais alemãs ao financiar ilegalmente alguns candidatos. Por alguma razão, tanto os alemães como os israelitas resolveram não apresentar queixa.

Thorvaldsen fez um gesto impaciente de concordância.

— Culpado em ambos os casos. Essas "ligações a radicais israelitas", como lhes chama, são colonos que acham que as suas casas não devem ser destruídas por um governo israelita corrupto. Para ajudar a sua causa, providenciámos fundos oriundos de árabes abastados que traficavam arte roubada. As peças foram simplesmente roubadas aos ladrões. Talvez os seus ficheiros digam que as peças de arte foram entregues aos devidos donos.

— Por um preço.

— Que qualquer investigador de arte privado também cobraria. Apenas canalizámos o dinheiro obtido para causas mais nobres. Acho que há uma certa justiça nisso. E em relação às eleições

alemãs... Bem, financiei vários candidatos que enfrentavam uma forte oposição da direita radical. Com a minha ajuda, todos ganharam. Não vejo razão para deixar que o fascismo volte a ganhar posição.

— O senhor cometeu uma ilegalidade que levantou imensos problemas.

— O que eu fiz foi resolver um problema, o que é bem mais do que os americanos fizeram.

Stephanie não parecia impressionada.

— O que faz metido nos meus assuntos?

— E de que forma é que isto é assunto seu?

— Diz respeito ao trabalho do meu marido.

A expressão de Thorvaldsen tornou-se mais severa.

— Não me recordo que tivesse mostrado qualquer interesse pelo trabalho de Lars quando ele era vivo.

Malone reparou na crítica subjacente às palavras "não me recordo", que sugeriam também algum conhecimento passado em relação a Lars Nelle. Estranhamente, Stephanie parecia não estar a ouvir com atenção.

— Não pretendo discutir a minha vida privada consigo. Diga-me apenas o que o levou a comprar o livro.

— Peter Hansen informou-me do seu interesse. Também me disse que havia outro homem que pretendia que a senhora ficasse com o livro, mas não sem que antes essa pessoa fizesse uma cópia. E pagou uma percentagem a Hansen para se assegurar de que assim era.

— Ele disse de quem se tratava? — perguntou Stephanie. Thorvaldsen abanou a cabeça.

— Hansen está morto — revelou Malone.

— Era de prever. — Não havia qualquer emoção na voz do dinamarquês.

Malone contou-lhe o que acontecera.

— Sempre foi um homem ganancioso. Achava que o livro era valioso, por isso queria que eu o comprasse em segredo para que o pudesse dar ao outro homem, por um preço mais elevado — explicou Thorvaldsen.

— E o senhor aceitou fazê-lo, sendo a pessoa humanitária que todos conhecemos.

Stephanie não estava disposta a ser branda com ele.

— Eu e Hansen fizemos muitos negócios juntos. Ele contou-me o que estava a acontecer e eu ofereci-lhe a minha ajuda. Fiquei preocupado que ele fosse procurar outro comprador anónimo. Eu também desejava ficar com o livro, por isso acedi às suas condições. Contudo, não tinha intenção de o devolver a Hansen.

— Não acha sinceramente...

— E que tal está o bolo? — questionou o dono da casa. Malone percebeu que o amigo estava a tentar recuperar o controlo da conversa.

— Excelente — respondeu ele, entre garfadas.

— Vamos ao que interessa — exigiu Stephanie. — A tal verdade que eu tanto preciso de saber.

— O seu marido e eu éramos amigos chegados.

No rosto de Stephanie surgiu uma expressão de repugnância.

— Lars nunca me disse nada sobre isso.

— Tendo em consideração o vosso relacionamento longínquo, isso não me admira nada. Apesar disso, tal como na sua profissão existem segredos, o mesmo acontecia na dele.

Malone terminou a fatia de bolo enquanto observava a sua antiga chefe, que parecia não acreditar no que ouvia.

— Está a mentir — declarou ela por fim.

— Posso mostrar-lhe correspondência que prova o que lhe estou a contar. Eu e Lars comunicávamos com frequência. Havia entre nós uma espécie de esforço cooperativo. Fui eu quem financiou as suas pesquisas iniciais e o ajudava quando as coisas se tornavam mais difíceis. Paguei a casa que tinha em Rennes-le-Château. Partilhava da sua paixão e ficava feliz por o poder ajudar.

— Que paixão? — perguntou ela.

Thorvaldsen fitou-a desgostoso.

— Sabe tão pouco sobre ele. Os remorsos devem atormentá-la.

— Não preciso da sua psicanálise.

— Vem para a Dinamarca atrás de um livro sobre o qual nada sabe e que está relacionado com o trabalho de um homem que já morreu há uma década e quer convencer-me que não sente quaisquer remorsos?

— Deixe-se de histórias e dê-me o livro.

— Primeiro terá de ouvir aquilo que tenho para lhe dizer...

— Então seja breve.

— O primeiro livro de Lars foi um sucesso estrondoso. Vendeu milhões de cópias em todo o mundo, embora os números tenham sido mais modestos na América. Os-que se seguiram não foram assim tão bem aceites, mas venderam o suficiente para financiar as suas pesquisas. Lars achava que um ponto de vista oposto ao seu poderia ajudar a popularizar a lenda de Rennes. Com isso em mente, financiei vários autores que escreveram livros que analisavam de uma maneira crítica as suas conclusões sobre Rennes e apontavam falhas. Um livro levou a outro e a outro. Alguns eram bons, outros nem por isso. Eu mesmo cheguei a fazer alguns comentários públicos menos elogiosos sobre Lars. Não tardou a que nascesse um género.

Os olhos dela brilhavam de raiva.

— Mas o senhor é doido?

— A controvérsia gera publicidade. E Lars não escrevia para um público vasto, por isso tinha de gerar a sua própria publicidade. No entanto, passado algum tempo, toda aquela história ganhou vida própria. Rennes-le-Château é bastante popular. Já se fizeram programas de televisão, artigos de revistas e a Internet está cheia de páginas dedicadas exclusivamente aos seus mistérios. O turismo na região é a principal indústria. Graças a Lars a aldeia transformou-se numa atracão.

Malone sabia que existiam centenas de livros sobre Rennes. Várias prateleiras da sua loja estavam repletas deles. Passava-se mais qualquer coisa e ele precisava de saber o que era.

— Henrik, morreram duas pessoas hoje. Uma saltou da Torre Redonda e cortou o pescoço durante a queda. A outra foi atirada de uma janela. Não se trata de um golpe de relações públicas.

— Diria que hoje na Torre Redonda esteve na presença de um irmão da Ordem dos Templários.

— Noutras condições, responderia que está doido, mas o homem gritou algo antes de saltar. *Beauséant*.

Thorvaldsen acenou com a cabeça.

— O grito de guerra dos templários. Essa palavra gritada em uníssono por uma horda de cavaleiros ao ataque era o suficiente para despertar terror no inimigo.

Malone recordou-se do que dizia o livro que lera na livraria.

— Os templários foram erradicados em 1307. Já não existem Cavaleiros do Templo.

— Isso não é verdade, Cotton. Foi feita uma tentativa de os erradicar, mas o papa revogou a sua decisão. O Pergaminho de Chinon absolve os templários de todas as acusações de heresia e blasfémia. Clemente V mandou redigir as atas em segredo, em 1308. Muitos pensavam que o documento se perdera quando Napoleão pilhou o Vaticano, mas foi recentemente encontrado. Não. Lars acreditava que a Ordem ainda existe e eu também sou dessa opinião.

— Havia muitas referências aos templários nos livros de Lars — contrapôs Malone —, mas não me recordo de ele ter alguma vez escrito que ainda existem nos dias de hoje.

Thorvaldsen voltou a anuir.

— Um ato intencional da parte dele. Eram um grupo tão contraditório e continuam a ser. Pobres por voto, mas ricos em bens e em sabedoria. Discretos, porém conhecedores da vida mundana. Monges e guerreiros. Os estereótipos de Hollywood e os verdadeiros templários são duas coisas bem diferentes. Não se deixe seduzir pela versão romântica. Eram um grupo cruel.

Malone não estava impressionado.

— E como sobreviveram durante setecentos anos sem ninguém saber?

— De que modo vive um animal ou inseto no seu habitat sem ninguém saber que existe? E no entanto são catalogadas novas espécies diariamente.

“Tem uma certa razão”, pensou Malone, mas apesar disso não estava convencido.

— Então o que se passa aqui?

Thorvaldsen recostou-se na cadeira.

— Lars andava à procura do tesouro dos Cavaleiros Templários.

— O quê?

— No início do seu reinado, Filipe IV desvalorizou a moeda francesa como medida para estimular a economia. A ideia foi de tal modo impopular que os seus súbditos se sublevaram para o matar. O rei francês foi obrigado a fugir do seu palácio e a procurar refúgio junto dos templários no Templo de Paris. Foi nessa altura que terá visto pela primeira vez a riqueza da Ordem. Anos mais tarde, quando os cofres do reino se encontravam quase vazios, arquitetou um plano para acusar a Ordem de heresia. Não se pode esquecer que naquela época todos os bens de um herético passavam a ser propriedade da coroa. Todavia, após as prisões de 1307, Filipe descobriu que o cofre do Templo de Paris estava vazio, esse e todos os outros por toda a França. A riqueza dos templários nunca foi encontrada.

— E Lars acreditava que o tesouro estava em Rennes-le-Château? — perguntou Malone.

— Não precisamente lá, mas algures na região do Languedoc — explicou Henrik. — Existem várias pistas que apontam para essa possibilidade, mas os templários asseguraram-se de que a sua localização não fosse fácil de encontrar.

— Mas o que tem tudo isto a ver com o livro que comprou esta noite? — questionou Malone.

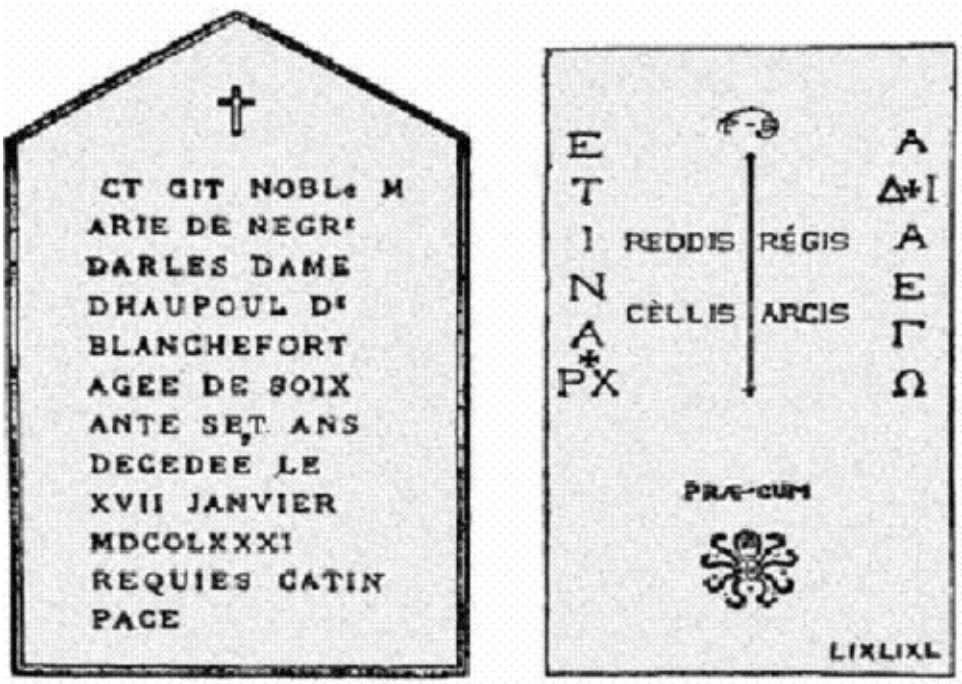
— Eugène Stüblein era o presidente da câmara de Fa, uma vila perto de Rennes. Era um homem culto, músico e astrónomo amador. Foi primeiro autor de um livro de viagens sobre a região e só depois escreveu Pierres Gravées du Languedoc. Pedras gravadas do Languedoc. Um livro singular que versa sobre as pedras tumulares de e em redor de Rennes. Concordo que é um assunto estranho, mas não descabido. O Sul de França possui túmulos únicos em todo o mundo. No livro, existe um desenho de uma lápide que chamou a atenção de Stüblein. O desenho é importante porque a pedra tumular já não existe.

— Posso ver o desenho? — pediu Malone.

Thorvaldsen levantou-se da cadeira e deslocou-se até uma pequena mesa. Voltou com o livro do leilão.

— Foi-me entregue há uma hora.

Malone abriu o livro numa página marcada e estudou o desenho.



— Partindo do pressuposto que o esboço de Stüblein é fiel ao original, Lars acreditava que a lápide era uma pista para a localização do tesouro. Procurou este livro durante muitos anos. Deveria existir um em Paris, pois a Bibliothèque Nationale possui uma cópia de todos os livros que alguma vez foram impressos em

França. Todavia, embora um esteja catalogado, a cópia não se encontra lá.

— Lars era o único que sabia deste livro? — questionou Malone.

— Não faço ideia. Muitos acreditam que ele nem sequer existe.

— E onde foi encontrado?

— Falei com o leiloeiro. Disse-me que pertencia a um engenheiro ferroviário que construiu a linha entre Carcassonne e os Pirenéus. O engenheiro reformou-se em 1927 e morreu em 1946. O livro foi herdado pela filha e colocado a leilão pelo neto agora que a senhora morreu. Pelos vistos, o engenheiro sempre se interessara pela região do Languedoc, especialmente por Rennes, e mantinha um inventário de lápides decalcadas em papel.

Malone não estava satisfeito com aquele esclarecimento.

— Então quem alertou Stephanie para o leilão?

— Esse é o dilema da noite — respondeu Henrik.

Malone fitou Stephanie.

— No hotel disse-me que vinha um papel juntamente com o diário. Ainda o tem?

Procurou dentro da mala e retirou um caderno de apontamentos já gasto. Entre

as suas páginas estava uma folha de papel dobrada. Entregou-a a Malone que leu a mensagem escrita em francês.

No dia 22 de Junho será leiloado em Roskilde o livro Pierres Gravées du Languedoc. O seu marido procurou este volume durante anos. Eis uma oportunidade para obter aquilo que ele não conseguiu. Le bon Dieu soit loué.

Malone traduziu silenciosamente a última linha. Deus seja louvado. Encarou Stephanie, sentada à sua frente.

— De onde pensa que poderá ter vindo este bilhete?

— De um dos colegas de Lars. Achei que algum dos seus seguidores desejava que eu fosse a guardiã do diário e pensava que eu poderia estar interessada no livro.

— Onze anos depois?

— Concordo que parece estranho, mas há três semanas eu nem sequer pensava nisso. Como já referi, sempre acreditei que as demandas de Lars eram inofensivas.

— Então por que veio? — perguntou Thorvaldsen.

— O senhor já o disse. Sinto remorsos.

— Não é minha intenção piorar esses sentimentos. Não a conheço, mas conhecia o seu marido. Era um homem bom e a sua demanda, como tão bem diz, era inofensiva, não deixando porém de ser importante. A morte dele tocou-me profundamente e sempre me questionei se teria sido mesmo suicídio.

— Também eu — revelou ela num murmúrio. — Tentei colocar a culpa em tudo, para tentar racionalizar o sucedido, mas bem no fundo nunca acreditei que Lars tivesse posto fim à própria vida.

— O que explica, mais do que qualquer outra coisa, o facto de estar aqui — disse Henrik.

Malone percebeu que ela estava fragilizada e interveio para que pudesse recuperar.

— Posso ver o diário?

Stephanie entregou-lhe o caderno e ele folheou por entre as cento e poucas páginas, vendo números, desenhos, símbolos e páginas de texto escrito. Depois examinou a encadernação com a perícia de um bibliófilo e houve algo que lhe chamou a atenção.

— Faltam páginas.

— Como assim? Mostrou-lhe o topo do livro.

— Olhe aqui. Está a ver estes pequenos espaços? — Abriu a capa. Apenas uma tira minúscula do papel original permanecia na zona onde em tempos

estivera preso à capa. — Cortado com uma lâmina. Estou sempre atento a isto. Não há nada que desvalorize mais um livro.

Voltou a observar o diário e chegou à conclusão que faltavam oito páginas.

— Não me apercebi — explicou ela.

— Houve muita coisa que percebeu. — Stephanie corou.

— Admito que fiz asneiras, sim.

— Cotton — interrompeu Thorvaldsen —, isto pode significar muito mais. É provável que o arquivo dos templários faça parte do achado. Os arquivos da Ordem estavam originalmente em Jerusalém, depois foram transferidos para Acre e por fim para Chipre. Reza a história que após 1312 os arquivos passaram para os Cavaleiros Hospitalários, mas não existem provas que isso tenha de facto ocorrido. Filipe IV procurou os arquivos entre 1307 e 1314, porém não encontrou nada. Muitos afirmam que se trata da maior coleção medieval do mundo. Imagine o que significaria encontrar esses livros.

— Era a maior descoberta bibliográfica de sempre.

— Manuscritos que ninguém viu desde o século XIV, muitos até completamente desconhecidos. Só a possibilidade de encontrar tal coleção, ainda que remota, vale a pena explorar.

Malone concordou.

Thorvaldsen voltou-se para Stephanie.

— E que tal umas tréguas? Por Lars. Tenho a certeza que a sua agência trabalha com muitas "pessoas de interesse" para alcançar objetivos de interesse mútuo. E se fizéssemos o mesmo neste caso?

— Quero ver a correspondência que trocou com Lars. — Anuiu.

— Com certeza.

Depois olhou para o seu antigo agente.

— Tem razão, Cotton, preciso de ajuda. Peço desculpa pela minha atitude. Pensei que podia tratar disto sozinha, mas uma vez que somos todos amigos, que tal irmos os dois a França e ver o que conseguimos encontrar em casa de Lars. Já há algum tempo que não vou lá. Também existem algumas pessoas em Rennes-le-Château com as quais podemos falar, pessoas que trabalhavam com Lars. Depois logo vemos o que havemos de fazer.

— Também gostaria de vos acompanhar — confessou Thorvaldsen.

Malone ficou admirado. Henrik raramente saía da Dinamarca.

— E o que o fez tomar essa decisão?

— Conheço bem a demanda de Lars e esse conhecimento pode vir a ser útil.

Malone encolheu os ombros.

— Por mim tudo bem.

— Muito bem, Henrik — concordou Stephanie. — Isso irá dar-nos algum tempo para nos conhecermos. E, tal como diz, eu ainda tenho umas coisas para aprender.

— Temos todos, Stephanie, temos todos.

..*

De Roquefort teve de fazer um esforço para não intervir. As suas suspeitas confirmavam-se. Stephanie Nelle pretendia seguir o trilho desbravado pelo marido. Também era ela quem detinha o diário de Lars juntamente com uma cópia do livro Pierres Gravées du Languedoc, talvez a única cópia ainda existente. Essa era uma das características de Lars Nelle: era bom no que fazia e agora a viúva herdara todas as pistas.

Cometera um grave erro ao confiar em Peter Hansen, porém naquela altura parecera-lhe a escolha certa. Não tornaria a cometer o mesmo erro. Havia demasiadas coisas em jogo para voltar a confiar num estranho.

Continuou a ouvir enquanto o trio finalizava os seus planos sobre o que fazer uma vez em Rennes-le-Château. Malone e Stephanie seguiam viagem no dia seguinte e Thorvaldsen iria lá ter uns dias mais tarde. Quando achou que já ouvira o suficiente, De Roquefort descolou o microfone da janela e escondeu-se, juntamente com os dois acólitos, atrás de umas árvores.

Não haveria mais mortes naquela noite.

“Faltam páginas.”

Precisava daquela informação. O remetente do diário fora esperto.

Dividir os despojos impedia atos precipitados. Pelos vistos, aquele quebra-cabeças era mais complicado do que parecia e ele entrara no jogo a meio.

Não havia problema, assim que todos os jogadores estivessem em França seria mais fácil lidar com eles.

SEGUNDA PARTE

QUINZE

ABBAYE DES FONTAINES
8 H 00 M

O senescal colocara-se frente ao altar e olhava para o caixão de carvalho. Os irmãos começavam a entrar na capela. Caminhavam de modo solene e cantavam em uníssono. A melodia era antiga, entoada nos funerais de todos os mestres desde o Início. A letra, em latim, falava de perda, de tristeza e de dor. A sucessão seria apenas discutida ao final do dia, quando o conclave se reunisse para escolher um sucessor. A Regra era clara. Não podiam passar dois sóis sem mestre e, como senescal, tinha de garantir que a Regra era cumprida.

Observou enquanto os irmãos completavam a marcha de entrada e se posicionavam atrás dos bancos. Cada um deles envergava um simples hábito castanho-avermelhado com o capuz a tapar a cabeça, apenas as mãos visíveis e juntas em oração.

O interior da igreja tinha o formato de uma cruz latina com uma nave única e duas alas. Também exibia pouca ou nenhuma decoração, nada que pudesse distrair a mente dos mistérios da fé, não deixando no entanto de ser majestosa, com as colunas e capitéis a criarem um ambiente imponente. Os irmãos tinham-se ali reunido pela primeira vez após a Expulsão, em 1307. Aqueles que tinham conseguido fugir às garras de Filipe IV, esconderam-se no campo e migraram depois para sul. Aos poucos, foram-se juntando ali, na segurança daquela fortaleza na montanha, e criaram uma estrutura religiosa, fazendo planos, compromissos e nunca esquecendo.

Fechou os olhos e deixou-se levar pela música. Não havia órgão a acompanhar o cântico dos irmãos, nada, apenas a voz humana em coro. Retirou forças da melodia e preparou-se para o que estava para vir.

O cântico parou. Após um minuto de silêncio colocou-se ao lado do caixão.

— O nosso reverendo e respeitado mestre deixou esta vida. Liderou a Ordem durante vinte e oito anos com sabedoria, justiça e em conformidade com a Regra. Haverá certamente lugar para ele nas Crónicas.

Um dos irmãos empurrou o capuz para trás.

— Lugar esse que eu contesto.

O senescal estremeceu. A Regra dava o direito de contestação a qualquer irmão. Esperava uma guerra de palavras mais tarde, no conclave, mas não

durante o funeral. Voltou-se para a primeira fila de bancos e fitou o orador.

Raymond de Roquefort.

Um homem baixo e atarracado com um rosto desprovido de expressões no qual o senescal nunca confiara. Pertencia à Ordem há trinta anos e ascendera ao cargo de marechal, o que o colocava em terceiro lugar na hierarquia. No Início, há séculos, o marechal era o comandante militar da Ordem, o líder dos cavaleiros durante as batalhas. Agora era o chefe da segurança, encarregue de se certificar de que a Ordem se mantinha inviolada. De Roquefort ocupava o cargo há quase duas décadas. Ele e os irmãos que trabalhavam sob as suas ordens detinham o privilégio de entrar e sair da abadia sempre que achassem conveniente, prestando contas apenas ao mestre. O marechal nunca fizera segredo do desprezo que sentia pelo seu superior, agora falecido.

— Exprima a sua contestação.

— O nosso falecido mestre enfraqueceu esta Ordem. As suas políticas eram desprovidas de coragem. Chegou a hora de avançar numa outra direção.

As palavras de De Roquefort foram expressas sem qualquer emoção e o senescal sabia que o marechal era perito em disfarçar os maiores erros com palavras grandiloquentes. De Roquefort era um fanático. Homens como ele haviam mantido a Ordem forte durante séculos, todavia o mestre referira muitas vezes que a sua utilidade era cada vez menor. Havia quem discordasse e tal conduzira ao aparecimento de duas facções — De Roquefort liderava uma e o mestre a outra. A grande maioria dos irmãos tinha mantido a sua escolha secreta, como era o hábito da Ordem. No entanto, o *interregnum* era um tempo de debate livre, mediante o qual o coletivo decidia que rumo de ação tomar.

— Já terminou? — perguntou o senescal.

— Há já demasiado tempo que os irmãos se veem excluídos do processo de decisão. Não fomos consultados e as nossas ideias também não foram tomadas em consideração.

— Isto não é uma democracia — afirmou o senescal.

— Nem tão-pouco eu gostaria que fosse. Contudo, é uma irmandade assente em necessidades comuns e em objetivos comunitários à qual cada um de nós entregou a vida e os bens. Não merecemos ser ignorados.

A voz de De Roquefort tinha uma entoação calculista. O senescal reparou que nenhum dos outros pôs em causa a solenidade da contestação e, por um instante, a santidade que durante tanto tempo pairara sobre a capela pareceu manchar-se. Era como se estivesse rodeado por homens com espíritos e objetivos diferentes. Havia uma palavra que não lhe saía da cabeça.

Revolta.

— E o que gostaria que fizéssemos? — questionou o senescal.

— O nosso mestre não merece o respeito habitual. Permaneceu imóvel e fez a pergunta obrigatória.

— Está a pedir que se faça uma votação?

— Sim.

Durante o interregnum, e sempre que pedida, a Regra exigia uma votação sobre todos os assuntos. Sem mestre, governavam como um todo. Aos restantes irmãos, cujos rostos não conseguia ver, disse:

— Que erga o braço aquele que considera que devemos negar ao nosso mestre o seu merecido lugar nas Crónicas.

Alguns braços levantaram-se de imediato, outros hesitaram. O senescal respeitou os dois minutos concedidos pela Regra para a decisão. Depois contou.

Duzentas e noventa e uma mãos apontavam para o céu.

— Mais de sessenta por cento são a favor da contestação. — Dominou a raiva que sentia. — O nosso mestre não será incluído nas Crónicas. — Não queria acreditar que acabara de proferir aquelas palavras. Que o amigo o perdoasse. Afastou-se do caixão e regressou ao seu lugar frente ao altar. — Uma vez que não demonstraram o mínimo respeito pelo nosso falecido líder, estão dispensados. Para todos aqueles que desejarem participar, estarei na Sala dos Mestres daqui a uma hora.

Os irmãos saíram em silêncio até que ficou apenas De Roquefort. Confiante, o francês aproximou-se do caixão.

— Foi o preço que pagou pela cobardia.

Já não havia necessidade de manter as aparências.

— Irá arrepender-se do que fez.

— O aprendiz julga-se mestre? Estou desejoso que comece o conclave.

— Vai destruir-nos.

— Vou ressuscitar-nos. O mundo precisa de saber a verdade. O que se passou há séculos foi verdade e está na hora de corrigir esse erro.

O senescal não discordava dessa conclusão, mas havia outra questão.

— Não precisava de ter humilhado um bom homem.

— Bom para quem? Para si? A mim só me tratou com desprezo.

— Era o que merecia.

Na face de De Roquefort esboçou-se um sorriso maléfico.

— O seu protetor já morreu. Agora é entre nós.

— Estou desejoso que a batalha comece.

— Também eu. — De Roquefort fez uma pausa. — Trinta por cento dos irmãos não me apoiaram, assim sendo, deixo-vos a despedirem-se do mestre.

O seu inimigo virou costas e saiu da capela. O senescal esperou até que as portas se fechassem e depois colocou uma mão sobre o caixão. Um grupo de homens unidos pelo ódio, pela traição e pelo fanatismo começava a cercá-lo. Voltou a escutar as palavras que dissera ao mestre no dia anterior.

“Respeito o poder dos seus adversários”

Acabara de enfrentar o seu inimigo e perdera. Não era um bom augúrio para os acontecimentos que se seguiriam.

DEZASSEIS

RENNES-LE-CHÂTEAU
11 H 30 M

Malone virou para leste à saída da autoestrada principal, perto de Couiza, e começou a subir uma colina cheia de curvas. A estrada ascendente proporcionava uma vista magnífica dos montes circundantes, cobertos de roseiras, alfazema e tomilho. Ao longe erguiam-se as ruínas de uma fortaleza e as suas muralhas queimadas assemelhavam-se a dedos magros pelo modo como se projetavam no céu. Até onde a vista alcançava, a terra parecia o cenário de um romance histórico, e não era difícil imaginar bravos cavaleiros a descer as colinas a cavalo para atacar os seus inimigos.

Malone e Stephanie tinham deixado Copenhaga por volta das quatro da manhã e voado diretamente para Paris, onde apanharam o primeiro avião do dia para Toulouse. Uma hora mais tarde já se encontravam em terra ao volante de um carro alugado e em direção a sudoeste, a uma região conhecida como Languedoc.

No caminho, Stephanie contou-lhe o que sabia sobre a vila que se encontrava a três mil metros de altitude no topo do monte ermo que subiam naquele momento. Os gauleses haviam sido os primeiros a habitar o cimo da colina, atraídos pela sua localização privilegiada sobre o vale do rio Aude. Todavia, foram os visigodos no século V que construíram a cidadela e adotaram o antigo nome celta para o local — Rhedae, que significava quadriga —, transformando aos poucos a cidadela num entreposto comercial. Duzentos anos mais tarde, quando os visigodos foram empurrados para Espanha, os francos converteram Rhedae numa cidade real.

No entanto, por volta do século XIII, o estatuto da cidade foi decaindo e no final da Cruzada Albigense acabou por ser completamente arrasada. Depois de pertencer a franceses e a espanhóis, ficou nas mãos de um dos tenentes de Montfort que aí fundou um baronato. A família mandou construir um castelo, em torno do qual cresceria uma pequena aldeia, e acabaria por mudar o nome de Rhedae para Rennes-le-Château. Os seus descendentes governaram a região e a aldeia até 1781, ano em que morreu a última herdeira, Marie d'Hautpoul de Blanchefort.

— Diz-se que antes de falecer ela terá confessado um grande segredo —

contara Stephanie. — Um segredo que a família mantivera durante séculos. Como não tinha filhos e o marido morrera antes dela, contou o segredo ao seu confessor, o abade Antoine Bigou, que era o padre da paróquia de Rennes.

Naquele instante, enquanto pousava os olhos na última curva daquela estrada estreita, imaginou como teria sido viver naquele local tão remoto. Os vales isolados formavam um esconderijo perfeito para fugitivos e peregrinos. Era fácil entender o que levara aquela região a transformar-se num parque temático da imaginação, numa Meca para caçadores de mistérios, um local onde escritores com visões originais podiam ganhar uma reputação. Tal como acontecera com Lars Nelle.

A aldeia começou a surgir ao fundo. Malone abrandou a marcha e atravessou um portão emoldurado por dois pilares de pedra calcária. Um sinal avisava: FOUILLES INTERDITES. Proibido fazer escavações.

— Tiveram de colocar um cartaz por causa das escavações? — perguntou ele.

Stephanie acenou afirmativamente.

— Há alguns anos as pessoas abriam buracos em todos os cantos à procura de tesouros. Chegavam mesmo a utilizar dinamite. A Câmara Municipal teve de intervir.

O Sol começava a pôr-se do outro lado dos portões da cidade. Os edifícios de pedra encostavam-se uns aos outros como livros numa prateleira, muitos com telhados íngremes, portas grossas e varandas de ferro já ferrugento. Uma estreita e empedrada grand-Rue ziguezagueava no sentido ascendente. Pessoas carregadas com mochilas e guias de viagem seguiam em fila encostadas à parede, em ambas as direções. Malone avistou umas quantas lojas, uma livraria e um restaurante. A aldeia tinha menos de quatrocentos e cinquenta metros de diâmetro.

— Apenas cerca de cem pessoas vivem aqui permanentemente — explicou Stephanie. — Porém, todos os anos recebe cinquenta mil visitantes. Lars provocou um tremendo efeito.

— Maior do que eu imaginava.

Ela apontou para a frente e depois para a esquerda. Passaram por quiosques que vendiam rosários, medalhas e lembranças a mais uns quantos turistas de máquinas fotográficas ao pescoço.

— Chegam aqui em autocarros cheios — explicou ela — à espera de acreditar no impossível.

Depois de mais uma pequena subida, Malone estacionou o Peugeot num parque de terra batida. Já lá estavam dois autocarros e os condutores fumavam

um cigarro. Um depósito de água erguia-se de um dos lados, a pedra gasta decorada com um signo do Zodíaco.

— Os visitantes chegam cedo — afirmou Stephanie ao sair do automóvel. — Daqui avista-se o domaine d'Abbé Saunière. A propriedade do padre, ou seja, aquilo que ele construiu com o misterioso tesouro que supostamente terá encontrado.

Malone aproximou-se de um muro de pedra. Lá em baixo, os campos e os bosques estendiam-se até perder de vista e os montes eram férteis em carvalhos e castanheiros. Os picos gelados dos Pirenéus tapavam o horizonte a sul e um vento forte assobiava de oeste, felizmente aquecido pelo sol de Verão.

Olhou para a direita. A trinta metros dali, a torre neogótica, com o tecto guarnecido por ameias e um único torreão, tinha já sido capa de inúmeros livros e guias turísticos. Erguia-se na ponta de um penhasco, solene e desafiadora, parecendo nascer da rocha. O extenso miradouro era percorrido por visitantes que admiravam e fotografavam os montes e vales circundantes.

— Aquela é a Torre Magdala. Impressionante, não é? — perguntou Stephanie.

— Parece não pertencer aqui.

— Essa também foi sempre a minha opinião.

À direita da Torre Magdala, estendia-se um jardim ornamental que conduzia a um edifício de estilo renascentista que também parecia deslocado.

— A villa Béthanie — explicou ela. — Também foi mandada construir por Saunière.

Malone ficou a pensar no nome, Betânia, e depois disse:

— É bíblico. Na Terra Santa significava “casa com uma resposta”. Stephanie assentiu.

— Saunière sabia escolher os nomes. — Apontou para os edifícios atrás deles. — A casa de Lars fica ali. Antes de irmos, tenho ainda uma coisa a fazer. Enquanto caminhamos, deixe-me contar-lhe o que sucedeu aqui em 1891. O que tirou este lugar da obscuridade. Descobri tudo isto a semana passada.

O abade Bérenger Saunière avaliou a tarefa que tinha pela frente. A igreja de Maria Madalena fora construída sobre ruínas visigodas e consagrada em 1059. Agora, oito séculos mais tarde, o seu interior estava em ruínas, graças a um telhado que deixava entrar água. As paredes começavam a desmoronar-se e as fundações a ceder. Seria necessária muita paciência e determinação para reparar os estragos, mas considerava-se à altura daquela tarefa.

Era um homem robusto, musculado, de ombros largos e cabelo curto e preto. A sua única característica atraente, que utilizava em seu benefício, era

a cova no queixo, que emprestava um ar de excentricidade à expressão séria conferida pelos olhos negros e sobrancelhas densas e grossas. Nascido e criado a alguns quilómetros dali, na aldeia de Montazels, conhecia-bem a geografia de Corbières. Desde a infância que conhecia Rennes-le-Château. A sua igreja, dedicada a Santa Maria Madalena, há décadas que mal era utilizada e nunca imaginara que um dia aqueles problemas passariam para a sua alçada.

— Completamente arruinada — disse-lhe o homem conhecido como Rousset.

O abade olhou para o pedreiro.

— Concordo.

Outro dos pedreiros, Babou, estava atarefado a escorar uma das paredes. O arquiteto estatal recomendara recentemente a destruição, do edifício, mas Saunière nunca permitiria que isso acontecesse. Havia qualquer coisa naquela antiga igreja que lhe dizia para a restaurar.

— Vai ser preciso muito dinheiro para completar a obra — afirmou Rousset.

— Uma enorme quantidade de dinheiro — concordou o padre, e sorriu para que o outro homem soubesse que ele compreendia bem o desafio que tinha pela frente. — Mas conseguiremos transformá-la numa casa digna do Senhor.

O que não disse foi que já tinha grande parte dos fundos. Uma doação efetuada por uma paroquiana ao seu antecessor havia-lhe deixado seiscentos francos destinados ao restauro da igreja. Também conseguira convencer a Câmara Municipal a emprestar lhe outros mil e quatrocentos francos. Contudo, grande parte do dinheiro fora obtido em segredo há cinco anos. A condessa de Chambord, viúva de Henrique, o último Bourbon herdeiro do extinto trono de França, fizera uma doação de três mil francos. Nessa altura, Saunière tinha conseguido chamar a atenção sobre a sua pessoa com inflamados discursos antirrepublicanos, discursos esses que fizeram agitar sentimentos monárquicos junto dos seus paroquianos. O governo condenou os sermões, retirou-lhe o rendimento eclesiástico anual e exigiu que o padre fosse demitido. Em vez disso, o bispo suspendeu-o por nove meses. Todavia, as suas ações tinham já chamado a atenção da condessa, que o contactou através de um intermediário.

— Por onde começamos? — questionou Rousset.

Já ponderara bastante sobre aquele assunto. Os vitrais tinham de ser substituídos e o novo pórtico de entrada estava quase terminado. Era certo

que a parede norte, na qual Babou estava a trabalhar, precisava de ser reconstruída, necessitavam também de instalar um novo púlpito e o telhado tinha de ser remendado. Todavia, o abade sabia bem o que tinham de fazer primeiro.

— Começamos pelo altar.

Rousset olhou-o com uma expressão admirada.

— É aqui que o povo se ajoelha — explicou Saunière.

— O senhor abade é que manda.

Apreciava o respeito que os paroquianos mais velhos lhe devotavam, apesar de ter apenas trinta e oito anos. Nos últimos cinco anos, começara a apreciar Rennes. Estava perto de casa e tinha bastante tempo livre para estudar as Escrituras e aperfeiçoar o seu latim, grego e hebraico. Também gostava de passear pelas montanhas, de pescar e de caçar. No entanto, chegara a altura de fazer algo mais construtivo.

Aproximou-se do altar.

O topo era de mármore branco perfurado pelo constante pingar da água que caía do tecto. A laje era suportada por dois pilares esculpidos com cruzes visigóticas e letras gregas.

— Substituímos a laje e os pilares — declarou ele.

— Como, senhor abade? — perguntou Rousset. — Não temos maneira de levantar a pedra.

Saunière apontou para o lugar onde Babou se encontrava.

— Utilizem o maço. Não precisamos de a retirar inteira.

Babou trouxe a ferramenta e observou o altar. Depois, elevou o martelo e bateu com força no centro da laje. A pedra rachou, mas não partiu.

— É sólido — disse Babou.

— Martele de novo — pediu o abade.

Um golpe mais forte e a pedra calcária quebrou-se em duas, cada parte aterrando entre os pilares intactos.

— Terminem isso — pediu ele. As duas partes foram rapidamente partidas em pedaços mais pequenos.

Baixou-se.

— Vamos carregar isto lá para fora.

— Nós levamos, senhor abade — disse Babou, e encostou o maço à parede. — O senhor junta os pedaços.

Os dois pedreiros levantaram os bocados maiores e dirigiram-se para a porta.

— Levem isso lá para trás, para o cemitério. Ainda nos vão ser úteis — gritou-lhes.

Quando os homens saíram, reparou que ambos os pilares haviam resistido intactos à demolição. Empurrou o entulho e o pó do cimo de um deles. Sobre o outro ainda se encontrava um pedaço da pedra do altar e, quando a atirou para a pilha que juntara, reparou que no cimo do pilar havia uma pequena abertura. O espaço não era maior que a palma da sua mão, e por certo destinava-se a suportar o encaixe da pedra do altar, mas no seu interior Saunière viu qualquer coisa que tremeluzia.

Dobrou-se para ver melhor e soprou a poeira.

Sim, havia algo ali.

Um pequeno frasco de vidro.

Não era muito maior que o seu dedo indicador e apenas ligeiramente mais largo. A boca do frasco estava tapada com uma cera escurecida. Observou com mais cuidado e viu que continha um pedaço • \ de papel enrolado. Interrogou-se há quanto tempo estaria aquilo ali. Não havia notícia de nenhum trabalho recente feito no altar, por isso devia estar escondido ali há muitos anos.

Libertou o frasco do seu esconderijo.

— Foi aquele frasco de vidro que deu início a tudo — explicou Stephanie.

Malone acenou afirmativamente com a cabeça.

— Também li os livros de Lars. No entanto, pensava que Saunière teria encontrado três pergaminhos escondidos no pilar com uma espécie de mensagens codificadas.

— Não. Isso faz parte do mito que outros acrescentaram à história. Cheguei a falar com Lars acerca disso. Grande parte das lendas começou nos anos cinquenta e foram divulgadas por um estalajadeiro de Rennes com o objetivo de aumentar as vendas. Uma lenda conduziu à outra. Lars nunca acreditou que aqueles pergaminhos fossem verdadeiros. O suposto texto que continham foi publicado em inúmeros livros, mas nunca ninguém viu os ditos pergaminhos.

— Então o que o levou a escrever sobre eles?

— Assim conseguia vender mais livros. Sei que isso o incomodava, mas ainda assim fê-lo. Ele sempre disse que qualquer tesouro que Saunière tivesse encontrado remontaria a 1891. Contudo, mais ninguém acreditava nisso. — Apontou para outro dos edifícios de pedra. — Aquele é o presbitério onde Saunière morava. Agora é um museu acerca dele. O pilar com o pequeno nicho está lá, para que todos o possam ver.

Passaram pelos quiosques apinhados de pessoas e continuaram pela rua mal pavimentada.

— A Igreja de Maria Madalena — anunciou ela, e apontou para um edifício de estilo românico. — Em tempos idos foi a capela dos condes locais, agora por alguns euros pode ver-se a grande criação do abade Saunière.

— Não aprova?

Stephanie encolheu os ombros.

— Nunca aprovei. Era esse o problema.

À direita Malone avistou uma casa de campo decrépita, que outrora devia ter sido luxuosa.

— É a herdade d'Hautpoul — explicou ela. — Foi perdida para o governo durante a Revolução e desde essa altura que se tem vindo a transformar numa ruína.

— Contornaram o extremo mais afastado da igreja e passaram sob um arco de pedra que exibia o que parecia ser uma caveira sobre duas tíbias cruzadas. Recordava-se de ter lido no livro que aquele símbolo aparecia em grande parte das lápides dos templários.

O terreno que se estendia para lá da entrada estava pejado de pedras. Sabia o que os franceses chamavam àquele espaço de *Enclos paroissial* — Recinto paroquial. E aquele parecia bem típico. Um dos lados estava contornado por um muro baixo e o outro aninhado junto a uma igreja, a entrada um arco imponente. O cemitério albergava uma profusão de campas, lápides e memoriais. Havia flores em algumas das campas e muitas eram decoradas, segundo a tradição francesa, com fotografias dos falecidos.

Stephanie dirigiu-se a um dos monumentos que não apresentava flores nem imagens e Malone não a acompanhou. Sabia que Lars era tão estimado pela população local que esta o agraciara com o privilégio de ser enterrado junto à sua adorada igreja.

A lápide era simples e salientava apenas nome, datas e um epitáfio que dizia MARIDO, PAI, ACADÉMICO.

Malone deteve-se ao lado de Stephanie.

— Nunca protestaram por ter sido aqui enterrado — murmurou ela.

Malone sabia o que ela queria dizer. Em solo sagrado.

— O presidente da câmara da altura disse que não havia provas conclusivas de que se tratara de suicídio. Ele e Lars eram muito chegados e queria que o amigo fosse enterrado aqui.

— É o lugar perfeito — afirmou Malone.

Ela estava a sofrer, era óbvio, mas dar a conhecer esse facto seria uma invasão da sua privacidade.

— Fiz muitas asneiras com Lars — confessou Stephanie. — E a maior parte fez-me perder o contacto com Mark.

— O casamento é uma coisa complicada. — O seu próprio casamento falhara por egoísmo. — Tal como ser progenitor.

— Sempre considerei a paixão de Lars uma patetice. Eu era advogada governamental e ele andava à procura do impossível.

— Então o que a trouxe aqui?

O olhar dela não se desviou da campa.

— Percebi que lhe devo muita coisa.

— Ou que o deve a si mesma.

Ela afastou-se da campa.

— Talvez deva a ambos — confessou.

Malone resolveu não fazer mais perguntas.

Stephanie apontou para um dos cantos do cemitério.

— A amante de Saunière está sepultada ali.

Lera essa história nos livros de Lars. Marie Dénarnaud era dezasseis anos mais nova que o abade e tinha apenas dezoito anos quando deixou o trabalho de chapeleira para se transformar na governanta de Saunière. Permaneceu a seu lado durante trinta e um anos, até à morte do abade em 1917. Tudo o que o abade foi adquirindo ao longo da vida acabou por ficar em nome dela, incluindo as propriedades e contas bancárias. Isso impossibilitou que terceiros, e mesmo a Igreja, pudessem reclamar os seus bens. Marie continuou a viver em Rennes. Vestia roupas escuras e comportava-se de modo tão estranho como quando o seu amante era vivo, até falecer em 1953.

— Era uma pessoa estranha — afirmou Stephanie. — Muito depois de Saunière ter morrido declarou que “com aquilo que ele deixou podia alimentar toda a aldeia durante cem anos”, no entanto, viveu na pobreza até ao dia em que morreu.

— Alguém sabia porquê?

— Ela limitava-se a dizer: “não lhe posso tocar”.

— Pensei que não soubesse muito sobre este assunto.

— E não sabia, até à semana passada. Os livros e o diário foram bastante informativos. Lars passou muito tempo a fazer perguntas aos habitantes locais.

— Soa a boato em segunda ou terceira mão.

— Isso é verdade em relação a Saunière, afinal já tinha falecido há muito

tempo. No entanto, a sua amante viveu até aos anos cinquenta, por isso ainda havia muita gente nos anos setenta e oitenta que a conhecera. Em 1946, vendeu a villa Béthanie a um homem chamado Noël Corbu. Foi ele quem a converteu num hotel, o tal estalajadeiro que inventou grande parte das lendas sobre Rennes. A amante prometeu contar a Corbu o grande segredo de Saunière, mas no fim da vida sofreu um acidente vascular cerebral e deixou de ser capaz de falar.

Atravessaram o terreno com a areia a estalar sob os pés.

— Saunière também estava aqui sepultado, ao lado dela, mas o presidente da câmara achou que a campa corria o risco de ser violada por caçadores de tesouros, e desenterrou o padre e mudou-o para um mausoléu no jardim. Agora paga-se três euros para ver a sua campa... Presumo que seja esse o preço da segurança de um cadáver.

Malone entendeu o sarcasmo implícito nas suas palavras. Ela apontou para a campa.

— Recordo-me de ter vindo aqui há anos. Quando Lars veio para cá, no final dos anos sessenta, havia apenas duas cruzes antigas a marcar as campas e estavam quase cobertas por ervas daninhas. Ninguém queria saber deles. Saunière e a amante estavam completamente esquecidos.

Uma corrente de ferro rodeava o talhão e havia flores frescas em vasos de cimento. Malone reparou num epitáfio já quase ilegível numa das pedras.

AQUI JAZ BÉRENGER SAUNIÈRE
PADRE DA PARÓQUIA DE RENNES-LE-CHÂTEAU
1853-1917
MORREU A 22 DE JANEIRO DE 1917 COM 64 ANOS

— Li algures que a lápide era demasiado frágil para ser transportada e por isso deixaram-na aqui, para os turistas verem.

Malone observou a campa de Marie.

— Ela não foi também alvo dos oportunistas?

— Pelos vistos não, uma vez que a deixaram aqui.

— E o relacionamento deles não era um escândalo?

Stephanie encolheu os ombros.

— Qualquer que fosse a riqueza de Saunière, não a guardou só para si. A torre de água que vimos lá atrás foi construída por ele. Mandou erigi-la para a aldeia. Também mandou pavimentar as ruas, reparou casas e emprestou dinheiro a pessoas necessitadas. Acho que lhe perdoaram qualquer fraqueza que pudesse ter tido. Para além disso, era comum os padres nessa altura terem auxiliares femininas. Ou, pelo menos, foi isso que Lars escreveu num dos seus livros.

Um grupo de visitantes barulhentos virou a esquina atrás deles e dirigiu-se para a campa.

— Já estão a chegar os curiosos — exclamou Stephanie com desdém. — Pergunto-me se têm o mesmo tipo de comportamento na terra deles, nos cemitérios onde os seus parentes estão enterrados.

O grupo barulhento aproximou-se mais e um guia turístico começou a despejar a história da amante. Stephanie e Malone retiraram-se.

— Isto para eles não passa de uma atração — comentou ela em voz baixa. — Na qual o abade Saunière descobriu um tesouro e decorou a sua igreja com mensagens que levavam à sua localização. Não entendo como é que alguém acredita nisso.

— Mas não foi sobre isso que Lars escreveu?

— Até certo ponto, sim. Mas pense um pouco, Cotton. Mesmo que o padre tenha encontrado um tesouro, porque deixaria um mapa para outra pessoa o encontrar? Construiu tudo isto ainda em vida. A última coisa que desejaria era que alguém lhe ficasse com tudo. — Abanou a cabeça. — Esta história vende livros, mas não é verdadeira.

Preparava-se para fazer outra pergunta quando reparou que o olhar dela se desviava para outro canto do cemitério, para lá de uns degraus de pedra que levavam à sombra de um carvalho que se erguia sobre mais lápides. Por entre a sombra dos ramos, avistou uma campa recente decorada com flores coloridas, as letras prateadas a brilhar ao sol.

Stephanie avançou nessa direção e ele seguiu-a.

— Meu Deus! — exclamou ela, com um olhar preocupado. Malone leu o que estava escrito na lápide. ERNST SCOVILLE.

Depois reparou nas datas e fez as contas. O homem tinha setenta e três anos quando morreu.

Na semana anterior.

— Conhecia-o? — perguntou.

— Falei com ele há três semanas. Depois de ter recebido o diário de Lars. — A atenção dela manteve-se fixa na campa. — Ele era uma das pessoas que trabalhavam com o meu marido e com a qual precisávamos de falar.

— Disse-lhe o que planeava fazer?

Ela anuiu lentamente.

— Falei-lhe do leilão, do livro e que vinha à Europa.

Malone não podia acreditar no que estava a ouvir.

— Mas disse-me a noite passada que mais ninguém sabia onde estava.

— Menti.

DEZASSETE

ABBAYE DES FONTAINES
13 H 00 M

De Roquefort estava satisfeito. Saíra vitorioso do seu primeiro confronto com o senescal. Até então apenas seis mestres tinham sido contestados, os seus pecados oscilando entre roubo, cobardia e luxúria. Tudo isso tivera lugar após a Expulsão, quando a irmandade estava fraca e caótica. Infelizmente, a sanção proveniente de uma contestação era mais simbólica do que punitiva. O domínio do mestre seria ainda assim registado nas Crónicas, os seus sucessos e fracassos, mas haveria uma nota esclarecendo que os seus irmãos não o haviam considerado "digno de ser recordado".

Nas últimas semanas, os seus tenentes tinham garantido os dois terços de votos necessários e enviado uma mensagem ao senescal. Aquele idiota precisava de saber que a batalha que tinha pela frente ia ser bastante difícil. Era verdade que o insulto de ser contestado pouco importava ao mestre, esse seria sepultado junto dos seus antecessores, quer quisessem quer não. A recusa era mais uma afronta ao suposto sucessor e uma forma de incentivar aliados. Tratava-se de um recurso antigo criado pela Regra, oriundo de um tempo em que a honra e a memória significavam alguma coisa. Um recurso que ele ressuscitara com sucesso na primeira salva de uma guerra que terminaria ao fim do dia. Ele seria o próximo mestre.

Os Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão existiam desde 1118. Filipe IV de França, que ganhara o desprezível cognome de Filipe, o Belo, tentara em 1307 exterminar a Ordem. Porém, tal como o senescal, também subestimara o seu adversário, conseguindo apenas que a Ordem passasse à clandestinidade.

Outrora, dezenas de milhares de irmãos dominavam castelos, templos e quintas espalhados por nove mil propriedades na Europa e na Terra Santa. A mera visão de um irmão a envergar o manto branco com a cruz vermelha era suficiente para incutir medo nos seus inimigos. Os irmãos possuíam imunidade da pena de excomunhão e estavam dispensados do pagamento de feudo, para além disso, era-lhes permitido guardar todos os despojos de guerra. Respondendo apenas perante o papa, os Cavaleiros Templários eram uma autêntica nação.

Todavia, há setecentos anos que não travavam qualquer batalha. Em vez disso, a Ordem retirara-se para uma abadia nos Pirenéus e disfarçara-se de simples comunidade religiosa. Mantinha relações com os bispos de Toulouse e Perpignan e cumpria todos os deveres para com a Igreja Católica. Não faziam nada que pudesse chamar a atenção sobre eles e que fizesse as pessoas questionarem-se sobre o que se passava dentro dos seus muros. Todos os irmãos faziam dois votos. Um para com a Igreja, por necessidade. E o outro para com a irmandade, o mais importante. Os rituais antigos eram ainda cumpridos, embora às escondidas e atrás de muralhas. E tudo pelo Grande Legado.

A futilidade paradoxal daquela tarefa indignava-o. A Ordem existia para guardar o Legado, mas o Legado não existiria se não fosse a Ordem.

Um dilema, sem dúvida.

Ainda assim, era um dever.

Toda a sua vida fora apenas um preâmbulo para as próximas horas. Nascido de pais incógnitos, fora educado por jesuítas numa escola perto de Bordéus. No Início, os irmãos eram na sua maioria criminosos arrependidos, amantes desiludidos e párias. Atualmente, eram oriundos de todos os quadrantes da sociedade. O mundo secular fornecia grande parte dos recrutas, mas a sociedade religiosa é que produzia os verdadeiros líderes. Os últimos dez mestres podiam gabar-se de uma educação religiosa. A sua começara na universidade em Paris e fora depois completada no seminário em Avinhão. Aí permanecera como professor depois de terminados os estudos e ensinara durante três anos, antes de ser abordado pela Ordem, que abraçou com entusiasmo, seguindo a Regra à letra.

Durante os seus cinquenta e seis anos de vida, nunca tocara numa mulher ou se sentira tentado por um homem. Sabia que a sua promoção a marechal tinha sido uma maneira que o mestre encontrara de satisfazer a sua ambição ou talvez até uma armadilha para que criasse inimigos suficientes que impedissem os seus progressos. No entanto, ele usara a sua posição com sabedoria, fazendo amigos, cimentando lealdades, acumulando favores. A vida monástica era a que melhor se lhe adequava. Na última década estudara as Crónicas e era agora versado em todos os aspectos — bons e maus — da história da Ordem. Não iria repetir os erros do passado. Acreditava fervorosamente que, no Início, o autoimposto isolamento da irmandade acelerara a sua queda. O secretismo gerava mistério e suspeição, e daí até à recriminação distava apenas um passo. Logo, os setecentos anos de silêncio tinham de terminar.

A sua hora chegara.

A Regra era clara.

Quando algo é ditado pelo mestre, não pode haver qualquer hesitação e deve ser executado sem demora como se tivesse sido ordenado pelos céus.

O telefone na secretária tocou e ele levantou o auscultador.

— Os nossos dois irmãos em Rennes-le-Château — disse-lhe o adjunto — informaram que Stephanie Nelle e Malone já chegaram. Tal como previu, ela foi direita ao cemitério e descobriu a campa de Ernst Scoville.

Conhecer o inimigo era sempre uma vantagem.

— Os irmãos que se limitem a vigiá-los, mas que estejam prontos para agir em qualquer altura.

— Relativamente ao outro assunto que nos pediu para investigar... Ainda não sabemos quem atacou os irmãos em Copenhaga.

De Roquefort detestava fracassos.

— Está tudo preparado para esta noite? — perguntou ele.

— Estaremos prontos.

— Quantos acompanharam o senescal até à Sala dos Mestres?

— Trinta e quatro.

— Todos identificados?

— Cada um deles.

— Ser-lhes-á dada a oportunidade de se juntarem a nós. Se recusarem, tratem deles. No entanto, vamos assegurar-nos de que a maioria prefere a via mais pacífica. É capaz de não ser problemático, poucos são os que gostam de fazer parte de uma causa perdida.

— O consistório começa às dezoito horas.

Ao menos o senescal estava a cumprir o seu dever, chamando os irmãos para a assembleia antes do anoitecer. O consistório era a única variável na equação — um procedimento especialmente elaborado para impedir manipulações — que há muito ele estudara e antecipara.

— Estejam preparados — aconselhou ele. — O senescal irá recorrer à pressa para gerar confusão. Foi assim que o seu mestre conseguiu ser eleito.

— Ele não vai aceitar a derrota de braços cruzados.

— Nem eu espero que o faça, e foi por isso que lhe preparei uma surpresa.

DEZOITO

RENNES-LE-CHÂTEAU
13 H 30 M

Malone e Stephanie atravessaram a aldeia apinhada de gente. Outro autocarro subia a rua central, avançando em direção ao parque de estacionamento. A meio do caminho, Stephanie entrou num restaurante e falou com o dono enquanto ele fixava o olhar num peixe delicioso que alguns dos clientes estavam a degustar. Infelizmente, o almoço teria de esperar.

Estava zangado por Stephanie lhe ter mentido. Ou ela não tinha noção ou não acreditava na gravidade daquela embrulhada. Havia homens determinados, dispostos a matar e a morrer, atrás de qualquer coisa. Não era a primeira vez que se deparava com gente assim e quanto mais informação possuísse, maiores eram as probabilidades de sucesso. Já era difícil o suficiente ter de lidar com o inimigo, mas ter de se preocupar com um aliado ainda complicava mais as coisas.

Ao sair do restaurante, Stephanie disse:

— Ernst Scoville foi atropelado por um carro a semana passada quando foi fazer o seu passeio diário fora dos muros da aldeia. Já vivia aqui há bastante tempo e toda a gente gostava dele.

— Há alguma pista sobre o carro?

— Não houve testemunhas. Nada.

— Mas chegou a conhecer Scoville?

Stephanie assentiu.

— Ele não gostava muito de mim. Falámos poucas vezes. Tomou sempre o partido do meu marido.

— Então o que a levou a telefonar-lhe?

— Foi a única pessoa que me ocorreu a quem poderia fazer perguntas sobre o diário de Lars. Foi muito educado, tendo em consideração que já não falávamos há anos. Ele queria ver o diário e por isso pensei que poderia remediar algumas coisas enquanto aqui estava.

Malone pensou em tudo aquilo. O marido falecera, o filho também e agora os amigos do marido. A origem da sua culpa era óbvia, mas o que planeava ela fazer sobre isso era ainda uma incógnita.

Fez sinal para que continuassem a andar.

— Quero ir a casa de Ernst. Era dono de uma biblioteca notável. Gostava de saber se os livros ainda lá estão.

— Era casado?

Stephanie abanou a cabeça.

— Um solitário. Teria dado um bom eremita.

Desceram uma das vielas laterais por entre mais filas de casas antigas.

— Acredita mesmo que existe um tesouro escondido algures por aqui? — perguntou ele.

— É difícil responder a isso, Cotton. Lars costumava dizer que noventa por cento da história de Saunière era ficção. Eu ralhava com ele por perder tempo com uma coisa tão ridícula. Mas ele contrapunha sempre com os dez por cento de verdade. Era isso que o fascinava e, até certo ponto, a Mark também. Pelos vistos, aconteceram coisas muito estranhas aqui há cem anos.

— Está a referir-se de novo a Saunière?

— Sim.

— Ajude-me a compreender tudo isto.

— Na verdade, eu também preciso de ajuda nesse campo. Mas posso contar-lhe o que sei sobre Bérenger Saunière.

— Não posso deixar uma paróquia onde o dever me prende — disse Saunière ao bispo no palácio episcopal de Carcassonne, trinta quilómetros a norte de Rennes-le-Château.

Há meses que andava a evitar aquele encontro com atestados médicos que o proibiam de viajar por motivos de doença, mas o bispo era um homem persistente e o último pedido fora acompanhado por um agente da Polícia que levava instruções para o escoltar até à sua presença.

— Quero que me apresente um relatório que explique as origens dos seus recursos monetários, que parecem tão súbitos e de tão grande monta.

— Ah, Monsenhor, pergunta-me a única coisa que não posso revelar. Pecadores a quem, com a ajuda do Senhor, mostrei o caminho do arrependimento são os responsáveis por essas generosas doações. Não desejo trair o segredo da confissão e revelar os seus nomes.

O bispo aceitou a sua argumentação.

— Então falemos do seu estilo de vida. Que eu saiba não está protegido pelo segredo da confissão.

Saunière fez uma cara inocente.

— O meu estilo de vida é bastante modesto.

— Não foi isso que me foi dito.

— As suas informações devem estar erradas.

— Então vejamos. — O bispo abriu a capa de um livro grosso colocado à sua frente. — Mandei elaborar um inventário e revelou-se bastante interessante.

Saunière não gostou do que ouviu. O seu relacionamento com o antigo bispo fora cordial e sempre pudera contar com alguma liberdade. O novo bispo era diferente.

— Em 1891, deu início às renovações da igreja. Nessa altura substituiu as janelas, mandou fazer um pórtico, instalou um altar e um púlpito novos e reparou o telhado. Custo, aproximado, dois mil e duzentos francos. No ano seguinte reconstruiu as paredes exteriores e substituiu o chão. Depois veio o novo confessionário, setecentos francos, estátuas e estações da cruz, todos encomendados em Toulouse à casa Giscard, três mil e duzentos francos. Em 1898, acrescentou uma pia batismal que custou quatrocentos francos. Um ano depois, em 1900, manda colocar um baixo-relevo de Santa Maria Madalena, bastante elaborado segundo me foi dito, frente ao altar.

Saunière limitava-se a escutar. Aparentemente, o bispo conhecia bem os registos da paróquia. O último tesoureiro desistira do cargo há alguns anos, alegando que os seus deveres eram contrários à sua crença. Havia alguém atento às suas obras.

— Vim para aqui em 1902 — disse o bispo. — Durante os últimos oito anos tentei, em vão, que comparecesse às audiências e me explicasse o que se estava a passar. Todavia, durante esse tempo, conseguiu construir a villa Béthanie adjacente à igreja. Segundo sei, é uma construção burguesa, com janelas de vitrais, sala de jantar, sala de estar e quartos para os seus hóspedes, que são bastantes, pelo que me dizem. Recebe muitas visitas.

Aquele comentário pretendia provocar uma resposta, mas o abade nada disse.

— Depois há a Torre Magdala. O seu devaneio de uma biblioteca com vista para o vale. Pelo que sei, possui dos mais belos trabalhos de marcenaria das redondezas. A isto há ainda a juntar as suas coleções de selos e de postais, que são avultadas, e ainda alguns animais exóticos. Estamos a falar de muitos milhares de francos. — O bispo fechou o livro. — O rendimento da sua paróquia não ultrapassa os duzentos e cinquenta francos por ano. Como é possível ter juntado tanto dinheiro?

— Como disse, Monsenhor, recebi muitas doações privadas de almas generosas que desejam ver a paróquia prosperar.

— O senhor tem andado a traficar intenções de missa — declarou o bispo. — Vende os sacramentos. É culpado do crime de simonia.

Fora avisado de que aquela era a acusação mais séria.

— Não entendo por que razão me censura. Quando cheguei, a paróquia encontrava-se num estado lamentável. Que eu saiba, é da responsabilidade dos meus superiores garantir que Rennes-le-Château possua uma igreja digna dos seus fiéis e um abrigo decente para o seu pastor. No entanto, nos últimos vinte e cinco anos tenho trabalhado para reconstruir e embelezar a igreja sem nunca pedir um cêntimo que fosse à diocese. Diria que mereço ser felicitado e não recriminado.

— E quanto acha que terá gasto em todos esses melhoramentos?

Saunière resolveu responder.

— Cento e noventa e três mil francos.

O bispo desatou a rir à gargalhada.

— Senhor abade, isso não teria chegado sequer para comprar a mobília, as estátuas e os vitrais. Segundo os meus cálculos, terá gasto mais de setecentos mil francos.

— Não tenho grandes dons de contabilista, por isso não lhe posso dizer quanto foi gasto. Tudo o que sei é que o povo de Rennes-le-Château gosta da sua igreja.

— Dizem-me as autoridades que o senhor recebe entre cem e cento e cinquenta vales postais por dia. Muitas dessas ordens de pagamento são oriundas da Bélgica, da Itália, da Renânia, da Suíça e de toda a França, oscilando cada uma entre os cinco e os quarenta francos. É no banco de Couiza que as troca por dinheiro. Como explica isso?

— É a minha governanta quem trata da correspondência. É ela quem abre as cartas e responde aos pedidos. Essa pergunta deve ser-lhe colocada a ela.

— É o senhor quem aparece no banco.

Manteve-se fiel à sua história.

— O melhor é perguntar-lhe a ela.

— Não é a sua governanta quem está a ser alvo deste inquérito.

Saunière encolheu os ombros.

— O senhor anda a traficar missas. É óbvio para mim que os envelopes que lhe são enviados não contêm doações. No entanto, há algo ainda mais perturbador.

Permaneceu em silêncio.

— Fiz uns cálculos. A menos que lhe paguem somas exorbitantes pelas

missas, e pelo que sei a quantia base é cinquenta cêntimos, o senhor teria de rezar missas vinte e quatro horas por dia, durante cerca de trezentos anos para acumular o dinheiro que já gastou.

— Não, senhor abade, o tráfico de missas é apenas uma fachada para esconder a verdadeira fonte da sua fortuna.

Aquele homem era mais esperto do que aparentava.

— Quer responder?

— Não, Monsenhor.

— Assim sendo, encontra-se a partir deste momento afastado dos seus deveres em Rennes e deverá apresentar-se de imediato na paróquia de Coustouge. Para além disso, está suspenso e não poderá dizer missa ou administrar os sacramentos, até ordem em contrário.

— E qual é a duração deste castigo? — perguntou calmamente.

— Até o Tribunal Eclesiástico ouvir o seu recurso, que estou certo irá interpor.

— Saunière recorreu — disse Stephanie. — E até apelou ao Vaticano. No entanto, viria a falecer em 1917, antes de ser ilibado. O que fez foi afastar-se da Igreja, mas nunca deixou Rennes, passando a dizer missa na villa Béthanie. Os habitantes locais gostavam dele e, por isso, boicotaram o novo abade. Não se esqueça que a terra em redor da igreja, incluindo a casa, pertenciam à amante de Saunière, e nisso ele foi inteligente. Logo, a Igreja não podia fazer nada.

— Mas como foi que ele pagou todas as obras? — questionou Malone.

Ela sorriu.

— Foi uma pergunta à qual muitos tentaram responder, incluindo o meu marido.

Meteram por outra das serpenteantes vielas, ladeada por habitações melancólicas cuja pedra tinha a cor de lenha seca, desprovida de casca.

— Ernst vivia ali mais à frente — indicou ela.

Aproximaram-se de um edifício antigo decorado por rosas trepadeiras. Depois de três degraus de pedra ficava a porta de entrada. Malone subiu as escadas, espreitou pelos vidros e não viu quaisquer sinais de negligência.

— Está tudo em ordem. Ernst era um homem muito meticuloso.

Tentou a maçaneta, mas a porta estava trancada.

— Gostava de entrar — disse ela.

Malone olhou para um lado e depois para o outro. À esquerda, a rua terminava num muro exterior. Para lá do muro estendia-se um céu azul com nuvens encapeladas. Não havia uma única pessoa à vista. Voltou-se e, com o cotovelo,

partiu o vidro da porta. Depois meteu a mão na abertura e destrancou a fechadura.

Stephanie subiu os degraus.

— Depois de si — declarou ele.

DEZANOVE

ABBAYE DES FONTAINES
14 H 00 M

O senescal empurrou o portão de ferro para dentro e encabeçou o cortejo fúnebre através da antiga arcada. A entrada para a subterrânea Sala dos Mestres situava-se dentro dos muros da abadia, no extremo de uma extensa passagem onde um dos mais antigos edifícios se erguia da rocha. Há mil e quinhentos anos, os monges começaram a ocupar as cavernas, vivendo em isolamento. À medida que mais e mais penitentes foram chegando, construíram-se os edifícios. As abadias tinham tendência a expandir-se ou a decrescer drasticamente e aquela fora fundada com um ímpeto de construção que duraria séculos, continuada depois pelos Cavaleiros Templários que, nos finais do século XIII, a tinham discretamente acrescentado à sua extensa lista de bens. A casa mãe da Ordem — *maison chèvetaine*, como a Regra a designava — começara por se situar em Jerusalém, depois em Acre, depois em Chipre, e acabara por se fixar ali após a Expulsão. Aos poucos, o complexo foi rodeado por muros com ameias e torres e a abadia transformou-se numa das maiores da Europa, erigida bem no alto nos Pirenéus, isolada pelo acidente geográfico e pela Regra. O seu nome provinha do rio que corria ali perto, das cascatas e da abundância de água subterrânea. Abbaye des Fontaines: abadia das fontes.

Desceu os estreitos degraus esculpidos na rocha. As solas das sandálias escorregavam na pedra húmida. Onde outrora as tochas eram a única luz, as lâmpadas elétricas mostravam agora o caminho. Atrás dele seguiam os trinta e quatro irmãos que haviam decidido juntar-se-lhe. Ao fundo das escadas continuou em frente até que o túnel se transformou numa sala abobadada. Ao centro, assemelhando-se ao tronco de uma árvore centenária, erguia-se um pilar de pedra.

Lentamente, os irmãos juntaram-se em torno do caixão, que já fora trazido para baixo e colocado sobre um plinto. Por entre o fumo do incenso ergueram-se cânticos melancólicos.

Assim que as vozes se calaram, o senescal deu um passo em frente.

— Estamos aqui reunidos para lhe prestar homenagem. Oremos — disse ele em francês.

Assim fizeram e depois entoaram um hino.

— O nosso mestre liderou-nos bem. Vós, que permaneceis fiéis à sua memória, tende coragem. Ele teria ficado orgulhoso.

Seguiram-se alguns minutos de silêncio.

— O que nos reserva o futuro? — perguntou em voz baixa um dos irmãos.

Não era permitido conferenciar na Sala dos Mestres, mas dadas as circunstâncias permitiu um pequeno desvio à Regra.

— Incerteza — declarou. — O irmão De Roquefort está pronto a tomar o poder. Aqueles de entre vós que forem escolhidos para o conclave terão de lutar para o deter.

— Ele irá provocar a nossa queda — murmurou outro dos irmãos.

— Concordo — disse o senescal. — Ele acredita que podemos de alguma maneira vingar pecados com setecentos anos. Mesmo que pudéssemos, por que razão o faríamos? Sobrevivemos.

— Os seus seguidores têm andado a fazer pressão sobre nós. Aqueles que forem contra serão punidos.

O senescal sabia ser essa a razão que levara tão poucos irmãos a acompanhá-lo à Sala dos Mestres.

— Os nossos antepassados enfrentaram muitos inimigos. Na Terra Santa enfrentaram os sarracenos e morreram com honra. Aqui, suportaram a tortura da Inquisição. O mestre De Molay foi queimado na estaca. É nosso dever permanecer fiéis.

Não passavam de palavras fracas, sabia-o bem, mas tinham de ser ditas.

— De Roquefort quer declarar guerra aos nossos inimigos. Um dos seus seguidores disse-me que ele pretende até recuperar o manto.

O senescal estremeceu. Outros radicais haviam já sugerido esse ato de desafio, mas nenhum mestre o aprovara.

— Temos de o travar no conclave. Felizmente, não poderá controlar o processo de seleção.

— Ele assusta-me — confessou um dos irmãos, e o silêncio que se seguiu indicou que os outros partilhavam daquela opinião.

..*

Após uma hora de orações, o senescal fez um sinal. Quatro homens envergando vestes carmesins levantaram o caixão.

Ele voltou-se e aproximou-se de duas colunas de pórfiro vermelho entre as quais ficava a Porta de Ouro. O nome não provinha do material de que eram feitas, mas daquilo que em tempos era guardado do outro lado.

Quarenta e três mestres repousavam no seu próprio *loculus*, sob um tecto de

rocha polida e pintada de azul-escuro, no qual brilhavam estrelas douradas. Há muito que os corpos se haviam transformado em pó. Restavam apenas os ossos, guardados em ossários, cada qual exibindo o nome do mestre e as datas do tempo de serviço. À sua direita havia ainda nichos vazios, e um deles albergaria o corpo do seu mestre durante o próximo ano. Só nessa altura um irmão regressaria ali para transferir os seus ossos para um ossário. As técnicas fúnebres, já há muito utilizadas pela Ordem, pertenciam aos judeus da Terra Santa, que as utilizavam desde o tempo de Cristo.

Os carregadores depositaram o caixão no nicho designado. Havia uma profunda tranquilidade naquele lugar meio escurecido.

Naquele instante, pensou no amigo. O mestre era o filho mais novo de um mercador belga abastado. Chegara à Igreja sem nenhuma razão aparente, segundo ele sentira-se apenas impelido a fazê-lo. Fora recrutado por um dos muitos representantes da Ordem, irmãos espalhados por todo o mundo cuja tarefa era recrutar novos membros. A vida monástica combinava com ele. Embora não fosse de posição elevada, após a morte do seu antecessor, todos no conclave haviam proclamado: “Que seja o novo mestre”. E foi assim que prestou juramento. *Coloco-me ao serviço de Deus omnipotente e da Virgem Maria para salvação da minha alma e assim será durante toda a minha vida e até ao meu último suspiro*. O senescal proferira o mesmo juramento.

Depois os seus pensamentos vaguearam para os primeiros tempos da Ordem, os gritos de guerra, os gemidos dos irmãos feridos ou moribundos, os lamentos por todos aqueles que não tinham sobrevivido à crueldade das batalhas. Esse era o costume da Ordem. Os primeiros a chegar e os últimos a partir. Raymond de Roquefort ansiava por esses tempos. Mas porquê? A inutilidade de tudo aquilo ficara provada quando a Igreja e o Estado se voltaram contra os templários na altura da Expulsão, não mostrando qualquer apreço por duzentos anos de lealdade e serviço. Os irmãos acabaram queimados na fogueira, outros torturados e estropiados para o resto da vida, e tudo por ganância. Para o mundo moderno, os Cavaleiros Templários não passavam de lendas, de memórias de um tempo antigo. Ninguém queria saber se existiam ou não, por isso, tentar corrigir qualquer injustiça parecia-lhe um ato inútil.

Os mortos deviam descansar em paz.

Voltou a olhar em redor para as caixas de pedra e depois mandou retirar os irmãos, à exceção de um. O seu assistente. Precisava de falar com ele a sós. O homem mais novo aproximou-se.

— Diz-me, Geoffrey — começou o senescal —, tu e o mestre andaram de

conluio?

Viu surpresa nos olhos do irmão.

— Como assim?

— O mestre pediu-te que fizesses alguma coisa nestes últimos tempos? Vá, não me mintas. Ele já não está cá, mas eu estou.

— Pensou que puxar dos galões seria a maneira mais fácil e rápida de saber a verdade.

— Sim, senescal. O mestre pediu-me que enviasse duas encomendas. — Fala-me da primeira.

— Era densa e pesada como um livro. Coloquei-a no correio quando estive em Avinhão há mais de um mês.

— E a segunda?

— Era uma carta. Enviada na segunda-feira de Perpignan.

— A quem estava endereçada?

— Ernst Scoville em Rennes-le-Château.

O assistente benzeu-se e o senescal detetou espanto e desconfiança no seu olhar.

— O que se passa?

— O mestre disse que o senhor iria fazer-me estas perguntas. — Fitou-o. — E que ao chegar esse dia, eu devia dizer a verdade. Também me pediu para o alertar do perigo e adverti-lo que todos aqueles que seguiram este caminho nunca o conseguiram terminar. Também lhe desejou boa sorte.

O seu mentor era um homem brilhante que sempre soubera bem mais do que mostrara.

— Também disse que é o seu destino terminar a demanda, quer entenda isso ou não.

Já ouvira o suficiente. A caixa de madeira vazia no interior do armário do mestre estava agora explicada. O livro que continha fora retirado pelo mestre e enviado a alguém. Com um aceno da mão, o senescal mandou embora o assistente. Geoffrey fez uma vénia e dirigiu-se para a Porta de Ouro.

Foi então que lhe ocorreu.

— Espera. Não me chegaste a dizer para quem foi enviada a primeira encomenda, o livro.

Geoffrey parou, voltou-se, mas permaneceu em silêncio.

— Não respondes?

— Não devíamos falar disto. Não aqui, com ele tão perto — disse o assistente, olhando para o caixão.

— Acabaste de me revelar que era seu desejo que eu soubesse.
Geoffrey fitou-o com apreensão.
— Diz-me para onde foi enviado o livro.
Embora já desconfiasse, precisava de escutar as palavras.
— Para a América. Para uma mulher chamada Stephanie Nelle.

VINTE

RENNES-LE-CHÂTEAU
14 H 30 M

Malone observou o interior da casa de Ernst Scoville. Era uma habitação modesta com uma coleção eclética de antiguidades britânicas, peças de arte espanholas do século XII e quadros franceses. Calculou que deveria estar na presença de cerca de mil livros, a maioria antigos e amarelecidos, todos meticulosamente organizados por assunto e tamanho. Os jornais estavam empilhados por ano e por ordem cronológica e o mesmo se aplicava às revistas. Tinha tudo a ver com Rennes, com Saunière, com a história de França, a Igreja, os templários e Jesus Cristo.

— Pelos vistos, Scoville era um estudioso da Bíblia — disse ele, e apontou para as filas de livros sobre o assunto.

— Passou a vida a estudar o Novo Testamento. Era a fonte bíblica de Lars.

— Não me parece que tenha andado aqui alguém a vasculhar.

— Pode ter sido feito com cuidado.

— Sim, mas o que procurariam? E do que andamos nós à procura?

— Não faço ideia. Tudo o que sei é que conversei com Scoville e duas semanas mais tarde ele está morto.

— O que poderia ele saber que resultasse na sua morte?

Stephanie encolheu os ombros.

— A nossa conversa foi agradável. Pensei que tivesse sido ele a enviar-me o diário. Ele e Lars trabalhavam em conjunto. Porém, ele não sabia nada do assunto, embora desejasse lê-lo. — Fez uma pausa no discurso. — Olhe para tudo isto. Estava obcecado.

— Abanou a cabeça. — Lars e eu discutimos sobre isto durante muitos anos. Sempre pensei que ele estava a desperdiçar as suas capacidades académicas. Era um bom historiador. Deveria estar a ganhar a vida como professor universitário e a publicar pesquisas credíveis. Em vez disso, passava o tempo a correr o mundo atrás de sombras.

— Era um escritor de best-sellers.

— Só com o primeiro livro. O dinheiro era outro dos assuntos polémicos.

— Parece ter muitos arrependimentos.

— Não tem alguns? Lembro-me que o seu divórcio também não foi pacífico.

— Ninguém gosta de falhar.

— Ao menos o seu cônjuge não se suicidou. Tinha razão.

— No caminho para aqui contou-me que Lars acreditava que Saunière teria descoberto uma mensagem dentro do frasco de vidro escondido na coluna. De quem era a mensagem?

— No diário escreveu que seria provavelmente de um dos antecessores de Saunière, Antoine Bigou, que foi padre da paróquia de Rennes na última metade do século XVIII, na altura da Revolução Francesa. Falei-lhe dele no carro. Foi o padre ao qual Marie d'Hautpoul de Blanchefort revelou o segredo da sua família antes de morrer.

— Então Lars achava que o segredo da família estava guardado no frasco?

— Não é assim tão simples. A história é muito mais complicada. Em 1732, Marie d'Hautpoul casou com o último marquês de Blanchefort. A linhagem da família De Blanchefort recuava até à época dos templários. A família participou tanto nas cruzadas como nas guerras contra os Albigenses. Um dos antepassados chegou mesmo a mestre da Ordem em meados do século XII e a família controlou a aldeia de Rennes e as terras em redor durante séculos. Quando os templários foram presos, em 1307, os De Blanchefort deram refúgio a muitos fugitivos. Diz-se, embora ninguém tenha a certeza, que desde então os membros da família continuaram a fazer parte dos templários.

— Já começa a parecer o Henrik. Acredita mesmo que os templários ainda andam por aí?

— Não faço a mínima ideia. Mas houve algo que o homem na catedral disse e que não me sai da cabeça. Citou São Bernardo de Claraval, o monge que no século XII desempenhou um papel fulcral na ascensão dos templários. Fiz de conta que não sabia do que ele falava, mas Lars escreveu muita coisa acerca dele.

Malone também se recordava desse nome do livro que consultara em Copenhaga. Bernardo de Fontaines era um monge cisterciense que fundara um mosteiro em Claraval no século XII. Sendo um pensador respeitado, exerceu grande influência no seio da Igreja, e tornou-se um dos conselheiros do papa Inocêncio II. O seu tio fora um dos nove cavaleiros fundadores da Ordem e foi Bernardo quem convenceu o papa a outorgar a Regra aos templários.

— O homem da catedral conhecia Lars — revelou Stephanie — e chegou a insinuar que falara com ele sobre o diário e que o meu marido o desafiara. O homem da Torre Redonda também trabalhava para ele e esse mesmo homem clamou o grito de guerra dos templários antes de saltar.

— Pode tratar-se apenas de um plano para a confundir.

— Começo a duvidar disso.

Malone concordava, especialmente tendo em consideração o que vira no caminho do cemitério para ali. Mas, por enquanto, iria guardar as desconfianças para si mesmo.

— Lars escreveu sobre o segredo de De Blanchefort no seu diário, segredo esse que datava de 1307, ano da prisão dos templários. Encontrou bastantes referências ao suposto dever da família em documentos da época, mas nunca detalhes do mesmo. Pelos vistos, passou muito tempo nos mosteiros locais a pesquisar os seus registos. Todavia, é a campa de Marie, a que está desenhada no livro que Thorvaldsen comprou, que parece ser a chave de tudo. Marie faleceu em 1781, mas só dez anos depois é que o abade Bigou erigiu uma lápide e uma placa sobre os seus restos mortais. É preciso não esquecer de que época estamos a falar. A Revolução Francesa agitava a sociedade e as igrejas católicas começavam a ser destruídas. Bigou era antirrepublicano e, por isso, fugiu para Espanha em 1793, onde viria a morrer dois anos mais tarde, nunca regressando a Rennes-le-Château.

— E que achava Lars que Bigou teria escondido no frasco?

— Não o próprio segredo de De Blanchefort, mas antes uma maneira de descobrir qual ele era. Lars escreveu no seu diário que acreditava piamente que a lápide continha a chave do segredo.

Começava a entender.

— Então era isso que tornava o livro tão importante.

Ela acenou com a cabeça.

— Saunière remexeu em muitas das campas do cemitério, desenterrando os ossos e colocando-os num ossário comum que ainda hoje existe atrás da igreja. Isso explica, como Lars escreveu, porque não existem hoje campas anteriores a 1885. Os habitantes da aldeia fizeram queixa das suas atividades e o abade foi mandado parar com os trabalhos. A campa de Marie de Blanchefort não foi exumada, mas todas as letras e números constantes da lápide foram arrancados por Saunière. Todavia, sem o conhecimento dele, existia já um desenho da lápide feito por Eugène Stüblein, um prefeito local. Lars soube da existência desse desenho, mas nunca foi capaz de encontrar uma cópia do livro.

— E como terá Lars descoberto que foi Saunière quem desfigurou a lápide?

— Há um registo de a campa de Marie ter sido vandalizada nessa altura. Ninguém prestou especial atenção ao ato, mas quem mais poderia ter sido, se não o abade Saunière?

— E o seu marido achava que tudo isso apontava para um tesouro?

— O que li no diário é que ele acreditava que Saunière decifrara a mensagem que o abade Bigou deixou e encontrara o esconderijo dos templários, contando a sua descoberta apenas à amante, que faleceu sem a revelar a ninguém.

— Então, quais eram os seus planos, Stephanie? Utilizar o diário e o livro para conduzir novas buscas?

— Não sei o que teria feito. Posso apenas dizer-lhe que algo me disse para vir, comprar o livro e dar uma vista de olhos. — Fez uma pausa. — Também constituiu uma razão para vir, ficar algum tempo na casa dele e recordar.

Malone compreendia isso muito bem.

— E porquê envolver Peter Hansen? Poderia ter comprado o livro sozinha.

— Continuo a trabalhar para o governo americano. Pensei que Hansen podia funcionar como intermediário e assim o meu nome não apareceria em lado nenhum. Claro que não fazia ideia de tudo o que estava envolvido.

Malone ponderou o que Stephanie dissera.

— Então Lars estava a seguir as pistas de Saunière, tal como este seguiu as de Bigou.

Ela acenou afirmativamente.

— E parece que mais alguém anda a seguir as mesmas pistas.

Inspecionou o quarto mais uma vez.

— Temos de estudar tudo isto com atenção para ver se conseguimos ao menos uma ideia do que se passa.

Algo junto à porta da frente chamou a sua atenção. Quando entraram havia um monte de cartas espalhadas pelo chão, seguramente depositadas pelo carteiro através da ranhura. Dirigiu-se aí e pegou nuns quantos envelopes.

Stephanie aproximou-se.

— Deixe-me ver esse — pediu ela.

Entregou-lhe um envelope castanho escrito com tinta preta.

— O papel que vinha junto do diário de Lars era dessa mesma cor e a caligrafia é muito semelhante. — Retirou a folha de papel da carteira e compararam as letras. — É idêntica — confirmou.

— Tenho a certeza que Scoville não se vai aborrecer.

Rasgou o envelope e retirou nove folhas do seu interior. Uma estava escrita à mão com a mesma tinta e caligrafia que Stephanie já reconhecera.

Ela irá procurá-lo. Seja clemente. Há muito que procura e merece descobrir. Juntos é possível que tenham sucesso. Em Avinhão, procure Claridon. Ele indicará o caminho. Mas prend garde à l'Ingénieur.

Voltou a ler a última linha — prend garde à l'ingénieur.

— “Cuidado com o engenheiro”. O que significa isto?

— Boa pergunta.

— Há alguma menção a um engenheiro no diário?

— Nenhuma.

— *Seja clemente*. Pelos vistos, o remetente sabia do seu desentendimento com Scoville.

— Isto é enervante. Não fazia ideia que alguém estivesse a par disso.

Malone examinou as restantes oito páginas.

— Pertencem ao diário de Lars. São as folhas que faltavam. — Verificou o selo no envelope. Fora enviada de Perpignan, na costa francesa, há cinco dias. — Scoville nunca recebeu a carta. Chegou demasiado tarde.

— Ernst foi assassinado, Cotton. Não restam quaisquer dúvidas.

Malone concordou, mas havia ainda outra coisa que o preocupava. Aproximou-se de uma das janelas e espreitou discretamente pela veneziana.

— Temos de ir a Avinhão — declarou ela.

Também era dessa opinião, mas ao observar melhor a rua, detetou um vislumbre do que sabia estar do outro lado e disse:

— Iremos, mas primeiro temos de resolver um assunto.

VINTE E UM

ABBAYE DES FONTAINES
18 H 00 M

De Roquefort enfrentou a congregação. Eram raras as ocasiões em que os irmãos vestiam os seus trajos oficiais. A Regra exigia que na maior parte das situações se vestissem "sem qualquer traço de superficialidade e ostentação". Todavia, o conclave exigia formalidade e cada membro deveria usar as vestes relativas ao seu posto.

Era uma visão impressionante. Os irmãos cavaleiros exibiam mantos de lã branca por cima de sotainas brancas guarnecidas com tiras carmesim. As pernas eram protegidas por grossas meias cinzentas e um capuz branco tapava cada cabeça. No peito, aparecia a cruz vermelha de quatro braços. Usavam também um cinto carmesim em volta da cintura e onde outrora pendia uma espada agora existia apenas uma faixa que distinguia os cavaleiros dos artífices, dos camponeses, dos artesãos, dos letrados, dos sacerdotes e dos ajudantes, que envergavam um conjunto semelhante mas em diferentes tons de verde, castanho e preto, distinguindo-se os clérigos pelas suas luvas brancas.

Sempre que o consistório se reunia, a Regra ditava que o marechal presidisse aos trabalhos. Era uma forma de equilibrar a influência de qualquer senescal que, por ser o segundo na hierarquia, podia facilmente dominar a assembleia.

— Meus irmãos — gritou De Roquefort. O silêncio tomou conta da sala. — Chegou a hora da renovação. É nosso dever eleger um novo mestre. Antes de começarmos, oremos ao Senhor para que nos guie nas próximas horas.

Sob o brilho dos candelabros de bronze, De Roquefort observou os quatrocentos e oitenta e oito irmãos baixarem a cabeça em oração. O chamamento fora feito logo após o amanhecer e a maior parte dos que prestavam serviço fora da abadia tinham regressado a casa. Estavam reunidos no salão do *palais*, uma enorme cidadela circular que datava do século XVI, erigida a trinta metros de altura, com vinte e um metros de diâmetro e paredes de três metros de espessura. Outrora funcionara como a última linha defensiva da abadia em caso de ataque, mas acabara por evoluir para um elaborado edifício cerimonial. As fendas na pedra destinadas às setas estavam agora tapadas com vitrais e o estuque amarelo-claro exibia imagens de São Martinho, Carlos Magno e da Virgem Maria. A sala circular, com duas galerias, acomodava facilmente os perto

de quinhentos homens e possuía uma acústica quase perfeita.

De Roquefort levantou a cabeça e estabeleceu contacto visual com os outros quatro oficiais. O comandante, que acumulava as funções de oficial responsável pela distribuição de víveres e de tesoureiro, era seu amigo. De Roquefort dedicara anos a cultivar um relacionamento com aquele homem distante e esperava ver esse esforço dar frutos em breve. O alfaiate, o irmão responsável pelas roupas da Ordem, era um apoiante incondicional da sua causa. O capelão, que supervisionava todos os aspectos espirituais, representava um problema. De Roquefort nunca conseguira nada de tangível do veneziano, a não ser algumas generalizações do óbvio. Depois havia o senescal que segurava o beauséant, o venerado estandarte preto e branco da Ordem. Parecia confiante na sua túnica e capa, e a insígnia bordada sobre o ombro esquerdo indicava o seu alto cargo. Aquela visão revoltava o estômago de De Roquefort. Ele não tinha o direito de envergar aquelas vestes.

— Irmãos, o consistório está reunido. Chegou a hora de nomearmos o conclave.

O processo era simples, mas eficaz. Era escolhido um nome da urna que continha os nomes de todos os irmãos. Depois esse homem observava a assembleia e escolhia livremente outro irmão. O próximo nome era retirado de novo da urna e passava-se a mais uma escolha livre, repetindo-se aquele padrão até estarem escolhidos dez representantes. O sistema misturava um elemento de acaso e de envolvimento pessoal, diminuindo a possibilidade de interferência no processo. De Roquefort, como marechal, e o senescal estavam automaticamente incluídos, perfazendo doze membros. Para a eleição ser válida eram necessários dois terços dos votos.

O marechal observou enquanto se procedia à seleção. Quando • terminou, tinham sido escolhidos quatro cavaleiros, um padre, um escriturário, um camponês, dois artesãos e um operário. Muitos eram seus seguidores. Todavia, o maldito fator do acaso permitira que tivessem sido incluídos alguns irmãos cuja fidelidade era, no mínimo, questionável.

Os dez homens aproximaram-se e dispuseram-se em semicírculo.

— Temos conclave — declarou De Roquefort. — O consistório terminou. Comecemos.

Todos os irmãos empurraram os capuzes para trás, em sinal de que o debate poderia começar. O conclave não era um acontecimento secreto. Muito pelo contrário. A nomeação, a discussão e a votação teriam lugar frente a toda a irmandade. No entanto, a Regra ditava que os espectadores não podiam falar ou

emitir qualquer som.

De Roquefort e o senescal tomaram os seus lugares junto aos outros. O marechal deixava de ser o presidente, pois no conclave todos os irmãos eram iguais. Um dos doze, um cavaleiro mais velho de barba grisalha e espessa disse:

— O nosso marechal, um homem que protegeu e guardou a Ordem durante tantos anos, deverá ser o próximo mestre. Proponho-o para nomeação.

Mais dois irmãos deram o seu consentimento. Com os três necessários, o nomeado foi aceite.

Outro dos doze, um dos artesãos, um armeiro, deu um passo em frente e declarou:

— Discordo da contestação ao mestre. Foi um bom homem que sempre amou esta Ordem. Proponho o senescal para nomeação.

Outros dois irmãos fizeram um aceno de cabeça em sinal de assentimento.

De Roquefort não se mexeu. As linhas da batalha tinham sido desenhadas.

A guerra podia começar.

..*

O debate estava a entrar na sua segunda hora. A Regra não estabelecia um limite de tempo para o conclave, porém estipulava que todos os participantes tinham de permanecer, ou seja, a duração do acontecimento dependia apenas da resistência dos participantes. Ainda não fora pedida a votação. Qualquer um dos doze possuía esse direito, mas ninguém queria perder a contagem — isso era sinal de fraqueza —, por isso a votação só era exigida quando os dois terços pareciam assegurados.

— O seu plano não me convence — disse um dos membros do conclave, o padre, para o senescal.

— Não sabia que tinha um plano.

— Irá seguir as pisadas do mestre. O caminho do passado. Verdade ou mentira?

— Permanecerei fiel ao meu voto, como o irmão também deveria.

— O meu juramento nada dizia sobre fraqueza — argumentou o padre. — Não exige que eu seja complacente com um mundo que definha na ignorância.

— Protegemos a nossa sabedoria durante séculos. O que o leva a querer mudar isso?

Outro dos membros do conclave tomou a palavra.

— Estou farto da hipocrisia. Revolta-me. Por pouco não fomos dizimados devido à ganância e à ignorância. Está na hora de devolvermos a simpatia.

— Com que objetivo? — perguntou o senescal. — O que ganharíamos com

isso?

— Justiça — clamou outro dos cavaleiros, e outros membros do conclave concordaram.

De Roquefort decidiu que estava na altura de intervir.

— O Evangelho diz: “Quem procura, não cesse de procurar até encontrar; e, quando encontrar, ficará estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado e então terá domínio sobre o Universo.”

O senescal fitou-o.

— Tomé também disse: *Se os vossos guias vos disserem que o reino está no céu, então as aves chegarão lá primeiro; se vos disserem que está no mar, então os peixes chegarão lá primeiro.*

— Nunca chegaremos a lado nenhum se continuarmos como até agora — argumentou De Roquefort.

Houve cabeças que acenaram • em concordância, mas não as suficientes para pedir a votação.

O senescal hesitou por uns instantes e depois falou:

— Pergunto-lhe, marechal, quais são os seus planos caso vença esta eleição? Pode dizer-nos? Ou faz como Jesus, e revela os seus mistérios apenas àqueles dignos de os ouvir, nunca deixando que a mão esquerda saiba o que faz a direita?

Regozijou-se pela oportunidade de explicar à irmandade a sua visão.

— Jesus também disse: “nada é oculto que não seja manifestado.”

— Então qual seria o nosso futuro?

Observou toda a sala. Aquele era o seu momento.

— Lembrem-se do Início quando milhares de irmãos faziam o juramento. Todos homens valentes que conquistaram a Terra Santa. Nas Crónicas conta-se a história de uma guarnição que perdeu contra os sarracenos. Após a batalha, o inimigo ofereceu-se para poupar a vida a duzentos desses homens se eles renunciassem a Cristo e abraçassem o islamismo. Cada um deles escolheu ajoelhar-se frente aos muçulmanos para que a sua cabeça fosse cortada. Essa é a nossa herança. As Cruzadas eram a nossa cruzada. — Fez uma pausa propositada para criar ambiente. — É isso que faz da sexta-feira do dia 13 de Outubro de 1307 um dia tão infame e desprezível, que a civilização ocidental continua a intitular de azarento. Milhares dos nossos irmãos foram injustamente presos. Um dia eram os Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, o epítome da bondade, dispostos a morrer pela sua Igreja, pelo seu papa, pelo seu Deus, e no outro eram acusados de heresia. E qual era o seu crime? Cuspir na Cruz, trocar carícias obscenas, realizar reuniões secretas, sodomia e veneração

de uma figura barbuda.

— Nova pausa. — Nenhuma delas era verdadeira e, no entanto, os nossos irmãos foram torturados e muitos cederam, e confessaram falsidades. Cento e vinte acabaram por arder na fogueira. — Parou para recuperar o fôlego. — O nosso legado é feito de vergonha e somos recordados pela história como uma organização suspeita.

— E o que diria ao mundo? — questionou o senescal num tom calmo.

— A verdade.

— E por que razão acreditariam em si?

— Teria provas.

— Conseguiu localizar o nosso Grande Legado?

O senescal estava a pressionar o seu único ponto fraco, mas não podia mostrar fraqueza.

— Estou perto de o fazer.

Da galeria vieram expressões de espanto. A face do senescal não se alterou.

— Está a dizer que encontrou os nossos arquivos perdidos há mais de sete séculos. Também descobriu o tesouro que escapou das mãos de Filipe, o Belo?

— Também estou perto de encontrá-lo.

— Palavras audazes, marechal.

De Roquefort olhou para os irmãos.

— Há dez anos que procuro. As pistas são difíceis, mas em breve terei provas que o mundo não poderá refutar. Mesmo que as mentalidades não mudem isso não é relevante. A vitória estará em provar que os nossos irmãos não eram hereges, mas sim santos.

As galerias irromperam em aplausos. De Roquefort aproveitou o clima de euforia.

— A Igreja Católica baniu-nos, chamando-nos idólatras. Porém, a Igreja venera os seus próprios ídolos com grande pompa e circunstância. — Calou-se por uns instantes e depois clamou em voz alta:

— Recuperarei o manto.

Choveram mais aplausos e cada vez mais sonoros. Era uma violação clara da Regra, mas ninguém parecia importar-se.

— A Igreja não tem o direito de ficar com ele — gritou o marechal por cima das palmas. — O nosso mestre Jacques de Molay foi brutalmente torturado e depois queimado na estaca. E qual foi o seu crime? Ser um servo fiel do seu Deus e do seu papa. O seu legado não lhes pertence. É o nosso legado. Temos os meios para atingir esse objetivo e assim será sob o meu governo.

O senescal entregou o beauséant ao homem que se encontrava ao seu lado, aproximou-se de De Roquefort e esperou que os aplausos acalmassem.

— E o que será daqueles que não acreditarem?

— “Quem procura, achará; a quem bate, abrir-se-lhe-á.”

— E aqueles que escolherem não o fazer?

— O Evangelho também é claro nesse sentido. “Malditos todos aqueles que albergam demónios dentro de si.”

— O marechal é um homem perigoso.

— Não, senescal, o senhor é que é. A sua época já passou. O senhor e o seu mestre sempre acharam que sabiam quais eram as nossas necessidades, mas na verdade nunca souberam nada. Dediquei a minha vida a esta Ordem e ninguém, para além de si, duvidou das minhas capacidades. Sempre fui defensor da ideia de que mais vale quebrar que dobrar. — Voltou-se para o conclave.

— Já chega de discussão. Votemos.

A Regra ditava que o debate terminara.

— Serei o primeiro a votar — declarou De Roquefort. — Voto em mim. Todos aqueles que forem a favor que o digam.

Observou enquanto os restantes dez homens meditavam na sua decisão. Tinham permanecido em silêncio durante o confronto com o senescal, mas cada um escutara com uma atenção que demonstrava concordância. Os olhos de De Roquefort passearam-se pelo grupo e depois fixaram-se naqueles que sabia serem-lhe fiéis.

Mãos começaram a elevar-se.

Um. Três. Quatro. Seis.

Sete.

Já tinha os dois terços necessários, mas desejava mais, por isso esperou um pouco antes de declarar vitória.

Os dez homens votaram nele.

A sala encheu-se de aplausos.

Em tempos mais antigos, teria sido carregado em ombros para a capela onde uma missa seria rezada em sua honra, e mais tarde teria lugar um festejo, uma das raras ocasiões em que a Ordem se descontraía e os irmãos se divertiam. Contudo, atualmente isso já não acontecia. Agora, os homens cantavam o nome do vencedor e os irmãos, que viviam num mundo desprovido de emoções, mostravam a sua aprovação batendo palmas. O aplauso transformou-se em beauséant e a palavra ecoou pela sala.

Sê glorioso.

À medida que o cântico prosseguia, fitou o senescal que permanecia ao seu lado. Os olhos de ambos encontraram-se e, através desse olhar, deu-lhe a entender não só que o sucessor escolhido pelo mestre perdera a batalha, mas que corria agora perigo de morte.

VINTE E DOIS

RENNES-LE-CHÂTEAU
21 H 30 M

Stephanie deambulou pela casa do falecido marido.

A construção era típica daquela zona. Chão de madeira, tetos com traves, lareira de pedra e mobília simples de pinho. Não era muito grande, mas tinha dois quartos, uma sala, casa de banho, cozinha e uma pequena oficina. Lars sempre gostara de marcenaria e ela reparara que os seus tornos mecânicos, escopros e goivas estavam todos ali, cada ferramenta cuidadosamente arrumada e coberta por uma camada de pó. Tinha um talento especial para o torno mecânico e ela ainda possuía tigelas, caixas e castiçais que ele talhara.

Durante o tempo que estiveram casados visitara-o apenas algumas vezes. Ela e Mark viviam em Washington e depois em Atlanta. Lars permanecia na Europa e a última década passara-a ali em Rennes. Nenhum dos dois tinha alguma vez violado a privacidade do outro sem pedir autorização. Apesar de todos os desacordos e desentendimentos, tinham sido sempre educados. Talvez até demasiado, pensara ela muitas vezes.

Sempre acreditara que Lars comprara a casa com os direitos de autor provenientes do primeiro livro, mas agora sabia que Henrik Thorvaldsen o ajudara a adquirir o imóvel. Era tão típico de Lars. Nunca dera importância ao dinheiro, gastava tudo o que ganhava em viagens e na sua obsessão, e cabia-lhe a ela a tarefa de assegurar que as contas da família fossem pagas. Apenas recentemente conseguira amortizar o empréstimo que contraíra para financiar os estudos de Mark. Por várias vezes o filho oferecera-se para assumir a dívida, em especial quando começaram a afastar-se, mas ela sempre recusara. Era a obrigação de um progenitor educar o filho e ela levava as suas obrigações muito a sério. Talvez até demasiado.

Ela e Lars não se tinham falado nos meses que antecederam a morte dele. O último encontro fora um desastre, outra discussão sobre dinheiro, responsabilidade e família. A tentativa de o defender perante Henrik Thorvaldsen no dia anterior soara a falso, porém ela nunca sequer sonhara que havia alguém que soubesse a verdade sobre o seu casamento. Pelos vistos, Thorvaldsen sabia. Talvez ele e Lars fossem íntimos. Lamentavelmente, nunca iria saber. Esse era um dos inconvenientes do suicídio — o término do

sofrimento de uma pessoa apenas prolongava a agonia das que ficavam. O que mais desejava era ver-se livre daquela sensação na boca do estômago. Um escritor chamara-lhe a dor do insucesso e ela concordava.

Depois de ter percorrido todas as divisões, dirigiu-se para a pequena sala e sentou-se frente a Malone, que desde o final do jantar se concentrara a ler o diário de Lars.

— O seu marido era um investigador muito meticuloso — afirmou ele.

— Muito do que está aí é desconcertante, um pouco como o seu autor.

Malone notou a frustração na voz dela.

— Não me quer dizer por que razão se considera responsável pela morte dele?

Stephanie decidiu autorizar a intrusão. A verdade é que precisava de falar sobre aquele assunto.

— Não é que me sinta responsável. Sinto-me apenas parte do problema. Éramos ambos muito orgulhosos e teimosos. Eu trabalhava para o Departamento de Justiça, o Mark já era crescido, e falava-se na possibilidade de eu liderar o meu próprio gabinete. Assim, concentrei-me naquilo que pensava ser mais importante. Lars fez o mesmo. Infelizmente, nenhum de nós soube apreciar o outro.

— É fácil dizer isso agora, que já se passaram anos. Naquela altura era impossível sabê-lo.

— É esse o problema, Cotton. Eu estou aqui e ele não. — Não se sentia à vontade a falar sobre si mesma, mas as coisas precisavam de ser ditas. — Lars era um escritor dotado e um bom investigador. Tudo o que lhe contei sobre Saunière e a aldeia é deveras interessante. Se eu tivesse prestado mais atenção aos seus interesses quando ele estava vivo, talvez ainda aqui estivesse. — Hesitou. — Era um homem tão calmo. Nunca levantava a voz. Nunca disse uma palavra insultuosa. O silêncio era a sua arma. Era capaz de passar semanas sem dizer uma palavra. Isso enfurecia-me.

— Uma reação que não me é estranha — disse ele, com um sorriso.

— Eu sei, irrito-me com facilidade. Lars também não sabia como lidar comigo. Por fim acabámos por decidir que o melhor era cada um viver a sua vida. Mas nenhum de nós queria o divórcio.

— E isso diz muito sobre o que ele pensava de si, lá no fundo.

— Nunca vi isso. Tudo o que via era Mark no meio. Ele sentia-se mais próximo do pai. Não lido bem com as emoções e Lars era bem diferente. Para além disso, Mark possuía a curiosidade do pai. Eles eram tão parecidos. O meu filho preferiu o pai a mim e eu forcei essa escolha. Thorvaldsen tinha razão. Para

alguém tão cuidadoso e empenhado no trabalho, fui completamente inepta a lidar com a minha família. Antes de Mark morrer, eu já não falava com ele há : três anos. — A dor desse reconhecimento fez-lhe estremecer a voz. — Acredita, Cotton? Eu e o meu filho estivemos esse tempo todo sem trocar uma palavra.

— E o que originou esse afastamento?

— Ele tomou o partido do pai. Eu fui viver a minha vida e eles a deles. Mark veio viver para França. Eu permaneci na América. Após algum tempo tornou-se fácil ignorá-lo. Nunca deixe que isso aconteça entre si e Gary. Faça o que tiver a fazer, mas não permita uma coisa dessas.

— Vivo a mais de seis mil quilómetros de distância dele.

— Mas o seu filho adora-o. Esses quilómetros pouco significam.

— Tenho-me perguntado se tomei a decisão certa.

— É importante que viva a sua vida, Cotton. E à sua maneira. O seu filho parece respeitar isso, embora ainda seja novo. O meu era muito mais velho e mais duro comigo.

Malone olhou para o relógio.

— O Sol já se pôs há vinte minutos. Está quase na hora.

— Quando é que se apercebeu que estávamos a ser seguidos?

— Assim que chegámos. São dois homens. Ambos parecidos com os da catedral. Seguiram-nos até ao cemitério e depois pela aldeia. Estão lá fora, agora.

— Não há perigo de entrarem?

Abanou a cabeça.

— A missão deles é apenas observar.

— Compreendo agora porque deixou o departamento. É difícil lidar com a ansiedade e nunca se pode baixar a guarda. Tinha razão em Copenhaga. Não sou nenhuma operacional.

— O problema começou quando comecei a gostar de toda aquela agitação. É isso que faz com que acabemos mortos.

— Todos vivemos uma vida relativamente segura. Mas ter alguém a seguir todos os nossos movimentos, com intenção de nos matar? Isso acaba por desgastar qualquer um. Chega o dia em que temos de fugir de tudo isso.

— O treino ajuda-nos a lidar com a ansiedade e a incerteza, mas a Stephanie nunca recebeu esse tipo de treino. — Sorriu. — Era apenas a pessoa que mandava.

— Espero que saiba que nunca foi minha intenção envolvê-lo nisto.

— Deixou isso bem claro desde o início.

— Mas fico feliz por tê-lo aqui.

— Não teria perdido isto por nada deste mundo.

Ela sorriu abertamente.

— Foi o melhor agente que alguma vez tive.

— Fui apenas o que teve mais sorte e soube quando estava na hora de parar.

— Peter Hansen e Ernst Scoville foram ambos assassinados. — Fez uma pausa e enunciou por fim aquilo em que começava a acreditar. — E talvez Lars também. O homem da catedral queria que eu soubesse disso. Era a sua maneira de me enviar uma mensagem.

— Grandes suposições.

— Eu sei. Não há provas, mas tenho um pressentimento e, embora não seja um agente, tenho aprendido a confiar nos meus instintos. De qualquer modo, como eu costumava dizer-lhe, nada de conclusões baseadas em pressupostos. Quero factos. Esta é uma história bizarra.

— A quem o diz. Cavaleiros Templários, segredos escritos em lápides, padres que encontram tesouros perdidos.

Stephanie olhou para uma fotografia de Mark tirada poucos meses antes de ele morrer. A figura do pai estava estampada no rosto jovem. O mesmo queixo, o brilho nos olhos e a compleição bronzeada. Não deveria ter deixado as coisas chegarem àquele ponto.

— Estranho isso estar aqui — disse Malone ao reparar no interesse dela.

— Fui eu que a coloquei aqui da última vez que cá estive, há cinco anos. Logo após a avalancha. — Era difícil acreditar que o seu único filho já falecera há cinco anos. As crianças não deveriam morrer a pensar que os pais não as amavam. Ao contrário do marido, que tinha uma campa, Mark estava enterrado sob toneladas de neve a cinquenta quilómetros a sul daquele local. — Tenho de terminar isto — murmurou ela para a fotografia, a voz a tremer.

— Ainda não sei bem o que isto é. Nem tão-pouco ela o sabia.

Malone fez sinal com o diário na mão.

— Ao menos já sabemos onde encontrar Claridon em Avinhão, tal como a carta dirigida a Ernst Scoville dizia. Chama-se Royce Claridon. Há uma referência a ele juntamente com a morada aqui no diário. Ele e Lars eram amigos.

— Perguntava-me quando iria encontrar essa nota.

— Mais alguma coisa que me possa ter escapado?

— É difícil dizer o que é importante. Há tanta coisa aí.

— Tem de parar de me mentir. Já estava à espera da repreensão.

— Eu sei.

— Não a posso ajudar se não me contar tudo.

Stephanie compreendia.

— E há alguma coisa nas páginas do diário que foram enviadas a Scoville?

— Veja o que consegue descobrir. — E entregou-lhe as oito folhas. Pensou que manter a cabeça ocupada a ajudava a esquecer um pouco o marido e o filho e concentrou a atenção sobre as páginas. A maioria da informação era insignificante, mas havia parágrafos que lhe partiam o coração.

Era óbvio que Saunière gostava da amante. Marie ficou ao serviço dele quando a família se mudou para Rennes. O pai e o irmão eram artesãos talentosos e a mãe cuidava do presbitério da paróquia. Isto teve lugar em 1892, um ano após muitas das descobertas do padre. Quando a sua família se mudou para a aldeia para trabalhar numa fábrica, ela permaneceu com Saunière até à sua morte, duas décadas mais tarde. A certa altura, o abade colocou todos os seus bens em nome de Marie, o que revela uma confiança inquestionável. Sempre lhe foi fiel e dedicada, e manteve os seus segredos durante trinta e seis anos após a sua morte. Invejo Saunière. Era um homem que possuía o amor e a confiança incondicionais de uma mulher e recompensava esse amor com confiança e respeito incondicionais. Todos os registos mostram que era um homem difícil de contentar, um homem impelido a alcançar algo pelo qual fosse recordado. A sua ornamentada criação na Igreja de Maria Madalena parece ser o seu legado. Não existe qualquer registo de a amante alguma vez ter expressado qualquer oposição relativamente aos seus trabalhos. Aparentemente, Marie apoiava tudo o que o seu benfeitor fazia. Por certo deveriam existir alguns desacordos, mas esteve sempre ao lado de Saunière até ao dia da sua morte e muito depois disso, durante quase quatro décadas. Tudo isto mostra que a devoção é algo importante. Um homem pode alcançar os horizontes mais longínquos quando é apoiado pela mulher que ama, ainda que ela considere a sua demanda uma tolice. Acredito que a amante de Saunière tenha frequentemente questionado o absurdo das suas criações. Tanto a villa Béthanie como a Torre Magdala são construções ridículas para a sua época. Contudo, ela nunca lhe reprimiu os sonhos. Gostava dele o suficiente para o deixar ser quem desejava e o resultado pode ser agora visto pelos milhares de pessoas que visitam Rennes todos os anos. Esse é o legado de Saunière. O dela é esse legado ainda existir.

— Porque me deu isto para ler? — perguntou a Malone quando terminou.

— Achei que precisava de ler isso.

De onde teriam vindo todos aqueles fantasmas? Rennes-le-Château podia não

encerrar qualquer tesouro, mas aquele lugar guardava demónios cujo único objetivo era atormentá-la.

— Quando recebi o diário e o li, compreendi que não tinha sido justa com Lars e com Mark. Ambos acreditavam naquilo que procuravam, tal como eu acreditava no meu trabalho. Mark costumava dizer que eu era demasiado negativa. — Interrompeu o discurso na esperança de que os espíritos estivessem a escutar. — Quando voltei a ver esse diário, compreendi o quanto estivera errada. Qualquer que fosse a demanda de Lars era importante para ele e, por isso, também deveria ter sido importante para mim. Foi por isso que vim, Cotton. Devo-lhes isso. — Olhou-o com olhos cansados. — Deus sabe o quanto lhes devo. Só nunca imaginei que a parada fosse tão alta.

Malone voltou a consultar o relógio e olhou em direção às janelas escurecidas.

— Está na hora de descobrirmos o quanto elevada pode ser. Vai conseguir estar à altura da situação?

Ela recompôs-se e assentiu.

— Eu mantenho o meu ocupado. Você toma conta do outro.

VINTE E TRÊS

Malone saiu de casa pela porta da frente, sem se esforçar para se esconder. Os dois homens, que avistara ao início do dia, estavam colocados no extremo da rua, ao virar de uma esquina e junto a um muro, do qual conseguiam ver a residência de Lars Nelle. Para o seguirem teriam de atravessar a mesma rua deserta que ele. Só demonstrava que eram amadores. Os profissionais ter-se-iam separado. Um em cada ponta da rua, prontos para se deslocarem em qualquer direção. Tal como em Roskilde, essa avaliação diminuía a sua apreensão. Contudo, mantinha-se alerta, interrogando-se sobre quem estaria tão interessado nos assuntos de Stephanie.

Poderiam mesmo ser os templários modernos?

No interior da casa, os desabafos da sua antiga chefe haviam-no feito pensar em Gary. A morte de um filho devia ser insuportável. Não conseguia sequer imaginar a sua dor. Talvez devesse ter ficado na Geórgia após a reforma, mas Gary opusera-se. “Não te preocupes comigo”, dissera, “eu vou visitar-te”. Com apenas catorze anos, o miúdo possuía uma enorme inteligência emocional. Apesar disso, aquela decisão atormentava-o, principalmente agora que estava de novo a arriscar a vida por outra pessoa. Contudo, com o pai não fora muito diferente. Este morrera quando o submarino que comandava se afundou no Atlântico Norte durante um exercício de treino. Malone tinha dez anos na altura e recordava-se que a mãe encarara a morte do marido com muita dificuldade. Durante o funeral, recusara-se até a aceitar a bandeira dobrada oferecida pela guarda de honra. Foi ele quem lhe pegou e desde essa altura que a guardava. Sem campa para visitar, a bandeira era a única recordação física do homem que mal conhecera.

Chegou ao fim da rua. Não precisou de olhar para trás para perceber que um dos homens o seguia e que o outro ficara com Stephanie.

Virou à esquerda e dirigiu-se para os domínios de Saunière.

Rennes não era uma aldeia noctívaga. Todas as portas e janelas se encontravam trancadas. O restaurante, a livraria e os quiosques estavam todos fechados e a escuridão estendia-se pelas ruas. O vento sussurrava para lá das muralhas como uma alma a lamentar-se. Todo aquele cenário parecia tirado de um livro de Dumas, como se a vida ali apenas murmurasse.

Subiu a rua em direção à igreja. A villa Béthanie e o presbitério encontravam-

se fechados, o jardim iluminado apenas por um quarto crescente atravessado por algumas nuvens.

O portão para o cemitério permanecia ainda aberto, tal como Stephanie dissera. Estugou o passo nesse sentido, sabendo que o seu perseguidor não o deixaria. Uma vez no interior, aproveitou a escuridão para se esgueirar para trás de um ulmeiro enorme.

Espreitou, viu o homem entrar no cemitério, e apressar o passo.

Quando passou pela árvore, Malone deu-lhe um murro no estômago. Ficou satisfeito por não ter sentido qualquer colete de proteção. Voltou a atingi-lo no queixo, derrubando-o, e depois levantou-o pelo colarinho.

O homem era ainda jovem e robusto, com cabelo curto. Ficou desorientado quando Malone o atirou para o chão. De seguida, levantou-o e descobriu a arma que transportava à cintura. Uma Beretta Bobcat de fabrico italiano. Era uma pequena arma semiautomática, usada como última defesa. Também já usara uma em tempos. Encostou o cano ao pescoço do homem e empurrou o seu perseguidor com força contra a árvore.

— Diz-me para quem trabalhas.

Não houve resposta.

— Falas inglês?

O homem sacudiu a cabeça enquanto tentava recuperar o fôlego e orientar-se.

— Já que percebeste a minha pergunta, também compreendes isto? — Puxou o gatilho da arma.

O seu perseguidor ficou tenso e deu a entender que se apercebera da ameaça.

— Trabalhas para quem?

Ouviu-se um tiro e uma bala alojou-se no tronco da árvore mesmo por cima da cabeça de ambos. Malone virou a cabeça e avistou a silhueta de um homem, arma em punho, a trinta metros de distância, empoleirado onde o miradouro se juntava ao muro do cemitério.

Voltou a disparar e a bala raspou o solo a apenas alguns metros dos seus pés. Largou o primeiro perseguidor e este fugiu.

Malone estava agora mais preocupado com o atirador. Viu a figura abandonar o terraço, e desaparecer para trás do miradouro. Sentiu-se tomado por uma nova energia. De arma em punho, fugiu do cemitério e correu em direção a uma passagem estreita entre a villa Béthanie e a igreja. Memorizara a geografia do local quando ali passara nessa tarde. O jardim ficava do outro lado, cercado por um miradouro em forma de U que se estendia em direção à Torre Magdala.

Correu para o jardim e avistou a figura a atravessar o miradouro. O único

acesso era feito por umas escadas de pedra. Dirigiu-se para estas e subiu três degraus de cada vez. No cimo, o ar frio fez-lhe doer os pulmões e o vento empurrava-lhe o corpo, dificultando a sua progressão.

Viu o homem encaminhar-se para a Torre Magdala. Pensou em disparar, mas uma súbita rajada de vento desequilibrou-o. Interrogou-se para onde se dirigiria o seu atacante. Não existia nenhuma escada para baixo e a torre estava por certo fechada durante a noite. À esquerda estendia-se um corrimão de ferro, para lá do qual havia árvores e uma queda de três metros para o jardim.

À direita, depois de um muro baixo, ficava um fosso com quatrocentos e cinquenta metros. Algures entre um lado e outro, ele e quem quer que fosse teriam de se encontrar cara a cara.

Contornou o terraço, atravessou uma estufa e reparou que a silhueta entrava na Torre Magdala. Parou.

Não previra aquilo.

Recordou-se do que Stephanie lhe dissera sobre a geometria do edifício. Cerca de vinte metros quadrados, com um torreão redondo no interior do qual se erguia uma escadaria em caracol que conduzia a um telhado guarnecido de ameias. Era aí que em tempos se situara a biblioteca de Saunière.

Chegou à conclusão de que não tinha escolha. Avançou a passos largos para a porta, viu que estava aberta e colocou-se a um dos lados. Empurrou-a com o pé e esperou pelo tiro.

Nada.

Atreveu-se a espreitar e constatou que a sala estava vazia. As janelas ocupavam duas paredes. Não havia mobília. Não havia quaisquer livros, apenas armários de madeira vazios, dois bancos estofados e uma lareira de pedra. Foi então que percebeu.

O telhado.

Aproximou-se da escada em caracol. Os degraus eram estreitos e baixos. Subiu até chegar a uma porta de ferro e empurrou-a, mas esta nem se moveu. Empurrou com mais força. Percebeu que estava fechada pelo lado de fora.

No piso abaixo de si, outra porta bateu.

Malone desceu a escada e descobriu que a única saída estava agora também trancada pelo exterior. Aproximou-se de duas janelas sobranceiras ao jardim e viu a silhueta preta saltar do terraço, agarrar-se a um ramo e depois aterrar no chão com uma agilidade surpreendente. A figura correu por entre as árvores e dirigiu-se para o parque de estacionamento a trinta metros de distância, o mesmo onde ele deixara o Peugeot naquela manhã.

Afastou-se um pouco e disparou três tiros para o lado esquerdo das janelas duplas. O vidro estilhaçou-se e depois cedeu. Com a arma afastou os fragmentos que tinham ficado presos às divisórias e esgueirou-se pela abertura. A queda era apenas de cerca de um metro. Saltou e correu para o parque de estacionamento.

Ao sair do jardim, ouviu o barulho de um motor e viu a silhueta montada numa mota. O condutor guinou para o lado contrário e evitou a única rua que saía do parque, acelerando por uma das passagens laterais em direção às casas.

Malone decidiu usar a tranquilidade da aldeia em seu benefício. Correu para a esquerda, desceu uma pequena ruela e virou na rua principal. A inclinação ajudou e ouviu a mota aproximar-se vinda do lado direito. Teria apenas uma oportunidade, por isso ergueu a arma e desacelerou o passo.

Quando o motociclista saiu do beco, disparou duas vezes.

Um dos tiros falhou o alvo, mas o segundo acertou no quadro da mota, provocando faíscas, e depois fez ricochete.

A mota acelerou pelos portões da aldeia.

Por todo o lado começaram a acender-se luzes. O barulho de tiros por certo não era um som habitual por aquelas paragens. Malone escondeu a arma sob o casaco, esgueirou-se por outra ruela e dirigiu-se para a casa de Lars Nelle. Conseguia escutar vozes atrás de si. As pessoas começavam a sair das suas casas para investigar o que se passava. Dali a alguns instantes já estaria dentro de casa e a salvo. Não acreditava que os outros dois homens ainda andassem por ali, mas se assim fosse o problema era deles.

No entanto, havia uma coisa que o preocupava.

Ficara desconfiado quando vira a silhueta saltar do terraço e depois desaparecer. Algo na forma como se movimentava.

Não tinha a certeza, mas acreditava que o seu atacante era uma mulher.

VINTE E QUATRO

ABBAYE DES FONTAINES
22 H 00 M

O senescal encontrou Geoffrey. Andava à procura dele desde a dissolução do conclave e tinham-lhe dito que o seu assistente se retirara para uma das capelas mais pequenas na ala norte, depois da biblioteca. Um dos muitos locais de meditação que a abadia oferecia aos seus ocupantes.

Entrou na sala iluminada apenas por velas e encontrou Geoffrey deitado no chão. Os irmãos costumavam prostrar-se frente ao altar. Durante o empossamento esse ato demonstrava humildade, uma prova de insignificância face à grandeza de Deus, e o seu uso continuado era uma forma de nunca esquecer essa abnegação.

— Precisamos de falar — disse em tom calmo.

O assistente permaneceu imóvel durante alguns instantes, depois ajoelhou-se, fez o sinal da cruz e levantou-se.

— Diz-me sem rodeios o que tu e o mestre andavam a fazer.

— Não estava com disposição para segredos e felizmente Geoffrey parecia mais calmo do que na Sala dos Mestres.

— Queria ter a certeza que as duas encomendas eram enviadas.

— E disse porquê?

— Não tinha de o fazer. Ele era o mestre e eu apenas um irmão.

— Mas pelos vistos ele confiava o suficiente em ti para te incumbir dessa tarefa.

— Ele disse que o senescal iria melindrar-se com isso.

— Não me melindro com tanta facilidade. — Pressentia que ele sabia mais. — Conta-me tudo.

— Não posso.

— Porquê?

— O mestre instruiu-me que respondesse apenas às perguntas sobre as cartas. Não posso revelar o resto... Até que aconteça mais alguma coisa.

— Geoffrey, o que mais terá de acontecer? De Roquefort é o novo mestre. Tu e eu estamos praticamente sozinhos. Os irmãos estão a tomar o partido dele. O que mais precisa de acontecer?

— Isso não me cabe a mim decidir.

— De Roquefort não terá futuro sem o Grande Legado. Ouviste a reação no conclave. Os irmãos irão abandoná-lo se ele não o exibir. Era sobre isso que tu e o mestre estavam a planear? O mestre sabia mais do que aquilo que me revelou?

Geoffrey nada disse e subitamente o senescal detetou no assistente uma maturidade em que nunca reparara antes.

— Não me orgulho de revelar que o mestre previu a sua derrota contra o marechal.

— E que mais disse ele?

— Nada que eu possa declarar.

Aquelas evasivas começavam a irritá-lo.

— O nosso mestre era um homem brilhante. Tal como dizes, tinha a capacidade de antever o futuro. Aparentemente, previa-o com a antecedência suficiente para fazer de ti o seu oráculo. Diz-me, o que devo fazer? — O tom de súplica era bastante óbvio.

— O mestre pediu-me que respondesse às suas perguntas com as palavras de Jesus: “Quem não odiar seu pai e sua mãe, como eu, não pode ser meu discípulo.”

A frase provinha do Evangelho de Tomé. Mas o que significariam naquele contexto? Pensou numa outra frase de Tomé. “Quem não amar a seu pai e sua mãe, como eu, esse não pode ser meu discípulo.”

— Também pediu que o recordasse do que Jesus disse. “Quem procura, não cesse de procurar até encontrar...”

— “... e, quando encontrar, ficará estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado e então terá domínio sobre o Universo.” — Terminou a frase. — Tudo o que ele disse foi sob a forma de enigma.

Geoffrey não respondeu. O jovem era de um nível bastante inferior ao do senescal e o seu caminho para o conhecimento estava apenas no início. A pertença à Ordem era uma progressão lenta em direção ao gnosticismo, uma viagem que normalmente demorava três anos. Geoffrey chegara à abadia há apenas dezoito meses, oriundo de um colégio jesuíta na Normandia. Fora abandonado em criança e educado pelos jesuítas. O mestre apercebera-se de imediato das suas qualidades e pedira que fosse incluído no corpo executivo. O senescal questionara-o sobre aquela decisão apressada, mas o velho homem limitara-se a sorrir e a responder:

— Não foi diferente do que fiz contigo. Colocou a mão sobre o ombro do assistente.

— Para o mestre requisitar a tua ajuda é porque tinha grande confiança nas

tuas capacidades.

Geoffrey fitou-o com um olhar determinado.

— E eu não irei desiludi-lo.

Os irmãos seguiam caminhos diferentes. Alguns enveredavam pela administração. Outros tornavam-se operários. Muitos contribuíam para a autossuficiência da abadia como artesãos ou agricultores. Alguns dedicavam-se exclusivamente à parte religiosa e apenas cerca de um terço eram escolhidos como cavaleiros. Geoffrey seria cavaleiro dentro dos próximos cinco anos, dependendo dos seus progressos. Já fizera a sua aprendizagem e completara o treino elementar obrigatório. À sua frente tinha ainda um ano de Escrituras e só depois viria o primeiro voto de fidelidade. Era uma pena que pudesse vir a perder tudo o que trabalhara para o atingir.

— Senescal, e o Grande Legado? Pode ser encontrado, como disse o marechal?

— Essa é a nossa única salvação. De Roquefort não o possui, mas provavelmente acha que nós sabemos onde se encontra. Sabemos?

— O mestre falou nisso. — As palavras foram proferidas com rapidez, como se não fossem para ser ditas, e havia nervosismo na face pálida do seu assistente. Esperou pelo resto. — Também me disse que um homem chamado Lars Nelle foi o que mais perto esteve e que o seu caminho era o correto.

Ele e o mestre tinham falado muitas vezes sobre o Grande Legado. As suas origens remontavam aos anos anteriores a 1307, mas o seu esconderijo após a Expulsão fora uma maneira de impedir Filipe IV de se apropriar da riqueza e conhecimento dos templários. Nos meses anteriores a 13 de Outubro, Jacques de Molay escondera tudo o que a Ordem mais estimava. Infelizmente, a sua localização não ficara registada e a Peste Negra acabou por matar todas as almas que sabiam alguma coisa acerca do seu paradeiro. A única pista provinha de uma passagem anotada nas Crónicas relativa a 4 de Junho de 1307. *Qual é o melhor local para esconder uma pedra?* Os mestres que se seguiram tentaram responder a essa pergunta e procuraram até à exaustão. Todavia, apenas no século XIX tinham surgido novas pistas, não oriundas da Ordem, mas de dois padres da paróquia de Rennes-le-Château: os abades Antoine Bigou e Bérenger Saunière. O senescal sabia que Lars Nelle ressuscitara a sua história mirabolante, e que escrevera um livro nos anos setenta que dava a conhecer ao mundo a pequena aldeia francesa e o seu suposto mistério. Descobrir agora que ele fora quem "estivera mais perto" e que "o seu caminho era o correto" parecia quase irreal.

O senescal preparava-se para fazer mais perguntas quando ouviu passos.

Virou-se e quatro irmãos cavaleiros, homens que ele conhecia, entraram na capela. De Roquefort seguia-os, envergando agora a sotaina branca de mestre.

— A conspirar, senescal? — perguntou De Roquefort, os olhos a brilhar.

— Já não. — Questionou-se sobre aquela demonstração de poder e força. — Precisa de audiência?

— Estão aqui para sua proteção, embora eu espere que isto possa ser resolvido de forma civilizada. Está preso.

— E qual é a acusação? — questionou, não se mostrando nada preocupado.

— Violação do seu voto.

— Vai explicar isso?

— No local apropriado. Estes irmãos irão acompanhá-lo aos seus aposentos, onde passará a noite. Amanhã tratarei de arranjar-lhe umas instalações mais apropriadas. Nessa altura, o seu substituto irá precisar do seu quarto.

— É muito simpático da sua parte.

— Foi o que pensei. Mas dê-se por feliz. A cela do penitente teria sido a sua casa noutros tempos.

Já ouvira falar dessas celas. Não passavam de caixas de ferro demasiado pequenas para se conseguir estar de pé ou deitado. Em vez disso, o prisioneiro era obrigado a permanecer de cócoras sem receber qualquer alimento ou água.

— Está a planear reativar essas celas?

Apercebeu-se de que De Roquefort não apreciava a provocação, mas o francês limitou-se a sorrir. Poucas vezes aquele demónio mostrara sequer um esgar.

— Os meus seguidores, ao contrário dos seus, são leais aos seus votos. Não há necessidade dessas medidas extremas.

— Quase penso que acredita nisso.

— Sabe, o que me leva a fazer-lhe frente é essa insolência. Os irmãos treinados na disciplina da devoção nunca falariam uns com os outros dessa maneira insultuosa. No entanto, homens como o senhor, vindos do mundo secular, pensam que a arrogância é necessária.

— E negar ao nosso mestre o reconhecimento devido foi demonstrar respeito?

— Foi o preço que ele pagou pela sua arrogância.

— Tiveram os dois a mesma educação.

— Só mostra que também somos capazes de errar.

Começava a ficar cansado de De Roquefort e disse:

— Exijo o meu direito a um tribunal.

— E ser-lhe-á concedido. Por enquanto fica confinado ao seu quarto.

De Roquefort fez um sinal. Os quatro irmãos avançaram e, embora estivesse

com medo, decidiu acompanhá-los com dignidade.

Deixou a capela, rodeado pelos guardas, mas à porta hesitou um pouco e olhou para trás, para Geoffrey. O homem mais jovem permanecera em silêncio enquanto ele e De Roquefort discutiam. O novo mestre não estava certamente preocupado com alguém de linhagem tão inferior. Iria demorar ainda muitos anos até que Geoffrey pudesse constituir alguma ameaça. Apesar disso, o senescal questionava-se.

Não havia sinal de medo, vergonha ou apreensão no rosto do seu assistente. Em vez disso, o seu olhar parecia o de alguém determinado.

VINTE E CINCO

RENNES-LE-CHÂTEAU
SÁBADO, 24 DE JUNHO
9 H 30 M

Malone sentou-se ao volante do Peugeot. Stephanie já se encontrava no interior do automóvel.

— Viu alguém? — perguntou ela.

— Os nossos dois amigos da noite passada estão de volta. São insistentes.

— Não há sinal da rapariga da mota?

Contara a Stephanie o que vira e que conclusões retirara.

— Não, nem eu esperava que estivesse por aqui.

— Onde estão os nossos dois amigos?

— Num Renault vermelho lá ao fundo, para lá do depósito de água. Não se volte. Não queremos assustá-los.

Ajustou o espelho retrovisor lateral de modo a conseguir ver o Renault. Os autocarros de turismo e cerca de uma dúzia de automóveis enchiam já o parque de estacionamento. O céu limpo do dia anterior fora substituído por nuvens grossas e cinzentas. Não tardaria a chover. Dirigiam-se para Avinhão, a cerca de cento e cinquenta quilómetros de distância, na tentativa de encontrarem Royce Claridon. Malone já consultara o mapa e escolhera o melhor caminho para afastarem quaisquer perseguidores.

Pôs o carro a trabalhar e atravessaram a aldeia. Depois de atravessarem os portões e de se encontrarem na estrada descendente que levava ao vale, avistou o Renault a uma distância segura e discreta.

— De que modo planeia despistá-los?

Malone sorriu.

— À maneira antiga.

— Planear sempre com antecedência, não é?

— Aprendi isso com alguém para quem trabalhei.

Encontraram a estrada nacional D 18 e dirigiram-se para norte.

O mapa indicava uma distância de trinta quilómetros até à A61, a autoestrada a sul de Carcassonne que levava a Avinhão. Nove quilómetros mais à frente, em Limoux, a estrada dividia-se em duas. Uma atravessava o rio Aude e a outra continuava para norte. Decidiu que ali seria onde teria a melhor oportunidade.

A chuva começou a cair. Primeiro uns chuviscos e depois mais forte.

Ligou os limpa-vidros dianteiro e traseiro. A estrada estava deserta em ambos os sentidos. O sábado de manhã parecia ser um bom dia para viajar.

O Renault, com as luzes de nevoeiro a atravessar a chuva, acompanhava a sua velocidade e continuava a avançar. Através do espelho retrovisor viu o Renault ultrapassar o carro imediatamente atrás de si e depois acelerar, colocando-se paralelo ao Peugeot na faixa oposta.

A janela do passageiro abriu-se e surgiu uma arma.

— Segure-se — gritou ele para Stephanie.

Pisou o acelerador e fez a curva a toda a velocidade. O Renault ficou para trás.

— Parece que houve uma mudança de planos. As nossas sombras tornaram-se agressivas. O melhor será baixar-se o mais possível.

— Já sou crescidinha. Conduza que eu estou bem.

Fez mais uma curva apertada e o Renault ganhou terreno. Manter a aderência à estrada começava a tornar-se difícil. O pavimento estava coberto por uma fina camada de condensação e tornava-se cada vez mais escorregadio. Não havia marcações a definir os limites das faixas e a berma estava coberta de poças de água que facilmente fariam o carro derrapar.

Uma bala atingiu o vidro traseiro.

O vidro não se partiu, mas Malone duvidava que aguentasse outra bala. Começou a ziguezaguear, tentando adivinhar onde terminava o pavimento de cada lado. Avistou um carro que se aproximava no sentido contrário e regressou à sua faixa.

— Sabe disparar uma arma? — perguntou sem tirar os olhos da estrada.

— Onde está?

— Por baixo do assento. Foi a que tirei ao meu perseguidor a noite passada. Há um carregador cheio. Não desperdice nenhuma bala. Preciso que eles fiquem para trás.

Ela encontrou a pistola e baixou o vidro. Malone viu-a fazer pontaria e disparar cinco vezes.

Os tiros tiveram o efeito pretendido. O Renault afastou-se, mas não desistiu da perseguição. Ziguezagueou ao longo de mais uma curva, travando e acelerando como aprendera há muito tempo.

Já chegava de ser a raposa.

Guinou para a faixa que seguia para sul e meteu os pés ao travão. Os pneus agarraram-se ao alcatrão e chiaram. O Renault seguiu disparado em direção a norte. Soltou o travão, meteu a segunda e depois acelerou.

Os pneus rodopiaram e avançaram.

Foi ganhando velocidade até meter a quinta.

O Renault encontrava-se agora à sua frente. Acelerou mais. Noventa quilómetros por hora. Cem. Cento e vinte. Tudo aquilo era estranhamente revigorante. Já há muito tempo que não participava naquele tipo de ação.

Guinou para a faixa que seguia em direção a sul e colocou-se paralelo ao Renault.

Ambos os carros seguiam agora a cento e vinte quilómetros por hora numa zona mais ou menos reta da estrada. De súbito, passaram por cima de uma pequena lomba e perderam por instantes o contacto com o pavimento, a parte de baixo do carro a bater no chão quando os pneus voltaram a tocar no asfalto molhado. O seu corpo foi sacudido com violência, e manteve-se no lugar graças ao cinto de segurança.

— Foi divertido — comentou Stephanie.

À esquerda e à direita estendiam-se campos verdes decorados por alfazema, espargos e uvas. O Renault mantinha-se ao seu lado.

Olhou de soslaio para a direita e viu que um dos homens estava a tentar sair pela janela, apoiando-se no tejadilho para conseguir disparar.

— Atire para os pneus — gritou para Stephanie.

Ela preparava-se para disparar quando Malone reparou num camião na faixa do Renault. Já conduzira vezes sem conta nas estradas europeias para saber que, ao contrário do que acontecia na América, onde os camiões andavam a uma velocidade estonteante, ali moviam-se ao ritmo de um caracol. Gostaria de encontrar um mais perto de Limoux, mas não estava em maré de desperdiçar oportunidades. O camião encontrava-se cerca de duzentos metros mais à frente. Não tardariam a estar em cima dele e com sorte a sua faixa estaria livre.

— Espere — pediu-lhe.

Manteve o automóvel paralelo ao Renault, não lhe dando qualquer possibilidade de saída. O outro condutor teria de travar, embater no camião ou guinar para a direita e entrar em campo aberto. Fez figas para que o camião permanecesse naquela faixa ou não teria outra escolha que não fosse procurar a berma.

O condutor do Renault avaliou as suas três opções e guinou para fora do alcatrão.

Malone passou pelo camião a toda a velocidade e pelo espelho retrovisor viu os perseguidores atolados em lama.

Voltou a guinar para a faixa que seguia para norte, descontraiu-se um pouco,

mas manteve a velocidade, deixando a estrada principal em Limoux, tal como planeado.

..*

Chegaram a Avinhão um pouco depois das onze da manhã. A chuva parara de cair e agora o Sol brilhava sobre as colinas verdes. Uma muralha ameada contornava a cidade que em tempos funcionara como a capital da cristandade durante quase cem anos. Malone conduziu o Peugeot por um labirinto de ruas até um parque de estacionamento subterrâneo.

Assim que chegaram ao cimo das escadas que davam para a superfície, reparou de imediato nas igrejas românicas rodeadas por habitações, nos telhados e paredes cor-de-areia que davam à cidade um ambiente claramente italiano. Sendo fim-de-semana, os turistas já enchiam as principais atrações.

A morada no diário de Lars levou-os por uma das ruas principais. Enquanto caminhavam, Malone pensou no século XIV, altura em que os papas trocaram o rio Tibre em Roma pelo Ródano francês e ocuparam o enorme palácio na colina. Avinhão tornou-se num local de asilo para os hereges. Os judeus compravam a tolerância a troco de um pequeno imposto, os criminosos viviam incólumes e as casas de jogo e bordéis floresciam. O policiamento era negligente e sair à rua depois de anoitecer podia ser perigoso. O que escrevera Petrarca? “Um lugar de pesares onde tudo respira mentiras.” Esperava que as coisas tivessem mudado em seiscentos anos.

A morada de Royce Claridon era uma loja de antiguidades — livros e mobílias — com a montra a exibir volumes de Júlio Verne da primeira metade do século XX. Malone conhecia bem as edições coloridas. A porta estava fechada, mas um papel colado no vidro avisava que se encontravam no mercado Cours Jean Jaurès, onde decorria a feira do livro que tinha lugar mensalmente.

Perguntaram a direção e indicaram-lhes um local adjacente a uma das avenidas principais. Mesas de metal velhas povoavam a praça arborizada e sobre estas amontoavam-se caixas de plástico com livros franceses e ingleses, a maioria sobre cinema e televisão. A feira parecia atrair um público bem diferente. Cabelos bem cortados, óculos, saias, gravatas e barbas, nem uma máquina fotográfica ou de filmar à vista.

Os autocarros sucediam-se apinhados de turistas a caminho do palácio papal e o barulho dos motores abafava a música de uma banda que tocava do outro lado da rua. Uma lata de Coca-Cola rebolou pela rua calcetada, assustando Malone. Estava nervoso.

— Passa-se alguma coisa?

— Demasiadas distrações.

Deambularam pelo mercado, a observar os artigos. Os melhores livros estavam embrulhados em plástico. Um cartão identificava a proveniência e os preços, que ele reparou serem demasiado elevados para a fraca qualidade do produto. Perguntou a um dos vendedores qual a banca de Royce Claridon e encontraram-na num dos extremos da praça, longe da rua. A mulher que tomava conta das mesas era baixa e robusta, com cabelo loiro penteado num rolo. Usava óculos de sol e o cigarro preso entre os lábios roubava-lhe qualquer beleza que pudesse exibir. Para Malone, fumar nunca fora um hábito que tornasse ninguém atraente.

Examinaram os livros e tudo o que tinha exposto sobre a banca. A maioria dos volumes estava em muito mau estado e ele interrogou-se como seria possível alguém interessar-se por aquilo.

Apresentou-se e a Stephanie. A mulher não devolveu a cortesia, nem revelou o seu nome e limitou-se a continuar a fumar.

— Passámos pela sua loja — disse ele em francês.

— Hoje estamos fechados. — O tom na voz dela sugeria que não desejava ser incomodada.

— Não estávamos interessados em nada — esclareceu.

— Então, façam favor de escolher um destes livros maravilhosos.

— O negócio está assim tão mau?

Soprou o fumo e respondeu.

— Uma porcaria.

— Então, o que faz aqui? Porque não foi passar o dia fora?

Ela olhou-o com suspeição.

— Não gosto de perguntas, principalmente de americanos que mal sabem falar francês.

— Pensei que o meu fosse razoável.

— Mas não é.

Decidiu ir direito ao assunto.

— Andamos à procura de Royce Claridon.

Ela soltou uma gargalhada.

— E quem não anda?

— Pode dizer-nos onde ele se encontra?

Aquela mulher começava a enervá-lo. Não respondeu logo pois a sua atenção desviou-se para um casal que examinava uns livros. A banda do outro lado da rua começou a tocar outra música e, por fim, os seus potenciais clientes foram-se

embora.

— Tenho de estar sempre de olho — murmurou ela. — Esta gente rouba tudo.

— Fazemos o seguinte — disse Malone —, compro uma caixa de livros se me responder a uma pergunta.

A proposta pareceu interessar-lhe.

— O que deseja saber?

— Onde está Royce Claridon?

— Já não o vejo há cinco anos.

— Não foi isso que perguntei.

— Desapareceu.

— Para onde foi?

— Já fez todas as perguntas que uma caixa de livros compra. Era óbvio que ela não ia revelar nada e ele não estava com disposição para lhe dar mais dinheiro. Assim, atirou uma nota de cinquenta euros para cima da mesa e pegou na caixa.

— A sua resposta foi uma porcaria, mas irei manter a minha parte do acordo.

Caminhou até um balde de lixo aberto e despejou o conteúdo da caixa lá dentro. Depois voltou a colocá-la sobre a mesa.

— Vamos embora — disse ele para Stephanie, e viraram costas.

— Ei, americano!

Malone parou e voltou-se. A mulher levantou-se da cadeira.

— Gostei disso.

Malone ficou à espera.

— Andam muitos credores atrás de Royce, mas ele é fácil de encontrar. Procure no sanatório em Villeneuve-les-Avignon.

— Encostou o indicador a uma das têmporas. — Completamente doido!

VINTE E SEIS

ABBAYE DES FONTAINES
11 H 30 M

O senescal sentou-se no seu quarto. Dormira pouco na noite anterior, a refletir no seu problema. Dois irmãos guardavam a porta e ninguém estava autorizado a entrar, a não ser para levar comida. Não gostava de estar fechado, mas ao menos aquela prisão era confortável. Os seus aposentos não eram tão grandes quanto os do mestre ou os do marechal, porém eram privados e tinham casa de banho e uma janela. Havia pouco perigo de ele fugir pela janela, pois a queda seria de várias centenas de metros para um precipício de rocha cinzenta.

No entanto, a sua sorte por certo mudaria ainda naquele dia, uma vez que De Roquefort não iria permitir que ele deambulasse pela abadia à sua vontade. O mais certo seria acabar preso num dos quartos subterrâneos, locais há muito utilizados como armazéns, o lugar ideal para manter um inimigo isolado. O seu destino era uma incógnita.

Já percorrera um longo caminho desde a sua iniciação.

A Regra era clara. *Se alguém desejar abandonar o caminho da perdição e a vida secular e escolher a vida comunitária, não o aceiteis de imediato pois São Paulo disse*: Testai a alma para ver se vem de Deus. *Se a companhia da irmandade lhe for concedida, que lhe leiam a Regra e se ele aceitar obedecer aos mandamentos nela estabelecidos, então deixai que os irmãos o recebam, deixai que revele os seus desejos frente a todos eles e faça o seu pedido de coração puro.*

Tudo isso ocorrera e ele fora recebido. Proferira o voto de livre vontade e servira a Ordem com empenho e prazer. Agora era um prisioneiro. Falsamente acusado por um político ambicioso. Muito à semelhança do seu antigo mestre, que caíra nas mãos do odioso Filipe, o Belo. Sempre achara o cognome estranho. Na verdade, o adjetivo nada tinha a ver com o seu temperamento, pois o monarca francês era um homem frio e calculista, cujo único desejo era ser chefe da Igreja Católica. Em vez disso, referia-se ao seu cabelo loiro e olhos azuis. Uma coisa por fora e algo bem diferente por dentro.

Levantou-se da secretária e caminhou de um lado para o outro, um hábito adquirido na universidade. Andar ajudava-o a pensar. Sobre a secretária estavam os dois livros que tirara da biblioteca, duas noites atrás. Apercebeu-se que as

próximas horas podiam ser a sua última oportunidade para os estudar. De certeza que, assim que dessem pela sua falta, o roubo de propriedade da Ordem seria acrescentado à lista das acusações. O seu castigo — banimento seria uma bênção, mas ele sabia que a sua Némesis nunca permitiria uma saída tão fácil.

Pegou no códice do século XV, um tesouro pelo qual qualquer museu pagaria uma elevada soma para o ter no seu espólio. As páginas estavam escritas com uma letra redonda, conhecida como rotunda, muito comum na época e utilizada em manuscritos eruditos. O texto continha pouca ou nenhuma pontuação, apenas linhas longas que ocupavam toda a página. O escriba teria levado semanas a produzir tal obra, fechado no scriptorium da abadia e dobrado sobre uma mesa, pena na mão, a desenhar lentamente cada letra. Havia marcas de queimaduras na capa e pingos de cera em algumas páginas, mas o códice estava em excelente estado. Uma das principais missões da Ordem era preservar o conhecimento e ele tivera sorte em descobrir aquela pérola por entre os milhares de volumes que compunham a biblioteca.

Tens de terminar a demanda. É o teu destino. Quer tenhas consciência disso, quer não. Tinham sido as palavras do mestre para Geoffrey. Contudo, também dissera, *Muitos seguiram o caminho que vais percorrer, mas nunca ninguém o terminou com sucesso.*

Mas saberiam eles tudo o que ele sabia? Por certo não.

Pegou no outro volume. O seu texto também tinha sido escrito à mão, não por escribas, mas pelo marechal da Ordem em Novembro de 1897. Este estivera em contacto com o abade Jean-Antoine-Maurice Gélis, o padre da paróquia de Coustausa, uma vila situada no vale do rio Aude, não muito longe de Rennes-le-Château. O seu encontro fora bastante proveitoso, pois o marechal ficara na posse de informações vitais.

Voltou a sentar-se e folheou o relato.

Algumas páginas chamaram-lhe a atenção, palavras que lera pela primeira vez com interesse há três anos. Levantou-se e dirigiu-se para a janela com o livro na mão.

Fiquei perturbado ao saber que o abade Gélis tinha sido assassinado no Dia de Todos os Santos. Foi encontrado vestido, com o chapéu eclesiástico posto, e deitado sobre o próprio sangue no chão da cozinha. O seu relógio parara à meia-noite e quinze minutos, mas a hora da morte foi estabelecida entre as três e as quatro da manhã. Fazendo-me passar pelo representante do bispo, falei com alguns habitantes e com o polícia local. Gélis era um homem nervoso e conhecido por ter sempre as janelas e as portadas fechadas, mesmo

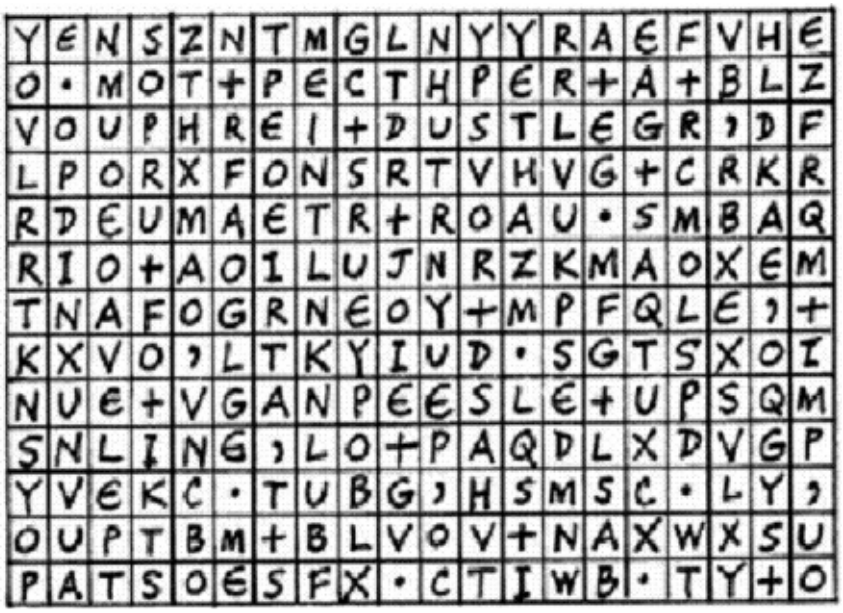
no Verão. Nunca abria a porta do presbitério a estranhos e, como não havia sinais de entrada forçada, as autoridades concluíram que o abade conhecia o seu assassino.

Gélis faleceu aos setenta e um anos de idade depois de ter sido atingido na cabeça com as tenazes da lareira e mutilado com um machado. O sangue era abundante, tendo sido encontradas manchas e salpicos no chão e no tecto. Porém, não existiam quaisquer pegadas por entre as várias poças de sangue, o que deixou o polícia admirado. O corpo foi intencionalmente deitado de costas, com as mãos cruzadas sobre o peito, na habitual posição dos mortos. Foram encontrados no interior da casa seiscentos e três francos em ouro e notas, e mais cento e seis francos. Não parece que o motivo tenha sido o roubo. O único objeto que pôde ser considerado prova foi um maço de mortalhas. Numa delas estava escrito "Viva Angelina". Um achado importante, pois Gélis não fumava e detestava até o cheiro dos cigarros.

Na minha opinião, o verdadeiro motivo para o crime foi encontrado no quarto do padre. Aí, o assassino tinha aberto uma pasta. Os papéis continuavam no seu interior e não havia maneira de saber o que faltava. Dentro e em redor da pasta foram encontradas pingas de sangue. O polícia concluiu que o assassino andava à procura de alguma coisa e eu talvez saiba o que poderia ser.

Conheci o abade duas semanas antes do seu assassinato. Um mês antes disso, Gélis comunicara com o bispo em Carcassonne. Eu apareci na casa do abade, fiz-me passar por representante do bispo, e falámos longamente sobre o que o afligia. Acabou por me pedir que o ouvisse em confissão. Uma vez que não sou padre e, por isso, não estou limitado pelo segredo da confissão, posso revelar o que me foi dito.

Algures durante o Verão de 1896, Gélis descobriu um frasco de vidro escondido na sua igreja. O corrimão do coro precisara de ser substituído e, quando a madeira foi arrancada, encontraram um esconderijo que continha um frasco de vidro selado e no seu interior uma tira de papel que continha o seguinte:



Este criptograma era um sistema de código muito utilizado no século passado. Contou-me que seis anos antes, o abade Saunière, da paróquia de Rennes-le-Château, encontrara também um criptograma na sua igreja. Quando comparados, repararam que eram idênticos. Saunière acreditava que ambos os frascos haviam sido escondidos pelo abade Bigou, responsável pela paróquia de Rennes na altura da Revolução Francesa. No tempo do abade, a igreja de Coustausa era também utilizada pelo padre de Rennes, logo Bigou teria sido uma presença frequente na atual paróquia de Gélis. Saunière também acreditava que existia uma ligação entre o criptograma e a pedra tumular de Marie d'Hautpoul de Blanchefort, que falecera em 1781. O abade Bigou fora o seu confessor e encomendara a lápide para a campa da paroquiana, mandando gravar nela um conjunto de estranhos símbolos e letras. Saunière não foi capaz de decifrar nada, mas após um ano de trabalho Gélis resolveu o criptograma. Revelou-me que não foi completamente honesto com o amigo abade por achar os seus motivos pouco puros e honestos. Desse modo, escondeu de Saunière as soluções a que tinha chegado.

O abade Gélis desejava que o bispo fosse informado das suas conclusões e acreditava que eu lhe entregaria a mensagem.

..*

Infelizmente, o marechal não anotara as conclusões de Gélis. Talvez pensasse que a informação era demasiado importante para ser escrita ou, quem sabe, não passava de um oportunista, tal como De Roquefort. O mais estranho era que, segundo as Crónicas, o próprio marechal desapareceu no ano seguinte, em 1898. Teria saído da abadia em serviço, e nunca mais regressara. As buscas realizadas

nessa altura não tiveram qualquer sucesso. Graças a Deus, o marechal tinha anotado o criptograma.

Os sinos tocaram para As sextas, chamando os irmãos para as orações do meio-dia. Todos, com exceção do pessoal da cozinha, iriam reunir-se na capela para orar e escutar a leitura de salmos até à uma da tarde. Decidiu aproveitar aquele tempo para meditar também um pouco, mas foi interrompido por um suave bater na porta.

Voltou-se e viu Geoffrey entrar, transportando um tabuleiro com comida.

— Ofereci-me para lhe trazer isto — disse o homem mais novo. — Disseram-me que não tomou o pequeno-almoço. Deve estar com fome. — O tom do seu assistente era estranhamente alegre.

A porta ficou aberta e conseguiu ver os dois guardas lá fora.

— Também lhes trouxe algo para beberem — comentou Geoffrey e apontou para o outro lado da porta.

— Muito generoso da tua parte.

— Jesus disse que a vida provém da fé, do amor e da generosidade.

O senescal sorriu.

— Isso é verdade, meu amigo. — Manteve o mesmo tom bem disposto para os dois pares de ouvidos escutarem.

— Está bem? — perguntou Geoffrey.

— Tão bem quanto seria de esperar nestas condições. — Aceitou o tabuleiro e colocou-o sobre a mesa.

— Rezei por si, senescal.

— Esse título já não me pertence. Aposto que De Roquefort já deve ter nomeado outro irmão para o meu lugar.

Geoffrey acenou afirmativamente.

— O seu tenente-chefe.

— Ai de nós...

Viu um dos guardas cair no chão e, poucos segundos depois, o outro juntou-se-lhe.

Dois copos de metal rebolaram pelas pedras do chão.

— Demorou — disse Geoffrey.

— O que lhes deu?

— Um sedativo. Cortesia do enfermeiro. Inodoro e insípido, mas de ação rápida. O irmão é nosso aliado e deseja-lhe boa sorte. Agora temos de ir. O mestre tomou providências e cabe-me a mim garantir que são cumpridas.

Geoffrey meteu a mão por baixo da sotaina e retirou duas pistolas.

— O responsável pelo depósito das armas também é nosso amigo, podemos precisar delas.

O senescal aprendera a lidar com armas, fazia parte do treino básico de todos os irmãos. Pegou numa das pistolas.

— Vamos deixar a abadia?

— Sim, temos de o fazer para cumprir a nossa missão — informou Geoffrey.

— A nossa missão.

— É verdade, senescal. Já há muito tempo que ando a preparar-me para isto.

Notou a ansiedade na sua voz e, embora tivesse quase mais dez anos que Geoffrey, sentiu-se pouco à vontade. Aquele suposto irmão mais novo era bem mais adulto do que aparentava.

— Como disse ontem, o mestre foi sábio em escolher-te.

Geoffrey sorriu.

— Foi sábio em escolher-nos a ambos.

Pegou numa mochila e colocou no interior alguns objetos de higiene pessoal e os dois livros que tirara da biblioteca.

— Não tenho outras roupas para além da sotaina.

— Podemos comprar outras assim que sairmos daqui.

— Tens dinheiro?

— O mestre era um homem muito meticuloso e previdente.

Geoffrey aproximou-se da porta e espreitou para ambos os lados.

— Os irmãos estão todos na capela. Não devemos ter problemas em sair.

Antes de seguir o assistente em direção ao corredor, olhou os aposentos pela última vez. Alguns dos melhores momentos da sua vida tinham sido ali passados e entristecia-o ter de abandonar todas aquelas memórias. No entanto, havia algo nele que o impelia a seguir em frente, em direção à verdade que apenas o mestre conhecia.

VINTE E SETE

VILLENEUVE-LES-AVIGNON
12 H 30 M

Malone observou Royae Claridon. O homem envergava umas calças largas manchadas com o que parecia ser tinta e uma camisola desportiva. Aparentava ter quase sessenta anos e uma constituição magra e seca. Os olhos negros e encovados já não tinham qualquer brilho, mas pareciam atentos. Os pés descalços estavam sujos, as unhas mal tratadas, e o cabelo e barba grisalhos e emaranhados. O auxiliar do sanatório dissera-lhes que Claridon sofria de alucinações, embora fosse inofensivo, e que quase todos na instituição o evitavam.

— Quem são vocês? — perguntou Claridon em francês, observando-os com um olhar distante e perplexo.

O sanatório ocupava um enorme palácio que um painel na frente afirmava pertencer ao governo francês desde a Revolução. As alas projetavam-se do edifício principal em ângulos pouco vulgares e muitos dos antigos salões tinham sido convertidos em quartos para os pacientes. Encontravam-se num solário, com janelas do tecto até ao chão que emolduravam os campos circundantes. Nuvens densas tapavam o Sol do meio-dia. Um dos auxiliares dissera-lhes que Claridon passava ali grande parte dos dias.

— Foram enviados pelo mestre? — questionou o velho homem.

— Tenho muitas informações para lhe dar.

Malone decidiu entrar no jogo.

— Sim, o mestre pediu-nos que viéssemos falar consigo.

— Ah, finalmente. Esperei durante muito tempo. — Havia ansiedade nas suas palavras.

Malone fez um sinal e Stephanie afastou-se. Era óbvio que aquele homem se considerava um templário e as mulheres não faziam parte da irmandade.

— O que tem para me dizer, irmão? Conte-me tudo.

Claridon brincou com o cabelo, depois levantou-se, e começou a andar de um lado para o outro.

— Terrível — disse. — Estávamos cercados por todos os lados. Havia inimigos a perder de vista. Já quase não tínhamos setas, a comida estava estragada e a água acabara. Muitos dos irmãos tinham sucumbido à doença e

nenhum de nós ia viver muito mais tempo.

— Uma situação complicada. O que fizeram?

— Aconteceu uma coisa estranha. Do interior das muralhas foi içada uma bandeira branca. Olhámos uns para os outros e as nossas expressões de espanto revelavam o que cada um estava a pensar. “Eles querem negociar.”

Malone conhecia bem a história medieval. As negociações eram muito comuns durante as cruzadas. Os exércitos em situação de impasse costumavam negociar condições para que ambos pudessem retirar e clamar vitória.

— E reuniram-se? — perguntou Malone.

O velho homem assentiu e levantou quatro dedos sujos.

— De cada vez que nos reunimos fomos bem recebidos e acabámos por chegar a acordo.

— Agora diga-me, qual é a mensagem que o mestre precisa de saber?

Claridon fitou-o contrariado.

— É um homem insolente.

— Como assim, irmão? Se não o respeitasse não estava aqui. O irmão Lars Nelle disse-me que era um homem de confiança.

O questionário parecia aborrecê-lo, mas logo surgiu um brilho de reconhecimento no seu olhar.

— Lembro-me dele. Um guerreiro corajoso que lutou com muita honra. Sim, sim, recordo-me dele. O irmão Lars Nelle, que Deus guarde a sua alma.

— Porque diz isso?

— Não sabe? — Havia incredulidade no seu tom. — Morreu em batalha.

— Onde?

Claridon abanou a cabeça.

— Não faço ideia, sei apenas que agora está na companhia do Senhor. Rezámos uma missa em sua honra e oferecemos-lhe muitas orações.

— Encontrou-se muitas vezes com o irmão Nelle?

— Muitas vezes.

— Ele alguma vez lhe falou da sua demanda?

Claridon desviou-se para a direita, mas manteve o olhar fixo em Malone.

— Por que razão me faz essa pergunta?

Aquele homenzinho inquieto começou a andar à sua volta como um gato. Malone resolveu aumentar a parada de qualquer que fosse o jogo que a mente confusa daquele homem estava a jogar. Agarrou Claridon pela camisola e levantou-o do chão. Stephanie deu um passo em frente, mas com um olhar rápido ele pediu-lhe que se afastasse.

— O mestre não está nada contente — revelou ele. — Mesmo nada.

— Mas como?

A face de Claridon enrubesceu de vergonha.

— Consigo.

— Mas eu não fiz nada.

— Recusa-se a responder às minhas perguntas.

— Mas o que deseja saber? — Havia perplexidade no seu olhar.

— Fale-me da busca do irmão Nelle.

Claridon abanou a cabeça.

— Nada sei sobre isso. O irmão não me falou dessas coisas.

Malone viu medo e desorientação no olhar dele. Largou-o e Claridon correu para junto dos vidros e agarrou num rolo de papel de cozinha e no detergente, e começou a limpar um vidro que não estava sujo.

Voltou-se para Stephanie.

— Estamos a perder o nosso tempo.

— O que o levou a desconfiar?

— Tinha de tentar.

Recordou-se da nota enviada a Ernst Scoville e decidiu fazer uma última tentativa. Retirou o papel do bolso e aproximou-se de Claridon. Para lá do vidro, a alguns quilómetros para oeste, erguiam-se as muralhas de Villeneuve-les-Avignon.

— Os cardeais vivem ali — disse Claridon sem parar de limpar.

— Insolentes, todos eles.

Malone sabia que os cardeais tinham em tempos debandado para as colinas fora das muralhas de Avinhão e construído aí palacetes como forma de escaparem ao congestionamento da cidade e à vigilância constante do papa. Os cardeais já não viviam ali, mas a antiga cidade permanecia silenciosa e em ruínas.

— Somos os protetores dos cardeais — disse Malone, e continuou o jogo de faz-de-conta.

Claridon cuspiu para o chão.

— Que apanhem todos sífilis.

— Leia isto.

O homenzinho pegou no papel e passou os olhos pelas palavras, escancarando-os em seguida de espanto.

— Não roubei nada à Ordem. Juro — O tom de voz começava a elevar-se-lhe. — Não roubei coisa nenhuma, juro por Deus.

O homem estava a ler apenas aquilo que Malone queria que ele visse. Retirou o papel do vidro.

— Isto é uma perda de tempo, Cotton — declarou Stephanie. Claridon aproximou-se dele.

— Quem é esta megera? O que faz ela aqui?

Quase sorriu.

— É a viúva do irmão Nelle.

— Não sabia que o irmão tinha sido casado. — Lembrou-se do que lera sobre os templários há duas noites.

— Como sabe, muitos irmãos foram casados. Como não foi fiel, o laço do matrimónio desfez-se e ela foi banida para um convento.

Claridon sacudiu a cabeça em sinal de descontentamento.

— Tem ar de ser uma mulher difícil. O que faz ela aqui?

— Procura a verdade sobre o marido.

Claridon fitou Stephanie e apontou com um dedo.

— É o diabo! — gritou o homem. — O irmão Nelle procurou penitência junto dos irmãos por causa dos seus pecados. Devia ter vergonha.

Stephanie teve o bom senso de se limitar a baixar a cabeça e dizer:

— Procuro apenas o perdão.

A expressão severa de Claridon tornou-se mais compreensiva face à sua humildade.

— E tem o meu, irmã. Vá em paz.

Malone fez-lhe sinal e dirigiram-se para a porta. Claridon regressou à sua cadeira.

— É tão triste — comentou ela —, e assustador. Perder o juízo é uma coisa terrível. Lars falava disso com frequência e era coisa que muito temia.

— Acho que todos tememos. — Tinha ainda na mão o bilhete encontrado na casa de Ernst Scoville. Voltou a olhar para o texto e leu as últimas três linhas:

Em Avinhão procure Claridon. Ele poderá indicar o caminho. Mas prend garde à l'Ingénieur.

— Pergunto-me o que terá levado o remetente a pensar que Claridon podia indicar o caminho — comentou ele. — Não temos uma única pista. Estamos num beco sem saída.

— Isso não é verdade.

As palavras foram proferidas em inglês e vinham do solário.

Malone virou-se para trás no exato instante em que Claridon se levantava da cadeira. O seu olhar confuso e alienado tinha desaparecido por completo.

— Posso dar-vos essa informação e o aviso feito no bilhete deve ser levado a sério. Tenham cuidado com o engenheiro. É por causa dela, e de outros, que procurei refúgio aqui.

VINTE E OITO

ABBAYE DES FONTAINES

O senescal seguiu Geoffrey pelo labirinto de corredores abobadados. Esperava que a sua previsão estivesse correta e que todos os irmãos se encontrassem na capela para as orações do meio-dia.

Até ao momento não tinham visto ninguém.

Dirigiram-se para o palais, composto pelo salão principal, pelos escritórios administrativos e pelas salas públicas. Quando, no passado, a abadia não permitia o contacto com o exterior, ninguém estranho à Ordem estava autorizado a passar além da sala de entrada no rés-do-chão. Todavia, quando, no século XX, o turismo começou a florescer e as outras abadias abriram as suas portas, a Abbaye des Fontaines, para não originar suspeitas, seguiu o mesmo exemplo, • oferecendo aos interessados visitas e sessões informativas, muitas das quais tinham lugar no palais.

Entraram na enorme sala de estar. As janelas feitas de vidro verde e grosseiro projetavam farrapos de luz pálida no chão de xadrez. Um gigantesco crucifixo de madeira dominava uma das paredes e da outra pendia uma tapeçaria.

Na entrada para outro corredor, a trinta metros da enorme sala, encontrava-se Raymond de Roquefort com cinco irmãos, todos de armas em punho.

— Já de saída? — perguntou De Roquefort.

O senescal estacou, porém Geoffrey levantou a sua arma e disparou dois tiros. Os homens do outro lado mergulharam no chão e as balas cravaram-se na parede.

— Por ali — disse Geoffrey, e apontou para a esquerda, na direção de outro corredor.

Dois tiros rasaram-lhes as cabeças.

Geoffrey disparou outra bala e assumiram posições defensivas no corredor, junto a uma saleta onde outrora os mercadores mostravam os seus artigos.

— Muito bem — gritou De Roquefort. — Já tem a minha atenção. É mesmo necessário haver derramamento de sangue?

— Isso é consigo — respondeu o senescal.

— Pensei que o seu voto fosse uma coisa preciosa. Não é seu dever obedecer ao mestre? Eu ordenei-lhe que ficasse nos seus aposentos.

— Ai, sim? Devo ter-me esquecido dessa parte.

— É interessante ver como há regras que se aplicam só a si e as outras aos restantes irmãos. Ainda assim, não podemos resolver isto a bem?

— O que propõe?

— Imaginei que tentaria fugir. As sextas pareciam a melhor altura, por isso fiquei à espera. Como vê, conheço-o bem. Todavia, o seu aliado surpreende-me. Demonstrou grande coragem e lealdade. Gostava que se juntassem ambos à minha causa.

— Para fazermos o quê?

— Ajudarem-nos a reclamar o nosso destino, em vez de boicotarem as nossas ações.

Havia algo de errado. De Roquefort parecia muito civilizado. Foi então que lhe ocorreu. Estava a tentar ganhar tempo.

Deu a volta.

A quinze metros dali, um homem armado contornava a esquina. Geoffrey também o avistou. O senescal disparou um tiro para a parte inferior da sotaina do atacante. Escutou o barulho do metal a perfurar a carne e um grito de dor. Que Deus o perdoasse. A Regra proibia que se ferisse outro cristão, mas não tinha escolha. Precisava de escapar daquela prisão.

— Vamos — chamou.

Geoffrey tomou a dianteira e saíram dali a correr, saltando poi cima do irmão que se contorcia de dores. Viraram a esquina e continuaram a correr. Atrás deles escutavam-se passos.

— Espero que saibas o que estás a fazer — disse para o assistente: Mais uma esquina e Geoffrey parou junto a uma porta meio aberta. Entraram e fecharam-na com cuidado. Uns segundos mais tarde, os seus perseguidores passaram a correr, o barulho dos passos diminuindo com a distância.

— Aquele caminho vai dar ao ginásio. Não vão demorar muito a perceber que não estamos lá — informou ele.

Voltaram a sair e dirigiram-se, pelo mesmo caminho que os homens, mas em vez de virarem à direita, voltaram à esquerda, em direção à sala de jantar.

Questionava-se por que motivo os tiros não tinham chamado a atenção de mais irmãos. Porém, a música na capela era sempre tão alta que não se ouvia mais nada. Apesar disso, De Roquefort antecipara a sua fuga e o mais certo era ter mais homens espalhados pela abadia à sua espera.

As compridas mesas e bancos da sala de jantar encontravam-se vazios e da cozinha chegava o aroma de alimentos cozinhados. No púlpito, a um metro de altura, estava um irmão também armado.

O senescal atirou-se para baixo de uma mesa, e usou a mochila como amortecedor. Geoffrey procurou refúgio debaixo de outra mesa.

Uma bala lascou o tampo de carvalho.

Geoffrey saiu do seu esconderijo e disparou dois tiros, um dos quais acertou no atacante. O homem estremeceu e depois caiu no chão.

— Está morto? — perguntou o senescal.

— Espero que não. Acho que lhe acertei no ombro.

— Isto está a ficar descontrolado.

— Agora é demasiado tarde para desistirmos.

Levantaram-se. O pessoal da cozinha saiu disparado para ver o que se passava. Não representavam qualquer perigo.

— Voltem para a cozinha — ordenou o senescal, e ninguém desobedeceu.

— Senescal! — chamou Geoffrey ansioso.

— Indica o caminho, Geoffrey.

Deixaram a sala de jantar por outro corredor. Atrás deles começaram a ouvir vozes e o barulho de passos apressados. Os ferimentos dos dois irmãos iriam motivar até o mais tímido dos seus perseguidores. O senescal estava furioso por ter caído na armadilha que De Roquefort lhe tecera. Qualquer credibilidade que ainda possuísse tinha desaparecido. Agora é que ninguém iria apoiá-lo e amaldiçoou a sua imprudência.

Entraram na ala do dormitório. A porta no extremo oposto encontrava-se fechada. Geoffrey correu até lá e experimentou a fechadura. Trancada.

— Parece que as nossas opções estão a diminuir — afirmou o senescal.

— Venha — disse o assistente.

Correram para o interior do dormitório, uma sala grande e oblonga com tarimbas dispostas perpendicularmente, ao estilo militar, sob uma fila de janelas em ogiva.

Escutaram gritos e vozes. Vinha mais gente na sua direção.

— Não há outra saída — constatou ele.

Encontravam-se a meio de uma fila de camas vazias. Atrás deles ficava a entrada, que não tardaria a encher-se de adversários, à frente deles, as casas de banho.

— Vamos para as casas de banho — sugeriu. — Pode ser que eles continuem.

Geoffrey correu para a outra ponta onde duas portas davam acesso a sanitas separadas por divisórias.

— Aqui.

— Não. O melhor será separarmo-nos. Entra numa e sobe para cima da sanita.

Eu fico noutra. Se não fizermos barulho, pode ser que tenhamos sorte. Para além disso... — Hesitou, não gostando da situação. — Não temos outra escolha.

..*

De Roquefort examinou a ferida. O ombro do irmão sangrava com abundância e este contorcia-se com dores. Todavia, demonstrava um extraordinário autocontrole, lutando para não entrar em choque. Colocara o atirador na sala de jantar, pensando que o senescal poderia entrar ali, e não se enganara. O que subestimara fora a determinação dos seus inimigos. Os irmãos faziam um voto de nunca ferirem outro irmão. Ele achara que o senescal era demasiado idealista e se manteria fiel a esse juramento. Enganara-se e agora dois homens iam a caminho da enfermaria. Esperava que nenhum deles tivesse de ser transportado para o hospital de Perpignan ou Mont Louis, pois isso levantaria um sem-número de perguntas. O enfermeiro da abadia era um cirurgião qualificado e possuía uma sala de operações bem equipada que já fora utilizada bastantes vezes ao longo dos anos, porém a sua eficiência também tinha limites.

— Levem-no para a enfermaria e digam ao médico que ele deve ser tratado aqui — ordenou a um dos ajudantes.

Olhou para o relógio. Dali a quarenta minutos as orações do meio-dia chegariam ao fim.

Um dos irmãos aproximou-se dele.

— A porta do outro extremo, depois da entrada do dormitório, continua fechada, como ordenou.

De acordo com o relato do irmão ferido, sabia que eles não tinham voltado para trás pela sala de jantar. Isso só deixava uma alternativa. Pegou no revólver.

— Fica aqui e não deixes passar ninguém. Eu trato disto sozinho.

..*

O senescal entrou na casa de banho iluminada. Filas de cubículos com sanitas, urinóis e lavatórios de aço inoxidável encastrados em bancadas de mármore compunham o espaço. Ouviu Geoffrey na divisória ao lado a posicionar-se num dos cubículos. Estava nervoso e tentou acalmar-se. Nunca antes estivera numa situação daquelas. Respirou fundo, voltou para trás, e abriu uma fresta da porta para espreitar.

O dormitório continuava vazio.

Talvez tivessem passado e seguido em frente. A abadia assemelhava-se a um formigueiro cheio de corredores. Tudo o que precisavam era de alguns minutos preciosos para conseguirem fugir. Voltou a amaldiçoar-se pela fraqueza. Todos os anos que passara a refletir e a aprender tinham sido desperdiçados. Agora não

passava de um fugitivo com mais de quatrocentos irmãos como inimigos. “Respeito o poder dos seus adversários.” Tinha-o dito ao mestre apenas há um dia. Abanou a cabeça. Grande respeito. Até agora, não fizera nada de inteligente.

A porta do dormitório abriu-se e Raymond de Roquefort entrou.

O seu adversário fechou o trinco da porta.

Qualquer esperança que o senescal pudesse ter desapareceu.

O espetáculo ia ter lugar ali e naquele momento.

De Roquefort trazia um revólver e observou o quarto, interrogando-se por certo onde estaria a sua presa. Não o tinham conseguido enganar. Ainda assim, o senescal não tinha qualquer intenção de arriscar a vida de Geoffrey e precisava de algo para chamar a atenção do inimigo. Soltou a maçaneta da porta e deixou que esta se fechasse com um pequeno estalido.

..*

De Roquefort apercebeu-se de um movimento e ouviu o barulho de um trinco a encaixar-se na estrutura de metal. Desviou os olhos para a extremidade do dormitório e para uma das portas da casa de banho.

Não se enganara.

Eles estavam ali.

Estava na hora de pôr um ponto final naquele problema.

..*

O senescal observou a casa de banho. A lâmpada fluorescente iluminava tudo como se fosse a luz do dia e uma parede de vidro sobre o balcão dos lavatórios fazia a divisão parecer ainda maior. O chão era de ladrilhos e as casas de banho separadas por divisões de mármore. Fora tudo construído com dedicação e durabilidade.

Escondeu-se no segundo cubículo e fechou a porta. Saltou para cima da sanita e debruçou-se sobre a divisória até conseguir fechar e trancar as portas do primeiro e terceiro cubículos. Depois voltou à posição inicial e esperou que De Roquefort mordesse o isco.

Como precisava de alguma coisa para chamar a sua atenção, libertou o papel higiénico do suporte.

Houve um movimento de ar quando a porta da casa de banho se abriu e escutou o som de passos.

Deixou-se ficar sobre o tampo da sanita, de arma em punho, e lembrou-se de respirar muito lentamente.

..*

De Roquefort apontou a arma automática em direção aos cubículos. O

senescal estava ali. Disso tinha a certeza. Mas onde? Seria uma boa estratégia baixar-se e espreitar pelo espaço entre as portas e o chão? Três das portas estavam fechadas e as outras três escancaradas.

Não.

Decidiu disparar.

..*

O senescal pensou que não demoraria muito até De Roquefort começar aos tiros, por isso fez deslizar o suporte do papel higiénico por baixo da porta do primeiro cubículo.

O metal tilintou na pedra do chão.

..*

De Roquefort disparou naquela direção e escancarou a porta com um pontapé. Uma nuvem de pó de mármore branco encheu o ar. Disparou mais uma rajada de tiros para o interior do cubículo, que destruiu por completo a sanita e o estuque da parede.

A água começou a jorrar.

Todavia, o cubículo estava vazio.

..*

No segundo antes de o seu inimigo se aperceber do erro, o senescal disparou por cima das divisórias, e com duas balas acertou no peito do seu atacante. Os tiros ecoaram pela casa de banho.

Viu De Roquefort cambalear para trás e cair para cima do balcão dos lavatórios e depois dobrar-se como se tivesse sido apunhalado no peito. No entanto, não viu qualquer mancha de sangue no ponto de entrada das balas. O homem parecia mais atordoado que outra coisa. Foi então que se apercebeu de uma superfície meio azulada por entre os buracos da sotaina.

Um colete à prova de bala.

Ajustou a mira e apontou-lhe à cabeça.

..*

De Roquefort apercebeu-se da ameaça e reuniu a força necessária para rebolar do balcão quando a bala saiu do cano. O seu corpo deslizou pelo chão molhado em direção à porta.

Pedaços de loiça sanitária e pedra estalavam sob ele. O espelho explodiu, quebrando-se em mil pedaços. A casa de banho era demasiado exígua e o seu oponente mais corajoso do que antecipara. Assim, recuou em direção à porta e esgueirou-se para o exterior no momento em que outra bala se alojava na parede atrás de si.

..*

O senescal desceu da sanita e abandonou o cubículo. Avançou pé ante pé até à porta e preparou-se para sair. Não tinha dúvidas que De Roquefort estaria à sua espera. Mas não ia acobardar-se.

Não agora. Devia esta luta ao mestre. Os Evangelhos eram claros. Jesus não viera trazer a paz, mas sim uma espada. Também ele assim o faria.

Acalmou-se, segurou melhor a arma e escancarou a porta.

A primeira coisa que avistou foi Raymond de Roquefort. Depois viu Geoffrey com a arma encostada ao pescoço do novo mestre e o revólver de De Roquefort caído no chão.

VINTE E NOVE

VILLENEUVE-LES-AVIGNON

Malone fitou Royce Claridon e exclamou:

— Afinal não está doente. — Tive muitos anos de prática. — Claridon virou-se para Stephanie. — É a mulher de Lars?

Ela acenou afirmativamente.

— Era um bom amigo e um grande homem. Muito inteligente, mas também muito ingénuo. Subestimou o poder dos que se lhe opunham.

Continuavam sozinhos no solário e Claridon reparou no interesse de Malone pela porta de saída.

— Ninguém nos virá incomodar. Não há uma única alma que tenha paciência para os meus delírios. Fiz questão em me tornar muito aborrecido. Ficam todos contentes quando me retiro para aqui.

— Há quanto tempo aqui está?

— Há cinco anos.

Malone ficou espantado.

— Porquê?

Claridon caminhou em passo lento por entre os vasos de plantas. Do outro lado do vidro, nuvens negras contornavam o horizonte.

— Existem outros que procuram o mesmo que Lars. Não o fazem de uma maneira pública ou chamam a atenção para as suas atividades, mas recorrem a métodos menos pacíficos para tratarem de todos aqueles que se lhes atravessam no caminho. Por isso, refugiei-me aqui e fingi estar doente. Tomam bem conta de nós, a comida é boa e, mais importante que tudo, não fazem perguntas. Em cinco anos só falei de forma sã comigo mesmo e posso garantir-lhe que falar para os próprios botões é muito aborrecido.

— E o que o fez querer falar connosco? — questionou Stephanie.

— A senhora é a viúva de Lars. Por ele faria qualquer coisa. — Claridon apontou. — E esse bilhete. Enviado por alguém com conhecimento de causa. Talvez até pelas mesmas pessoas que não apreciam que se metam nos seus assuntos.

— E Lars atravessou-se no caminho deles? — interrogou Stephanie.

— Não tenho dúvidas que sim. Havia muita gente que desejava saber o que ele descobrira.

— E qual era a sua ligação ao meu marido? — perguntou ela.

— Eu tinha acesso ao comércio dos livros e ele precisava de volumes pouco procurados.

Malone sabia muito bem que os alfarrabistas eram locais procurados tanto por colecionadores como por estudiosos.

— Ficámos amigos e acabei por partilhar da sua paixão. Esta região é a minha casa. A minha família vive aqui desde os tempos medievais. Alguns dos meus antepassados eram cátaros, queimados nas fogueiras pelos cristãos. Depois Lars morreu. Uma tristeza. E outros também faleceram depois dele. Foi por isso que vim para aqui.

— Que outros?

— Um negociante de livros em Sevilha, um bibliotecário em Marselha, um estudante universitário em Roma. Já para não falar de Mark.

— Ernst Scoville também está morto. Foi atropelado por um carro a semana passada, logo depois de eu ter falado com ele.

Claridon benzeu-se.

— Todos os que procuram sofrem, de facto, as consequências. Diga-me, minha senhora, sabe de alguma coisa?

— Tenho o diário de Lars.

No rosto dele surgiu uma expressão preocupada.

— Então corre perigo de morte.

— Como assim? — perguntou Malone.

— Isto é terrível — desabafou Claridon. — Terrível. Não é justo que seja envolvida. Já perdeu o seu marido e o seu filho...

— O que sabe sobre Mark?

— Foi logo depois da morte dele que vim para aqui.

— O meu filho morreu vítima de uma avalanche.

— Isso não é verdade. Foi assassinado, tal como os outros que já referi.

Stephanie e Malone permaneceram em silêncio à espera que o homem se explicasse.

— Mark estava a seguir pistas que o pai descobrira anos antes. Não era tão dedicado e apaixonado quanto Lars e levou alguns anos até decifrar os apontamentos do pai, mas acabou por conseguir. Viajou para sul, para as montanhas, e nunca mais regressou. Tal como o pai.

— O meu marido enforcou-se numa ponte.

— Eu sei, cara senhora. Mas sempre me perguntei o que teria realmente acontecido.

Stephanie nada disse, porém o seu silêncio indicava que também ela se interrogava.

— Disse que se refugiou aqui para fugir deles. Quem são eles? — perguntou Malone. — Os Cavaleiros Templários?

Claridon assentiu.

— Os principais culpados. Estive cara a cara com eles em duas ocasiões. Não foi uma coisa agradável.

Malone decidiu deixar aquela ideia fermentar durante uns momentos. Segurava ainda o bilhete que fora enviado a Ernst Scoville em Rennes-le-Château. Levantou o papel.

— De que modo pode indicar o caminho? Onde devemos ir? E quem é este tal engenheiro, ou engenheira, com o qual devemos ter cuidado?

— Também ela procura o mesmo que Lars. O seu nome é Cassiopeia Vitt.

— Tem boa pontaria?

— Possui variados talentos. Estou certo que disparar deve ser um deles. Vive em Givors, uma antiga cidadela. É uma mulher negra, muçulmana, e bastante rica. Trabalha na floresta e está a reconstruir um castelo, utilizando apenas técnicas do século XIII. A casa dela fica ali perto e ela acompanha pessoalmente o projeto de reconstrução, autodenominando-se l'Ingénieur. O Engenheiro. Já a viu?

— Sim, duas vezes. Salvou-me a vida em Copenhaga e em Rennes. O que me leva pensar por que motivo alguém acha que devemos ter cuidado com ela.

— Os seus motivos são deveras suspeitos. Procura o mesmo que Lars, mas por razões diferentes.

— E o que procura ela? — questionou Malone já farto de enigmas.

— Aquilo que os irmãos do Templo de Salomão há muito deixaram para trás. O Grande Legado. Aquilo que o padre Saunière descobriu. O que os irmãos procuram há muitos séculos.

Malone não acreditava em nada daquilo, mas voltou a mostrar-lhe o papel.

— Então indique-nos o caminho certo.

— Não é assim tão simples. As pistas são escassas.

— Sabe ao menos por onde começar?

— Se possuem o diário de Lars, então sabem mais do que eu. Ele falava muito desse caderno de apontamentos, mas nunca me autorizou a vê-lo.

— Também temos uma cópia de Pierres Gravées du Languedoc — informou Stephanie.

Claridon escancarou a boca.

— Nunca pensei que esse livro existisse.

Ela remexeu no interior da mala e mostrou-lhe o volume.

— Existe.

— Posso ver a lápide?

Stephanie abriu o livro na página do desenho e mostrou-lho. Claridon estudou-o com interesse. Depois sorriu.

— Lars teria ficado satisfeito. O desenho é muito bom.

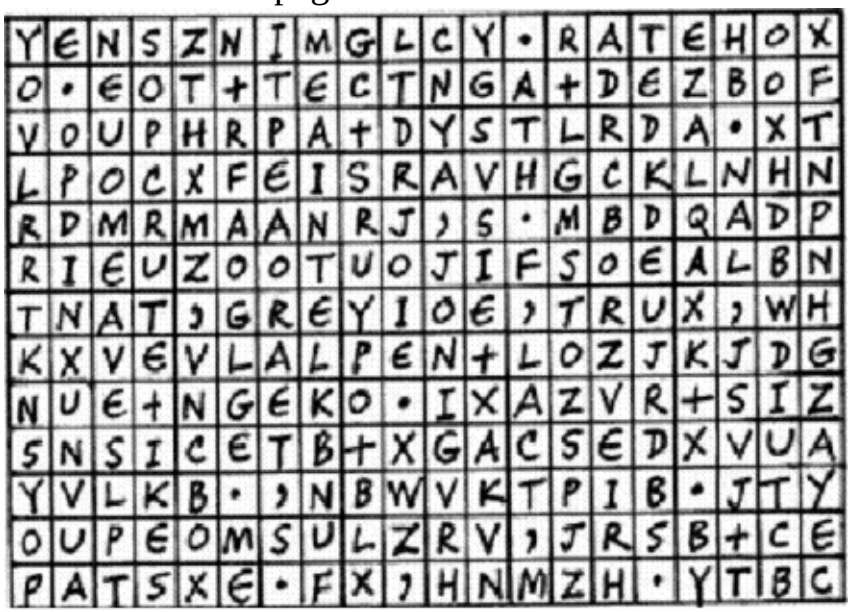
— Pode explicar? — pediu Malone.

Antes de falecer, Marie d'Hautpoul de Blanchefort contou um segredo ao abade Bigou. Antes de fugir de França, em 1793, e apercebendo-se de que não regressaria nunca mais, Bigou escondeu o que sabia na igreja de Rennes-le-Château. Essa informação foi mais tarde encontrada por Saunière dentro de um frasco de vidro, em 1891.

— Sabemos tudo isso — esclareceu Malone. — O que não sabemos é o segredo de Bigou.

— Ah, mas isso é que sabem — disse Claridon. — Posso ver o diário de Lars?

Stephanie passou-lhe o caderno de apontamentos. Ele passou as folhas com ansiedade e mostrou-lhes uma página.



— Este criptograma estava supostamente no interior do frasco de vidro.

— Como sabe isso? — questionou Malone.

— Para se saber é preciso compreender Saunière.

— Tem toda a nossa atenção.

— Durante a vida de Saunière nunca se escreveu uma linha sobre o dinheiro que ele gastou na igreja e nos outros edifícios. Ninguém fora de Rennes sabia

sequer que aquilo existia. Quando faleceu em 1917 foi completamente esquecido. Os seus pertences e papéis devem ter sido roubados ou destruídos. Em 19477 a amante vendeu os imóveis a um homem chamado Noël Corbu, e morreu seis anos depois. A suposta história de Saunière, sobre a descoberta de um grande tesouro, apareceu pela primeira nos jornais em 1956. Um jornal local, La Dépêche du Midi, publicou três fascículos que supostamente contavam a história verdadeira. No entanto, a fonte de todo o material era Corbu.

— Também sei disso — afirmou Stephanie. — Tratou de romancear ainda mais a história, modificando tudo. Isso só fez com que o assunto recebesse ainda mais atenção por parte do público e a história ficasse cada vez mais fantasiada.

Claridon assentiu.

— A ficção acabou por suplantar os factos.

— Está a falar dos pergaminhos? — perguntou Malone.

— São um excelente exemplo. Saunière nunca encontrou pergaminhos no pilar do altar. Nunca. Foi Corbu, e os outros, quem acrescentou esse detalhe. Os pergaminhos nunca sequer foram vistos por ninguém, porém os seus textos apareceram publicados em inúmeros livros. Não passou tudo de uma grande mentira e Lars sabia-o.

— Mas Lars publicou os textos dos pergaminhos nos seus livros — argumentou Malone.

— Falámos sobre isso. Tudo o que ele disse foi: “As pessoas gostam de um bom mistério.” Mas eu sei que isso também o incomodava.

Por esta altura, Malone já estava a ficar confuso.

— Então a história de Saunière é mentira? Claridon acenou afirmativamente com a cabeça.

— A versão moderna é falsa. A maioria dos livros escritos sobre o assunto também relaciona Saunière com os quadros de Nicolas Poussin, em especial Os Pastores da Arcádia. Segundo os relatos da época, o abade teria levado os dois pergaminhos para Paris em 1893 para que fossem decifrados e, uma vez aí, comprara no Louvre uma cópia desse quadro e duas outras. O problema é que nessa altura o Louvre não vendia cópias de quadros e não existem sequer registos de que Os Pastores da Arcádia estivesse no Louvre em 1893. A verdade é que os homens que propagaram esta mentira não estavam preocupados com os erros e partiram do pressuposto que ninguém iria verificar os factos. Durante algum tempo ninguém o fez.

Malone apontou para o criptograma.

— Onde é que Lars encontrou isto?

— Corbu escreveu um manuscrito sobre Saunière.

Algumas das palavras contidas nas oito páginas do diário enviadas a Ernst Scoville vieram-lhe à memória. Aquilo que Lars escrevera sobre a amante do abade. *A certa altura ela revelou a Noël Corbu um dos esconderijos de Saunière. Corbu escreveu sobre isto no manuscrito que eu consegui encontrar.*

— Enquanto, por um lado, se dedicava a contar aos jornalistas a história ficcionada de Rennes, por outro, detalhou de forma minuciosa no seu manuscrito a história verdadeira, tal como a amante de Saunière a contou.

Malone recordou-se de outras passagens do diário de Lars. *Corbu nunca revelou o que descobriu, se é que descobriu alguma coisa. Todavia, o manancial de informações contido no seu manuscrito faz-me pensar onde terá descoberto tudo o que escreveu.*

— É claro que Corbu nunca deixou que ninguém lesse o seu manuscrito, uma vez que a verdade não era tão cativante quanto a mentira. Morreu no final dos anos sessenta de acidente de automóvel e o seu manuscrito desapareceu. Lars conseguiu encontrá-lo.

Malone estudou as filas de letras e símbolos do criptograma.

— Então o que é isto? Alguma espécie de código?

— Sim, e bastante comum nos séculos XVIII e XIX. São letras e símbolos dispostos ao acaso numa grelha. Algures por entre todo esse caos está a mensagem. Básico, simples e, para a época, bastante difícil de decifrar. Ainda hoje o é, sem a chave.

— Como assim?

— É necessária uma sequência numérica para encontrar as letras certas e ordenar a mensagem. Às vezes, para tornar a coisa ainda mais confusa, o ponto de início na grelha também era alterado.

— Lars conseguiu decifrar isto? — perguntou Stephanie. Claridon abanou a cabeça.

— Não foi capaz. E isso deixava-o bastante frustrado. No entanto, nas semanas que antecederam a sua morte, pensou ter descoberto uma nova pista.

A paciência de Malone começava a esgotar-se.

— Presumo que não lhe terá dito do que se tratava.

— Não disse. Ele era assim.

— Então o que fazemos agora? Indique o caminho, como deveria.

— Regresse aqui ao sanatório às cinco da tarde e espere por mim na estrada junto ao edifício principal. Eu vou ter consigo.

— E como vai sair?

— Ninguém ficará triste de me ver partir.

Malone e Stephanie olharam um para o outro. Estaria certamente a considerar, tal como ele, se fariam bem em seguir as indicações de Claridon. Até àquele momento a viagem estivera recheada de perigos e pessoas perigosas ou excêntricas, para já não falar de especulações desenfreadas. Mas alguma coisa se passava e, se queriam saber mais, teriam de aceitar as regras que aquele estranho homem ditava.

Apesar disso, queria saber.

— Onde vamos?

Claridon voltou-se para a janela e apontou para oeste. Ao longe, a quilómetros de distância, numa colina sobranceira a Avinhão, erguia-se um palácio de muralhas douradas que se destacava na paisagem pela sua imponência.

— Ao *Palais des Papes* — respondeu Claridon.

Ao Palácio dos Papas.

TRINTA

ABBAYE DES FONTAINES

O senescal observou os olhos de Geoffrey e viu ódio. Nunca antes vira aquele sentimento no seu assistente.

— Avisei o nosso novo mestre — disse Geoffrey enterrando ainda mais o cano da arma no pescoço de De Roquefort — que o melhor era estar quieto ou eu disparava.

O senescal aproximou-se e espetou um dedo sob o manto branco, no colete à prova de bala.

— Se não tivéssemos sido nós a começar o tiroteio, teria sido você, não era? A ideia era morrermos enquanto fugíamos. Dessa maneira, o seu problema ficaria resolvido. Eu era eliminado e você ficava como o salvador da Ordem. — De Roquefort permaneceu em silêncio. — Foi por isso que veio sozinho. Para terminar o trabalho sem testemunhas. Eu vi-o fechar a porta do dormitório.

— Temos de ir — avisou Geoffrey.

Apercebeu-se do perigo que aquela empresa envolveria, mas duvidou que algum dos irmãos pusesse a vida do mestre em risco.

— Para onde vamos?

— Eu mostro-lhe.

Mantendo a arma encostada ao pescoço de De Roquefort, Geoffrey conduziu o refém através do dormitório. O senescal manteve a arma preparada e, ao chegarem à porta, abriu o trinco. No corredor estavam cinco homens armados. Ao verem o seu líder em perigo, levantaram as armas, prontos para dispararem.

— Baixem as armas — gritou De Roquefort.

Nenhum deles obedeceu.

— Ordeno-vos que baixem as armas. Não quero mais derramamento de sangue.

A atitude corajosa produziu o efeito desejado.

— Afastem-se — disse Geoffrey.

Os irmãos recuaram uns quantos passos.

Geoffrey fez sinal com a arma, e ele e De Roquefort avançaram para o corredor. O senescal seguiu-os. Ao longe escutaram-se os sinos. Era uma da tarde. As orações não tardariam a terminar e os corredores iriam encher-se novamente de irmãos.

— Temos de nos apressar — avisou o senescal.

Sem largar o refém, Geoffrey avançou pelo corredor. O senescal protegia a retaguarda com os olhos postos nos cinco homens.

— Fiquem aqui — ordenou o senescal.

— Façam o que ele diz — gritou De Roquefort, quando dobravam a esquina.

..*

De Roquefort estava curioso por saber de que modo planeavam eles deixar a abadia. O que dissera Geoffrey? “Eu mostro-lhe.” Decidiu que a única maneira de descobrir alguma coisa era acompanhá-los, razão pela qual dissera aos seus homens para se afastarem.

O senescal acertara-lhe duas balas no peito e se não tivesse sido rápido, uma terceira tê-lo-ia atingido na cabeça. A parada subira. Os seus raptores pareciam ter uma missão a cumprir, algo que ele acreditava envolver o seu antecessor e sobre a qual precisava de saber mais. A viagem à Dinamarca não produzira grandes resultados e até agora nada se sabia de Rennes-le-Château. Embora tivesse conseguido desacreditar o anterior mestre, o velho poderia muito bem ter guardado para si mesmo a última gargalhada.

Também não lhe agradava nada o facto de dois homens terem sido feridos. Não era a melhor maneira de começar o seu mandato.

Os irmãos empenhavam-se em manter a ordem e o caos era visto como fraqueza. A última vez que a violência invadira a abadia fora quando a populaça em fúria tentara arrombar os portões, durante a Revolução Francesa, mas depois de alguns terem morrido acabaram por retirar. A abadia era um local de tranquilidade e refúgio. A violência era ensinada — e por vezes utilizada —, mas sempre doseada com disciplina. O senescal demonstrara uma total ausência de disciplina. Aqueles que ainda podiam ser-lhe fiéis, por certo não perdoariam esta violação da Regra.

Apesar disso, para onde iriam aqueles dois?

Continuaram a percorrer os corredores, passaram pelas oficinas, pela biblioteca e por mais corredores vazios. Conseguia ouvir passos atrás deles. Os cinco homens continuavam a segui-los, prontos para agir assim que tivessem oportunidade. Pagariam bem caro se algum deles interferisse antes de uma ordem sua.

Pararam frente a uma porta com letras gravadas e uma simples maçaneta de ferro.

Os aposentos.do mestre.

O seu quarto.

— Ali dentro — disse Geoffrey.

— Porquê? — perguntou o senescal. — Ficaremos encurralados.

— Entre, por favor.

O senescal abriu a porta e depois de entrarem trancou-a.

De Roquefort estava espantado. E curioso.

O senescal mostrava-se preocupado. Estavam presos no quarto do mestre. A única saída era uma pequena janela que dava apenas para o ar. Limpou as gotas de suor que lhe caíam da testa e chegavam aos olhos.

— Sente-se — disse Geoffrey para De Roquefort, e este puxou a cadeira para junto da secretária.

O senescal observou a divisão.

— Vejo que já fez mudanças.

Havia mais cadeiras junto às paredes e uma mesa onde antes não existia nada. A colcha da cama era diferente, assim como os objetos sobre as mesas e a secretária.

— Esta agora é a minha casa — explicou De Roquefort.

Reparou na folha de papel sobre a secretária, escrita com a caligrafia do seu mentor. Era a mensagem para o sucessor, exigida pela Regra. Pegou nela e leu.

Acredita mesmo que aquilo que considera eterno não irá um dia perecer? Deposita toda a esperança neste mundo e coloca o seu Deus nesta vida. Isso irá ditar o seu próprio fim. Vive na escuridão e na morte, ébrio de poder e repleto de ódio. O seu espírito foi consumido pelo fogo que queima dentro de si e regozija com a humilhação e derrota dos seus inimigos. As trevas irão envolvê-lo, pois trocou a liberdade pela escravidão. Irá falhar, tenho a certeza.

— O seu mestre considerava relevantes as passagens do Evangelho de Tomé — comentou De Roquefort. — E pelos vistos acreditava que seria eu, e não você, a usar o manto branco após a sua morte. Não me parece que essas palavras se destinem ao seu escolhido.

Isso era verdade.

Interrogou-se por que teria o seu mestre demonstrado tão pouca fé em si, especialmente quando, horas antes da sua morte, o encorajara a procurar obter o cargo.

— Devia seguir as palavras dele — disse a De Roquefort.

— Não passam de conselhos de um homem fraco.

Alguém bateu à porta.

— Mestre, está aí?

A menos que os irmãos planeassem arrombar a porta, não havia grande perigo de as pesadas trancas serem forçadas. De Roquefort olhou-o.

— Responda — ordenou o senescal.

— Estou bem. Afastem-se.

Geoffrey deslocou-se até à janela e observou a queda de água que dividia o desfiladeiro.

De Roquefort cruzou as pernas e recostou-se na cadeira.

— O que pretendem? Isto é ridículo.

— Cale-se — advertiu o senescal, embora se perguntasse a mesma coisa.

— O mestre deixou mais palavras — disse Geoffrey do outro extremo do quarto.

Ele e De Roquefort voltaram-se para o homem mais jovem e este meteu a mão no bolso da sotaina, e retirou um envelope.

— Esta é a sua derradeira mensagem.

— Dê-me isso imediatamente — ordenou De Roquefort, levantando-se da cadeira.

Geoffrey apontou-lhe a arma.

— Sente-se.

De Roquefort permaneceu de pé e Geoffrey pressionou o gatilho e apontou para as pernas do novo mestre.

— O colete não lhe servirá de nada.

— Seria capaz de me matar?

— Coloco-o numa cadeira de rodas.

De Roquefort sentou-se.

— O seu compatriota é muito corajoso — disse ele para o senescal.

— É um irmão do Templo.

— É uma pena que nunca venha a fazer o voto.

Se com aquelas palavras pretendia provocar Geoffrey, não conseguiu.

— Não vão conseguir sair daqui — disse De Roquefort.

O senescal observou o seu aliado. Geoffrey olhava pela janela, como se esperasse por alguma coisa.

— Vai ser um prazer castigar-vos — comentou De Roquefort.

— Já lhe disse para estar calado — ordenou o senescal.

— O vosso mestre achava-se muito esperto, mas não era.

Pressentia que De Roquefort tinha algo mais para contar.

— Muito bem, diga o que tem para dizer. O que é?

— O Grande Legado. Foi o que o consumiu e aos outros mestres. Todos

queriam encontrá-lo, mas nenhum foi capaz. O vosso mestre passou muito tempo a pesquisar o assunto e o seu amigo ali ajudou-o. O senescal olhou de soslaio para Geoffrey, mas este não se desviou da janela.

— Pensei que estivesse perto de o encontrar. Foi o que disse no conclave.

— E estou.

O senescal não acreditou naquelas palavras.

— O seu jovem amigo e o falecido mestre fizeram uma bela equipa. Fiquei a saber que recentemente vasculharam os nossos registos com um entusiasmo reforçado, o que suscitou o meu interesse.

Geoffrey virou-se e atravessou o quarto furioso, enquanto voltava a guardar o envelope na sotaina.

— Não vai saber de nada. — Quase que gritava. — O que houver para encontrar não será para si.

— A sério? — perguntou De Roquefort. — E o que vão encontrar?

— O triunfo não pertencerá a pessoas como o senhor. O mestre tinha razão. A sua alma está repleta de ódio e ébria de poder.

De Roquefort observou Geoffrey com uma expressão séria.

— Tu e o mestre descobriram qualquer coisa, não foi? Eu sei que enviaram duas encomendas pelo correio e até sei para quem. Já tratei de um dos destinatários e em breve tratarei do outro. Não tardarei a saber aquilo que tu e ele sabiam.

Geoffrey bateu com a coronha da arma na cabeça de De Roquefort. O mestre estremeceu, rolou os olhos para cima e depois caiu inanimado no chão.

— Isso era mesmo necessário? — perguntou o senescal.

— Ele devia ficar contente por não o ter matado, mas o mestre fez-me prometer que não fazia mal a este palerma.

— Tu e eu temos de ter uma conversa séria.

— Com certeza, mas agora temos de sair daqui.

— Não creio que os irmãos do outro lado da porta nos permitam sair.

— Não temos de nos preocupar com eles.

— Conheces outra saída? — questionou o senescal, pressentindo qualquer coisa.

Geoffrey sorriu.

— O mestre explicou-me tudo.

TERCEIRA PARTE

TRINTA E UM

ABBADIE DES FONTAINES
14 H 05 M

De Roquefort abriu os olhos. Doía-lhe a cabeça e jurou que Geoffrey pagaria por tudo aquilo. Levantou-se do chão e esperou que o quarto parasse de rodopiar. Escutou gritos do outro lado da porta. Limpou a têmpora com a manga e viu que sangrava.' Arrastou-se até à casa de banho e lavou a ferida com um pouco de água.

Respirou fundo e endireitou-se. Tinha de parecer forte e no comando da situação. Atravessou o quarto lentamente e abriu a porta.

— Mestre, está bem? — perguntou o seu novo marechal.

— Entra — pediu ele.

Os outros quatro irmãos ficaram no corredor. Sabiam bem que não deviam entrar nos aposentos do mestre sem autorização.

— Fecha a porta.

O marechal obedeceu.

— Deixaram-me inconsciente. Há quanto tempo eles saíram?

— Já há uns bons vinte minutos que não se ouve nada aqui dentro. Foi isso que nos fez temer o pior.

— O que queres dizer com isso? O marechal olhou-o espantado.

— Silêncio. Nada.

— Para onde foram o senescal e o irmão Geoffrey?

— Mestre, eles estavam aqui consigo. Nós estávamos lá fora.

— Olha em volta. Já aqui não estão. Quando saíram?

Encolheu os ombros.

— Não passaram por nós.

— Estás a dizer-me que aqueles dois não saíram pela porta?

— Se o tivessem feito, nós teríamos disparado, tal como tinha ordenado.

A cabeça começou-lhe novamente a doer. Interrogou-se o que levara Geoffrey a escolher aquela sala, da qual parecia não terem saída.

— Chegaram informações de Rennes-le-Château — disse o marechal.

Essa revelação aguçou-lhe o interesse.

— Os nossos dois irmãos mostraram-se e Malone, tal como previsto, deixou-os para trás na estrada.

Deduzira que a melhor maneira de seguir Stephanie Nelle e Cotton Malone era fazendo-os acreditar que estavam livres dos seus perseguidores.

— E o atirador no cemitério a noite passada?

— A pessoa fugiu numa mota. Os nossos homens viram Malone persegui-la. Esse incidente e o ataque aos nossos irmãos em Copenhaga estão por certo relacionados.

De Roquefort concordava.

— Fazem ideia de quem era?

— Ainda não.

Aquela resposta não lhe agradou.

— E hoje? Malone e Stephanie foram onde?

— O dispositivo eletrônico que colocámos no automóvel de Malone funcionou na perfeição. Continuaram até Avinhão e acabaram de deixar o sanatório onde Royce Claridon está internado.

Conhecia bem Claridon e não acreditava nem por um instante que o homem fosse doente mental, razão pela qual arranjara um informador no interior do sanatório. Há um mês, quando o mestre enviara Geoffrey a Avinhão para despachar a encomenda para Stephanie Nelle, pensara que podia ter havido algum contacto, mas Geoffrey não entrara no sanatório. Suspeitava que a segunda encomenda, enviada a Ernst Scoville em Rennes e sobre a qual pouco sabia, fora o que levara Stephanie Nelle e Malone a visitar Claridon. Uma coisa era certa, Lars Nelle e Claridon tinham trabalhado em conjunto e quando o filho resolveu prosseguir a missão do pai, após a sua morte, Claridon também o auxiliara. O mestre descobrira tudo e agora a viúva de Lars Nelle também o procurara. Estava na altura de resolver aquele problema.

— Partirei para Avinhão daqui a trinta minutos. Prepara um contingente de quatro irmãos. Mantenham a vigilância eletrônica e digam aos nossos homens para se manterem afastados. O equipamento tem um raio de ação Alargado, tirem partido disso.

No entanto, havia ainda um outro assunto por resolver. Olhou em redor do quarto e disse:

— Podes sair.

O marechal fez uma vénia e retirou-se.

De Roquefort levantou-se, ainda meio zonzo, e estudou a divisão. Duas das paredes eram de pedra e as restantes duas estavam revestidas por painéis de madeira de bordo colocados simetricamente. Havia um armário decorativo e um aparador, uma arca e uma mesa com cadeiras. Contudo, o seu olhar dirigiu-se

para a lareira. Parecia o lugar mais lógico. Sabia que em tempos antigos poucos eram os quartos que possuíam apenas uma entrada e uma saída. Aquele quarto em particular servia como aposento dos mestres desde o século XVI e, se a memória não lhe falhava, a lareira era um acrescento do século XVII que viera substituir um antigo fogão de pedra.

Agora raramente era utilizada, desde que tinham instalado aquecimento central por toda a abadia.

Aproximou-se da armação de madeira e estudou os seus desenhos, depois examinou cuidadosamente a boca da lareira, reparando numas linhas brancas que se estendiam na perpendicular em direção à parede.

Agachou-se e olhou a soleira escura. Com a mão em concha apalpou a chaminé.

E encontrou.

Uma maçaneta de vidro.

Tentou rodá-la, mas nada se mexeu. Empurrou para cima depois para baixo e nada. Foi então que resolveu puxar e a maçaneta cedeu. Não muito, apenas alguns centímetros, e ouviu um estalido mecânico. Largou-a e sentiu os dedos escorregadios. Óleo. Alguém pensara em todos os detalhes.

Olhou para a lareira com atenção.

Havia uma fenda da altura da parede. De Roquefort empurrou e o painel de pedra oscilou para dentro. A abertura era suficientemente larga para permitir a entrada e ele agachou-se e avançou. Para lá do portal ficava uma passagem com a altura de um homem.

Ergueu-se.

O estreito corredor levava a uma escada de pedra em caracol. Não fazia ideia onde ia dar. Não tinha dúvidas que existiam outras entradas e saídas espalhadas pela abadia. Apesar de ocupar o cargo de marechal há vinte e dois anos, nunca soubera de nenhuma passagem secreta.

Porém, o mestre conhecia a sua localização e fora assim que Geoffrey também soubera.

Bateu com o punho na parede e libertou a raiva que sentia. Tinha de encontrar o Grande Legado. Toda a sua capacidade de governar dependia desse achado. O mestre guardara consigo o diário de Lars Nelle, e De Roquefort sempre soubera desse facto, porém nunca o conseguira obter. Pensara que com a morte do velho a sua oportunidade acabaria por chegar, mas o mestre antecipara a sua jogada e enviara o manuscrito a terceiros. Agora a viúva de Lars Nelle e um antigo empregado — um agente governamental — haviam-se aliado a Royce Claridon

e ele não iria beneficiar com essa associação.

Acalmou-se.

Trabalhara durante anos na sombra do mestre. Agora era ele o mestre e não ia deixar que um fantasma ditasse os seus caminhos.

Respirou fundo umas quantas vezes e pensou no início da Ordem. Corria o ano de 1118, a Terra Santa havia finalmente sido ganha aos sarracenos e os reinos cristãos começavam a estabelecer-se. No entanto, havia ainda um outro perigo. Nove cavaleiros resolveram então juntar-se e prometer ao novo rei cristão de Jerusalém que o caminho para a Terra Santa seria seguro para os peregrinos. Mas como haviam conseguido nove homens de meia-idade, votados à pobreza, proteger a extensa e perigosa estrada de Jaffa para Jerusalém? Ainda mais estranhos tinham sido os primeiros dez anos da irmandade. As Crónicas não registavam a entrada de mais nenhum cavaleiro e não falavam de ajudas a peregrinos. Em vez disso, os nove irmãos ocuparam o tempo com uma tarefa mais importante. O seu quartel-general situava-se por baixo do antigo templo, numa área que em tempos fora ocupada pelos estábulos do rei Salomão. Era uma câmara com incontáveis arcos e abóbadas, tão grande que chegara a albergar dois mil animais. No seu interior descobriram passagens subterrâneas abertas na rocha, muitas das quais continham rolos de pergaminhos com escrituras, tratados e escritos sobre arte e ciência. Para já não falar da mais importante das descobertas.

As escavações absorveram toda a atenção e dedicação dos nove cavaleiros. Mais tarde, em 1127, colocaram a sua preciosa carga em barcos e zarparam para França. Aquilo que encontraram trouxe-lhes fama, riqueza e poderosas alianças. Muitos queriam fazer parte do seu movimento e, em 1128, dez anos após a sua fundação, os templários conseguiram do papa uma autonomia legal sem precedentes em todo o mundo ocidental.

E tudo por causa do que sabiam.

Todavia, sempre foram cuidadosos com esse conhecimento e apenas aqueles que ascendiam ao mais alto dos cargos tinham o privilégio de se tornar seus possuidores. Há séculos, o dever do mestre era passar esse conhecimento ao próximo antes de falecer. Porém, isso acontecera antes da Expulsão. Após essa época, todos os mestres o haviam procurado sem sucesso.

Voltou a bater com o punho na parede.

Os templários tinham traçado o seu destino em cavernas escuras e com a determinação de quem acreditava na sua causa. Ele faria o mesmo. O Grande Legado estava escondido algures e ele estava perto de o conseguir. Sentia-o. E

todas as respostas residiam em Avinhão.

TRINTA E DOIS

AVINHÃO
17 H 00 M

Malone parou o carro. Royce Claridon estava à espera na beira da estrada, a sul do sanatório, tal como garantira. A barba mal cortada desaparecera, assim como as calças e a camisola manchadas de tinta. Tinha o rosto barbeado e as unhas arranjadas. Vestia umas calças de ganga e uma camisa. O seu cabelo comprido estava penteado para trás e apanhado num rabo-de-cavalo e havia vigor na sua passada.

— Sabe bem não ter aquela barba mal amanhada — confessou ele, ao entrar para o banco traseiro. — Para fazer de conta que sou um templário, tenho de me parecer com um. Eles não tomavam banho. A Regra não permitia. Não podia haver nudez entre os irmãos. Deviam ser um grupo muito malcheiroso.

Malone engatou a primeira e seguiu em direção à estrada principal. Nuvens de trovoada começavam a amontoar-se. Pelos vistos, o tempo que fazia em Rennes-le-Château estava a chegar ali. Ao longe os relâmpagos rasgavam o céu, seguidos por trovões. Ainda não chovia, mas não iria demorar muito. Trocou um olhar rápido com Stephanie e ela percebeu que o homem sentado atrás de si ainda tinha de responder a muitas perguntas.

Ela voltou-se para trás.

— Sr. Claridon...

— Por favor, chame-me Royce, madame.

— Muito bem, Royce. Pode contar-nos mais sobre o que Lars pensava de tudo isto? Era importante saber.

— A senhora não sabe?

— Lars e eu não trocámos muitas palavras nos anos anteriores à sua morte. Mas li recentemente os seus livros e o diário.

— Posso então perguntar o que faz aqui? Ele já morreu há muito tempo.

— Digamos que gosto de pensar que Lars ficaria feliz por ver o seu trabalho terminado.

— Isso é bem verdade. O seu marido era um académico brilhante. As suas teorias estavam bem fundamentadas e acredito que teria tido sucesso, caso não tivesse morrido.

— Fale-me dessas teorias.

— Ele estava a seguir a pista de Saunière. O padre era esperto. Por um lado, não queria que ninguém descobrisse o que sabia, por outro, fartou-se de deixar pistas. — Claridon abanou a cabeça. — Diz-se que contou tudo à amante, mas ela faleceu sem nunca revelar uma única pista. Antes de morrer, Lars pensou que tinha finalmente feito alguns progressos. Conhece a história toda? A verdadeira?

— Lamento dizer que o que sei desse assunto está limitado ao que Lars escreveu nos seus livros. Mas havia muitas referências interessantes no seu diário que nunca foram publicadas.

— Posso ver essas páginas?

Stephanie folheou o caderno de apontamentos e estendeu-o a Claridon. Malone observou pelo espelho retrovisor enquanto o homem lia com interesse as páginas que ela lhe indicara.

— Que maravilha — disse Claridon.

— Pode explicar? — pediu Stephanie.

— Com certeza. Como disse esta tarde, a ficção que Noël Corbu e outros arquitetaram sobre Saunière era misteriosa e excitante. Todavia, para mim e para Lars, a verdade era bem mais mirabolante.

Saunière admirou o novo altar da sua igreja, satisfeito com a restauração. A outra monstruosidade de mármore jazia agora amontoada nas traseiras e os pilares seriam reutilizados. O novo altar era de uma beleza ímpar. Há três meses, em Junho, organizara uma elaborada comemoração. Os homens da aldeia haviam transportado uma estátua da Virgem numa procissão solene através de Rennes, terminando esta na igreja onde a estátua fora colocada sobre um dos pilares descartados no cemitério. Para comemorar a ocasião, mandara esculpir PENITENCE, PENITENCE numa das faces do pilar — para recordar aos seus paroquianos a importância da humildade — e MISSION 1891 para imortalizar o ano do seu sucesso coletivo.

O telhado da igreja já remendado e as paredes exteriores escoradas. O antigo púlpito seguira o mesmo caminho do altar e um novo estava já a ser construído. Em breve seria instalado um chão de ladrilhos e depois novos bancos. Todavia, antes de tudo isso, a subestrutura do chão necessitava de obras. A água que durante anos pingara do telhado tinha desgastado muitos dos pilares de base. Alguns puderam ser restaurados, mas outros teriam de ser substituídos.

Lá fora espreitava uma manhã de Setembro molhada e cinzenta, e graças ao mau tempo conseguira reunir a ajuda de meia dúzia de locais. O seu trabalho consistia em partir as lajes e colocar outras novas antes de os

ladrilhadores chegarem daí a duas semanas. Tinha homens a trabalhar em três zonas separadas da igreja e ele próprio estava a tentar consertar uma pedra empenada imediatamente antes dos degraus do altar, pedra essa que sempre oscilara.

Continuava intrigado com o frasco de vidro que encontrara no início do ano. Quando derreteu a cera que o selava e retirou o papel enrolado, descobriu não uma mensagem, mas uma grelha com duzentos e sessenta quadrados com letras e símbolos. Ao mostrar o seu achado ao abade Gélis, o padre de uma aldeia vizinha, este disse-lhe que se tratava de um criptograma e que algures por entre o caos de letras se encontrava uma mensagem. Tudo o que precisava era da chave matemática para a decifrar. Contudo, após meses de tentativas não tivera qualquer sucesso. Queria saber não apenas o seu significado, mas também por que razão havia sido escondida ali. Era óbvio que a mensagem devia ser de grande importância e ele tinha de ser paciente. Era isso que dizia a si mesmo todas as noites, sempre que não conseguia descobrir a resposta para aquele enigma.

Pegou num martelo de cabo curto e decidiu experimentar se a grossa pedra do chão podia ser partida. Quanto mais pequenos fossem os pedaços, mais fácil seria transportá-los. Ajoelhou-se e aplicou três golpes fortes numa das pontas da pedra que de imediato se rachou. Mais umas pancadas e começou a partir.

Colocou o martelo de lado e agarrou numa barra de ferro para soltar os pedaços. Encaixou uma das pontas numa fenda mais larga, fez força e arrancou um bocado que empurrou para o lado com o pé.

Foi então que reparou em algo.

Deitou a barra de ferro para o chão e aproximou o candeeiro a petróleo do achado. Agachou-se, afastou o entulho e reparou que estava na presença de uma dobradiça. Aproximou-se mais e limpou os restantes pedaços, expondo mais ferro ferrugento.

A forma tornou-se cada vez mais clara.

Era uma porta.

E dava acesso a um subterrâneo.

O que haveria lá em baixo?

Olhou em redor. Os outros homens continuavam atarefados, a falarem entre si. Colocou o candeeiro no chão e voltou a tapar a cavidade com as pedras.

— O abade não queria que ninguém soubesse da sua descoberta — disse Claridon. — Primeiro o frasco de vidro e agora a porta. Aquela igreja estava

repleta de mistérios.

— Mas uma porta para onde? — perguntou Stephanie.

— Essa é a parte interessante. Lars nunca me contou tudo, mas depois de ler o diário começo a entender.

Saunière retirou o último dos pedaços de pedra que deixara a tapar a porta no chão. O Sol já se pusera há algumas horas e a igreja encontrava-se fechada. Tinha passado o dia a pensar no que estaria para lá daquela porta, mas não dissera uma palavra sobre o assunto aos trabalhadores. Limitara-se a agradecer-lhes pela ajuda e explicara que iria precisar de uns dias de descanso e que por isso só voltaria a precisar deles na próxima semana. Não confiara sequer na amante, dizendo-lhe apenas que queria inspecionar a igreja antes de se deitar. A chuva batia forte no telhado.

À luz do candeeiro a petróleo avaliou que a porta de ferro devia ter cerca de um metro de altura por um metro de largura e não possuía fechadura. Felizmente, a moldura era de pedra, mas as dobradiças preocupavam-no e fora por isso que trouxera um frasco com óleo. Não era o melhor dos lubrificantes, mas foi o que conseguiu arranjar em tão pouco tempo.

Molhou as dobradiças com o óleo e esperou que o tempo soltasse o que há muito segurava. Depois encaixou a ponta da barra de ferro numa das esquinas da porta e puxou para cima.

A porta não se mexeu.

Aplicou um pouco mais de força e as dobradiças começaram a ceder.

Utilizou a barra de ferro como alavanca e depois recorreu a mais um pouco de óleo. Após várias tentativas, as dobradiças chiaram e a porta abriu-se, virada para o tecto.

Com o candeeiro a petróleo iluminou a abertura.

Uma escada de pedra com cinco metros terminava num tosco chão de pedra.

Saunière sentiu-se invadido por uma sensação de ansiedade e excitação. Já ouvira outros padres falarem sobre os seus achados. A maior parte provinha da época da Revolução, quando os párocos escondiam as suas relíquias, ícones religiosos e decorações valiosas das pilhagens dos republicanos. Muitas das igrejas do Languedoc tinham sido vítimas dessa catástrofe. Todavia, a igreja de Rennes-le-Château estava num estado tal de degradação que não havia nada para pilhar.

Talvez nenhum deles tivesse razão.

Testou o primeiro degrau e concluiu que tinham sido talhados na mesma

rocha das fundações da igreja. Com o candeeiro na mão, desceu, enquanto olhava para um espaço retangular também ele escavado na rocha. Uma arcada dividia a sala em duas. Não demorou a ver os ossos. Nas paredes havia pequenos nichos, cada um contendo um esqueleto com o que lhes restava de roupas, sapatos e espadas.

Aproximou a luz de alguns dos túmulos e viu que possuíam o nome gravado na pedra. Eram todos d'Hautpoul. As datas iam do século XVI ao século XVIII. Contou vinte e três esqueletos. Sabia muito bem de quem se tratava. Eram os senhores de Rennes.

Do outro lado do arco central, uma arca colocada ao lado de um pote de ferro chamou-lhe a atenção.

Com o candeeiro na frente a iluminar o caminho, aproximou-se e ficou espantado ao reparar que algo brilhava. A princípio pensou que talvez estivesse a ver mal, mas não tardou a aperceber-se que aquela visão era real.

Agachou-se.

O pote de ferro estava cheio de moedas. Retirou uma e viu que eram de ouro e francesas, muitas com a data de 1768. Pouco sabia do seu verdadeiro valor, mas devia ser razoável. Era difícil avaliar quantas estariam ali, porém quando tentou levantar o pote este não se mexeu nem um centímetro.

Virou a sua atenção para a arca e constatou que não se encontrava trancada. Empurrou a tampa para trás e viu que estava cheia. De um lado havia livros com capas de couro e do outro algo embrulhado num tecido impermeável. Tocou-lhe com a ponta do dedo e determinou que, o que quer que estivesse ali dentro, era pequeno, duro e parecia ser algo em grande quantidade. Pousou o candeeiro no chão e afastou uma das pontas do tecido.

Algo voltou a brilhar.

Diamante.

Abriu o resto do tecido e ficou de boca escancarada. Eram joias.

Não tinha dúvidas, os republicanos haviam revelado a sua idiotice ao deixarem para trás a decadente igreja de Rennes-le-Château. Ou talvez a pessoa, ou pessoas, que tinham escolhido aquele esconderijo teriam sido demasiado espertas.

— A cripta existia — afirmou Claridon. — No diário que aí tem, diz que Lars encontrou um registo paroquial, dos anos de 1694 a 1726, que menciona a cripta, no entanto não faz qualquer referência à entrada. Saunière anotou no seu diário que descobrira um túmulo. Depois escreveu numa outra entrada: “O ano de 1891 representa o ponto mais alto daquilo de que se fala.” Lars sempre achou essa

entrada importante.

Malone parou o automóvel na berma da estrada e voltou-se para Claridon.

— Então o ouro e as joias foram a fonte de rendimentos de Saunière. Foi isso que ele utilizou para financiar as obras de restauração da igreja?

Claridon soltou uma gargalhada.

— Ao princípio, sim, mas a história é mais longa.

Saunière ergueu-se.

Nunca antes vira tanta riqueza junta. Contudo, precisava de transportar tudo aquilo dali sem levantar suspeitas e, para o fazer, necessitava de tempo. Mais ninguém podia descobrir a cripta.

Dobrou-se, pegou no candeeiro e decidiu que o melhor seria começar naquela noite. Podia remover o ouro e as joias, e esconder ambos no presbitério. Pensaria depois na melhor forma de os converter em dinheiro. Dirigiu-se às escadas e observou o lugar mais uma vez.

Um dos túmulos chamou-lhe a atenção.

Deslocou-se até lá e constatou que o nicho continha uma mulher. O vestido tapava apenas ossos. Aproximou o candeeiro e leu a inscrição:

MARIE D'HAWPOUL DE BLANCHEFORT

Já ouvira falar da condessa. Era a última herdeira dos d'Hautpoul. Quando falecera, em 1781, o controlo da aldeia e das terras circundantes deixara de pertencer à família. A Revolução, que chegaria uma dúzia de anos mais tarde, iria acabar com todos os domínios da aristocracia.

No entanto, havia um problema.

Subiu rapidamente para o piso térreo. No exterior, trancou as portas da igreja e, sob a chuva torrencial, correu até ao cemitério e contornou as campas.

Parou junto àquela que procurava e com a ajuda do candeeiro leu a inscrição.

— Marie d'Hautpoul de Blanchefort também estava sepultada no exterior da igreja — esclareceu Claridon.

— Duas sepulturas para a mesma mulher? — questionou Stephanie.

— Pelos vistos. Todavia, o corpo encontrava-se na cripta.

Malone recordou-se da história que Stephanie lhe contara no dia anterior sobre Saunière e a amante terem remexido nas campas do cemitério e depois apagado a inscrição na lápide da condessa.

— Então Saunière abriu a campa no cemitério.

— Lars acreditava que sim.

— E estava vazia?

— Nunca saberemos, mas Lars era dessa opinião. A história também parece apoiar essa conclusão. Uma mulher da importância da condessa nunca teria sido enterrada, mas sim colocada numa cripta, lugar onde o corpo foi de facto encontrado. A campa exterior era algo muito diferente.

— A lápide continha uma mensagem — explicou Stephanie.

— Sabemos disso. É por isso que o livro de Eugène Stüblein é tão importante.

— Exato, mas a menos que se conheça a história da cripta, a campa no cemitério não passa de outro memorial. O abade Bigou era um homem esperto. Escondeu a mensagem à vista de todos.

— E Saunière descobriu-a? — perguntou Malone.

— Lars achava que sim.

Malone voltou a pôr o carro em andamento. Dirigiram-se para o último troço da estrada, e depois viraram para oeste e atravessaram o Ródano. Ao fundo erguiam-se as muralhas fortificadas de Avinhão e o palácio papal. Malone entrou na antiga cidade, e passou pela mesma praça que albergava a feira do livro que tinham visitado ao início do dia. Seguiu em direção ao palácio e estacionou no mesmo parque subterrâneo.

— Tenho uma pergunta idiota — confessou Malone. — Mas por que razão é que ninguém escava por baixo da igreja de Rennes ou se utiliza um qualquer meio eletrônico para estudar a cripta?

— As autoridades locais não o permitem. Veja bem, se nada lá for encontrado o que acontecerá a todo o mistério? Rennes vive da lenda de Saunière e toda a região do Languedoc beneficia disso. A última coisa que eles querem é provas seja do que for. O mito é a sua fonte de riqueza.

Malone meteu a mão por baixo do banco e tirou a arma que retirara ao seu perseguidor na noite anterior.

— Isso é mesmo necessário? — questionou Claridon.

— Sinto-me muito melhor com ela.

Abriu a porta e saiu, escondendo-a por baixo do casaco.

— Por que motivo vamos ao Palácio dos Papas? — perguntou Stephanie.

— É onde está a informação.

— Não se importa de explicar?

Claridon abriu a porta.

— Eu mostro-vos.

TRINTA E TRÊS

LAVELANET, FRANÇA
19 H 00 M

O senescal parou o carro no centro da vila. Já há cinco horas que ele e Geoffrey viajavam em direção a norte por uma estrada sinuosa. Haviam intencionalmente evitado os maiores centros habitacionais de Foix, Quillan e Limoux, e optaram por fazer uma paragem num pequeno vilarejo aninhado num vale e visitado por alguns turistas.

Depois de terem deixado os aposentos do mestre, tinham saído por uma passagem secreta junto à cozinha principal, estando o portal escondido numa parede de tijolos. Geoffrey contara-lhe como o mestre lhe ensinara os caminhos, outrora utilizados para fugas. Nas últimas centenas de anos esse conhecimento pertencera apenas aos mestres e fora pouco utilizado.

Assim que chegaram ao exterior, dirigiram-se à garagem e apropriaram-se de um dos vários automóveis da abadia — aproveitando o facto de os irmãos que guardavam o local se encontrarem nas orações do meio-dia. Com De Roquefort inconsciente no quarto e os seus homens à espera que alguém lhes abrisse a porta, tinham conseguido um bom e sólido avanço.

— Chegou a altura de falarmos — disse o senescal. O seu tom de voz deixou claro que não haveria mais adiamentos.

— Estou preparado.

Saíram do carro e caminharam até um café onde uma clientela mais velha enchia a esplanada. Os hábitos tinham sido substituídos por roupas mundanas compradas há uma hora. O empregado veio anotar o pedido. A tarde estava amena e agradável.

— Tem noção do que fizemos? — perguntou. — Ferimos dois irmãos.

— O mestre avisou-me que a violência seria inevitável.

— Sei do que fugimos, mas não faço ideia do que procuramos. Geoffrey levou a mão ao bolso e tirou do interior o envelope que mostrara a De Roquefort.

— O mestre pediu-me para lhe entregar isto assim que estivéssemos livres.

O senescal aceitou o envelope e abriu-o com um misto de nervosismo e ansiedade.

Meu filho, e muitas vezes pensei em ti dessa forma, sabia que De Roquefort iria sair vitorioso do conclave, mas era importante que o desafiasses. Os

irmãos irão recordar-se disso quando o teu tempo chegar. Por agora, o teu destino encontra-se noutro lugar. O irmão Geoffrey será o teu companheiro.

Acredito que antes da fuga tenhas conseguido ir buscar os dois volumes que durante os últimos anos prenderam a tua atenção. Sim, apercebi-me do teu interesse e também eu os li há muitos anos. O roubo de propriedade da Ordem é uma violação grave da Regra, mas pensemos nesse ato como um empréstimo, pois tenho a certeza que os irás devolver. A informação neles contida, juntamente com aquilo que já sabes, é de grande importância. Infelizmente, não é suficiente para resolver o enigma. Há muitas mais pistas para descobrir e essa é agora a tua missão. Ao contrário do que possas pensar, eu não possuo a resposta para o mistério. Todavia, é imprescindível que De Roquefort não encontre o Grande Legado. Ele é detentor de muita informação, incluindo tudo aquilo que conseguiste extrair dos nossos registos, por isso não subestimes a sua determinação.

Era importante que deixasses a segurança da vida monástica. Há muita coisa lá fora à tua espera. Embora escreva estas linhas nas minhas últimas semanas de vida, antevejo que a tua saída da abadia não irá ocorrer sem violência. Faz o que for necessário para completares a tua missão. Durante séculos, os mestres têm deixado pistas aos seus sucessores, o meu antecessor não foi exceção. De todos os que vieram antes de mim, só tu possuis as peças suficientes para completares o quebra-cabeças. Gostaria de ter atingido esse objetivo durante o meu tempo de vida, mas infelizmente isso não aconteceu. De Roquefort nunca teria permitido o nosso sucesso. Com a ajuda do irmão Geoffrey podes agora consegui-lo. Desejo-te boa sorte. Tem cuidado contigo e toma conta de Geoffrey. Sê paciente com o rapaz pois ele faz apenas aquilo que lhe pedi.

O senescal olhou para Geoffrey e perguntou curioso:

— Que idade tens?

— Vinte e nove anos.

— És muito novo para tanta responsabilidade.

— Senti medo quando o mestre me disse o que esperava de mim e não queria aceitar a tarefa.

— Mas por que não me contou ele isto tudo diretamente?

Geoffrey não respondeu de imediato.

— O mestre disse que o senescal não gostava de controvérsias e evitava os confrontos. Eu acho que ainda não conhece as suas verdadeiras capacidades.

Ficou um pouco magoado com a observação, mas o olhar de inocência e

sinceridade de Geoffrey tornou as suas palavras ainda mais importantes. E eram verdadeiras. Nunca procurara um confronto e evitava todos aqueles que os pudessem provocar.

Porém, esses tempos tinham terminado.

Enfrentara De Roquefort cara a cara e tê-lo-ia morto se o francês não se tivesse desviado a tempo. Desta vez planeava lutar. Pigarreou, tentou esconder a emoção, e perguntou:

— E o que devo fazer agora?

O empregado voltou com duas saladas, pão e queijo.

Geoffrey sorriu.

— Primeiro, comemos. Estou a morrer de fome.

Ele retribuiu o sorriso.

— E depois?

— Só o senescal pode dizer.

Abanou a cabeça ao ouvir aquele voto de fé, mas na verdade já pensara no próximo passo e sabia que só existia um lugar onde poderiam ir.

TRINTA E QUATRO

AVINHÃO
17 H 30 M

Malone contemplou o Palácio dos Papas que se erguia em direção ao céu. Ele, Stephanie e Claridon encontravam-se na esplanada de um café numa animada praça adjacente à entrada principal. Um vento norte — o mistral, como os locais lhe chamavam — soprava do Ródano e açoitava a cidade. Malone recordava-se de um provérbio medieval que falava dos cheiros fétidos que em tempos tinham povoado aquelas ruas. "A ventosa Avinhão, com vento repugnante, sem vento tóxica." E o que chamara Petrarca àquele lugar? "O mais malcheiroso da terra."

Através de um guia de viagens ficou a saber que o edifício à sua frente, em tempos palácio, fortaleza e santuário, era na realidade composto por dois edifícios — o palácio antigo fora mandado erigir em 1334 pelo papa Benedito XII e o novo por Clemente VI, terminado em 1352. Ambos refletiam a personalidade dos seus criadores. O palácio antigo era de estilo românico, conservador e com poucos luxos, enquanto o novo exibia toda a imponência do estilo gótico. Infelizmente, ambos os palácios tinham sido consumidos pelo fogo e pilhados durante a Revolução Francesa. Em 1810, o palácio fora transformado em quartel e só em 1906 a cidade retomara o seu controlo. Todavia, os trabalhos de restauro só viriam a começar nos anos sessenta. Duas das alas eram agora um centro de convenções e o edifício era uma das maiores atrações turísticas da cidade, embora exibisse apenas um vislumbre da sua antiga glória.

— Está na hora — alertou Claridon. — A última visita começa daqui a dez minutos e temos de entrar com o grupo.

Malone levantou-se.

— O que vamos lá fazer?

Ao longe começaram a ouvir-se trovões.

— O abade Bigou, a quem Marie d'Hautpoul de Blanchefort revelou o grande segredo da família, vinha de vez em quando visitar o palácio e admirar os quadros. Isso foi antes da Revolução, quando ainda havia muitos em exposição. Lars conseguiu saber que existia um em particular que ele muito admirava. Quando Lars descobriu o criptograma, encontrou também uma referência a um quadro.

— Que tipo de referência? — questionou Malone.

— No dia em que fugiu de França para Espanha, em 1793, o abade Bigou fez uma última anotação no registo da paróquia de Rennes-le-Château que dizia, Lisez les Règles de Caridad.

Malone traduziu em silêncio. “Ler as Regras de Caridad.”

— Saunière encontrou essa entrada e escondeu-a. Felizmente, o registo nunca foi destruído e Lars acabou por encontrá-lo. Pelos vistos, Saunière soube que o abade Bigou visitava Avinhão com frequência. No tempo de Saunière, estamos a falar de finais do século XIX, o palácio não passava de uma casca sem conteúdo, mas o abade podia ter facilmente descoberto que na época de Bigou existia aqui um quadro de Juan de Valdés Leal chamado A Ler as Regras de Caridad.

— Presumo que o quadro ainda esteja em exposição lá dentro — afirmou Malone, e olhou através do extenso pátio em direção ao Chapeau Galo, o portão central do palácio.

Claridon abanou a cabeça.

— Já não existe. Foi destruído pelas chamas há cinquenta anos. A trovoada continuava a rebentar.

— Então o que estamos aqui a fazer? — perguntou Stephanie. Malone colocou alguns euros sobre a mesa e olhou discretamente para a esplanada de outro café ali perto. Enquanto outros se levantavam em antecipação da chuva anunciada, uma mulher permanecia sentada sob um toldo a bebericar de uma chávena. O seu olhar demorou-se por mais um instante, o suficiente para reparar nas suas feições esguias, os olhos proeminentes, a pele da cor do café com leite e as maneiras delicadas. Já dera pela sua presença há cerca de dez minutos, logo após se terem sentado, e ficara desconfiado.

Agora era a hora do teste.

Agarrou num guardanapo de papel que estava sobre a mesa e amarrotou-o.

— No manuscrito não publicado — continuou Claridon —, aquele que vos disse que Noël Corbu escreveu sobre Saunière e Rennes e que Lars encontrou, Corbu falava do quadro e sabia que Bigou lhe fizera referência no registo da paróquia. Também tinha conhecimento da existência de uma litografia nos arquivos do palácio. Chegara até a vê-la. Na semana antes de falecer, Lars ficou a saber onde se encontrava exatamente nos arquivos. Combinámos ir até lá dar uma vista de olhos, mas ele nunca mais regressou a Avinhão.

— E não lhe disse onde estava? — interrogou Malone.

— Não, *monsieur*.

— No diário, não existe uma única menção a um quadro — explicou Malone. — Li-o de uma ponta à outra. Nem uma palavra sobre Avinhão.

— Se Lars não lhe revelou onde se encontrava a litografia, o que vamos fazer ao palácio? — perguntou Stephanie. — Não sabe onde procurar.

— Mas o seu filho sabia. Eu e ele íamos ao palácio procurar quando ele voltasse das montanhas, mas como a senhora sabe...

— Ele também nunca regressou.

Malone apercebeu-se que Stephanie tentava controlar as emoções. Era boa, mas não tão boa assim.

— E por que não foi o senhor?

— Achei que era mais importante ficar vivo. Por isso, refugiei-me no asilo.

— Mas o rapaz morreu numa avalanche — esclareceu Malone.

— Não foi assassinado.

— Não pode ter a certeza disso — argumentou Claridon. — Temos de nos apressar. São muito rigorosos com a hora da última visita. A maioria dos empregados é residente na cidade e muitos deles voluntários. Fecham as portas imperativamente às sete. Não existe nenhum sistema de segurança ou alarmes no interior do palácio. A verdade é que também já não há nada de valor lá exposto e as próprias paredes são a sua melhor segurança. Afastamo-nos do grupo e esperamos até que todos saiam.

Começaram a andar e gotas de chuva molharam a cabeça de Malone. De costas voltadas para a mulher, que ainda deveria estar sentada na esplanada a comer, abriu a mão e deixou que o mistral lhe soprasse o guardanapo amarrotado. Voltou-se e fez de conta que perseguia o papel que dançava pelas pedras do chão. Quando o apanhou, olhou de soslaio para o café.

A mulher já lá não se encontrava. Em vez disso, dirigia-se para o palácio.

..*

De Roquefort baixou os binóculos. Encontrava-se no Rocher des Doms, o lugar mais pitoresco de Avinhão. Desde o Neolítico que os homens habitavam aquele cume calcário. Na época da ocupação papal, o rochedo servia como proteção natural contra o incessante mistral. Atualmente, o cume, adjacente ao palácio, estava incluído num parque com lagos, fontes, estátuas e grutas. A vista era esplendorosa. Visitara aquele lugar muitas vezes quando trabalhava no seminário ali perto, antes de entrar para a Ordem.

Em direção a oeste e a sul, estendiam-se montes e vales. O veloz Ródano abrira caminho lá em baixo, passando sob a famosa ponte de Saint Bénézet que em tempos atravessara o rio, e fizera a ligação entre a cidade do papa e a do rei, do outro lado. Quando, durante a Cruzada Albigense, em 1226, Avinhão tomou o partido do conde de Toulouse contra Luís VIII, o rei francês mandou destruir a

ponte. Esta acabou por ser reconstruída, e De Roquefort imaginou o século XIV quando os cardeais a atravessavam montados nas suas mulas rumo aos palácios em Villeneuve-les-Avignon. No século XVI, as chuvas e as cheias já a tinham reduzido a apenas quatro arcos que nunca mais se estenderam para o outro lado, e a ponte permanecera incompleta para sempre. Outro falhanço de Avinhão, sempre pensara De Roquefort. Uma cidade que parecia destinada a apenas meios sucessos.

— Dirigem-se para o palácio — comentou para o irmão que estava ao seu lado. Consultou o relógio. Quase seis da tarde. — Fecha daqui a uma hora.

Voltou a espreitar pelos binóculos e observou a praça a quatrocentos metros dali. Quando saiu da abadia escolheu o caminho mais curto e já ali estava há quarenta minutos. A vigilância eletrônica instalada no automóvel de Malone revelara uma ida a Villeneuve-les-Avignon e depois o regresso a Avinhão. Aparentemente, tinham ido buscar Claridon.

De Roquefort decidira esperar ali, no cume, que oferecia uma excelente vista sobre a cidade. A sorte sorriu-lhe quando Stephanie Nelle e os dois companheiros apareceram vindos do parque subterrâneo, e depois se sentaram na esplanada de um café.

Baixou os binóculos.

O mistral sacudiu-lhe as roupas. O vento norte soprava forte, agitava o rio e amontoava as nuvens.

— Devem planear ficar no interior do palácio após o fecho das portas. Lars Nelle e Claridon já fizeram o mesmo. Ainda temos a chave da porta?

— O nosso irmão aqui na cidade é quem a guarda.

— Vai buscá-la.

Já há muito tempo que conseguira obter uma maneira de entrar no palácio pela catedral. Os arquivos no seu interior tinham chamado a atenção de Lars Nelle e, por isso, também lhe interessavam. Já por duas vezes enviara irmãos para o arquivo durante a noite, tentando perceber o que atraíra Lars. Porém, o volume de material era intimidante e nunca fora capaz de descobrir nada. Talvez naquela noite ficasse a saber mais.

Encostou mais uma vez os olhos aos binóculos. Um papel escapou da mão de Malone e ele observou-o a correr atrás dele. Depois, os três alvos desapareceram do seu alcance de visão.

TRINTA E CINCO

21 H 00 M

Todas aquelas divisões quase nuas pareciam um pouco fantasmagóricas. A meio da visita guiada tinham conseguido separar-se do restante grupo e Claridon mostrara-lhes o caminho para um andar superior. Ali, esperaram numa torre, atrás de uma porta fechada, até às oito e trinta, altura em que as luzes se apagaram e já não se ouvia quaisquer movimentos. Claridon parecia estar familiarizado com o procedimento e ficara satisfeito ao constatar que a rotina dos empregados era a mesma passados cinco anos.

O labirinto de salões, corredores extensos e quartos nus encontrava-se agora iluminado apenas por feixes de luz isolados que entravam pelas janelas. Malone imaginou o interior daquelas divisões nos seus tempos áureos. As paredes cobertas por sumptuosos frescos e tapeçarias exibindo personagens em visita ao sumo pontífice: enviados de Genghis Khan, o imperador de Constantinopla e até o próprio Petrarca e Santa Catarina de Siena, a mulher que acabou por convencer o último papa de Avinhão a regressar a Roma, todos ali reunidos. A história fazia parte integrante daquele lugar, mas já poucos vestígios dela ali restavam.

No exterior, a chuva batia forte no telhado e a trovoada fazia estremecer os vidros.

— Este lugar foi em tempos tão grandioso quanto o Vaticano — sussurrou Claridon. — Tudo destruído por ignorância e inveja.

Malone não concordava.

— Há quem diga que foi a ignorância e a inveja que levaram à sua construção.

— Ah, Sr. Malone, é um estudioso de história?

— Li algumas coisas.

— Então deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

Claridon conduziu-os através de uma série de portas e de salas identificadas por placas. Pararam numa divisão retangular com o tecto abobadado à qual haviam dado o nome de Grand Tinel.

— Este era o salão de banquetes do papa e nele cabiam centenas de pessoas — explicou Claridon, a voz a ecoar. — Clemente VI mandou pendurar no tecto um tecido azul decorado com estrelas douradas, para criar um arco celestial. E havia frescos em todas as paredes. Tudo isto foi destruído pelo fogo em 1413.

— E ninguém substituiu nada? — perguntou Stephanie.

— Os papas de Avinhão já tinham desaparecido nessa altura e por isso o palácio já nada significava. — Claridon apontou para um dos extremos da sala. — O papa comia sozinho, ali, num trono com estrado, sob um dossel enfeitado com veludo e arminho. Os convidados sentavam-se em bancos de madeira encostados à parede, os cardeais a este e os restantes a oeste. As mesas formavam um U e a comida era servida a partir do centro. Tudo muito rígido e formal.

— Como este local — comentou Malone. — É como caminhar por uma cidade destruída. Um mundo fechado em si mesmo.

— Era mesmo essa a ideia. Os reis franceses queriam os seus papas afastados de toda a gente. Só eles controlavam o que o papa pensava e fazia, logo não era necessário que a sua residência fosse um lugar imaterial. Nunca nenhum desses papas alguma vez visitou Roma; os italianos tê-los-iam morto. Assim, os sete homens que aqui foram papas construíram a sua própria fortaleza e não questionaram o trono francês. Deviam a sua existência ao rei e viviam felizes neste lugar. O Papado de Avinhão ficou também conhecido como o Cativeiro de Avinhão.

A divisão seguinte já não era tão espaçosa, embora fosse aí que o papa e os cardeais se reuniam em consistórios secretos.

— Foi também aqui que a Rosa de Ouro foi apresentada — disse Claridon. — Um gesto de arrogância. No quarto domingo da Quaresma, o papa homenageava uma pessoa especial, habitualmente um soberano, oferecendo-lhe uma rosa de ouro.

— Não aprova o gesto? — perguntou Stephanie.

— Cristo nunca precisou de rosas de ouro. Porque haveriam os papas de precisar delas? É mais um exemplo dos muitos sacrilégios cometidos neste local. Clemente V comprou a cidade à rainha Joana I de Nápoles, em 1309, como parte de um acordo que a absolvia do envolvimento no assassínio do marido. Durante um século, criminosos, aventureiros, falsificadores e contrabandistas refugiavam-se na cidade para fugir à justiça, desde que pagassem a quantia certa ao papa.

Passando por outra câmara, entraram na Sala dos Cervos e Claridon acendeu algumas luzes. Malone deixou-se ficar à entrada o tempo suficiente para olhar para trás e reparar numa sombra que deslizava rapidamente na parede. Demorara-se o suficiente para se assegurar que não estavam sozinhos. Sabia de quem se tratava. Era uma mulher alta, atraente, atlética e de cor, como Claridon referira no carro. A mesma mulher que os seguira para o palácio.

— É aqui que o palácio antigo e o palácio novo se unem — explicava o francês. — O antigo atrás de nós e o novo fica depois daquela porta. Esta sala era o gabinete de Clemente VI.

Malone lera sobre Clemente VI no guia turístico. Um homem que apreciava pintura, poesia, música, animais exóticos e o amor palaciano. Teria afirmado, "Os meus antecessores não souberam o que era ser papa", razão pela qual teria transformado a antiga fortaleza de Bento num palácio luxuoso. Um exemplo perfeito dos gostos materiais do papa decorava as paredes em forma de frescos. Campos, bosques e riachos sob um céu azul. Homens com redes junto a um lago verde repleto de peixes. Cães de raça. Um jovem nobre e o seu falcão. Uma criança no cimo de uma árvore. Bambus, pássaros, banhistas. Os verdes e os castanhos predominavam, mas um casaco cor-de-laranja, um peixe azul e os frutos nas árvores acrescentavam pinceladas de cores fortes às cenas.

— Clemente mandou pintar estes frescos em 1344. Foram descobertos por baixo da cal que os soldados espalharam quando o palácio se transformou num quartel, no século XIX. Esta sala explica os papas de Avinhão, em especial Clemente VI. Havia quem lhe chamasse Clemente, o Magnífico. Não tinha qualquer vocação religiosa. A remissão dos pecados, a revogação da excomunhão e até o encurtamento dos anos no purgatório, tanto para mortos como para vivos, tudo estava à venda. Não notam a falta de qualquer coisa?

Malone voltou a apreciar os frescos. As cenas de caça e de divertimento saltavam à vista, mas nada ali lhe chamava particular atenção.

Só então lhe ocorreu.

— Onde está Deus?

— Bem visto, monsieur. — Claridon abriu os braços. — Em nenhuma parte desta sala existe um símbolo religioso. A omissão salta à vista. Este era o quarto de um rei, não de um papa, e era dessa forma que os prelados de Avinhão se viam. Foram estes homens que destruíram os templários. Começando em 1307 com Clemente V, cúmplice de Filipe, o Belo, e terminando com Gregório XI em 1378, estes indivíduos corruptos esmagaram a Ordem. Lars sempre acreditou, e eu concordo, que esta sala mostra o que aqueles homens valorizavam.

— Acha que os templários sobreviveram? — perguntou Stephanie.

— Oui. Estão por aí. Já os encontrei. O que são exatamente, isso não faço ideia, mas ainda existem.

Malone ficou sem perceber se aquela declaração era um facto ou apenas a suposição de um homem que via conspirações onde elas não existiam. Tudo o que sabia era que andava uma mulher a segui-los, hábil o suficiente para acertar

um tiro mesmo por cima da sua cabeça, a quarenta metros de distância, à noite e com o vento a soprar a sessenta e cinco quilómetros por hora. Podia muito bem ter sido ela a salvá-lo em Copenhaga. E ela, sim, era bem real.

— Vamos continuar — sugeriu Malone.

Claridon apagou as luzes.

— Sigam-me.

Atravessaram o antigo palácio em direção à ala norte e ao centro de congressos. Uma placa explicava que o local fora criado pela cidade como forma de angariar mais fundos para financiar os restauros. A antiga Sala do Conclave, o Quarto do Tesoureiro e a Adega tinham sido equipados com cadeiras, palcos e meios audiovisuais. Enquanto percorriam os corredores foram passando por efígies de outros papas de Avinhão.

Claridon acabou por parar frente a uma robusta porta de madeira. Experimentou o trinco e este abriu.

— Que bom. Continuara sem o fechar durante a noite.

— Não trancam as portas? — interrogou Malone.

— Não há nada de valor aqui dentro a não ser informação e poucos ladrões estão interessados nisso.

Entraram numa sala escura como breu.

— Foi em tempos a capela de Bento XII, o papa que concebeu e construiu o palácio antigo. Nos finais do século XIX, esta e a sala imediatamente acima foram convertidas nos arquivos distritais. É também aqui que o palácio guarda os seus registos.

A luz proveniente do corredor revelou um espaço em forma de torre com as paredes cobertas de prateleiras, fila após fila. Atrás das prateleiras erguiam-se janelas em arco cujas vidraças negras eram açoitadas pela tempestade.

— Quatro quilômetros de prateleiras — explicou Claridon. — Bastante informação.

— Mas sabe onde procurar? — perguntou Malone.

— Espero saber.

Claridon desceu até à nave central. Os seus dois acompanhantes esperaram até que uma luz se acendeu lá em baixo.

— Podem vir — chamou Claridon.

Malone fechou a porta e questionou-se de que modo a mulher planeava entrar ali sem que ninguém percebesse. Desceram em direção à luz e encontraram o francês junto de uma mesa de leitura.

— Felizmente para a história — disse Claridon —, todos os artefactos do

palácio foram inventariados no século XVIII. Depois, nos finais do século XIX, fizeram-se fotografias e desenhos de tudo aquilo que havia sobrevivido à Revolução. Lars e eu acabámos por ficar a conhecer bem esta coleção e a maneira como a informação estava organizada.

— E nunca mais cá voltou após a morte de Mark por temer que os Cavaleiros Templários o matassem? — indagou Malone.

— Já percebi que não acredita muito nisto, monsieur, todavia garanto-lhe que tomei a decisão mais acertada. Estes registos permaneceram aqui durante séculos, por isso pensei que podiam esperar um pouco mais. Ficar vivo pareceu-me bem mais importante.

— Então o que faz aqui agora? — Foi a vez de Stephanie questionar.

— Já passou muito tempo. — Claridon afastou-se da mesa.

— À nossa volta encontram-se os inventários do palácio. A minha busca é capaz de demorar alguns minutos, o melhor será sentarem-se um pouco. — Retirou uma lanterna do bolso. — Trouxe-a do asilo. Achei que podia ser útil.

Malone puxou de uma cadeira e Stephanie fez o mesmo. Claridon desapareceu na escuridão. Enquanto esperavam, ouviram o barulho de papéis e livros a serem remexidos e o foco da lanterna a dançar no tecto abobadado.

— Era isto que o meu marido fazia — murmurou ela. — Fechava-se em lugares escuros e esquecidos à procura de idiotices.

— Malone apercebeu-se do ressentimento presente no tom de voz dela. — Enquanto o nosso casamento se desmoronava. Enquanto eu trabalhava vinte horas por dia, era nisto que ele se ocupava.

Um trovão fê-los estremecer.

— Era importante para ele — argumentou Malone, também em voz baixa. — E pode ser que se descubra alguma coisa importante.

— Tipo o quê, Cotton? Um tesouro? Se Saunière descobriu aquelas joias na cripta, tudo bem, sorte como essa não acontece a toda a gente. Mas não há mais nada para encontrar. Bigou, Saunière, Lars, Mark, Claridon não passam de sonhadores.

— Foram os sonhadores que em muitas ocasiões mudaram o mundo.

— Isto é procurar uma agulha num palheiro e a agulha nem sequer existe.

Claridon regressou da escuridão e colocou uma pasta poeirenta sobre a mesa. Lá dentro estava uma pilha de fotografias a preto e branco e desenhos a carvão.

— A apenas alguns metros do local que Mark indicara. É uma sorte que o velhote que trata deste local tenha feito poucas mudanças nestes últimos anos.

— E como foi que Mark o encontrou? — perguntou Stephanie.

— Procurava pistas aos fins-de-semana. Não era tão dedicado quanto o pai, mas vinha a Rennes e eu ajudava-o nas buscas. Também descobriu algumas informações sobre os arquivos de Avinhão na universidade em Toulouse. Juntou todas as peças e aqui temos a resposta.

Malone espalhou o conteúdo da pasta sobre a mesa.

— E estamos à procura do quê?

— Nunca vi o quadro. Esperemos que esteja identificado.

Começaram a observar as imagens.

— Está aqui! — exclamou Claridon, claramente entusiasmado. Malone contemplou uma das litografias, um desenho a preto e branco manchado pelo tempo e com as pontas enroladas. Na parte superior podia ler-se uma anotação. Dizia: DON MIGUEL DA MAÑARA A LER AS REGRAS DE CARIDAD.

A imagem representava um homem mais velho, com barba e bigode, sentado a uma mesa e envergando um hábito religioso. Numa das mangas, exibia um emblema que se estendia do ombro ao cotovelo. A mão esquerda tocava um livro colocado na vertical e a mão direita estava esticada, com a palma para cima, e apontava em direção a uma criança com roupas de monge, sentada num banco baixo com os dedos encostados aos lábios, a pedir silêncio.

Ao colo da criança podia ver-se um livro aberto. O chão era aos quadrados como um tabuleiro de xadrez e havia uma inscrição no banco onde a criança estava sentada.

ACABOCE A°
DE 1687

— Que curioso — murmurou Claridon. — Veja isto.

Malone seguiu o dedo do francês e observou o canto superior esquerdo da imagem onde, na sombra atrás da criança, se via uma mesa e uma prateleira. Por cima estava uma caveira.

— O que significa tudo isto? — perguntou Malone a Claridon.

— *Caridad* significa caridade, que também pode ser sinónimo de amor. O hábito negro que o homem veste pertence à Ordem dos Cavaleiros de Calatrava, uma ordem religiosa espanhola devota de Jesus Cristo. É o que o emblema na manga mostra. *Acaboce* significa realização. O *A°* pode ser uma referência ao alfa e ao ómega, a primeira e a última letras do alfabeto grego, o início e o fim. A caveira? Não faço ideia.

Malone recordou-se do que Bigou supostamente teria escrito no registo da paróquia de Rennes antes de fugir de França para Espanha. *Ler as Regras de Caridad*.

— Que regras devemos ler?

Claridon estudou o desenho sob a luz fraca.

— Repare na criança sentada no banquinho. Veja os sapatos. Os pés estão colocados nos quadrados negros do chão, em diagonal.

— O chão parece um tabuleiro de xadrez — notou Stephanie.

— E o bispo move-se na diagonal, tal como os seus pés indicam.

— Então a criança é um bispo? — perguntou ela.

— Não — respondeu Malone, compreendendo. — No xadrez francês, o bispo é o Tolo.

— É um conhecedor do jogo? — indagou Claridon.

— Joguei algumas vezes.

Claridon colocou o dedo sobre a criança.

— Este é o Sábio Tolo que aparentemente tem um segredo que inclui um alfa e um ómega.

— Também chamaram o mesmo a Cristo — recordou Malone.

— Oui. E quando se junta *acaboce* temos "realização de alfa e ómega". Realização de Cristo.

— Mas o que significa isso? — perguntou Stephanie.

— Posso ver o livro de Stüblein, madame?

Ela retirou-o da mala e estendeu-o a Claridon.

— O melhor será vermos de novo a lápide, afinal está relacionada com o quadro. Não nos podemos esquecer que foi o abade Bigou quem deixou ambas as pistas — explicou ele, colocando o livro sobre a mesa. — É preciso saber a história para compreender: esta lápide. A família d'Hautpoul remonta à França do século XII. Marie casou com François d'Hautpoul, o último marquês, em 1732. Um dos antepassados d'Hautpoul escreveu um testamento em 1644, que registou e entregou a um notário em Espéraza. Todavia, quando o antepassado faleceu foi impossível encontrar o testamento. Depois, mais de cem anos após a sua morte, o testamento aparece misteriosamente. Quando François d'Hautpoul foi reclamá-lo, foi-lhe dito pelo notário que "não seria sensato da sua parte separar-se de um documento tão importante." François faleceu em 1753 e em 1780 o testamento foi por fim entregue à sua viúva, Marie. Porquê? Ninguém sabe. Talvez por já ser a única d'Hautpoul ainda viva. No entanto, Marie viria a falecer no ano seguinte e diz-se que terá entregue o testamento, e qualquer informação que continha, ao abade Bigou como parte do grande segredo da família.

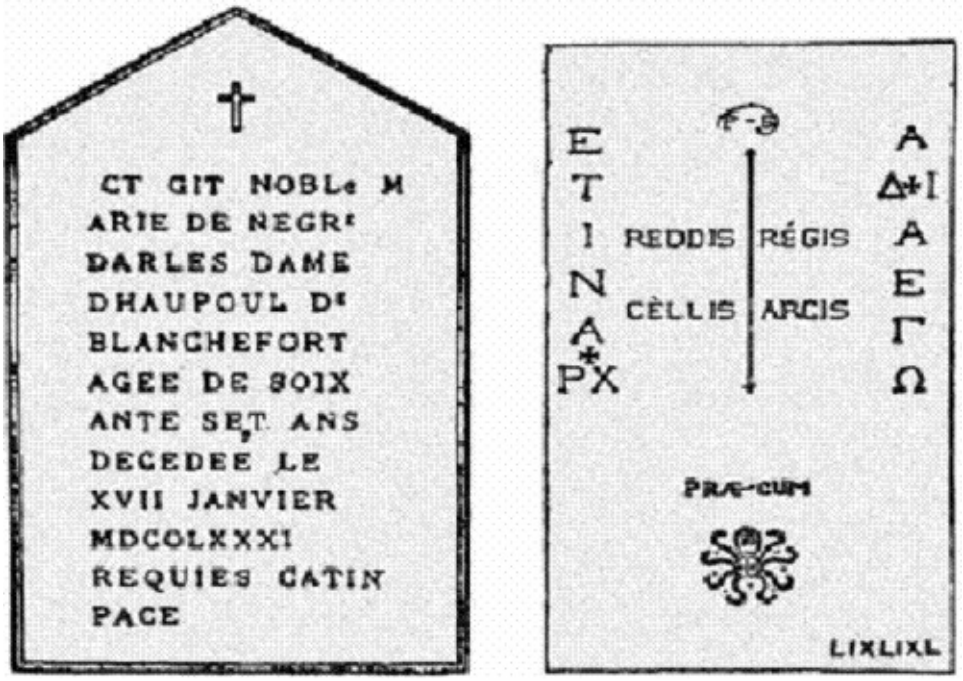
— E foi isso que Saunière encontrou na cripta? Para além do dinheiro e das

joias?

Claridon assentiu.

— Mas a cripta estava escondida. Por isso, Lars sempre acreditou que era a campa falsa de Marie, no cemitério, que continha a verdadeira pista. Bigou deve ter pensado que o segredo era demasiado importante para não o contar. Como ia fugir do país para nunca mais voltar, deixou um quebra-cabeças que mostrava o caminho. No carro, quando me mostrou o desenho da lápide, cheguei a algumas conclusões. — Pegou num bloco de folhas em branco e numa caneta que estavam sobre a mesa. — Sei agora que contém muita informação.

Malone observou as letras e os símbolos das lápides.



— A pedra da direita estava deitada sobre a campa de Marie e não contém o tipo de inscrições que normalmente se encontram nas campas. A coluna da esquerda está escrita em latim. — Claridon escreveu ET IN PAX no bloco. — Isto significa “e em paz”, mas tem erros. Pax é o nominativo de paz e o caso está incorretamente utilizado depois da preposição in. A coluna da direita está escrita em grego e não passa de uma algaraviada incompreensível. No entanto, estive a pensar sobre isso e acho que tenho a solução. A inscrição está toda em latim, mas escrita com o alfabeto grego. Quando se traduz para o alfabeto romano, o *E, T, I, N* e *A* estão bem, mas o *P* é um *R* e o *X* um *K*, e...

ET IN ARCADIA EGO

— “E em Arcádia eu” — disse Malone, a traduzir do latim. — Não faz sentido.

— Pois não — concordou Claridon. — O que me leva a pensar que as palavras escondem mais qualquer coisa.

Malone compreendeu.

— Um anagrama?

— Eram bastante comuns no tempo de Bigou. Afinal, não era provável que o abade deixasse uma mensagem fácil de decifrar.

— E as palavras no centro?

Claridon anotou-as no bloco.

REDDIS RÉGIS CÉLLIS ARCIS

— *Reddis* significa devolver, restituir ou recuperar, mas também é a palavra latina para Rennes. *Regis* deriva de *rex*, ou seja, rei. *Cella* diz respeito a uma arrecadação. *Arcis* provém de *arx*, que quer dizer fortaleza, cidadela. Cada uma das palavras significa muita coisa, mas juntas não fazem qualquer sentido. Depois há a seta que liga p-s com *prae-cum*. Não conheço o significado de *p-s*, mas *prae-cum* quer dizer "reza para que chegue".

— E o que é esse símbolo na parte de baixo? — perguntou Stephanie. — Parece um polvo.

Claridon abanou a cabeça.

— É uma aranha, madame. Mas o seu significado escapa-me.

— E a outra pedra?

— A da esquerda, colocada na vertical sobre a campa, era a mais visível. Não podemos esquecer que o abade Bigou foi o confessor de Marie d'Hautpoul durante muitos anos. Era-lhe muito leal e dedicado, e levou dois anos a fazer a sua lápide. Todavia, se repararem há erros em todas as linhas. Os pedreiros naquela época davam erros, mas tantos? O abade nunca teria permitido que fosse colocada assim.

— Isso quer dizer que os erros fazem parte da mensagem — concluiu Malone.

— Tudo leva a crer que assim é. O nome dela está errado. Não se chamava Marie de Negre d'Arles dame d'Hautpoul, mas sim Marie de Negri d'Ables d'Hautpoul. Muitas das outras palavras também estão erradas e há letras maiúsculas e minúsculas sem razão. Mas repare na data.

Malone olhou para os números romanos.

MDCOLXXXI

— Supostamente é o ano da sua morte, 1681. E isso descontando o O, uma vez que não existe o zero na numeração romana e a letra O não representava nenhum número. Mas a verdade é que está ali. Além disso, Marie faleceu em 1781 e não em 1681. A letra O está ali para deixar claro que Bigou sabia que a

data estava errada. E a idade também não está correta. Ela tinha sessenta e oito anos e não sessenta e sete, como escrito.

Malone apontou para o desenho da pedra da direita e para a numeração romana no canto inferior direito. LIXLIXL.

— Cinquenta. Nove. Cinquenta. Nove. Cinquenta.

— Muito estranho — disse Claridon. Malone voltou a olhar para a litografia.

— Não vejo qual a relação desta imagem com as pedras.

— É um quebra-cabeças, monsieur. E a solução não é fácil.

— Ainda assim, gostava de saber a resposta a este enigma — disse uma voz masculina vinda da escuridão.

TRINTA E SEIS

Malone já estava à espera que a mulher se desse a conhecer, mas aquela não era a voz dela. Pegou na arma.

— Não se mexa, Sr. Malone. Está na mira de uma arma.

— É o homem da catedral — revelou Stephanie.

— Eu disse-lhe que voltaríamos a encontrar-nos. E o senhor, monsieur Claridon, não era assim tão convincente no asilo. Doido? O senhor? Difícil de acreditar.

Malone tentou perceber que surpresas lhe revelava a escuridão. A dimensão da sala já por si produzia uma confusão de barulhos, mas apercebeu-se da presença de outras pessoas por cima deles, antes da última fila de prateleiras junto ao corrimão de madeira.

Contou quatro pessoas.

— Estou, no entanto, impressionado com os seus conhecimentos, monsieur Claridon. As suas conclusões sobre as pedras tumulares parecem-me deveras lógicas. Sempre acreditei que continham muita informação. Também eu já pesquisei estes arquivos. Uma tarefa hercúlea. Tanta coisa para ler e ver. Agradeço-lhe por ter abreviado as minhas buscas. A Ler as Regras de Caridad. Quem haveria de dizer...

Claridon fez o sinal da cruz e Malone viu medo a inundar-lhe os olhos.

— Que Deus nos proteja.

— Então, monsieur Claridon — disse a voz na escuridão —, temos mesmo de envolver Deus neste assunto?

— Os senhores são os Seus guerreiros? — argumentou Claridon com a voz a tremer.

— E o que o leva a dizer tal coisa?

— Quem mais poderiam ser?

— Podemos ser polícias. Não, não acreditaria nisso. Ou talvez sejamos aventureiros, investigadores, como o senhor. Mas não. Para simplificar as coisas, digamos que somos os Seus guerreiros. E de que modo podem vocês os três ajudar a nossa causa?

Ninguém respondeu.

— A Sra. Nelle possui o diário do marido e o livro do leilão. Essa será a sua contribuição.

— Vá-se lixar — gritou ela.

Um estalido, semelhante ao rebentar de um balão, soou mais alto que a chuva e uma bala atingiu a mesa a apenas alguns centímetros de Stephanie.

— Resposta errada — informou a voz.

— Faça o que ele pediu — disse Malone. Stephanie fitou-o de olhos esbugalhados. — Se ele voltar a disparar é para a matar.

— Como sabe? — perguntou a voz.

— Era o que eu faria.

Ouviram uma risada.

— Gosto de si, Sr. Malone. É um profissional.

Stephanie levou a mão à mala e retirou o livro e o diário.

— Atire-os em direção à porta — pediu a voz. Ela obedeceu.

Uma silhueta apareceu e levou-os.

Malone acrescentou mais um homem à sua contagem. Agora havia pelo menos cinco homens no interior do arquivo. Sentiu o volume da arma que trazia presa à cintura, sob o casaco. Infelizmente, não conseguiria alcançá-la antes de um deles ser atingido.

— O seu marido, Sra. Nelle, conseguiu juntar muitas das pistas e as suas deduções relativas aos elementos que faltavam estavam quase sempre corretas. Era um homem brilhante.

— O que pretendem? — perguntou Malone. — Só há poucos dias entrei nesta aventura.

— Pretendemos justiça, Sr. Malone.

— E é necessário atropelar um homem em Rennes-le-Château para obter justiça?

Malone pensou em agitar um pouco os acontecimentos para ver o que acontecia.

— E posso saber de quem está a falar?

— De Ernst Scoville. Trabalhava com Lars Nelle. Estou certo que o conhecia.

— Sr. Malone, talvez a reforma lhe tenha entorpecido as capacidades. Espero que fosse mais eficiente a interrogar os suspeitos quando trabalhava a tempo inteiro.

— Agora que já tem o diário e o livro não tem de se ir embora?

— Preciso da litografia. Monsieur Claridon, podia fazer a gentileza de a entregar ao meu associado, ali, do outro lado da mesa?

Claridon não tinha o mínimo desejo de obedecer. Ouviu-se mais um estalido proveniente de uma arma com silenciador e a bala enterrou-se no tampo da

mesa.

— Detesto ter de me repetir.

Malone pegou no desenho e entregou-o a Claridon.

— Faça o que ele diz.

A folha foi aceite por uma mão a tremer e Claridon deu alguns passos para lá do alcance da luz. Os trovões ecoavam lá fora e a chuva continuava a cair com violência.

Foi então que se escutou um novo barulho.

Tiros.

A lâmpada da mesa desfez-se em pedaços.

..*

De Roquefort ouviu os tiros e reparou que as faíscas dos disparos provinham da saída do arquivo. Raios, tinham companhia.

A sala estava agora mergulhada na mais completa escuridão.

— Mexam-se — gritou para os seus homens no passadiço do segundo andar, e esperou que eles soubessem o que fazer.

..*

Malone percebeu que alguém disparara propositadamente contra a lâmpada. A mulher que os seguia. Por certo encontrara outra forma de entrar no arquivo.

Assim que a sala ficou às escuras, agarrou em Stephanie e deitaram-se no chão. A sua esperança era que os outros também tivessem sido apanhados de surpresa.

Puxou da arma que trazia escondida sob o casaco.

Ouviram-se mais dois tiros vindos do rés-do-chão e o homem posicionado na plataforma saiu a correr. Malone estava mais preocupado com o homem do piso térreo, mas não ouvira nenhum barulho vindo daí e também não sabia nada de Claridon.

A correria parou.

— Não sei quem está aí — disse a voz do homem —, mas tem mesmo de interferir?

— Podia fazer-lhe a mesma pergunta — respondeu a mulher com um tom de indiferença.

— Isto não é assunto seu.

— Lamento discordar.

— Atacou dois dos meus homens em Copenhaga.

— Digamos que pus fim ao seu ataque.

— Vai pagar por isso.

— Apanhe-me, se conseguir.

— Agarrem-na — gritou o homem.

Sombras negras deslocaram-se apressadas. Os olhos de Malone já se tinham adaptado à escuridão e avistou uma escada ao fundo da plataforma.

Passou a arma para as mãos de Stephanie.

— Não saia daqui.

— Onde vai?

— Retribuir um favor.

Rastejou em frente, serpenteando por entre as estantes e depois fez um compasso de espera antes de atacar um dos homens, quando este desceu o último degrau. O seu tamanho e constituição eram semelhantes ao homem da faca, mas desta vez Malone estava preparado. Aplicou-lhe uma joelhada no estômago e depois um soco na nuca.

O homem caiu inerte.

Malone perscrutou a escuridão e escutou alguém correr um pouco mais à frente.

— Não. Deixe-me em paz.

Era Claridon.

..*

De Roquefort estugou o passo em direção à porta do arquivo. Desceu da plataforma, sabendo que a mulher haveria de querer retirar o mais rápido possível, porém as suas escolhas eram limitadas. Existia apenas uma saída para o corredor e uma outra, pelo gabinete do conservador. Todavia, o seu homem ali colocado acabara de o informar pelo rádio que tudo estava calmo.

Tinha agora a certeza que era a mesma pessoa que interferira em Copenhaga e provavelmente a mesma da noite anterior em Rennes-le-Château. Era imperioso que descobrisse a sua identidade.

A porta que dava acesso ao arquivo abriu e fechou-se logo em seguida. No retângulo de luz que se projetou do corredor, avistou duas pernas estendidas no chão, por entre as estantes. Correu até lá e descobriu tratar-se de um dos seus subordinados. Estava inconsciente e tinha um dardo espetado no pescoço. Era o irmão posicionado no rés-do-chão e que fora incumbido de ir buscar o diário, o livro e a litografia.

Não tinha nenhum dos objetos com ele.

“Raios partam a mulher.”

— Façam o que ordenei — gritou para os restantes homens.

De Roquefort correu para a porta.

..*

Malone ouviu a ordem e decidiu regressar para junto de Stephanie. Não fazia ideia do que aquele homem lhes ordenara que fizessem, mas partiu do pressuposto que os deveria incluir e por certo não seria coisa boa.

Agachou-se e contornou as prateleiras de volta até à mesa.

— Stephanie? — murmurou ele.

— Estou aqui, Cotton.

Esgueirou-se até junto dela. Tudo o que conseguiam ouvir agora era a chuva a cair.

— Tem de haver outra saída — sussurrou ela na escuridão. Malone voltou a pegar na arma.

— Alguém saiu. Provavelmente a mulher. Vi apenas uma sombra. Os outros devem ter ido atrás de Claridon por outra saída.

A porta voltou a abrir-se.

— É ele a sair — explicou Malone.

Levantaram-se e correram para a porta. Aí chegados, ficaram à escuta e como não ouviram nada, saíram.

— Isto vai ser interessante — comentou.

Correram ambos.

..*

De Roquefort continuou em perseguição da mulher, que sem dúvida procurava sair do palácio e parecia conhecer bem a sua planta. Cada caminho que escolhia era sempre o mais apropriado. Já conseguira o que tinha vindo buscar e ele teria de assumir que planeara muito bem a fuga.

Atravessou outra porta, entrou numa sala abobadada. A mulher encontrava-se já na outra extremidade. Acelerou o passo e viu uma enorme escadaria de pedra — a Grande Escadaria de Honra. Em tempos ladeada por frescos e protegida por portões de ferro, a escadaria refletia bem a grandiosidade das cerimónias. Nada daquilo existia atualmente e ao fundo dos degraus a escuridão era absoluta. De Roquefort sabia que depois da escadaria existiam portas que davam acesso a um pátio. Embora ouvisse os passos da mulher, não conseguia distinguir a sua forma.

Assim, limitou-se a disparar dez tiros.

..*

De Roquefort avistou a mulher a correr pela longa galeria. Ela olhou para trás e, sem perder velocidade e o equilíbrio, disparou.

Teve de se atirar para o lado para escapar à bala e ela desapareceu ao virar de

uma esquina. Levantou-se de um salto e continuou a perseguição. Antes do disparo, De Roquefort tinha visto o diário e o livro na mão dela.

Não podia deixá-la fugir.

..*

Malone avistou um homem de calças pretas e camisola escura de gola alta a contornar uma esquina a poucos metros deles e de arma em punho.

Malone ouviu o que parecia um martelo a bater repetidamente num prego. Um tiro silenciado atrás de outro. Aproximou-se devagar de uma porta.

..*

Ao fundo da escura escadaria apercebeu-se do ranger de dobradiças e depois reconheceu o barulho de uma porta a abrir. A tempestade que se abatia lá fora tornou-se mais audível. Pelos vistos, os tiros indiscriminados tinham falhado. A mulher conseguira sair do palácio. Ouviu passos atrás de si e falou para o microfone que trazia preso à camisa.

— Já têm o que quero?

— Sim, temos. — Foi a resposta que obteve pelo auricular.

— Estou na Sala do Conclave. O Sr. Malone e a Sra. Nelle estão mesmo atrás de mim. Tratem deles.

E correu escada abaixo.

..*

Malone viu o homem de camisola de gola alta abandonar a sala escura que tinham agora à sua frente. De arma apontada, ele e Stephanie seguiram-no.

Como que surgidos do nada, três homens armados bloquearam-lhes o caminho.

Malone e Stephanie pararam.

— Atire a arma para o chão — ordenou um dos homens.

Não seria capaz de os atingir a todos sem ele ou Stephanie caírem mortos. Assim, obedeceu sem hesitar. Os homens aproximaram-se.

— O que fazemos agora? — perguntou Stephanie.

— Estou aberto a sugestões.

— Não existe nada que possam fazer — disse um dos homens de cabelo curto.

Permaneceram imóveis.

— Virem-se — ordenou o terceiro.

Malone olhou para Stephanie. Já estivera em situações difíceis e algumas bem parecidas com aquela que agora enfrentavam. Mesmo que fosse capaz de imobilizar um ou dois adversários, havia ainda o terceiro e estavam todos armados.

Após um barulho seco e um grito, o corpo de Stephanie caiu inerte no chão. Antes mesmo de conseguir acudir-lhe, a cabeça de Malone foi atingida por um objeto duro e o mundo em seu redor desapareceu.

..*

De Roquefort continuou em perseguição da sua presa que atravessava agora a praça do Palácio em direção às ruas desertas da cidade. A chuva não parava de cair. De súbito, o céu pareceu abrir-se num enorme relâmpago que momentaneamente iluminou a escuridão.

Deixaram os edifícios para trás e aproximaram-se do rio.

De Roquefort sabia que à sua frente a ponte de Saint Bénézet ligava ambas as margens do Ródano. Com a ajuda dos constantes relâmpagos, conseguiu ver que a mulher seguia um caminho que levava à ponte. O que a faria ir para ali? Não importava, tinha de a seguir. Ela possuía uma boa parte daquilo que ele fora buscar e não tinha intenção de sair da cidade sem o livro e o diário. Apesar disso, não podia deixar de se interrogar sobre os efeitos da chuva nas páginas dos livros. O cabelo estava encharcado e tinha a roupa colada ao corpo.

Viu um clarão à sua frente — no instante em que a mulher disparou um tiro contra a porta de entrada da ponte, e desapareceu logo em seguida no interior do edifício.

De Roquefort correu para a porta e, com cautela, espreitou lá para dentro. À direita ficava a bilheteira, e à esquerda havia uns balcões que vendiam recordações e postais. Três torniquetes davam acesso ao exterior. Há muito tempo que a ponte incompleta não passava de atracão turística.

A mulher encontrava-se a trinta metros de distância, e corria pela ponte em direção ao rio.

Depois desapareceu.

Ele estugou o passo e saltou os torniquetes, correndo atrás dela.

Ao fundo do segundo arco, erguia-se uma capela gótica. Sabia tratar-se da Capela de São Nicolau. Os restos mortais de São Bénézet, o responsável pela construção da ponte, tinham em tempos estado ali guardados. Todavia, as relíquias haviam sido perdidas durante a Revolução Francesa, restando apenas a capela — gótica na parte superior e românica na metade inferior. A mulher seguira por aí, descendo as escadas.

Outro relâmpago iluminou o céu.

Limpou a chuva dos olhos e parou no primeiro degrau.

Foi então que a viu.

Não estava lá em baixo, mas de volta ao tabuleiro da ponte, e corria para o

quarto arco que a colocaria a meio do Ródano, mas sem saída, pois a ligação à outra margem tinha sido destruída pelas cheias há trezentos anos. Tinha por certo usado as escadas por baixo da capela como forma de se proteger contra os tiros que ele pudesse vir a disparar.

De Roquefort seguiu-a, e contornou a capela.

Não queria disparar, pois precisava dela viva. Mais importante que tudo, precisava dos livros que ela levava. Com isso em mente, disparou um tiro para os pés da sua presa.

Ela parou e voltou-se para trás.

De Roquefort continuou a correr, de arma apontada.

A mulher chegara a um beco sem saída. Atrás dela, não havia mais nada a não ser a noite escura e o rio. A tempestade parecia não querer abrandar e o vento e a chuva açoitavam-lhe o rosto.

— Quem é a senhora? — perguntou ele.

Ela envergava um fato justo preto que combinava com a pele escura. Era esguia e musculada, e o capuz preto deixava-lhe apenas o rosto descoberto. Trazia uma arma na mão esquerda e um saco de plástico na outra. Antes de responder, estendeu o saco para fora da extremidade da ponte.

— Não vale a pena tomar decisões apressadas — advertiu ela.

— Posso simplesmente matá-la.

— Não faria isso por duas razões.

— Sou todo ouvidos.

— Primeira, o saco cairia ao rio e tudo aquilo que mais deseja desapareceria. Razão número dois, sou cristã e vocês não matam cristãos.

— Como sabe aquilo que eu faço ou não faço?

— E um cavaleiro templário e os vossos votos não permitem que maltratem outros cristãos.

— Não tenho provas de que seja cristã.

— Então fiquemos pela primeira razão. Mata-me, os livros caem ao Ródano e a corrente arrasta-os para longe.

— Aparentemente, procuramos ambos a mesma coisa.

— Que raciocínio rápido.

O braço da mulher continuava estendido sobre a extremidade da ponte e ele tentava avaliar qual seria o melhor sítio para a atingir. No entanto, ela tinha razão. O saco desapareceria antes de conseguir atravessar os poucos metros que os separavam.

— Parece que estamos num impasse — afirmou ele.

— Não creio.

A mulher largou o saco, que de imediato desapareceu na escuridão, e depois aproveitou o momento de surpresa para erguer a arma e disparar. De Roquefort desviou-se para a esquerda e rebolou nas pedras molhadas. Quando limpou a chuva do rosto, viu a mulher saltar da ponte. Levantou-se de um salto e correu para a beira, à espera de ver as águas agitadas do Ródano a correrem apressadas; porém, dois metros mais abaixo estava uma plataforma de pedra pertencente ao pilar que suportava o arco exterior. Viu a mulher pegar no saco e desaparecer por baixo da ponte.

Hesitou um segundo, mas depois também saltou, e aterrou de pés. Os tornozelos já envelhecidos acusaram o impacto.

Ao ouvir o barulho de um motor, ergueu a cabeça e viu um barco acelerar, saindo da extremidade da ponte em direção a norte. Levantou a arma para disparar, mas um clarão fê-lo aperceber-se que ela também tinha apertado o gatilho.

Mergulhou de novo no chão e o barco dissolveu-se na noite escura.

Quem seria aquela megera? Ela obviamente sabia quem ele era, embora não o que ele era, pois não o identificara. Também parecia entender a importância do livro e do diário. Mais preocupante que tudo o resto era o facto de aquela mulher conhecer todos os seus passos.

Ergueu-se e passou por baixo da ponte até ao local onde o barco estivera ancorado. Era inteligente, pois planeara uma excelente fuga. Dirigia-se para uma escada de ferro presa à ponte quando algo lhe chamou a atenção.

Baixou-se.

Estava um livro caído nas pedras molhadas sob a plataforma da ponte.

Aproximou-o dos olhos. Esforçou-se para ver o que continham as páginas húmidas e leu algumas palavras.

Era o diário de Lars Nelle.

A mulher deixara-o cair na fuga apressada.

De Roquefort sorriu.

Possuía agora parte do quebra-cabeças, não todo, mas talvez o suficiente, e sabia muito bem como obter o restante.

TRINTA E SETE

Malone abriu os olhos, apalpou a nuca e concluiu que nada estava partido. Massajou os músculos endurecidos com a palma da mão, a tentar atenuar os efeitos de ter estado inconsciente. Consultou o relógio e viu que eram onze e vinte da noite. Estivera desmaiado durante cerca de uma hora.

Stephanie estava a alguns metros dali. Arrastou-se até ela, levantou-lhe a cabeça e acordou-a gentilmente. A sua antiga chefe pestanejou e tentou focar-lhe o rosto.

— Doeu — murmurou ela.

— A quem o diz. — Observou a enorme sala. — Temos de sair daqui.

— E os nossos amigos?

— Se quisessem matar-nos, já o teriam feito. Acho que já não precisam de nós. Já têm o diário, o livro e Claridon. Somos dispensáveis. — Reparou que a sua arma estava caída ali perto e esticou-se para a apanhar. — Nem sequer nos consideram uma ameaça.

Stephanie esfregou a cabeça.

— Isto foi uma péssima ideia, Cotton. Nunca deveria ter reagido depois de receber o diário. Se não tivesse telefonado a Ernst Scoville é bem possível que ele ainda estivesse vivo. E nunca o deveria ter envolvido a si.

— Se bem me lembro, eu insisti para ser envolvido. — Levantou-se devagar. — Temos de ir embora. O pessoal da limpeza pode entrar e não me apetece dar explicações à Polícia.

Ajudou Stephanie a erguer-se também.

— Obrigada, Cotton. Por tudo. Agradeço-lhe muito o que fez.

— Até parece que terminou tudo.

— Para mim terminou. O que quer que Lars e Mark procuravam terá de ser encontrado por outra pessoa. Vou para casa.

— E Claridon?

— O que podemos nós fazer? Não sabemos para onde o levaram ou onde poderá estar. E o que diríamos à Polícia? Os Cavaleiros Templários raptaram um doente do sanatório? Havia de ser bonito. Lamento muito, mas ele está por sua própria conta e risco.

— Mas sabemos o nome da mulher. Claridon disse que ela se chamava Cassiopeia Vitt. Também nos revelou onde morava, em Givors. Podemos

encontrá-la.

— E depois? Agradecemos-lhe o facto de nos ter salvo a pele? Acho que ela também está por sua conta e parece-me mais do que capaz de tomar conta de si própria. Como disse, já não somos importantes. — Stephanie tinha razão. — O melhor é irmos para casa, Cotton. Já não há aqui nada para nenhum de nós.

Mais uma vez estava certa.

Saíram do palácio e dirigiram-se para o carro. Depois de terem deixado os seus perseguidores para trás à saída de Rennes, Malone tinha a certeza que não haviam sido seguidos até Avinhão, por isso pensou que os homens já estavam à espera na cidade, o que não parecia provável, ou que haviam recorrido a algum tipo de vigilância eletrônica. Isso significava que as corridas e os tiros antes de o Renault ter ficado preso na lama não tinham passado de uma diversão para o enganar. A verdade é que funcionara.

Uma vez que já não eram peças fundamentais daquele jogo, decidiu que o melhor seria regressarem a Rennes-le-Château e passarem lá a noite.

A viagem demorou cerca de duas horas e quando atravessaram os portões da vila passava um pouco das duas da manhã. Soprava um vento fresco e a Via Láctea espalhava-se por cima das suas cabeças quando deixaram o parque de estacionamento.

Não havia uma única luz acesa no interior das muralhas e as ruas continuavam húmidas da chuvada do dia anterior. Malone sentia-se cansado.

— Vamos descansar um pouco e saímos amanhã por volta do meio-dia. De certeza que deve haver algum voo que possa apanhar de Paris para Atlanta.

Stephanie abriu a porta. No interior da casa, Malone acendeu um candeeiro e de imediato reparou numa mochila que não pertencia a nenhum deles, colocada sobre uma cadeira.

Retirou a arma que trazia presa à cintura e apercebeu-se de movimento. À porta do quarto, surgiu um homem com uma Glock apontada na sua direção.

Malone levantou a pistola.

— Quem é você?

O intruso era um homem ainda jovem, com o mesmo cabelo curto e constituição robusta que se habituara a ver nos últimos dias. O rosto, embora bonito, era severo e ameaçador, os olhos pareciam dois berlindes negros e empunhava a arma com a segurança de um profissional. No entanto, Malone reparou numa pequena hesitação, como se o outro homem estivesse a tentar perceber se se tratava de amigos ou inimigos.

— Perguntei quem era.

— Baixa a arma, Geoffrey — ordenou uma voz vinda do quarto.

— Tem a certeza?

— Sim, tenho.

O homem obedeceu e Malone baixou também a arma.

O outro intruso mostrou-se de seguida.

Era alto e magro, e usava o cabelo muito curto. Também empunhava uma arma e Malone demorou alguns instantes a reconhecer as mesmas feições que vira na foto colocada sobre a mesa à sua esquerda.

Ouviu o arquejo de espanto de Stephanie.

— Meu Deus do céu — murmurou ela. Também ele estava espantado.

À sua frente encontrava-se Mark Nelle.

..*

Stephanie estremeceu. O coração batia-lhe acelerado e por um instante teve de dizer a si mesma para respirar.

O seu único filho estava na mesma sala que ela.

O seu desejo era correr para ele e dizer-lhe o quanto lamentava todos os atritos e diferenças, e como estava feliz por o voltar a ver. Todavia, os seus músculos pareciam não querer obedecer.

— Mãe — disse Mark —, o teu filho regressou do além.

Notou a frieza na voz dele e pressentiu de imediato que o seu coração continuava insensível.

— Onde estiveste?

— É uma longa história.

Não havia sombra de compaixão no olhar dele. Stephanie esperou que ele se explicasse, mas Mark nada disse.

Malone aproximou-se dela, colocou-lhe uma mão sobre o ombro e pôs termo àquele silêncio incómodo.

— Não era melhor sentar-se?

A cabeça parecia-lhe querer explodir e não estava a conseguir lidar com toda aquela ansiedade. Mas que raios, era a responsável por uma das unidades mais especializadas e importantes do governo dos Estados Unidos, habituada a lidar com crises diariamente. Verdade que nenhuma era tão pessoal quanto a que enfrentava naquele instante, porém, se Mark desejava que o seu primeiro encontro fosse assim tão frio, então não seria ela a mostrar-lhe o quanto se sentia dominada pelas emoções.

Seguiu o conselho de Malone e disse:

— Muito bem, Mark, conta-nos lá essa longa história.

Mark Nelle abriu os olhos. Já não se encontrava a dois mil e quatrocentos metros de altitude nos Pirenéus Franceses, a seguir um trilho em busca do esconderijo de Bérenger Saunière. Pelo contrário, estava no interior de um quarto com um tecto de vigas escuras.

O homem que o velava era alto e robusto, com cabelo grisalho e barba cerrada. Os olhos possuíam uma estranha tonalidade violeta que não se recordava de alguma vez ter visto.

— Cuidado — disse o homem em inglês —, ainda estás fraco.

— Onde estou?

— Num lugar que durante séculos sempre foi um refúgio.

— E esse lugar tem nome?

— Abbaye des Fontaines.

— Mas isso fica a quilómetros do lugar onde me encontrava.

— Dois dos meus subordinados estavam a seguir-te e correram em teu auxílio quando a neve te derrubou. Pelo que me disseram, a avalanche era enorme.

Ainda sentia o tremor da montanha e o cume a desintegrar-se como uma catedral a ruir. A encosta desabara completamente sobre ele, a neve resvalara como sangue de uma boca aberta, e empurrara-o para a frente. Mas teria ouvido bem?

— Havia homens a seguir-me?

— Sim, fui eu que os enviei. Tal como fiz com o teu pai algumas vezes.

— Conhecia o meu pai?

— As suas teorias sempre me interessaram. Por isso fiz questão de o conhecer, a ele e ao que sabia.

Tentou sentar-se na cama, mas o flanco direito parecia ter sido atingido por uma descarga elétrica. Encolheu-se de dor e agarrou-se ao estômago.

— Tens algumas costelas partidas. Quando era jovem também me aconteceu o mesmo. É muito doloroso.

Voltou a deitar-se.

— Trouxeram-me para aqui?

O homem mais velho acenou afirmativamente com a cabeça.

— Os irmãos são homens engenhosos.

Mark reparou na sotaina branca e nas sandálias de corda.

— Isto é um mosteiro?

— É o lugar que procuravas.

Não sabia muito bem o que responder.

— Sou o mestre dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão. Somos os templários. O teu pai procurou-nos durante décadas. Tu também nos tens procurado, por isso achei que estava na hora.

— Na hora de quê?

— Isso cabe-te a ti decidir, mas eu gostaria que te juntasses a nós.

— E por que faria eu isso?

— Desculpa que te diga, mas a tua vida é um completo caos. Sentes a falta do teu pai mais do que demonstras e ele já faleceu há quase seis anos. Pouco ou nada falas com a tua mãe e isso é mais marcante do que imaginas. Profissionalmente, és professor, mas não te sentes realizado. Tentaste reabilitar o trabalho e as crenças do teu pai, contudo não tens conseguido grandes progressos. Era por isso que te encontravas nos Pirenéus, a tentar descobrir o motivo que levou o abade Saunière a ir lá tantas vezes. Em tempos idos, o abade vasculhou a zona em busca de algo. Por certo, encontraste os recibos do aluguer do cavalo e da carruagem entre os papéis de Saunière que mostram quanto pagou aos vendedores locais. É desconcertante, não é? De que modo um humilde padre conseguia pagar luxos como um cavalo e uma carruagem particulares?

— O que sabe sobre o meu pai e sobre a minha mãe?

— Sei muita coisa.

— Espera mesmo que eu acredite que é o mestre dos templários?

— Entendo que esse facto possa ser difícil de aceitar. Eu próprio tive dificuldades quando os irmãos me convidaram a juntar-me a eles há décadas. Mas por agora vamos concentrar-nos em cuidar dos teus ferimentos e depois logo se vê.

— Fiquei deitado naquela cama durante três semanas — explicou Mark. — Depois disso, os meus movimentos ficaram limitados a apenas algumas zonas da abadia, mas eu e o mestre falávamos com frequência. Por fim, aceitei ficar e fazer os votos.

— O que te levou a isso? — perguntou Stephanie.

— Sejamos realistas, mãe. Tu e eu já há anos que mal nos falávamos. O pai tinha morrido. O mestre estava certo. A minha vida não fazia sentido. O pai passou a vida à procura do tesouro dos templários, dos seus arquivos e dos próprios Cavaleiros do Templo. Um terço daquilo que ele procurava veio ao meu encontro. Queria ficar.

Para apaziguar o seu crescente nervosismo, Stephanie resolveu desviar a atenção para o rapaz atrás de Mark. Exibia uma aura de juventude e havia

curiosidade nos seus olhos, como se estivesse a ouvir tudo aquilo pela primeira vez.

— Chamas-te Geoffrey? — perguntou-lhe ela ao lembrar-se das palavras do filho.

Ele assentiu.

— Não sabias que eu era a mãe de Mark?

— Sei pouco dos outros irmãos. A Regra assim o dita. Nenhum irmão fala da sua vida aos outros. Pertencemos à irmandade. O que fomos antes é irrelevante para o que somos agora.

— Parece uma coisa muito impessoal.

— Pelo contrário. Eu acho bastante esclarecedor.

— Geoffrey enviou-te um pacote pelo correio — disse Mark. — Era o diário do pai. Recebeste-o?

— É por isso que estou aqui.

— Tinha-o comigo aquando da avalanche. O mestre guardou-o no dia em que me juntei à irmandade. Descobri que tinha desaparecido na noite em que ele morreu.

— O vosso mestre faleceu? — perguntou Malone.

— Agora temos um novo líder — explicou Mark —, mas é o diabo em pessoa.

Malone descreveu o homem que o atacara e a Stephanie na Catedral de Roskilde.

— Esse é Raymond de Roquefort — afirmou Mark. — Como o conhecem?

— Somos velhos amigos — respondeu Malone, e contou-lhe o que sucedera em Avinhão.

— Não tenho dúvidas que Claridon é agora prisioneiro de De Roquefort — declarou Mark. — Que Deus ajude Royce.

— Ele vivia escondido com medo dos templários — revelou Malone.

— E encontrou o pior deles todos.

— Ainda não me disseste o que te levou a permanecer na abadia durante os últimos cinco anos — insistiu Stephanie.

— Aquilo que eu procurava, estava lá. O mestre transformou-se num pai para mim. Era um homem gentil, delicado e cheio de compaixão.

Ela percebeu a indireta.

— Ao contrário de mim?

— Não é altura de falarmos sobre isso.

— E quando será uma boa altura? Eu pensava que tinhas morrido, Mark. Mas afinal estavas fechado numa abadia, misturado com os templários...

— O seu filho era o nosso senescal — explicou Geoffrey. — Ele e o mestre governaram com sabedoria. Foi uma bênção para a nossa Ordem.

— Ele era o segundo na linha de comando? — perguntou Malone.

— Como subiste tão depressa?

— O senescal é escolhido pelo mestre. Apenas ele determina quem é o mais apto — revelou Geoffrey. — E o mestre escolheu bem.

Malone sorriu.

— Tens um irmão muito leal e dedicado.

— Geoffrey é um poço de informações, embora nenhum de nós vá conseguir arrancar-lhe seja o que for até ele achar que está na hora de nos contar.

— Não te importas de explicar isso? — pediu Malone.

Mark contou-lhes os acontecimentos das últimas quarenta e oito horas. Stephanie ouviu o filho com um misto de fascínio e raiva. Ele falava da irmandade com reverência.

— Os templários — começou Mark — evoluíram de um bando obscuro de nove cavaleiros, cujo objetivo era proteger os peregrinos a caminho da Terra Santa, para um grupo multicontinental composto por dezenas de milhares de irmãos espalhados por mais de nove mil propriedades. Eram temidos por reis, rainhas e papas. Ninguém, até Filipe IV, em 1307, os conseguira desafiar com sucesso. Sabe porquê?

— Por causa do seu poderio militar? — alvitrou Malone. Mark sacudiu a cabeça.

— Não era a força que lhes dava poder, era o conhecimento. Possuíam informações que mais ninguém tinha.

Malone suspirou.

— Mark, não nos conhecemos, mas já é tardíssimo, estou cansado e cheio de dores no pescoço. Podemos saltar os enigmas e ir direto ao que interessa?

— Incluída no tesouro dos templários estava uma prova relacionada com Cristo na cruz.

Fez-se silêncio.

— Que tipo de prova? — Quis saber Malone.

— Não faço ideia. Sei apenas que se chama o Grande Legado. A prova foi encontrada na Terra Santa, sob o Templo de Jerusalém, escondida algures entre o século I e o século VII, quando o templo foi destruído. Os templários transportaram-na para Paris e ocultaram-na. A sua localização era conhecida apenas pelos mais altos dignitários da Ordem. Quando Jacques de Molay, o mestre dos templários na altura da Expulsão, foi queimado na estaca em 1314, a

localização exata do esconderijo morreu com ele. Filipe IV tentara arrancar-lhe essa informação e não conseguira. O pai acreditava que os abades Bigou e Saunière de Rennes-le-Château tinham conseguido descobrir esse mistério.

— O mestre também era dessa opinião — disse Geoffrey.

— Estão a ver? — Mark olhou para o amigo. — Basta dizer as palavras mágicas e obtemos a informação.

— O mestre deixou claro que Bigou e Saunière estavam certos — confirmou Geoffrey.

— Certos em relação a quê? — indagou Mark.

— Isso ele não disse. Apenas que estavam certos. — Mark olhou-os.

— Como pode ver, Sr. Malone, eu também já tive a minha conta de enigmas.

— Chame-me Cotton.

— Que nome tão original. Como o obteve?

— É uma longa história. Um dia conto-lha.

— Mark — interrompeu Stephanie —, por certo não acreditas que existe uma prova definitiva relacionada com a crucificação. Nem o teu pai chegou a esse ponto.

— E como podes tu saber isso?

Havia rancor no tom de voz de Mark.

— Eu sei como ele...

— Não sabes nada, mãe. É esse o teu problema. Nunca soubeste nada daquilo que o pai pensava. Para ti as crenças dele não passavam de uma fantasia, de um desperdício dos seus talentos. Nunca o amaste o suficiente para o deixar ser ele mesmo. Pensavas que ele andava atrás de fama e dinheiro, mas não. Ele procurava a verdade. Cristo morreu. Cristo ressuscitou e voltará um dia. Era isso que lhe interessava.

Stephanie tentou acalmar-se para não reagir intempestivamente às palavras do filho.

— O pai era um académico sério. O seu trabalho tinha mérito, ele apenas não falava abertamente das suas buscas. Quando descobriu Rennes-le-Château nos anos setenta e contou ao mundo a história de Saunière, isso foi apenas para angariar fundos para as suas pesquisas. O que aconteceu ou não naquele lugar deu origem a uma boa lenda e milhões de pessoas gostaram de a ler, apesar dos floreados. Tu foste uma das poucas que não quis saber de nada.

— O teu pai e eu tentámos resolver as nossas diferenças.

— Como? Contigo a dizer-lhe que estava a desperdiçar a vida a correr atrás de uma fantasia? A lembrá-lo que não passava de um falhado?

— Está bem, raios partam. Estava errada — gritou. — Queres que repita? Estava errada. — Levantou-se da cadeira com uma determinação que parecia dar-lhe força. — Fiz asneiras. É isso que desejas ouvir? Na minha cabeça, estás morto há cinco anos e agora tenho-te aqui à minha frente, e tudo o que queres de mim é que admita que estava errada. Muito bem. Se pudesse confessar isso ao teu pai, fazia-o. Se lhe pudesse implorar perdão, era o que faria. Mas não posso. — As palavras seguiam-se em catadupa como se tivesse de as dizer antes que se lhe esgotasse a coragem. — Vim até França para ver o que podia fazer, para tentar continuar o que Lars e tu achavam importante. Esse foi o único motivo que me trouxe aqui. Pensei que estava finalmente a fazer a coisa certa. Mas não me venhas com lições de moral porque também fizeste asneiras. A diferença entre nós é que eu aprendi alguma coisa nos últimos cinco anos.

Voltou a sentar-se na cadeira e sentiu-se um pouco melhor. No entanto, apercebeu-se que o fosso entre eles ficara ainda maior e isso fê-la estremecer.

— É tarde — disse Malone. — O melhor que temos a fazer é ir descansar e amanhã resolvemos tudo isto.

TRINTA E OITO

ABBAYE DES FONTAMES
DOMINGO, 25 DE JUNHO
5 H 25 M

De Roquefort fechou a porta atrás de si.

— Está tudo preparado? — perguntou a um dos assistentes.

— Como pedido.

Melhor assim Estava na hora de mostrar quem mandava. Percorreu o extenso corredor subterrâneo. Encontrava-se três andares abaixo do piso térreo, numa zona da abadia ocupada pela primeira vez há mil anos. A construção sucessiva havia transformado as salas que o rodeavam num labirinto de câmaras já quase esquecidas, usadas apenas para armazenamento.

Regressara à abadia com o diário de Lars Nelle e Royce Claridon A perda de Pierres Gravées du Languedoc, o livro do leilão, continuava a incomodá-lo. Esperava que o diário e Claridon lhe fornecessem as pistas que faltavam.

E a mulher negra era um problema.

O mundo dele era distintamente masculino e a sua experiência com mulheres mínima. Eram uma raça muito diferente, disso tinha a certeza, mas a mulher que o enfrentara na ponte de Saint Bénézet parecia quase extraterrestre. Não evidenciara o mais pequeno sinal de medo e agira com a agilidade e esperteza de uma autêntica leoa. Atraíra-o para a ponte, sabendo exatamente como iria escapar. O seu único erro fora perder o diário. Era imperioso que descobrisse a sua identidade.

Mas uma coisa de cada vez.

Entrou numa câmara encimada por vigas de madeira que permanecera inalterada desde o tempo de Napoleão. Havia uma mesa longa ao centro, sobre a qual Royce Claridon estava deitado de costas com as mãos e as pernas presas a espigões de ferro.

— Monsieur Claridon, tenho pouco tempo e preciso que me diga muitas coisas. A sua colaboração pode tornar tudo isso deveras simples.

— O que tenho de dizer? — perguntou ele num tom desesperado.

— Apenas a verdade.

— Sei pouco.

— Ora, não é nada bom começar com uma mentira.

— Não sei de nada.

Encolheu os ombros.

— Ouvi-o no arquivo do Palácio dos Papas. O senhor é um manancial de informações.

— Tudo o que disse em Avinhão foi o que deduzi naquele instante.

De Roquefort fez sinal a um irmão que estava na outra ponta da sala. O homem aproximou-se e colocou um recipiente aberto sobre a mesa. Com três dedos, retirou do interior uma massa branca e pegajosa.

De Roquefort tirou os sapatos e as meias de Claridon que de imediato levantou a cabeça para ver o que se passava.

— O que está a fazer? O que é isso?

— Banha.

O irmão esfregou a banha nos pés descalços de Claridon.

— O que está a fazer?

— Estou certo que conhece a nossa história. Quando os templários foram presos em 1307, os seus captores recorreram a inúmeros métodos para lhes extraírem confissões. Arrancaram dentes, unhas, enfiaram espetos de metal nas cavidades oculares e utilizaram o calor de todas as formas imagináveis. Uma das técnicas envolvia untar os pés com banha e depois colocá-los junto das chamas. Aos poucos, os pés começavam a cozinhar e a pele caía. Muitos irmãos sucumbiram a esta tirania e aqueles que conseguiram sobreviver acabaram por confessar. Nem Jacques de Molay escapou.

O irmão terminou de untar os pés de Claridon e abandonou a sala.

— Nas nossas Crónicas existe o relato de um templário que, após ter sido sujeito a esta tortura e ter confessado, foi levado até à presença dos seus inquisidores a segurar um saco que continha os seus ossos dos pés carbonizados. Também o autorizaram a guardá-los como recordação. Muito benévolo da parte dos inquisidores, não acha?

Afastou-se até um fogareiro a carvão que ardia a um canto da sala. Mandara prepará-lo há uma hora e as brasas estavam agora brancas de tão quentes.

— Deve ter pensado que o lume era para aquecer a sala. Estas câmaras subterrâneas são frias, é verdade, porém ordenei que acendessem o lume de propósito para si.

Arrastou o fogareiro até junto dos pés de Claridon.

— Ao que sei, o lume deve estar brando e não intenso, o que faria com que a banha derretesse demasiado depressa. Tal como com um bife, a chama mais baixa funciona melhor.

Claridon esbugalhou os olhos.

— Quando os meus irmãos foram torturados no século XIV, acreditava-se que Deus dava forças aos inocentes para suportarem a dor, por isso apenas os culpados confessariam. Para além disso, e este detalhe é bastante conveniente, qualquer confissão arrancada por intermédio de tortura não podia ser retirada. Logo, assim que uma pessoa confessava, não havia mais nada a fazer.

De Roquefort aproximou um pouco mais o fogareiro. Claridon gritou.

— Já, monsieur? Ainda não aconteceu nada. Não tem resistência?

— O que deseja?

— Muitas coisas. Mas podemos começar pela importância de Don Miguel de Manara a Ler as Regras de Caridad.

— Há uma pista respeitante ao abade Bigou e à lápide de Marie d'Hautpoul de Blanchefort. Lars Nelle encontrou um criptograma e acreditava que a chave para o resolver estava no quadro. — Claridon parecia despejar as palavras.

— Já ouvi isso tudo no arquivo de Avinhão. Quero saber aquilo que não disse.

— Não sei mais nada. Por favor, os meus pés estão a fritar.

— É essa a ideia. — Levou a mão ao interior da sotaina e retirou o diário de Lars Nelle.

— Tem o diário? — perguntou Claridon admirado.

— Porquê o espanto?

— Era a viúva de Lars quem o tinha.

— Mas já não tem. — Lera grande parte das entradas na viagem de regresso de Avinhão. Folheou o diário até encontrar o criptograma e mostrou a página aberta para Claridon ver. — Foi isto que Lars Nelle encontrou?

— Oui, oui.

— Qual é a mensagem?

— Não sei. Juro que não sei. Retire o fogareiro, por favor. Imploro-lhe! Os meus pés estão a arder.

De Roquefort decidiu que um gesto de compaixão podia ajudar a fazer falar o prisioneiro e afastou as brasas.

— Obrigado, obrigado — agradeceu Claridon a arfar.

— Continue.

— Lars Nelle descobriu o criptograma num manuscrito que Noël Corbu escreveu nos anos sessenta.

— Nunca ninguém encontrou esse manuscrito.

— Lars encontrou-o. Estava na posse de um padre a quem Corbu o confiara antes de morrer em 1968.

Conhecia Corbu dos relatórios de um dos seus antecessores. Esse marechal também procurara o Grande Legado.

— E o criptograma?

— O quadro foi referido pelo próprio abade Bigou no registo da paróquia um pouco antes de ter fugido de França para Espanha, por isso Lars acreditava que continha a chave do quebra-cabeças. No entanto, morreu antes de o conseguir decifrar.

De Roquefort não possuía a litografia do quadro. A mulher ficara com ela, juntamente com o livro do leilão. Porém, dificilmente seria aquela a única cópia do quadro. Agora que sabia o que procurar, descobriria outra.

— E o que sabia Mark Nelle?

— Pouca coisa. Mark era professor em Toulouse e fazia as suas buscas apenas aos fins-de-semana, como passatempo. Não era tão empenhado quanto o pai. Andava à procura do esconderijo de Saunière nas montanhas quando foi morto por uma avalanche.

— Ele não morreu nas montanhas.

— Claro que morreu, há cinco anos. De Roquefort aproximou-se.

— Mark Nelle viveu nesta abadia durante os últimos cinco anos. Foi salvo e trazido para aqui. O nosso mestre deu-lhe abrigo e fez dele o nosso senescal. Também queria que ele fosse o próximo mestre, mas graças a mim não conseguiu. Mark Nelle fugiu esta tarde e durante cinco anos vasculhou os nossos registos à procura de pistas, enquanto o senhor estava escondido num sanatório de loucos, com medo da própria sombra.

— Não pode ser.

— Mas é verdade. Foi aqui que ele viveu enquanto você tremia de medo.

— Era de si e dos seus irmãos que eu tinha medo. Lars também vos temia.

— E tinha razões para temer. Mentiu-me várias vezes e eu detesto que me enganem. Foi-lhe dada uma oportunidade para se arrepender, mas ele optou por continuar a mentir.

— Penduraram-no da ponte, não foi? Sempre desconfiei disso.

— Não era um crente. Acho que já percebeu que farei qualquer coisa para atingir os meus objetivos. Uso o manto branco e isso significa que sou o mestre desta abadia, obedecido por quase quinhentos irmãos. A nossa Regra é clara. A ordem do mestre é como uma ordem de Cristo, pois foi Ele quem disse pela boca de David, *Ob auditu auris obedivit mihi*, ou seja, ele obedeceu-me assim que me escutou. Isso também devia fazê-lo tremer de medo. — Agitou o diário. — Agora diga-me o significado do criptograma.

— Lars acreditava que indicava a localização do achado de Saunière.

Puxou o fogareiro para junto dos pés de Claridon.

— Juro-lhe que os seus pés vão assar se não responder ao que lhe perguntei.

Claridon escancarou os olhos.

— O que tenho de fazer para provar a minha sinceridade? Sei apenas partes da história. Lars era assim, não partilhava muito o que sabia. Tem o diário dele.

O desespero da voz de Claridon também indiciava credibilidade.

— Continue. Estou a ouvir.

— Sei que Saunière encontrou o criptograma na igreja de Rennes-le-Château durante as obras de substituição do altar. Também descobriu uma cripta e ficou a saber que Marie d'Hautpoul de Blanchefort não estava enterrada no cemitério da paróquia, mas sob a igreja.

Também lera tudo aquilo no diário, mas o que ele queria saber era:

— Como foi que Lars descobriu tudo isso?

— Encontrou informações sobre a cripta em livros antigos descobertos em Monfort-Lamaury, o feudo de Simon de Montfort, que descreviam a igreja de Rennes até ao mínimo detalhe. Depois encontrou mais referências no manuscrito de Corbu.

Detestava escutar o nome de Simon de Montfort, outro oportunista do século XIII que comandara a Cruzada Albigense e saqueara o Languedoc em nome da Igreja. Se não fosse ele, os templários teriam conseguido aquelas terras, o que teria impedido a sua queda mais tarde. O único erro da Ordem nos primeiros tempos fora a sua dependência das regras seculares. A razão que levara os primeiros mestres a relacionarem-se tão de perto com a realeza era algo que sempre o deixara perplexo.

— Saunière descobriu que o seu antecessor, o abade Bigou, mandara erigir a campa de Marie d'Hautpoul e pensou que as palavras gravadas na lápide e a referência ao quadro eram pistas.

— São tão conspícuas?

— Não para uma pessoa do século XVIII. A maioria era analfabeta. Logo, até os códigos mais simples seriam bastante eficazes. Na verdade até o foram, tendo em consideração que ficaram indecifráveis até agora.

Naquele momento recordou-se de algo que lera nas Crónicas, algo escrito após a Expulsão. A única pista deixada sobre a localização do Grande Legado. Qual é o melhor lugar para esconder uma pedra? A resposta parecia agora óbvia.

— Debaixo da terra — murmurou.

— O que disse?

De Roquefort voltou à realidade.

— É capaz de se recordar do que viu no quadro?

— Oui, monsieur. De cada detalhe. — Isso tornava aquele tolo mais valioso. — E também tenho o desenho.

Teria ouvido bem?

— O desenho da campa?

— As notas que tirei no arquivo. Quando as luzes se apagaram, eu agarrei o papel que estava sobre a mesa.

Aquilo eram boas notícias.

— Onde está o papel?

— No meu bolso.

Decidiu que o melhor seria fazer um acordo.

— E que tal uma colaboração? Temos ambos algumas informações valiosas, porque não juntar esforços?

— E que lucraria eu com isso?

— Ficar com os pés intactos seria uma recompensa imediata.

— Tem razão, monsieur. Isso agrada-me muito.

Decidiu apelar para as ambições do homem.

— Nós procuramos o Grande Legado por razões diferentes das suas. Assim que o encontrarmos, estou certo que uma remuneração monetária poderá compensá-lo pelo seu trabalho. — De seguida, deixou bem claro: — Para além disso, não vou deixá-lo sair daqui e, mesmo que consiga fugir, encontrá-lo-ei onde quer que se esconda.

— Pareço não ter grandes escolhas.

— Sabe muito bem que eles o abandonaram.

Claridon não respondeu.

— Estou a falar de Malone e de Stephanie Nelle. Não fizeram o mínimo esforço para o salvar. Em vez disso, salvaram-se a eles. Ouvi-o a implorar por ajuda no arquivo e eles também o ouviram. No entanto, nem sequer o tentaram socorrer. — Calou-se, deixou que as palavras fizessem efeito e esperou ter avaliado bem o carácter fraco do prisioneiro. — Juntos, monsieur Claridon, podemos atingir os nossos objetivos. Eu possuo o diário de Lars Nelle e tenho acesso a um arquivo que o senhor nem imagina. O senhor possui as notas sobre a campa e é detentor de outras informações. Ambos desejamos a mesma coisa, vamos descobri-la em conjunto.

De Roquefort pegou numa faca que estava sobre a mesa, entre as pernas de Claridon, e cortou as cordas.

— Venha, temos muito trabalho pela frente.

TRINTA E NOVE

RENNES-LE-CHÂTEAU
10 H 40 M

Malone seguiu Mark quando este se aproximou da igreja de Santa Maria Madalena. Não se realizavam ali serviços religiosos durante o Verão e o domingo parecia um dia importante para os turistas, tendo em consideração a pequena multidão que começava a juntar-se, de máquinas fotográficas e de vídeo em punho.

— Precisamos de bilhetes — disse Mark. — Não podemos entrar na igreja sem pagar.

Malone entrou na villa Béthanie e esperou no fim de uma pequena fila. Já no exterior, encontrou Mark frente a um jardim vedado onde se encontravam o pilar visigodo e a estátua da Virgem de que Royce Claridon lhes falara. Leu as palavras PENITENCE, PENITENCE e MISSION 1891 gravadas numa das faces do pilar.

— A Nossa Senhora de Lourdes — disse Mark, e apontou para a estátua. — Saunière estava fascinado por Lourdes, onde ocorreu a primeira aparição da Virgem. Antes de Fátima. Ele queria que Rennes se transformasse num local de peregrinação, por isso mandou construir este jardim e desenhou a estátua e o pilar.

Malone apontou para o amontoado de turistas.

— Parece que conseguiu.

— Isso é verdade, mas não pelas razões que desejava. Tenho a certeza que nenhuma dessas pessoas sabe que o pilar não é o original. Não passa de uma cópia aí colocada há alguns anos. A inscrição do verdadeiro é difícil de ler, devido à erosão, e encontra-se no museu do presbitério. O mesmo se passa em relação a muita coisa neste lugar. Já pouco se encontra como no tempo de Saunière.

Aproximaram-se da entrada principal da igreja. No pórtico Malone leu a seguinte inscrição, TERRIBILIS EST LOCU ISTE, baseada num episódio do Antigo Testamento — "Que terrível é este lugar." Conhecia a história de Jacob que sonhara com uma escada apoiada na terra, cuja extremidade tocava o céu, e ao longo da qual subiam e desciam os mensageiros de Deus. Ao despertar do sonho exclamara, *Que terrível é este lugar!* e chamou a esse local Betel, que

significava “casa de Deus”. Nesse momento, ocorreu-lhe outra ideia.

— Mas no Antigo Testamento, Betel torna-se rival de Jerusalém enquanto centro religioso.

— Exatamente. Mais uma pista deixada por Saunière. Existem outras no interior da igreja.

Tinham todos dormido até tarde, e acordado apenas há cerca de trinta minutos. Stephanie ficara no quarto do marido e ainda lá estava quando Malone sugeriu a Mark que fossem até à igreja. Queria falar com ele sem ter Stephanie por perto e assim também lhe dava tempo para acalmar. Sabia que o próximo confronto não seria amigável e até nem seria má ideia adiar o inevitável. Geoffrey oferecera-se para os acompanhar, porém Mark recusara. Malone ficara com a impressão de que o jovem também desejaria conversar com ele a sós.

Penetraram na igreja composta por uma única nave de tecto elevado. A dar-lhes as boas vindas estava a figura de um diabo, com vestes verdes e a sorrir, que suportava o peso da pia de água benta.

— Trata-se do demónio judeu Asmodeu e não do diabo — explicou Mark.

— Outra mensagem?

— Também não lhe deve ser estranho.

— O guardião dos segredos, se não me engano.

— Isso mesmo. Observe o resto da pia.

Sobre a pia de água benta erguiam-se quatro anjos, cada um executando uma das partes do sinal da cruz. Por baixo estava escrito PAR CE SIGNE TU Le VAINCRAS. Malone traduziu do francês. “Sob este signo tu o vencerás.”

Conhecia o significado daquelas palavras.

— Pertencem à batalha de Constantino contra Maxêncio. De acordo com a história, Constantino viu uma cruz com essa inscrição desenhada no Sol poente.

— Todavia, existe uma diferença. — Mark apontou para as letras esculpidas. — Não existe “o” na citação original. Apenas “Sob este signo vencerás.”

— E isso é importante?

— O meu pai descobriu uma antiga lenda judaica que conta de que modo o rei conseguiu impedir os demónios de interferirem com a construção do Templo de Salomão. Um desses demónios, Asmodeu, foi controlado ao ser obrigado a transportar água, o único elemento que ele detestava. Visto isso, o simbolismo da pia não é despropositado. Porém, o “o” na citação foi claramente acrescentado por Saunière. Há quem diga que é apenas uma referência ao facto de ao tocar-se na água benta e fazer-se o sinal da cruz, como fazem os católicos, o diabo “o”, seria derrotado. Mas existe quem chame a atenção para o posicionamento da

palavra na frase em francês. *Par ce signe tu le vaincras*. As letras da palavra le, “o”, são a décima terceira e a décima quarta. 1314.

Recordava-se daquela data do livro sobre os templários.

— O ano em que Jacques de Molay foi executado.

— Coincidência? — interrogou Mark, e encolheu os ombros. Cerca de duas dezenas de pessoas vagueavam pela igreja a tirar fotografias e a admirar a decoração. As janelas de vitral brilhavam com o sol e Malone contemplou as cenas que retratavam. Maria e Marta em Betânia, Maria Madalena com Cristo em ascensão e a ressurreição de Lázaro.

— É quase um parque de diversões teológico — murmurou.

— Não deixa de ter razão.

Mark apontou para o chão em xadrez frente ao altar.

— A entrada para a cripta é ali, mesmo antes da grade de ferro trabalhado, escondida sob os ladrilhos. Há alguns anos, uma equipa de geógrafos franceses efetuou um estudo do subsolo com radares de solo e conseguiu fazer algumas leituras antes de as autoridades os mandarem parar. Os resultados mostraram uma anomalia subterrânea sob o altar que podia muito bem ser a cripta.

— E nunca ninguém fez escavações aqui?

— Os habitantes locais nunca autorizariam. Isso acarretaria demasiados riscos para o turismo.

Malone esboçou um sorriso.

— Claridon disse a mesma coisa ontem.

Sentaram-se numa fila de bancos.

— Uma coisa é certa — sussurrou Mark —, não existe aqui nenhum tesouro. Porém Saunière usou esta igreja para mostrar aquilo em que acreditava. E tendo em conta tudo o que li sobre ele, esse ato coaduna-se com a sua personalidade arrojada.

Malone apercebeu-se que nada daquilo era subtil. A coloração e brilho excessivos ofuscavam toda e qualquer beleza. Foi então que se apercebeu de outro pormenor. Nada ali era harmonioso. Cada uma das expressões artísticas, desde as estátuas, aos relevos e aos vitrais, era individual, sem qualquer respeito por temas, como se a similaridade fosse de algum modo ofensiva.

Um estranho conjunto de santos esotéricos olhavam-no com expressões apáticas como se também eles se sentissem envergonhados pelos seus pormenores berrantes. São Roque exibia a coxa ferida, Santa Germana deixava cair um molho de rosas do avental, Maria Madalena segurava um vaso de alabastro. Por mais que se esforçasse, Malone não se sentia bem ali dentro. Já

estivera no interior de muitas igrejas europeias e quase todas mostravam um enorme sentido de tempo e história. Aquela parecia apenas uma exposição.

— Saunière supervisionou todos os detalhes da decoração — explicou Mark. — Nada foi aqui colocado sem a sua autorização. — Mark apontou para uma das estátuas. — St. António de Pádua. É a ele que rezamos quando perdemos alguma coisa.

— Outra mensagem? — perguntou Malone, notando a ironia.

— Não tenho dúvidas. Repare nas estações da via-sacra.

As esculturas começavam no púlpito, sete ao longo da parede norte e depois outras sete na parede sul. Cada uma delas recriava o percurso realizado por Jesus até ao Calvário. O excesso e variedade de cores conferiam-lhe um aspecto estranho para algo tão solene.

— Estranhas, não são? — perguntou Mark. — Quando aqui foram instaladas, em 1887, eram bastante vulgares na região. Existe um conjunto muito parecido em Rocamadour. Tanto essas como estas foram feitas pela Casa Giscard em Toulouse. Já muito se disse sobre estas estações. Há quem afirme que têm origens maçónicas ou que são uma espécie de mapa do tesouro. Nenhuma das teorias é verdadeira. Mas existem mensagens nelas.

Malone observou alguns dos detalhes mais curiosos. O rapaz negro que segurava a tigela de água de Pilatos. Uma trompeta a ser tocada quando Jesus cai sob o peso da cruz. Três discos prateados erguidos no ar na estação quatro. A criança frente a Jesus, na estação oito, que envergava um tecido axadrezado. E na estação dez, um soldado romano a jogar aos dados pelas vestes de Jesus e os números três, quatro e cinco bem visíveis nas faces dos dados.

— Veja a estação catorze — pediu Mark, e indicou a parede sul. Malone levantou-se e dirigiu-se ao local. As velas tremeluziam frente ao altar e ele reparou de imediato no baixo-relevo que o decorava. Uma mulher que, presumiu que fosse Maria Madalena, chorava, ajoelhada, frente a uma cruz formada por dois ramos. Na base do ramo havia uma caveira que lhe lembrou a caveira que vira na litografia em Avinhão.

Depois virou-se e observou a imagem da última estação da via-sacra, a décima quarta, que mostrava o corpo de Cristo a ser transportado por dois homens, enquanto três mulheres observavam em pranto. Atrás deles, erguia-se uma escarpa rochosa sobre a qual brilhava a Lua cheia no céu noturno.

— Jesus a ser transportado para o sepulcro — sussurrou Mark que, entretanto, aparecera por trás de Malone. — A lei romana não autorizava que se sepultassem os crucificados. Essa forma de execução estava reservada aos acusados de

crimes contra o império. Os criminosos morriam lentamente na cruz, para todos verem, e o corpo era deixado para que as aves o debicassem. No entanto, Pilatos terá supostamente entregue o corpo de Cristo a José de Arimateia para que pudesse ser sepultado. Já alguma vez se interrogou porquê?

— Não, nunca.

— Houve quem pensasse nisso. Lembre-se que Cristo foi morto na véspera do sábado e, por lei, não podia ser enterrado depois do entardecer. — Mark apontou para a estação catorze. — No entanto, Saunière pendurou esta representação que mostra o corpo a ser transportado depois de escurecer.

Malone continuava sem entender.

— E se em vez de estar a ser transportado para o interior do sepulcro, o corpo estiver a ser retirado dele, depois de escurecer?

Mark não respondeu, em vez disso perguntou:

— Conhece os Evangelhos Gnósticos?

Conhecia. Tinham sido encontrados em 1945 por sete beduínos egípcios da aldeia de El-Kasr que, ao escavarem perto de um rochedo, descobriram um esqueleto humano e uma urna selada. Pensando que podia conter ouro, partiram a urna e encontraram apenas treze códices envoltos em pele. Os textos estavam todos escritos em copta e eram provavelmente da autoria dos monges que viveram num mosteiro das redondezas durante o século IV. Os códices continham quarenta e seis manuscritos cristãos, datando o seu conteúdo do século II. Alguns viriam posteriormente a perder-se, deitados fora ou usados para acender fogueiras, mas em 1947 os que restaram foram adquiridos por um museu local.

Malone contou a Mark o que sabia.

— A razão que levou os monges a esconderem os códices é ditada pela própria história — explicou Mark. — No século IV, Atanásio, bispo de Alexandria, escreveu uma carta que foi enviada para todas as igrejas do Egipto. Nela se decretava que apenas os vinte e sete livros incluídos no recentemente formulado Novo Testamento podiam ser considerados Escrituras, e que todos os outros livros heréticos tinham de ser destruídos. Nenhum dos quarenta e seis manuscritos da urna estava em conformidade com o decreto. Assim, os monges do mosteiro Pacomiano optaram por esconder os treze códices em vez de os queimarem, talvez esperando por uma mudança mais favorável na liderança da Igreja. Claro que a situação nunca se alterou. Graças a Deus que os códices sobreviveram. São os Evangelhos Gnósticos que conhecemos atualmente. Num deles, o de Pedro, está escrito, E quando contaram as coisas que tinham visto,

falaram que viram três homens sair do sepulcro e que dois deles transportavam o outro.

Malone voltou a observar a estação catorze. Dois homens a segurarem um terceiro.

— Os Evangelhos Gnósticos contêm textos magníficos — continuou Mark. — Muitos estudiosos afirmam que o Evangelho de Tomé, que estava incluído nos códices, pode ser o que mais se aproxima das verdadeiras palavras de Cristo. Os primeiros cristãos temiam os gnósticos. A palavra provém do grego *gnosis*, que significa conhecimento. Os gnósticos eram apenas pessoas que desejavam aprender, mas a emergente versão católica do cristianismo acabou por eliminar todo o pensamento e ensinamentos gnósticos.

— E os templários mantiveram esses ensinamentos vivos?

Mark assentiu.

— Os Evangelhos Gnósticos e muitos outros que os teólogos nunca viram fazem parte da biblioteca da abadia. Os templários sempre foram mais flexíveis em relação às Escrituras. Os chamados textos heréticos têm muito para nos ensinar.

— E como poderia Saunière saber alguma coisa sobre esses Evangelhos? Afinal só foram descobertos décadas após a sua morte.

— Pode ter tido acesso a outro tipo de informação. Vou mostrar-lhe uma coisa.

Seguiu Mark até à entrada da igreja e saíram. No pórtico, havia um retângulo de pedra com letras pintadas.

— Leia o que diz ali — pediu Mark.

Malone esticou a cabeça e esforçou-se por decifrar as palavras. Muitas estavam quase apagadas.

REGNUM MUNDI ET OMNEM ORNATUM SAECULI CONTEMPSI,
PROPTER ANOREM DOMINI MEI JESU CHRISTI: QUEM VIDI,
QUEM AMAVI, IN QUEM CREMINI, QUEM DILEXI

— Traduzido significa, “Desprezo o reino deste mundo e todos os bens temporais por amar o meu Senhor Jesus Cristo, o qual vi, amei, venero e no qual acredito.” É uma afirmação interessante, mas contém erros bem visíveis. — Mark levantou o dedo.

— As palavras *scoeculi*, *anorem*, *quen* e *cremini* estão mal escritas. Saunière gastou cento e oitenta francos nesta inscrição. Uma quantia considerável para a época. Sabemos isso porque os recibos ainda existem. Dedicou especial atenção ao desenho da entrada e, no entanto, permitiu que os erros ficassem à vista de todos. Teria sido fácil emendá-los, uma vez que as letras eram apenas pintadas.

— Talvez não tenha reparado.

— Saunière? Era um homem muito meticuloso e nada lhe escapava.

Mark e Malone afastaram-se do pórtico e uma nova vaga de turistas invadiu a igreja. Pararam frente ao jardim com o pilar visigodo e a estátua da Virgem.

— A inscrição no pórtico não é bíblica. Faz parte de um responsório escrito por um homem chamado John Tauler nos inícios do século XIV. Os responsórios eram orações ou poemas utilizados entre a leitura das Escrituras e Tauler era bem conhecido no tempo de Saunière. Assim, é possível que o abade tivesse apenas gostado da frase. Mas ainda assim é estranho.

Malone concordava.

— Os erros podem ajudar-nos a entender o que levou Saunière a deixá-los ficar. As palavras são quem cremini, "no qual acredito", mas deveria estar escrito *credidi*. No entanto, Saunière aceitou o erro. Poderá isso querer dizer que ele não acreditava Nele? E o mais interessante é *quem vidi*, "o qual vi."

Malone entendeu de imediato a relevância.

— Aquilo que encontrou levou-o a Cristo. O qual viu.

— Era isso que o meu pai achava e eu penso o mesmo. Saunière parecia não resistir a enviar mensagens. Queria que o mundo soubesse aquilo que ele sabia, mas era como se tivesse consciência que ninguém no seu tempo o entenderia. E tinha razão. Ninguém percebeu nada. Só quarenta anos após a sua morte é que alguém prestou atenção a tudo isto. — Mark virou-se para apreciar a antiga igreja. — Este é um lugar de contrários. As estações da via-sacra estão penduradas em sentido contrário às das restantes igrejas do mundo, o demónio na porta é o oposto do bem. — Depois apontou para o pilar visigodo. — Virado de cabeça para baixo. Veja a cruz e os desenhos na face.

Malone observou a face do pilar.



— Saunière inverteu o pilar antes de gravar Missão 1891 no fundo e Penitência, Penitência no cimo.

Reparou num V, com um círculo no centro, no canto inferior direito. Inclinou a cabeça e tentou ver o símbolo invertido.

— Alfa e ómega? — perguntou.

— Há quem pense que sim. O meu pai era uma dessas pessoas.

— É outra designação para Cristo.

— Correto.

— O que fez Saunière inverter o pilar?

— Ainda ninguém conseguiu apresentar uma explicação plausível.

Mark afastou-se e um grupo de turistas ocupou o seu lugar para tirar fotografias. Depois conduziu Malone até às traseiras da igreja, para um canto do Jardim do Calvário onde se encontrava uma pequena gruta.

— É uma réplica também feita para os turistas. A original foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial. Saunière construiu a gruta com pedras que trazia das suas viagens. Ele e a amante ausentavam-se durante dias seguidos e regressavam carregados de pedras. Estranho, não acha?

— Depende do que traziam escondido no meio das pedras.

Mark sorriu.

— É uma maneira fácil de trazer ouro sem levantar suspeitas.

— Saunière era um homem muito estranho. Podia estar simplesmente a carregar pedras.

— Todas as pessoas que aqui vêm são um pouco estranhas.

— Isso inclui o teu pai?

Mark fitou-o com uma expressão séria.

— Sem dúvida. Estava obcecado. Votou a sua vida a este lugar, amava cada centímetro quadrado desta aldeia. Esta era a sua casa.

— Mas não a tua?

— Tentei continuar o trabalho dele, mas faltava-me a sua paixão e dedicação. Talvez tenha percebido que nunca chegaria longe.

— Então porquê esconderes-te numa abadia durante cinco anos? — Mark não respondeu. — Estavas a fazer a mesma coisa que a tua mãe veio aqui fazer. Apenas não sabias que havia alguém a vigiar-te.

— E ainda bem que o fizeram.

— A tua mãe está a sofrer.

— Vocês trabalharam juntos?

Notou a tentativa de evasão.

— Sim, durante muito tempo. É uma boa amiga.

— É uma cabeça dura.

— É uma mulher dura, mas não é insensível. Está a sofrer com tudo isto. Muita culpa e muitos arrependimentos. Podia ser uma segunda oportunidade para vocês os dois.

— Eu e a minha mãe afastámo-nos há muito tempo. Foi melhor para os dois.

— Então o que fazes aqui?

— Vim para casa do meu pai.

— E quando chegaste e viste as bagagens de outras pessoas, dentro das quais estavam os nossos passaportes, que por certo terás encontrado, ainda assim ficaste.

Mark virou-lhe as costas e Malone pensou ter notado uma tentativa de esconder as suas dúvidas. Era mais parecido com a mãe do que gostava de admitir.

— Tenho trinta e oito anos e ainda me sinto um miúdo — confessou Mark. — Vivi os últimos cinco anos protegido no interior de uma abadia governada por uma Regra severa. Um homem que considerava como um pai tratou-me bem e ascendi a uma posição de importância como nunca poderia imaginar.

— E no entanto, aqui estás tu, no meio de nenhures. — Mark fitou-o e sorriu. — Tu e a tua mãe precisam de conversar.

O sorriso transformou-se numa expressão séria e preocupada.

— Conheço a mulher que mencionou ontem à noite, Cassiopeia Vitt. Ela e o meu pai disputaram terreno durante muitos anos. Não seria importante procurá-

la?

Reparou que Mark gostava de evitar responder a perguntas colocando-as, um pouco à semelhança da mãe.

— Depende. Achas que ela é uma ameaça?

— Não sei. Ela parecia estar sempre por perto e o meu pai não gostava muito dela.

— De Roquefort também não.

— Disso tenho a certeza.

— No arquivo, ontem à noite, ela não se identificou e De Roquefort não parecia saber o seu nome. Mas se ele tem Claridon, por esta altura já deve saber quem ela é.

— Isso é problema dela — argumentou Mark.

— Salvou-me a pele duas vezes, por isso acho que merece ser avisada. Claridon contou-me que ela vive nas redondezas, em Givors. A tua mãe e eu íamo-nos embora hoje. Pensávamos que já não havia mais nada que pudéssemos fazer, mas isso mudou. Preciso de fazer uma visita a Cassiopeia Vitt e penso que o melhor seria ir sozinho.

— Concordo. Nós esperamos aqui. Também tenho de fazer uma visita. Há já cinco anos que não converso com o meu pai.

E dirigiu-se para a entrada do cemitério.

QUARENTA

11 H 05 M

Stephanie encheu uma chávena de café e ofereceu mais a Geoffrey, mas o jovem recusou.

— Só podemos tomar uma chávena por dia — explicou ele. Ela sentou-se na mesa da cozinha.

— A Regra governa todos os quadrantes da vossa vida?

— É o nosso modo de vida.

— Sempre pensei que o segredo também fosse um pormenor importante para a irmandade, mas falas dela abertamente.

— O meu mestre, que descansa agora junto do Senhor, disse-me para ser honesto consigo.

Ficou espantada.

— E como poderia o teu mestre conhecer-me?

— Acompanhou as buscas do seu marido muito atentamente. Isso aconteceu antes de eu chegar à abadia, mas o mestre contou-me. Ele e o seu marido falaram em várias ocasiões. Na verdade, o mestre era o seu confessor.

Stephanie ficou de boca aberta com aquela informação.

— Lars teve contacto com os templários?

— Na realidade, foram os templários que o contactaram. O mestre abordou o seu marido, porém se ele tinha conhecimento que falava com um templário nunca o revelou. Talvez pensasse que se o dissesse isso poria fim ao contacto. Mas é provável que o soubesse.

— O teu mestre parece ter sido um homem muito interessante.

A expressão do jovem iluminou-se.

— Era um homem sábio que lutou pela prosperidade e pelo bem da nossa Ordem.

Veio-lhe à memória o modo como ele defendera Mark na noite anterior.

— E o meu filho ajudou nessa tarefa?

— Por essa razão foi escolhido para ser o nosso senescal.

— E o facto de ser filho de Lars Nelle não teve nada a ver com essa escolha?

— Sobre isso, nada lhe sei dizer. Apenas ontem descobri quem era o senescal e aqui, nesta casa. Por isso, não sei.

— Não sabem nada uns dos outros?

— Muito pouco e alguns de nós sofrem com isso. Outros apreciam a privacidade. Passamos a vida juntos, como numa prisão, e demasiada familiaridade pode tornar-se um problema. Assim, a Regra proíbe qualquer intimidade entre irmãos. Somos reservados e colocamos o silêncio ao serviço de Deus.

— Parece difícil.

— É a vida que escolhemos. Mas esta aventura... — Abanou a cabeça — O mestre disse-me que iria descobrir muitas coisas novas e tinha razão.

Stephanie deu mais um gole no café.

— O teu mestre parecia ter a certeza que acabaríamos por nos conhecer.

— Ele enviou-lhe o diário na esperança de que viesse. Também mandou uma carta a Ernst Scoville, que incluía páginas do diário que falavam sobre si. O plano era que isso vos unisse. Sabia que Scoville não gostava de si, foi o seu marido quem lhe contou, porém, também tinha conhecimento dos seus vastos recursos e queria que vocês os dois, juntamente comigo e o senescal, descobrissem o Grande Legado.

Recordou-se daquele nome da noite anterior.

— A vossa Ordem acredita mesmo que há mais qualquer coisa na história de Cristo, pormenores que o resto do mundo não conhece?

— O meu treino ainda não me permite responder a essa pergunta. São necessárias muitas décadas de estudo e serviço até que tenha acesso a todo o conhecimento da Ordem. No entanto, para mim, e tendo em consideração o que aprendi até agora, a morte parece-me um objetivo claro. Muitos milhares de irmãos pereceram nos campos de batalha da Terra Santa. Nunca nenhum deles voltou as costas à luta e desistiu.

— A Igreja Católica chamaria heresia a isso que acabaste de dizer.

— A Igreja é uma instituição criada pelos homens e gerida por homens. Tudo o mais que se lhe atribui é também responsabilidade desses mesmos homens.

Stephanie decidiu tentar a sua sorte.

— E o que devo eu fazer, Geoffrey?

— Ajudar o seu filho.

— Como?

— Ele tem de terminar o que o pai começou. Não podemos permitir que Raymond de Roquefort encontre o Grande Legado. O mestre foi muito claro nesse ponto. Foi por essa razão que planeou tudo com antecedência.

— Mark odeia-me.

— Ele ama-a.

— E como podes tu saber isso?

— O mestre disse-me.

— Ele também não tinha maneira de saber.

— O meu mestre sabia tudo. — Geoffrey levou a mão ao bolso das calças e retirou um envelope selado. — Foi-me pedido que lhe entregasse isto quando achasse apropriado. — Estendeu-lhe o retângulo de papel um pouco amarrotado e depois levantou-se da mesa.

— O senescal e o Sr. Malone foram à igreja e eu vou deixá-la sozinha.

Ela agradeceu o gesto. Como não sabia que emoções aquela carta podia despertar, esperou que Geoffrey saísse e depois abriu o envelope.

Sra. Nelle, não nos conhecemos, no entanto sinto que sei muito a seu respeito, tudo graças a Lars que sempre me confidenciou os seus desejos e angústias. Mark é diferente, guarda os seus tormentos para si e partilha muito pouco. Apenas em algumas ocasiões consegui que me contasse alguns pormenores mais pessoais. Apesar disso, as suas emoções não eram tão transparentes quanto as do pai. Talvez tenha herdado essa característica de si? Não é minha intenção criticá-la. O que está a acontecer neste momento é muito sério. Raymond de Roquefort é um homem perigoso. É movido por uma espécie de cegueira que ao longo dos anos afetou muitos membros da nossa Ordem. O seu filho disputou a liderança com ele e perdeu. Infelizmente, Mark não possui a determinação necessária para terminar as suas batalhas. Começá-las parece fácil, dar-lhes continuação é ainda mais fácil, mas resolvê-las tem sido difícil. As disputas consigo, com De Roquefort, com a sua própria consciência, tudo isso são desafios. Pensei que juntar-vos poderia vir a ser benéfico para ambos. Como já disse anteriormente, não a conheço, mas acredito compreendê-la. O seu marido faleceu e muito ficou por resolver. Talvez esta demanda possa responder a todas as suas perguntas. Deixo-lhe este conselho: confie no seu filho, esqueça o passado e pense apenas no futuro. Pode ser uma boa maneira de conseguir a paz. A minha Ordem é única em toda a cristandade. As nossas crenças são diferentes e isso tem a ver com as lições aprendidas pelos nossos primeiros irmãos e que nos foram deixadas como herança. Isso torna-nos mais cristãos ou menos cristãos? Na minha opinião, nem uma coisa nem outra. A descoberta do Grande Legado irá responder a muitas questões, mas temo que irá originar muitas mais. Caberá a si e ao seu filho decidir o melhor caminho quando, e se, o momento crítico chegar, e chegará, pois tenho fé em ambos. Teve lugar uma ressurreição e com ela foi-lhe dada uma segunda oportunidade. Aproveite bem esse milagre. Fica

um alerta: liberte a sua mente dos preconceitos aos quais se habituou. Esteja receptiva a conceitos mais vastos, pois só desse modo terão sucesso. Que o Senhor a acompanhe.

Correu-lhe uma lágrima pela face. Chorar era uma sensação estranha, algo que não fazia desde a infância. Era uma mulher com estudos superiores e possuía a experiência de décadas de trabalho nos cargos mais elevados e de responsabilidade de um departamento governamental. A sua carreira fora passada a resolver situações complicadas e tivera muitas vezes de tomar decisões de vida ou morte. Todavia, nenhuma se aplicava ali. Tinha de algum modo abandonado o mundo do bem e do mal, do certo e do errado, do branco e do preto, e entrara num reino onde os seus pensamentos mais profundos não só eram conhecidos como compreendidos. Aquele mestre, um homem que ela nunca vira e com o qual nunca falara, parecia entender a sua dor.

Tinha razão. O regresso de Mark era uma ressurreição. Um milagre espantoso com possibilidades infinitas.

— A carta deixou-a triste?

Levantou os olhos e viu Geoffrey à entrada da porta. Depois limpou as lágrimas e disse:

— De certa forma sim, mas também me deixou feliz.

— O mestre era assim. Conhecia a alegria e a dor. Mais a dor, nos últimos dias.

— Como morreu ele?

— Sofria de cancro. Faleceu há duas noites.

— Sentes a sua falta?

— Cresci sozinho, sem família. Foram as freiras e os monges que me criaram. Sempre me trataram bem, mas nenhum deles me amou. É difícil crescer sem o amor de um pai ou de uma mãe. — Aquela confissão partiu-lhe o coração. — O mestre foi carinhoso comigo, talvez até me tenha amado, mas mais importante que tudo, confiou em mim.

— Não o desapontes.

— Não o farei.

Stephanie levantou a carta da mesa.

— Isto é para mim? Posso guardá-la?

— Claro. Eu fui apenas o mensageiro.

Recompôs-se e perguntou:

— O que levou Mark e Cotton à igreja?

— Creio que o senescal desejava falar com o Sr. Malone.

Ela levantou-se da cadeira.

— Talvez nós também devêssemos...

Alguém bateu à porta. O olhar dela desviou-se de imediato para a fechadura que estava apenas no trinco. Cotton e Mark teriam entrado sem bater. Reparou que Geoffrey também ficara alerta e que tinha a arma na mão. Stephanie avançou até à porta e espreitou pelo vidro. Do outro lado estava um rosto familiar. Era Royce Claridon.

QUARENTA E UM

De Roquefort estava furioso. Fora informado há apenas quatro horas que, na noite da morte do mestre, o sistema de segurança do arquivo registara uma entrada às 23:51. O senescal permanecera no interior do arquivo durante doze minutos e saíra com dois livros. As placas de identificação colocadas em todos os volumes mostravam que se tratava de um códice do século XIII, que conhecia bem, e de um relatório de um marechal escrito na última metade do século XIX, que também lera.

Quando interrogara Royce Claridon há algumas horas, não revelara que conhecia o criptograma incluído no diário de Lars Nelle. Havia também um no relatório do marechal, juntamente com o local onde o quebra-cabeças fora encontrado: na igreja do abade Gélis em Coustausa, não muito longe de Rennes-le-Château. Recordava-se de ter lido que o marechal conversara com Gélis um pouco antes de o abade ter sido assassinado e ficara a saber que Saunière também descobrira um criptograma na sua igreja. Quando comparados, repararam que eram iguais. Aparentemente, Gélis teria resolvido o enigma e contara ao marechal, contudo a solução não foi anotada e tão-pouco encontrada após a morte de Gélis. Tanto a Polícia local quanto o marechal suspeitaram que o criminoso pretendia algo que se encontrava dentro da pasta do padre. Por certo, a solução do criptograma. Mas teria sido Saunière o assassino? Era difícil saber. O crime nunca chegara a ser resolvido.

No entanto, tendo em consideração o que De Roquefort sabia, o abade de Rennes teria sido incluído na lista dos suspeitos.

Agora o relatório do marechal tinha desaparecido, o que até podia nem ser uma má notícia, uma vez que possuía o diário de Lars Nelle, que continha o criptograma de Saunière. Apesar disso, tal como o marechal escrevera, seriam os quebra-cabeças mesmo iguais? Não havia maneira de ter a certeza sem o relatório, que fora certamente levado do arquivo por alguma razão.

Há cinco minutos, ao ouvir a conversa entre Stephanie Nelle e o irmão Geoffrey através de um microfone colocado numa veneziana, ficara a saber que Mark Nelle e Cotton Malone tinham ido até à igreja. Stephanie até chorara depois de ler uma carta que o antigo mestre lhe endereçara. “Tão comovente.” O mestre previra tudo com antecedência e todo aquele assunto estava rapidamente a sair do seu controlo. Precisava de voltar a pegar nas rédeas da situação e pôr

um travão naquela catadupa de acontecimentos. Assim, enquanto Royce Claridon tratava do par em casa de Lars Nelle, ele ia tratar dos outros dois.

Depois do que acontecera a noite passada na ponte, pensara que Malone e Stephanie já não eram importantes e por isso ordenara aos seus ajudantes que os deixassem inconscientes. Matar dois agentes americanos iria certamente chamar demasiadas atenções. Deslocara-se a Avinhão para descobrir que segredos se escondiam no Palácio dos Papas e para capturar Claridon, não para despertar a atenção do governo americano. Conseguira atingir os seus objetivos e trazer o diário de Lars Nelle como bónus. Vistas bem as coisas, não tinha sido uma má noite de trabalho. Ficara até disposto a deixar fugir Mark Nelle e Geoffrey, uma vez que longe da abadia representavam um perigo bem menor. Todavia, após ter sido informado dos livros desaparecidos, essa estratégia mudara.

— Estamos em posição — informou-lhe uma voz ao ouvido.

— Fiquem atentos e não façam nada até eu mandar — murmurou para o microfone preso na lapela.

Trouxera seis irmãos consigo e encontravam-se agora espalhados pela aldeia, misturando-se com a crescente multidão de domingo. O dia estava limpo e ventoso. Enquanto os vales do rio Aude eram locais quentes e calmos, as colinas não escapavam aos ventos constantes.

De Roquefort subiu a rua principal em direção à Igreja de Santa Maria Madalena sem fazer qualquer esforço para ocultar a sua chegada.

Queria que Mark Nelle soubesse que ali estava.

..*

Mark encontrava-se aos pés da campa do pai. O local estava em boas condições, tal como as restantes campas, uma vez que o cemitério fazia parte do percurso da cada vez mais florescente indústria turística da aldeia.

Durante os primeiros seis anos após a morte do pai, fora ele quem pessoalmente tomara conta da campa, visitando-a quase todos os fins-de-semana. Também cuidara da casa. O pai fora uma pessoa querida pelos habitantes de Rennes, referindo-se sempre à aldeia com simpatia e tratando a memória de Saunière com respeito. Talvez fosse por esse motivo que incluíra tanta ficção sobre Rennes nos seus livros. O mistério embelezado era uma fonte de rendimentos para toda a região e os escritores que desprezavam esse aspecto não eram bem vistos. Tendo em conta que não havia certezas relativamente a quase nenhuns dos aspectos da história, isso deixava a porta aberta para todo o tipo de especulações. Também ajudava o facto de o pai ser considerado o homem que chamara a atenção do mundo para aquele lugar, embora Mark soubesse que

fora um livro francês quase desconhecido, Le Trésor Maudit de Gérard de Sede, publicado nos finais dos anos sessenta, que chamara a atenção do pai. Sempre achara o título

— O Tesouro Maldito — deveras conveniente, principalmente após a súbita morte do pai. Mark era apenas um adolescente quando lera pela primeira vez o livro que Lars escrevera, mas só anos mais tarde, quando estava já na universidade a aprofundar os seus estudos em história medieval e filosofia teológica, é que o pai lhe revelou o que estava realmente em jogo.

— A essência do cristianismo é a ressurreição dos corpos físicos. E a realização da promessa do Antigo Testamento. Se os cristãos não ressuscitarem um dia, então a sua fé é inútil e os Evangelhos uma mentira, ou seja, não há mais nada após esta vida. É a ressurreição que dá significado a tudo o que se faz em nome de Cristo. Também existem outras religiões que falam do paraíso e de uma vida após a morte, mas só o cristianismo fala de um Deus que se transformou num homem, morreu pelos Seus irmãos e depois se ergueu de entre os mortos para governar para toda a eternidade. Pensa só nisto — dissera o pai —, os cristãos podem ter crenças diversas sobre muitos assuntos, mas todos acreditam na ressurreição. Jesus derrotou a morte unicamente por eles. O reino dos céus espera-os, pois também eles irão ressuscitar e viver para toda a eternidade na companhia do Senhor. Todas as tragédias têm significado porque a ressurreição oferece esperança para o futuro.

Depois o pai fizera a pergunta que sempre o preocupara.

— E se isso nunca aconteceu? E se Cristo pura e simplesmente morreu e nunca regressou?

Sim, e se?

— Pensa nos milhões de pessoas que foram massacradas em nome de Cristo ressuscitado. Só durante a Cruzada Albigense foram mortos quinze mil homens, mulheres e crianças apenas por negarem a encarnação, a paixão e a ressurreição de Cristo. A Inquisição foi responsável pela morte de milhões de pessoas. As cruzadas na Terra Santa custaram centenas de milhares de vidas. Tudo em nome do suposto Cristo Ressuscitado. Durante séculos, os papas usaram o sacrifício de Jesus como modo de motivar os homens para as batalhas. Se a ressurreição nunca tivesse acontecido e não houvesse a promessa de uma vida após a morte, quantos homens achas que teriam arriscado a vida?

A resposta era simples. Nem um.

E se a ressurreição nunca aconteceu?

Mark passara os últimos cinco anos à procura de resposta para essa pergunta

no seio de uma Ordem que o mundo acreditava ter sido erradicada há centenas de anos. Contudo, estava tão confuso como no dia em que fora levado para a abadia.

O que ganhara?

Mais importante, o que perdera?

Afastou a confusão da mente e voltou a concentrar-se na campa do pai. Ele mesmo encomendara a lápide e assistira à sua colocação numa triste tarde de Maio. O pai fora encontrado uma semana antes enforcado numa ponte a sul de Rennes. Mark estava em casa, em Toulouse, quando a Polícia telefonou. Recordava-se do rosto dele quando identificou o corpo, a palidez da pele, a boca escancarada, os olhos sem vida. Uma visão grotesca que temera nunca mais vir a esquecer.

A mãe regressara à Geórgia logo após o funeral. Pouco tinham falado durante os três dias que ela estivera em França. Ele tinha vinte e sete anos, acabara de ser aceite na Universidade de Toulouse como professor assistente e não sabia quase nada da vida. Agora, passados onze anos, questionava-se se estaria mais preparado. No dia anterior teria morto Raymond de Roquefort sem hesitar. Se isso tivesse mesmo ocorrido, o que aconteceria a tudo o que aprendera? Onde estava a disciplina que acreditava ter adquirido? Os fracassos de De Roquefort eram fáceis de entender — um falso sentido de dever exacerbado por um ego demasiado orgulhoso —, mas as suas próprias fraquezas eram desconcertantes. No espaço de três dias passara de senescal a fugitivo, da segurança ao caos.

E para quê?

Sentiu o volume da arma sob o casaco. A segurança que lhe oferecia era perturbadora.

Afastou-se da campa do pai e aproximou-se da última morada de Ernst Scoville. Conhecera o solitário belga e gostava do homem. Pelos vistos, o mestre também sabia da sua existência, uma vez que lhe enviara uma carta na semana anterior. O que dissera

De Roquefort sobre os dois pacotes? “Já tratei de um dos destinatários.” Isso era óbvio. Mas depois acrescentara mais alguma coisa. “E não tardarei a tratar do outro.” A mãe estava em perigo. Estavam todos. Porém, pouco ou nada podiam fazer. Ir à Polícia? Ninguém acreditaria neles. A abadia era bastante respeitada e nenhum dos irmãos se atreveria a denunciar fosse o que fosse. Tudo o que encontrariam seria um pacato mosteiro dedicado a Deus. A Ordem desenvolvera planos para ocultar tudo o que dissesse respeito à irmandade e ninguém dentro da abadia deixaria de cumprir o seu dever. Disso tinha a certeza.

Estavam entregues a si mesmos.

..*

Malone esperou no Jardim do Calvário que Mark regressasse do cemitério. Não queria intrometer-se num assunto tão pessoal. Compreendia perfeitamente o que o jovem deveria estar a sentir. Tinha apenas dez anos quando o pai falecera e a dor de saber que nunca mais o voltaria a ver nunca diminuíra. Ao contrário de Mark, não tinha nenhum cemitério ao qual o pudesse ir visitar. A campa do pai fora o oceano Atlântico dentro do casco de um submarino afundado. Tentara em tempos saber pormenores do sucedido, mas o incidente permanecia classificado como secreto.

O pai amara a Marinha e os Estados Unidos e fora um patriota que sacrificara a vida pelo seu país. Esse facto sempre deixara Malone muito orgulhoso. Mark Nelle tinha sido afortunado. Vivera ainda muitos anos na companhia do pai, aprendera com ele e partilhara alegrias e tristezas. Apesar disso, em alguns aspectos ele e Mark eram parecidos. Ambos os pais eram viciados no trabalho e ambos tinham falecido em circunstâncias estranhas.

Os visitantes continuavam a entrar e a sair do cemitério. Por fim, viu Mark atravessar os portões atrás de um grupo de japoneses.

— Foi penoso — confessou Mark. — Sinto muito a falta dele.

Malone decidiu continuar a conversa no ponto onde a deixara.

— Tu e a tua mãe têm de se entender.

— Ainda existem muitos ressentimentos e ver a campa dele não ajudou.

— Ela tem coração. Pode estar fechado numa couraça de ferro, mas está lá.

Mark sorriu.

— Parece conhecê-la bem.

— Tive alguns anos de experiência.

— Neste momento preciso de me concentrar no plano do mestre, seja ele qual for.

— Vocês são ambos bons a fugirem aos assuntos.

Mark voltou a sorrir.

— Deve ser genético.

Malone consultou o relógio.

— São onze e trinta. Tenho de ir. Quero visitar Cassiopeia Vitt ainda antes do anoitecer.

— Eu desenho-lhe um mapa. Não é longe daqui.

Saíram do jardim e viraram em direção à rua principal. A alguns metros de distância, Malone reparou num homem alto, com cara de poucos amigos, mãos

nos bolsos de um casaco de cabedal, a dirigir-se para a igreja.

Agarrou Mark pelo ombro e disse:

— Temos companhia.

Mark seguiu o olhar de Malone e viu De Roquefort. No momento em que observavam o local, a tentarem avaliar as suas opções, viram mais três homens com o corte de cabelo habitual. Dois deles estavam frente à villa Béthanie e o outro bloqueava o caminho para o parque de estacionamento.

— Alguma sugestão? — perguntou Malone. Mark avançou em direção à igreja.

— Por aqui.

..*

Stephanie abriu a porta e Royce Claridon entrou.

— Onde estava? — perguntou ela, e fez sinal a Geoffrey para baixar a arma.

— Levaram-me do palácio ontem à noite e mantiveram-me preso numa casa não muito longe daqui, mas consegui fugir.

— Quantos irmãos se encontram na aldeia? — perguntou Geoffrey a Claridon.

— Quem és tu?

— Chama-se Geoffrey — apressou-se ela a dizer, à espera que o rapaz não revelasse mais nada.

— Quantos irmãos estão aqui? — voltou ele a perguntar.

— Quatro.

Stephanie aproximou-se da janela da cozinha e espreitou para fora. A rua estava deserta em ambas as direções. Todavia, estava preocupada com Mark e Malone.

— Onde estão os irmãos?

— Não sei. Ouvi-os dizer que vocês estavam na casa de Lars e por isso vim direito aqui.

Não gostou daquela resposta.

— Ontem à noite, não conseguimos ajudá-lo. Não fazíamos ideia para onde o tinham levado e deixaram-nos inconscientes quando tentávamos apanhar De Roquefort e a mulher. Quando recuperámos os sentidos, já tinham todos desaparecido.

O francês levantou os braços como se estivesse a render-se.

— Não faz mal, madame, eu entendo. Não havia nada que pudessem ter feito.

— De Roquefort está aqui? — questionou Geoffrey.

— Quem?

— O mestre. Também veio?

— Não referiram nomes. — Claridon voltou-se para Stephanie. — Ouvi-os dizer que Mark está vivo. Isso é verdade?

Ela assentiu.

— Ele e Cotton foram até à igreja, mas não devem demorar.

— Um milagre. Pensei que ele tivesse morrido.

— Também eu.

O olhar de Claridon varreu a sala.

— Já há muito tempo que não entrava nesta casa. Lars e eu passámos bons momentos aqui.

Ela puxou uma cadeira para o francês se sentar. Geoffrey tomou posição junto à janela e ela reparou numa certa tensão no jovem.

— O que lhe aconteceu? — perguntou Stephanie a Claridon.

— Estive atado até hoje de manhã. Libertaram-me as mãos para que pudesse ir à casa de banho e eu aproveitei uma janela pequena para fugir. Devem certamente andar à minha procura, mas não tinha outro lugar para onde ir. Seria difícil sair da aldeia, uma vez que existe apenas uma entrada e uma saída. — Claridon agitou-se na cadeira. — Não se importava de me dar um copo de água?

Ela levantou-se e encheu um copo. Claridon bebeu-o de uma só vez e ela voltou a enchê-lo.

— Estava cheio de medo deles — confessou o francês.

— O que querem? — perguntou ela.

— Procuram o Grande Legado, tal como Lars.

— E o que lhes disse? — indagou Geoffrey com desdém.

— Não revelei nada, embora eles também tenham perguntado pouca coisa. Disseram-me que seria interrogado hoje, depois de tratarem de um assunto, mas não consegui saber que assunto era esse. — Claridon fitou Stephanie. — Faz ideia do que podem eles querer de si?

— Já têm o diário de Lars, o livro do leilão e a litografia. Que mais poderão querer?

— Acho que é Mark quem eles querem.

Ao ouvir aquelas palavras, Geoffrey ficou ainda mais tenso.

— E o que desejam dele? — perguntou Stephanie.

— Não faço ideia, madame. No entanto, pergunto-me se é uma causa pela qual valha a pena morrer.

— Há novecentos anos os irmãos morreram por aquilo em que acreditavam — declarou Geoffrey. — Isto não é diferente.

— Fala como se pertencesse à Ordem.

— Estou apenas a citar a história.

Claridon bebeu o segundo copo de água.

— Lars Nelle e eu estudámos a Ordem durante muitos anos. Também li sobre essa história.

— E o que leu? — quis saber Geoffrey. — Livros escritos por pessoas que nada sabem. Escrevem sobre heresias e adoração de ídolos, de homossexualidade e sodomia, da rejeição de Jesus Cristo. Nada disso é verdadeiro. Tudo mentiras destinadas a destruir a Ordem e a roubar a sua riqueza.

— Agora sim, fala como um templário.

— Falo como um homem que gosta de justiça.

— E isso não é um templário?

— Não deviam ser assim todos os homens?

Stephanie sorriu. Geoffrey era esperto.

..*

Malone seguiu Mark de volta à Igreja de Santa Maria Madalena. Atravessaram a nave central, e passaram nove filas de bancos, em direção ao altar. Aí, Mark virou à direita e entrou numa pequena sala. No interior, estavam três turistas.

— Podiam dar-nos licença? — disse Mark em inglês. — Sou um dos responsáveis do museu e preciso desta sala durante alguns instantes.

Ninguém questionou a sua autoridade e Mark fechou calmamente a porta depois de eles saírem. O lugar era iluminado por luz natural, filtrada por vitrais. Havia uma fileira de aparadores vazios numa das paredes e as outras eram de madeira. Para além disso, não existia mais mobília.

— A sacristia era aqui — explicou Mark.

De Roquefort não tardaria a entrar na igreja e, tendo isso em mente, Malone advertiu:

— Presumo que tenhas algum plano.

Mark dirigiu-se a um aparador e tateou a prateleira de cima.

— Como lhe contei, quando Saunière construiu o Jardim do Calvário, também fez uma gruta. Ele e a amante iam até ao vale recolher pedras. — Mark continuou à procura de alguma coisa. — Regressavam com sacos cheios delas. Ah, aqui.

Retirou a mão e segurou o aparador que deslizou para a frente, revelando um espaço sem janelas.

— Era o esconderijo de Saunière. O que ele trazia escondido no meio das pedras era guardado aqui. Poucos são os que sabem deste acrescento. Saunière

criou-o durante as obras de remodelação da igreja. Os planos de construção, anteriores a 1891, mostram-no como um espaço aberto.

Mark puxou de uma pistola automática que trazia escondida sob o casaco.

— Vamos esperar aqui e ver o que acontece.

— De Roquefort conhece, este esconderijo?

— Já vamos saber.

QUARENTA E DOIS

De Roquefort parou frente à igreja. Era estranho que os seus alvos tivessem fugido para ali. Mas pouco importava. Ia tratar de Mark Nelle pessoalmente. A sua paciência estava a chegar ao limite. Tivera o cuidado de consultar os seus oficiais antes de deixar a abadia. Não estava disposto a repetir os mesmos erros do mestre anterior. A sua liderança teria ao menos a aparência de uma democracia. Felizmente, a fuga e o tiroteio do dia anterior tinham unido os irmãos para um único objetivo. Todos concordavam que o antigo senescal e o seu aliado deviam ser trazidos de volta à abadia e castigados.

E a sua intenção era cumprir esse desejo.

Observou a rua.

A multidão de turistas crescia a olhos vistos. O dia quente trouxera ainda mais excursões à aldeia. Virou-se para o irmão que se encontrava ao seu lado e ordenou-lhe:

— Vai lá dentro e avalia a situação.

O homem obedeceu de imediato.

De Roquefort conhecia bem a planta da igreja. Havia apenas uma entrada e saída. As janelas de vitrais não abriam e, por isso, teriam de partir uma para fugirem. Não avistou nenhum polícia, o que não era invulgar em Rennes. Pouco ou nada acontecia na aldeia que não fosse o dinheiro a trocar de mãos. A comercialização revoltava-o. Se dependesse dele, todas as visitas à abadia terminariam. Sabia que o bispo haveria de estranhar aquela decisão, mas já decidira limitar o acesso a apenas algumas horas ao sábado invocando a necessidade de isolamento dos irmãos. O bispo iria entender esse motivo. Também planeava ressuscitar muitas das antigas práticas e rituais há muito abandonados, rituais esses que separavam os templários de todas as outras ordens religiosas. E para isso necessitava dos portões da abadia mais tempo fechados do que estavam atualmente.

O irmão que enviara ao interior da igreja regressou.

— Não estão lá — afirmou o homem quando se aproximou.

— Como assim?

— Procurei na nave, na sacristia, no confessionário. Não estão lá dentro.

A resposta não lhe agradava.

— Não existe outra saída.

— Mestre, eles não se encontram lá.

Olhou fixamente para a igreja e a sua mente avaliou as possibilidades.

Foi então que percebeu.

— Vem comigo — disse. — Já sei onde estão.

..*

Stephanie escutava Royce Claridon não como mulher e mãe empenhada numa missão importante para a sua família, mas como a responsável de uma agência governamental que lidava diariamente com missões de espionagem e contra-espionagem. Havia ali qualquer coisa que não encaixava. O aparecimento súbito de Claridon era demasiado conveniente. Pouco conhecia Raymond de Roquefort, mas conhecia-o o suficiente para perceber que ou tinham permitido que ele fugisse ou aquele homenzinho sentado à sua frente aliara-se ao inimigo. De qualquer das maneiras, o melhor seria ter cuidado com o que dizia. Geoffrey também parecia ter pressentido algo, visto que pouco revelava nas suas respostas às perguntas do francês — demasiadas perguntas para quem acabara de escapar a uma situação de vida ou de morte.

— A mulher que estava ontem no palácio era Cassiopeia Vitt, a Ingénieur referida na carta dirigida a Ernst Scoville? — perguntou ela.

— Penso que sim. Um autêntico demónio.

— Pode ter-nos salvo a todos.

— Como? Interferiu nos nossos planos, tal como fazia com Lars.

— Está vivo graças à interferência dela.

— Não, madame, estou vivo porque eles querem extrair-me informações.

— Pergunto-me é o que faz aqui — comentou Geoffrey do seu posto junto à janela. — Não é fácil escapar a Raymond de Roquefort.

— O senhor conseguiu.

— E como sabe isso?

— Eles falaram de si e de Mark. Pelos vistos, a vossa fuga envolveu tiros e alguns irmãos ficaram feridos. Não estão nada satisfeitos.

— E algum deles referiu que tentaram matar-nos?

Instalou-se um silêncio incómodo.

— Royce. — disse Stephanie, por fim —, do que mais podem eles andar à procura?

— Sei apenas que deram pela falta de dois livros nos arquivos. Ouvi-os falar acerca disso.

— Ainda há pouco disse não saber o que queriam de Mark — declarou Geoffrey num tom desconfiado.

— E não sei, mas sei que andam atrás de dois livros desaparecidos.

Stephanie olhou para Geoffrey e não viu o mínimo sinal de admissão. Se ele e Mark estavam realmente na posse daqueles livros, o jovem não o deu a entender.

— Ontem — disse Claridon — mostrou-me o diário de Lars e o livro...

— Que De Roquefort agora possui.

— Não. Cassiopeia Vitt roubou-lhos a noite passada.

Mais um pedaço de informação. Claridon parecia saber muito para um homem supostamente ignorado pelos seus captores.

— Então isso significa que De Roquefort precisa de a encontrar. Tal como nós — afirmou ela.

— Parece que um dos livros que Mark tirou dos arquivos da Ordem também continha um criptograma. De Roquefort quer esse livro.

— Também ouviu isso durante o seu cativeiro?

— Oui, madame. Pensavam que estava a dormir, mas eu estava bem acordado. Um dos seus marechais, do tempo de Saunière, descobriu o criptograma e tomou nota dele no livro.

— Não temos quaisquer livros — afirmou Geoffrey.

— Como assim? — Havia incredulidade no seu olhar.

— Não temos os livros. Saímos da abadia à pressa e não trouxemos nada connosco.

Claridon levantou-se da cadeira.

— Está a mentir.

— Palavras muito ousadas. Pode provar o que diz?

— É um membro da Ordem, um guerreiro de Cristo, um templário. O seu voto devia impedi-lo de mentir.

— E o que o impede a si? — perguntou Geoffrey.

— Não estou a mentir. Já passei por muitas dificuldades. Estive cinco anos escondido num asilo para evitar cair nas mãos dos templários. Sabe o que eles planeavam fazer? Untar-me os pés com banha e cozinhá-los.

— Não temos os livros. De Roquefort anda atrás de sombras.

— Isso não é verdade. Dois homens ficaram feridos durante a vossa fuga e ambos referiram que Mark carregava uma mochila.

Stephanie estranhou a informação.

— E como sabe isso tudo? — interrogou-o Geoffrey.

..*

De Roquefort entrou na igreja, seguido pelo irmão que já lá estivera dentro. Atravessou a nave central e entrou na sacristia. Tinha de tirar o chapéu a Mark

Nelle. Poucos eram os que sabiam do compartimento secreto. Não fazia parte do percurso de nenhuma visita e apenas os puristas de Rennes desconfiavam que o espaço existia. Sempre achara curioso o facto de os responsáveis pelo lugar nunca terem explorado a modificação que Saunière fizera à arquitetura da igreja, as câmaras secretas acrescentavam sempre outra dimensão aos mistérios, mas havia muita coisa sobre a igreja, a aldeia e toda aquela história que desafiava qualquer explicação.

— Quando aqui entraste, a porta estava aberta?

O irmão abanou a cabeça e murmurou:

— Estava fechada, mestre.

De Roquefort encostou a porta silenciosamente.

— Não deixes ninguém entrar.

Aproximou-se do aparador e tirou a arma. Nunca vira a câmara secreta que ficava atrás do armário, mas lera suficientes relatos de anteriores marechais que tinham investigado Rennes para saber que tal espaço existia. Se ainda se recordava, o mecanismo situava-se na prateleira de cima.

Esticou o braço e encontrou a alavanca.

Sabia que no momento em que a acionasse, os dois homens do outro lado ficariam alerta e não duvidava que estivessem armados. Malone sabia bem utilizar uma arma e Mark Nelle, por aquilo que já vira, também não devia ser subestimado.

— Prepara-te — disse para o seu acompanhante.

O irmão tirou a automática e apontou para o aparador. De Roquefort fez acionar a alavanca e recuou, de arma apontada, preparado para tudo.

O armário deslizou um pouco e depois parou.

Encostado ao extremo direito, escancarou a porta com a ponta do pé.

A câmara secreta estava vazia.

..*

Malone e Mark estavam enfiados no interior do confessionário. Tinham esperado alguns minutos dentro da sala secreta, a observarem o que se passava por um buraco estrategicamente colocado no aparador. Mark vira um dos irmãos entrar na sacristia, observar a sala e depois sair. Depois tinham feito um compasso de espera de alguns segundos e abandonado o seu esconderijo, enquanto o irmão saía da igreja. Certificando-se que não havia mais ninguém lá dentro, tinham corrido para o confessionário e entrado no exato momento em que De Roquefort e o irmão regressavam.

Mark deduzira sensatamente que De Roquefort conheceria a câmara secreta, e

que não partilharia essa informação com ninguém a menos que fosse necessário. Quando viram De Roquefort à espera no exterior, e quando este enviara o seu acompanhante para investigar o interior da igreja, ficaram apenas mais uns minutos, o suficiente para mudarem de esconderijo, pois assim que o batedor regressasse e informasse que não os encontrara, De Roquefort partiria de imediato do princípio que estavam escondidos. Afinal, havia apenas uma entrada e saída.

— Conhece o teu inimigo e conhece-te a ti mesmo — sussurrou Mark quando De Roquefort e o seu lacaio entraram na sacristia.

Malone sorriu.

— Sun Tzu era um homem sábio. A porta da sacristia fechou-se.

— Temos de ir — disse Malone.

Abandonaram o confessionário, viraram à direita e dirigiram-se para a porta.

..*

Stephanie ergueu-se da cadeira, avançou até Geoffrey e calmamente retirou-lhe a arma da mão. Depois voltou-se e encostou o cano à cabeça de Claridon.

— Seu verme asqueroso. Aliou-se ao inimigo.

Claridon escancarou os olhos.

— Não, madame. Juro que não.

— Abre-lhe a camisa — pediu ela.

Geoffrey arrancou os botões da camisa do francês, e expôs um microfone colado ao peito.

— Venham. Depressa, preciso de ajuda — gritou Claridon.

Geoffrey deu-lhe um soco no queixo e o francês aterrou no chão. Stephanie virou-se, de arma em punho, e viu que um dos homens de cabelo curto corria para a porta. Um pontapé e esta escancarou-se.

Geoffrey estava alerta e tomou posição à esquerda da porta. Quando o homem entrou, o jovem agarrou-o. Stephanie viu uma arma na mão do atacante, mas Geoffrey conseguiu prender-lhe os braços para que o cano apontasse para baixo. Depois rodopiou nos calcanhares e pontapeou-o com toda a força contra a parede. Não lhe dando sequer tempo para reagir, voltou a atingi-lo no abdómen e quando o homem se inclinou para a frente, já sem fôlego, Geoffrey empurrou-o para o chão com um murro na espinha.

— Ensinam-vos isso na abadia? — perguntou Stephanie, impressionada.

— Isto e mais.

— Temos de sair daqui.

— Espere um pouco.

Geoffrey correu até ao quarto e regressou com a mochila de Mark.

— Claridon tinha razão. Temos os livros e não posso sair daqui sem eles.

Ela reparou num auricular que o irmão que Geoffrey dominara trazia.

— Estava a ouvir o que Claridon dizia e aposto que em contacto com os outros.

— De Roquefort também aqui está — declarou o jovem com convicção.

Stephanie pegou no telefone que estava sobre o balcão da cozinha.

— Temos de encontrar Mark e Malone.

Geoffrey aproximou-se da porta escancarada e espreitou para um lado e para o outro.

— Era de prever que estivessem aqui mais irmãos.

— É possível que estejam ocupados na igreja. Vamos até lá, mas evitemos a rua principal — sugeriu ela, e devolveu a arma ao jovem.

— Tu proteges-me.

Ele sorriu.

— Será um prazer.

..*

De Roquefort contemplou o espaço vazio. Onde estariam eles? Não havia outro lugar na igreja onde pudessem esconder-se.

Voltou a colocar o aparador no lugar.

Por certo o outro irmão apercebera-se da sua perplexidade no momento em que descobriu a câmara secreta vazia. Recompôs-se.

— Onde estão eles, mestre? — perguntou o irmão.

A ponderar sobre a resposta, aproximou-se da janela de vitral e espreitou para o exterior, por um dos vidros transparentes. O Jardim do Calvário estava ainda repleto de visitantes. Foi então que avistou Mark Nelle e Cotton Malone a correrem pelo jardim e depois a virarem para o cemitério.

— Lá fora — respondeu ele calmamente, e dirigiu-se para a porta da sacristia.

..*

Mark pensou que o truque com a câmara secreta lhes poderia dar tempo suficiente para fugirem. Esperava que De Roquefort estivesse acompanhado apenas por um pequeno contingente. Porém, havia mais três irmãos no exterior, um na rua principal, outro a bloquear o atalho para o parque de estacionamento e, por fim, um posicionado junto à villa Béthanie. Pelos vistos, De Roquefort não considerara o cemitério uma ameaça, talvez por ser murado e possuir um fosso de quinhentos metros num dos lados.

Contudo, era para aí que Mark se dirigia.

Agora agradecia aos céus as muitas explorações noturnas que efetuara com o pai. Os habitantes locais não apreciavam que se visitasse o cemitério depois de escurecer, mas segundo o seu pai essa era a melhor altura. Tinham em muitas ocasiões escolhido essa hora para procurarem pistas e informações que os ajudassem a entender o estranho comportamento de Saunière. Numa dessas ocasiões, tinham sido surpreendidos e improvisaram outra saída que não incluía o portão principal.

Estava na altura de voltar a dar uso a essa descoberta.

— Desculpa perguntar, mas como planeias sair daqui? — indagou Malone.

— É um pouco assustador, mas ao menos está sol. Das outras vezes era de noite.

Mark virou à direita e desceu a correr os degraus que levavam à parte baixa do cemitério. Cerca de cinquenta pessoas deambulavam por ali, a admirarem as campas. Para lá do muro, o céu azul brilhava e o vento assobiava sem parar. Em Rennes, os dias claros eram sempre ventosos, mas no interior do cemitério mal se notava, pois a igreja e o presbitério bloqueavam as rajadas mais fortes.

Estugou o passo em direção a um monumento adjacente ao muro leste, sob uma fileira de olmos que projetavam no solo as suas sombras alongadas. Reparou que os visitantes se concentravam maioritariamente na zona superior, onde se encontrava a campa da amante de Saunière. Subiu para uma laje grossa e daí saltou para o muro.

— Siga-me — incitou, antes de saltar para o outro lado, rebolar uma vez, levantar-se a sacudir a poeira.

Olhou para trás e viu Malone saltar também para a estreita passagem.

Estavam na base do muro, um passadiço de rocha com cerca de um metro de largura. Pinheiros e faias suportavam a encosta descendente lá ao fundo, os ramos batidos pela força do vento e as raízes presas entre as fendas das rochas.

Mark apontou para a esquerda.

— Este caminho termina ali à frente. Depois da casa, não tem saída. — Voltou-se para o outro lado. — Temos de ir por aqui. Vai dar ao parque de estacionamento e lá é mais fácil voltar a subir.

— Não está vento aqui, mas quando virarmos a esquina — Malone apontou para a frente —, imagino que seja mais ventoso.

— Como um furacão, mas não temos outra escolha.

QUARENTA E TRÊS

De Roquefort entrou no cemitério acompanhado por um irmão e ordenou aos restantes três que esperassem lá fora. Mark Nelle fora esperto ao usar a câmara secreta como diversão. O mais provável é que tivessem permanecido lá dentro até o seu batedor sair da igreja e depois procurado refúgio no confessionário.

Uma vez no interior do cemitério, parou e estudou cuidadosamente as campas, porém não viu os seus adversários. Disse ao irmão que seguisse pela esquerda enquanto ele seguia pela direita. Não demorou até encontrar a campa de Ernst Scoville.

Há quatro meses, quando descobrira o interesse do mestre em Scoville, mandara um irmão investigar as atividades do belga. Através da instalação de uma escuta ficara a saber de Stephanie Nelle e dos seus planos de visitar a Dinamarca e a França, e até da sua determinação em comprar o livro. No entanto, quando se tornou claro que Scoville não gostava da viúva de Lars e que pretendia apenas gorar os seus esforços, um carro a alta velocidade resolveu o problema da sua potencial interferência. Scoville não era uma peça fundamental do jogo, ao contrário de Stephanie Nelle, e naquela altura nada podia impedir as suas movimentações. De Roquefort tratara pessoalmente da morte de Ernst Scoville, e não envolvera mais ninguém da abadia, pois aquela morte gratuita seria muito difícil de explicar.

O irmão regressou do lado oposto e anunciou:

— Nada.

Onde poderiam estar?

O olhar pousou no muro acinzentado que rodeava o cemitério. Aproximou-se de uma zona onde o muro lhe dava apenas pelo peito. Lá em baixo, tudo parecia liliputiano, e as estradas e as casas como se vistas num atlas. O vento açoitava-lhe o rosto e secava-lhe os olhos. Apoiou ambas as mãos no muro, içou o corpo e debruçou-se um pouco para a frente. Olhou para a direita. O rebordo rochoso não tinha nada. Depois virou o rosto para a esquerda e avistou Malone de relance a virar do lado norte da muralha para o lado esquerdo.

Saltou para o chão.

— Estão num rebordo do muro a avançar em direção à Torre Magdala. Não os deixes prosseguir. Eu vou para o miradouro.

..*

Stephanie e Geoffrey saíram de casa. Uma rua estreita paralela à muralha oeste levava até ao parque de estacionamento. Geoffrey continuava atento e alerta. Portara-se como um profissional experiente apesar de ser ainda jovem.

Aquele recanto da aldeia era pouco habitado e os pinheiros e abetos cresciam livremente em direção ao céu.

Algo picou-lhe a orelha direita e lascou a pedra da casa à sua frente. Stephanie virou a cabeça e viu o homem que os atacara em casa a apontar de novo a arma, a cinquenta metros de distância. Procurou abrigo atrás de um carro estacionado e Geoffrey atirou-se para o chão, rebolou e disparou dois tiros por entre as pernas. O barulho, como foguetes, foi abafado pelo vento. Uma das balas atingiu o alvo e o homem gritou de dor e agarrou-se à coxa antes de cair.

— Excelente pontaria — elogiou ela.

— Não o podia matar. Dei a minha palavra.

Levantaram-se ambos e apressaram-se.

..*

Malone continuava a seguir Mark. A saliência rochosa tornara-se mais estreita e o vento, que de início apenas incomodava, transformara-se agora num perigo. Soprava com intensidade e abafava todos os sons.

Encontravam-se no lado oeste da aldeia. As rochas brilhavam com o sol, coloridas por tufos de erva e musgo.

O miradouro que Malone percorrera há duas noites, em perseguição de Cassiopeia Vitt, estendia-se seis metros acima das suas cabeças. A Torre Magdala ficava mesmo em frente e conseguia avistar turistas no cimo dela a admirarem os vales distantes. Não apreciava muito esse tipo de vistas. As alturas afetavam-no, tal como o vinho, e sempre ocultara essa fraqueza dos psicólogos do departamento durante as avaliações regulares. Olhou de esguelha lá para baixo. Pequenos arbustos povoavam a encosta, depois o terreno parecia nivelar-se para voltar a descer a pique.

Mark seguia três metros à sua frente. Viu o jovem olhar para trás, parar e depois virar-se e levantar a arma, apontando-a na sua direção.

— Foi alguma coisa que eu disse? — gritou Malone.

O vento fez agitar a mão de Mark e abanou a arma. Com a outra mão segurou-a de forma mais estável. Malone apercebeu-se do seu olhar fixo, virou-se para trás, e viu aproximar-se um dos homens de cabelo curto.

— Fique onde está, irmão — gritou Mark.

O homem segurava uma Glock igual à do jovem.

— Se levantar a arma, mato-o — garantiu Mark. O outro baixou a arma.

Malone não gostava da posição em que fora apanhado e encostou-se à muralha, dando-lhes espaço para o duelo.

— Esta luta não é sua, irmão. Sei que está apenas a cumprir as ordens do mestre. Mas ainda que o atinja apenas na perna, acabará por cair da muralha. Acha que vale a pena?

— O meu voto exige que obedeça ao mestre.

— Ele está a pô-lo em perigo. Já parou para pensar no que se está a passar?

— Não tenho de o fazer.

— E não tem de salvar a sua vida?

— Era capaz de me matar, senescal?

— Sem dúvida que sim.

— Aquilo que procura é tão importante que valha a vida de outro cristão?

Malone observou enquanto Mark ponderava e interrogou-se se a determinação que vira nos seus olhos se transformaria na coragem suficiente para fazer o que era preciso. Ele também já enfrentara um dilema semelhante muitas vezes. Matar alguém nunca era uma tarefa fácil, mas às vezes era preciso fazê-lo.

— Não, irmão, não vale isso. — Mark baixou a arma.

Pelo canto do olho, Malone viu um movimento. O outro homem decidira tirar partido da concessão do jovem. A Glock começou a subir à medida que a outra mão se dirigia para a arma, certamente para estabilizar o tiro que se preparava para disparar.

No entanto, não chegou a fazê-lo.

Um estalido, abafado pelo vento, partiu do braço esquerdo de Malone e o homem caiu para trás quando a bala se lhe alojou no peito. Não percebeu se estava a usar um colete à prova de balas, mas também não importava. O tiro tinha-o feito perder o equilíbrio e o corpo robusto do homem balançava. Malone aproximou-se, tentou impedir a queda, e viu dois olhos tranquilos. O mesmo olhar do homem da faca antes de saltar do cimo da Torre Redonda. Mais dois passos e teria conseguido agarrá-lo, mas uma rajada de vento arrastou-o para o precipício e o corpo caiu como um tronco de madeira.

Escutaram um grito vindo de cima. Alguns dos visitantes no miradouro tinham presenciado a queda.

Virou-se para Mark que tinha a arma apontada.

— Está tudo bem?

— Nem por isso, mas temos de ir.

Malone concordou. Estugaram o passo e seguiram caminho.

..*

De Roquefort subiu a correr as escadas que levavam ao miradouro. Escutou uma mulher a gritar e viu que as pessoas se aproximavam da muralha. Abeirou-se e perguntou:

— O que aconteceu?

— Um homem caiu pela encosta.

Abriu caminho com os cotovelos. Tal como no cemitério, o muro tinha cerca de um metro de largura, tornando impossível ver a base da muralha exterior.

— Caiu onde? — questionou ele.

— Ali — respondeu um homem, apontando.

Seguiu o dedo esticado e avistou uma figura de casaco escuro e calças claras no fundo da colina. Sabia de quem se tratava. “Raios”. Plantou a palma das mãos no muro e içou-se. Apoiado no estômago, olhou para a esquerda e viu Mark Nelle e Cotton Malone subirem uma pequena inclinação que dava para o parque de estacionamento.

Saltou para o chão e correu para as escadas.

Carregou no botão do rádio que trazia preso à cintura e murmurou para o microfone na lapela:

— Eles dirigem-se para aí. Fica atento.

..*

Stephanie ouviu um tiro que parecia ter vindo do lado exterior da muralha. Mas isso não fazia sentido. O que andaria alguém ali a fazer? Ela e Geoffrey estavam a trinta metros do parque de estacionamento que se encontrava repleto de veículos, incluindo quatro autocarros parados junto à torre de água.

Abrandaram o passo e Geoffrey escondeu a arma atrás da coxa à medida que caminhavam.

— Ali — alertou o jovem.

Também vira o homem no outro extremo do parque a bloquear o caminho para a igreja. Virou-se para trás e reparou noutro homem que subia a rua atrás deles.

Nesse momento avistou também Mark e Malone que saltavam o muro.

— Correu até eles e perguntou:

— Onde estiveram?

— Fomos dar um passeio — respondeu Malone.

— Ouvi um tiro.

— Depois explico — disse ele.

— Temos companhia — explicou Stephanie, e apontou para os dois homens.

Mark avaliou a situação.

— De Roquefort está a arquitetar tudo isto. Temos de sair daqui, mas não

tenho as chaves do nosso carro.

— Eu tenho as minhas — disse Malone. Geoffrey entregou a mochila a Mark.

— Bom trabalho — elogiou ele. — Vamos embora.

..*

De Roquefort passou a correr pela villa Béthanie e ignorou os muitos visitantes que se dirigiam para a Torre Magdala, para o jardim e para o miradouro.

Ao chegar à igreja, virou à direita.

— Estão a meter-se no carro — disse uma voz pelo auricular.

— Deixa-os ir — ordenou ele.

..*

Malone saiu do estacionamento e dirigiu-se para a rua principal. Notou que os "cabelos curtos" não tinham feito qualquer esforço para os impedir e isso preocupava-o.

Estavam a ser empurrados para alguma situação. Mas para qual?

Passaram pelos quiosques e voltaram à direita na rua principal em direção às portas da aldeia.

Depois de passarem pelo restaurante, a multidão era menor e a estrada tornara-se mais circulável.

Não tardou a avistar Raymond de Roquefort no meio da estrada a tapar o acesso aos portões da cidade.

— Planeia desafiá-lo — informou Mark do banco traseiro.

— Ótimo porque eu não planeio travar.

Pisou o acelerador com mais força.

De Roquefort estava cada vez mais próximo e não parecia disposto a desviar-se.

Malone não lhe viu nenhuma arma na mão. Pelos vistos devia pensar que só a sua presença era o suficiente para os amedrontar. Atrás de De Roquefort a estrada estava desimpedida, mas depois dos portões havia uma curva apertada e Malone esperava que ninguém aparecesse por ali nos próximos segundos.

Acelerou mais e o carro saiu disparado.

Trinta metros.

— Vai matá-lo — disse Stephanie.

— Se tiver de ser.

Quinze metros.

Malone manteve o volante estável e fitou De Roquefort à medida que o corpo deste se aproximava do para-brisas. Preparou-se para o impacto e fechou as

mãos para segurar o volante com mais força.

Uma forma saltou do lado direito e afastou De Roquefort da trajetória do automóvel.

Malone e os restantes atravessaram os portões da aldeia.

..*

O novo mestre percebeu o que acabara de acontecer e não ficou nada satisfeito. Preparara-se para desafiar o seu adversário, pronto para todo e qualquer desfecho, e não apreciara a intromissão.

Depois viu quem o salvou.

Royce Claridon.

— O automóvel tê-lo-ia morto — disse o francês. Empurrou o homem para o lado e levantou-se.

— Isso ficou por saber. — Sacudiu a roupa e perguntou: — Conseguiu extrair-lhes mais alguma informação?

— Eles descobriram o microfone e tive de pedir ajuda.

Nos seus olhos, havia raiva. De novo, o fracasso. Contudo, houve um pormenor que o deixou um pouco menos furioso.

O carro usado na fuga era o de Malone e ainda tinha o mecanismo de vigilância. Ao menos saberiam para onde tinham ido.

QUARENTA E QUATRO

Malone conduziu o mais depressa que conseguiu pela estrada serpenteante até chegar ao vale. Aí, virou para oeste em direção à estrada principal e depois para sul rumo aos Pirenéus.

— Para onde vamos? — perguntou Stephanie.

— Fazer uma visita a Cassiopeia Vitt. Tinha planeado ir sozinho, mas acho que chegou a hora de todos a conhecermos. — Precisava de algo que o distraísse dos acontecimentos do dia. — Fala-me dela — pediu a Mark.

— Não sei muita coisa. O pai era um empreiteiro espanhol abastado e a mãe muçulmana da Tanzânia. É uma mulher muito inteligente. Tem diplomas em História, Arte e Religião e também é rica. Herdou muito dinheiro e tem ganho ainda mais. Ela e o meu pai entravam em desacordo muitas vezes.

— Sobre que temas? — Malone queria saber.

— Provar que Cristo não morreu na cruz é uma das missões de Cassiopeia. Há doze anos, o fanatismo religioso era visto de uma maneira muito diferente do que acontece agora. As pessoas não estavam tão preocupadas com os Talibã ou a al-Qaeda. Nessa altura, Israel era o assunto do dia e Cassiopeia não gostava do modo como os muçulmanos eram constantemente retratados como extremistas. Detestava a arrogância do cristianismo e a presunção do judaísmo. O meu pai sempre disse que ela procurava a verdade. Cassiopeia queria desmontar o mito e ver até que ponto Jesus Cristo e Maomé eram parecidos. Os pontos e interesses em comum, esse tipo de coisas.

— Não era também isso que o teu pai queria?

— Era o que eu sempre lhe dizia.

Malone sorriu.

— A casa dela ainda fica muito longe daqui?

— Menos de uma hora de caminho. Ali mais à frente viramos para oeste.

Malone olhou pelo espelho retrovisor. Não havia ninguém a segui-los. “Ótimo”. Abrandou a velocidade quando entraram numa aldeia chamada Saint Loup. Como era domingo estava tudo fechado, com exceção da bomba de gasolina e de uma loja. Malone encostou o carro.

— Esperem aqui. Não demoro — disse, saindo do Peugeot. — Tenho de tratar de uma coisa.

..*

Malone saiu da estrada principal e conduziu o automóvel por um caminho de gravilha que entrava na floresta. Uma placa indicava que GIVORS — UMA AVENTURA MEDIEVAL NO MUNDO MODERNO ficava a alguns metros de distância. A viagem de Rennes demorara cerca de cinquenta minutos. Tinham seguido em direção a oeste grande parte do caminho, passando pelas ruínas da fortaleza catara de Montségur, e viraram depois para sul a caminho das montanhas, onde as colinas inclinadas abrigavam rios, vales e árvores.

O caminho estava bem conservado e as faias projetavam sombras frescas ao longo de todo o percurso. A entrada abria para uma clareira cheia de automóveis e ladeada por pinheiros e abetos. Malone estacionou o carro e todos saíram. Uma placa escrita em francês e em inglês publicitava o local.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE GIVORS
SEJA BEM-VINDO AO PASSADO. AQUI, EM GIVORS, LOCAL ORIGINARIAMENTE OCUPADO POR LUÍS IX, ESTÁ A SER CONSTRUÍDO UM CASTELO COM AS MESMAS TÉCNICAS E MATERIAIS À DISPOSIÇÃO DOS PEDREIROS DO SÉCULO XIII. A TORRE DE MENAGEM ERA O SÍMBOLO DO PODER DE QUALQUER SENHOR FEUDAL E O CASTELO DE GIVORS FOI DESENHADO À SEMELHANÇA DE UMA FORTALEZA MILITAR, COM MURALHAS GROSSAS E MUITAS TORRES DE ÂNGULO. A PAISAGEM CIRCUNDANTE FORNECIA ÁGUA EM ABUNDÂNCIA, PEDRA, TERRA, AREIA E MADEIRA ESSENCIAIS PARA A SUA CONSTRUÇÃO.
OS CANTONEIROS, CINZEIADORES, PEDREIROS, CARPINTEIROS, FERREIROS E OLEIROS TRABALHAM, VIVEM E VESTEM-SE EXACTAMENTE COMO O TERIAM FEITO HÁ SETE SÉCULOS. ESTE PROJECTO É FINANCIADO POR PRIVADOS E ESTIMA-SE QUE SERÃO PRECISOS TRINTA ANOS ATÉ O CASTELO ESTAR TERMINADO.
APRECIEM A VISITA AO SÉCULO XIII.

— Cassiopeia Vitt financia tudo isto? — perguntou Malone.

— A história medieval é uma das suas paixões — explicou Mark. Era bastante conhecida na Universidade de Toulouse.

Malone decidira que a abordagem direta seria a mais produtiva. Por esta altura, Vitt já devia suspeitar que ele a contactaria.

— Ela vive onde?

Mark apontou para este, onde os ramos dos carvalhos e dos olmos ocultavam outro caminho.

— A casa dela é por ali.

— Estes carros são para os visitantes? — questionou ele.

— Fazem visitas guiadas ao local da construção para angariar fundos. Fui a uma dessas visitas, há alguns anos, estavam os trabalhos ainda a começar. É impressionante o que ela está a fazer.

Malone começou a andar em direção ao caminho que levava à residência de Vitt.

— Bem, vamos lá cumprimentar a nossa anfitriã.

Caminharam em silêncio. À distância, na encosta íngreme de uma colina, avistou as ruínas de uma torre de pedra, as camadas amareladas pelo musgo. O tempo estava seco e ameno, e o caminho era ladeado por ervas e flores selvagens. Malone imaginou o entrechocar das armas e os gritos de guerra que há séculos deveriam ter ecoado pelo vale enquanto os homens lutavam pelo seu domínio.

Ao fundo do caminho erguia-se a casa senhorial. Tijolo e pedra vermelho-escuros formavam padrões simétricos ao longo de quatro pisos, flanqueados por duas torres cobertas de hera e encimadas por telhados de ardósia. A folhagem verde espalhava-se pela fachada como ferrugem em metal. Os vestígios de um fosso, agora preenchido por ervas e folhas, rodeavam três lados, e árvores esguias e sebes de teixo aparado guardavam a sua base.

— Bela casa — elogiou Malone.

— É do século XVI — explicou Mark. — Ao que sei, ela comprou a casa e terreno onde se encontra o sítio arqueológico. Chama ao local Royal Champagne, como um dos regimentos de cavalaria de Luís XV.

Estavam dois carros estacionados frente à casa. Um Bentley Continental GT — que devia custar cerca de cento e sessenta mil dólares, segundo as contas de Malone — e um Porsche Roadster, barato em comparação. Havia também uma mota. Malone aproximou-se e examinou o pneu e o para-choques traseiro. O cromado estava riscado. E ele sabia precisamente como aquilo acontecera.

— Foi onde acertei.

— Tem toda a razão, Sr. Malone.

Virou-se. A voz bem-educada provinha do pórtico. Frente à porta de entrada estava uma mulher alta, esguia e de cabelo castanho-avermelhado que lhe chegava aos ombros. As feições refletiam uma beleza felina semelhante à de uma deusa egípcia — sobrancelhas finas, maçãs do rosto salientes, nariz arrebitado. A pele tinha a cor do mogno e vestia uma roupa casual, mas elegante como se fosse passear para os Campos Elíseos.

Cassiopeia sorriu-lhe.

— Estava à sua espera.

Os olhos de ambos cruzaram-se e ele reparou na determinação dos olhos negros.

— Curioso, tendo em conta que só há uma hora decidi vir visitá-la.

— Oh, Sr. Malone, tenho a certeza que faço parte da sua lista de prioridades desde a noite em que disparou contra a minha mota em Rennes.

Estava curioso.

— Porquê trancar-me na Torre Magdala?

— Esperava ganhar tempo para fugir discretamente, mas conseguiu libertar-se demasiado cedo.

— E o que a fez disparar contra mim?

— Não teria ganho nada em falar com o homem que apanhou.

Apercebeu-se do tom melodioso da voz dela, sem dúvida utilizado de propósito para desarmar os opositores.

— Ou talvez não quisesse que eu falasse com ele. De qualquer maneira, obrigado por me ter salvo em Copenhaga.

Ela retribuiu a cortesia.

— Não tenho dúvidas que teria encontrado uma saída. Eu só acelerei o processo.

Viu-a olhar para lá do seu ombro.

— Mark Nelle, é um prazer conhecê-lo finalmente. Que bom saber que não morreu naquela avalanche.

— Vejo que continua a interferir nos assuntos alheios.

— Não considero interferir, apenas monitorizar os progressos das pessoas que me interessam. Tal como o seu pai. — Cassiopeia passou por Malone e estendeu a mão a Stephanie. — Também é um prazer tê-la aqui. Conheci bem o seu marido.

— Pelo que me dizem, a senhora e Lars não eram grandes amigos.

— Não acredito que alguém tenha dito isso. — Cassiopeia olhou para Mark com uma expressão irónica. — Disse uma coisa dessas à sua mãe?

— Não foi ele — respondeu Stephanie. — Foi Royce Claridon.

— Ora aí está um homem de pouco carácter. Confiar nele só traz problemas. Avisei Lars, mas nunca acreditou.

— Nesse ponto concordamos — disse Stephanie.

Malone apresentou Geoffrey.

— Pertence à Ordem? — perguntou Cassiopeia. O jovem não respondeu.

— Claro, também não esperava que respondesse. Bem, de qualquer maneira, é

o primeiro templário que conheço civilizadamente.

— Isso não é verdade — afirmou Geoffrey, e apontou para Mark.

— O senescal pertence à irmandade e conheceu-o primeiro.

Malone interrogou-se sobre o que teria levado o jovem a fornecer aquela informação. Até agora pouco ou nada dissera.

— Senescal? Tenho a certeza que há uma história por trás disso — comentou Cassiopeia. — Entrem. Estava a preparar-me para almoçar e assim que vos vi pedi que pusessem mais pratos na mesa.

— Ótimo — disse Malone. — Estou cheio de fome.

— Então vamos almoçar. Temos muito que falar.

Seguiram-na para o interior da casa e Malone reparou no bom gosto da decoração. Reparou também no dispendioso mobiliário italiano, nas armaduras raras de cavaleiros, nas tapeçarias francesas e nos quadros flamengos. Cassiopeia era sem dúvida uma conhecedora de arte.

Entraram numa espaçosa sala de jantar, iluminada por luz natural que atravessava janelas de caixilho, decoradas por elaborados cortinados, e salientava o branco da toalha de mesa e o brilho do chão de mármore. Do tecto pendia um candelabro elétrico, apagado. Em torno da mesa, os criados colocavam talheres ao lado dos pratos.

O lugar era impressionante, mas o que chamou a atenção de Malone foi o homem sentado na outra extremidade da mesa.

A Forbes Europe cotava-o como o oitavo homem mais rico do continente, e o seu poder e influência estavam em proporção direta com os seus milhares de milhões de euros. Era visita regular de reis e presidentes da República e amigo pessoal da rainha da Dinamarca. Doava largas somas de dinheiro para obras de caridade pelo mundo inteiro e, durante o último ano, Malone passara pelo menos três dias por semana na sua companhia, a falar de livros, de política, do mundo e da vida. Entrava e saía da sua propriedade como se fizesse parte da família e, em muitos aspectos, Malone sentia que isso era verdade. No entanto, agora duvidava seriamente de tudo isso. Na verdade, sentia-se um idiota.

Henrik Thorvaldsen limitou-se a sorrir.

— Já não era sem tempo, Cotton. Há dois dias que estou à sua espera.

QUARTA PARTE

QUARENTA E CINCO

De Roquefort seguia no banco do passageiro, concentrado no monitor do GPS. O mecanismo acoplado ao automóvel de Malone estava a funcionar na perfeição e o sinal era forte. Um dos irmãos conduzia enquanto Claridon e outro irmão ocupavam o banco traseiro. De Roquefort continuava irritado com a interferência de Claridon em Rennes. Não tinha qualquer intenção de morrer e teria saltado a tempo, porém desejava saber se Cotton Malone possuía a coragem necessária para o atropelar.

O irmão que caíra da muralha morrera, tendo sido atingido no peito antes de cair. O colete à prova de bala impedira danos de maior, mas a queda fraturara-lhe o pescoço. Felizmente, nenhum deles trazia identificação, embora o colete fosse um problema. Equipamento daquele tipo revelava sofisticação, mas não havia nada que ligasse aquele homem à abadia. Todos os irmãos conheciam a Regra. Se morressem fora dos muros da abadia, os seus corpos seriam enterrados sem identificação. Tal como o irmão que saltara da Torre Redonda, a baixa em Rennes também acabaria numa morgue regional e os seus restos mortais enterrados numa vala comum. Todavia, antes de isso acontecer, o mestre deveria enviar um clérigo que reclamaria o corpo em nome da Igreja, e que se ofereceria para realizar um enterro cristão sem quaisquer custos para o Estado. Essa oferta nunca fora recusada. O procedimento não levantava suspeitas e o gesto garantia que o irmão recebia um enterro condigno.

Não se apressara a sair de Rennes, tendo ido primeiro revistar as casas de Lars Nelle e de Ernst Scoville, mas não encontrara nada. Os seus homens, posicionados no parque de estacionamento tinham-no informado que Geoffrey transportava uma mochila que depois entregara a Mark Nelle. Não tinha dúvidas que continha os livros roubados.

— Já sabe para onde foram? — perguntou Claridon do banco traseiro.

De Roquefort apontou para o monitor.

— Em breve saberemos.

Depois de interrogar o irmão ferido que escutara a conversa de Claridon em casa de Lars Nelle, ficara a saber que Geoffrey não revelara nada de interesse, obviamente desconfiado dos motivos do francês. Enviar Claridon fora um erro.

— Garantiu-me que era capaz de descobrir os livros.

— Não precisamos deles. Temos o diário e devíamos concentrar-nos em

decifrar o que já temos.

Até podia ser verdade, mas incomodava-o que Mark Nelle tivesse escolhido aqueles dois de entre os milhares que existiam no arquivo.

— E se contêm informação que não está contemplada no diário?

— Faz ideia de quantas versões da mesma informação já encontrei? A história de Rennes é um amontoado de contradições. Deixe-me estudar os vossos arquivos. Conte-me tudo o que sabe e, juntos, vejamos o que conseguimos.

Era uma boa ideia, mas infelizmente, ao contrário do que levara a Ordem a acreditar, sabia muito pouco. Na verdade, estivera a contar com a mensagem que o mestre deixa habitualmente ao seu sucessor e na qual, desde o tempo de De Molay, estava sempre incluída a informação mais cobiçada.

— Terá a sua oportunidade, mas agora é importante que terminemos isto.

Voltou a pensar nos dois irmãos mortos. As mortes destes seriam vistas pelo coletivo como um presságio. Para uma sociedade religiosa assente na disciplina, a Ordem era bastante supersticiosa. A morte violenta também não era uma coisa comum e tinham ocorrido duas no espaço de poucos dias. A sua liderança podia agora ser questionada. “Muita coisa e demasiado depressa” seria a crítica. E seria obrigado a ouvir as objeções de todos, uma vez que desafiara abertamente o último mestre, em parte porque o homem ignorara os desejos dos irmãos.

Pediu ao condutor uma interpretação da leitura do GPS.

— Qual a distância até ao automóvel deles?

— Doze quilómetros.

Observou a paisagem campestre. Em tempos idos, não se avistaria um horizonte que não tivesse uma torre. No século XII, os templários tinham povoado aquela terra com mais de um terço das suas propriedades. Toda a região do Languedoc deveria ter pertencido aos templários. Lera os planos nas Crónicas. O modo como as fortalezas, os postos avançados, os depósitos de mantimentos, as quintas e os mosteiros tinham sido estrategicamente colocados e ligados por uma rede de estradas bem cuidadas. Durante duzentos anos, o poder da irmandade fora preservado com cuidado e quando a Ordem não conseguiu estabelecer um feudo na Terra Santa, acabando por entregar de novo Jerusalém aos muçulmanos, o objetivo fora tentar fazê-lo no Languedoc. Tudo corria bem até Filipe IV ter desferido o golpe fatal. Ao contrário do que se podia pensar, não havia uma única referência nas Crónicas a Rennes-le-Château. A aldeia, e as suas anteriores encarnações, não desempenhavam qualquer papel na história dos templários. Tinham existido fortificações templárias noutras zonas do vale do Aude, mas nenhuma em Rhedae, como o monte era então chamado. No entanto,

a minúscula aldeia parecia agora o epicentro e tudo por causa de um padre ambicioso e de um investigador americano.

— Estamos a aproximar-nos do automóvel — avisou o condutor. Já alertara para a necessidade de agirem com cuidado. Os outros três irmãos que trouxera consigo para Rennes estavam a regressar à abadia, um deles com um ferimento na coxa depois de ter sido atingido a tiro por Geoffrey. Isso contabilizava três homens feridos para além dos dois mortos. Enviara uma mensagem a dizer que desejava reunir-se com os seus oficiais quando regressasse à abadia o que deveria acalmar os mais inquietos, mas primeiro precisava de saber onde estavam os seus opositores.

— Ali mais à frente — disse o condutor. — Cinquenta metros.

Olhou pela janela e estranhou a escolha de refúgio por parte de Malone e companhia. Esquisito terem ido para ali. O condutor parou o carro e saíram. À sua volta, havia apenas carros estacionados.

— Traz o aparelho portátil.

Caminharam um pouco e vinte metros mais à frente o homem que segurava o GPS portátil parou.

— Aqui.

De Roquefort observou o veículo.

— Não foi neste carro que saíram de Rennes.

— O sinal é forte.

A pedido de De Roquefort, o outro irmão procurou sob o carro e encontrou o mecanismo de detecção.

Sacudiu a cabeça e fitou as muralhas de Carcassonne que se erguiam em direção ao céu a dez metros de distância. A zona onde se encontravam fora em tempos o fosso da cidade fortificada. Agora era utilizado como parque de estacionamento para os milhares de visitantes que ali afluíam diariamente para verem uma das últimas cidadelas da Idade Média. Aquelas muralhas já existiam quando os templários vaguearam pelas redondezas e haviam testemunhado a Cruzada Albigense e as muitas guerras que depois se sucederam. E nunca haviam cedido. Eram verdadeiramente um monumento à resistência e à força.

No entanto, eram também um testemunho de esperteza e habilidade.

De Roquefort conhecia o mito local, do século oitavo, altura em que os muçulmanos controlavam a cidadela. Por fim, os francos vieram de norte dispostos a recuperar o local e, de acordo com a sua habitual tácita, montaram um cerco prolongado à cidadela. Durante um ataque, o rei mouro fora morto e deixara a tarefa de defender as muralhas à filha. A rapariga era esperta, e criara a

ilusão de superioridade numérica ao pedir às poucas tropas que tinha que corressem de torre para torre e enchessem a roupa dos mortos com palha. Passado algum tempo, a água e os mantimentos começaram a escassear de ambos os lados. Por fim, a rapariga ordenou que a última porca fosse apanhada e alimentada com os cercais que restavam. Pegou então na porca e atirou-a para fora das muralhas. O animal abateu-se sobre o solo e a barriga rebentou, mostrando os cereais. Os sitiantes ficaram chocados. Após um cerco tão prolongado, pelos vistos, os infiéis ainda possuíam comida suficiente para alimentar os porcos. Em face disso, retiraram.

Um mito, sem dúvida, mas uma interessante história sobre o engenho humano.

E Cotton Malone também demonstrara algum engenho ao mudar o mecanismo para outro carro.

— O que se passa? — perguntou Claridon.

— Fomos enganados.

— Não é o veículo deles?

— Não, monsieur. — Voltou-se e começou a andar em direção ao automóvel. — Para onde teriam ido?

Foi então que lhe ocorreu uma ideia. Parou. — É possível que Mark Nelle conheça Cassiopeia Vitt?

— Oui — respondeu Claridon. — Ele e o pai costumavam falar dela. Seria aí que se encontravam? Vitt já interferira por três vezes e de cada uma beneficiara Malone. Talvez ele achasse que tinha ali uma aliada.

— Vamos — ordenou De Roquefort, e dirigiu-se de novo para o carro.

— O que fazemos agora? — questionou Claridon.

— Rezamos.

O francês continuava sem se mexer.

— Para quê?

— Para que os meus instintos estejam certos.

QUARENTA E SEIS

Malone estava furioso. Henrik Thorvaldsen sempre soubera mais do que revelara. Apontou para Cassiopeia.

— É sua amiga?

— Conheço-a há algum tempo.

— Já a conhecia quando Lars Nelle era vivo?

Thorvaldsen assentiu.

— E Lars sabia dessa amizade?

— Não, não sabia.

— Então, quer dizer que também o fez passar por parvo — argumentou Malone num tom mais agressivo.

O dinamarquês viu-se forçado a uma defesa mais pacífica, pois estava preocupado.

— Cotton, entendo a sua irritação, mas nem sempre podemos ser totalmente honestos. A mesma história pode ter diferentes ângulos. Tenho a certeza que quando trabalhava para o governo dos Estados Unidos também fazia a mesma coisa. — Malone não mordeu o isco.

— Cassiopeia vigiava Lars. Ele sabia da existência dela e achava-a um estorvo. Contudo, a verdadeira tarefa dela era protegê-lo.

— Por que não lho disse?

— Lars era um homem deveras teimoso. Era mais fácil para Cassiopeia vigiá-lo na sombra. É uma pena, mas ela não conseguiu protegê-lo dele mesmo.

Stephanie aproximou-se, e fitou-o com desdém.

— O perfil dele alertava precisamente para isto. Motivos duvidosos, muda constantemente de aliados, pouco fiável.

— Isso ofende-me — ripostou Thorvaldsen, e olhou-a indignado — Tendo em conta que Cassiopeia também vos protegeu aos dois.

Nesse ponto, Malone não podia discordar.

— Devia ter-nos dito.

— Teria feito alguma diferença? Tanto quanto me lembro, estavam ambos determinados a viajar até França, em especial a Sra. Nelle. Por isso, nada do que pudesse ter dito os teria impedido. Assim, assegurei-me de que Cassiopeia estava lá para vos ajudar no que fosse preciso.

Malone não ia aceitar aquela desculpa esfarrapada.

— Para começar, Henrik, devia ter-nos falado de Raymond de Roquefort, que devem ambos conhecer. Em vez disso, deixou-nos ir às cegas.

— Não há muito para dizer — explicou Cassiopeia. — Quando Lars era vivo, tudo o que os irmãos também faziam era ter cuidado com ele. Nunca tive nenhuma espécie de contacto com De Roquefort. Isso só ocorreu há alguns dias. Por isso, sei tanto sobre ele quanto vocês.

— Então, como foi capaz de antecipar os seus passos em Copenhaga?

— Não antecipei. Limitei-me a segui-lo a si.

— Nunca dei pela sua presença.

— Sou boa naquilo que faço.

— Não foi assim tão exímia em Avinhão. Dei pela sua presença no café.

— E o seu truque de deixar voar o guardanapo para ver se eu os seguia? Foi óbvio. Eu queria que vocês soubessem que estava ali. Assim que vi Claridon, desconfiei que De Roquefort não estaria muito longe. Há anos que ele vigia o francês.

— Claridon falou-nos de si — afirmou Malone —, mas não a reconheceu em Avinhão.

— Ele nunca me viu. Sabe apenas o que Lars Nelle lhe contou a meu respeito.

— Claridon nunca mencionou esse facto — disse Stephanie.

— Estou certa que deve existir muita informação que Royce não revelou. Lars nunca percebeu, mas Claridon era mais problemático para as suas investigações do que eu.

— O meu pai odiava-a — afirmou Mark com rancor.

Cassiopeia olhou-o com indiferença.

— O seu pai era um homem brilhante, mas pouco versado na natureza humana. Tinha uma visão muito simplista do mundo. As conspirações que pesquisava, aquelas que prosseguiram após a morte dele, são bastante mais elaboradas e complicadas do que pode imaginar. Esta é uma demanda da verdade pela qual já morreram muitas pessoas.

— Mark — chamou Thorvaldsen —, aquilo que Cassiopeia acabou de dizer é verdade, como decerto saberá.

— O meu pai era um homem bom que acreditava naquilo que fazia.

— Disso não tenho qualquer dúvida. Contudo, ele também fez segredo de muitas coisas. Nunca soube que eu e ele éramos amigos íntimos, e lamento nunca o ter conhecido antes. Porém, o seu pai fazia questão que os nossos contactos permanecessem confidenciais e eu respeito isso mesmo após a sua morte.

— Podia ter-me dito — argumentou Stephanie.

— Não, não podia.

— Então, porque está a falar connosco agora?

— Quando a senhora e Cotton partiram de Copenhaga, eu vim de imediato para aqui. Presumi que acabariam por encontrar Cassiopeia. Era precisamente por isso que ela se encontrava em Rennes há duas noites, para vos atrair na sua direção. Inicialmente, o meu plano era ficar na sombra e nenhum de vocês saber da nossa ligação, mas depois mudei de ideias. Isto já foi demasiado longe. Precisam de saber a verdade e aqui estou eu para a revelar.

— Quanta bondade da sua parte — disse Stephanie com ironia.

Malone fitou o dinamarquês. Thorvaldsen tinha razão. Em muitas situações, também ocultara o que sabia ou revelara meias verdades. Stephanie também já o fizera.

— Henrik, há mais de um ano que não entro nestas jogadas. Reformei-me porque estava farto e não queria envolver-me mais neste tipo de coisas. Devo dizer que, neste momento, estou esfomeado e curioso, por isso sugiro que almocemos e enquanto isso nos conte a verdade que precisamos saber.

..*

O almoço era coelho assado, temperado com salsa, tomilho e manjerona, acompanhado por espargos e salada, e uma sobremesa de groselha com creme de baunilha. Enquanto comia, Malone tentou avaliar a situação. A sua anfitriã parecia a mais descontraída, mas a cordialidade dela não o impressionava.

— Desafiou abertamente De Roquefort naquela noite no palácio — disse-lhe ele. — Onde aprendeu tudo aquilo?

— Aprendi sozinha. Do meu pai herdei a coragem e da minha mãe a capacidade de ler a mente masculina.

Malone sorriu.

— Um dia pode enganar-se.

— Lisonjeia-me que se preocupe com o meu futuro. Alguma vez se enganou enquanto trabalhava como agente governamental?

— Muitas vezes e em certas ocasiões isso resultou na morte de outros.

— O filho de Henrik faz parte dessa lista?

Malone não gostou da indireta, principalmente tendo em consideração que ela não fazia ideia do que se tinha passado.

— Tal como aconteceu aqui, houve quem não recebesse a informação correta e as más informações levam a más decisões.

— O jovem morreu.

— Cai Thorvaldsen estava no lugar errado à hora errada — explicou Stephanie.

— Cotton está certo — disse Henrik, parando de comer. — O meu filho morreu porque não tinha sido alertado para o perigo em seu redor. Cotton estava lá e fez o que pôde.

— Não estava a insinuar que a culpa foi dele — contrapôs Cassiopeia. — Porém, ele parecia empenhado em dizer-me como devia gerir os meus assuntos. Estava apenas a tentar perceber se ele seria capaz de tratar dos seus. Afinal, acabou por desistir. Thorvaldsen suspirou.

— Vai ter de a desculpar, Cotton. É uma mulher inteligente, versada em arte, em música, em religião, colecionadora de antiguidades, mas herdou a falta de educação do pai. A mãe, Deus guarde a sua alma, era mais refinada.

— Henrik acha-se meu pai adotivo.

— Teve sorte em eu não a ter atingido quando fugiu de mota em Rennes — avançou Malone, e observou-a com atenção.

— Não esperava que conseguisse escapar da Torre Magdala tão depressa. Estou certa que os responsáveis pelo local devem estar furiosos com a perda daquela janela. Acho que era a original.

— Estou à espera de ouvir a tal verdade de que falou — disse Stephanie para Thorvaldsen. — Disse-me na Dinamarca para manter uma certa abertura de espírito para aquilo que o senhor e Lars achavam importante. Agora ficamos a saber que o seu envolvimento era bem mais profundo do que qualquer um de nós podia pensar. Por certo compreenderá que isso nos deixe desconfiados.

Thorvaldsen pousou o garfo.

— Muito bem. Até que ponto conhecem o Novo Testamento? “Que pergunta estranha”, pensou Malone. No entanto, sabia que Stephanie era católica praticante.

— Contém os quatro Evangelhos, São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João, que nos falam de Jesus Cristo.

— Correto — declarou Thorvaldsen. — A história diz-nos que o Novo Testamento, tal como o conhecemos, foi organizado durante os primeiros quatro séculos depois de Cristo como forma de universalizar a mensagem cristã. Afinal, católico significa isso mesmo, “universal”. Não se esqueçam que, ao contrário do que acontece nos nossos dias, naquela época a política e a religião eram uma e a mesma coisa. À medida que o paganismo decaía e o judaísmo se fechava em si mesmo, as pessoas começaram a procurar algo novo. Os seguidores de Jesus, que eram apenas judeus com uma perspectiva diferente, elaboraram a sua própria

versão do mundo, mas isso também o haviam feito os carpocratianos, os essenos, os naassenos os gnósticos e uma centena de outras seitas emergentes na altura. A principal razão que fez com que a versão católica prevalecesse e as restantes não, foi a sua habilidade de se impor como crença universal. Atribuíram às Escrituras tamanha autoridade que ao fim de algum tempo ninguém as podia questionar sem correr o risco de ser apelidado de herético. No entanto, existem muitos problemas no Novo Testamento.

A Bíblia era um dos temas preferidos de Malone. Já a lera, assim como grande parte da análise histórica existente sobre o assunto, e estava a par das suas contradições. Cada um dos Evangelhos era uma estranha mistura de factos, rumores, lendas e mito que havia sido sujeita a incontáveis traduções, edições e redações.

— Não se esqueçam que a emergente Igreja Cristã já existia durante a civilização romana — explicou Cassiopeia. — Para conseguir atrair seguidores, os seus fundadores tiveram de competir com um sem-número de crenças pagãs e com as suas próprias crenças judaicas. Mas também precisavam de se diferenciar dos restantes, por isso Jesus tinha de ser mais do que um simples profeta.

Malone começava a ficar impaciente.

— Mas o que tem isso a ver com o que se passa aqui?

— Pense no que significaria para o cristianismo encontrar os ossos de Cristo — avançou Cassiopeia. — O cristianismo gravita em torno da ideia de Jesus ter morrido na cruz, ressuscitado e depois subido aos céus.

— Esse aspecto é uma questão de fé — referiu Geoffrey.

— Ele tem razão — concordou Stephanie. — É a fé, não os factos que o definem.

Thorvaldsen abanou a cabeça.

— Retiremos por momentos esse elemento da equação, uma vez que a fé também elimina a lógica. Pensem só. Se existiu um homem chamado Jesus, como podiam os cronistas do Novo Testamento saber alguma coisa sobre a Sua vida? Pensem na questão da língua. O Antigo Testamento foi escrito em hebraico. Por seu lado, o Novo Testamento foi escrito em grego e quaisquer fontes que possam ter existido estariam escritas em aramaico. Depois há o problema das próprias fontes. São Mateus e São Lucas falam da tentação de Cristo no deserto, mas Jesus estava sozinho quando isso teve lugar. E a oração de Jesus no Jardim das Oliveiras? São Lucas diz que Ele se afastou dos discípulos à “distância de um tiro de pedra”. Quando Jesus regressou, encontrou-os todos a dormir e foi de imediato preso e depois crucificado. Não existe uma única

referência sobre Jesus ter dito alguma coisa sobre a oração no jardim e a tentação no deserto, mas no entanto sabemos todos os detalhes desses episódios. Como? Todos os Evangelhos referem que os discípulos fugiram na altura da prisão de Jesus, por isso nenhum deles lá estava, e apesar disso, os quatro oferecem relatos detalhados da crucificação. Qual a origem desses relatos? O que fizeram os soldados romanos, o que Pilatos e Simão fizeram. Como poderiam os autores dos Evangelhos saber tudo isso? Os crentes diriam que essa informação proveio de inspiração divina. Todavia, os quatro Evangelhos, as supostas Palavras de Deus, são mais contraditórios do que concordantes. Por que razão Deus ditaria apenas confusão?

— Talvez não nos caiba a nós questionar tal coisa — respondeu Stephanie.

— Ora — argumentou Thorvaldsen —, existem demasiadas contradições para serem simplesmente ignoradas. Analisemos as generalidades. O Evangelho de São João faz referência a muitos aspectos que os outros três, os chamados Evangelhos sinópticos, ignoram por completo. O estilo é também diferente, a mensagem mais depurada. Parece um testemunho completamente diferente. No entanto, algumas das inconsistências mais precisas começam com Mateus e Lucas. São os únicos que dizem alguma coisa sobre o nascimento e linhagem de Jesus, e mesmo assim divergem um do outro. Mateus escreve que Jesus era um aristocrata, descendente de David, herdeiro do trono. Lucas reitera a ligação a David, mas aponta para uma classe social mais inferior. São Marcos seguiu um caminho completamente diferente e difunde a imagem de um carpinteiro pobre. Também o nascimento de Jesus é contado de forma diversa. São Lucas diz que o menino foi visitado por pastores mas São Mateus chama-lhes Reis Magos. São Lucas escreve que a família vivia em Nazaré e que se deslocou para Belém, onde Jesus nasceu numa manjedoura. Contudo, São Mateus diz que Maria e José viviam desafogadamente em Belém onde Jesus nasceu, não numa manjedoura, mas numa casa.

“Porém, a crucificação é o acontecimento que contém mais discrepâncias. Os Evangelhos nem sequer concordam na data. São João fala no dia antes da Páscoa, os outros três referem o dia seguinte. São Lucas descreve Jesus como dócil, um “cordeiro”. São Mateus tem uma opinião diferente. Para ele, Jesus não veio à terra para trazer paz, mas sim a espada. Até as palavras finais do Salvador são diferentes. São Mateus e São Marcos afirmam que foram: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” São Lucas escreve: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.” São João é ainda mais sucinto: “Tudo está consumado.”

Thorvaldsen interrompeu-se e deu um gole do copo de vinho.

— E a própria história da ressurreição está pejada de contradições. Cada um dos Evangelhos oferece uma versão diferente sobre quem entrou no sepulcro, o que lá foi encontrado e até o dia da semana. E quanto à aparição de Jesus após a ressurreição, nesse aspecto também não existem semelhanças entre os quatro livros. Porque não pensar que Deus teria sido ao menos um pouco mais consistente ao tratar-se da Sua Palavra?

— As variações entre os Evangelhos têm sido tema de vários livros — explicou Malone.

— Isso é verdade — concordou Thorvaldsen. — E as inconsistências existem desde o início, ignoradas nos tempos antigos, pois os quatro Evangelhos raramente apareciam juntos. Na verdade, foram divulgados individualmente, uma história fazendo mais sucesso nuns lugares que noutros. O que ajuda de alguma forma explicar as diferenças. Não podemos esquecer que a ideia por trás dos Evangelhos era demonstrar que Jesus era o Messias anunciado no Antigo Testamento e não afirmar-se como uma biografia irrefutável.

— Não eram os Evangelhos apenas um registo do que havia sido passado oralmente? — perguntou Stephanie. — Os erros não seriam, portanto, de esperar?

— Sem dúvida — disse Cassiopeia. — Os primeiros cristãos acreditavam que Jesus regressaria em breve e o mundo acabaria, por isso não havia necessidade de registar nada. Todavia, passados cinquenta anos, e como o Salvador ainda não tinha voltado, tornou-se importante imortalizar a vida de Jesus. Foi nessa altura, que o primeiro Evangelho, o de São Marcos, foi escrito. O Evangelho de São Mateus e o de São Lucas vieram depois, por volta de oitenta depois de Cristo. O Evangelho de São João foi escrito mais tarde, perto do final do século I, por isso é tão diferente dos outros três.

— Se os Evangelhos fossem completamente concordantes não seriam ainda mais suspeitos? — perguntou Malone.

— Os quatro livros são mais do que apenas divergentes — explicou Thorvaldsen. — Na verdade, trata-se de quatro versões diferentes da Palavra de Deus.

— É uma questão de fé — insistiu Stephanie.

— Lá vem essa palavra — argumentou Cassiopeia. — Sempre que existe um problema com um texto bíblico, a solução parece fácil: é a fé. Sr. Malone, o senhor é advogado. Se o testemunho de Mateus, Marcos, Lucas e João fosse dado em tribunal como prova da existência de Jesus, o júri concordaria?

— Sem dúvida, todos eles falam de Jesus.

— Mas se ao mesmo tribunal fosse pedido que declarasse qual dos quatro estava correto, qual seria a decisão?

Malone sabia a resposta.

— Estão todos corretos.

— Então como resolveria as diferenças entre os testemunhos?

Dessa vez já não respondeu, pois não sabia.

— Ernst Scoville fez em tempos um estudo — disse Thorvaldsen — foi Lars quem me falou disso, no qual mostrava que existia uma variação de dez a quarenta por cento entre os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas em qualquer passagem que desejássemos comparar. Qualquer passagem. No de São João, que não é um dos sinópticos, a percentagem era ainda mais elevada. Por isso, Cotton, a pergunta de Cassiopeia é válida. Estes quatro testemunhos teriam qualquer valor probatório para além de estabelecerem que pode ter existido um homem chamado Jesus?

Malone sentiu-se impelido a perguntar:

— Poderia alguma das inconsistências ser explicada pelo facto de os escritores se darem a liberdades criativas com a tradição oral?

Thorvaldsen acenou afirmativamente com a cabeça.

— Essa explicação faz sentido. Porém, o que a torna inaceitável é essa palavra repetitiva: fé. Para milhões de crentes, os Evangelhos não são a tradição oral de judeus radicais a tentar criar uma nova religião, a recrutar discípulos ou a contar a sua história com as modificações e acrescentos necessários ao seu tempo. Não. Os Evangelhos são a Palavra de Deus e a ressurreição é a sua pedra angular. O facto de o seu Deus ter enviado o Seu filho para morrer por eles, e Ele ter ressuscitado e ascendido aos céus é o que os distingue de todas as outras religiões.

Malone olhou para Mark.

— Os templários acreditam nisto?

— Existe um elemento de gnosticismo na crença templária. O conhecimento é transmitido por fases e apenas os irmãos de hierarquia mais elevada na Ordem sabem de tudo. Porém, ninguém possui esse conhecimento desde que o Grande Legado desapareceu durante a Expulsão em 1307.

Estava curioso.

— E o que pensam atualmente de Jesus Cristo?

— Os templários dão igual importância ao Antigo e ao Novo Testamento. Aos seus olhos, os profetas judeus do Antigo Testamento previram a vinda do Messias e os autores do Novo Testamento cumpriram essa previsão.

— Tal como os judeus — disse Thorvaldsen —, dos quais posso falar, uma vez que o sou. Durante séculos, os cristãos afirmaram que os judeus não reconheceram o Messias quando Ele regressou e por essa razão, Deus criou uma nova Israel sob a forma da Igreja Cristã, para tomar o lugar da Israel dos judeus.

— "O seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos" — murmurou Malone, citando o que São Mateus escrevera sobre a disposição dos judeus em aceitarem a responsabilidade pelo sangue derramado.

Thorvaldsen assentiu.

— Essa frase tem sido utilizada há dois mil anos como desculpa para matar judeus. O que poderia um povo esperar de Deus depois de rejeitarem o Seu próprio filho como o Messias? Essas palavras, escritas no Evangelho, tornaram-se o grito de batalha de assassinos.

— Assim, o que os cristãos acabaram por fazer — acrescentou Cassiopeia — foi romper com o passado. Chamaram Antigo Testamento a metade da Bíblia e Novo à outra metade. Um era para os judeus e o outro para os cristãos. As doze tribos de Israel no Antigo Testamento foram substituídas pelos doze apóstolos no Novo. As crenças pagãs e judaicas foram assimiladas e modificadas. Através dos Evangelhos do Novo Testamento, Jesus cumpriu as profecias do Antigo Testamento, provando assim a sua vocação messiânica. A mensagem certa, moldada de acordo com o público, fez com que o cristianismo acabasse por dominar o mundo ocidental.

Os criados apareceram e Cassiopeia fez-lhes sinal para que retirassem os pratos e servissem o café. Quando o último se retirou, Malone perguntou a Mark:

— Os templários acreditam na ressurreição de Cristo?

— Quais?

Malone achou a questão estranha e encolheu os ombros.

— Os de agora acreditam, claro. Com poucas exceções, a Ordem segue a doutrina católica tradicional. Não faço ideia daquilo em que acreditavam em 1307. As Crónicas dessa altura não são muito claras e, como já referi, apenas os oficiais mais elevados saberiam alguma coisa sobre esse assunto. A maioria dos templários era analfabeta. O próprio Jacques de Molay não sabia ler nem escrever. Isso significava que era uma pequena minoria que controlava o que a maioria pensava. Claro que nessa altura o Grande Legado existia e presumo que ver fosse sinónimo de crer.

— O que é o Grande Legado?

— Quem me dera saber. A informação perdeu-se e as Crónicas pouco falam a esse respeito. Acredito que seja algum tipo de prova daquilo em que a Ordem

acreditava.

— É por essa razão que o procuram? — questionou Stephanie.

— Só recentemente se começou a procurar. Existia pouca ou nenhuma informação sobre a sua localização. No entanto, o mestre disse a Geoffrey que acreditava que o pai estava no caminho certo.

— E o que faz De Roquefort querê-lo com tanto empenho? — perguntou Malone a Mark.

— Encontrar o Grande Legado, dependendo do que lá estiver, pode significar o reaparecimento da Ordem na cena mundial. Esse conhecimento pode modificar toda a cristandade. De Roquefort também pretende vingar-se do que sucedeu à Ordem. O seu objetivo é expor a Igreja Católica como hipócrita e limpar o nome dos templários.

Malone estava confuso.

— Como assim?

— Uma das acusações feitas aos templários em 1307 foi a adoração de ídolos, sendo um deles uma espécie de cabeça barbada. Essas acusações nunca foram provadas. Todavia, ainda hoje, os católicos rezam frequentemente a imagens e objetos, sendo o Sudário de Turim um deles.

Malone recordou o que um dos Evangelhos dizia sobre a morte de Cristo: “Depois de descer o corpo da cruz envolveu-o num lençol.” O simbolismo era de tal modo sagrado que mais tarde um papa decretara que a missa deveria sempre ser rezada sobre um altar coberto por uma toalha de linho. O Sudário de Turim, referido por Mark, era uma peça de linho que exibia a imagem detalhada da frente e das costas de um homem com um metro e oitenta de altura, nariz afilado, cabelo pelos ombros, de barba e com marcas de crucificação nas mãos, pés e escalpe, e ferimentos de chicotadas nas costas.

— A imagem do sudário não é a de Cristo — disse Mark. — Pertence a Jacques de Molay. O mestre foi preso em Outubro de 1307, e em Janeiro do ano seguinte foi pregado a uma porta no Templo de Paris de modo semelhante a Cristo. O objetivo era castigá-lo por não acreditar em Jesus como nosso salvador: Foi o inquisidor-mor de França, Guillaume Imbert, quem orquestrou aquela terrível tortura. Após a crucificação, De Molay foi envolvido num manto de linho que a Ordem guardava no Templo de Paris e utilizava durante as cerimónias de iniciação. Sabemos hoje que o ácido láctico e o sangue do corpo traumatizado do mestre De Molay se misturou com o olíbano do manto e gravou a imagem. Existe mesmo um equivalente moderno. Em 1981, um doente de cancro em Inglaterra deixou a marca das suas pernas nos lençóis.

Malone lembrou-se que nos finais dos anos oitenta a Igreja autorizara um exame microscópio e a datação radiométrica por carbono-14 do Sudário de Turim. Os resultados indicaram que não existiam desenhos ou pinceladas, e que a coloração estava impregnada no linho. A datação revelou que o manto não era originário do século I, mas de algures entre os finais do século XIII e meados do século XIV. Porém, muitos foram os que contestaram os resultados e afirmaram que a amostra fora adulterada ou provinha de uma restauração posterior do manto.

— A imagem gravada no linho coincide exatamente com o corpo de De Molay — explicou Mark. — Existem descrições dele nas Crónicas. Na altura em que foi torturado, o cabelo crescera-lhe até aos ombros e a barba também. O manto que envolveu o corpo do mestre De Molay foi retirado do Templo de Paris por um dos parentes de Geoffrey de Charney. De Charney foi queimado na estaca em 1314, juntamente com De Molay. A família guardou o pano como relíquia e mais tarde reparou que exibia uma imagem. O manto apareceu inicialmente num medalhão religioso de 1338 e foi exibido pela primeira vez em 1357. Assim que foi visto, as pessoas associaram-no de imediato à imagem de Cristo e a família De Charney nada fez para desmentir essa crença. Tal continuou até aos finais do século XVI, quando a Igreja se apoderou do manto e o declarou *acheropita*, ou seja, que não fora feito por mão humana classificando-o como relíquia sagrada. De Roquefort quer recuperar o manto, uma vez que pertence à Ordem e não à Igreja. Thorvaldsen abanou a cabeça.

— Que palermice.

— É o que ele pensa.

Malone reparou na expressão aborrecida de Stephanie.

— A lição bíblica foi fascinante, Henrik. No entanto, continuo à espera de ouvir a verdade sobre o que se passa aqui.

O dinamarquês esboçou um sorriso.

— Sempre tão simpática.

— Pode agradecê-lo à minha personalidade cativante. — Mostrou o telemóvel. — Para que não haja más interpretações, ou começa a revelar alguma coisa de útil nos próximos minutos ou ligo para Atlanta. Já tive a minha conta de Raymond de Roquefort, por isso vou tornar esta caça ao tesouro público e acabar com isto de uma vez por todas.

QUARENTA E SETE

Malone estremeceu ao ouvir a declaração da sua antiga chefe. Já se perguntara quando iria ela perder a paciência. Pelos vistos, não demorara muito.

— Não pode fazer isso — disse Mark à mãe. — A última coisa que desejamos é ter o governo envolvido nisto.

— Qual é o problema? — perguntou Stephanie. — Essa abadia devia ser investigada. O que fazem lá dentro não tem nada a ver com religião.

— Muito pelo contrário — contrapôs Geoffrey com uma voz trémula. — Os irmãos são piedosos e dedicam a sua vida à oração e adoração do Senhor.

— E nos intervalos aprendem a lidar com explosivos, técnicas de combate corpo a corpo e a disparar armas automáticas. É um bocadinho contraditório, não concordam?

— Nada mesmo — afirmou Thorvaldsen. — Os primeiros templários eram simultaneamente monges e guerreiros temidos.

Stephanie não parecia impressionada.

— Não estamos no século XIII. De Roquefort tem um plano e é capaz de qualquer coisa para o ver cumprido. Hoje em dia chamamos terroristas a esse tipo de pessoas.

— Não mudou nada — acusou Mark.

— Pois não. Continuo a acreditar que organizações com dinheiro, armas e ressentimentos são um problema. O meu trabalho consiste em lidar com elas.

— Isto não lhe diz respeito.

— Então o vosso mestre não me devia ter envolvido. “É um bom argumento”, pensou Malone.

— Já não compreendia quando o pai estava vivo e continua sem perceber.

— Sempre me podes esclarecer.

— Sr. Malone? — chamou Cassiopeia num tom calmo. — Gostaria de ver os planos de construção do castelo?

Pelos vistos, a anfitriã queria falar com ele a sós, o que até lhe convinha, pois também tinha umas perguntas para lhe fazer.

— Seria um prazer.

Cassiopeia empurrou a cadeira para trás e levantou-se da mesa.

— O prazer será meu em partilhá-los consigo. Isso dará algum tempo a estes senhores para conversarem, que bem precisam. Fiquem à vontade. O Sr. Malone

e eu não demoraremos.

..*

Seguiu Cassiopeia para o exterior da casa e desceram pelo mesmo caminho ladeado de árvores até ao parque de estacionamento, e ao local da obra.

— Quando ficar pronto — explicou Cassiopeia — teremos aqui um castelo do século XIII tal como existiu há setecentos anos.

— É uma obra e tanto.

— Só aposto no melhor.

Entraram na obra através de um largo portão de madeira e atravessaram o que aparentava ser um celeiro com paredes de arenito que abrigavam uma moderna recepção. Para lá desse ponto, imperava o cheiro a pó e a cavalos e uma centena de pessoas ocupava-se numa tarefa ou noutra.

— Já abrimos as fundações de todo o perímetro e a muralha oeste vai bem avançada — informou Cassiopeia. — Estamos prestes a começar as torres de ângulo e os edifícios centrais, mas leva tempo. Temos de fazer os tijolos, a argamassa, partir a pedra e cortar a madeira precisamente como era feito há setecentos anos.

Recorremos aos mesmos métodos e ferramentas, e até vestimos as mesmas roupas.

— E também comem a mesma comida?

Cassiopeia sorriu.

— Nesse aspecto, somos um pouco mais modernos.

Conduziu-o pela área de construção até um pequeno promontório onde tudo podia ser apreciado com clareza.

— Venho aqui muitas vezes. Trabalham ali a tempo inteiro cento e vinte homens e mulheres.

— Deve ser uma fortuna em ordenados.

— Um pequeno preço a pagar para que a história possa ser contada e vista.

— A sua alcunha, Ingénieur. É isso que lhe chamam? Engenheiro?

— Foram os empregados que me batizaram com essa alcunha. Estudei técnicas de construção medieval e projetei tudo isto.

— Engraçado, sabe ser uma cabra arrogante e ao mesmo tempo uma mulher muito interessante.

— O comentário que proferi à mesa, sobre o filho de Thorvaldsen, não foi nada correto. Por que não reagiu?

— Para quê? A Cassiopeia não fazia ideia do que estava a falar.

— Tentarei não fazer mais juízos de valor de agora em diante.

Malone soltou uma gargalhada.

— Duvido muito que consiga conter-se e não sou assim tão sensível. Com o tempo, aprendi a cultivar uma certa largueza de costas. Temos de o fazer se queremos sobreviver nesta profissão.

— Mas já está reformado.

— Nunca nos afastamos, ficamos apenas mais vezes fora da linha de fogo.

— Então está a ajudar Stephanie Nelle apenas como amigo?

— Difícil de acreditar, não?

— Nem por isso. Na verdade, está bem de acordo com a sua personalidade.

Agora estava curioso.

— Como conhece a minha personalidade?

— Quando Henrik me pediu que me envolvesse, passei algum tempo a estudá-lo. Tenho alguns amigos no seu antigo posto de trabalho e todos lhe teceram elogios enormes.

— É bom saber que as pessoas ainda se recordam.

— Sabe muita coisa a meu respeito? — perguntou ela.

— Apenas alguns pormenores.

— Possuo muitas particularidades.

— Então deve dar-se bem com Henrik.

Cassiopeia não pôde deixar de sorrir.

— Estou a ver que o conhece bem.

— E há quanto tempo o conhece?

— Desde a infância. Ele era amigo dos meus pais. Há muitos anos, falou-me de Lars Nelle e do seu trabalho, e fiquei fascinada. Acabei por me transformar no seu anjo-da-guarda, embora ele me achasse o demónio. Infelizmente, não pude ajudá-lo no último dia de vida.

— Estava lá?

Cassiopeia sacudiu a cabeça.

— Ele tinha viajado para sul, para as montanhas, e eu estava aqui quando Henrik me telefonou a dizer que tinham encontrado o corpo.

— Acha que ele se suicidou?

— Lars era um homem triste, isso era óbvio. Também me parecia uma pessoa frustrada. Havia um sem-número de amadores que se tinham aproveitado do seu trabalho e distorcido tudo. O quebra-cabeças que ele tentou resolver permanece um mistério até hoje. Por isso, sim, é possível que o tenha feito.

— E tentava protegê-lo de quê?

— Muitos eram os que tentavam intrometer-se nas suas pesquisas. Alguns não

passavam de caçadores de tesouros ambiciosos, outros de oportunistas, mas os homens de Raymond de Roquefort não tardaram a aparecer também. Felizmente, fui capaz de passar despercebida.

— De Roquefort é agora o mestre.

Ela franziu o sobrolho.

— Isso explica o seu empenho. É ele quem comanda agora os recursos da Ordem.

Pelos vistos, Cassiopeia nada sabia sobre Mark Nelle ou onde este estivera nos últimos cinco anos. Achou que seria melhor contar-lhe e depois acrescentou:

— Mark perdeu para De Roquefort na escolha do novo mestre.

— Então isto entre eles é pessoal?

— Em parte, acredito que seja — afirmou. Depois ficou a olhar para baixo, à medida que uma carroça puxada por cavalos avançava lentamente pela terra até ao local onde a muralha começava a erguer-se.

— O trabalho hoje é só para os turistas verem — explicou ela, ao reparar no interesse dele. — Faz parte do espetáculo. Amanhã voltamos à construção a sério.

— A placa à entrada diz que vai demorar trinta anos a terminar.

— Ou mais.

Tinha razão. Possuía mesmo muitas particularidades.

— Em Avinhão, deixei o diário de Lars para trás de propósito para que De Roquefort o encontrasse.

Aquela revelação deixou Malone chocado.

— Porquê?

— Henrik queria falar com os Nelle em privado. Foi por isso que o chamei para aqui. Ele também me disse que o senhor era um homem honrado. Confio em pouquíssimas pessoas, e Henrik é uma delas. Por isso, vou confiar na palavra dele e revelar-lhe algumas coisas que mais ninguém sabe.

..*

Mark ouviu enquanto Henrik Thorvaldsen explicava. A mãe também parecia atenta. Apenas Geoffrey se limitava a olhar fixamente para a mesa, como se em transe.

— Está na altura de conhecer e perceber aquilo em que Lars acreditava — disse Henrik para Stephanie. — Ao contrário do que possa pensar, ele não era um louco atrás de um tesouro no fim do arco-íris. A sua demanda era séria.

— Vou ignorar o insulto porque quero ouvir o que tem para dizer. Thorvaldsen olhou-a irritado.

— A teoria de Lars era simples, embora na verdade não lhe pertencesse. Foi Ernst Scoville quem desenvolveu grande parte dela e envolvia uma nova abordagem dos Evangelhos do Novo Testamento, em especial a forma como tratavam a ressurreição. Cassiopeia já hoje falou de alguns aspectos. Comecemos com o de São Marcos. Foi o primeiro Evangelho a ser escrito, por volta de setenta depois de Cristo, e talvez o único que os cristãos possuíam após a morte de Jesus. Contém seiscentos e setenta e seis versículos, no entanto, apenas oito são dedicados à ressurreição. Este facto extraordinário mereceu apenas uma curta menção. Porquê? A resposta é simples. Quando o Evangelho de São Marcos foi escrito, a história da ressurreição não se tinha desenvolvido e o Evangelho termina sem uma única menção ao facto de os discípulos acreditarem que Jesus se havia erguido dos mortos. Em vez disso, conta-nos que os apóstolos fugiram. Apenas as mulheres aparecem na versão de São Marcos e até elas ignoram a ordem de avisarem os discípulos para se deslocarem à Galileia para aí verem Cristo ressuscitado, fugindo amedrontadas e não contando a ninguém o que tinham visto. E não existem anjos, apenas um jovem vestido de branco sentado ao lado da pedra que tapava o sepulcro e que anuncia: “Ressuscitou”. Não há guardas, nem panos de linho, nem Jesus ressuscitado.

Mark sabia que tudo o que Thorvaldsen acabara de dizer era verdade. Também estudara atentamente os Evangelhos.

— O testemunho de São Mateus apareceu uma década mais tarde. Por essa altura, os romanos já tinham saqueado Jerusalém e destruído o Templo, e muitos judeus optaram por fugir para os Estados de língua grega. Os judeus ortodoxos que permaneceram na Terra Santa consideravam os novos judeus cristãos um problema, tal como os romanos o eram. O Evangelho de São Mateus foi provavelmente escrito por um desses escribas judeus cristãos. O livro de São Marcos deixara muitas questões sem resposta, e Mateus alterou a história de modo a adaptar-se melhor aos tempos conturbados em que viveu. Agora, o mensageiro que anuncia a ressurreição já é um anjo que desce à terra durante um terramoto, com uma face semelhante a um relâmpago. Os guardas ficam como mortos e o anjo senta-se sobre a pedra do sepulcro. As mulheres também sentem medo, mas este é rapidamente substituído por alegria. Ao contrário do que acontece no relato de São Marcos, as mulheres aqui apressam-se a ir contar aos discípulos o que sucedeu e encontram Cristo ressuscitado. Também é aqui que, pela primeira vez, o Senhor ressuscitado é descrito. E o que fizeram as mulheres?

— Estreitaram-lhe os pés e prostraram-se diante Dele — respondeu Mark. —

Mais tarde, Jesus apareceu aos seus discípulos e proclamou: “Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra.” E diz-lhes que estará com eles até ao fim dos tempos.

— Grande mudança — afirmou Thorvaldsen. — O Messias judeu chamado Jesus tornou-se agora Cristo para o mundo. No Evangelho de São Mateus é tudo muito mais vívido e miraculoso.

Depois, na década de oitenta d.C., aparece o testemunho de São Lucas. Por essa altura, os judeus cristãos já se afastaram, e muito, do judaísmo, por isso Lucas modificou a história da ressurreição de modo a refletir essa mudança. As mulheres continuam a aparecer no sepulcro, mas desta vez encontram-no vazio e vão a correr contar aos discípulos. Pedro é o primeiro a lá chegar e vê apenas o manto que embrulhava o corpo. Depois, São Lucas conta uma história que não é referida em mais nenhuma passagem da Bíblia. Nessa história, Jesus viaja disfarçado, encontra alguns dos apóstolos, partilha uma refeição com eles e quando é descoberto, desaparece. Mais tarde, há ainda um outro encontro com todos os discípulos, no qual eles duvidam da Sua presença e Jesus se senta a comer com eles, e desaparece em seguida. É também apenas no Evangelho segundo São Lucas que encontramos a história da ascensão aos céus e Cristo aparece como que em êxtase.

Mark também lera análises semelhantes nos arquivos dos templários. Há já alguns séculos que os irmãos mais letrados estudavam a Bíblia, a anotarem os erros, a avaliarem as contradições e a elaborarem hipóteses sobre os muitos conflitos entre datas, nomes, lugares e acontecimentos.

— Depois temos o Evangelho segundo São João — continuou Thorvaldsen —, escrito mais tarde, por volta do ano 100 d. C. Existem tantas alterações neste livro que é quase como se João falasse de um Cristo completamente diferente. Não existe o nascimento em Belém, aqui Jesus nasce em Nazaré. Os outros três falam de um sacerdócio de três anos, João refere apenas um. Neste Evangelho, a Última Ceia tem lugar na véspera da Páscoa e a crucificação no dia da preparação da Páscoa, não coincidindo estes acontecimentos com os outros Evangelhos. João também mudou a purificação do templo do dia depois do Domingo de Ramos para mais cedo. No Evangelho de João, Maria Madalena vai sozinha ao sepulcro, descobre-o vazio, e pensa de imediato que o corpo foi roubado. Só quando ali regressa com Pedro e com “o outro discípulo” é que vê os dois anjos que depois se transformam em Jesus. Reparem como este pormenor, sobre quem estava no sepulcro, se modificou. O jovem vestido de branco, descrito em São Marcos, transformou-se no anjo deslumbrante de

Mateus, que Lucas modificou para dois anjos e João converteu em dois anjos que se transformam em Jesus. E o Senhor ressuscitado foi visto no jardim no primeiro dia da semana, como aos cristãos sempre foi dito? São Marcos e São Lucas dizem que não. Mateus afirma que sim e João primeiro diz que não, mas depois Maria Madalena acaba por vê-Lo mais tarde. O que se passou é claro. Com o tempo, a ressurreição foi ficando cada vez mais miraculosa para se adaptar a um mundo em mudança.

— Presumo — disse Stephanie — que não seja defensor do princípio da infalibilidade das Escrituras.

— Não existe nada de literal na Bíblia. É uma história cheia de consistências que só podem ser explicadas pela fé. Isso pode ter funcionado há mil anos ou até há quinhentos anos, mas essa explicação já não é aceitável. Hoje em dia, a mente humana questiona e o seu marido também o fazia.

— E o que pretendia ele fazer?

— O impossível — murmurou Mark.

A mãe olhou-o com um olhar compreensivo.

— Isso nunca foi impedimento para ele. — A voz dela estava calma e melodiosa como se, por fim, tivesse percebido a verdade que durante tanto tempo estivera escondida. — Era um sonhador incorrigível.

— Porém, os seus sonhos tinham uma base — disse Mark. — Há muito tempo, os templários souberam aquilo que o pai desejava saber. Mesmo hoje, estudam textos que não fazem parte do Novo Testamento: O Evangelho de Filipe, a Carta de Barrabás, os Atos de Pedro, a Epístola dos Apóstolos, o pastor de Hermas, o Livro Secreto de João, o Evangelho de Maria, a Didaché, e o Evangelho de Tomé, que é para eles o mais próximo que existe das palavras proferidas por Jesus, uma vez que não foi sujeito a incontáveis traduções. Muitos destes chamados textos heréticos são bastante reveladores. E basicamente, era isso que tornava os templários especiais e era essa a verdadeira fonte do seu poder. Não era a riqueza ou o poder, mas o conhecimento.

..*

Malone colocou-se à sombra dos choupos que decoravam o promontório, e esperou que Cassiopeia revelasse o que mais ninguém sabia.

— Por que razão entregou o diário de Lars Nelle a De Roquefort?

— Porque não serve para nada.

Reparou numa centelha de divertimento no seu olhar.

— Sempre pensei que continha os pensamentos mais secretos e privados de Lars. Para além de informações que ele nunca publicou, ou seja, a chave para

tudo.

— Há algo de verdade nisso, mas não é a chave para nada. Lars criou-o apenas para os templários.

— Claridon podia ter conhecimento disso?

— Não creio. Lars era um homem muito reservado e nunca contava tudo. Disse uma vez que era preciso ser-se paranoico para sobreviver no tipo de trabalho que ele realizava.

— Como sabe?

— Henrik estava atento. Lars nunca revelou os detalhes, mas contou-lhe os seus encontros com os templários. Certa vez, acreditou mesmo ter falado com o mestre da Ordem. Falaram em várias ocasiões, mas De Roquefort acabou por entrar em cena e era um homem mais agressivo e intolerante. Assim, Lars criou o diário como uma diversão para De Roquefort.

— E poderia o mestre dos templários ter conhecimento disso? Quando Mark foi levado para a abadia, tinha o diário com ele. O mestre guardou-o durante cinco anos e só há um mês o enviou a Stephanie.

— É difícil dizer. Porém, se o diário foi enviado a Stephanie, é possível que o mestre tivesse calculado que De Roquefort iria mais uma vez tentar obtê-lo. Pelos vistos queria envolvê-la, e que melhor maneira de o fazer senão tentá-la com algo irresistível?

Era uma jogada inteligente, tinha de admitir. E funcionara.

— Estou em crer que o mestre achou que Stephanie recorreria aos seus vastos recursos para a ajudar nesta demanda — afirmou Cassiopeia.

— Não a conhecia. É demasiado teimosa. Primeiro tentou fazer tudo sozinha.

— Mas você estava lá para a ajudar.

— Que sorte a minha.

— Ora, não é assim tão mau. Caso contrário não me teria conhecido.

— Como disse, sorte a minha.

— Vou considerar esse comentário como um elogio para não ficar ofendida.

— Duvido que se ofenda por tão pouco.

— Portou-se muito bem em Copenhaga — afirmou ela. — E depois novamente em Roskilde.

— Estava na catedral?

— Durante algum tempo, mas saí assim que o tiroteio começou. Teria sido impossível ficar sem revelar a minha presença e Henrik queria que isso permanecesse em segredo.

— E se eu não tivesse sido capaz de travar aqueles homens?

— Impossível! — exclamou ela, e sorriu a Malone. — Diga-me uma coisa, ficou muito chocado ao ver aquele irmão saltar da Torre Redonda?

— Não é algo que se veja todos os dias.

— Cumpriu o seu voto. Ao ver-se encurralado, escolheu a morte para não desmascarar a Ordem.

— Presumo que estava lá por eu ter dito a Henrik que Stephanie planeava visitar-me.

— Em parte. Quando fui informada da morte inesperada de Ernst Scoville fiquei a saber pelos idosos de Rennes que ele falara com Stephanie e que ela vinha a França. São todos entusiastas do mistério, e passam os dias a jogar às cartas e a fantasiar sobre Saunière. Scoville gabara-se de que queria apenas ficar com o diário de Lars e pouco se importava com Stephanie, embora lhe tenha dado a entender o contrário. É óbvio que também ele desconhecia a inutilidade do livro. A sua morte despertou as minhas suspeitas, e foi nessa altura que contactei Henrik e fiquei a saber da visita de Stephanie à Dinamarca. Decidimos que o melhor seria eu também dar um pulo até lá.

— E Avinhão?

— Tinha um informador no asilo. Ninguém acreditava que Claridon fosse doido. Oportunista, aldrabão, falso, isso sim, louco nunca. Assim, vigiei-o até ao dia em que o foi buscar. Henrik e eu sabíamos que existia alguma coisa nos arquivos do Palácio dos Papas, só não sabíamos o quê. Como Henrik mencionou ao almoço Mark e ele nunca se conheceram. O filho de Lars era mais reservado que o pai. Fez apenas algumas buscas e creio que se destinaram a manter a memória do pai viva, nada mais. Tudo o que possa ter encontrado, manteve em segredo. Ele e Claridon deram-se durante algum tempo. Depois, quando Mark desapareceu na avalanche e Claridon se escondeu no asilo, eu e Henrik desistimos.

— Até agora.

— Sim, a demanda voltou a renascer e desta vez é possível que cheguemos mais longe. — Malone esperou que ela explicasse aquela afirmação. — Temos o livro do leilão e também temos A Ler as Regras de Caridad.

— De Roquefort ficou com a litografia.

— Não é a única imagem que existe do quadro. Já encontrei muitas na Internet. Juntos podemos muito bem descobrir o que Saunière encontrou, uma vez que somos os primeiros a possuir tantas peças do quebra-cabeças.

— E o que fazemos, se encontrarmos alguma coisa?

— Como muçulmana gostaria de contar ao mundo. Como realista, não sei. A

arrogância histórica do cristianismo é revoltante. Espantoso como toda a história ocidental é moldada pelos seus preceitos tacanhos. A arte, a arquitetura, a música, a escrita e até a própria sociedade, transformaram-se em servos do cristianismo. Esse movimento simples acabou por transformar-se no molde no qual a civilização ocidental se baseou e é provável que tudo esteja assente sobre uma mentira. Não gostaria de saber?

— Não sou uma pessoa religiosa.

Nos lábios dela, desenhou-se outro sorriso.

— Mas é um homem curioso. Henrik fala da sua coragem e intelecto com reverência. Um bibliófilo com uma memória eidética. Uma combinação e tanto.

— Também sei cozinhar.

Cassiopeia soltou uma gargalhada.

— Não me engana. Encontrar o Grande Legado também seria importante para si.

— Digamos que seria uma descoberta fora do vulgar.

— Pronto, está bem, não insisto mais. Mas se o encontrarmos sempre quero ver a sua reação.

— Está assim tão confiante no nosso sucesso?

Cassiopeia estendeu os braços em direção ao contorno distante dos Pirenéus.

— Está algures por aí, disso não tenho dúvida. Saunière encontou-o, nós também conseguiremos.

..*

Stephanie voltou a considerar o que Thorvaldsen dissera sobre o Novo Testamento e repetiu:

— A Bíblia não é um documento literal.

Henrik abanou a cabeça.

— Muitos cristãos não aceitariam esse argumento. Para eles a Bíblia é a Palavra de Deus.

Stephanie encarou o filho.

— O teu pai acreditava que a Bíblia não era a Palavra de Deus?

— Falámos sobre esse assunto muitas vezes. Eu, ao início, acreditava e argumentava com ele, mas depois acabei por concordar com o pai. É um livro de histórias. Histórias gloriosas destinadas a ensinar o bem. Há até uma certa grandeza nelas, se pusermos em prática a moral que elas encerram. Não creio que seja necessariamente a Palavra de Deus. Para mim, basta que as suas palavras sejam verdadeiras e intemporais.

— Elevar Cristo a um estatuto de divindade foi uma maneira de aumentar a

importância da mensagem — explicou Thorvaldsen:

— Quando a religião organizada se estabeleceu no século III e IV, acrescentou-se tanta coisa à história que é impossível saber qual o seu âmago. Lars queria mudar tudo isso. O seu desejo era descobrir o que os templários em tempos haviam possuído. Quando há anos tomou conhecimento da existência de Rennes-le-Château, convenceu-se de imediato de que Saunière descobrira o Grande Legado e dedicou a sua vida à resolução desse mistério. Stephanie ainda não estava convencida.

— Mas como podem vocês ter a certeza que eles esconderam alguma coisa? Não foram todos aprisionados de surpresa? Como poderiam ter tido tempo de esconder fosse o que fosse?

— Estavam preparados — disse Mark. — As Crónicas deixam isso bem claro. Aquilo que Filipe IV tentou não foi novidade. Cem anos antes ocorrera um incidente com Frederico II, imperador da Alemanha e rei da Sicília. Em 1228, chegou à Terra Santa como excomungado, o que significava que não podia liderar uma cruzada. Os templários e os hospitalários permaneceram fiéis aos papas e recusaram-se a segui-lo. Apenas os seus cavaleiros teutónicos alemães o acompanharam. Acabou por negociar um tratado de paz com os sarracenos, que criava uma Jerusalém dividida. Com esse tratado, o quartel-general dos templários passaria a pertencer aos muçulmanos. Podem imaginar o que os irmãos pensavam do rei. Frederico II era tão amoral quanto Nero, e universalmente odiado. Chegou mesmo a tentar raptar o mestre da Ordem. Em 1229, deixou por fim a Terra Santa, e quando se dirigia para o porto de Acre os locais atiraram-lhe com excrementos. O rei odiava os templários pela sua deslealdade e assim que chegou à Sicília confiscou as suas propriedades e mandou prender os irmãos. Tudo isto está registado nas Crónicas.

— Isso significa que a Ordem estava preparada? — perguntou Thorvaldsen.

— A Ordem já testemunhara em primeira mão o que um rei descontente lhes poderia fazer. Filipe IV não se distinguiu muito. Enquanto jovem tentara juntar-se aos templários, mas fora recusado, e desenvolveu um ressentimento profundo contra a irmandade. No início do seu reinado, os templários chegaram até a salvar Filipe, quando este tentou desvalorizar a moeda francesa e o povo se revoltou, dando-lhe refúgio no Templo de Paris. Depois disso, sentiu-se em dívida para com os templários e como sabemos os monarcas não gostam de ficar em dívida para com ninguém. Por isso em Outubro de 1307, a Ordem estava preparada. Infelizmente, nada ficou registado que nos diga que medidas foram tomadas. — Mark fitou Stephanie. — O pai deu a vida para tentar resolver este

mistério.

— Ele adorava pesquisar, não era? — perguntou Thorvaldsen. Em vez de responder ao dinamarquês, Mark continuou a fitar a mãe.

— Era uma das poucas coisas que o deixava verdadeiramente feliz. Ansiava por agradar à mulher e a si mesmo, mas falhou em ambos os casos. Por isso, decidiu deixar-nos.

— Nunca quis acreditar que ele se tinha suicidado — disse Stephanie ao filho.

— Mas nunca saberemos isso, pois não?

— Talvez possam vir a saber — afirmou Geoffrey. Pela primeira vez desde que a conversa começara, o jovem levantou o olhar do tampo da mesa. — O mestre disse que poderão vir a descobrir a verdade sobre a sua morte.

— O que sabes sobre isto? — perguntou ela.

— Sei apenas aquilo que o mestre me disse.

— O que te contou ele sobre o meu pai?

Havia raiva no olhar de Mark e Stephanie nunca o vira explodir daquela maneira com alguém que não fosse ela.

— Isso terá de ser descoberto por si. Não sei. — A voz dele parecia estranha, vazia e conciliatória. — O mestre pediu-me que fosse tolerante com as suas reações. Deixou claro que o senescal era o meu superior e que devia sempre respeitá-lo.

— Mas pareces ser o único com respostas — argumentou Stephanie.

— Não. Sei apenas alguns pormenores. Segundo o mestre, as respostas deverão partir de vós.

QUARENTA E OITO

Malone seguiu Cassiopeia para o interior de uma sala com tecto de traves e paredes decoradas com tapeçarias. Uma lareira de mármore negro dominava a sala oblonga, iluminada por um candelabro impressionante. Os outros juntaram-se a eles vindos da sala de jantar e Malone reparou nas expressões sérias nos rostos de todos. Junto às janelas, encontrava-se uma mesa de mogno sobre a qual estavam espalhados livros, papéis e fotografias.

— Vamos lá ver se conseguimos chegar a algumas conclusões — disse Cassiopeia. — Sobre aquela mesa encontra-se tudo o que tenho sobre este assunto.

Malone contou aos outros a verdade sobre o diário de Lars e como alguma da informação nele contida era falsa.

— Isso inclui o que ele escreveu a meu respeito? — perguntou Stephanie. — Este jovem aqui — disse, e apontou para Geoffrey — enviou-me páginas que o mestre dele tinha arrancado ao diário, páginas essas que falavam de mim.

— Só a senhora pode saber se o que ele escreveu era verdade ou parte da diversão — esclareceu Cassiopeia.

— Ela tem razão — avançou Thorvaldsen. — Grande parte do diário não passa de uma farsa. Lars criou-o como isco para os templários.

— Outro detalhe que resolveu omitir em Copenhaga — protestou Stephanie.

Thorvaldsen não se deixou atingir pelo comentário.

— O importante era que De Roquefort pensasse que o diário era genuíno.

Stephanie endireitou-se na cadeira.

— Seu filho da mãe, podíamos ter morrido a tentar recuperá-lo.

— Mas não morreram. Cassiopeia esteve sempre de olho em vocês.

— E isso justifica o que fez?

— Nunca ocultou informações a algum dos seus agentes?

Ela não respondeu.

— Henrik tem razão — disse Malone. Stephanie olhou-o indignada.

— Quantas vezes me contou apenas parte da história? — perguntou Malone. — Quantas vezes me queixei mais tarde que essa atitude poderia ter-me custado a vida? E o que respondia sempre? “Habitue-se.” O mesmo se aplica aqui, Stephanie. Também não me agrada, mas acabei por me habituar.

— E se parássemos de discutir e tentássemos chegar a um consenso sobre as

descobertas de Saunière? — pediu Cassiopeia.

— E por onde sugere que comecemos? — questionou Mark.

— Diria que a lápide de Marie d'Hautpoul de Blanchefort seria um bom começo, uma vez que possuímos o livro de Stüblein que Henrik comprou no leilão. — Apontou para a mesa. — Está aberto no desenho.

Todos se aproximaram e observaram o esboço.

— Claridon explicou tudo isto em Avinhão — declarou Malone, e falou-lhes da data da morte errada, 1681 em vez de 1781, do numeral romano, MDCOLXXXI, que continha o zero, e do restante conjunto de números romanos, LIXLIXL, marcados na parte inferior da pedra.

Mark agarrou num lápis que se encontrava sobre a mesa e escreveu 1681 e 59, 59, 50 num bloco de folhas em branco.

— É a conversão daqueles números. Estou a ignorar o zero em 1681. Claridon tem razão, não existe o zero na numeração romana.

Malone apontou para as letras gregas escritas na pedra da esquerda.

— O francês explicou que se tratava de palavras latinas escritas no alfabeto grego. Converteu as letras e o resultado foi *Et in arcadia ego* "E em Arcádia eu." Pensou que se trataria de um anagrama, uma vez que a frase não faz qualquer sentido.

Mark estudou as palavras atentamente e depois pediu a mochila a Geoffrey. Desta retirou uma toalha muito bem dobrada. Abriu-a e no seu interior encontrava-se um pequeno códice. As suas folhas tinham sido dobradas, depois cosidas e por fim encadernadas.

Vellum se Malone não estava enganado. Nunca vira um no qual pudesse tocar.

— Este livro pertence aos arquivos da Ordem. Descobri-o há alguns anos, assim que me tornei senescal. Foi escrito em 1542 por um dos escribas da abadia e relata a forma como os templários se reagruparam após a perseguição. Também abrange os meses entre Dezembro de 1306 e Maio de 1307, uma altura em que Jacques de Molay se encontrava em França e pouco se sabe sobre as suas movimentações.

Mark abriu cuidadosamente o volume e folheou as páginas até encontrar o que procurava. Malone viu o texto latino, as letras desenhadas a pena e tinta.

— Oiçam isto.

O nosso mestre, o venerado e devoto Jacques de Molay recebeu o enviado do papa no dia 6 de Junho de 1306 com a pompa e circunstância reservada apenas aos altos dignitários. A mensagem dizia que Sua Santidade, o papa Clemente V, requeria a presença do mestre De Molay em França. O nosso

mestre respondeu que obedeceria ao chamado, mas antes de deixar a ilha de Chipre, onde a Ordem estabelecera o seu quartel-general, o nosso mestre foi informado de que o líder dos Hospitalários também fora convocado, mas que recusara apresentar-se junto do papa, argumentando que deveria permanecer junto da sua Ordem em tempo de conflitos. Isto despertou alguma desconfiança no nosso mestre, que decidiu aconselhar-se junto dos seus oficiais. Sua Santidade também lhe havia pedido que viajasse incógnito e com uma guarda reduzida. Este pedido originou ainda mais suspeitas, pois não competia a Sua Santidade ditar a forma como o nosso mestre atravessava as suas terras. Foi também entregue ao nosso mestre um estranho documento, intitulado De Recuperatione Terrae Sanctae, sobre a recuperação da Terra Santa. O manuscrito era da autoria de um dos advogados de Filipe IV e nele se planeava uma nova e grande cruzada liderada por um Rei Guerreiro e com o objetivo de recuperar a Terra Santa aos infiéis. Esta proposta era uma afronta direta aos planos da nossa Ordem, e fez com que o nosso mestre questionasse os motivos da sua ida à corte. O nosso mestre deixou bem claro que desconfiava do monarca francês, mas que seria impróprio e insensato dar voz a tais desconfianças para lá das muralhas do nosso Templo. Sendo um homem cuidadoso, e recordando-se da traição de Frederico II, o nosso mestre fez planos para que a nossa sabedoria e riqueza não se perdessem. Rezou para que estivesse errado, mas não via razão para partir sem estar preparado para o pior. O irmão Gilbert de Blanchefort foi chamado e sobre ele recaiu a tarefa de levar o tesouro do Templo. O nosso mestre disse depois a Blanchefort: "A liderança da Ordem pode estar em risco. Assim, nenhum de nós deverá saber o que tu sabes e deves assegurar-te de que aquilo que sabes é passado a outros de forma correta." O irmão De Blanchefort, sendo um homem culto, partiu para cumprir a sua missão e em segredo escondeu tudo o que a Ordem possuía. Pediu ajuda a quatro irmãos e escolheram quatro palavras como sinal ET IN ARCADIA EGO. No entanto, as letras são uma mistura da verdadeira mensagem. Quando colocadas pela ordem correta revelam o significado da sua missão, i TEGO ARCANA DEI.

— "Eu oculto os segredos de Deus" — revelou Mark, traduzindo a última linha. — Os anagramas também eram bastante comuns no século XIV.

— Então De Molay estava preparado? — perguntou Malone.

— Claro. O mestre veio para França com sessenta cavaleiros, cento e cinquenta mil florins de ouro e doze cavalos de carga carregados de prata. Sabia que ia haver sarilhos e aquele dinheiro seria utilizado para comprar a sua

imunidade. No entanto, há algo nesta traição que é muito pouco conhecido. O comandante do contingente dos templários no Languedoc era Seigneur de Goth. O papa Clemente V, o homem que requerera a presença de Molay, chamava-se Bertrand de Goth. A mãe do papa era Ida de Blanchefort, parente de Gilbert de Blanchefort. Como podem ver, De Molay possuía boas informações.

— Isso ajuda sempre — afirmou Malone.

— De Molay também sabia algo relativo a Clemente V. Antes da sua eleição como papa, Clemente encontrou-se com Filipe IV. O rei tinha o poder de entregar o papado a quem bem entendesse e, antes de o dar a Clemente, impôs seis condições. A maior parte estava relacionada com o poder de fazer quase tudo, mas a sexta dizia respeito aos templários. Filipe queria ver a Ordem desfeita e Clemente concordou.

— Muito interessante — disse Stephanie. — Porém, o que me parece mais importante neste momento é o que o abade Bigou sabia. Foi ele quem encomendou a campa de Marie. Saberia ele da ligação entre o segredo da família De Blanchefort e os templários?

— Sem dúvida — declarou Thorvaldsen. — Foi a própria Marie d'Hautpoul de Blanchefort que confidenciou o segredo da família a Bigou. O marido era descendente direto de Gilbert de Blanchefort. Assim que a Ordem foi aprisionada e os irmãos começaram a arder nas fogueiras, Gilbert não iria revelar a ninguém a localização do Grande Legado. Desse modo, o segredo da família tem de estar relacionado com os templários. Que mais poderia ser?

Mark acenou com a cabeça em sinal de concordância.

— As Crónicas falam de carroças cobertas por palha que atravessaram os campos de França em direção a sul, aos Pirenéus, escoltadas por homens armados, disfarçados de camponeses. Todas, com exceção de três, fizeram a viagem em segurança. Infelizmente não há qualquer referência ao destino. Existe apenas uma pista nas Crónicas. “Qual é o melhor lugar para esconder uma pedra?”

— No meio de um monte de pedras — respondeu Malone.

— O mestre disse o mesmo — revelou Mark. — Para a mente do século XIV, os locais mais óbvios eram os mais seguros.

Malone voltou a observar o desenho da lápide.

— Então Bigou mandou gravar esta pedra que, em código, diz que ele esconde os segredos de Deus, e deu-se ao trabalho de a colocar num local público. Para quê? Falta-nos aqui qualquer coisa.

Mark voltou a pegar na mochila e retirou outro livro do interior.

— Este é um relato escrito pelo marechal da Ordem em 1897. O irmão andava a investigar Saunière e descobriu outro padre, o abade Gélis, numa aldeia próxima, que também encontrara um criptograma na sua igreja.

— Tal como Saunière — disse Stephanie.

— Exatamente. Gélis tinha decifrado o criptograma e queria informar o bispo. O marechal fez-se passar por representante do bispo e copiou o quebra-cabeças. No entanto, não apontou a solução.

Mark mostrou-lhes o criptograma, e Malone estudou os símbolos e as letras.

— É preciso uma chave numérica para decifrar isto, não é?

— Sim. É impossível descobrir a solução sem a chave. Existem milhares de combinações possíveis.

— Existia um quebra-cabeças destes no diário do teu pai — disse Malone.

— Eu sei. O meu pai encontrou-o no manuscrito de Noël Corbu.

— Claridon falou-nos disso.

— O que significa que por esta altura De Roquefort também já o tem — lamentou Stephanie. — Mas fará parte da ficção do diário de Lars?

— Tudo em que Corbu tenha tocado tem de ser considerado suspeito — esclareceu o dinamarquês. — Ele romantizou toda a história de Saunière para promover o seu maldito hotel.

— Mas escreveu o manuscrito — contrapôs Mark. — O meu pai sempre acreditou que era verdadeiro. Corbu foi amigo da amante de Saunière até esta morrer, em 1953. Muitos acreditavam que ela lhe revelou algumas coisas, razão pela qual Corbu nunca publicou o manuscrito. Entrava em contradição com a sua versão ficcionada da história.

— Mas de certeza que o criptograma no diário é falso — disse Thorvaldsen. — Isso seria precisamente o que De Roquefort mais desejaria do diário.

— Só podemos esperar que seja — retorquiu Malone enquanto observava o quadro A Ler as Regras de Caridad que estava sobre a mesa. Levantou a pequena reprodução e estudou as letras escritas sob o rapaz vestido com hábito de monge.

ACABOCE A°

DE 1681

Algo estava errado e não tardou a recordar-se que a data na litografia de Avinhão era 1687.

Contou aos outros do que acabara de se lembrar.

— Passei esta manhã a tentar saber tudo o que podia sobre o quadro — disse Cassiopeia. — Foi destruído por um incêndio nos finais dos anos cinquenta, mas antes disso a tela tinha sido limpa e preparada para exposição. Durante o

processo de restauro descobriu-se que 1687 era na verdade 1681. É claro que a litografia guardada no Palácio dos Papas foi feita numa altura em que a data não parecia essa.

Stephanie abanou a cabeça.

— Isto é um quebra-cabeças sem solução. Tudo muda a cada instante.

— Estão a fazer precisamente aquilo que o mestre desejava

— revelou Geoffrey. Todos olharam para ele. — O mestre disse que assim que se juntassem, tudo seria revelado.

Agora Malone estava confuso.

— Mas o vosso mestre também nos alertou contra o Engenheiro.

Geoffrey apontou para Cassiopeia.

— Talvez devam ter cuidado com ela.

— Que significa isso? — perguntou o dinamarquês.

— A raça dela lutou contra os templários durante dois séculos.

— Na verdade, os muçulmanos derrotaram os irmãos e correram com eles da Terra Santa — aventou Cassiopeia. — E os muçulmanos espanhóis também não lhes facilitaram a vida aqui no Languedoc quando os templários tentaram expandir os seus domínios para lá dos Pirenéus. Por isso, o vosso mestre tinha razão. Cuidado com o engenheiro.

— O que faria se encontrasse o Grande Legado? — perguntou-lhe Geoffrey.

— Depende do que encontrarmos.

— O que importa o conteúdo? Seja o que for, o Legado não lhe pertence.

— É muito ousado para um simples irmão da Ordem.

— Há aqui demasiadas coisas em jogo. A sua ambição em provar que o cristianismo é uma mentira é a menor delas.

— Não me recordo de ter dito que essa era a minha ambição.

— O mestre sabia.

— O vosso mestre nada sabia das minhas motivações — respondeu ela de olhos fixos em Geoffrey e num tom de voz severo.

— E ao mantê-las em segredo mais não faz do que confirmar as suspeitas dele — argumentou o irmão.

Cassiopeia voltou-se para Thorvaldsen.

— Este jovem pode vir a ser um problema.

— Foi enviado pelo mestre — explicou Henrik. — Não devemos questionar a sua presença.

— Vai dar problemas — declarou ela.

— Até pode ser que sim — disse Mark —, mas Geoffrey faz parte do grupo,

por isso habitue-se.

Manteve-se calma e perguntou:

— Confia nele?

— Isso não interessa — respondeu Mark. — O mestre confiava nele e isso é que importa, mesmo que o irmão, às vezes, possa ser irritante.

Cassiopeia não insistiu, mas a expressão dela não era de aprovação e Malone até a compreendia.

Voltou a sua atenção para a mesa e observou as imagens a cores da Igreja de Maria Madalena. Reparou no jardim com a estátua da Virgem e as palavras MISSION 1891 e PENITENCE PENITENCE: gravadas no pilar virado ao contrário. Viu uma a uma as fotos das estações da via-sacra, e parou por momentos na estação 10, na qual um soldado romano joga aos dados pelas vestes de Cristo, os números três, quatro e cinco visíveis na face dos dados. Depois parou na estação 14, que mostrava o corpo de Jesus a ser transportado a coberto da noite por dois homens.

Recordou-se do que Mark dissera na igreja e não pôde deixar de se interrogar. Estariam a entrar ou a sair do sepulcro?

Abanou a cabeça.

O que se estaria a passar ali?

QUARENTA E NOVE

17 H 30 M

De Roquefort encontrou o sítio arqueológico de Givors, bem assinalado no mapa da Michelin, e aproximou-se com alguma cautela. Não queria que soubessem da sua presença. Ainda que Malone e o seu grupo não se encontrassem ali, Cassiopeia Vitt conhecia-o. Assim, ao chegar, pediu ao motorista que prosseguisse devagar pela clareira que servia de parque de estacionamento até encontrarem um Peugeot da mesma cor e modelo e com o autocolante da empresa de aluguer colado no para-brisas.

— Estão aqui — afirmou. — Estaciona. O motorista obedeceu à ordem.

— Vou dar uma vista de olhos — disse aos outros dois irmãos e a Claridon. — Esperem aqui, mas não deixem que vos vejam.

Saiu do carro. O sol do final de tarde pintava as muralhas de vermelho. Respirou o ar frio e puro que lhe fez recordar a abadia. Tinham seguramente subido em altitude.

Olhou em redor e não tardou a ver o caminho ladeado de árvores. No entanto, decidiu que o melhor seria manter-se fora de qualquer caminho definido, e optou por fazer o percurso por entre as árvores. Todo o cenário circundante fora em tempos dominado pelos templários. Uma das maiores e mais importantes oficinas havia coroado uma colina ali próxima. Era um dos vários locais onde os irmãos laboravam noite e dia para fazerem o armamento da Ordem. Sabia que tinham dedicado muito trabalho à técnica de compactar madeira, couro e metal, que depois transformavam em escudos quase inquebráveis. Contudo, a espada tinha sido sempre o melhor amigo do cavaleiro templário. Os barões chegavam a gostar mais das suas espadas do que das mulheres e os irmãos alimentavam uma paixão semelhante, encorajada pela Regra. Porém, as espadas dos templários em nada se assemelhavam às dos barões. Os punhos não eram decorados com ouro ou com fileiras de pérolas. Os botões das extremidades dos punhos não continham relíquias. Os cavaleiros templários não precisavam desse tipo de talismãs, pois a sua força provinha da fé em Deus e da obediência à Regra. O seu companheiro era o cavalo, de preferência rápido e inteligente. Cada cavaleiro possuía três animais, que eram alimentados, penteados e treinados todos os dias, e que retribuíam esse afeto com uma lealdade sem precedentes. Lera certa vez a história de um irmão que ao regressar a casa vindo de uma cruzada fora mais

depressa reconhecido pelo seu fiel garanhão do que abraçado pelo pai. E eram sempre garanhões. Cavalgar uma égua era impensável. O que dissera uma vez um cavaleiro? “A mulher para a mulher.”

Continuou a andar. O odor da terra e dos arbustos despertava-lhe a imaginação e quase que conseguia ouvir os cascos pesados a esmagarem as briófitas e as flores. Tentou ouvir outros barulhos, mas os grilos e os gafanhotos interferiam. Estava atento a qualquer tipo de vigilância eletrônica, mas ainda não detectara nada. Avançou por entre os altos pinheiros. Afastou-se cada vez mais do caminho de gravilha e embrenhou-se na floresta a cada passo. O suor começava a escorrer-lhe pelo rosto.

Monges guerreiros. Era nisso que os irmãos se haviam transformado e ele gostava daquele termo.

São Bernardo de Claraval justificara a existência dos templários ao glorificar a morte dos não-cristãos. “Ao causar a morte ou morrerem, quando em nome de Cristo, nada praticam de criminoso, sendo antes merecedores de gloriosa recompensa. O Soldado de Cristo mata com segurança e morre com uma segurança ainda maior. Não é sem razão que ele empunha a espada. É um instrumento de Deus para o castigo dos malfeitores e defesa dos justos. Na verdade, quando mata um malfeitor isso não é homicídio e ele é considerado o carrasco legítimo de Cristo.”

Conhecia bem aquelas palavras. Eram ensinadas a cada noviço. Repetira-as silenciosamente quando vira morrer Lars Nelle, Ernst Scoville e Peter Hansen. Eram todos hereges. Homens que ameaçavam a Ordem. Malfeitores. Agora havia mais uns quantos nomes a acrescentar a essa lista. Os dos homens e mulheres que ocupavam a casa senhorial que começava agora a surgir por entre as árvores, abrigada por entre escarpas rochosas.

Na pesquisa que fizera antes de sair da abadia ficara a saber que a casa fora em tempos uma residência real, uma das muitas casas de Catarina de Médicis, e que escapara à Revolução graças ao seu isolamento. Cassiopeia Vitt era obviamente uma mulher abastada. Casas como aquela exigiam grandes somas de dinheiro, tanto na sua compra como na sua manutenção, e De Roquefort duvidava que ela organizasse visitas para ajudar a pagar as despesas. Não, aquela era a residência privada de uma alma isolada que já por três vezes se intrometera nos seus assuntos. Uma alma da qual tinha de tratar. No entanto, também precisava dos dois livros que Mark Nelle roubara dos arquivos da Ordem. Por isso, qualquer atitude mais drástica estava fora de questão.

A noite aproximava-se e as sombras começavam a tapar a casa. A mente

fervilhava-lhe de ideias.

Precisava de ter a certeza que estavam todos lá dentro. O local onde se encontrava era demasiado próximo da casa, mas avistou um aglomerado de faias a duzentos metros e que seriam um ponto de observação perfeito, permitindo-lhe ver a entrada principal.

Tinha de partir do pressuposto de que estariam à sua espera. Depois do que acontecera em casa de Lars Nelle, por certo já teriam percebido que Claridon estava a trabalhar para ele. Contudo, talvez não o esperassem tão cedo. Era ótimo. Precisava de regressar à abadia. Os seus oficiais esperavam-no para o conselho.

Decidiu deixar ali os dois irmãos de guarda. Seria o suficiente por agora.

Mas não tardaria a regressar.

CINQUENTA

20 H 00

Stephanie não se recordava da última vez em que ela e Mark se tinham sentado para conversar. Talvez isso não acontecesse desde a adolescência do filho. Era esse o tamanho do fosso que existia entre eles.

Agora tinham-se retirado para uma sala no andar superior de uma das torres. Antes de se sentar, Mark abriu quatro janelas pequenas, e deixou entrar a brisa fresca do fim da tarde.

— Podes não acreditar, mas todos os dias penso em ti e no teu pai. Sempre o amei. Contudo, quando descobriu a história de Rennes, ficou completamente obcecado e nessa altura isso custou-me muito.

— Entendo isso, mãe, a sério. O que não percebo é por que razão o fez escolher entre si e aquilo que ele considerava importante.

A rispidez dele fê-la estremecer e teve de se controlar para manter a calma.

— No dia do funeral entendi o quanto errara, mas já não o podia trazer de volta.

— Odiei-a nesse dia.

— Eu sei.

— E mesmo assim fugiu para casa e deixou-me em França.

— Pensei que era isso que desejavas.

— E era, mas tive muito tempo para refletir nos últimos cinco anos. O mestre defendeu-te, embora só agora comece a entender muitos dos seus comentários. No Evangelho de Tomé, Jesus diz:

“Quem não odiar seu pai e sua mãe não pode ser meu discípulo.” Depois diz: “Quem não amar seu pai e sua mãe como eu não pode ser meu discípulo.” Começo a perceber essas declarações contraditórias. Odiava-te, mãe.

— E agora, amas-me?

Mark não respondeu e o seu silêncio foi como uma pedrada no coração. Por fim disse:

— É minha mãe.

— Isso não é resposta.

— É a única que terá.

O rosto dele, tão parecido com o de Lars, era uma mistura de emoções antagónicas. Resolveu não o pressionar mais. O momento de exigir alguma coisa

há já muito que passara.

— Ainda trabalha para o Magellan Billet? — perguntou ele. Stephanie apreciou a mudança de assunto.

— Acho que sim, tendo em consideração que devo ter abusado da sorte nestes últimos dias. Cotton e eu não temos passado despercebidos.

— Ele parece ser um bom homem.

— Sem dúvida. Não o queria envolver em nada disto, mas ele insistiu. Trabalhou para mim durante muito tempo.

— É bom ter amigos assim.

— Tu também tens um.

— Geoffrey? É mais um oráculo do que um amigo. O mestre juntou-o a mim, mas não sei porquê.

— Ele seria capaz de te defender com a própria vida. Isso é óbvio.

— Não estou habituado a que as pessoas deem a vida por mim.

Stephanie recordou-se daquilo que o mestre escrevera na carta, sobre Mark não possuir a determinação necessária para terminar as suas batalhas. Contou-lhe exatamente o que vinha na carta e ele ouviu em silêncio.

— O que terias feito se tivesses sido eleito mestre? — perguntou ela.

— Uma parte de mim ficou feliz por ter perdido.

Ficou boquiaberta.

— Porquê?

— Sou um professor universitário, não um líder.

— És um homem no meio de um conflito importante. Um conflito que outros esperam ver resolvido.

— O mestre tinha razão a meu respeito.

Stephanie fitou-o com desânimo.

— O teu pai teria ficado envergonhado se te ouvisse dizer isso.

Ficou à espera da explosão de raiva do filho, mas Mark limitou-se a permanecer sentado em silêncio enquanto lá fora os insetos enchiam a noite de sons.

— Devo ter morto um homem hoje — revelou Mark num murmúrio. — O que diria o pai disso?

Já estava à espera que ele mencionasse esse facto. Desde que tinham saído de Rennes que não contara um único pormenor sobre o que se tinha passado.

— Cotton disse-me. Não tiveste escolha. Deste-lhe a oportunidade de se afastar, mas ele optou por te desafiar.

— Vi o corpo rebolar pela colina. Que estranhas as coisas que sentimos

quando sabemos que tirámos a vida a alguém.

Stephanie esperou que ele explicasse.

— Estava satisfeito por ter puxado o gatilho, pois isso significava que tinha sobrevivido. Mas outra parte de mim sentia-se em agonia, porque o mesmo não acontecera ao outro homem.

— A vida é uma sucessão de escolhas. Ele escolheu mal.

— Fazes isso com alguma frequência, não é? Esse tipo de decisões?

— Acontecem todos os dias.

— O meu coração não é suficientemente frio para isso.

— E o meu é? — perguntou Stephanie, ofendida com a insinuação.

— Diga-me a mãe.

— Cumpro as minhas obrigações, Mark. Foi aquele homem que escolheu o seu próprio destino, não tu.

— Não. Foi De Roquefort que escolheu. Foi ele quem o enviou para aquele precipício, sabendo que haveríamos de nos defrontar. A escolha foi dele.

— É esse o problema da tua Ordem, Mark. A lealdade inquestionável não é uma coisa boa. Não houve país, exército ou líder que tivesse sobrevivido depois de insistir numa tolice dessas. Os meus agentes fazem as suas próprias escolhas.

Durante alguns instantes fez-se silêncio.

— Tem razão — murmurou ele, por fim. — O pai teria vergonha de mim.

Decidiu arriscar.

— Mark, o teu pai já morreu há muito tempo. Durante cinco anos pensei que também tu tivesses morrido, mas estás aqui, agora. Achas que podes perdoar-me?

Ele levantou-se da cadeira e respondeu:

— Não, mãe, não posso.

E saiu.

..*

Malone sentou-se no exterior à sombra de uma pérgula coberta de folhas verdes. Apenas os insetos perturbavam a sua tranquilidade enquanto observava os morcegos a esvoaçarem no céu. Há pouco Stephanie chamara-o à parte e contara-lhe que o telefonema que fizera para Atlanta a pedir informações sobre a sua anfitriã revelara que o nome de Cassiopeia Vitt não constava de nenhuma das bases de dados de terroristas que o governo americano mantinha. O historial dela era irrepreensível, embora o facto de ser meio muçulmana levantasse sempre algumas suspeitas. Era dona de uma empresa multicontinental com sede em Paris e negócios nos mais variados ramos. A empresa fora fundada pelo pai e

ela herdara a presidência, embora pouco ou nada se envolvesse nos negócios. Era também presidente de uma fundação dinamarquesa que trabalhava em parceria com as Nações Unidas na ajuda às vítimas da fome e da SIDA, especialmente em África. Não havia nenhum governo que a considerasse uma ameaça.

Apesar disso, Malone não tinha tanta certeza. Surgiam novas ameaças todos os dias, a maior parte das vezes de lugares de onde menos se esperava.

— Tão absorto.

Ergueu a cabeça e viu Cassiopeia junto à pérgula. Vestia um fato de montar preto que lhe salientava as formas.

— Estava a pensar em si.

— Sinto-me lisonjeada.

— Não é caso para tanto. — Apontou para a roupa dela. — Estava a perguntar-me onde se teria metido.

— Tento dar uma volta a cavalo todas as noites. Ajuda-me a pensar.

Sentou-se a seu lado.

— Mandei construir esta pérgula há muitos anos, em homenagem à minha mãe. Ela adorava o ar livre. — Malone pressentiu que havia um motivo por trás daquela visita. — Notei há pouco que parece ter dúvidas relativamente a tudo isto. Não quer desafiar a sua Bíblia cristã?

Não lhe apetecia falar sobre aquilo, mas ela parecia determinada.

— Nada disso. É por a Cassiopeia optar por desafiar a Bíblia. Parece que toda a gente nesta demanda tem interesses pessoais a defender. Você, De Roquefort, Mark, Saunière, Lars, Stephanie e até Geoffrey, que é, no mínimo, um pouco diferente de todos.

— Deixe-me contar-lhe umas quantas coisas e entenderá que isto para mim nada tem de pessoal.

Duvidava muito, mas apesar de tudo queria ouvir o que ela tinha para dizer.

— Sabia que ao longo de toda a história apenas se encontrou um esqueleto crucificado na Terra Santa? — Malone não fazia ideia. — A crucificação não era praticada pelos judeus. Apedrejavam, queimavam, decapitavam ou estrangulavam como pena capital. A lei moisaica só permitia que um criminoso que já tivesse sido executado fosse pendurado na cruz como castigo adicional.

— “Pois o enforcado é uma maldição de Deus” — disse ele, citando o Deuteronómio.

— Conhece o Antigo Testamento.

— Temos alguma cultura na Geórgia.

Cassiopeia sorriu.

— No entanto, a crucificação era uma forma de execução comum para os romanos. Quintílio Varo, no ano 4 a.C., crucificou mais de duas mil pessoas. Em 66 d. C., o governador romano da Judeia, Gessius Florus, matou perto de quatro mil condenados. Tito, em 70 d.C., executava quinhentas pessoas por dia. Porém, só se encontrou um esqueleto crucificado. A descoberta ocorreu em 1968, a norte de Jerusalém. Os ossos datavam do século I e isso alvoroçou muita gente. Contudo, não era Jesus. O morto chamava-se Yehochanan, tinha cerca de um metro e oitenta de altura, e entre vinte e quatro e vinte e oito anos. Sabemos isso porque havia informação escrita no seu ossário. Também fora atado à cruz, não pregado, e nenhuma das pernas estava partida. Compreende a importância desse pormenor?

Compreendia.

— A morte na cruz ocorria por sufocação. A cabeça acabava por cair para a frente, cortando o acesso do oxigénio pela traqueia.

— A crucificação era uma humilhação pública. A ideia não era matar as vítimas depressa. Assim, para atrasar ainda mais esse processo era colocado um pedaço de madeira por trás das costas, onde o condenado se podia sentar, ou ao fundo dos pés, para se erguer. Assim, as vítimas podiam segurar-se e respirar. Ao fim de alguns dias, se a vítima não tivesse ainda esgotado as forças, os soldados partiam-lhe as pernas. Desse modo, já não podia suportar o peso do corpo e acabava por morrer passado pouco tempo.

Malone recordou-se dos Evangelhos.

— Um crucificado não podia desonrar o sábado. Os judeus queriam que os corpos de Jesus e dos dois criminosos que tinham sido crucificados com ele fossem retirados da cruz até ao anoitecer. Por isso, Pilatos ordenou que as pernas dos condenados fossem partidas.

Ela acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— “Mas, ao chegarem a Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas.” É do Evangelho de São João. Alguma vez se interrogou por que motivo Jesus morreu tão depressa? Só estava pendurado há algumas horas e a morte costumava levar dias. E por que não lhe terão os soldados romanos partido as pernas para se assegurarem de que morria? Em vez disso, São João diz que Lhe abriram o peito com uma lança e da ferida brotou sangue e água. Contudo, São Mateus, São Marcos e São Lucas não fazem qualquer referência a este acontecimento.

— Onde pretende chegar?

— Das dezenas de milhares de crucificados apenas se encontrou um esqueleto e a razão é simples. No tempo de Jesus, os funerais eram considerados uma honra. Ninguém ficava chocado por os corpos serem deixados para os animais. Cada um dos castigos capitais impostos por Roma, ser queimado vivo, deitado às feras ou a crucificação, tinha um aspecto em comum: não havia corpo para sepultar. As vítimas de crucificação eram deixadas penduradas até os pássaros limparem os ossos e o que sobrava era depois atirado para uma vala comum. No entanto, os quatro Evangelhos dizem que Jesus morreu à nona hora, três da tarde, e depois foi retirado da cruz e sepultado.

Malone começava a perceber.

— Os romanos não teriam feito isso.

— É aqui que a história se complica. Jesus foi condenado à morte ao faltarem apenas algumas horas para sábado. Apesar disso, o método escolhido é a crucificação, a forma mais lenta de matar uma pessoa. Como poderia alguém pensar que ele estaria morto antes do anoitecer? O Evangelho Segundo São Marcos chega a dizer que Pilatos ficou admirado com uma morte tão rápida e perguntou a um centurião se tudo estava em ordem.

— Mas Jesus não foi chicoteado antes de O pregarem à cruz?

— Jesus era um homem forte no apogeu da vida e estava habituado a percorrer grandes distâncias a pé sob um calor abrasador.

Sim, é verdade, ele foi flagelado. De acordo com a lei, devia receber trinta e nove chicotadas. Mas nenhum dos Evangelhos nos diz quantas foram administradas. Aparentemente, após tais tormentos teve ainda força suficiente para se dirigir aos Seus acusadores com determinação. Existem poucas provas de algum estado de fraqueza. Contudo, Jesus morre em apenas três horas, sem Lhe quebrarem as pernas, e com o peito aberto por uma lança.

— A profecia referida no Êxodo. São João faz-lhe referência no seu Evangelho. Afirma que tudo aquilo aconteceu para se cumprir a Escritura.

— O Êxodo fala das restrições da Páscoa e que nenhuma carne podia ser levada para fora de casa. Tinha de ser comida debaixo de tecto “sem se quebrar nenhum osso”. Isto nada tinha a ver com Jesus. A referência que São João faz ao Êxodo é uma débil tentativa de dar continuidade ao Antigo Testamento. Claro que, como já disse, os outros quatro Evangelhos nem sequer mencionam a lança.

— Presumo que com tudo isto pretenda dizer que os Evangelhos estão errados.

— Nenhuma da informação neles contida faz o mínimo de sentido. Contradizem-se uns aos outros e desafiam a história, a lógica e a razão. Pedem-

nos que acreditemos que um homem crucificado morreu em três horas, sem as pernas partidas, e foi-lhe depois concedida a honra de ser sepultado. Claro que do ponto de vista religioso isto faz todo o sentido. Os primeiros teólogos pretendiam atrair seguidores e precisavam de elevar Jesus de um simples homem a Cristo, o Salvador. Os autores dos Evangelhos escreveram em grego e deviam conhecer bem a história helénica. Osíris, marido da deusa íris, morreu às mãos do mal numa sexta-feira e ressuscitou ao terceiro dia. Cristo podia perfeitamente fazer o mesmo. Claro que para Ele se erguer fisicamente dos mortos teria de existir um corpo identificável, ou seja, a Sua carne não podia ser debicada pelos pássaros e os ossos atirados para uma vala comum. Daí o sepulcro.

— Era isso que Lars Nelle pretendia provar? Que Cristo não ressuscitou dos mortos?

Cassiopeia abanou a cabeça.

— Não faço ideia. Tudo o que sei é que os templários sabiam algumas coisas suficientemente importantes para transformar um bando de nove cavaleiros obscuros numa organização internacional. Conhecimento esse que alimentou a sua expansão e que Saunière redescobriu. É esse conhecimento que eu pretendo.

— E como podem ainda existir provas de seja o que for?

— Devem existir. Viu a igreja de Saunière. Ele deixou bastantes pistas e todas apontam na mesma direção. Deve haver alguma coisa, o suficiente para manter os próprios templários à procura.

— Estamos a sonhar acordados.

— Acha mesmo?

Malone reparou que o fim da tarde se dissolvera por fim na noite, e as colinas e árvores circundantes pareciam agora uma enorme silhueta.

— Temos companhia — murmurou Cassiopeia. Esperou que ela explicasse.

— Quando fui montar, subi o promontório e avistei dois homens. Um a norte e o outro a sul. De Roquefort não tardou a encontrá-lo.

— Não pensei que o truque de mudar o GPS o atrasasse por muito tempo. Ele acabaria por perceber que eu tinha vindo para aqui e Claridon mostrar-lhe-ia o caminho. Viram-na?

— Não creio. Fui cuidadosa.

— Isto pode tornar-se perigoso.

— De Roquefort é um homem com pouco tempo e impaciente, principalmente se perceber que foi enganado.

— Refere-se ao diário?

— Sim. Claridon acabará por perceber que está cheio de imprecisões.

— Mas De Roquefort encontrou-nos. Estamos sob a sua mira.

— Deve saber muito pouco ou não se daria a tanto trabalho, utilizaria os seus próprios recursos e procurava sozinho. Não, ele precisa de nós.

As palavras dela faziam sentido, como tudo o resto que Dissera.

— Saiu a cavalo já a antecipar a presença daqueles homens não foi?

— Pressenti que estávamos a ser observados.

— É sempre assim tão desconfiada?

Ela fitou-o.

— Só quando me querem fazer mal.

— Presumo que já tenha um plano de ação.

— Claro.

CINQUENTA E UM

ABBAYE DES FONTAINES
SEGUNDA-FEIRA, 26 DE JUNHO
12 H 40 M

De Roquefort estava sentado frente ao altar na capela principal e uma vez mais exibia o hábito branco de cerimónia. Os irmãos enchiam todos os bancos, entoando palavras que remontavam ao Início. Claridon encontrava-se nos arquivos, a estudar os documentos. Dera ordens ao arquivista para que deixasse o tolo aceder a tudo o que desejasse, mas também que o vigiasse. O relatório de Givors dizia que tudo estava calmo na residência de Cassiopeia Vitt. Um dos irmãos vigiava a frente da casa e o outro as traseiras. Como pouco ou nada podia ser feito, resolveu retomar as suas funções.

Uma nova alma estava prestes a ser aceite na Ordem.

Setecentos anos antes, qualquer iniciado teria de ser um homem livre de dívidas e fisicamente apto para combater. A maioria era também celibatária, mas os homens casados eram aceites como membros honorários. Os criminosos não constituíam problema, nem tão-pouco os excomungados. A ambos era oferecida redenção. O dever de cada mestre era fazer a Ordem crescer. A Regra deixava claro: “Se qualquer cavaleiro secular, ou outro homem, desejar deixar o caminho da perdição e abandonar este século, não lhe negueis entrada.” Contudo, foram as palavras de São Paulo que acabaram por permanecer: “Aprovai o espírito se vier de Deus.” O candidato ajoelhado à sua frente representava a sua primeira tentativa de implementar esse ditame. Desgostava-o que uma cerimónia tão gloriosa tivesse de ser realizada a coberto da noite atrás de portas fechadas. Mas os novos tempos assim o ditavam. A herança dele, aquilo que gostaria de ver registado nas Crónicas após a sua morte, era o fim da clandestinidade e o regresso à ribalta.

Os cânticos terminaram.

Ergueu-se da cadeira de carvalho que desde o Início servia como trono do mestre.

— Irmão — disse ele ao candidato que se encontrava ajoelhado à sua frente com as mãos sobre a Bíblia —, o que te pedimos não é fácil. Aquilo que vês da nossa Ordem mais não é do que a fachada. Habitamos esta esplendorosa abadia, alimentamo-nos bem. Temos roupas, medicamentos, educação e consolo

espiritual. Todavia, vivemos sob regras muito duras e não é fácil ser servo de outrem. Se desejas dormir é possível que tenhas de ficar acordado e se estiveres de vigília é provável que te mandem deitar. Pode não ser teu desejo ir para onde te ordenam, mas terás de obedecer. Raramente farás alguma coisa que desejes. Saberás viver com estas dificuldades?

O rapaz, já com quase trinta anos, o cabelo muito curto e a face branca e barbeada, ergueu a cabeça e respondeu:

— Suportarei todas as dificuldades que Deus achar convenientes.

Sabia que o jovem era o candidato típico. Tinha sido descoberto há alguns anos na universidade e um dos preceptores da Ordem acompanhara o seu progresso, enquanto lhe analisava a árvore genealógica e pesquisava a sua história pessoal. Quanto menos ligações, melhor. Felizmente, o mundo estava cada vez mais repleto de almas perdidas e solitárias. Algures naquele processo, acabou por estabelecer-se contacto direto e, sendo receptivo, o iniciado foi recebendo os ensinamentos da Regra e respondendo às mesmas perguntas colocadas durante séculos a todos os candidatos. Casado? Noivo? Alguma vez fizera algum juramento ou voto numa outra ordem religiosa? Tinha dívidas que não pudesse pagar? Alguma doença que nunca tivesse revelado? Estava ligado a um homem ou uma mulher por qualquer tipo de obrigação?

— Irmão — continuou De Roquefort —, na nossa companhia não deverás procurar riquezas, nem honras, nem descanso. Ao invés disso, deverás esforçar-te para alcançar três coisas. Primeira, renunciar e rejeitar todos os pecados deste mundo. Segunda, servir Deus nosso Senhor. Terceira, ser pobre e penitente. Prometes perante Deus e a Virgem Maria obedecer ao mestre deste Templo todos os dias da tua vida? E viver em castidade e desprovido de bens pessoais? Seguir as regras desta casa e não abandonar a Ordem, seja à força ou por fraqueza, em melhores ou piores dias?

Aquelas palavras eram proferidas desde o Início e De Roquefort recordou-se de quando as escutara pela primeira vez, há trinta anos. Sentia ainda a chama que nele se acendera, um fogo que agora ardia intensamente. Ser templário era uma coisa importante, significava algo de extraordinário e estava determinado a garantir que, durante o seu mandato como mestre, cada candidato viesse a entender e a sentir essa devoção.

Fitou o candidato ajoelhado.

— O que respondes, irmão?

— De par Dieu, Por Deus, assim o farei.

— Entendes que te pode ser pedido que sacrifiques a vida? — E depois do que

acontecera nos últimos dias aquela pergunta parecia ainda mais relevante.

— Entendo perfeitamente.

— E por que darias a tua vida por nós?

— Porque o meu mestre assim o exigiu.

A resposta certa.

— E obedecerias sem questionar?

— Questionar seria desobedecer à Regra e a minha tarefa é obedecer.

Fez sinal a um dos irmãos, que tirou de uma arca de madeira um longo tecido de sarja.

— Levanta-te — pediu ao candidato.

Vestido com um hábito negro que lhe roçava os pés descalços, o jovem ergueu-se.

— Retirem-lhe as vestes — ordenou, e estas foram-lhe despidas Por baixo, o candidato vestia umas calças pretas e uma camisa branca.

— Acabaste de despir o manto do mundo material — explicou De Roquefort. — Agora acolhemos-te com o manto da nossa irmandade e celebramos o teu renascimento como irmão da Ordem.

Fez um sinal, e um dos irmãos aproximou-se com o tecido e colocou-o em volta dos ombros do candidato. De Roquefort já vira muitos homens adultos chorar naquele momento. Ele próprio tivera de lutar para conter a emoção quando aquele mesmo manto o cobrira. Ninguém sabia ao certo a idade do tecido, mas sempre existira um na arca desde o Início. Conhecia bem a história de um dos primeiros mantos, utilizado para enrolar Jacques de Molay depois de o mestre ter sido pregado a uma das portas do Templo de Paris. De Molay permanecera embrulhado no linho durante dois dias, incapaz de se mexer devido aos ferimentos, demasiado fraco até para se levantar. Enquanto isso, as bactérias e químicos do seu corpo tinham manchado as fibras do tecido e produzido uma imagem que mais tarde começaria a ser venerada pelos cristãos mais ingénuos como sendo a do corpo de Cristo.

Sempre considerara esse desfecho apropriado.

O mestre dos Cavaleiros Templários, o chefe de uma suposta ordem herética, transformara-se no molde a partir do qual todos os artistas viriam a copiar a face de Cristo.

Bela ironia.

Encarou os irmãos à sua frente.

— Têm perante vós o nosso mais recente irmão, a envergar o manto que simboliza o renascimento. É um momento pelo qual já todos passámos, uma

experiência que nos une. Quando me escolheram como mestre, prometi-vos um novo futuro, uma nova Ordem, um novo caminho. Disse-vos que encontraria o Grande Legado. — Levantou-se e deu um passo em frente, — Neste momento, nos nossos arquivos, encontra-se um homem possuidor de informações que nos são preciosas. Infelizmente, enquanto o anterior mestre permaneceu de mãos cruzadas, outros, não pertencentes à Ordem, têm realizado várias buscas. Segui pessoalmente os seus esforços e estudei os seus movimentos, e esperei pelo momento mais apropriado para nos juntarmos a essa busca. — Fez uma pausa. — Esse dia chegou. Temos neste momento irmãos para lá das muralhas da abadia ocupados nesta demanda, e muitos de vocês irão juntar-se-lhes.

Enquanto falava deixou que o olhar lhe vagueasse pela igreja até encontrar o capelão. Era um italiano de expressão solene, o clérigo de estatuto mais elevado na hierarquia da Ordem. O capelão comandava os padres, cerca de um terço dos irmãos, homens que haviam escolhido uma vida dedicada exclusivamente a Cristo. As palavras do italiano eram muito respeitadas, em especial porque falava muito pouco. Quando o conselho se reunira, durante o dia, o capelão expressara o seu descontentamento relativamente aos acontecimentos recentes.

— Está a avançar demasiado depressa — declarara o capelão.

— Estou a cumprir os desejos da Ordem.

— Ou os seus desejos?

— Existe alguma diferença?

— Já parece o anterior mestre.

— Nesse ponto ele tinha razão. E embora discordasse dele em muitos aspectos, sempre lhe obedeci.

Não gostara da sinceridade do italiano, em especial na frente do conselho, porém sabia que muitos respeitavam o capelão.

— O que preferia que eu fizesse?

— Que preservasse a vida dos irmãos.

— Os irmãos sabem que podem ter de dar a vida pela Ordem.

— Não estamos na Idade Média, nem a liderar uma cruzada. Estes homens dedicam a sua vida a Deus e juraram obediência ao seu mestre como prova da sua devoção. Não tem o direito de lhes pedir a vida.

— Pretendo encontrar o Grande Legado.

— Com que finalidade? Sobrevivemos sem ele durante setecentos anos. Não é fundamental.

De Roquefort ficara chocado com aquela afirmação.

— Como pode dizer uma coisa dessas? E a nossa herança.

— Que importância teria atualmente?

— Seria a nossa salvação.

— Já fomos salvos. Todos os homens aqui têm almas puras.

— Esta Ordem não merece viver escondida.

— Vivemos escondidos por opção própria. Estamos satisfeitos com isso.

— Eu não estou.

— Então esta luta é sua, não nossa.

Isso deixara-o furioso.

— Não pretendo ser contestado.

— Mestre, passou menos de uma semana e já se esqueceu das suas origens.

Ao fitar o capelão, tentou ler-lhe a expressão severa. Continuava a defender o que dissera durante o conselho. Não iria ser contestado. Era imperioso encontrar o Grande Legado e as respostas estavam na posse de Royce Claridon e dos convidados de Cassiopeia Vitt.

Assim, ignorou o olhar de indiferença do capelão e concentrou-se na multidão que tinha à sua frente.

— Irmãos, oremos pelo sucesso da nossa demanda.

CINQUENTA E DOIS

TERÇA-FEIRA
27 DE JUNHO
1 H 00 M

Malone encontrava-se em Rennes, a deambular pela Igreja de Maria Madalena e os mesmos pormenores excessivamente vistosos voltaram a incomodá-lo. Não havia ninguém lá dentro, com exceção de um homem sozinho de pé frente ao altar e vestido com uma batina preta. Quando o homem se voltou, o seu rosto não lhe era desconhecido. Bérenger Saunière.

— O que faz aqui? — perguntou o abade numa voz estridente. — Esta igreja é minha e de mais ninguém.

— E como pode ser sua?

— Eu fui o único que arrisquei.

— Arriscou o quê?

— Aqueles que desafiam o mundo estão sempre em perigo.

Depois notou uma abertura no chão, mesmo antes do altar, e degraus que desciam para a escuridão.

— O que há ali em baixo?

— O primeiro degrau no caminho para a verdade. Deus abençoe todos aqueles que guardaram essa verdade. Deus abençoe a generosidade dessas pessoas.

A igreja começou subitamente a dissolver-se e não tardou a ficar rodeado de árvores numa praça frente à Embaixada dos Estados Unidos na Cidade do México. Havia pessoas a correr de um lado para o outro, o som de buzinas, pneus a chiar e motores a acelerar.

Depois ouviu tiros.

Homens acabados de sair de um automóvel dispararam sobre uma mulher de meia-idade e um jovem diplomata dinamarquês que estavam a almoçar à sombra. Os guardas da embaixada reagiram, mas encontravam-se demasiado longe.

Ele tirou a arma e disparou.

Corpos estatelaram-se no chão. A cabeça de Cai Thorvaldsen explodiu quando as balas destinadas à mulher o atingiram. Malone conseguiu acertar em dois dos homens que tinham começado o ataque e depois sentiu o ombro rasgar-se quando uma bala o atravessou.

A dor abalou-lhe os sentidos. Cambaleou para trás, mas ainda conseguiu matar o seu atacante. A bala atingiu o rosto escuro que uma vez mais se transformou em Bérenger Saunière.

— Por que me matou? — perguntou Saunière num tom calmo.

As paredes da igreja voltaram a erguer-se à volta dele e apareceram as estações da via-sacra. Malone viu um violino num dos bancos e sobre as cordas deste estava um prato de metal. Saunière flutuou até ao banco e espalhou areia no prato. Depois passou o arco pelas cordas e, enquanto soavam algumas notas, a areia agitou-se e formou um padrão diferente.

Saunière sorriu.

— Nos locais onde o prato não vibra, a areia não se altera. Muda-se a vibração e cria-se um padrão diverso. E é sempre diferente.

A estátua do Asmodeu ganhou vida e o pequeno demónio judeu deixou a pia de água benta e flutuou na sua direção.

— Este lugar é terrível — declarou o demónio.

— Não és bem-vindo aqui — gritou Saunière.

— Então por que me incluíste?

Saunière não respondeu. Nesse instante, surgiu mais uma figura das sombras. Era o rapaz com as vestes de monge do quadro A Ler as Regras de Caridad. Mantinha ainda o dedo encostado aos lábios, a pedir silêncio, e trazia consigo o banco sobre o qual estava escrito ACABOCE Aº DE 1681.

Afastou o dedo dos lábios e disse:

— Sou o alfa e o ómega, o princípio e o fim.

Depois desapareceu.

Em seguida, surgiu uma mulher de rosto sombrio e vestida de preto.

— Conhece a minha campa.

Era Marie d'Hautpoul de Blanchefort.

— Tem medo de aranhas? — perguntou ela. — Não lhe farão mal.

Sobre o seu peito surgiram números romanos, brilhantes como o Sol. LIXLIXL. Por baixo dos símbolos materializou-se uma aranha, igual à que se encontrava na campa de Marie. Por entre as pernas da aranha estavam sete pontos. No entanto, os dois espaços junto à cabeça estavam vazios. Com o dedo, Marie traçou uma linha desde o pescoço, atravessando o peito e as letras brilhantes, até à imagem da aranha. No caminho traçado pelo dedo surgiu uma seta. A mesma seta com duas pontas que estava desenhada na sua lápide.

Malone flutuava e ia-se afastando cada vez mais da igreja. Atravessou as paredes e o cemitério, e dirigiu-se para o jardim, onde a estátua da Virgem se

erguia sobre o pilar visigodo. A pedra já não estava escurecida e gasta pela erosão; Em vez disso, as palavras PENITENCE, PENITIENCE e MISSION 1891 resplandeciam.

O demónio Asmodeu voltou a aparecer e proclamou:

— Sob este signo o vencerás.

Deitado frente ao pilar visigodo encontrava-se Cai Thorvaldsen. Por baixo dele havia um pedaço de asfalto oleoso tingido de sangue e os seus membros desenhavam ângulos impossíveis, tal como os do homem da faca que saltara da Torre Redonda. Tinha os olhos escancarados e pareciam cheios de medo.

Depois ouviu uma voz, mecânica, nítida e decidida, e viu uma televisão com um homem de bigode a apresentar as notícias. Falava da morte de uma advogada mexicana e de um diplomata dinamarquês. A razão do tiroteio era desconhecida e o ataque resultara em sete mortos e nove feridos.

Malone acordou.

Já sonhara muitas vezes com a morte de Cai Thorvaldsen — demasiadas até —, mas nunca relacionada com Rennes-le-Château. Pelos vistos, tinha a mente repleta de pensamentos que não conseguira afugentar quando há duas horas tentara adormecer. Conseguira por fim dormir escondido numa das muitas divisões da residência de Cassiopeia Vitt. Ela assegurara-lhe que os homens que se encontravam no exterior seriam vigiados, e que estariam preparados caso De Roquefort decidisse atacá-los durante a noite. Malone concordara com a sua avaliação. Estavam em segurança, pelo menos até ao dia seguinte.

Assim, permitira-se aquele descanso, mas a mente tinha continuado a resolver o quebra-cabeças.

Grande parte do sonho desvanecera-se, contudo recordava-se ainda da última parte — o apresentador a noticiar o ataque na Cidade do México. Soubera mais tarde que Cai Thorvaldsen namorava com a advogada mexicana. Era uma mulher dura e corajosa que investigava um misterioso cartel. A Polícia local descobrira que a advogada fora várias vezes ameaçada, mas sempre ignorara as ameaças. A Polícia afirmara também que estava naquela área no dia do tiroteio, mas estranhamente nenhum agente foi visto por perto quando os atiradores saíram do carro. Ela e o jovem Thorvaldsen estavam a almoçar numa esplanada e Malone dirigia-se para a embaixada em serviço. Recorrera à arma automática para abater dois atiradores antes de dois outros se aperceberem que ele estava ali. Não chegara a ver o terceiro e o quarto homens, um dos quais o atingiu no ombro. Antes de cair inconsciente, conseguira matar o seu atacante e o outro homem fora abatido por um dos guardas da embaixada.

Não sem antes a chuva de balas ter provocado muitos estragos.
Sete mortos e nove feridos.
Malone sentou-se na cama.
Acabara de resolver o mistério de Rennes.

CINQUENTA E TRÊS

ABBAYE DES FONTAINES
1 H 30 M

De Roquefort passou o cartão magnético pelo sensor e o trinco abriu-se. Entrou na iluminada sala dos arquivos e atravessou a zona restrita até à secretária onde Claridon se encontrava. Na mesa à sua frente erguia-se uma pilha de papéis. O arquivista estava sentado ao seu lado, a observá-lo pacientemente, tal como lhe fora ordenado. De Roquefort fez sinal para que ele se retirasse.

— O que descobriu? — perguntou a Claridon.

— O material que me indicou é muito interessante. Nunca pensei que a Ordem tivesse tido uma existência tão preenchida após a expulsão de 1307.

— A nossa história é muito rica.

— Descobri um registo da altura em que Jacques de Molay foi queimado na fogueira. Pelos vistos, muitos irmãos presenciaram a execução em Paris.

— Ele caminhou para a estaca no dia 13 de Março de 1314 com a cabeça bem erguida e disse à multidão: "É justo que num momento tão solene, quando a minha vida está prestes a terminar, eu revele o grande engano aqui praticado e fale em nome da verdade."

— Decorou as suas palavras?

— É um homem a recordar.

— Muitos historiadores culpam De Molay pela queda da Ordem. Dizem que ele era fraco e complacente.

— E o que dizem sobre ele os relatos que leu até agora?

— Parecia um homem forte e determinado e que soube fazer planos atempados antes de viajar de Chipre até França no Verão de 1307. Chegou mesmo a antecipar as ações de Filipe IV.

— A nossa riqueza e sabedoria foram salvaguardadas. De Molay certificou-se disso.

— O Grande Legado? — perguntou Claridon.

— Os irmãos asseguraram-se de que sobreviveria, tal como De Molay.

Os olhos de Claridon pareciam cansados. Apesar de já ser tarde, o cérebro de De Roquefort funcionava melhor à noite.

— Leu as últimas palavras do mestre De Molay?

Claridon assentiu.

— “Deus vingará as nossas mortes. O mal recairá sobre aqueles que nos condenam.”

— Referia-se a Filipe IV e a Clemente V, que conspiraram contra ele e a nossa Ordem. O papa viria a falecer em menos de um mês e Filipe sucumbiria sete meses depois. Nenhum dos herdeiros de Filipe conseguiu manter o trono ou deixar descendência masculina, encerrando-se assim a dinastia dos Capetos. Quatrocentos e cinquenta anos mais tarde, durante a Revolução Francesa, a família real francesa foi presa no Templo de Paris, tal como Jacques de Molay. Quando a guilhotina cortou a cabeça de Luís XVI, um homem mergulhou a mão no sangue do rei e exibindo-a para a multidão gritou: “Jacques de Molay, haveis sido vingado.”

— Um dos vossos?

— Sim, um irmão apanhado na emoção do momento, a presenciar o fim da monarquia francesa.

— Isto significa muito para si, não é?

Não estava particularmente interessado em partilhar os seus sentimentos com um estranho, mas deixou claro:

— Sou o mestre.

— Não é só por isso, há mais qualquer coisa aqui.

— A análise psicológica também é uma das suas especialidades?

— Colocou-se na frente de um automóvel que avançava a toda a velocidade, desafiando Malone a atropelá-lo, e teria queimado os meus pés sem qualquer remorso.

— Monsieur Claridon, milhares de irmãos foram presos e torturados por causa da ganância de um rei. Outros arderam na fogueira. Ironicamente, apenas a mentira os teria salvo. A verdade foi a sua sentença de morte, uma vez que a Ordem não foi considerada culpada de nenhuma das acusações contra ela levantadas. Sim, isto é um assunto muito pessoal.

Claridon pegou no diário de Lars Nelle.

— Tenho más notícias. Li grande parte do diário e há algo de errado — De Roquefort não gostou daquela declaração. — Tem imprecisões, bastante subtis, porém óbvias para quem sabe o que procura.

Infelizmente, De Roquefort não possuía conhecimentos suficientes para entender as diferenças. Na verdade, a sua esperança era que o diário preenchesse essa falta de dados.

— Trata-se de meros erros de anotação?

— De início pensei que sim, mas à medida que fui detectando outros comecei

a duvidar. Lars era um homem meticuloso e eu ajudei a compilar muita da informação contida no diário. São erros intencionais.

De Roquefort pegou no diário e folheou-o até encontrar o criptograma.

— E isto? Está correto?

— Não tenho forma de saber. Lars nunca me revelou se tinha descoberto a sequência matemática necessária para o resolver.

Aquela reviravolta nos acontecimentos deixava-o preocupado.

— Está a dizer-me que o diário não serve para nada?

— Estou a dizer-lhe que contém erros. Até algumas das entradas do diário pessoal de Saunière estão mal citadas. Eu li muitas delas há algum tempo.

De Roquefort estava confuso. O que se estaria a passar? Recordou-se do último dia de vida de Lars Nelle, daquilo que o americano lhe dissera.

— Você não seria capaz de encontrar nada, mesmo que estivesse na frente dos seus olhos.

Escondido por entre as árvores, De Roquefort desaprovava a atitude de Nelle, mas admirava-lhe a coragem — o homem tinha uma corda em volta do pescoço. Alguns minutos antes observara o americano a atar a corda a um dos apoios da ponte e depois a fazer o laço, Nelle tinha então trepado para a beira da ponte e ficado a contemplar o rio escuro que corria por baixo.

Seguira o americano durante todo o dia, interrogando-se sobre o que estaria ele a fazer ali naquela zona dos Pirenéus, uma vez que a aldeia mais próxima nada tinha a ver com Rennes-le-Château nem com as pesquisas de Nelle. A meia-noite aproximava-se e a escuridão envolvia toda a paisagem em seu redor. Apenas o correr apressado da água sob a ponte quebrava a quietude das montanhas.

De Roquefort emergiu do seu esconderijo por entre a folhagem e aproximou-se da ponte.

— Já me perguntava quando iria aparecer — disse Nelle, de costas voltadas para ele. — Presumi que um insulto seria o ideal.

— Sabia que eu estava aqui?

— Estou habituado a ser seguido por irmãos. — O americano virou-se para ele e apontou para a corda. — Agora se não se importa, gostava de me matar.

— Pelos vistos, a morte não o assusta.

— Já morri há muito tempo.

— Não teme Deus? Ele não permite o suicídio.

— Qual Deus? Do pó viemos e ao pó voltamos. É esse o nosso destino.

— E se estiver errado?

— Não estou.

— E a sua demanda?

— Só me trouxe infelicidade. Por que razão se haveria de preocupar com a minha alma?

— A sua alma não me preocupa, mas a demanda sim.

— Já me segue há algum tempo e o vosso mestre chegou a falar comigo pessoalmente. É pena que a Ordem tenha de continuar a busca sem me ter a mim para indicar o caminho.

— Sabia que o vigiávamos?

— Claro. Os irmãos esforçaram-se durante meses para obter o meu diário.

— Disseram-me que era um homem estranho.

— Sou um homem infeliz que está farto de viver. Parte de mim lamenta tudo isto. Pelo meu filho, que amo muito, e pela minha esposa, que me ama à sua maneira. Porém, já não sinto qualquer vontade de viver.

— Existem maneiras mais fáceis de morrer.

Lars Nelle encolheu os ombros.

— Detesto armas e o veneno parece-me pouco digno. Sangrar até à morte não me atrai e por isso escolhi o enforcamento.

— Acho o suicídio uma opção egoísta.

— Egoísta foi a maneira como as pessoas me trataram. Acreditam que Rennes esconde tudo e mais alguma coisa, desde a monarquia francesa a extraterrestres. Aparecem na aldeia carregados de equipamento e derrubam paredes, escavam buracos e túneis. Chegaram a abrir campas e a exumar os corpos. Os escritores já inventaram todas as histórias e teorias possíveis e o seu intuito é unicamente ganhar dinheiro. Assisti a videntes e bruxos estabelecerem contacto com os mortos. Já se inventou tanta coisa que, em comparação, a verdade é uma história aborrecida. Obrigaram-me a escrever aquelas palermices. Tive de aderir ao fanatismo geral para conseguir vender alguns livros. As pessoas queriam ler patetices. É ridículo. Só me apetece rir de mim mesmo. Devia chamar egoísta a essa cambada de idiotas.

— E qual é a verdade sobre Rennes? — perguntou De Roquefort calmamente.

— Não lhe vou dizer.

Decidiu tentar outra abordagem.

— Tem consciência de que é a única pessoa que um dia poderá resolver o quebra-cabeças de Saunière?

— Um dia? Já o solucionei.

Recordou-se do criptograma que vira no relato do marechal guardado no arquivo da abadia, o mesmo que os abades Gélis e Saunière haviam encontrado nas suas igrejas, aquele cuja solução poderia ter custado a vida a Gélis.

— Não me quer contar? — A pergunta era mais uma súplica que um pedido.

— É igualzinho aos outros. Sempre à procura de respostas fáceis. Já ninguém gosta de desafios. Levei anos a decifrar a combinação.

— E presumo que não tomou nota de nada.

— Isso cabe-lhe a si descobrir.

— Você é um homem muito arrogante.

— Não, sou um homem perturbado. É diferente. Sabe, todas aquelas oportunidades que surgiram e que depois resultaram em desilusões, ensinaram-me uma coisa. — De Roquefort esperou que o americano continuasse. — Não há absolutamente nada para descobrir.

— Está a mentir.

Nelle encolheu os ombros.

— Talvez sim, talvez não.

Decidiu deixar o americano prosseguir com o que o levara ali.

— Espero que encontre a paz que procura.

Voltou-se e começou a afastar-se.

— Templário! — chamou Nelle. De Roquefort parou e virou-se para trás. — Vou fazer-lhe um favor, embora não o mereça. Todavia, a vossa Ordem também não merecia o destino que teve. Vou dar-lhe uma pista, algo para o ajudar na sua busca. Não está escrito em lado nenhum, nem sequer no meu diário. Será o único a possuí-la e se for esperto poderá até decifrar o enigma. Tem um lápis e um papel?

De Roquefort procurou nos bolsos e depois aproximou-se do muro, e entregou-lhe um pequeno bloco e uma caneta. Nelle rabiscou qualquer coisa numa folha e atirou-lhe de volta o bloco e a caneta.

— Boa sorte — desejou ao marechal antes de saltar.

Ouviu a corda chiar e o estalido do pescoço a partir. Aproximou o bloco dos olhos e na luz difusa da noite tentou ler o que Lars Nelle deixara escrito.

ABRAÇOS STEPHANIE

A mulher de Nelle chamava-se Stephanie. De Roquefort sacudiu a cabeça. Não era nenhuma pista, tratava-se apenas de uma despedida.

Agora não tinha assim tanta certeza.

Decidira na altura que deixar o bilhete junto do corpo provaria a ideia do suicídio. Assim, acabara por puxar o corpo para cima e colocara o papel no bolso da camisa de Nelle.

Mas seriam aquelas palavras realmente uma pista?

— Na noite em que morreu, Nelle contou-me que decifrara o criptograma e depois ofereceu-me isto. — De Roquefort pegou num lápis e escreveu ABRAÇOS STEPHANIE numa folha.

— E como podem essas palavras ajudar-nos? — perguntou Claridon.

— Não sei. Nunca pensei muito sobre isso até agora. Se o que diz é verdade, que o diário possui erros intencionais, então já foi feito para que o encontrássemos. Procurei esse diário enquanto Lars estava vivo e depois quando o filho o herdou. Contudo, Mark Nelle mantinha-o escondido. Quando ele apareceu aqui na abadia, fiquei a saber que o trazia consigo, mas o mestre apossou-se dele e manteve-o bem guardado até há algumas semanas. — Depois pensou melhor no aparente erro de Cassiopeia Vitt, em Avinhão, e entendeu que não se tratava de nenhum deslize. — Tem razão. O diário não serve para nada. — Apontou para a folha escrita. — Mas talvez essas duas palavras tenham algum significado.

— Ou talvez sejam mais uma diversão.

Também era uma opção a considerar. Claridon estudou as palavras com interesse.

— O que disse Lars quando lhe entregou isto?

Contou-lhe palavra por palavra, terminando com “uma pista, algo para o ajudar na sua busca. Se for esperto poderá até decifrar o enigma.”

— Recordo-me de uma coisa que Lars me contou em tempos. — Claridon procurou por entre o amontoado de livros que tinha sobre a mesa até encontrar uns papéis dobrados. — São as notas que fiz em Avinhão do livro de Stüblein sobre a lápide de Marie d'Hautpoul. — Apontou para uma série de números romanos MDCOLXXXI. — Estavam gravados na pedra e referem-se supostamente à data da morte, 1681, e isso retirando o zero, pois a numeração romana não o contempla. Todavia, Marie faleceu em 1781 e não em 1681. A idade também está errada. Ela tinha sessenta e oito anos quando morreu, e não os sessenta e sete gravados na pedra. — Claridon pegou numa folha de papel e escreveu 1681, 67 e ABRAÇOS STEPHANIE. — Nota alguma coisa de parecido?

Observou os números e as letras, mas nada viu de especial. Os enigmas também não eram a sua especialidade.

— Tem de pensar como um homem do século XVIII. Foi Bigou quem desenhou a lápide. A solução seria fácil por um lado e difícil por outro, tendo em conta as possibilidades infinitas. Se dividirmos a data de 1681 em dois números, obtemos o 16 e o 18. 1 mais 6 dá 7, e 8 mais 1 é igual a 9. 7, 9. Depois olhemos para o 67. Não podemos inverter o 7, mas o 6 transforma-se em 9 quando virado ao contrário. Temos novamente os números 7 e 9. Contemos as letras das palavras da mensagem que Lars lhe deixou. 7 para ABRAÇOS. 9 para STEPHANIE. Acho que ele lhe deixou mesmo uma pista.

— Abra o diário no criptograma e tente.

Claridon folheou as páginas e encontrou o desenho.



— Existem várias possibilidades. 7, 9. 9, 7. 16. 1, 6. 6, 1. Comecemos pela mais óbvia: 7, 9.

De Roquefort observou Claridon contar as letras e símbolos ao longo das filas. Parava a cada 7 e a cada 9 e apontava os caracteres exibidos. Quando terminou, anotara ITEGOARCANADEI.

— É latim — disse ele, ao observar as palavras. — *i tego arcana dei*.

— "Eu oculto os segredos de Deus" — traduziu.

Raios.

— Esse diário é inútil! — gritou De Roquefort. — Nelle elaborou o seu próprio criptograma.

No entanto, outro pensamento invadiu-lhe a mente. O relato do marechal também continha um criptograma encontrado e supostamente resolvido pelo abade Gélis, e idêntico ao encontrado por Saunière.

Tinha de o conseguir.

— Há outro criptograma num dos livros roubados por Mark Nelle.
Os olhos de Claridon iluminaram-se.
— Suponho que o vai buscar.
— Assim que o Sol nascer.

CINQUENTA E QUATRO

GIVORS, FRANÇA
1 H 30 M

Malone estava no salão, a espaçosa divisão iluminada por candeeiros, reunido com os restantes em torno da mesa. Acordara-os a todos há apenas alguns minutos.

— Já sei a resposta — revelou.

Para o criptograma? — perguntou Stephanie.

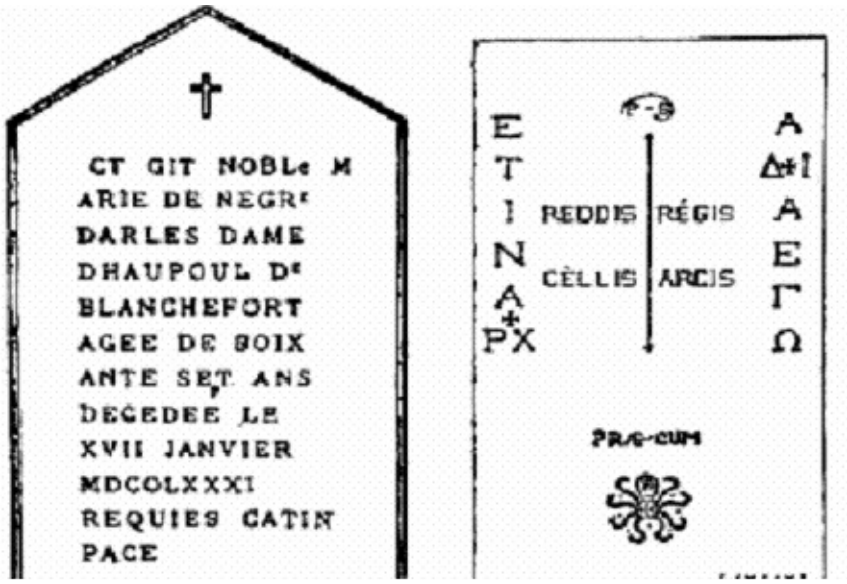
Ele assentiu.

— Mark falou-me da personalidade de Saunière. Impetuoso e destemido. E concordo com o que referiu no outro dia, Stephanie. A igreja em Rennes não é um mapa do tesouro. Saunière nunca teria exposto essa informação, todavia não resistiu a deixar alguns indícios. O problema é que são necessárias muitas peças para montar o quebra-cabeças, mas felizmente nós estamos na posse de grande parte delas.

Pegou no livro Pierres Gravées du Languedoc, ainda aberto na página que mostrava a lápide de Marie d'Hautpoul de Blanchefort.

— O abade Bigou foi quem deixou as verdadeiras pistas. Ia fugir de França para nunca mais voltar e por isso escondeu os criptogramas em ambas as igrejas e deixou duas pedras gravadas sobre uma campa vazia. Temos a data de morte errada, 1681, a idade errada, 67, e observem os números romanos no fundo — LIXLIXL — 59, 59, 50. Se somarmos tudo, o resultado é 168. O abade também fez alusão ao quadro A Ler as Regras de Caridad. Não se esqueçam que no tempo de Bigou a data não estava ainda escurecida e ele teria visto 1681 e não 1687. Existe aqui um padrão que se repete.

Malone apontou para o desenho das lápides.



— Reparem na aranha gravada no fundo. Tem sete pontos intencionalmente colocados entre as pernas e dois dos espaços foram deixados em branco. Por que não incluir um pontinho em cada espaço? Depois pensem no que Saunière fez no jardim do lado de fora da igreja. Pega no pilar visigodo e vira-o de pernas para o ar, gravando na sua face "Mission 1891" e "Penitence, Penitence". Eu sei que vos vai soar estranho, mas acabei de sonhar com a ligação entre todas estas pistas. — Todos sorriram, contudo ninguém o interrompeu. — O ano passado, Henrik, quando Cai e todas as outras pessoas morreram no tiroteio na Cidade do México... Costumo sonhar com isso de tempos a tempos. É difícil afastar essas imagens da cabeça. Foi um dia trágico que resultou em muitos mortos e feridos.

— Sete mortos e nove feridos — murmurou Stephanie.

Nesse momento foi como se finalmente se fizesse luz nas suas mentes.

— Cotton, é bem capaz de ter razão — exclamou Mark, sentando-se.

— 1681. Se somarmos os dois primeiros e os dois últimos algarismos, obtemos 7 e 9. Saunière virou o pilar de modo a deixar uma mensagem. Ou seja, o pilar foi erigido em 1891, mas se invertermos a data obtemos 1681. 7 e 9 mais uma vez.

— Agora contemos as letras — disse Malone. — 7 em Mission e 9 em Penitence. É bem mais do que uma simples coincidência. E o 168 da numeração romana gravado na lápide? O total está lá por uma razão. Basta somar o 1 ao 6 e depois o 1 ao 8 e obtemos 7 e 9. O padrão está em todo o lado. — Puxou para junto de si a imagem colorida da estação dez exibida no interior da Igreja de Maria Madalena. — Reparem. Aqui o soldado romano está a jogar aos dados pelas vestes de Cristo. As faces dos dados mostram um 3, um 4 e um 5. Quando

Mark e eu visitámos a igreja, interroguei-me sobre a escolha destes algarismos em particular. Mark contou-me que Saunière foi responsável por cada pormenor da igreja. Isso significa que optou por aqueles algarismos por uma razão. Penso que a sequência é o aspecto mais importante. O 3 é o primeiro, depois o 4, e por fim o 5. 3 mais 4 dá 7, 4 mais 5 são 9.

— Então 7 e 9 é a chave do criptograma — concluiu Cassiopeia.

— Só há uma maneira de saber. — Mark fez sinal e Geoffrey entregou-lhe a mochila. Folheou cuidadosamente o relato do marechal e encontrou o desenho.



Em seguida, começou a aplicar a sequência 7 e 9 enquanto avançava pelas linhas de vinte letras e símbolos. À medida que o fazia, foi tomando nota do carácter encontrado.

TEMPLIERTRESORENFOUIAULAGUSTOUS

— Está em francês — declarou Cassiopeia. — A língua de Bigou.

— É verdade — concordou Mark.

Depois de acrescentar os espaços a mensagem começou a fazer mais sentido.

TEMPLIER TRESOR EN FOUI AU LAGUSTOUS

— "O tesouro dos templários pode ser encontrado em *lagustous*" — traduziu Malone.

— O que é "lagustous"? — perguntou Henrik.

— Não faço ideia — respondeu Mark. — E não me recordo de qualquer referência a esse lugar no arquivo da Ordem.

— Vivi toda a minha vida nesta região e não conheço tal lugar — explicou Cassiopeia.

Mark parecia desiludido.

— As Crónicas referem que as carroças se dirigiram para sul em direção aos Pirenéus.

— E por que haveria o abade de tornar tudo tão simples? — perguntou Geoffrey no seu habitual tom calmo.

— Ele tem razão — concordou Malone. — Bigou pode ter incluído algum mecanismo de segurança para que não bastasse apenas descobrir a sequência numérica.

— Não diria que isto foi fácil — argumentou Stephanie com uma expressão admirada.

— Não o foi porque as peças do quebra-cabeças estavam espalhadas e algumas perdidas para sempre — explicou Malone. — Contudo, no tempo de Bigou elas existiam e ele erigiu a lápide para que todos a vissem.

— Mas o abade jogou pelo seguro — disse Mark. — O relato do marechal deixa bem claro que Gélis encontrou na sua igreja um criptograma idêntico ao de Saunière. Durante o século XVIII, Bigou serviu ambas as igrejas por isso deixou uma pista em cada uma.

— Na esperança de que uma alma curiosa encontrasse ao menos uma delas — completou Henrik. — E foi isso precisamente o que aconteceu.

— Gélis chegou mesmo a resolver o criptograma — disse Mark. — Sabemos isso porque ele próprio o revelou ao marechal. Também lhe confessou que temia Saunière, e uns dias mais tarde foi assassinado.

— Por Saunière? — perguntou Stephanie.

Mark encolheu os ombros.

— Ninguém sabe. Sempre considerei o marechal um dos suspeitos. A verdade é que ele desapareceu da abadia algumas semanas após o assassinato de Gélis e como sabemos não anotou no seu diário a solução do criptograma.

Malone apontou para o papel.

— Agora já temos a solução, mas precisamos de descobrir o que significa “lagustous”.

— E um anagrama — sugeriu Cassiopeia.

— É possível. Tal como na lápide onde Bigou utilizou “Et in arcadia ego” em vez de “I tego arcana dei”. Pode ter recorrido ao mesmo truque.

Cassiopeia analisava o papel com muita atenção e subitamente o seu olhar iluminou-se.

— Já sabe, não é? — perguntou Malone.

— Acho que sim.

Esperaram todos em silêncio pela revelação.

— No século X, um barão abastado de seu nome Hildemar, travou conhecimento com um homem chamado Agulous. Os familiares do barão não apreciavam a influência de Agulous sobre Hildemar. Em oposição à família, o barão entregou todas as suas propriedades ao amigo, que converteu o castelo numa abadia, à qual Hildemar se juntou. Foram ambos mortos pelos sarracenos enquanto rezavam ajoelhados frente ao altar da capela. Acabaram por ser santificados. Ainda existe aí uma aldeia, a cerca de cento e cinquenta quilómetros daqui. Chama-se Saint Agulous — Cassiopeia pegou no lápis e converteu "lagustous" em "St Agulous".

— Existiram aí propriedades dos templários — disse Mark — E até uma casa importante, mas já desapareceu tudo.

— O castelo, que depois se transformou em abadia, ainda existe — explicou Cassiopeia.

— Temos de o procurar — sugeriu Thorvaldsen.

— Isso pode ser problemático — comentou Malone, e olhou de soslaio para Cassiopeia. Não tinham contado aos outros sobre a presença dos homens no exterior, por isso aproveitaram o momento.

— De Roquefort não vai ficar de mãos cruzadas — avisou Mark.

— Assim que descobrir que o diário do meu pai não serve para nada, a sua atitude para connosco vai mudar.

— Precisamos de sair daqui sem que ele se aperceba — opinou Malone.

— Somos muitos — lembrou Henrik. — Uma saída desse tipo será um desafio.

Cassiopeia sorriu.

— Gosto de desafios.

CINQUENTA E CINCO

7 H 30 M

De Roquefort avançou pela floresta de pinheiros altos, o solo sob os pés prateado devido à urze branca. O ar da manhã exalava a mel e das fendas rochosas que o rodeavam desprendiam-se pequenos farrapos de névoa. Uma águia pairava nos céus em busca de alimento. Ele tomara o pequeno-almoço na companhia dos irmãos, a refeição feita no tradicional silêncio enquanto outro irmão lia as Escrituras em voz alta.

Tinha de dar algum crédito a Claridon. O palerma decifrara o criptograma com a sequência 7, 9, e desvendara o segredo. Infelizmente, a mensagem não tinha qualquer utilidade. Claridon contara-lhe que Lars Nelle encontrara um criptograma no manuscrito de Noel Corbu, o homem que, em meados do século XX, inventara grande parte da ficção em torno de Rennes-le-Château. Teria Nelle alterado o criptograma ou isso devia-se a Saunière? E fora a frustrante solução que levara Lars Nelle ao suicídio? Todo aquele esforço para, depois de finalmente decifrado o criptograma, ficar a saber o mesmo? Seria isso que Nelle queria dizer quando afirmara: “Não há absolutamente nada para descobrir”?

Era difícil adivinhar, mas não ia desistir.

Uma buzina soou à distância, o som provinha da mesma direção da casa de Vitt. A jornada de trabalho ia certamente começar. Um pouco mais à frente, viu um dos seus sentinelas. Contactara com o irmão pelo telemóvel durante a viagem e ficara a saber que tudo estava calmo. Avistou a casa por entre as árvores, banhada pela luz da manhã.

Aproximou-se do irmão e este informou-o que há uma hora um grupo de onze homens e mulheres, todos vestidos à época, tinham chegado a pé vindos do local da construção e que se encontravam no interior da residência desde então. O segundo sentinela relatou que nas traseiras tudo estava calmo e ninguém entrara ou saíra. Tinham registado bastante movimento dentro de casa, há duas horas, luzes nos quartos e atividade dos criados, a própria Vitt aparecera cá fora, dirigira-se aos estábulos e voltara em seguida para casa.

— Também houve alguma atividade à uma da manhã — informou o irmão. — As luzes dos quartos acenderam-se e depois uma cá em baixo. Uma hora mais tarde, apagaram-se todas. Parece que todos acordaram durante algum tempo e depois foram deitar-se.

Talvez a noite deles tivesse sido tão reveladora quanto a sua.

— Mas ninguém saiu?

O irmão abanou a cabeça.

Pegou no rádio que trazia no bolso e comunicou com o líder dos dez irmãos que o acompanhavam. Tinham deixado os automóveis a alguns metros dali e caminhado pela floresta em direção à residência. Ordenara-lhes que cercassem discretamente a casa e depois esperassem pelas suas ordens. O irmão acabara de lhe dizer que estavam todos em posição. Contando com os dois homens que ali tinha deixado de vigia e ele mesmo, perfaziam treze homens armados. Mais do que suficiente para aquela missão.

"Irónico", pensou. "Os irmãos estavam de novo em guerra contra um sarraceno. Há setecentos anos, os muçulmanos tinham derrotado os cristãos e retomado o controlo da Terra Santa. Agora, outra muçulmana, Cassiopeia Vitt, envolvera-se nos assuntos da Ordem."

— Mestre.

A sua atenção desviou-se para a porta principal da residência, da qual começavam a sair pessoas vestidas com os coloridos trajes dos camponeses da Idade Média. Os homens envergavam túnicas castanhas apertadas na cintura, meias escuras e sapatos de camurça muito fina. As mulheres vestiam vestidos compridos e cinzentos, e aventais. Chapéus de palha, toucas e capuzes cobriam-lhes as cabeças. No dia anterior notara que todos os trabalhadores do sítio arqueológico usavam trajes da época, certamente para realçar ainda mais a atmosfera anacrónica do local. Alguns trabalhadores pareciam brincar com outros enquanto o grupo se dirigia calmamente para o caminho que levava ao castelo.

— Talvez tenha sido alguma espécie de reunião — sugeriu o irmão ao seu lado. — Vieram e agora regressam ao trabalho.

De Roquefort concordou. Cassiopeia Vitt dirigia pessoalmente o projeto Givors e por isso era natural que se reunisse com os seus trabalhadores.

— Quantos entraram?

— Onze.

Contou o grupo e perfaziam o mesmo número. Ótimo. Estava na hora de agir. Aproximou o rádio dos lábios e ordenou:

— Avancem.

— O que devemos fazer? — perguntou a voz do outro lado. Estava farto de brincar com os seus opositores.

— Façam o que for necessário para os manter aí até eu entrar.

De Roquefort entrou na casa pela cozinha, uma divisão enorme carregada de ferro inoxidável. Tinham já passado quinze minutos desde que dera ordens para tomarem a casa de assalto e o cerco ocorrera sem ter sido disparado um único tiro. Na verdade; os ocupantes estavam a tomar o pequeno-almoço quando os irmãos invadiram o piso térreo. Homens posicionados em todas as saídas e no exterior tornavam qualquer tentativa de fuga uma impossibilidade.

Estava satisfeito. Não pretendia atrair atenções. À medida que avançava pelas várias divisões, foi admirando as tapeçarias que decoravam as paredes, os candelabros que pendiam dos tetos os quadros valiosos e o mobiliário antigo. Cassiopeia Vitt era uma mulher de bom gosto.

Encontrou a sala de jantar e preparou-se para confrontar Mark Nelle. Os outros seriam mortos e os seus corpos enterrados na floresta, porém Mark Nelle e Geoffrey seriam levados de volta para a abadia para enfrentarem um castigo merecido. Faria deles um exemplo. A morte do irmão em Rennes tinha de ser vingada.

Entrou na sala cercada pelos irmãos, todos de arma em punho. O olhar varreu a longa mesa e contou seis pessoas. No entanto, não reconheceu nem uma.

Em vez de encontrar Cotton Malone, Stephanie Nelle, Mark Nelle, Geoffrey, Cassiopeia Vitt e Henrik Thorvaldsen, os homens e mulheres reunidos em torno da mesa eram completos desconhecidos, todos vestidos com calças de ganga e camisolas.

Os trabalhadores do sítio arqueológico.

Tinham escapado mesmo debaixo do seu nariz.

De Roquefort foi obrigado a conter a raiva. Virou-se para um dos irmãos e disse:

— Mantenham-nos aqui até eu voltar.

De Roquefort saiu pela porta da frente e percorreu calmamente o caminho ladeado de árvores que levava ao parque de estacionamento. Vira apenas alguns carros ali naquela manhã, e o automóvel alugado de Cotton Malone era um deles. Todavia, agora já não se encontrava ali.

Abanou a cabeça.

Não fazia ideia para onde poderiam ter ido.

Um dos irmãos que deixara no interior da casa apareceu atrás dele a correr. De Roquefort interrogou-se sobre o que o levara abandonar o seu posto.

— Mestre — chamou o homem —, uma das pessoas lá dentro contou-me que Cassiopeia Vitt lhes pediu que viessem logo cedo a casa dela com as roupas de trabalho. Seis deles trocaram de roupa e Vitt disse-lhes que apreciassem o

pequeno-almoço.

Isso já ele tinha deduzido.

— Mais alguma coisa?

O irmão entregou-lhe um telemóvel.

— O mesmo empregado disse que foi deixado um bilhete que os informava da sua vinda e que quando chegasse lhe deveria entregar este telefone e isto.

De Roquefort abriu o papel e leu o seu conteúdo.

A solução foi encontrada. Ligarei para este telefone antes do entardecer com mais informações.

— Quem escreveu isto? — perguntou De Roquefort.

— O empregado disse que foi deixado com a sua muda de roupa, juntamente com a instrução que lhe fosse entregue diretamente a si.

— Como foi que conseguiste isto?

— Quando ele referiu o seu nome, eu fiz-me passar por si e o homem entregou-me isto.

O que se estaria a passar ali? Haveria um traidor no seio do grupo? Era o que aparentava. Tendo em consideração que não fazia ideia de para onde tinham fugido, poucas escolhas lhe restavam.

— Diz aos homens que regressem à abadia.

CINQUENTA E SEIS

10 H 00 M

Malone olhava maravilhado para os Pirenéus, tão parecidos com os Alpes em termos de geografia e grandiosidade. Separando a França da Espanha, os cumes pareciam estender-se até ao infinito, cada pico coroado por neve branca e brilhante. Entre os cumes aninhavam-se vales profundos aquecidos pelo sol, os domínios de Carlos Magno, francos, visigodos e mouros.

Tinham levado dois carros, o seu Peugeot de aluguer e o Land Rover de Cassiopeia, que ela mantinha sempre estacionado junto ao local da construção. A sua fuga fora bem arquitetada e executada, uma vez que ninguém os seguira. Uma vez a caminho, tinham feito uma paragem e revistado os carros exaustivamente em busca de quaisquer mecanismos de detecção. Tinha de dar os parabéns a Cassiopeia. Era sem dúvida nenhuma uma mulher cheia de imaginação.

Há uma hora, antes de se dirigirem para as montanhas, tinham também parado para comprar roupas. As suas túnicas e vestidos compridos tinham suscitado alguns olhares admirados, mas agora já vestiam roupas mais apropriadas — calças de ganga, camisolas, botas e casacos.

Saint Agulous ficava empoleirada na crista de um precipício, rodeada de colinas em socalcos. A aldeia, não muito maior que Rennes-le-Château, era constituída por um conjunto de edifícios antigos em pedra calcária, que pareciam ter-se fundido com a rocha que lhes servia de cenário.

Malone abrandou antes de entrar na aldeia e seguiu por um caminho de terra, estacionando à sombra de umas árvores. Cassiopeia seguiu-o e saíram todos para o ar frio da montanha.

— Não me parece boa ideia irmos todos à aldeia — alertou Malone — Não me parece o tipo de lugar que receba muitos turistas.

— Cotton tem razão — concordou Mark. — O meu pai abordava sempre estas aldeias com algum cuidado. Eu vou com Geoffrey. Seremos dois rapazes a passear pelas montanhas. Não é invulgar nesta altura.

— Acham que eu não ia causar boa impressão? — perguntou Cassiopeia.

— Causar boa impressão não é o problema — disse Malone a sorrir —, o pior é fazer com que as pessoas a esqueçam.

— E quem o nomeou líder? — perguntou ela.

— Eu — declarou Thorvaldsen. — Mark conhece estas montanhas e fala a língua. Eles são os mais indicados.

— Pois então, façam favor — disse Cassiopeia.

..*

Mark e Geoffrey atravessaram as portas da aldeia em direção a uma praça ladeada por árvores. Geoffrey transportava ainda a mochila com os livros e os dois pareciam caminhantes em passeio. Os pombos circundavam os telhados de ardósia em bandos barulhentos e no centro da praça erguia-se uma fonte da qual jorrava água meio esverdeada. Não havia ninguém à vista e apenas o vento os saudou.

Uma rua empedrada e bem conservada saía da praça, e desaparecia por entre o labirinto de casas. O barulho de cascos anunciou a aproximação de uma cabra, que depois atravessou para uma rua lateral. Mark sorriu. Tal como muitas outras aldeias da região, aquela também não parecia governada pelos relógios.

Um dos vestígios da antiga glória daquele local provinha da igreja que se elevava ao fundo da praça. Um lanço de degraus estreitos terminava numa porta românica. No entanto, o edifício era gótico o campanário exibia uma estranha forma octogonal, que de imediato chamou a atenção de Mark. Não se recordava de ter visto outra igual na região. O tamanho e grandiosidade da igreja aludia a um passado de poder e prosperidade agora perdidos.

— Estranho, uma aldeia tão pequena possuir uma igreja desta magnitude — comentou Geoffrey.

— Não é novidade. Há quinhentos anos isto era um florescente centro mercantil, daí uma igreja tão imponente.

À frente deles, surgiu uma rapariga sardenta que lhes sorriu e entrou numa pequena mercearia. Ao lado ficava o que parecia ser o posto dos Correios. Mark interrogou-se sobre o estranho capricho do destino que preservara Saint Agulous dos sarracenos, dos espanhóis, dos franceses e dos cruzados albigenses.

— Comecemos por aqui — sugeriu ele, e apontou para a igreja.

— Pode ser que o padre saiba de alguma coisa.

Atravessaram o pórtico e sobre as suas cabeças o tecto da nave, pintado de azul, estava decorado de estrelas douradas. Não havia estátuas nas paredes e sobre o altar elevava-se uma simples cruz de madeira. As tábuas do chão, já gastas e com meio metro de largura, provavelmente cortadas há séculos nas florestas da região, rangiam a cada passo. Enquanto a igreja de Rennes se excedia em decoração, naquela reinava um minimalismo e uma quietude quase sobrenaturais.

Mark notou o interesse de Geoffrey pelo tecto. Sabia o que o irmão estava a pensar. O mestre usara um manto azul com estrelas douradas nos últimos dias de vida.

— Coincidência? — perguntou Geoffrey.

— Não creio.

Um homem já idoso emergiu das sombras junto ao altar. O seu hábito castanho e largo não escondia a corcunda pronunciada e o andar descompassado lembrava o de uma marioneta.

— O senhor é o abade desta igreja? — perguntou Mark em francês.

— Oui, monsieur.

— Como se chama a igreja?

— Capela de Saint Agulous.

Mark observou Geoffrey dirigir-se para o altar.

— É uma aldeia muito pacata — comentou ele.

— Os que aqui vivem não têm pressa. É de facto um lugar muito pacífico.

— Há quanto tempo é o abade desta igreja?

— Já há muitos anos. Parece que mais ninguém quer vir para aqui, mas eu gosto de aqui estar.

Mark recordou-se do que sabia sobre a região.

— Esta área serviu em tempos de esconderijo para os salteadores espanhóis, não foi? Entravam em Espanha, aterrorizavam os habitantes locais, roubavam as quintas e depois regressavam às montanhas, escondendo-se das autoridades espanholas.

O padre acenou afirmativamente com a cabeça.

— Para pilharem Espanha tinham de viver em França. E nunca fizeram mal a um francês. Mas isso já foi há muito tempo.

Mark continuava a contemplar o interior austero da igreja. Nada ali sugeria que o edifício escondesse algum segredo.

— Senhor abade — disse ele —, alguma vez ouviu o nome Bérenger Saunière?

O homem pensou durante alguns instantes e depois abanou a cabeça.

— E esse nome alguma vez foi mencionado nesta aldeia?

— Não é meu costume ouvir as conversas dos paroquianos.

— Nem tão-pouco foi isso que eu pretendi insinuar. Mas recorda-se de alguém o ter proferido?

Voltou a abanar a cabeça.

— Em que ano foi construída a igreja?

— Em 1732. Contudo, o primeiro edifício foi erigido no século XIII. Depois construíram-se outros. Infelizmente, nada restou dessas construções antigas.

A atenção do abade desviou-se para Geoffrey que continuava a deambular junto ao altar.

— Ele incomoda-o? — perguntou Mark.

— De que está ele à procura?

— Boa pergunta", pensou Mark.

— Talvez esteja a rezar e prefira estar perto do altar.

O abade fitou-o.

— Não mente lá muito bem. — Mark apercebeu-se de que o padre era bem mais esperto do que dava a entender.

— Por que não me diz o que desejo saber?

— É muito parecido com ele.

Mark ficou surpreso, mas não o demonstrou.

— Conheceu o meu pai?

— Ele vinha a esta zona com frequência e falámos bastantes vezes.

— Ele contou-lhe alguma coisa?

O padre abanou a cabeça.

— Não era do feitio dele.

— Sabe o que devo fazer?

— O seu pai disse-me que, se alguma vez aqui viesse, já saberia o que fazer.

— Sabe que ele faleceu?

— Sei, sim. Contaram-me. Suicidou-se.

— Pode não o ter feito.

— Isso são ilusões. O seu pai era um homem infeliz. Veio à procura de alguma coisa, mas infelizmente não encontrou nada. Isso deixou-o bastante frustrado. Quando ouvi que se tinha matado, não fiquei surpreendido. Não havia paz para ele neste mundo.

— Falou-lhe sobre essas coisas?

— Muitas vezes.

— Por que razão me mentiu ao dizer que nunca ouvira 'O nome Bérenger Saunière?

— Não menti. Nunca antes tinha ouvido esse nome.

— O meu pai nunca lhe falou dele?

— Nem uma única vez.

Estava perante outro enigma, tão frustrante e "irritante" quanto Geoffrey, que se dirigia agora para junto deles. Era óbvio que a igreja não continha qualquer

resposta, por isso perguntou:

— E a abadia de Hildemar, o castelo que o barão deu a Agulous no século X? Ainda está de pé?

— Sim, essas ruínas ainda existem. Ficam nas montanhas, não muito longe daqui.

— Já não é uma abadia?

— Ah, não. Está desocupada há mais de trezentos anos.

— O meu pai alguma vez mencionou esse lugar?

— Foi lá muitas vezes, mas não encontrou nada, o que só aumentou o seu desânimo.

Precisavam de ir, porém tinha ainda uma última pergunta.

— A quem pertencem as ruínas da abadia?

— Foram compradas há alguns anos por um dinamarquês chamado Henrik Thorvaldsen.

QUINTA PARTE

CINQUENTA E SETE

ABBAYE DES FONTAINES
11 H 40 M

De Roquefort fitava o capelão sentado na outra ponta da mesa. O padre esperara o seu regresso de Givors. E ainda bem. Depois do confronto do dia anterior, também precisava de falar com o italiano.

— Não volta a questionar as minhas decisões — deixou claro.

O mestre detinha a autoridade necessária para destituir o capelão caso, tal como a Regra especificava, "ele causasse distúrbios ou fosse mais um obstáculo do que uma ajuda."

— A minha função é ser a sua consciência. Desde o Início que é deste modo que os capelães servem os mestres.

O que se lia apenas nas entrelinhas era que a decisão de remover o capelão teria de ser aprovada pela irmandade e isso poderia revelar-se difícil, visto que o italiano era um homem querido pelos restantes. Assim, reformulou um pouco a sua ordem.

— Não volta a questionar as minhas decisões na frente dos irmãos.

— Não era minha intenção questioná-lo, estava meramente a lembrá-lo que a morte dos dois irmãos pesa muito sobre as nossas almas.

— E não sobre a minha?

— Tem de prosseguir com calma e cuidado.

Estavam reunidos nos seus aposentos, à porta fechada. Do outro lado da janela aberta escutava-se o som distante da cascata.

— Esse tipo de abordagem não nos levou a parte alguma.

— Quer se aperceba disso quer não, a morte dos dois homens está a afetar a sua autoridade. Os irmãos já começam a questionar-se e ainda só é mestre há alguns dias.

— Não tolerarei qualquer tipo de discordância.

O capelão esboçou um sorriso decepcionado, mas tranquilo.

— Já parece o mestre ao qual tanto se opôs. O que mudou, afinal? O senescal afetou-o assim tanto?

— Ele já não é o senescal.

— Conheço-o apenas por esse nome. Já o mestre parece saber bem mais.

De Roquefort questionou-se se o reservado veneziano sentado à sua frente

estaria a ser honesto. Os seus espiões tinham-lhe dito que o capelão estava bastante interessado nas ações do mestre. Bem mais do que o necessário para um conselheiro espiritual. Interrogava-se se aquele homem, que dizia ser seu amigo, não estaria a tentar obter alguma vantagem. Afinal, anos antes, ele mesmo recorrera aos mesmos métodos.

Na verdade, desejava falar sobre o seu dilema, explicar o que acontecera, o que sabia, pedir alguma orientação, no entanto partilhar tudo isso com alguém seria imprudente. Claridon não passava de um pateta mas, ao menos, não pertencia à Ordem. Aquele homem era bem diferente. Tinha o potencial para se transformar num inimigo. Assim, afirmou o óbvio.

— Procuro o nosso Grande Legado e estou próximo de o conseguir.

— À custa de dois mortos.

— Não havia alternativa — argumentou, elevando o tom de voz. — Muitos outros morreram por aquilo em que acreditavam. Nos dois primeiros séculos da nossa existência, vinte mil irmãos deram as suas vidas pela Ordem. Estas duas mortes são insignificantes.

— Então a vida humana vale menos agora do que naquele tempo? — perguntou o capelão quase num murmúrio.

— Não, o valor é o mesmo. O que mudou foi a nossa falta de dedicação.

— Isto não é uma cruzada. Não existem infiéis na Terra Santa. Estamos a falar de encontrar algo que o mais provável é não existir.

— O que diz é blasfémia.

— O que digo é verdade e sabe muito bem disso. Acha que encontrar o Grande Legado vai mudar tudo, porém nada mudará. Terá ainda de conquistar o respeito daqueles que o servem.

— Cumprir as minhas promessas garantirá esse respeito.

— Avaliou bem esta demanda? Não é tão simples quanto pensa. As questões que levanta são bem mais problemáticas do que o eram no Início. O mundo já não é iletrado e ignorante, e terá de enfrentar mais oposição do que aquela com que os irmãos se depararam, naquela altura. Infelizmente para si, não existe uma única menção a Jesus Cristo em nenhum registo histórico secular grego, romano ou judeu. Nem uma referência sequer em qualquer registo literário. Apenas no Novo Testamento. E a ele se resume toda a Sua existência. E porquê? Sabe a resposta tão bem quanto eu. Se Jesus alguma vez existiu, pregou a Sua mensagem na Judeia. Ninguém se importou muito com Ele. Os romanos pouco se preocupavam, contanto que Ele não incitasse a nenhuma rebelião, e os judeus pouco mais faziam do que discutir entre eles, o que até interessava aos romanos.

Jesus apareceu e desapareceu. A sua passagem foi inconsequente. Todavia, agora comanda a atenção de milhares de milhões de pessoas. O cristianismo é a maior religião do mundo e Ele é, em todos os sentidos, o Messias. O Cristo ressuscitado. E nada do que possa encontrar vai alterar isso.

— E se os Seus ossos lá estiverem?

— Como provaria que são os ossos de Jesus?

— Que provas tiveram os primeiros cavaleiros? E veja o que alcançaram. Reis e rainhas curvavam-se perante eles. Apenas aquilo que sabiam poderia justificar tal comportamento.

— E acredita que terão partilhado esse conhecimento? E o que fizeram, mostraram os ossos de Cristo a cada rei, a cada doador, a cada um dos fiéis?

— Não faço ideia do que terão feito, mas qualquer que tenha sido o seu método, provou ser eficaz. Os homens acorriam, a quererem fazer parte da Ordem. As autoridades seculares procuravam cair nas suas boas graças. Por que não pode isso voltar a acontecer?

— Pode, mas não da maneira que pensa.

— Irrita-me, por tudo o que fizemos pela Igreja. Vinte mil irmãos e seis mestres morreram para defender Jesus Cristo. O sacrifício dos Cavaleiros Hospitalários nem tão-pouco se compara. Não existe um único santo templário, mas muitos foram os hospitalários canonizados. Pretendo corrigir essa injustiça.

— E como será isso possível? — O capelão não esperou pela resposta. — O que está feito não poder ser mudado.

De Roquefort pensou no bilhete. A SOLUÇÃO FOI ENCONTRADA. E no telemóvel guardado no bolso. LIGAREI PARA ESTE TELEFONE ANTES DO ENTARDECER COM MAIS INFORMAÇÕES. Os dedos acariciaram o volume provocado pelo telemóvel no bolso das calças. O capelão continuava a falar e murmurava algo acerca de “uma busca inútil”. Royce Claridon continuava metido nos arquivos à procura de mais pistas.

Porém, apenas um pensamento lhe ocupava a mente.

Porque é que o telemóvel não tocava?

..*

— Começo a ficar farto disto, Henrik — gritou Malone. Acabara de ouvir Mark Nelle explicar que as ruínas da abadia próxima pertenciam a Thorvaldsen. Encontravam-se à sombra das árvores, à entrada de Saint Agulous onde tinham estacionado e aguardado.

— Cotton, não fazia ideia de que aquela propriedade era minha.

— E acha mesmo que acreditamos nisso? — perguntou Stephanie.

— Pouco me importa se acreditam ou não. A verdade é que isso para mim é uma novidade.

— Então como o explica? — questionou Malone.

— Não faço ideia. Sei apenas que Lars me pediu cento e quarenta mil dólares, três meses antes de falecer. Nunca me disse o que pretendia fazer com o dinheiro e eu nunca perguntei.

— Deu-lhe essa enorme quantia de dinheiro sem lhe perguntar nada? — interrogou Stephanie.

— Ele precisava e eu emprestei. Confiava nele.

— O abade disse que o meu pai comprou a propriedade ao governo regional. Pelos vistos queriam ver-se livres das ruínas e tinham poucas ofertas, dada a localização e mau estado de conservação foi vendida em leilão aqui mesmo em Saint Agulous. — Mark virou-se para Thorvaldsen. — A sua oferta foi a melhor. O padre conhecia o meu pai e disse que não foi ele quem licitou.

— Então Lars deve ter pedido a alguém para fazer isso por ele, porque não fui eu. Depois registou a propriedade em meu nome para não se envolver. Lars era bastante paranoico. Se fosse dono daquelas ruínas e o soubesse, ter-vos-ia dito isso mesmo ontem à noite.

— Não tenho assim tanta certeza — murmurou Stephanie.

— Escute, Stephanie. Não tenho medo de si nem de nenhum de vocês e nem tão-pouco tenho de me explicar. Considero-vos meus amigos e se soubesse que as ruínas eram minhas teria dito.

— Por que não partimos, do pressuposto que Henrik está a dizer a verdade? — sugeriu Cassiopeia. Estivera estranhamente calada durante toda a discussão. — O melhor seria irmos andando. Anoitece depressa nas montanhas e eu quero ver o que lá está.

Malone concordou.

— Ela tem razão. Vamos embora, podemos discutir isto mais tarde.

A viagem até ao local demorou quinze minutos, e exigiu nervos de aço e bons travões. Seguiram as indicações do abade e não tardaram a avistar as ruínas no cimo de um monte, a torre flanqueada por um precipício. A estrada terminava a dois quilómetros das ruínas e a caminhada até lá, por entre pinheiros e rochas, levou mais dez minutos.

Entraram na abadia.

Os sinais de negligência eram evidentes e estavam por todo o lado. As grossas paredes estavam nuas e Malone deixou que os dedos tocassem o granito, cada uma daquelas pedras cortada da montanha e trabalhada com paciência por mãos

antigas e sabedoras. O que teria sido em tempos uma enorme galeria, com colunas e capitéis que séculos de erosão haviam deixado quase irreconhecíveis, abria-se agora para o céu azul, e musgo, líquenes e ervas cobriam o chão, outrora de pedra. As cigarras enchiam a tarde de sons.

Era difícil entender a planta da abadia, pois o telhado e a maior parte das paredes estavam caídos no chão. Todavia, as celas dos monges eram ainda visíveis, assim como uma grande sala e outra divisão espaçosa, que aparentava ser uma biblioteca. Malone não tinha dúvidas de que a vida ali deveria ter sido frugal, parcimoniosa e austera.

— Tem aqui uma bela casa — disse para Thorvaldsen.

— Estava agora a admirar o que cento e quarenta mil dólares compravam há doze anos.

Cassiopeia parecia fascinada.

— Os monges deviam cultivar o pouco solo fértil existente aqui em cima. Os dias eram curtos e os Verões muito breves. Quase que conseguimos escutar os seus cânticos.

— Deviam ser autênticos eremitas — disse Thorvaldsen.

— Lars registou esta propriedade em seu nome por algum motivo. E também vinha cá por algum motivo. Tem de existir aqui qualquer coisa — afirmou Stephanie.

— Talvez — disse Cassiopeia —, mas o abade da aldeia contou a Mark que Lars não encontrou nada. Esta pode ser mais uma das suas intermináveis buscas.

Mark abanou a cabeça.

— O criptograma dirigiu-nos para aqui. O meu pai veio aqui. Pode não ter encontrado nada, mas achou o lugar suficientemente importante para o comprar. Estamos no sítio certo.

Malone sentou-se numa pedra e olhou para o céu.

— Temos mais cinco ou seis horas de luz. Sugiro que as aproveitemos ao máximo. Deve fazer frio durante a noite e estes casacos não vão ser de grande ajuda.

— Trouxe algum equipamento no Land Rover — informou Cassiopeia. — Lanternas, cordas e um pequeno gerador.

— Mas que mulher tão precavida! — elogiou Malone.

— Aqui — gritou Geoffrey.

Malone espreitou mais para o fundo das ruínas. Não se apercebera que o irmão se separara do grupo.

Seguiram a voz dele e encontraram Geoffrey frente ao que fora em tempos um

portal românico. Pouco restava da sua decoração, para além de touros com cabeça de homens, leões alados e folhas de palmeira.

— A igreja — anunciou Geoffrey — foi cavada na rocha. Malone confirmou que as paredes não tinham sido feitas pelo homem, mas antes talhadas na pedra do monte.

— Sempre vamos precisar das lanternas — disse ele para Cassiopeia.

— Não vamos, não — contrapôs Geoffrey. — Há luz no interior.

Malone foi o primeiro a entrar. As abelhas zumbiam nas sombras. Estreitos raios de luz atravessavam pequenas ranhuras cortadas na pedra em diferentes ângulos, aparentemente desenhadas para aproveitar o movimento do Sol. Houve algo que lhe chamou a atenção. Aproximou-se de uma das paredes, agora desprovida de qualquer decoração, para além de um baixo-relevo a cerca de três metros acima da sua cabeça. O cimo aparentava ser um elmo com uma faixa de linho a cair de ambos os lados de um rosto masculino. As feições já praticamente não se distinguiam e o nariz quase que desaparecera. No cimo, estava uma esfinge e por baixo um escudo de pedra com três martelos.

— É um símbolo templário — disse Mark. — Já vi um igual na nossa abadia.

— E o que faz aqui? — perguntou Malone.

— Os catalães que viveram nesta região durante o século XIV não morriam de amores pelo rei francês. Os templários foram aqui tratados com amabilidade, mesmo depois da Expulsão. Foi por isso que procuraram refúgio nesta região.

As grossas paredes erguiam-se até um tecto arredondado e dos frescos, que seguramente em tempos haviam adornado as paredes nada restava. A água que se infiltrara na rocha porosa há muito que apagara qualquer vestígio artístico.

— Parece uma caverna — comentou Stephanie.

— Ou uma fortaleza — notou Cassiopeia. — Pode muito bem ter sido a última linha de defesa da abadia.

Malone estava a pensar no mesmo.

— Sim, é possível. Mas há um problema — disse ele, e apontou em redor —, não existe mais nenhuma saída.

Houve outra coisa que lhe chamou a atenção. Aproximou-se e fixou os olhos na parede, a maior parte da qual imersa em sombras.

— Quem me dera ter aqui uma das lanternas. Os outros aproximaram-se também.

Pouco acima da sua cabeça, viu uma série de letras gravadas na pedra, já quase desaparecidas.

— P, R, N, V, I, R? — perguntou Malone.

— Não — disse Cassiopeia. — Há mais. Outro I e talvez um E e outro R.

Ela tinha razão. Tentou interpretar o que estava ali escrito.

PRIER EN VENIR

Malone esboçou um sorriso aberto e satisfeito. Recordou-se das palavras no centro da lápide de Marie d'Hautpoul de Blanchefort: “REDDIS REGIS CELLIS ARCIS”. E do que Claridon dissera acerca delas em Avinhão.

“Reddis significa devolver, restituir ou recuperar alguma coisa anteriormente tirada. Regis deriva de Rex, ou seja, rei. Cella diz respeito a uma arrecadação. Arcis provém de arx, que quer dizer forte, fortaleza, cidadela.”

Na altura, as palavras pareciam não fazer sentido, mas talvez agora precisassem apenas de ser redispostas.

“Arrecadação”, “fortaleza”, “restituir algo anteriormente tirado”, “rei”.

Se se acrescentassem algumas preposições, a mensagem poderia ser: “Na arrecadação de uma fortaleza, recuperar algo anteriormente retirado ao rei”.

E a seta que se estendia no centro da lápide, entre as palavras, começava no cimo com as letras P-S e terminava em PRAE-CUM.

Prae-cum. Termo latino para rezar para que chegue”

Voltou a examinar as letras gravadas na rocha

PRIER EN VENIR

Expressão francesa para *rezar para que chegue*.

Voltou a sorrir e depois contou aos outros o que lhe ocorrera.

— O abade Bigou era esperto, não há dúvida.

— A seta no meio da lápide tinha de ser importante — comentou Mark. — Estava mesmo no centro, num local onde era impossível não a ver.

Os sentidos de Malone estavam agora ainda mais alerta e começou a observar o chão. Muitas das lajes tinham desaparecido e as que restavam estavam partidas ou rachadas. Apesar disso, reparou num padrão. Uma série de quadrados, emoldurados por uma estreita linha de pedra, corria de cima para baixo e da esquerda para a direita.

Contou-os.

No interior de uma das molduras contou sete pedras na horizontal e nove na vertical' Contou outra secção que era igual, e depois mais uma e o resultado era o mesmo.

— O chão está disposto na mesma sequência de setes e noves — explicou-lhes.

Mark e Henrik avançaram em direção ao altar, também a contarem.

— E existem nove secções desde a porta até ao altar — disse Mark.

— E sete na horizontal — acrescentou Stephanie.

— Bem, parece que estamos no lugar certo — concluiu Malone. Pensou novamente na lápide. “Rezar para que chegue”. Voltou a olhar para as palavras francesas escritas na pedra e depois baixou os olhos para observar o chão. As abelhas continuavam a zumbir junto ao altar.

— Temos de ir buscar as lanternas e o gerador. Precisamos de ver o que estamos a fazer.

— Acho que o melhor seria passarmos aqui a noite — sugeriu Cassiopeia. — A estalagem mais próxima fica em Elne, a cinquenta quilómetros daqui. Talvez devêssemos acampar por aqui mesmo.

— Temos mantimentos? — perguntou Malone.

— Não temos, mas podemos ir comprá-los a Elne sem levantar muitas suspeitas — explicou ela. — Mas eu não quero sair daqui.

Malone percebeu que ninguém estava disposto a abandonar o local agora que a busca atingia o seu auge. O enigma deixara de ser um conceito abstrato, impossível de entender. Em vez disso, a resposta encontrava-se ali algures em redor e, ao contrário do que dissera a Cassiopeia no dia anterior, queria encontrá-la.

— Eu vou — ofereceu-se Geoffrey. — Vocês precisam de ficar para decidir o melhor rumo a tomar.

— Agradecemos — disse Thorvaldsen.

Cassiopeia levou a mão ao bolso e tirou umas quantas notas.

— Vai precisar de dinheiro.

Geoffrey aceitou os euros e sorriu.

— Façam uma lista do que é necessário e eu estarei de volta antes de anoitecer.

CINQUENTA E OITO

Malone varreu o interior da igreja com o feixe de luz da lanterna, enquanto estudava as paredes de pedra em busca de mais pistas. Já tinham descarregado todo o material que Cassiopeia trouxera e transportado tudo para o interior da abadia. Stephanie e Cassiopeia encontravam-se no exterior a montar o acampamento e Henrik oferecera-se para ir procurar lenha. Ele e Mark tinham regressado às ruínas para tentar perceber se lhes escapara alguma coisa.

— Esta igreja já está vazia há muito tempo — comentou Mark.

— Segundo o padre da aldeia, há trezentos anos.

— Deve ter sido magnífica.

— Este tipo de construção não é invulgar. Existem igrejas subterrâneas por todo o Languedoc. A mais famosa situa-se em Vals, perto de Carcassonne. Está em bom estado e ainda exibe os seus frescos. Todas as igrejas desta região eram pintadas, era assim o estilo da época. Infelizmente, e graças à Revolução, poucos vestígios restaram desse tipo de arte.

— A vida aqui devia ser difícil.

— Os monges eram uma gente estranha. Não tinham jornais, nem rádio, nem televisão, nem música, nem cinema. Os livros e os frescos eram os seus únicos passatempos.

Malone continuou a perscrutar a escuridão que o rodeava, quebrada apenas por uma ténue luz pálida que coloria alguns pormenores, como se tivesse nevado ali dentro.

— Temos de partir do princípio de que o criptograma do marechal é verdadeiro — disse Mark. — Não há razão para pensar o contrário.

— Exceto o facto de o marechal ter desaparecido pouco tempo depois de ter escrito o relato.

— Sempre acreditei que esse homem possuía o mesmo tipo de motivação que De Roquefort. Acho que desapareceu em busca do tesouro. Deve ter sabido da história do segredo da família De Blanchefort. Essa informação e o facto de o abade Bigou poder ter conhecimento do segredo, fazem parte das nossas Crónicas. O marechal pode ter partido do pressuposto de que Bigou escondeu ambos os criptogramas e que estes levavam ao Grande Legado. Sendo um homem ambicioso, resolveu ir procurá-lo.

— Então para quê tomar nota do criptograma?

— Não fazia grande diferença. Já tinha a solução, que o abade Gélis lhe fornecera. Mais ninguém fazia ideia do significado do quebra-cabeças, portanto, por que não anotar tudo no livro e mostrar trabalho feito ao mestre?

— Pensando assim, o marechal também pode ter morto o abade Gélis e depois regressado e registado tudo o que aconteceu como forma de ocultar o seu envolvimento.

— Também faz sentido.

Malone aproximou-se das letras gravadas na parede — PRIER EN VENIR.

— Não sobreviveu mais nada aqui dentro — murmurou ele.

— Isso é verdade e é lamentável. Existem muitos nichos nas paredes e todos eles deviam conter estátuas. Isso, juntamente com os frescos devia tornar esta igreja um lugar bem decorado.

— Então, como conseguiram estas palavras sobreviver?

— Estão quase sumidas.

— Mas ainda se conseguem ler — argumentou ele, e pensou que talvez Bigou tivesse assegurado que isso aconteceria.

Voltou a recordar-se da lápide de Marie de Blanchefort, da seta de duas pontas e da expressão PRAE-CUM. Rezar para que chegue. Olhou para o chão e para a sequência 7-9.

— Os bancos estariam colocados aqui, não achas?

— Sim, bancos longos e de madeira, há muito desaparecidos.

— Se Saunière descobriu a solução do criptograma por ele mesmo ou lhe foi apontada por Gélis...

— O marechal dizia no seu relatório que Gélis não confiava em Saunière.

Malone abanou a cabeça.

— Podia não ser verdade. É óbvio que Saunière sabia de alguma coisa. Portanto, vamos partir do princípio de que ele encontrou o Grande Legado. De tudo o que lemos, sabemos que o abade regressou aqui muitas vezes, e segundo o que me disseste em Rennes ele e a amante costumavam sair em passeio e regressar carregados de pedras para a gruta que ele andava a construir. Podia muito bem vir aqui para fazer levantamentos do seu banco privado.

— No tempo de Saunière essa viagem seria facilmente realizada de comboio.

— Então o abade necessitaria de ter acesso ao esconderijo e ao mesmo tempo manter o local secreto.

Observou mais uma vez as palavras gravadas na pedra. PRIER EN VENIR. Rezar para que chegue. Ajoelhou-se.

— Faz sentido, mas o que consegue ver daí que eu não veja daqui? —

perguntou Mark.

O olhar dele varreu a igreja. Nada mais restava no seu interior para além do altar, a seis metros de distância. A pedra do cimo devia ter cerca de oito centímetros de espessura, e estava apoiada num suporte retangular feito de blocos de granito. Contou os blocos numa fila horizontal. 9. Depois contou-os verticalmente, 7. — Apontou o feixe de luz da lanterna para as pedras cobertas de líquenes. A argamassa que as unia era ainda visível. Seguiu o contorno da argamassa com a luz até à parte de baixo da pedra do altar. E foi então que viu. Agora sabia. Malone esboçou um sorriso vitorioso.

"Rezar para que chegue".

Esperto.

..*

De Roquefort não estava a prestar atenção ao que o tesoureiro dizia. Era algo sobre o orçamento e os excedentes. A abadia era gerida por fundos há muito obtidos e religiosamente mantidos de modo a assegurar que nunca viesse a passar por dificuldades financeiras. Os seus campos, quintas, adegas e leitarias supriam grande parte das necessidades e a água era de tal modo abundante que a canalizavam para o vale, onde era engarrafada e vendida por toda a França. Claro que muito do que era necessário para complementar as refeições e fazer a manutenção tinha de ser comprado. Contudo, o dinheiro proveniente da venda da água e do vinho, para além das receitas dos bilhetes das visitas, era mais do que suficiente para cobrir essas despesas. Por isso, não estava a entender o objetivo daquela conversa.

— Estamos com falta de dinheiro? — interrompeu De Roquefort.

— De modo nenhum, mestre.

— Então por que me está a incomodar?

— O mestre tem de ser informado de todas as decisões monetárias.

O idiota tinha razão, mas não lhe apetecia ter de pensar naquilo. Apesar disso, o tesoureiro podia ser útil.

— Estudou a nossa história financeira?

A pergunta parecia ter apanhado o homem de surpresa.

— Claro que sim, mestre. É obrigatório para todos os que desejam ser tesoureiros. Estou neste momento a ensinar os mais novos.

— Na altura da Expulsão, a quanto ascendia a nossa riqueza?

— Era incalculável. A Ordem possuía nove mil bens imobiliários e é impossível avaliar tudo isso.

— E a riqueza líquida?

— Também é difícil dizer. Tínhamos dinares em ouro, moedas bizantinas, florins de ouro, dracmas, marcos, e barras de prata e ouro. Quando De Molay se deslocou a França, em 1306, levava consigo doze cavalos carregados de prata não cunhada, que ninguém sabe onde ficaram. Depois havia ainda os objetos que guardávamos como depósito.

De Roquefort sabia a que se referia o tesoureiro. A Ordem fora pioneira no conceito de depósito seguro, e guardava testamentos, dinheiro, joias e outros documentos importantes de pessoas abastadas a troco de uma taxa. A sua reputação como uma ordem honesta e de confiança fez com que o serviço crescesse em toda a cristandade.

— Os valores deixados à guarda da Ordem desapareceram durante a Expulsão — explicou o tesoureiro. — E os inventários estavam nos arquivos que também desapareceram. Por isso não há maneira de avaliar nada disso. Todavia, posso dizer que a nossa riqueza andaria na casa dos milhares de milhões de euros.

Também estava a par da história das carroças de feno conduzidas para sul por quatro irmãos e o seu líder, Gilbert de Blanchefort, que recebera instruções para não revelar a ninguém o seu destino e para se assegurar de que esse conhecimento era "passado a outros de forma apropriada". De Blanchefort cumprira bem a sua missão. Setecentos anos depois, a localização do Grande Legado continuava desconhecida.

O que seria tão precioso para Jacques de Molay que ordenara que fosse ocultado de modo tão elaborado?

Refletira na resposta àquela pergunta durante trinta anos.

O telemóvel no bolso começou a vibrar e de Roquefort assustou-se.

Já não era sem tempo.

— O que foi, mestre? — perguntou o tesoureiro.

A voz do homem chamou-o de novo à realidade.

— Pode sair.

O tesoureiro levantou-se, fez uma vénia e depois retirou-se.

De Roquefort atendeu o telemóvel e disse:

— Espero que isto não seja mais uma perda de tempo.

— Desde quando a verdade é uma perda de tempo?

Reconheceu a voz de imediato. Era Geoffrey.

— E que razões tenho eu para acreditar numa única palavra tua? — perguntou ele.

— Porque é o meu mestre.

— A tua lealdade era para com o meu antecessor.

— Isso é verdade, enquanto ele foi vivo. Após a sua morte, o meu voto para com a irmandade obriga-me a ser fiel a quem envergar o manto branco.

— Ainda que não gostes desse homem.

— Acho que fez o mesmo durante muitos anos.

— E atacar o teu mestre faz parte dessa lealdade? — Não se esquecera do golpe na cabeça na noite em que ele e Mark Nelle tinham fugido da abadia.

— Foi necessário para ganhar a confiança do senescal.

— Onde conseguiste este telemóvel?

— Foi o antigo mestre quem mo deu. Era para ser utilizado durante as nossas buscas no exterior, mas decidi dar-lhe uma utilização diferente.

— Tu e o mestre arquitetaram tudo muito bem.

— Era importante para ele que fôssemos bem sucedidos. Foi por esse motivo que enviou o diário a Stephanie Nelle, para a envolver.

— Esse diário é uma inutilidade.

— Foi o que me disseram. Não sabia disso até ontem. Perguntou por fim o que desejava realmente saber.

— Já resolveram o criptograma? Aquele que estava no relatório do marechal?

— Sim, já foi resolvido.

— Diz-me, onde estão vocês?

— Em Saint Agulous. Nas ruínas da abadia a norte da aldeia.

— E o Grande Legado está escondido aí?

— Todas as pistas apontam nessa direção. Eles estão neste momento a tentar descobrir o esconderijo e eu vim a Elne comprar mantimentos.

Começava a acreditar no irmão. Todavia, perguntava-se o que desencadeara aquela atitude, se o desespero se o bom senso.

— Se tudo isso for mentira, mato-te.

— Já o fez antes, por isso acredito na sua ameaça.

Sabia que não deveria perguntar, mas apesar disso fê-lo.

— E quem foi que eu matei?

— É por certo responsável pela morte de Ernst Scoville e talvez pela de Lars Nelle, mas essa será mais difícil de determinar, pelo menos tendo em consideração o que o anterior mestre me contou.

Queria saber mais coisas, mas qualquer interesse que demonstrasse seria tomado como uma admissão tácita, por isso declarou apenas:

— És um sonhador.

— Já me chamaram coisas piores.

— Quais são as tuas motivações?

— Quero ser cavaleiro e é o mestre quem faz essa escolha. Há algumas noites, na capela, quando prendeu o senescal, deixou claro que isso nunca iria acontecer. Decidi nessa altura tomar um caminho diferente, um caminho que o anterior mestre não aprovaria. Assim, segui o curso dos acontecimentos, tentei saber o máximo de informações possível e esperei até poder oferecer-lhe aquilo que realmente deseja. Em troca, peço apenas o perdão da Ordem.

— Se o que dizes é verdade, ser-te-á concedido.

— Tenho de regressar às ruínas. Eles planeiam passar lá a noite. Já deve ter percebido que são pessoas determinadas e inteligentes, tanto em grupo como individualmente. Embora não pretenda dar-lhe conselhos, o melhor será agir de modo peremptório.

— Garanto-te que assim farei.

CINQUENTA E NOVE

Malone levantou-se e caminhou até ao altar. No feixe de luz da lanterna, reparara na ausência de argamassa sob a pedra superior. A sequência 7-9 chamara-lhe a atenção e ajoelhar-se permitira-lhe ver a fenda.

Junto ao altar, agachou-se e aproximou a luz.

— A pedra do cimo não está pegada ao suporte.

— Nem precisa. A gravidade ajuda a mantê-la no local — explicou Mark — Olhe para a pedra. Deve ter oito centímetros de espessura e quase dois metros de comprimento.

— Bigou escondeu o seu criptograma na coluna do altar em Rennes. Sempre me perguntei porquê aquele esconderijo Original, não acha? Para lá chegar, teve de levantar a pedra o suficiente para soltar o ponto de apoio e depois colocar o frasco de vidro na pequena abertura. Volta-se a colocar a pedra do altar no sítio e temos um excelente esconderijo. Mas não é assim tão simples. Ao escolher aquele local, Bigou estava a tentar dizer algo. — Pousou a lanterna. — Temos de deslocar isto

Mark avançou para uma das pontas e Malone para a outra. Ao segurar a laje de ambos os lados, tentou perceber se a pedra se deslocaria. E deslocou, ligeiramente.

— Tens razão — disse ele. — Foi apenas aqui assente. Não vejo razão para estarmos com mesuras. Vamos empurrar isto para o chão.

Juntos, deslizaram a pedra para a esquerda e para a direita até que a gravidade pudesse fazer o resto.

Malone olhou para a abertura retangular que ficara exposta e viu que estava repleta de pedras.

— Está cheia de pedras — disse Mark.

Malone sorriu.

— Claro que está. Ajuda-me a retirá-las.

— Para quê?

— Se fosses Saunière e não quisesses que ninguém seguisse o teu rasto, a laje do altar já seria ótima para desencorajar qualquer um, mas estas pedras seriam ainda melhores. Tal como me disseste ontem, temos de pensar como as pessoas daquele tempo. Olha em redor. Nunca ninguém viria aqui à procura de um tesouro. Isto não passava de uma ruína. E quem se daria ao trabalho de

desmanchar o altar? Está aqui há séculos, imperturbado. No entanto, se alguém o fizesse, o melhor seria ter uma segunda defesa.

O suporte retangular erguia-se a cerca de um metro do chão e não demoraram a retirar todas as pedras do seu interior. Dez minutos mais tarde, o pilar estava vazio. O fundo estava coberto de terra.

Malone saltou para o interior e pareceu-lhe sentir uma ligeira vibração. Dobrou-se e apalpou o fundo com as mãos. A terra ressequida tinha a consistência da areia do deserto. Mark iluminou a abertura enquanto Malone retirava a areia com a mão em concha. A quinze centímetros de profundidade, tocou em qualquer coisa dura. Com as duas mãos, abriu uma pequena cratera e avistou tábuas de madeira.

Olhou para cima e sorriu de contentamento.

— É tão bom ter razão.

..*

De Roquefort entrou de rompante na sala e fitou os membros do conselho. Pedira uma reunião de emergência logo após o telefonema de Geoffrey.

— O Grande Legado já foi encontrado.

Os irmãos entreolharam-se surpreendidos.

— O anterior senescal e os seus comparsas localizaram o esconderijo. Tenho um irmão dentro do grupo que os espia e me vai mantendo informado. Chegou a hora de reclamarmos a nossa herança.

— E o que propõe? — questionou um deles.

— Levar um contingente de cavaleiros e prendê-los.

— Mais derramamento de sangue? —perguntou o capelão.

— Não será necessário, se tudo for feito com cuidado.

O capelão não parecia impressionado.

— O anterior senescal e Geoffrey, que aparentemente é o seu aliado, visto não haver mais nenhum irmão no grupo, já mataram dois membros da Ordem. O que o leva a pensar que não haverá mais tiros?

Já ouvira o suficiente.

— Capelão, isto não é um assunto de fé. A sua orientação não é necessária.

— A segurança dos membros desta Ordem é responsabilidade de todos.

— Está porventura a insinuar que não me preocupo com o bem-estar e segurança da Ordem? — Elevou a voz. — Pretende questionar a minha autoridade e as minhas decisões? Diga-me, capelão.

Se o veneziano estava intimidado, não o deixou transparecer, e limitou-se a afirmar:

— É o meu mestre, devo-lhe lealdade... Em qualquer circunstância. — De Roquefort não apreciou o tom insolente. — Mas, mestre, não foi o senhor que disse que devíamos todos participar numa decisão com esta magnitude? — Alguns dos outros membros acenaram com a cabeça em sinal de assentimento. — Informou a irmandade em conclave de que iria seguir um novo rumo?

— Capelão, estamos prestes a embarcar numa das maiores missões da história da nossa Ordem. Não tenho tempo para discutir consigo.

— Sempre pensei que dar graças ao nosso Senhor e Deus fosse uma das nossas maiores missões e isso é um assunto de fé do qual estou habilitado a falar.

De Roquefort já estava farto.

— Pode sair. — O capelão permaneceu sentado e ninguém se atreveu a dizer palavra. — Se não abandonar a sala de imediato, mando prendê-lo e enfrentar o castigo. — Fez uma pausa. — Que não será agradável.

O capelão levantou-se e fez uma vénia curta.

— Eu saio, como ordenou.

— E falaremos mais tarde, pode ter a certeza.

Esperou que o homem abandonasse a sala e depois disse aos outros:

— Procurámos durante muito tempo o nosso Grande Legado. Agora está ao nosso alcance. Aquilo que contém pertence-nos a nós e a mais ninguém. É a nossa herança e eu pretendo reclamar aquilo que é nosso. Levarei doze cavaleiros para me ajudarem. Deixo a escolha dos homens ao vosso critério. Que estejam prontos e armados daqui a uma hora.

..*

Malone chamou Stephanie e Cassiopeia e pediu-lhes que trouxessem a pá que tinham descarregado do Land Rover. Apareceram acompanhadas de Henrik e, quando entraram na igreja, Malone explicou-lhes o que ele e Mark tinham descoberto.

— Muito esperto — elogiou Cassiopeia.

— Tenho os meus momentos.

— Precisamos de tirar o resto da terra aí de dentro — sugeriu Stephanie.

— Passe-me a pá, se faz favor.

Retirou o resto da areia e, alguns minutos depois, pôs a descoberto três tábuas de madeira escurecida. Metade estava presa com tiras de metal e a outra metade formava uma porta com dobradiças que abria para cima.

Dobrou-se e tocou gentilmente no metal.

— O ferro está corroído. As dobradiças já se desfizeram. Cem anos de exposição fizeram os seus estragos.

Ergueu-se e usou a pá para partir o que restava delas.

— Como assim, cem anos? — perguntou Stephanie.

— Foi Saunière quem construiu esta porta — explicou Cassiopeia. — A madeira não está em muito mau estado e parece ter sido bem acabada, o que não é coisa que se veja em madeira medieval. Saunière precisava de entrar e sair facilmente, por isso, quando descobriu esta entrada, refez a porta.

— Concordo — disse Malone. — E isso explica o modo como lidou com a pesada pedra do altar. Arrastava-a até meio, tirava as pedras que tapavam a porta, trepava cá para dentro e depois voltava a colocar tudo no lugar quando saía. De acordo com o que li, era um homem robusto e bastante esperto.

Encaixou a pá na abertura e puxou-a para cima. Mark alcançou as tábuas e segurou-as. Malone atirou a pá para o lado e juntos arrancaram a madeira da sua moldura, expondo um buraco fundo.

Thorvaldsen olhou para o vazio.

— Fantástico. É bem possível que estejamos no lugar certo.

Stephanie virou a lanterna para a abertura e iluminou uma escada encostada à parede.

— Acha que aguenta?

— Só há uma maneira de descobrirmos.

Malone esticou a perna e com cuidado aplicou algum peso sobre o primeiro degrau. A escada era feita de madeira grossa e ele esperava que ainda estivesse bem pregada. Viu algumas cabeças de prego enferrujadas. Fez mais peso e agarrou-se ao pilar, não fosse tudo aquilo desabar de um momento para o outro. O degrau não cedeu. Colocou o outro pé na escada e experimentou o seguinte.

— Acho que aguenta.

— Eu sou mais leve — elucidou Cassiopeia. — Não me importo de ir à frente.

Malone sorriu.

— Se não se importa, gostava de ser eu a fazê-lo.

— Está a ver? Eu tinha razão — disse ela —, também deseja isto.

Sim, era verdade. O que estava lá em baixo começava a motivá-lo, como a busca de livros raros em estantes obscuras. Não havia maneira de saber o que se iria encontrar.

Ainda agarrado à beira do suporte do altar, desceu-se até ao segundo degrau. Distavam cerca de quarenta e cinco centímetros uns dos outros. Passou rapidamente as mãos para o cimo da escada e desceu mais um degrau.

— São sólidos.

Continuou a descer, experimentando-os um a um. Por cima da sua cabeça,

Stephanie e Cassiopeia varriam a escuridão com as lanternas. No passar dos feixes de luz apercebeu-se de que estava a chegar ao fim da escada. O chão era o próximo passo. Estava tudo coberto por uma gravilha fina e pedras do tamanho de punhos e caveiras.

— Atirem-me uma lanterna — pediu ele.

Thorvaldsen esticou o braço e deixou-a deslizar. Malone agarrou a lanterna e iluminou o espaço em seu redor. A escada erguia-se desde o chão até ao tecto, numa altura de cerca de cinco metros. Também reparou que a saída ficava no centro de um corredor natural que milhões de anos de chuva e neve a derreter tinham escavado na pedra calcária. Sabia que os Pirenéus estavam repletos de cavernas e túneis.

— Por que não salta para o chão? — perguntou Cassiopeia.

— Isso seria demasiado fácil. — Sentiu um pequeno arrepio no fundo das costas e algo lhe dizia que não era apenas provocado pelo ar frio. — Vou passar para o lado de trás da escada. Deixem cair uma dessas pedras o mais a direito possível. — Desviou-se do caminho.

— Já podemos? — perguntou Stephanie.

— Força — respondeu ele.

A pedra atravessou a abertura, atingiu o chão e continuou a cair. O foco das lanternas iluminou o local de impacto.

— Tinha razão — exclamou Cassiopeia. — Aquele buraco estava ali mesmo à espera que alguém saltasse da escada.

— Atirem mais pedras em redor até encontrar chão sólido.

Choveram mais quatro e aterraram em terra firme. Como já sabia onde era seguro colocar os pés, saltou da escada e examinou a armadilha com a lanterna. A cavidade tinha cerca de um metro quadrado e pelo menos um metro de profundidade. Debruçou-se e retirou alguns pedaços da madeira que fora colocada por cima da abertura. As pontas eram macho e fêmea e as tábuas suficientemente finas para se quebrarem com o peso de um homem, mas suficientemente grossas para aguentarem uma camada de areia e saibro. No fundo do buraco erguiam-se espigões de metal bem afiados, à espera de atingir qualquer intruso. O tempo embotara o seu brilho, mas não a sua eficácia.

— Saunière não brincava — comentou ele.

— Podem ser armadilhas deixadas pelos templários — fez notar Mark. — Isso é latão?

— É bronze.

— A Ordem era perita em metalurgia. Usavam bronze, latão, cobre. A Igreja

proibia as experiências científicas, por isso aprenderam coisas como essas com os árabes.

— Aquela madeira não tinha setecentos anos — alertou Cassiopeia. Saunière deve ter consertado as defesas dos templários.

Não era propriamente o que ele desejava ouvir.

— O que significa que esta é apenas a primeira de muitas armadilhas.

SESSENTA

Stephanie, Cassiopeia e Mark juntaram-se a Malone. Thorvaldsen ficou lá em cima à espera que Geoffrey regressasse e preparado para descer qualquer ferramenta que viesse a ser precisa.

— O que eu disse não foi uma brincadeira — esclareceu Mark.

— Os templários foram pioneiros nas armadilhas. Li relatos nas Crónicas sobre as técnicas que desenvolveram.

— Mantenham os olhos bem abertos — alertou Malone. — Se queremos encontrar alguma coisa, temos de procurar.

— Já passa das três — informou Cassiopeia. — Daqui a duas horas já não haverá sol. Se está frio agora, imaginem quando anoitecer.

O casaco ajudava a manter o corpo quente, mas luvas e meias térmicas também seriam uma grande ajuda. Tudo isso fazia parte da lista de compras de Geoffrey. Apenas a luz proveniente do tecto iluminava a passagem que se estendia em ambas as direções. Sem as lanternas, Malone duvidava que fossem capazes de ver um dedo à frente do nariz.

— A luz do Sol não faz diferença. Já não chega aqui abaixo. Precisamos é que Geoffrey regresse com a comida e roupa quente. Henrik — gritou —, avise-nos quando o irmão chegar.

— Boa sorte, Cotton!

A mente fervilhava-lhe de ideias.

— O que será este lugar? — perguntou aos outros.

— Pode fazer parte de um *horreum* — alvitrou Cassiopeia.

— Quando os romanos governaram esta região, abriram arrecadações subterrâneas para conservarem bens perecíveis. Digamos que foram a primeira versão dos frigoríficos. Muitos sobreviveram até hoje. Este pode ser um deles.

— E os templários sabiam disso? — questionou Stephanie.

— Também os tinham — explicou Mark. — Aprenderam com os romanos. O que Cassiopeia diz faz sentido. Quando Jacques de Molay pediu a Gilbert de Blanchefort para esconder o tesouro do Templo, ele pode muito bem ter escolhido um lugar como este. Sob uma igreja desconhecida, numa abadia menor, e sem qualquer ligação à Ordem.

Malone apontou a lanterna para a frente e depois virou-se e dirigiu o foco para o lado oposto.

— Para que lado?

— Boa pergunta — disse Stephanie.

— Mark e Stephanie, sigam por esse lado — instruiu Malone.

— E eu e Cassiopeia vamos por este. — Apercebeu-se que nem Stephanie nem o filho ficaram satisfeitos com a decisão. — Não temos tempo para discussões entre mãe e filho. Esqueçam isso por agora e façam o vosso trabalho. Era isso que me diria, Stephanie.

Ela nem sequer argumentou.

— Cotton tem razão. Vamos — disse a Mark. Malone ficou a vê-los desaparecer na escuridão.

— Boa jogada — murmurou Cassiopeia. — Mas acha que foi sensato enviá-los juntos? Têm muito para resolver entre eles.

— Nada como momentos de tensão para os fazer apreciar a presença um do outro.

— Isso também se aplica a nós dois?

Ele virou o feixe da lanterna para o rosto dela.

— Comece a andar e já ficamos a saber.

..*

De Roquefort e os doze irmãos aproximaram-se das ruínas pelo lado sul. Tinham evitado a aldeia de Saint Agulous e estacionado os veículos alguns quilómetros atrás. Fizeram o resto do caminho a pé, por entre rochas e arbustos. Sabia que toda aquela região atraía muitos amantes da natureza e montanhistas. O grupo seguia por um caminho estreito mas bem marcado, talvez utilizado pelos pastores locais e pelos seus rebanhos. O trilho terminava a cerca de um quilómetro do monte de pedras e entulho que fora em tempos um lugar de devoção.

De Roquefort parou e consultou o relógio. Eram quase quatro horas da tarde. O irmão Geoffrey dissera que regressava às quatro. Olhou em redor. As ruínas erguiam-se sobre um promontório, cem metros acima. O automóvel alugado de Malone estava estacionado ali perto.

— É melhor escondermo-nos por entre as árvores — ordenou.

Um momento mais tarde, avistou um Land Rover a subir a colina e viu-o depois parar ao lado do Peugeot. Geoffrey saiu do banco do condutor e reparou que o jovem olhava em volta como se procurasse alguém. No entanto, De Roquefort não revelou a sua presença, pensando poder tratar-se de uma armadilha.

Geoffrey fez um compasso de espera junto ao jipe e depois abriu a porta da

bagageira e retirou duas caixas do interior. A agarrar ambas, dirigiu-se para a abadia. De Roquefort esperou que ele passasse e só então se mostrou.

— Estava à tua espera, irmão.

Geoffrey parou e voltou-se para trás.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Sem dizer nada, pousou as caixas no chão, abriu o casaco e puxou da arma automática. De Roquefort reconheceu a nove milímetros de fabrico austríaco, uma das várias marcas que o arsenal da abadia mantinha.

Geoffrey engatou a arma.

— Então traga os seus homens e vamos acabar com isto.

Malone sentia a tensão ficar cada vez mais insuportável. Seguia Cassiopeia à medida que avançavam pela passagem subterrânea.

O caminho tinha cerca de dois metros de largura e dois metros e meio de altura, e entre ele e a superfície amontoavam-se cinco metros de terra dura. A verdade é que os espaços contíguos não eram os seus lugares preferidos. Pelo contrário, Cassiopeia parecia cada vez mais determinada. Já vira aquele tipo de coragem em agentes que trabalhavam melhor sob tensão extrema.

Os seus sentidos estavam em alerta máximo por causa das armadilhas e prestavam atenção aos mínimos pormenores. Sempre achara divertido que nos filmes de aventuras as partes móveis feitas de pedra ou de metal, e supostamente com centenas ou milhares de anos, funcionassem sempre como se tivessem sido oleadas no dia anterior. O ferro e a pedra eram vulneráveis ao ar e à água que limitavam a sua eficácia. Contudo, com o bronze a história já não era bem assim. O metal era duradouro e fora precisamente por isso que tinha sido criado. Assim, os espigões no fundo dos buracos podiam ser um verdadeiro problema.

Cassiopeia deteve-se com a luz da lanterna apontada para a frente.

— O que foi? — perguntou Malone.

— Olhe ali.

Ele juntou o seu foco ao dela e viu.

..*

Stephanie detestava espaços fechados, mas não queria revelar essa fraqueza ao filho, que já não a tinha em grande conta. Assim, para tentar esquecer o desconforto, perguntou:

— Como poderiam os templários ter escondido o tesouro aqui?

— Transportando-o por partes. Nada os deteria.

— Isso deve ter levado uma eternidade.

— Tempo era coisa que não lhes faltava.

Estavam ambos atentos ao chão à sua frente e Mark testava cuidadosamente a superfície antes de cada passo.

— As suas precauções podiam não ser sofisticadas, mas eram eficientes — explicou Mark. — A Ordem possuía cofres por toda a Europa. A maior parte era guardada, para além de terem armadilhas.

Aqui, a ocultação e as medidas de segurança teriam de fazer o trabalho dos guardas. A última coisa que desejavam era chamar a atenção para a igreja tendo cavaleiros à sua volta. — O teu pai teria adorado isto.

— Eu sei.

O feixe da lanterna dele iluminou algo mais à frente na parede da passagem. Stephanie agarrou o ombro do filho e disse-lhe:

— Olha ali.

Havia letras gravadas na rocha.

NON NOBIS DOMINE
NON NOBIS SED DOMINE TUO DA GLORIUM
PAUPERS COMMILITONES CHRISTI TEMPLIQUE SALOMONIS

— O que diz? — perguntou ela.

— "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso nome conferi a glória. Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão." É a divisa dos templários.

— Então é verdade. Estamos no lugar certo. Mark não respondeu.

— Que Deus me perdoe — murmurou ela.

— Deus não tem nada a ver com isto. Foi o homem quem deu origem a esta confusão e cabe ao homem resolvê-la. — Apontou para o fundo da passagem com a lanterna. — Olhe para ali.

Ela seguiu o feixe de luz e avistou uma grelha de metal, um portão, que dava acesso a outro corredor.

— Será que foi ali que guardaram tudo? — perguntou ela. Antes mesmo de ouvir a resposta, avançou em frente e dera apenas alguns passos quando ouviu Mark gritar:

— Não!

Nesse momento, o chão desapareceu-lhe sob os pés.

..*

Malone observava o que as lanternas iluminavam. Um esqueleto prostrado no chão da caverna com os ombros, o pescoço e a caveira apoiados contra a parede.

— Vamos aproximar-nos — sugeriu ele.

Avançaram e Malone reparou numa ligeira depressão no solo. Agarrou de imediato o ombro de Cassiopeia.

— Estou a ver — disse ela, e parou. — É uma queda alta.

— Os espigões estariam bem escondidos noutros tempos, mas a madeira enfraqueceu e tornou-os visíveis.

Contornaram a depressão, mantendo-se em solo firme, e chegaram junto do esqueleto.

— Sobraram apenas os ossos — comentou ela.

— Olhe para a cavidade torácica e para a face. Partida em vários pontos. Deve ter caído na armadilha. Estes cortes são dos espigões.

— Quem será?

Algo chamou a atenção de Malone.

Agachou-se e encontrou um fio de prata escurecido por entre os ossos. Puxou-o e reparou que um medalhão balançava na ponta.

— O símbolo dos templários. Dois homens montados no mesmo cavalo. Representava a pobreza individual. Vi um desenho disto num livro há algumas noites. Aposto que é o marechal que escreveu o relatório que usámos para aqui chegar. O tal que desapareceu da abadia assim que o abade Gélis lhe revelou a solução do criptograma. Deve ter vindo, descoberto a entrada, mas pelos vistos não foi muito cuidadoso. Saunière deve ter encontrado o corpo e deixou-o ficar.

— Mas como poderia Saunière ter percebido tudo? Como resolveu ele o criptograma? Mark deixou-me ler o relatório. De acordo com Gélis, Saunière não tinha solucionado o criptograma que descobrira na sua igreja e Gélis não confiava no abade, não lhe tendo por isso revelado nada do que sabia.

— Isso partindo do princípio de que o relatório do marechal é fiel à verdade. Saunière ou o marechal mataram o padre para o impedir de contar a alguém o que descobrira. Se o assassino é o marechal, o que parece provável, então escreveu o relatório apenas para que não o considerassem suspeito. Assim, ninguém pensaria que deixara a abadia para vir aqui tentar levar o Grande Legado. Era irrelevante mostrar ou não o criptograma. Fosse como fosse, não haveria maneira de o resolver sem a sequência matemática.

Desviou a atenção do esqueleto e fez incidir o feixe de luz um pouco mais à frente.

— Olhe para ali.

Cassiopeia levantou-se e ambos viram gravada na rocha uma cruz com quatro braços iguais, expandida nas extremidades.

— A cruz pateada — explicou ela. — Só podia ser usada pelos templários, graças a um decreto papal. Era sempre vermelha e usada sobre manto branco e significava a sua prontidão para o martírio na luta contra os infiéis.

Com a luz, Malone traçou o contorno das letras que estavam escritas por cima da cruz.

PAR CE SIGNE TU LE VAINCRAS

— “Sob este signo tu o vencerás” — disse ele, traduzindo. — Esta citação está na igreja de Rennes, sobre a pia de água benta. Saunière colocou-a lá.

— As palavras do imperador Constantino quando combateu Maxêncio pela primeira vez. Antes da batalha terá visto uma cruz com essa inscrição por baixo.

— Com uma diferença. Mark disse que na frase original não existe “o”. Apenas “sob este signo tu vencerás.”

— Ele tem razão.

— Saunière acrescentou o “le” depois do “tu”, na décima terceira e décima quarta posições na frase. 1314.

— O ano em que Jacques de Molay foi executado.

— Eu diria que o abade apreciava um toque de ironia no seu simbolismo e foi aqui que veio buscar a ideia.

Perscrutou a escuridão e viu que a passagem terminava seis metros mais à frente. No entanto, antes disso, uma grelha de metal fechada por uma corrente e um cadeado conduzia noutra direção.

Cassiopeia também a viu.

— Parece que encontrámos.

De súbito, ouviram um estrondo e alguém gritar “Não!”.

Viraram-se ambos para trás.

SESSENTA E UM

De Roquefort parou à entrada das ruínas e ordenou aos seus homens que se espalhassem pelos flancos. O lugar estava desconfortavelmente tranquilo. A calma era quase sepulcral. Geoffrey permanecia a seu lado. Podia muito bem tratar-se de uma emboscada e, por isso, viera preparado e bem armado. Estava satisfeito com a escolha do conselho. Aqueles homens eram os melhores cavaleiros da abadia, lutadores experientes e de coragem inquestionável, qualidades que lhe podiam muito bem vir a ser úteis.

Espreitou por cima de um amontoado de pedras cobertas de líquenes para o interior da estrutura decrépita. Havia ainda alguma luz, mas em breve o Sol procuraria refúgio atrás das montanhas e a escuridão tomaria conta do lugar. O tempo também o preocupava; no Verão, as tempestades e a chuva apareciam sem avisar nos Pirenéus.

Fez um sinal e os homens avançaram, saltando por cima de pedras e secções de paredes caídas. Avistou uma espécie de acampamento abrigado entre três paredes. A um canto, havia lenha disposta para uma fogueira que não tinha ainda sido acesa.

— Eu entro primeiro — murmurou Geoffrey. — Estão à minha espera.

Fazia sentido e De Roquefort assentiu.

O irmão deslocou-se calmamente em direção ao acampamento. Continuava sem ver vivalma. Depois o jovem desapareceu no interior das ruínas. Pouco depois apareceu e fez-lhes sinal para que entrassem.

De Roquefort disse aos homens que esperassem e apenas ele penetrou nas ruínas. Já deixara ordens com o seu tenente para que só atacassem caso fosse necessário.

— Só Thorvaldsen se encontra na igreja — disse Geoffrey.

— Qual igreja?

— Os monges abriram uma igreja na rocha. Eles descobriram uma entrada sob o altar que leva a umas cavernas. Os outros estão lá em baixo à procura e eu disse a Thorvaldsen que vinha buscar os mantimentos.

Aquilo, sim, eram boas notícias.

— Gostava de conhecer Henrik Thorvaldsen.

De arma em punho seguiu Geoffrey até à igreja. O dinamarquês estava de costas viradas para eles, debruçado sobre o que parecia ser o suporte do altar.

Quando os sentiu aproximar, virou-se.

De Roquefort apontou-lhe a arma e disse:

— Nem uma palavra ou será a última que diz em toda a sua vida.

..*

A terra cedera sob os pés de Stephanie e as pernas pendiam-lhe agora em direção a uma das armadilhas que tanto se tinham esforçado por evitar. Que atitude tão infantil. Ao ver as palavras escritas na pedra e o portão de metal ali à espera de ser aberto, apercebera-se de que Lars não andava atrás de um sonho. Com o entusiasmo, esquecera-se de todas as cautelas e apressara-se. Mark ainda tentara detê-la, gritando, mas já era demasiado tarde.

Agora já ia em direção ao vazio.

Ergueu os braços numa tentativa para se equilibrar e preparou-se para os espigões. Nesse momento, sentiu um braço envolver-lhe o peito num abraço apertado e começou a cair de costas. Atingiu o chão, mas sentiu que outro corpo lhe amortecia a queda.

Durante alguns segundos, tudo ficou em silêncio.

Mark estava por baixo dela.

— Estás bem? — perguntou Stephanie, e rebolou para o lado. O filho levantou-se e sacudiu a gravilha.

— Bela massagem nas costas.

Ouviram então o som de passos vindos da escuridão, acompanhados por dois feixes de luz. Atrás destes, apareceram Cassiopeia e Malone.

— O que aconteceu? — perguntou Malone.

— Fui descuidada — confessou ela. Levantou-se e sacudiu a roupa. Malone fez incidir o foco da lanterna no buraco retangular.

— Teria sido uma queda e tanto. Está cheio de espigões e todos em bom estado.

Stephanie aproximou-se, olhou lá para baixo e depois voltou-se para Mark que esfregava o pescoço, tentando aliviar as dores.

— Obrigada, filho.

— De nada.

— Malone! — chamou Cassiopeia. — Olhe ali.

Também já descobrira a divisa dos templários escrita na pedra.

— Dirigia-me para esse portão quando o chão se abriu.

— São dois — murmurou ele. — Um em cada ponta do corredor.

— Existe outro portão? — questionou Mark.

— Sim, e outra inscrição.

Ouviram em silêncio enquanto Malone contava o que tinham encontrado.

— Concordo consigo — disse Mark. — Esse esqueleto devia ser o nosso marechal. — Puxou o fio que trazia ao pescoço. — Todos usamos esse medalhão, que recebemos na cerimónia de iniciação.

— Pelos vistos, os templários resolveram jogar pelo seguro e separaram o tesouro. — Apontou para o chão. — E não o tornaram fácil de encontrar. O marechal deveria ter tido mais cuidado. — Malone encarou Stephanie. — Tal como todos nós.

— Compreendo — concordou ela —, mas como diz sempre, não sou uma operacional.

Ele sorriu e disse:

— Bem, vamos lá ver o que está atrás daquele portão.

..*

De Roquefort continuava com a arma apontada a Henrik Thorvaldsen.

— Dizem que o senhor é um dos homens mais ricos da Europa.

— E eu ouvi dizer que o senhor é um dos prelados mais ambiciosos da história contemporânea.

— Não devia ligar ao que Mark Nelle diz.

— Foi o pai dele quem o disse.

— O pai dele não me conhecia.

— Eu não diria isso, afinal fartou-se de o seguir.

— O que se revelou uma perda de tempo.

— Foi por esse motivo que o matou?

— É isso que pensa? Que eu matei Lars Nelle?

— Ele e Ernst Scoville.

— Não sabe do que fala.

— Sei que o senhor é um problema — declarou Thorvaldsen. Depois apontou para Geoffrey. — Sei que ele é um traidor.

De Roquefort observou o irmão engolir o insulto com desdém no olhar.

— Sou leal ao meu mestre, o meu voto assim o exige.

— E trai os seus amigos por causa de um voto?

— Nunca seria capaz de entender.

— Pois não, nem quero.

De Roquefort baixou a arma e fez sinal aos seus homens. Estes invadiram a igreja e o mestre fez-lhes sinal que não fizessem barulho. Depois de mais alguns sinais gestuais, entenderam de imediato que seis deles deviam tomar posição lá fora e os outros seis cercar o interior.

..*

Malone contornou a armadilha que Stephanie pusera a descoberto e aproximou-se da grelha de metal. Os outros não tardaram a segui-lo. Viu um cadeado em forma de coração suspenso de uma corrente.

— Latão. — Depois tocou no portão. — Mas a grelha é de bronze.

— O cadeado e a corrente devem ter sido colocados por Saunière — explicou Mark. — O latão era um bem raro na Idade Média. Era preciso zinco para o fazer e não era fácil de conseguir.

— Este tipo de cadeado era muito comum nesta região. Era usado para fechar as correntes dos escravos — acrescentou Cassiopeia.

Nenhum deles fez questão de abrir a grelha e Malone sabia porquê. Podia haver outra armadilha à espera.

Com a bota, afastou cuidadosamente a terra e o cascalho e experimentou o chão. Parecia sólido. Depois usou a lanterna para examinar melhor o portão. A extremidade direita estava segura por duas dobradiças. Apontou a luz por entre a grade e viu um corredor que após alguns metros curvava para a direita. Não era possível ver onde ia dar. Boa. Forçou a corrente e o cadeado.

— O latão é resistente. Não vamos conseguir forçá-lo.

— E se o cortássemos? — sugeriu Cassiopeia.

— É uma boa ideia, mas com o quê?

— Com os alicates que eu trouxe. Estão na caixa das ferramentas, ao lado do gerador.

— Eu vou buscá-los — disse Mark.

..*

— Está alguém aí em cima?

As palavras ecoaram no interior do suporte do altar e assustaram De Roquefort. Não tardou a reconhecer a voz de Mark Nelle. Thorvaldsen deu um passo em frente, preparando-se para responder, mas De Roquefort agarrou-o e tapou-lhe a boca mesmo antes de ele conseguir emitir qualquer som. Em seguida fez sinal a um irmão que arrastou o dinamarquês para longe, enquanto lhe mantinha a boca tapada.

— Responde-lhe — disse para Geoffrey.

Seria uma forma interessante de testar o seu novo aliado.

Geoffrey meteu a arma no cinto e aproximou-se do altar.

— Estou eu.

— Já regressaste. Que bom. Tiveste problemas?

— Nenhum. Trouxe tudo o que estava na lista. Há novidades?

— Descobrimos qualquer coisa, mas precisamos de alicates. Podes ir buscá-los? Estão na caixa das ferramentas ao lado do gerador.

De Roquefort observou o irmão deslocar-se até ao gerador e retirar o alicate da caixa.

O que teriam eles encontrado? Geoffrey passou-lhe a ferramenta.

— Obrigado — disse Mark. — Não vens?

— Fico aqui com Thorvaldsen a tomar conta das coisas. Não queremos ser surpreendidos por convidados indesejados.

— Boa ideia. Onde está Henrik?

— A desempacotar o que eu trouxe e a preparar a fogueira. Não tarda é de noite. O melhor é ajudá-lo.

— Se calhar também não era má ideia irem ligando o gerador e preparando os cabos para as luzes. Podemos precisar.

— Eu faço isso.

Geoffrey ficou a ver Mark desaparecer e depois afastou-se do altar e murmurou:

— Já foi.

De Roquefort sabia bem o que tinha de ser feito.

— Está na hora de assumir o comando desta expedição.

..*

Malone pegou na ferramenta e colocou os dentes do alicate sobre os elos da corrente. Depois apertou a pega com força e escutou um estalido que indicava que fora bem sucedido. A corrente soltou-se e aterrou no chão juntamente com o cadeado.

Cassiopeia baixou-se e apanhou-os.

— Sei de museus que teriam pago uma fortuna para ficarem com isto. Tenho a certeza que não há muitos em tão boas condições.

— E nós acabámos de o cortar — disse Stephanie.

— Não tínhamos outra escolha — argumentou Malone. — Estamos com pressa. — Apontou o foco da lanterna por entre a grelha. _ Cheguem-se para o lado. Vou abrir isto muito lentamente. Acho que não há nada do outro lado, mas nunca se sabe.

Encaixou o alicate na grelha e depois afastou-se para o lado, usando a parede de rocha como proteção. As dobradiças estavam perras e teve de agitar a grade para trás e para a frente. Por fim, a porta abriu-se.

Preparava-se para entrar quando uma voz gritou de cima:

— Sr. Malone, tenho Henrik Thorvaldsen. Preciso que o senhor e os seus

amigos subam. Dou-lhe um minuto. Se não obedecer mato o velhote.

SESSENTA E DOIS

Malone foi o último a subir. Quando saltou da escada, reparou que a igreja estava ocupada por seis homens armados, para além de De Roquefort. No exterior, já não havia sol e o interior era iluminado por duas pequenas fogueiras.

— Sr. Malone, que prazer. Conhecemo-nos por fim em pessoa — cumprimentou Raymond de Roquefort. — Portou-se muito bem na Catedral de Roskilde.

— Que bom saber que apreciou.

— Como nos encontrou? — perguntou Mark.

— Não foi graças ao diário falso do seu pai. Muito esperto da parte dele, ao mostrar o óbvio e alterar os pormenores de modo a que não servisse para nada. Quando Claridon decifrou o criptograma, a mensagem era, como já sabem, inútil. Dizia que escondia os segredos de Deus. Diga-me, uma vez que já esteve lá em baixo, esconde mesmo esses segredos?

— Não tivemos oportunidade de descobrir — respondeu Malone.

— Então temos de remediar isso. Mas para responder à sua pergunta...

— Geoffrey traiu-nos — interrompeu Thorvaldsen.

Mark ficou estupefacto.

— O quê?

Malone já reparara que Geoffrey tinha uma arma na mão.

— Isso é verdade?

— Sou um irmão da Ordem, leal ao meu mestre. Fiz apenas o meu dever.

— O teu dever? — gritou Mark. — Seu traidor filho da mãe. — Lançou-se em direção a Geoffrey, mas foi agarrado por dois irmãos. Geoffrey não se mexeu um centímetro. — Ajudaste-me apenas para que De Roquefort pudesse ganhar? Foi isso que o teu mestre te pediu? Ele confiava em ti. Eu confiava em ti.

— Sabia que ele ia dar problemas — declarou Cassiopeia. — Tudo nele apontava para isso.

— E bem o devia saber — contrapôs De Roquefort —, pois a senhora também só me deu problemas. Foi muito esperto da sua parte deixar o diário de Lars Nelle para que eu o encontrasse e ficasse ocupado com ele durante algum tempo. Porém, como está a ver, a lealdade na nossa irmandade fala sempre mais alto e os seus esforços foram infrutíferos. — De Roquefort encarou Malone. — Tenho seis homens aqui e outros seis lá fora, todos armados e com ordens para disparar.

Vocês não estão armados, segundo me garantiu o irmão Geoffrey. Mas prefiro ter a certeza.

De Roquefort chamou um dos irmãos e este revistou Malone e depois os restantes.

— Como fizeste? Telefonaste para a abadia quando foste comprar os mantimentos? — perguntou Mark a Geoffrey. — Estranhei teres-te oferecido, uma vez que há dois dias que não sais do meu lado.

Geoffrey permaneceu calado e exibiu uma expressão convicta.

— Não vales nada — gritou Mark.

— Concordo — afirmou De Roquefort, e Malone viu o homem levantar a pistola e disparar três tiros contra o peito de Geoffrey. As balas fizeram-no cambalear para trás e De Roquefort terminou o trabalho com um tiro na testa.

O corpo do irmão caiu no chão, inerte. Malone mordeu o lábio inferior. Nada podia ter feito para evitar aquilo.

Mark lançou-se ao pescoço de De Roquefort e este encostou-lhe a arma ao peito.

Deteve-se.

— Ele atacou-me na abadia — explicou De Roquefort. — Atacar o mestre é um crime punível com a morte.

— Isso era há quinhentos anos! — bradou Mark.

— O irmão era um traidor e já não é útil a ninguém. São os perigos inerentes às tarefas de um espião. Ele seguramente estava a par dos riscos que corria.

— E você sabe os riscos que está a correr?

— Uma pergunta estranha, vinda de um homem que matou um irmão da Ordem. Esse ato também é punível com a morte.

Malone percebeu que aquela discussão não passava de exibição para os outros verem. De Roquefort precisava do inimigo, pelo menos por enquanto.

— Fiz o que tinha de fazer — argumentou Mark.

— E eu farei o mesmo.

De Roquefort levantou a arma.

Stephanie colocou-se entre os dois homens e protegeu Mark com o próprio corpo.

— E também seria capaz de me matar?

— Se tiver de ser.

— Mas eu sou cristã e não fiz mal a nenhum irmão.

— Palavras, minha senhora. Não passam de palavras.

Stephanie levou a mão ao colarinho e puxou um fio com uma medalha.

— A Virgem Maria. Anda sempre comigo.

Malone sabia que De Roquefort não a podia matar. Aparentemente, Stephanie também se apercebera da exibição do mestre e decidira desafiá-lo na frente dos seus homens. Agora não podia dar-se ao luxo de ser hipócrita. Estava impressionado. Era preciso coragem para enfrentar uma arma carregada.

De Roquefort baixou a arma.

Malone apressou-se em direção ao corpo ensanguentado de Geoffrey. Um dos homens levantou um braço para o deter.

— Eu se fosse a si baixava o braço — ameaçou ele.

— Deixa-o passar — ordenou De Roquefort.

Aproximou-se do corpo. Henrik olhava fixamente para Geoffrey e a expressão dele mostrava angústia. Malone também reparou em algo que nunca antes vira no rosto do dinamarquês. Lágrimas.

— Nós os dois vamos voltar lá a baixo — anunciou De Roquefort a Mark — e vai mostrar-me o que encontraram. Os outros ficam aqui.

— Vá-se lixar!

De Roquefort encolheu os ombros e apontou a arma na direção de Thorvaldsen.

— Ele é judeu. As regras são diferentes.

— Não abuses — pediu Malone a Mark. — Faz o que ele manda. Esperava que ele entendesse que havia um tempo para semear e outro para colher.

— Está bem. Vamos — concordou Mark.

— Eu também gostava de ir — pediu Malone.

— Não — respondeu De Roquefort. — Isto é um assunto da Ordem. Embora nunca tenha considerado Nelle um de nós, ele fez o juramento e isso conta para alguma coisa. Para além disso, pode ser útil. Já o senhor, poderia transformar-se num problema.

— Mark também pode dar-lhe dores de cabeça.

— Não creio. Ele sabe que, cristãos ou não, todos estariam mortos antes de ele aqui chegar.

..*

Mark desceu a escada, seguido por De Roquefort.

Apontou para a esquerda e contou-lhe sobre a câmara que tinham descoberto.

O novo mestre guardou a arma e apontou o foco da lanterna para a frente.

— Mostre o caminho. E já sabe o que acontece se houver problemas.

Mark começou a andar, juntando o seu feixe de luz ao de De Roquefort. Contornaram o buraco que por pouco não reclamara a vida de Stephanie.

— Engenhosos — elogiou ele, enquanto admirava a armadilha e os espigões.

Chegaram à grade e continuaram.

Mark recordou-se do que Malone dissera sobre a existência de mais armadilhas e avançou passo a passo. Mais à frente a passagem estreitava e depois virava para a direita. Após alguns metros, voltava a virar para a esquerda. Lentamente, fizeram a última curva e pararam.

Apontou a lanterna e à sua frente estendia-se uma câmara com nove metros quadrados e tecto abobadado. A teoria de Cassiopeia , de que aqueles subterrâneos podiam ter origem romana, estava correta. A galeria formava um armazém perfeito e à medida que a lanterna iluminava a escuridão começaram a aparecer incontáveis maravilhas.

Primeiro viu estátuas. Pequenas peças coloridas. Várias Virgens com o Menino, anjos, bustos, todos em fila como um exército ao longo da parede. Depois avistou o brilho de ouro proveniente de arcas retangulares. Algumas decoradas com painéis de marfim, outras revestidas a ónix e ouro, e outras ainda adornadas com cenas religiosas e brasões. Eram relicários, feitos para guardar os ossos dos santos, demasiado preciosos para funcionarem como simples caixas de arrumação. Talvez a pressa da fuga tivesse ditado aquele tipo de utilização.

Ouviu De Roquefort tirar a mochila que trazia às costas e subitamente a sala encheu-se de uma luz cor-de-laranja oriunda de uma lâmpada alimentada a bateria. De Roquefort entregou-lhe uma.

— Estas são melhores.

Não queria colaborar com aquele monstro, mas ele tinha razão. Agarrou na lâmpada e separaram-se de modo a observarem todo o conteúdo da sala.

— Cubra-o — disse Malone a um dos irmãos, e apontou para Geoffrey.

— Com o quê? — perguntou o homem.

— Os cabos elétricos do gerador estão embrulhados num cobertor. Posso usar isso — explicou Malone e apontou para o exterior.

O homem pensou na sugestão durante uns segundos e depois respondeu:

— Oui. Pode ser.

Malone dirigiu-se até ao gerador e encontrou o cobertor ao mesmo tempo que avaliava a situação. Regressou e cobriu o corpo de Geoffrey. Três dos guardas tinham-se retirado para junto de uma das fogueiras, enquanto os restantes três estavam posicionados junto à saída.

— Ele não era nenhum traidor — segredou Henrik. Todos o fitaram admirados. — Geoffrey entrou sozinho e avisou-me que De Roquefort se encontrava aqui, e que fora ele quem o chamara, teve de o fazer. O mestre

anterior fizera-o jurar que, assim que o Grande Legado fosse encontrado, De Roquefort seria informado. Ele não teve escolha. Não queria fazê-lo, mas acreditava que o seu antigo mestre saberia o que estava a fazer. Pediu-me que entrasse no jogo e implorou o meu perdão. Depois garantiu-me que não deixaria De Roquefort fazer-me mal. Infelizmente, não consegui retribuir o favor.

— O que ele fez foi uma tolice — afirmou Cassiopeia.

— Talvez — disse Thorvaldsen.

— Ele explicou por que foi obrigado a avisá-lo? — murmurou Stephanie.

— Disse apenas que o mestre tinha previsto um confronto entre Mark e De Roquefort. A tarefa de Geoffrey era assegurar-se de que aconteceria.

— Mark não é adversário para aquele homem — exclamou Malone. — Vai precisar de ajuda.

— Concordo — acrescentou Cassiopeia , que falava sem mover os lábios.

— Estamos em desvantagem — disse Malone. — Eles estão armados e nós não.

— Eu não diria isso — segredou Cassiopeia. Malone gostou do brilho dos olhos dela.

..*

Mark contemplou o tesouro que o rodeava. Nunca antes tinha visto tanta riqueza. Os relicários continham uma variedade de ouro e prata, quer em moedas cunhadas, quer em barras. Havia dinares de ouro, dracmas de prata e moedas bizantinas, todas dispostas em pilhas. E joias. Pelo menos, três arcas brilhavam com pedras em bruto, demasiadas para serem contadas. Os cálices e vasos relicários chamaram a sua atenção. A maioria era de ébano, vidro, prata e ouro. Outros exibiam figuras em relevo e pedras preciosas. Interrogou-se a quem pertenceriam os restos mortais que continham. De um deles tinha a certeza. Leu a inscrição e murmurou:

— De Molay.

De Roquefort aproximou-se.

No interior do relicário estavam pequenos pedaços de osso pretos. Mark sabia a história. Jacques de Molay fora queimado vivo numa ilha do rio Sena, afirmando a sua inocência e amaldiçoando Filipe IV, que assistia à execução sem demonstrar o mínimo remorso. Durante a noite, os irmãos tinham atravessado o rio a nado e remexido nas cinzas. Quando regressaram à margem, traziam os ossos do mestre escondidos na boca. Agora estava a olhar para uma dessas recordações.

De Roquefort benzeu-se e proferiu uma oração.

— Repare no que eles fizeram.

Porém, Mark apercebera-se de algo ainda mais importante.

— Isto significa que alguém visitou este lugar depois de Março de 1314. Devem ter continuado a vir aqui até que morreram todos. Cinco deles sabiam da existência deste esconderijo. A Peste Negra deve ter reclamado a vida da maior parte deles em meados do século XIV. Nunca contaram o segredo a ninguém e a localização perdeu-se para sempre. — Havia tristeza no seu olhar.

Virou-se e a luz da lanterna revelou crucifixos e estátuas de madeira de ébano junto a uma parede. Eram cerca de quarenta, os estilos variando ente o românico, o germânico, o bizantino e o gótico. As feições das figuras eram de tal modo perfeitas que pareciam estar vivas.

— É deslumbrante — admirou De Roquefort.

O tesouro era incalculável em dimensão e valor. À sua frente estava o maior conjunto de arte medieval que alguma vez vira.

À direita, sobre um pedestal de pedra, viu um livro de grandes dimensões. A capa ainda brilhava, talvez devido à folha de ouro, e tinha pérolas. Aparentemente, já alguém abrira o volume, pois havia folhas de pergaminho amarrotadas e espalhadas pelo chão. Agachou-se, aproximou a luz das folhas e viu que estavam escritas em latim. Conseguiu ler algumas frases e depressa percebeu que se tratava de um inventário.

De Roquefort reparou no seu interesse.

— O que é isso?

— Um inventário. Saunière deve ter tentado examinar o livro quando descobriu este lugar, mas não teve cuidado com o pergaminho.

— Não passava de um ladrão. Não tinha o direito de levar nada do que aqui estava.

— E nós temos?

— Pertence-nos. Foi-nos deixado pelo próprio De Molay. Foi crucificado numa porta e mesmo assim nunca revelou nada. Os seus ossos estão aqui. Tudo isto é nosso.

A atenção de Mark desviou-se para uma arca parcialmente aberta. Apontou o feixe de luz nessa direção e viu mais pergaminho. Abriu a tampa com cuidado e as dobradiças rangeram. Não se atreveu a tocar nas folhas amontoadas e limitou-se a tentar decifrar o que dizia na página do cimo. Concluiu que se tratava de francês antigo e leu o suficiente para saber que era um testamento.

— Os documentos que eram deixados à guarda da Ordem. Esta arca deve estar repleta de testamentos e escrituras dos séculos XIII e XIV. — Abanou a cabeça.

— Até ao final, os irmãos asseguraram-se que o seu dever era cumprido. — Avaliou a importância daquela descoberta. — Podemos aprender tanto com estes documentos.

— Mas não é só isto — declarou subitamente De Roquefort. — Não há livros. Nem um. Onde está o conhecimento?

— Na frente do seu nariz.

— Está a mentir. Há mais. Onde?

Mark fitou De Roquefort.

— É isto que está a ver.

— Não se arme em esperto comigo. Os nossos irmãos esconderam o seu conhecimento, sabe disso. Filipe IV nunca o encontrou, por isso tem de estar aqui. Vejo-o nos seus olhos. Há mais. — De Roquefort puxou da arma e encostou o cano à cabeça de Mark. — Diga-me.

— Prefiro morrer.

— E preferia ver a sua mãe morrer? Ou os seus amigos? Porque é isso que farei até que me diga o que pretendo saber.

Mark avaliou as alternativas. Não era que tivesse medo de De Roquefort — estranhamente não sentia qualquer temor —, mas a verdade é que também queria saber. O pai procurara durante anos e não encontrara nada. O que dissera o mestre à mãe a respeito dele? “Ele não possui a determinação necessária para levar as suas batalhas até ao fim.” Isso ainda estava para se ver. O fim da demanda do pai estava apenas a alguns metros de distância.

— Muito bem, venha comigo.

..*

— Está um bocado escuro aqui — disse Malone a um dos irmãos que parecia ser o chefe. — Podíamos pôr o gerador a trabalhar e iluminar isto um pouco mais.

— Esperamos que o mestre regresse.

— Eles vão necessitar dessas luzes lá em baixo e ainda demora alguns minutos a preparar tudo. O seu mestre pode não querer esperar quando as mandar acender. — Esperava que a sua previsão afetasse a decisão do homem. — Não haverá problema. Só vamos montar umas luzes.

— Está bem. Façam isso.

Malone regressou para junto dos outros.

— Caiu que nem um patinho. Vamos a isso.

Stephanie e Malone pegaram num conjunto, e Henrik e Cassiopeia no outro. O material consistia em duas lâmpadas de halogéneo sobre um tripé e um pequeno

gerador alimentado a gasolina. Posicionaram os tripés em lados opostos da igreja e direcionaram as lâmpadas para cima. Os cabos estavam ligados e estendiam-se até ao gerador, colocado junto ao altar.

Havia uma caixa de ferramentas ao lado do gerador. Cassiopeia ia pegar nela quando um dos guardas a impediu.

— Preciso de dar energia aos cabos. Não posso usar fichas para este tipo de amperagem. Só vou buscar uma chave de fendas.

O homem primeiro hesitou, mas depois afastou-se, de arma sempre apontada. Cassiopeia meteu a mão na caixa e retirou a chave de fendas. À luz das fogueiras, ligou os cabos ao gerador.

— Vamos verificar as ligações às lâmpadas — sugeriu ela a Malone. Deslocaram-se fortuitamente até ao primeiro tripé.

— A minha arma de dardos está na caixa de ferramentas — segredou.

— Presumo que sejam os mesmos que usou em Copenhaga — disse ele, de lábios imóveis como um ventríloquo.

— Atuam rapidamente. Só preciso de alguns segundos para os disparar.

Cassiopeia mexia no tripé como se estivesse ocupada a fazer alguma coisa.

— E quantos tem?

Fez de conta que terminara o que estava a fazer. — Quatro.

Deslocaram-se para o segundo tripé.

— Contra seis homens.

— Os outros dois ficam para si.

Pararam junto ao outro tripé.

— Precisamos de uma distração. Tive uma ideia — murmurou ele.

Cassiopeia mexeu nos cabos.

— Já não era sem tempo.

SESSENTA E TRÊS

Mark seguiu à frente enquanto voltavam para trás, pela mesma passagem, em direção ao local que Cassiopeia e Malone tinham explorado. Depois de saírem da sala do tesouro, Mark apanhou o alicate, supondo que o outro portão também estaria fechado a cadeado.

Chegaram às palavras escritas na parede.

— "Sob este signo tu o vencerás" — leu De Roquefort. Depois viu a segunda grade. — É ali?

Mark assentiu e apontou para o esqueleto no chão.

— Também veio ver com os próprios olhos.

Contou-lhe a história do marechal do tempo de Saunière e do medalhão que Malone encontrara, que confirmava a sua identidade.

— Foi bem feito — declarou De Roquefort.

— É diferente do que veio aqui fazer?

— Eu vim pela Ordem.

Mark observou uma pequena inclinação no solo um pouco mais à frente. Sem o revelar, contornou o ardil e seguiu em direção à parede, evitando a armadilha na qual De Roquefort parecia não ter reparado, pois a atenção dele estava centrada no esqueleto. Junto ao portão, armado com o alicate, cortou o cadeado. Recordou-se das precauções de Malone e encostou-se à parede enquanto abria o portão gradeado.

Para lá dele, estendia-se um corredor com as mesmas duas esquinas. Avançou, a lanterna a mostrar apenas rocha.

Virou a primeira esquina e depois a segunda. De Roquefort vinha mesmo atrás e os seus focos de luz revelaram outra galeria, esta bem maior do que a câmara do tesouro.

A sala estava cheia de plintos de pedra de vários formatos e tamanhos e sobre eles havia livros, centenas de volumes, todos cuidadosamente empilhados.

Aquela visão entristeceu Mark, pois sabia que os manuscritos não estariam em boas condições. Embora a câmara fosse fresca e seca, o tempo teria arruinado o pergaminho e a tinta. Teria sido bem melhor se tivessem sido guardados no interior de uma caixa, mas os irmãos que os haviam escondido por certo não faziam ideia que só voltariam a ser descobertos setecentos anos mais tarde.

Deslocou-se até uma das pilhas e examinou a capa do livro. O que deveria ser

prata sobre tabuinhas de madeira havia enegrecido. Levantou a capa com muito cuidado e aproximou a lanterna. As suas suspeitas confirmavam-se. A maioria das letras tinha desaparecido.

— Consegue ler alguma coisa? — perguntou De Roquefort. Mark sacudiu a cabeça.

— Precisa de ir para um laboratório e ser restaurado por profissionais. O melhor será não mexermos nos livros.

— Mas parece que isso já foi feito por alguém antes de nós. Seguiu o feixe de luz com o olhar e viu uma pilha de livros, páginas e pedaços de capas espalhados pelo chão.

— Só pode ter sido Saunière — afirmou Mark. — Vai levar anos a recuperar alguma coisa de útil destes livros. E isto se encerrarem alguma coisa de interesse, para além do valor histórico.

— Isto é nosso.

"Pouco importa", pensou Mark. "Não servem para nada."

No entanto, a mente fervilhava-lhe de ideias. Saunière estivera ali, disso não restavam dúvidas. A câmara do tesouro fornecera-lhe a riqueza de que precisava. Teria sido fácil deslocar-se até ao local de tempos a tempos e carregar ouro ou prata não cunhados. As moedas seriam mais difíceis de trocar, pois os responsáveis dos bancos haveriam de querer saber qual a sua proveniência. Mas o metal bruto teria constituído uma unidade monetária perfeita no início do século XX, uma altura em que muitas economias se baseavam no ouro ou na prata.

Porém, o abade fora mais longe e usara aquela riqueza para decorar uma igreja que apontava para algo em que ele acreditava. Algo sobre o qual tinha tantas certezas que até fizera gala desse conhecimento. "Sob este signo tu o vencerás." Palavras gravadas não apenas ali, como também na igreja de Rennes. Depois recordou-se da inscrição pintada sobre o pórtico. "Desprezo o reino deste mundo e todos os bens temporais por amar o meu Senhor Jesus Cristo, o qual vi, amo, venero e no qual acredito." Palavras de um antigo responsório? Talvez. No entanto, haviam sido propositadamente escolhidas por Saunière.

"O qual vi."

Rodou sobre os calcanhares, iluminou a sala, e observou os blocos.

E foi então que Mark viu.

"Qual o melhor lugar para esconder uma pedra?"

Claro.

Malone deslocou-se até ao gerador, junto ao qual deixara Henrik e Stephanie.

Cassiopeia continuava a “ajeitar” o tripé. Agachou-se e certificou-se de que havia gasolina no motor.

— Isto vai fazer muito barulho? — perguntou ele em voz baixa.

— Era bom que sim, mas infelizmente estas unidades já são quase silenciosas.

Não tocou na caixa de ferramentas, para não atrair atenções indesejadas. Até ao momento nenhum dos guardas se dera ao trabalho de inspecionar o seu conteúdo. Pelos vistos, o treino de defesa e vigilância na abadia deixava um pouco a desejar. E seria assim tão eficaz? Provavelmente aprendiam luta corpo a corpo, a disparar uma arma ou a usar uma faca, mas a escolha de recrutas era limitada e ninguém faz milagres.

— Tudo a postos! — gritou Cassiopeia, suficientemente alto para que todos a pudessem ouvir.

— Tenho de ir ter com o meu filho — murmurou Stephanie.

— Compreendo — respondeu Malone —, mas temos de fazer isto com cuidado.

— Acha que De Roquefort vai permitir que ele saia dali? Não se esqueça que matou Geoffrey sem a menor hesitação.

Era óbvio que Stephanie estava nervosa.

— Eu sei que a situação é delicada — segredou —, mas tenha calma.

Também ele queria apanhar De Roquefort, por Geoffrey.

— Preciso de ficar um segundo junto da caixa de ferramentas — sussurrou Cassiopeia, enquanto se baixava e arrumava na caixa a chave de fendas que estivera a usar.

Quatro dos guardas estavam junto de uma das fogueiras e os outros dois permaneciam à esquerda, perto da outra. Nenhum deles parecia estar a prestar-lhes grande atenção, confiantes de que não haveria nada que pudessem fazer.

Cassiopeia permaneceu agachada frente à caixa de ferramentas, a mão ainda no interior, e fez sinal a Malone com a cabeça. Estava pronta. Malone levantou-se e disse:

— Vamos pôr o gerador a funcionar. "• O guarda responsável autorizou. Virou-se e murmurou junto ao ouvido de Stephanie:

— Assim que eu puser isto a trabalhar, vamos atacar aqueles dois irmãos que estão lado a lado. Eu fico com um e a Stephanie com o outro.

— Com todo o prazer.

— Tenha calma. Isto não é tão simples quanto pensa.

— Vai ver que até é.

..*

Mark aproximou-se de um dos plintos de pedra. Reparara em algo de diferente. Enquanto os restantes eram suportados por uma variedade de pilares, alguns singulares, mas a maioria aos pares, aquele estava seguro por um suporte retangular, semelhante ao do altar. O que lhe chamou a atenção foi a disposição das pedras. Nove blocos de pedra na horizontal e sete na vertical.

Baixou-se e iluminou a parte de baixo. Não havia argamassa sobre a fila de cima. Tal como no altar.

— Temos de tirar estes livros — declarou.

— Mas disse para não lhes mexermos.

— O que é realmente importante está dentro desta pedra.

Colocou a lanterna no chão e agarrou num braçado de manuscritos. Ao mexer-lhes, levantou uma nuvem de pó. Depois voltou a colocá-los com cuidado no chão. De Roquefort fez o mesmo. Após três montes cada um, o cimo ficou vazio.

— Isto tem de deslizar — informou ele.

Cada um deles pegou numa ponta e o tampo moveu-se, muito mais facilmente que o do altar, uma vez que o plinto tinha metade do tamanho da laje. Empurraram-no mais um pouco e aterrou no chão com estrondo, partindo-se em pedaços. No interior do plinto, Mark viu uma caixa pequena, com cerca de sessenta centímetros de comprimento, metade de largura, e quarenta e cinco centímetros de altura, feita de pedra castanho-acinzentada — pedra calcária, se não estava enganado — e em excelente estado de conservação.

Voltou a pegar na lanterna e aproximou-a da caixa. Tal como supunha, havia uma inscrição num dos lados.

— É um ossário — afirmou De Roquefort. — Está identificado? Observou as letras e ficou satisfeito ao ver que a inscrição estava escrita em aramaico. Só assim podia ser autêntico. O costume de colocar os corpos em criptas subterrâneas até que restassem apenas os ossos e depois colocá-los numa caixa de pedra era popular entre os judeus durante o século I. Mark sabia que tinham sobrevivido cerca de um milhar de ossários. Todavia, apenas um quarto possuía inscrições que identificavam o seu conteúdo. Isso explicava-se pelo facto de a maior parte da população nessa altura ser analfabeta.

Ao longo dos séculos haviam aparecido muitas falsificações, uma delas, há apenas alguns anos, afirmava conter os ossos de Tiago, o meio-irmão de Jesus. Outros testes de autenticidade seriam o tipo de material utilizado — pedra calcária das pedreiras nos arredores de Jerusalém —, o estilo das gravuras, o exame microscópico da patina e a datação por carbono.

Mark aprendera aramaico. Era uma língua difícil, tornada ainda mais

complicada pela sua variedade de estilos, pelo calão e pelos muitos erros dos antigos escribas. A maneira como as letras eram gravadas podia também constituir um problema. A maior parte das vezes isso era feito com um prego, o que resultava em inscrições pouco profundas que o tempo facilmente apagava. Outras, como era ali o caso, eram gravadas com um estilete e de forma inequívoca, não sendo portanto difíceis de traduzir. Na verdade, já as conhecia. Leu da direita para a esquerda, como devia ser, e depois inverteu as palavras.

YESHUA BAR YEHOSEF.

— "Jesus, filho de José" — disse Mark, traduzindo.

— São os ossos de Jesus?

— É o que nos resta saber. — Olhou para a tampa. — Abra-o.

De Roquefort debruçou-se, agarrou a tampa e fez força até que a pedra se soltou. Depois ergueu-a e encostou-a ao ossário.

Mark escancarou os olhos.

Lá dentro, encontravam-se ossos.

Alguns tinham-se transformado em pó, mas a maior parte estava intacta. Viu um fémur, uma tíbia, algumas costelas, o osso pélvico, e o que aparentavam ser dedos e partes da coluna vertebral. E uma caveira.

Teria sido aquilo que Saunière encontrara?

Sob a caveira viram um pequeno livro em excelentes condições. Escapara aos efeitos cruéis do tempo, pois permanecera fechado dentro do ossário que, por sua vez, estava dentro de outro recipiente.

A capa era deslumbrante, decorada com folha de ouro e guarnecida com pedras preciosas talhadas em forma de cruz. Cristo repousava sobre a cruz, também de ouro. Em torno da cruz, havia mais pedras em tons de carmesim, verde e amarelo.

Levantou o livro, soprou o pó que o cobria e equilibrou-o sobre o canto do plinto. De Roquefort aproximou-se com a lanterna e Mark abriu a capa e leu o *incipit*, as primeiras linhas do texto. Fora escrito em latim, com letra gótica, sem pontuação e a tinta mantinha ainda o tom azul-avermelhado.

AQUI ESTÁ CONTIDO UM RELATO ENCONTRADO PELOS PRIMEIROS IRMÃOS DURANTE AS ESCAVAÇÕES NO MONTE DO TEMPLO REALIZADAS NO INVERNO DE 1121 ESTANDO O ORIGINAL EM TÃO MAU ESTADO FOI COPIADO EXACTAMENTE COMO SURGIA NA LÍNGUA ORIGINAL QUE APENAS UM DOS NOSSOS CONSEGUIA ENTENDER POR ORDEM DO MESTRE WILLIAM DE CHARTRES DATADA DE 4 DE JUNHO DE 1217 O TEXTO

FOI TRADUZIDO PARA A LÍNGUA DOS IRMÃOS E PRESERVADO PARA QUE TODOS SAIBAM

De Roquefort estava a ler por cima do ombro dele e disse:

— Este livro foi colocado no ossário por alguma razão. Mark concordava.

— Vamos ler o resto.

— Pensei que estava aqui pelos irmãos. Não devíamos levar isto para a abadia e lê-lo em voz alta para todos ouvirem?

— Tomarei essa decisão depois de o ler.

Questionou-se se os irmãos alguma vez chegariam a saber de tudo aquilo, mas ele desejava saber, por isso estudou as inscrições da página seguinte e reconheceu a confusão de traços.

— Está em aramaico. Só consigo ler algumas palavras. Esta língua desapareceu há dois mil anos.

— O incipit falava de uma tradução.

Abriu cuidadosamente as folhas e viu que, o texto aramaico se estendia por quatro páginas. Depois aparecia A LÍNGUA DOS IRMÃOS.

Latim. O vellum sobrevivera quase intacto. As folhas tinham a cor de pergaminho envelhecido e a tinta permanecia clara e visível. A encimar o texto havia um título.

O TESTEMUNHO DE SIMÃO

Mark começou a ler.

SESSENTA E QUATRO

Malone aproximou-se de um dos irmãos. Este estava vestido da mesma maneira que os outros, de calças de ganga, casaco de lã e boné a cobrir o cabelo curto. Havia pelo menos outros seis no exterior, a acreditar nas palavras de De Roquefort, mas pensaria neles assim que tivessem dominado os que se encontravam no interior da igreja.

Pelo menos nessa altura estaria armado.

Viu Stephanie pegar numa pá e começar a juntar as brasas de uma das fogueiras. Cassiopeia permanecia junto ao gerador com Henrik, à espera que ele e Stephanie assumissem posições.

Malone olhou para Cassiopeia e fez-lhe sinal com a cabeça.

Ela ligou o gerador, que começou a trabalhar e depois parou. Mais duas tentativas e o motor pegou, emitindo um ruído surdo e prolongado. As luzes nos tripés acenderam-se e o seu brilho foi-se intensificando à medida que a voltagem aumentava.

Malone reparou que o sucedido chamara a atenção dos guardas. Um erro que lhes seria benéfico. No entanto, precisavam de mais qualquer coisa para dar tempo a Cassiopeia para disparar os quatro dardos. Questionou-se sobre a pontaria dela, mas depois recordou-se do episódio de Rennes.

O gerador continuava a roncar.

Cassiopeia permanecia agachada ao lado do gerador, a caixa de ferramentas junto aos pés, e fingia estar a regular os manípulos do motor.

As lâmpadas atingiram a sua intensidade máxima e os guardas pareceram perder o interesse.

De súbito, um dos conjuntos de luzes explodiu e de seguida o outro. Formaram um cogumelo de fumo branco que desapareceu em poucos segundos. Malone aproveitou esse tempo para esmurrar o queixo do homem que estava ao seu lado.

O irmão cambaleou e depois estatelou-se no chão.

Malone baixou-se e tirou-lhe a arma.

..*

Stephanie encheu a pá com brasas a ferver e virou-se para o guarda mais próximo, cuja atenção se focava nas luzes que explodiam.

— Ei! — chamou ela.

O homem voltou-se e ela atirou-lhe com as brasas para o peito. O guarda gritou de dor e Stephanie acertou-lhe com a pá no rosto.

..*

Malone viu a antiga chefe lançar as brasas quentes contra o homem e bater-lhe com a pá. De seguida, desviou o olhar para Cassiopeia que calmamente disparava a arma de dardos. Já devia ter usado um dos dardos, pois apenas três homens restavam de pé. Um dos guardas levou a mão à coxa e o outro ao pescoço, e ambos caíram no chão.

O último dos homens junto ao altar apercebeu-se do que acontecera aos seus companheiros e fitou Cassiopeia, que se encontrava agachada dez metros à frente dele de arma apontada.

O homem saltou para trás do altar e o dardo falhou o alvo.

Malone sabia que ela já não tinha mais nenhum e não demoraria muito até o irmão disparar.

Segurou melhor a arma que tinha na mão, mas não queria usá-la. O disparo iria alertar De Roquefort e os guardas que se encontravam no exterior da igreja. Assim, começou a correr, colocou as palmas das mãos no suporte do altar e, quando o irmão se ergueu, deu um salto, pontapeou o homem no rosto e atirou-o para o chão.

— Nada mau — elogiou Cassiopeia.

— Pensei que nunca falhasse.

Cassiopeia e Stephanie começaram a desarmar os homens caídos. Henrik aproximou-se de Malone e perguntou:

— Está bem?

— Há já algum tempo que não fazia isto.

— É bom saber que os seus reflexos continuam a funcionar na perfeição. Como fizeram aquilo com as luzes? — perguntou Henrik.

— Bastou aumentar a voltagem. Resulta sempre. — Havia algo de errado. Os irmãos posicionados no exterior deveriam ter ouvido o rebentar das lâmpadas, porém nenhum viera ver o que se passava.

— Já devíamos ter companhia por esta altura.

Cassiopeia e Stephanie aproximaram-se de armas em punho.

— Talvez estejam nas ruínas, lá mais à frente — disse Stephanie. Malone observou a saída.

— Ou talvez nem sequer existam.

— Garanto-lhe que existem — afirmou uma voz masculina proveniente do exterior da igreja.

Um homem surgiu por entre a escuridão, o rosto envolto em sombras.

Malone ergueu a arma.

— E quem é o senhor?

O homem parou junto a uma das fogueiras e o olhar dele fixou-se no corpo de Geoffrey.

— O mestre matou-o?

— Sem qualquer remorso.

Fez uma expressão triste e condoída, e murmurou qualquer coisa. Possivelmente uma oração. Depois disse:

— Sou o capelão da Ordem. O irmão Geoffrey telefonou-me, depois de ter chamado o mestre. Vim para evitar qualquer violência, mas cheguei demasiado tarde.

Malone baixou a arma.

— Também faz parte do plano de Geoffrey?

— Sim. Ele não queria contactar De Roquefort, mas deu a sua palavra ao anterior mestre. — E acrescentou num tom suave e terno:

— Acabou também por dar a vida.

— O que se está a passar aqui? — perguntou Malone.

— Compreendo a sua frustração.

— Não, não compreende — interrompeu Henrik. — Esse pobre rapaz está morto.

— E eu lamento. Serviu a Ordem sempre com muita honra.

— Chamar De Roquefort foi uma atitude estúpida — declarou Cassiopeia — Só atraiu sarilhos.

— Nos últimos meses de vida, o nosso anterior mestre desencadeou uma complexa cadeia de acontecimentos. Confidenciou-me os seus planos. Disse-me quem era o nosso senescal e por que o tinha recolhido na Ordem. Falou-me sobre o pai do senescal e alertou-me para o que estava para acontecer. Jurei-lhe obediência, juntamente com o irmão Geoffrey. Sabíamos o que se estava a passar, ao contrário do senescal, que nem sequer tinha conhecimento do nosso envolvimento. O mestre pediu-me que não fizesse nada, a menos que o irmão Geoffrey solicitasse a minha ajuda.

— O seu mestre está lá em baixo com o meu filho — informou Stephanie. — Cotton, temos de descer.

Apercebeu-se da impaciência na voz dela.

— O senescal e De Roquefort não podem coexistir — disse o capelão. — São os extremos de um longo espectro. Para o bem da irmandade, apenas um deles

pode sobreviver. No entanto, o meu antigo mestre interrogava-se se o senescal seria capaz de o realizar sozinho.

— O capelão fitou Stephanie. — E é por isso que a senhora está aqui. Ele acreditava que iria trazer força ao nosso senescal.

Stephanie parecia não estar com paciência para misticismos.

— O meu filho pode morrer graças a esta trapalhada.

— Durante séculos, a Ordem sobreviveu por entre batalhas e conflitos. O anterior mestre limitou-se a forçar um confronto. Ele sabia que De Roquefort e o senescal acabariam por se enfrentar, porém era seu desejo que essa guerra tivesse algum significado.

Assim, colocou-os a ambos no caminho do Grande Legado. Tinha certeza que se encontrava algures, mas duvido sinceramente que acreditasse que algum deles o encontrasse. O mestre também sabia que dessa batalha sairia um vencedor e que se esse vencedor fosse De Roquefort, este não demoraria a eliminar os seus aliados, como de facto o fez. A morte de dois irmãos pesa sobre nós e todos acreditamos que haverá mais mortes...

— Cotton — interrompeu Stephanie — Não vou esperar mais.

O capelão não se mexeu.

— Os homens que estavam lá fora já foram dominados. Façam o que têm a fazer. Aqui em cima, não haverá mais derramamento de sangue.

Malone ouviu também as palavras que aquele estranho homem não proferiu.

“Lá em baixo, porém, será bem diferente.”

SESSENTA E CINCO

O TESTEMUNHO DE SIMÃO

Permaneci em silêncio e deixei que outros escrevessem o sucedido. Todavia, ninguém o fez. Assim, deixo este registo escrito para que todos saibam o que aconteceu.

O homem Jesus passou muitos anos a espalhar a sua mensagem pelas terras da Judeia e da Galileia. Fui o primeiro dos seus seguidores, mas em breve crescemos em número, pois muitos acreditavam que as palavras dele possuíam grande significado. Viajámos com ele, observando enquanto mitigava o sofrimento, oferecia esperança e anunciava a salvação. Era sempre igual a si mesmo, independentemente do dia ou da situação. Se as multidões o louvavam, agradecia. Quando lhe eram hostis, não mostrava medo ou raiva. O que os outros pensavam ou diziam de si nunca o afetava. Disse certa vez "Todos nós fomos feitos à imagem de Deus, todos somos dignos de ser amados, todos podemos viver no espírito de Deus." Vi-o abraçar leprosos e imorais. Estimava mulheres e crianças. Mostrou-me que todos eram merecedores de amor. Costumava dizer "Deus é o nosso pai. Tudo ama e tudo perdoa. Nenhuma ovelha se perderá desse pastor. Contai tudo a Deus, pois só assim o vosso coração alcançará a paz "

O homem Jesus ensinou-me a rezar. Falava de Deus, do dia do juízo final e do fim dos tempos. Cheguei a pensar que ele era capaz de controlar o vento e as marés, pois parecia tão diferente de nós.

Os líderes religiosos ensinavam que a dor, a doença e a tragédia faziam parte do julgamento de Deus e que deveríamos aceitar essa ira com a contrição de um penitente. O homem Jesus dizia que isso estava errado e ofereceu ao doente coragem para melhorar, ao fraco a capacidade de fortalecer o espírito e aos descrentes a possibilidade de acreditarem. O mundo parecia abrir-se sempre que ele se aproximava. O homem Jesus tinha um objetivo e vivia para o cumprir e esse objetivo era claro para aqueles que o seguiam.

No entanto, o homem Jesus fez inimigos durante as suas viagens. Os anciãos consideravam-no uma ameaça, uma vez que ele pregava valores diferentes, novas regras, e isso punha em causa a autoridade deles. Temiam que, se o homem Jesus continuasse a pregar livremente a mudança, Roma

poderia apertar o jugo e todos sofreriam, em especial o sumo sacerdote, que fazia o que Roma mandava. E assim aconteceu que Jesus foi preso por blasfémia e Pilatos decretou que fosse crucificado. Eu estava lá nesse dia e Pilatos não ficou feliz com a sua decisão, mas os anciãos assim o exigiram e ele não pôde recusar.

Em Jerusalém, o homem Jesus e outros seis foram levados para um monte e presos à cruz com correias de couro. Mais tarde, as pernas de três homens foram partidas e eles acabaram por perecer ao início da noite. No dia seguinte, morreram mais dois. O homem Jesus foi deixado a penar até ao terceiro dia e só então lhe partiram as pernas. Não fui ter com ele enquanto padecia. Eu, e os outros que o seguiam escondemo-nos com medo de sermos os próximos. Após a sua morte, o homem Jesus foi deixado na cruz durante mais seis dias, enquanto os pássaros lhe debicavam a carne. Depois desceram-no e os ossos foram atirados para um buraco escavado no chão. Assisti a tudo isso e depois fugi de Jerusalém pelo deserto, e parei em Betânia na casa de Maria, chamada Madalena, e da sua irmã Marta. Também elas haviam conhecido o homem Jesus e a notícia da sua morte entristeceu-as. Zangaram-se comigo por não o ter defendido e por ter fugido quando ele estava a sofrer. Perguntei-lhes o que preferiam que tivesse feito e a resposta foi clara: "Juntares-te a ele." Porém, essa ideia nunca me ocorreu. Em vez disso, a todos os que me perguntaram, neguei ter conhecido o homem Jesus e tudo o que ele representava. Abandonei a casa delas, e regressei dias mais tarde à Galileia e ao conforto das coisas que me eram familiares.

Dois dos seguidores do homem Jesus, Tiago e João, também regressaram à Galileia. Juntos partilhámos a dor da perda do homem Jesus e retomámos as nossas vidas de pescadores. O tempo não ajudou a aliviar a nossa tristeza. Enquanto pescávamos no mar da Galileia, falávamos dele e de tudo o que fizera e testemunhara. Fora no lago, há anos, que o víramos pela primeira vez e ele pregara no nosso barco. A memória dele parecia estar em todo o lado naquelas águas e isso fazia com que fosse cada vez mais difícil esquecer a dor que sentíamos. Uma noite, enquanto uma tempestade agitava o lago e nós estávamos sentados na margem a comer pão e peixe, julguei ter visto o homem Jesus sobre a bruma, mas quando me fiz à água percebi que não passava de imaginação. Partíamos o pão e comíamos peixe todas as manhãs. Recordando-nos do que o homem Jesus fizera certa vez, um de nós abençoava o pão e oferecia-o em louvor de Deus. Este ato fazia-nos sentir melhor. Um dia, João comentou que o pão partido se assemelhava ao corpo partido do

homem Jesus. A partir desse dia, começámos a associar o pão ao seu corpo.

Passaram-se quatro meses, e um dia Tiago lembrou-nos que a Tora afirmava que todo o que se pendurava numa árvore era amaldiçoado. Disse-lhe que isso não era verdade em relação ao homem Jesus. Essa foi a primeira vez que algum de nós questionou as palavras antigas. Não podiam simplesmente aplicar-se a alguém tão bom quanto ele. Como poderia um escriba antigo saber que todos aqueles que eram pendurados numa árvore estavam amaldiçoados? Não podia. Numa batalha entre o homem Jesus e as palavras dos anciãos, o homem Jesus vencia.

A nossa dor continuava a atormentar-nos. O homem Jesus tinha morrido. A sua voz já não se escutava. Por outro lado, os anciãos continuavam a viver, assim como a sua mensagem, não porque estivessem certos, mas apenas porque estavam vivos e continuavam a pregá-la. Os anciãos tinham triunfado sobre o homem Jesus. Mas como poderia algo tão bom estar errado? Como poderia Deus permitir que essa bondade se extinguisse?

O Verão terminou e chegou a festa do Tabernáculo, altura de festejar as colheitas. Pensámos que seria seguro viajarmos até Jerusalém e participar dos festejos. Uma vez aí, e durante a procissão ao altar, alguém leu nos Salmos que o Messias não morreria, mas voltaria para pregar os atos do Senhor. Um dos anciãos proclamou que embora o Senhor tivesse castigado severamente o Messias, não o havia entregue à morte. Em vez disso, a pedra rejeitada pelos construtores transformara-se na pedra angular da casa de Deus. No interior do templo escutámos leituras do livro de Zacarias, que dizia que um dia o Senhor viria e que de Jerusalém correria água e que o Senhor reinaria sobre toda a terra. Depois, uma noite, escutei outro texto de Zacarias, no qual se falava de um espírito de benevolência e de súplica. Dizia também que quando contemplássemos aquele a quem tinham trespassado, choraríamos por ele como se chora um filho único.

Ao ouvir tudo aquilo, pensei no homem Jesus e no que lhe sucedera. O leitor parecia falar diretamente para mim quando falou dos planos de Deus de atacar o pastor para que as ovelhas se tresmalhassem. Nesse momento, fui tomado por um amor imenso que não mais me deixou. Nessa noite, dirigi-me ao local onde os romanos tinham enterrado o homem Jesus. Ajoelhei-me sobre os seus restos mortais e questionei-me como podia um simples pescador ser a fonte de toda a verdade. O sumo sacerdote e os anciãos tinham considerado o homem Jesus uma fraude, mas eu sabia que eles estavam errados. Deus não exigia a obediência a leis antigas como forma de obter a

salvação. O amor de Deus não tinha limites. O homem Jesus dissera isso muitas vezes e, ao aceitar a sua própria morte com coragem e dignidade, dera uma última lição a todos nós. No final da vida, encontramos a vida. Amar é ser amado.

Todas as dúvidas que possuía desvaneceram-se. A dor desapareceu e a confusão tornou-se clareza. O homem Jesus não estava morto. Vivia. O Senhor ressuscitado estava dentro de mim. Sentia a sua presença de modo tão intenso como quando ele estava ao meu lado. Recordei-me do que me dissera muitas vezes: "Simão, se me amas, encontrarás as minhas ovelhas." Entendi, por fim, que amar como ele amava e agir como ele agia era conhecer o Senhor e viver como ele vivia era o caminho para a salvação. Deus descera dos céus para habitar dentro do homem Jesus e dera-se a conhecer através das suas ações e palavras. A mensagem era clara. Tratai dos necessitados, confortai os aflitos, acolhei os rejeitados. Fazei isso e o Senhor ficará contente. Deus tirou a vida do homem Jesus para que pudéssemos aprender essa lição. Eu fui apenas o primeiro a aceitar essa verdade. A minha tarefa ficou clara. A mensagem tinha de viver através de mim e de todos os outros que, como eu, acreditassem.

Quando contei a João e a Tiago a minha visão, eles também partilharam dela. Antes de deixarmos Jerusalém, voltámos ao local da minha visão e retirámos da terra os restos mortais do homem Jesus. Levámo-lo connosco e colocámo-lo numa caverna, à qual regressámos no ano seguinte para recolher os ossos. Depois escrevi este relato e coloquei-o junto do homem Jesus, pois juntos eles são a palavra.

SESSENTA E SEIS

Mark estava simultaneamente confuso e admirado. Conhecia Simão. Fora chamado Cephas, em aramaico, depois Petros, pedra, em grego. Acabou por se tornar Pedro e os Evangelhos diziam que Cristo proclamara: “Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.”

O testemunho era o primeiro relato antigo que lera e que fazia sentido. Não havia acontecimentos sobrenaturais ou aparições miraculosas, nem atitudes contrárias à lógica e à história. Não vira quaisquer pormenores que pudessem não ser credíveis. Era o testemunho de um simples pescador que acompanhara um grande homem, cujas palavras e ações o haviam inspirado a prosseguir a causa.

Simão não possuía o engenho ou a habilidade para elaborar o tipo de ideias religiosas que apareceriam mais tarde. O seu conhecimento limitava-se ao homem Jesus, o qual conhecera, e que Deus reclamara através de uma morte violenta. Era claro para Simão que, para conhecer Deus, para ser parte Dele, teria de procurar ser igual ao homem Jesus. A mensagem só poderia viver se ele, e outros depois dele, lhe dessem vida. Dessa maneira simples, a morte não teria qualquer poder sobre o homem Jesus e a ressurreição teria lugar. Não literal, mas espiritualmente. Na mente de Simão, o homem Jesus ressuscitara — vivia de novo — e nesse momento singular, durante uma noite de Outono seis meses após a execução do homem Jesus, nasceu a Igreja cristã.

— Aquela cambada de arrogantes — murmurou De Roquefort.

— Com as suas grandes igrejas e teologias. Está tudo errado.

— Claro que não está.

— Como pode dizer isso? Não há nenhuma crucificação espalhafatosa, nenhum sepulcro vazio, nem anjos a anunciar a ressurreição de Cristo. Tudo isso é ficção criada pelos homens para seu próprio benefício. Este testemunho sim, faz sentido. Tudo começou com um homem que compreendeu algo por si mesmo. A nossa Ordem foi dizimada da face da terra e os nossos irmãos torturados e assassinados em nome do suposto Cristo ressuscitado.

— O efeito é o mesmo. A Igreja foi criada.

— Acha que a Igreja teria florescido se toda a sua teologia se baseasse na revelação pessoal de um simples homem? Quantos crentes acha que teriam conseguido?

— Mas foi exatamente isso que aconteceu. Jesus era um homem simples.

— Que foi elevado ao estatuto de um deus por homens que vieram depois dele, e se alguém desafiasse essa ideia era acusado de heresia e queimado na fogueira. Os cátaros foram exterminados aqui mesmo nos Pirenéus por não acreditarem.

— Tinham de embelezar a história para conseguirem sobreviver.

— Aprova o que fizeram?

— Está feito.

— E nós podemos desfazê-lo.

Foi então que lhe ocorreu algo.

— Saunière também deve ter lido o testemunho.

— E não contou a ninguém.

— Pois não. Até ele viu que não traria qualquer benefício.

— Não disse nada porque de outro modo perderia o acesso ao seu tesouro. Não passava de um ladrão sem honra.

— Talvez, mas é óbvio que não ficou indiferente à informação. Deixou tantas pistas na sua igreja. Era um homem culto e sabia latim. Se encontrou este testemunho, como estou certo que o terá feito, compreendeu cada palavra. Ainda assim, colocou-o no mesmo lugar e fechou o portão quando saiu. — Voltou a observar o ossário. Estaria a olhar para os ossos do homem Jesus? Naquele momento foi invadido por uma profunda tristeza ao aperceber-se de que tudo o que restava do pai eram ossos.

Fitou De Roquefort e perguntou-lhe o que desejava realmente saber:

— Matou o meu pai?

..*

Malone viu Stephanie apressar-se em direção à escada com a arma de um dos guardas na mão.

— Vai a algum lado?

— Ele pode odiar-me, mas não deixa de ser meu filho.

Entendia os motivos dela, mas não a deixaria ir sozinha.

— Eu também vou.

— Prefiro fazer isto sozinha.

— Quero lá saber das suas preferências. Vou consigo.

— E eu também — afirmou Cassiopeia. Henrik agarrou-a por um braço.

— Não. Deixe-os ir. Precisam de resolver isto.

— Resolver o quê? — perguntou Cassiopeia. — Está um homem lá em baixo que mata sem avisar.

O capelão deu um passo em frente.

— O senescal e o mestre têm de se enfrentar. A mãe dele foi envolvida por uma razão. Deixe-a ir. O destino dela é lá em baixo com eles.

Stephanie desapareceu pela escada e Malone observou-a de cima enquanto ela saltava para o lado, para evitar a armadilha. Depois seguiu-a, lanterna numa mão e arma na outra.

— Para que lado? — murmurou ela.

Ele fez-lhe sinal para que não fizesse barulho e ouviram vozes vindas do lado esquerdo, da câmara que ele e Cassiopeia tinham descoberto.

— Por aqui — disse ele.

Sabia que o caminho estava livre de armadilhas até quase à entrada da câmara. Apesar disso, avançaram com cuidado, quase passo a passo. Quando avistou o esqueleto e as palavras gravadas na parede soube que deveriam ter cuidado. As vozes eram agora mais audíveis.

..*

— Perguntei-lhe se matou o meu pai — repetiu Mark, elevando a voz.

— O seu pai era um homem fraco.

— Isso não é resposta.

— Estava presente na noite em que ele pôs termo à vida. Segui-o até à ponte e chegámos a falar. — Mark escutava atentamente. — Ele sentia-se frustrado. Zangado até. Solucionara o criptograma, o que estava no diário, e de nada lhe servira. Faltava-lhe a determinação e o empenho necessários para continuar.

— Não sabe nada do meu pai.

— Muito pelo contrário. Observei-o durante anos. Avançava de assunto para assunto, nunca resolvendo nenhum. Isso trouxe-lhe problemas pessoais e profissionais.

— Mas descobriu o suficiente para nos guiar até aqui.

— Não, isso foi feito por outros.

— Não tentou sequer impedi-lo de se matar?

— Para quê? Ele estava decidido a morrer e não vi qualquer vantagem em impedi-lo de o fazer.

— Então limitou-se a virar costas e a deixá-lo morrer?

— Não me meti onde não era chamado.

— Seu filho da mãe. — Avançou em direção a De Roquefort, que lhe apontou a arma. Mark segurava ainda o livro do ossário.

— Vá, força, mate-me.

De Roquefort não parecia impressionado.

— Matou um irmão, sabe qual a pena para esse crime.

— Ele morreu por sua causa. Foi você quem o mandou.

— Lá voltamos ao mesmo. Um conjunto de regras para si e outro para os restantes. Não fui eu que puxei o gatilho.

— Foi em autodefesa.

— Pouse o livro.

— E que fará com ele?

— O que os mestres no Início fizeram. Vou usá-lo contra Roma.

Sempre me questionei de que modo a Ordem crescera tão depressa. Quando os papas tentaram juntar-nos aos hospitalários, conseguimos evitá-lo de todas as vezes e tudo por causa desse livro e dos ossos. A Igreja Romana não podia correr o risco de ver isso tornado público. Imagine o que terão pensado os papas medievais quando souberam que a ressurreição física de Cristo não passava de um mito. Claro que não podiam ter a certeza. Esse testemunho podia ser tão falso quanto os Evangelhos. Contudo, as palavras são impressionantes e os ossos difíceis de ignorar. Havia milhares de relíquias em todo o lado. Pedaços de santos adornavam cada igreja. As pessoas acreditavam facilmente. E estas eram as relíquias mais importantes de todas. Assim, os mestres recorreram ao que sabiam e a ameaça funcionou.

— E atualmente?

— Passa-se precisamente o contrário. Existem demasiadas pessoas que não acreditam em nada. Há demasiadas perguntas nas mentes modernas e poucas respostas nos Evangelhos. Este testemunho, no entanto, é diferente. Faria sentido para muitas pessoas.

— Então pretende ser um Filipe IV da atualidade.

De Roquefort cuspiu no chão.

— Isto é o que penso dele. Queria este conhecimento para assim poder controlar a Igreja e para que os seus herdeiros pudessem fazer o mesmo. Mas pagou caro pela sua ganância. Ele e toda a família.

— E acha que vai conseguir controlar alguma coisa?

— Não é esse o meu desejo. Mas gostaria de ver as caras de todos aqueles prelados pomposos enquanto explicam o testemunho de Simão Pedro. Afinal, os ossos dele encontram-se no coração do Vaticano. Construíram uma catedral em torno do seu túmulo e batizaram a basílica com o seu nome. E o seu primeiro santo e primeiro papa. Como explicariam as suas palavras? Não gostaria de os ver tentar?

— E quem pode garantir que foram escritas por Simão Pedro?

— E quem pode provar que os Evangelhos são da autoria de Marcos, Mateus, Lucas e João?

— Mudar tudo pode não ser assim tão bom.

— É tão fraco quanto o seu pai. Não aguentam um bom desafio. Voltava a enterrar tudo isto? Não dizia a ninguém e permitia que a Ordem permanecesse na escuridão devido às calúnias de um rei ganancioso? É devido a homens fracos como vocês que estamos nesta situação. Você e o seu mestre mereciam-se. Também não passava de um homem sem coragem.

Mark já ouvira o suficiente e, sem aviso, levantou a mão esquerda, a que segurava a lâmpada, e momentaneamente cegou De Roquefort. O desconforto obrigou-o a fechar os olhos e baixar a arma, enquanto levantava a outra mão para proteger os olhos.

Mark deu um pontapé na arma e correu para fora da câmara. Saiu do outro lado do portão e apressou-se em direção à escada, mas deu apenas alguns passos.

Três metros mais à frente viu outra luz, e distinguiu Malone e a mãe.

Atrás dele surgiu De Roquefort.

— Alto! — ordenou, e Mark obedeceu. De Roquefort aproximou-se.

Mark viu a mãe levantar uma arma.

— Baixa-te, Mark — gritou ela.

Porém, ele não se mexeu.

De Roquefort encontrava-se agora mesmo por trás de Mark e com o cano da arma encostado à nuca deste.

— Baixe a arma — ordenou-lhe De Roquefort.

Malone mostrou que também estava armado.

— Não pode matar-nos aos dois.

— Pois não, mas posso matar este.

..*

Malone avaliou as possibilidades. Não conseguiria atingir De Roquefort sem magoar Mark. Mas o que levara o jovem a parar, permitindo que De Roquefort o apanhasse?

— Baixe a arma — pediu Malone a Stephanie.

— Não.

— Se fosse a si fazia o que ele diz — sugeriu De Roquefort.

Stephanie não se mexeu nem um centímetro.

— Ele vai matá-lo de qualquer maneira.

— Pode ser que sim — respondeu Malone. — Mas é melhor não o provocar.

Sabia que ela perdera o filho uma vez devido a decisões mal tomadas e não

estava disposta a perdê-lo outra vez. Observou a expressão de Mark. Não havia nele a mínima sombra de medo. Apontou com a lanterna para o livro que o jovem segurava.

— Isto tudo é por causa desse livro?

Mark acenou afirmativamente com a cabeça.

— O Grande Legado, para além de um imenso tesouro e documentos.

— Valeu a pena?

— Não me cabe a mim dizê-lo.

— Claro que valeu — declarou De Roquefort.

— E agora? — perguntou Malone. — Não tem por onde fugir e os seus homens foram dominados.

— Obra sua?

— Alguns sim. Mas o seu capelão também aqui está e trouxe um contingente de homens. Parece que houve uma revolta.

— É o que veremos — argumentou De Roquefort. — Sra. Nelle, não volto a repetir, baixe a arma. Tal como o Sr. Malone tão bem disse, não tenho nada a perder se matar o seu filho.

Malone continuava a avaliar a situação, a mente a rever todas as opções. Foi então que viu a solução iluminada pela lâmpada de Mark. Havia uma ligeira depressão no solo. Pouco perceptível, a não ser que se soubesse que ali estava. Outra armadilha que ocupava toda a largura da passagem e que se estendia desde o local onde Malone estava até Mark. Olhou de soslaio para o jovem e percebeu pela expressão deste que também ele sabia da existência daquela armadilha. Um pequeno aceno de cabeça e Malone percebeu o que levara Mark a parar. Queria que De Roquefort o alcançasse.

Pelos vistos, chegara a hora de pôr um fim a tudo aquilo.

Ali e naquele momento.

Avançou uns passos e arrancou a arma das mãos de Stephanie.

— O que está a fazer? — gritou ela.

— O chão — segredou Malone.

Viu que ela entendeu e depois recuou.

— Assim está melhor — disse De Roquefort.

Stephanie ficou em silêncio, parecendo entender. Porém, Malone duvidava que ela compreendesse realmente o que iria passar-se. As palavras dela, dirigidas a Mark, foram proferidas para De Roquefort.

— Muito bem. Agora é consigo.

Mark sabia que chegara o momento. O mestre escrevera à mãe dizendo que

ele não possuía a determinação necessária para levar as suas batalhas até ao fim. Começá-las parecia fácil, continuá-las ainda mais fácil, mas resolvê-las sempre se revelara difícil. Mas isso era no passado. O mestre preparara o palco e os atores haviam desempenhado os seus papéis. Agora estava na altura de correr o pano. Raymond de Roquefort era uma ameaça. Dois irmãos tinham já morrido por causa dele e nada o faria parar. Era impossível a coexistência dos dois dentro da Ordem e o mestre aparentemente sabia disso. Por essa razão, um deles teria de desaparecer.

Mark sabia que um passo mais à frente se abria um precipício no chão, que esperava estivesse cheio de espigões de bronze. Na sua ânsia de seguir em frente, pouco preocupado com o que se passava à volta, De Roquefort não prestara atenção ao perigo. Era também dessa maneira que o seu inimigo pretendia administrar a Ordem.

Os sacrifícios dos milhares de irmãos ao longo de setecentos anos seriam desperdiçados por vaidade e arrogância.

O testemunho de Simão fornecera-lhe por fim a explicação histórica para o seu ceticismo religioso. As contradições bíblicas sempre o tinham incomodado e levado a pensar que a religião era uma ferramenta utilizada pelos homens para manipular outros homens. A necessidade da mente humana de obter respostas, até para perguntas que as não possuem, permitira que o inacreditável se transformasse em doutrina. De algum modo, acreditar que a morte não era o fim era uma fonte de consolo. Havia algo mais. Jesus teria supostamente provado isso ao ressuscitar fisicamente e oferecendo essa mesma salvação a todos os que acreditassem.

Porém, não existia vida depois da morte. Não literalmente.

Em vez disso, a vida depois da morte é o modo como os outros nos recordam. Ao lembrar-se do que o homem Jesus fizera e dissera, Simão Pedro apercebera-se de que as crenças do amigo tinham ressuscitado dentro dele e pregar essa mensagem, fazendo o que Jesus fizera, tornou-se a sua salvação. Nenhum de nós devia julgar os outros. Só nos podemos julgar a nós mesmos. A vida não é infinita e, tal como os ossos no ossário mostravam, todos regressamos ao pó.

Só podia esperar que a sua vida tivesse significado alguma coisa e que outros se recordassem dele por isso.

Inspirou e atirou o livro para Malone, que o agarrou.

— Por que fez isso? — perguntou De Roquefort.

Mark viu que Malone percebeu o que ele se preparava para fazer e, de repente, também a mãe compreendeu. Viu-o nos olhos dela quando estes se encheram de

lágrimas. Queria dizer-lhe que lamentava, que estava errado e que nunca deveria tê-la julgado. Ela pareceu ler-lhe os pensamentos e deu um passo em frente, que Malone bloqueou com o braço.

— Saia da frente, Cotton — disse ela.

Mark aproveitou esse momento para avançar também, o chão ainda firme.

— Vá buscar o livro — ordenou De Roquefort.

— Com certeza. Outro passo. Continuava firme.

Contudo, em vez de caminhar em direção a Malone, como De Roquefort mandara, baixou-se para evitar o cano da arma encostada à sua cabeça e rodopiou, dando uma cotovelada forte nas costelas do inimigo. Os músculos abdominais do velho guerreiro eram fortes e Mark apercebeu-se de que não era adversário para ele. No entanto, possuía uma vantagem. Ao passo que De Roquefort se preparava para lutar, Mark limitou-se a colocar os braços em torno do peito do homem, a rodopiar para a frente e a desequilibrá-lo, lançando ambos para o chão, o qual não suportaria o peso dos dois homens.

Ouviu a mãe gritar "não" e a arma de De Roquefort disparar. Empurrara a mão que segurava a pistola para fora, mas não havia maneira de dizer para onde teria ido aquela bala. Aterraram sobre o chão falso, o peso combinado dos corpos suficiente para fazer desmoronar a cobertura. De Roquefort esperara com certeza bater em solo duro e pôr-se de pé logo em seguida. Porém, assim que caíram no buraco, Mark soltou os braços e deixou que os espigões perfurassem o corpo do inimigo.

De Roquefort gemeu e da boca escorreu-lhe sangue.

— Disse-lhe no dia em que contestou o mestre que iria arrepender-se desse gesto — murmurou Mark. — O seu governo chegou ao fim.

De Roquefort tentou falar, mas já nada conseguiu dizer. O corpo ficou imóvel.

— Estás bem? — perguntou Malone lá de cima.

Mark levantou-se e a alteração de peso fez com que o corpo de De Roquefort se enterrasse ainda mais nos espigões. Içou-se do buraco e sacudiu as roupas.

— Acabei de matar outro homem.

— Ele ter-te-ia morto também — argumentou Stephanie.

— Não é uma grande desculpa, mas não tenho outra.

A mãe não conseguia conter as lágrimas.

— Pensei que te ia voltar a perder — disse ela.

— Tinha esperança de evitar os espigões, mas não sabia se De Roquefort iria colaborar.

— Tinhas mesmo de o matar — afirmou Malone. — Ele não teria olhado a

meios para terminar o que começara.

— E o tiro? — perguntou Mark.

— Passou perto — respondeu Malone. Depois apontou para o livro. — Era disto que andavam à procura?

— Sim, e há mais.

— Já perguntei antes, valeu a pena?

Ele apontou para a passagem.

— Venham ver e depois digam-me.

SESSENTA E SETE

ABBAYE DES FONTAINES
QUARTA-FEIRA, 28 DE JUNHO
12 H 40 M

Mark contemplava a sala circular. Os irmãos tinham-se reunido em conclave para escolher um novo mestre. De Roquefort estava morto e o corpo fora depositado na Sala dos Mestres na noite anterior. Durante o funeral, o capelão contestara a sua inclusão nas Crónicas e os irmãos tinham aceitado essa proposta votando de forma unânime. Enquanto ouvia o discurso do capelão, apercebera-se de que os acontecimentos dos últimos dias não poderiam ter sido evitados. Infelizmente, tinha morto dois homens, um com grande pesar e o outro por não ter outra opção. Implorara o perdão de Deus pela primeira morte, mas sentia-se aliviado por De Roquefort já não existir.

Nesse momento, o capelão voltou a falar, dirigindo-se ao conclave.

— Irmãos, o destino esteve em marcha, mas não da maneira que o nosso mais recente mestre desejava. O caminho dele estava errado. O Grande Legado está de volta graças ao senescal. Foi ele quem o antigo mestre escolheu como sucessor e foi a ele que confiou esta demanda. O senescal enfrentou o seu inimigo colocando os interesses da Ordem à frente dos seus, e conseguiu o que outros tentaram durante séculos.

Mark viu centenas de cabeças acenarem em concordância. Nunca antes tocara ninguém daquela maneira. Tivera sempre uma existência solitária e as excursões com o pai, e depois sozinho, tinham constituído as únicas grandes aventuras que experimentara até recentemente.

O Grande Legado fora transportado para a abadia na manhã anterior. Ele e Malone tinham removido o ossário e o testemunho, e transportado tudo em separado. Mostrara ao capelão as suas descobertas e concordaram que caberia ao novo mestre decidir o que fazer com tudo aquilo.

Dessa vez, Mark não se encontrava entre os oficiais da Ordem. Era apenas um irmão e escolhera um lugar entre eles. Também não fora escolhido como membro do conclave e limitava-se a observar enquanto os doze atuavam.

— Só há um caminho — declarou um dos membros do conclave.

— O antigo senescal deverá ser o nosso mestre. Que assim seja.

Fez-se silêncio na sala.

Mark queria protestar, mas a Regra proibia-o e ele já tinha a sua conta de infrações.

— Concordo — afirmou outro dos membros. Os restantes dez acenaram em concordância.

— Então assim será — declarou o nomeador. — Aquele que foi o nosso senescal será agora o nosso mestre.

A sala irrompeu em aplausos enquanto quatrocentos irmãos mostravam o seu contentamento.

Os cânticos começaram.

Beauséant.

Deixara de ser Mark Nelle. Agora era o mestre.

Todos se viraram para ele. Afastou-se dos irmãos e entrou no círculo formado pelo conclave. Fitou os irmãos, homens que conhecia e admirava. Entrara na Ordem como uma maneira de cumprir o sonho do pai e fugir à mãe. Depois ficara porque acabara por amar a Ordem e o seu mestre.

Recordou-se das palavras de São João:

> *No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus. Por ele é que tudo começou a existir. Nele é que estava a Vida e a Vida era a Luz dos homens. A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam. Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à existência, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a quantos o receberam, aos que nele creem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.*

Simão Pedro reconhecera-O e recebera-O, assim como o tinham feito todos os que vieram depois de Simão, e as suas trevas transformaram-se em luz. Talvez graças àquela extraordinária visão de Simão, todos eram agora filhos de Deus.

Os gritos e palmas começaram a diminuir.

Mark esperou que o silêncio se instalasse.

— Pensei que talvez tivesse chegado a hora de deixar este lugar — disse ele num tom calmo. — Estes últimos dias foram prolíferos em decisões difíceis. Devido às escolhas que fiz, pensei que a minha vida enquanto irmão tinha terminado. Matei um dos nossos e lamento muito esse ato, porém não tive outra escolha. Também matei o mestre, mas dele não sinto falta. — Levantou a voz. — Ele desafiou tudo aquilo em que acreditávamos. A sua ganância e imprudência teriam sido o nosso fim. De Roquefort estava preocupado apenas com os seus desejos, as suas necessidades e não as da Ordem. — Sentiu uma nova motivação ao recordar-se das palavras do seu mentor. “Não te esqueças de tudo o que te

ensinei.”

— Como vosso líder, irei delinear um novo caminho. Sairemos do anonimato, não para exigir vingança, mas para reclamarmos um lugar neste mundo como os Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão. É o que somos e o que deveremos ser. Há muitas coisas grandiosas que podemos ainda fazer. Os pobres e os excluídos precisam de quem os defenda e nós podemos ser os seus salvadores.

Recordou-se das palavras de Simão. “Todos nós fomos feitos à imagem de Deus, todos somos dignos de ser amados, todos podemos viver no espírito de Deus.” Ele era o primeiro mestre em setecentos anos a guiar-se por essas palavras.

E pretendia segui-las.

— Agora, meus irmãos, está na hora de nos despedirmos do irmão Geoffrey, cujo sacrifício tornou este dia possível.

..*

Malone estava impressionado com a abadia. Ele, Stephanie, Henrik e Cassiopeia tinham sido autorizados a entrar e a conhecer todo o local — os primeiros não templários a serem agraciados com esse privilégio. O seu guia, o capelão, mostrara-lhes cada canto e sala, e explicara pacientemente toda a história. Depois saíra dizendo que o conclave ia reunir-se. Regressara há alguns minutos e acompanhara-os até à capela. Tinham vindo para assistir ao funeral de Geoffrey, a sua presença autorizada graças ao papel que haviam desempenhado na descoberta do Grande Legado.

Sentaram-se na primeira fila, mesmo em frente do altar. A capela era magnífica, uma autêntica catedral que albergara os Cavaleiros Templários durante séculos, e Malone conseguia sentir a presença deles.

Stephanie estava sentada ao seu lado, e Henrik e Cassiopeia ao lado dela. Ouviu-a arquejar quando os cânticos terminaram e Mark apareceu do outro lado do altar. Enquanto os outros irmãos envergavam sotainas castanho-avermelhadas com os capuzes sobre as cabeças, ele usava o manto branco do mestre. Malone apertou a mão trémula de Stephanie. Ela sorriu e apertou a dele com mais força.

Mark aproximou-se do caixão simples de Geoffrey.

— Este irmão deu a sua vida por nós. Foi fiel ao seu juramento. Por essa razão, receberá a honra de ser enterrado na Sala dos Mestres. Antes deste dia, apenas os mestres ocupavam esse lugar, agora terão a companhia deste herói. — Ninguém discordou. — Para além disso, a contestação feita ao nosso anterior mestre por De Roquefort está a partir deste momento revogada. Ele ocupará o

seu devido lugar nas Crónicas. Vamos então despedir-nos do irmão Geoffrey. Através dele renascemos.

..*

O serviço fúnebre demorou uma hora e Malone e os outros seguiram os irmãos até à Sala dos Mestres. Uma vez aí, o caixão foi colocado no loculus ao lado do antigo mestre.

Depois saíram para a rua e para junto dos seus automóveis.

Malone reparou na calma evidente de Mark e numa melhoria no seu relacionamento com a mãe.

— O que vai fazer agora, Malone? — perguntou Cassiopeia.

— Volto para os meus livros. E o meu filho vem passar um mês comigo.

— Um filho? De que idade?

— Catorze anos. Um reguila

Cassiopeia sorriu.

— Sai ao pai, então.

— Acho que é mais parecido com a mãe.

Pensara bastante em Gary nos últimos dias. Ver o relacionamento mal resolvido de Stephanie e Mark fizera-o pensar nos seus próprios erros enquanto pai. Contudo, isso parecia não se ter refletido em Gary. Nunca lhe notara quaisquer ressentimentos. Era um aluno brilhante, um jovem dedicado e nunca fora contra a ida de Malone para Copenhaga. Aliás, fora a primeira pessoa a encorajá-lo, pois percebera que o pai também tinha o direito de ser feliz. Malone sentia-se culpado por essa decisão, mas estava ansioso por passar algum tempo com o filho. O ano passado fora o seu primeiro Verão na Europa. Este ano tinham planeado visitar a Suécia, a Noruega e a Inglaterra. Gary adorava viajar, outra das coisas que tinham em comum.

— Vai ser divertido — afirmou.

Malone, Stephanie e Henrik iriam de carro até Toulouse e apanhariam um avião para Paris. Stephanie seguiria depois para Atlanta, enquanto Malone e Henrik regressavam a Copenhaga. Cassiopeia seguiria no Land Rover para o castelo.

Estava junto ao carro quando Malone se aproximou.

As montanhas erguiam-se em seu redor e, dali a uns meses, chegaria o Inverno para as cobrir com um manto branco. Tudo parte de um ciclo, tão óbvio na natureza quanto na vida. Bom, depois mau, depois bom e outra vez mau, e bom de novo. Quando resolvera reformar-se, confessara a Stephanie que estava farto de toda aquela violência sem sentido. Ela sorrira face à ingenuidade dele e

dissera-lhe que enquanto a terra fosse habitada não haveria um lugar calmo. O jogo era igual em todo o lado, apenas os jogadores mudavam.

Estava disposto a aceitar que assim fosse. A experiência da última semana mostrara-lhe que era um jogador e sempre o seria. No entanto, se alguém perguntasse, responderia que era um livreiro.

— Tenha cuidado consigo, Malone — disse Cassiopeia. — Olhe que já não voltarei a protegê-lo.

— Tenho um pressentimento que nos voltaremos a ver.

Cassiopeia sorriu-lhe.

— É bem possível. Nunca se sabe.

Ele aproximou-se do carro.

— E o que vai ser de Claridon? — perguntou Malone a Mark.

— Implorou o nosso perdão.

— E vocês concederam-lho.

Mark esboçou um sorriso.

— Ele disse que De Roquefort pretendia assar-lhe a pele dos pés e alguns irmãos confirmaram. Ele quer juntar-se a nós.

Malone soltou uma gargalhada.

— E estão preparados para isso?

— Em tempos as nossas fileiras incluíam homens bem piores. Acho que sobreviveremos. Olho para ele como a minha penitência.

Stephanie e Mark falaram durante uns minutos num tom pacífico. Já se tinham despedido em privado e ela parecia calma e satisfeita. Malone ficara contente. Era importante que fizessem as pazes.

— O que irá acontecer ao ossário e ao testemunho? — perguntou Malone a Mark. Não havia irmãos por perto e ele sentia-se à vontade para falar acerca do assunto.

— Vão permanecer fechados. O mundo está satisfeito com a sua crença e eu não irei perturbar isso.

— É uma excelente decisão — concordou ele.

— Mas a Ordem vai emergir das sombras.

— É isso mesmo — confirmou Cassiopeia. — já estive a falar com Mark, e a irmandade está disposta a contribuir e a envolver-se na organização de caridade que eu dirijo. A luta contra a SIDA e contra a fome bem precisam de apoio monetário, e fundos não é coisa que agora falte à Ordem.

— Henrik também nos pediu que ajudássemos as suas causas — explicou Mark —, e eu concordei. Como pode ver, os Cavaleiros Templários vão estar

muito ocupados. As nossas capacidades podem ser bem aproveitadas.

Malone estendeu a mão e Mark apertou-a.

— Os templários estão em excelentes mãos. Boa sorte.

— Para si também, Cotton. E continuo curioso sobre o nome.

— Liga-me um destes dias e eu conto-te.

Entraram no Peugeot alugado e apertaram os cintos. Antes de arrancarem, Stephanie disse:

— Devo-lhe um favor.

Ele fitou-a

— Essa é nova.

— Não se habitue.

Ele sorriu.

— Use-o com sabedoria.

— Com certeza.

E ligou o veículo.

NOTA DO AUTOR

Sentado numa esplanada na Höjbro Plads, decidi que o meu protagonista teria de viver em Copenhaga. É verdadeiramente uma das grandes cidades europeias. Assim, Cotton Malone, livreiro, tornou-se um novo frequentador daquela praça. Também passei algum tempo no Sul de França, descobrindo muita da história e dos habitantes locais que acabaram por fazer parte da história. Grande parte do enredo surgiu-me durante a viagem, o que é compreensível, tendo em consideração a beleza inspiradora da Dinamarca, do Rennes-le-Château e de toda a região do Languedoc. No entanto, é importante saber onde começa a ficção e termina a realidade.

A crucificação de Jacques de Molay, referida no prólogo, e a possibilidade de a sua imagem estar gravada no Sudário de Turim (capítulo 46) são conclusões retiradas por Christopher Knight e Robert Lomas. Fiquei intrigado quando descobri a ideia no seu livro The Second Messiah e resolvi incluí-la na minha história. As conclusões de Knight e Lomas — referidas por Mark Nelle no capítulo 46 — são consistentes com todas as provas científicas e amostras recolhidas do sudário nos últimos vinte anos.

A Abbaye des Fontames é pura ficção, mas baseia-se em grande parte em vários retiros existentes nos Pirenéus. Todas as cidades, praças e ruas dinamarquesas mencionadas existem realmente. A Catedral de Roskilde e a cripta de Cristiano IV (capítulo 5) são locais de verdadeira beleza e a vista da Torre Redonda em Copenhaga (capítulo 1) parece transportar-nos para outro século.

Lars Nelle é uma combinação de vários homens e mulheres que dedicaram a vida a escrever acerca de Rennes-le-Château. Pesquisei muitas fontes. Algumas rasavam o bizarro, outras o ridículo. Todavia, a seu modo, todas ofereciam uma visão única sobre esse lugar misterioso.

O livro Pierres Gravées du Languedoc de Eugène Stüblein (mencionado pela primeira vez no capítulo 4) faz parte do folclore de Rennes, embora nunca ninguém tenha visto uma cópia. Tal como referido no capítulo 14, o volume está catalogado na Bibliothèque Nationale de Paris, mas desapareceu.

A lápide original de Marie d'Hautpoul de Blanchefort já não existe e o mais provável é ter sido destruída pelo próprio Saunière. Uma sociedade científica terá supostamente feito um desenho da mesma no dia 25 de Junho de 1905,

tendo sido publicado um ano depois. Existem pelo menos duas versões desse suposto desenho, sendo difícil saber alguma coisa do original.

Todos os factos associados à família d'Hautpoul e à sua ligação com os templários são verdadeiros. Como descrito no capítulo 20, o abade Bigou era de facto o confessor de Marie e foi ele quem encomendou a lápide dez anos após a sua morte. A fuga de Rennes em 1793 também é verdade. As mensagens secretas que terá escondido não passam de conjecturas (associadas ao mistério de Rennes), mas a possibilidade de existirem torna a história mais interessante.

O assassínio do abade Antoine Gélis aconteceu realmente e do modo como foi contado no capítulo 26. Existia de facto uma ligação entre Gélis e Saunière, e há quem especule que o último possa ter estado envolvido na sua morte. Contudo, não foram encontradas quaisquer provas nesse sentido e o crime permanece sem solução até aos dias de hoje.

A existência, ou não, de uma cripta sob a igreja de Rennes nunca será conhecida. Tal como referido nos capítulos 32 e 39, as autoridades locais nunca permitirão qualquer tipo de escavação ou exploração. No entanto, os senhores de Rennes têm de estar enterrados algures e até à data a sua cripta ainda não foi encontrada. As referências à cripta supostamente descobertas no jornal da paróquia, como referido no capítulo 32, são reais.

O pilar visigodo descrito no capítulo 39 existe e está exposto em Rennes. Saunière inverteu mesmo o pilar e gravou as palavras nas faces. A relação entre 1891 (1681, quando invertido) e a campa de Marie d'Hautpoul de Blanchefort (e a referência nela encontrada a 1681) ultrapassa um pouco os limites da coincidência, mas é real. Talvez exista mesmo uma mensagem ali... algures.

Todas as construções e edifícios erigidos por Saunière em Rennes são verdadeiros. Centenas de milhares de turistas visitam o local diariamente. A sequência 7-9 é invenção minha, baseada em observações realizadas enquanto estudava o pilar visigodo, as estações da via-sacra e vários outros objetos dentro e em redor da igreja de Rennes. Que eu saiba, mais ninguém escreveu sobre esta sequência, por isso talvez esta seja a minha adição pessoal à saga de Rennes-le-Château.

Noël Corbu viveu em Rennes e o seu papel na criação de grande parte da ficção sobre este lugar é verdadeiro (capítulo 29). Existe um livro extraordinário, The Treasure of Rennes-le-Château: A Mistery Solved, escrito por Bill Putnam e John Edwin Wood, que aborda as mentiras de Corbu. Foi ele quem comprou as propriedades de Saunière à amante deste. A maioria concorda que, se o abade soubesse de alguma coisa, tê-lo-ia de facto contado à amante. Parte da lenda

(provavelmente outra invenção de Corbu) diz que a amante terá revelado toda a verdade a Corbu antes de morrer, em 1953. Todavia, nunca saberemos se tal é verdade. O que sabemos é que Corbu lucrou com a história de Rennes e, em 1956, foi ele a fonte das primeiras histórias escritas no jornal sobre o suposto tesouro. Tal como foi dito no capítulo 29, Corbu escreveu um manuscrito sobre Rennes, mas este viria a desaparecer após a sua morte em 1968.

A lenda de Rennes acabou por ser imortalizada num livro de 1967 chamado The Accursed Treasure of Rennes-le-Château, de Gérard de Sede, e que se considera o primeiro livro sobre o assunto. Contém muita ficção e grande parte não passa de um recontar da história de Corbu relatada ao jornal. A certa altura, Henry Lincoln, um realizador britânico, acabou por descobrir a aldeia e o seu mistério, e popularizou-os ainda mais.

O quadro A Ler as Regras de Caridad, de Juan de Valdés Leal, encontra-se exposto na Igreja de Santa Caridad, em Espanha. A sua localização em França e inclusão na história de Rennes (capítulo 34) é invenção minha. A descrição do Palácio dos Papas em Avinhão é fiel ao edifício, exceto na parte dos arquivos, imaginados por mim.

Os criptogramas fazem parte da história de Rennes, mas os que se encontram neste livro foram elaborados por mim.

A reconstrução do castelo em Givors baseia-se num projeto neste momento a decorrer em Guédelon, França, no qual os artesãos se encontram a construir um castelo do século XIII, recorrendo aos mesmos materiais e ferramentas da época. A empreitada levará décadas a terminar e o local está aberto ao público.

Como é do conhecimento de todos, os templários existiram de facto e a sua Regra é citada com exatidão. O poema incluído no capítulo 10 é verdadeiro, embora o autor seja desconhecido. Tudo o que a Ordem alcançou, tal como detalhado ao longo do livro, é verdadeiro e permanece como testemunho de uma organização que estava claramente muito à frente do seu tempo. Quanto ao tesouro perdido dos templários, nada foi encontrado desde a Expulsão, em Outubro de 1307, e Filipe IV procurou mesmo em vão. Os relatos de carroças que se dirigiram para os Pirenéus (capítulo 48) baseiam-se em antigas referências históricas, embora nada se saiba com toda a certeza.

Infelizmente, não existem quaisquer crónicas dos templários. Mas, quem sabe, talvez esses documentos sejam um dia encontrados por alguém que descubra também o tesouro perdido dos templários. A cerimónia de iniciação no capítulo 51 está fielmente reproduzida, usando as palavras ditadas pela Regra. Contudo, enterro descrito no capítulo 19 é ficção, embora os judeus do século I

enterrassem os seus mortos de modo semelhante.

Como é óbvio, o Evangelho de Simão é criação minha. Contudo, o conceito alternativo da ressurreição de Cristo proveio de um livro magnífico intitulado Ressurrection, Myth or Reality, escrito por John Ahelby Spong.

Os conflitos entre os quatro livros do Novo Testamento relativos à ressurreição (capítulo 46) desafiaram muitos académicos durante séculos. O facto de apenas ter sido encontrado um esqueleto crucificado (capítulo 50) levanta algumas questões, assim como muitos comentários e declarações feitos ao longo da história. Houve um, em particular, atribuído ao papa Leão X (1513-1521), que me chamou a atenção. Leão era um Médicis poderoso apoiado por aliados poderosos, líder de uma Igreja que naquele tempo tudo governava. A sua declaração é curta, simples e estranha para o chefe da Igreja Católica Romana e foi o ponto de partida para este romance.

“Foi-nos muito útil, o mito de Cristo.”